REVISTA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA

FACULDADES NETWORK - REVISTA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA - ANO 5 - 2016

REVISTA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA

NETWORK

sapientia et soliditas

1986

Revista dos Alunos de Pedagogia
Faculdades Network – Revista da Faculdade de Pedagogia
ISSN

Publicação anual das Faculdades Network

A Revista dos Alunos de Pedagogia é uma publicação de divulgação científica na área de pedagogia, aberta a contribuições de pesquisadores de todo o Brasil e do exterior.

Diretora Geral das Faculdades Network
Profa. Dra. Tânia Cristina Bassani Cecílio

Secretária Geral
Érica Biazon

Coord. Do Curso de Pedagogia
Profa. Dra. Angela Harumi Tamaru

Editoração Gráfica e Eletrônica
Nathália Ruiz Leal Franco
Wellinton Fernandes

Assessoria de Comunicação
Alzeni Maria Silva Duda Gambeta
(MTB 37218)

Central de Atendimento
(19) 3476-7676 Ramal 213
biblioteca@nwk.edu.br

Revista dos Alunos de Pedagogia
Faculdades Network – Revista dos Alunos de Pedagogia
ISSN

Ficha catalográfica elaborada pela Faculdade Network

Revista dos alunos de Pedagogia. – v. 1, n.5 – Nova Odessa,

SP: Faculdades Network, 2016-

Anual

Editada pelas Faculdades Network

ISSN

SUMÁRIO

EDITORIAL.....07

O ENSINO RELIGIOSO COMO COMPONENTE CURRICULAR EM UM ESTADO LAICO
Alexandre Magno de Souza, Luis Carlos Gonçalves.....08

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
Gardênia Thaís Meireles da Silva, Luis Carlos Gonçalves.....20

PUBLICIDADE DE ALIMENTO X OBESIDADE INFANTIL
Ana Maria Martins dos Santos, Maria A. Belintane Fermiano.....32

AUTOESTIMA E AFETO PARA APRENDIZAGEM NAS CRECHES: COMPORTAMENTO DEFENSIVO E A MORDIDA
Patrícia Yoshimi Hayashida Ferreira, Luis Carlos Gonçalves.....50

A MÚSICA COMO INSTRUMENTAL PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Marisa Souza Monzani, Luis Carlos Gonçalves.....62

TIC'S, A EDUCAÇÃO E O PROFESSOR
Kaio de Melo, Maria A. Belintane Fermiano.....74

O SEXO E A ADOLESCÊNCIA: IMPLICAÇÕES NA VIDA SOCIAL E ESCOLAR
Aline Midian de Paulo, Luis Carlos Gonçalves.....93

O ENSINO CONSTRUTIVISTA SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO
Valéria Lopes da Silva Zancchini, Maria A. Belintane Fermiano.....93

APRENDIZAGEM E AMOROSIDADE
Rosemar Lucena Monteiro, Luis Carlos Gonçalves.....104

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: O PAPEL DO PEDAGOGO NA VISÃO EMPRESARIAL
Claudina Granzoto, Luis Carlos Gonçalves.....127

DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: ADOECIMENTO DA EDUCAÇÂO
Daniela Corina, Luis Carlos Gonçalves.....138

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PARA UMA CIDADANIA NECESSARIA
Arlete Silva do Nascimento, Helena dos Reis Prestes.....150

INCLUSÃO DEFICIÊNTE FÍSICO NO AMBIENTE ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS: UM ESTUDO DE CASO EM SALA DE AULA NO ENSINO REGULAR
Maria Aparecida Barbosa, Helena dos Reis Prestes.....162

O DESENHO E SUA RELEVÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS
Thais Ignacio Queiroz, Helena Prestes dos Reis.....170

OS RESULTADOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOCENTES QUE CURSARAM O PROEPRE
Fabíola Sara Norimbene Fortunato, Helena Prestes Dos Reis.....180

A CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DE LER: UMA VIA DE MÃO DUPLA
Daniele Xavier Ferreira, Helena Prestes dos Reis.....189

LEGO DESENVOLVIMENTO NA PRATICA DA APRENDIZAGEM EM MATEMATICA
Luana Marques Vulcani Bispo, Helena Prestes dos Reis.....203

A RELEVÂNCIA DO LUDICO NO ENSINO APRENDIZZAGEM NOS ANOS INICIAIS
Silmara Saraiva Mangueira Lira, Helena Prestes dos Reis.....216

ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS E SUAS RELEVANCIAS NOS CAMINHOS PARA A LEITURA E ESCRITA CONVENCIONAIS
Lilian Santiago de Lima Ribeiro, Helena Prestes dos Reis.....227

LEITURA UMA REFLEXÃO RELEVANTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES
Maria Benedita Atílio da Paixão, Helena Prestes dos Reis.....240

ACESSIBILIDADE, SURDEZ, LINGUAGEM EM LIBRAS: CONTEXTO DE APRENDIZAGEM EM DESENVOLVIMENTO NAS ESCORLAS REGULARES
Vania Pereira dos Santos Caetano, Helena dos Reis Prestes.....251

CONTAR HISTORIAS E INTERAGIR CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO LEITOR
Claudia Graupner, Helena Prestes dos Reis.....262

PROFESSOR LEITOR UM ELO NECESSÁRIO PARA FORMAR CIDADÃOS LEITORES
Rosilda Souza Santos, Helena Prestes dos Reis.....271

FAMÍLIA E ESCOLA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E RELEVÂNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ZERO A TRÊS ANOS
Anathalia Caroline Sales dos Santos, Helena Prestes d Reis.....288B

MÚSICA – CULTURA – EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM COM O LÚDICO NA MUSICALIZAÇÃO E SUA RELEVÂNCIA NOS ANOS INICIAIS
Fabiana Oliveira Santos, Helena dos Reis Prestes.....306

CONTAÇÃO DE HISTORIA OUVIR E CRIAR HISTORIAS UMA VIA PARA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS
Ana Paula Coalho Bueno, Helena Prestes dos Reis.....316

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL- PROJETO GURI UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL
Kevin Cristiano Martins, Helena Prestes dos Reis.....326

LEITURA: HÁBITOS E AÇOES CONSTROEM ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA
Maria Aparecida Faggian Avelino Arruda, Helena Prestes dos Reis.....339

DESENVOLVIMENTO- APRENDIZAGEM-AFETO-AMBIENTE ESCOLAR SÃO BASES DE INTERAÇÕES NA FORMAÇÃO DO INDIVIDUO
Luciana Souza Mendes Leblon, Helena Prestes dos Reis.....348

EDITORIAL

Mais um ano de publicação de nossa revista no curso de Pedagogia das Faculdades Network na percepção de produção discente e docente nos trabalhos de conclusão de curso. Professores e orientandos em conjunto nos percursos de pesquisas e reflexões para os trabalhos acadêmicos nos âmbitos escolares. Construindo reflexões, investigação, analises para compreensão dos comportamentos educacionais diante das dificuldades observadas em campo.

Fortalecendo nosso projeto pedagógico do curso de Pedagogia da Network reestruturando a ótica de melhor desempenho no trabalho de pesquisa e investigação científica, através da otimização de seus recursos materiais e humanos. Construindo a percepção o qual um ser não é apenas um espaço de informações, mas único em um universo de ideias, vivencias e conhecimento que devem ser socializados para a troca de saberes a serem desenvolvidas.

Professores no papel de mediador e de desafiador em formar e não (repassar), transformar a informação em conhecimento — em saber proporcionar a ação-reflexão-ação. Movimentando os comportamentos educacionais. Sendo este ano a abordagem em literatura infantil e suas perspectivas no desenvolvimento do ser, afetividade, musicalização da educação, inclusão, contação de historia entre outras.

A comunidade escolar esta sendo presenteada com o acervo de pesquisa que merecem ser compartilhada por todos.

Prof. Me. Helena Prestes dos Reis

O ENSINO RELIGIOSO COMO COMPONENTE CURRICULAR EM UM ESTADO LAICO

Alexandre Magno de Souza[1]
Luis Carlos Gonçalves[2]

RESUMO
Quais as influências da religião para a educação em um estado laico e como ministrar uma aula com o conteúdo religioso, sem discriminar qualquer religião, sem que haja um conflito e sem causar o sentimento de preconceito entre os alunos que geralmente se orientam pela religião dos pais e familiares e do seu grupo na sociedade? Para muitos o Estado Laico é a abolição da religião nos conteúdos e nas grades escolares, mas, segundo a nossa Constituição, o Estado Laico é a conciliação e a igualdade de deveres e leis de todas as religiões dentro e fora da escola. A Lei de Diretrizes e Base juntamente com a proposta de Base Nacional Comum Curricular fortalecem esse objetivo. Esperamos que essa pesquisa contribua para um novo olhar sobre a religião na educação, fazendo com que esse tema não seja tão temido pelos professores e pela sociedade. E que as escolas tratem de ensinar seu conteúdo cultural e a importância do tema para a formação integral do aluno e construção de um país mais igualitário. Para a realização deste artigo, foi realizada pesquisa documental e bibliográfica, contando também com questionário, aplicado em duas escolas de ensino fundamental de Nova Odessa/SP.

Palavras-chave: Ensino; Confessional; Currículo.

ABSTRACT
What are the influences of religion to education in a secular state and how to teach a lesson to the religious content, without discriminating against any religion without conflict and without causing the feeling of prejudice among students who usually guided by parents' religion and family and his group in society? For many the secular State is the abolition of religion in content and in school grades, but, according to our Constitution, the secular State is conciliation and equal duties and laws of all religions within and outside the school. Law Guidelines and Base with the proposal of Common National Base Curriculum strengthen this objective. We hope that this research will contribute to a new perspective on religion in education, so that this issue is not as feared by teachers and society. And that schools deal with teaching their cultural content and importance of the issue to the integral formation of the student and build a more egalitarian country. For the realization of this article, documentary and bibliographic research was carried out, counting also with questionnaire applied in two elementary schools in Nova Odessa/SP.

Keywords: *Teaching; Confessional; Curriculum*

[1] Graduando em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: pedag.ale@outlook.com)
[2] Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

1 Introdução

Segundo Condorcet, citado por Domingos (2009), o princípio do laicismo é, ao mesmo tempo, o de afastamento da religião do domínio político e administrativo do Estado, e do respeito ao direito de cada cidadão de ter ou não ter uma convicção religiosa e de professá-la. Tem como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos.

Por igualdade na diversidade, entende-se o igual respeito a todas as religiões e àqueles que não professam nenhuma religião. O mesmo princípio se refere ao respeito às particularidades. A exclusão dos antagonismos reflete não apenas o respeito, mas principalmente a tolerância ao outro, suas crenças e práticas.

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e no artigo 5º da Constituição de 1988, sabemos que a educação pública é laica. O ensino religioso, da maneira que possa ser trabalhado, pode se tornar um conflito perigoso pelo poder e violência contra as minorias. No caso brasileiro, há vários exemplos de práticas religiosas adotadas no ambiente escolar que, aceitas por certa maioria, discriminaram outros grupos religiosos.

Segundo Fischmann (2009), seria muito difícil criar e transmitir um conteúdo que não confundisse as crianças, sobretudo as menores, que estão recebendo valores de suas famílias e grupos religiosos. "A transversalidade no ensino religioso já não é fácil nem para adultos" (2009. p. 9).

2 Revisão Bibliográfica

Para Domingos (2009), pode-se dizer que a origem da palavra *laica* remonta à Antiguidade e refere-se ao que não é clerical, ao que pertence ao povo cristão como tal – e não à hierarquia católica – e ao que é próprio do mundo secular, por oposição ao que é eclesiástico.

Para Gomes e Filho (2013), o Laicismo e Laicidade são palavras/conceitos que derivam da expressão grega clássica «laos» (adj: «laikos»), expressão que designava o povo em sentido lato. Portanto, à entidade população, sem exceção.

Assim, retomando a origem da palavra, um Estado Laico é aquele não veio para abolir a religião, mas sim para conciliar as religiões levando o homem a pensar sobre a importante dessa diversidade cultural e religiosa que traz inúmeras influências à cultura.

A palavra religião é proveniente do latim "religio" e "ligare", que significa ligar de novo. Podemos compreender que o seu conceito, para Panzini citado por Camboim e Rique (2008), é a crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, dando ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte do corpo. Para Silva e Siqueira citados por Gomes, Farina e Forno (2014), em que a religião é da ordem do institucional, além do pessoal. Não havendo, portanto, religião sem religiosos e religiosos sem religião.

Para Caetano e Oliveira (201?), nos três primeiros séculos da história do Brasil, nos quais Império e Igreja unem-se para promover uma ação colonizadora, desconsideraram-se as culturas dos africanos e indígenas, visando tanto à exploração de riquezas, quanto a propagação do Evangelho.

Com essa ideia, a Coroa portuguesa começa a fundar as primeiras escolas na colônia, criando assim o primeiro documento da educação brasileira em 1548, conforme diz Saviani (2010), que, D. João III, decidido a professar à fé cristã os habitantes da nova colônia descoberta por Portugal, enviou quatro padres e dois irmãos jesuítas chefiados pelo Padre

Manuel da Nóbrega, juntamente com o primeiro governador, Tomé de Souza, iniciaram o trabalho de doutrinação dos índios apoiados pela Coroa, formando assim uma escola pública de caráter religioso, mantida com recursos do Estado português e conduzida pelos jesuítas a serviço da doutrinação cristã.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, os colonizadores resolveram que a religião católica seria a base da educação brasileira, denominando o Brasil colônia como uma colônia teocrática de Portugal, trazendo assim os jesuítas em 1548, impondo as primeiras caracterizações de uma educação voltada para os costumes portugueses, principalmente na religião católica cristã.

Segundo Oliveira citado por Caetano e Oliveira (201?), a modernização do Estado português era tirar do isolamento em relação das nações europeias, sendo influenciada aristocracia rural e da igreja, sendo considerado um obstáculo ao progresso. Assim tiraria o estado teocrático, que seria substituído pelo estado leigo e a educação deveria seguir os princípios iluministas. A igreja começou a ser controlado pelo Estado. Os Jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias, 1759, implantando as "Aulas Régias", primeira experiência de ensino público, que foram criticados devido ao caráter fragmentado, ao pouco investimento do Estado e a continuidade do ensino jesuítico.

Segundo Cunha e Barbosa (2012), as medidas adotadas para a reconstrução do sistema educacional após a expulsão dos jesuítas, percebe-se um ensino problemático e hierárquico em que os mestres, formados pela Companhia, procuravam reproduzir os seus ensinamentos. E ainda citam Morel (1979), explicando que a educação passou a ser mantida por padres, frades franciscanos e carmelitas voltados exclusivamente para a elite brasileira, tendo as raízes no ensino jesuítico.

Para Saviani (2010), a visão "pombalina", procurava colocar Portugal com ideal iluminista no século dos conhecimentos e das descobertas filosóficas, não poderia ser caracterizada como conhecedora do laicismo, pois, antes pertencia à igreja deste a descoberta, e nesse momento procurava concentrar nas mãos do Estado todas as modalidades de orientação política, inclusive a questão religiosa que tendeu a ser subtraída da Igreja. A educação pública concedida pela pombalina não se considerou como laica. E ficou conhecida como "educação secular estatal confessional".

Saviani (2010) continua relatando sobre esse conflito entre Pombal e os Jesuítas e acrescenta que o ensino jesuítico se tornou "obsoleto" graças à ordem econômica da época na visão iluminista. Contudo, o Estado pombalino manteve o catolicismo como religião oficial e investiu nas tarefas de garantir a pureza doutrinária.

Caetano e Oliveira (201?) citam que, em 1822, devido à independência brasileira, foi estabelecida a Monarquia Constitucional, com decorrente implementação do Império (1822-1889). Em 1824, D. Pedro I outorga a Primeira Constituição Brasileira que não garantia direitos civis e políticos aos índios e negros e confirmava e legitimava o poder da Igreja Católica.

Promove-se a primeira referência do Ensino Religioso na Lei educacional de 1827 na Educação Brasileira. Como citam Caetano e Oliveira (201?), conferindo à religião católica tantos privilégios junto à Coroa, quanto o monopólio do ensino, que se ancorava no ideário humanista-católico, privilegiando-se as aulas de religião, ministradas com ortodoxia em vista da evangelização e dos princípios da cristandade.

Nasce então o processo de organização da educação brasileira pelo poder público, mas esse projeto só se concretizou após a proclamação da República. Souza (1998), citado por Saviani (2010), menciona que, sob a proteção dos estados federados, foi com a proclamação da República, a escola pública, realmente para o povo se fez presente na história da educação

brasileira, nesse momento o poder público tomou a tarefa de organizar e manter integralmente as escolas com o objetivo de divulgar e propagar o ensino. Essa tarefa se concretizou em 1890 no Estado de São Paulo nos grupos escolares e na instituição da escola graduada, de onde se espalhou para todo o Brasil.

Contudo, no que se refere ao Ensino Religioso, a Igreja Católica, apesar do Estado Laico, sempre se posicionou para influenciar a forma como se deva trabalhar tal componente curricular.

> A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) incluiu, entre as suas linhas de atuação, a análise, o acompanhamento, a avaliação do Ensino Religioso nas escolas confessionais ou públicas, assessorou as secretarias estaduais e municipais de Educação na elaboração de programas curriculares para as diferentes séries escolares e promoveu vários encontros nacionais dos coordenadores estaduais. Essas ações tiveram como objetivos desenhar a identidade do Ensino Religioso, ter uma visão panorâmica do mesmo nas Escolas da Rede Oficial, refletir sobre o perfil do/a professor/a e sua formação, pensar a questão da interconfessionalidade, debater a diferença entre Ensino Religioso e Catequese, visando à educação da religiosidade do educando, à formação de sua identidade, à construção responsável do seu projeto de vida e vivência de práticas transformadoras (CAETANO e OLIVEIRA, 201?, p.7).

É compreensível tal postura em virtude da defesa de seus interesses. Compreendendo também que outras denominações religiosas tenham esse mesmo desejo. Contudo, para Fischmann (2009), o direito de que o Estado, sendo laico, garanta seu direito à escolha, faz com que a educação escolar, nesse contexto, forme para o exercício reflexivo, a capacidade de busca de elementos e subsídios para uma decisão informada, assim como, em particular, a compreensão das repercussões das próprias decisões sobre os outros.

Ao reconhecer esse papel, o Estado laico garante ao cidadão a escolha, conforme sua consciência. Assim, quem seja seguidor de uma religião, não será jamais obrigado à prática de outra que rejeite, tendo respeitada sua consciência.

> A razão de ser do ensino religioso, como disciplina escolar, fundamenta-se na própria função da escola, qual sejam o conhecimento e o diálogo. Como espaço de construção e socialização dos conhecimentos produzidos, a escola também deve disponibilizar o conhecimento religioso a todos e todas que a ele queiram ter acesso, embora não seja sua função propor a adesão e a vivência de tal conhecimento, enquanto princípio de conduta religiosa e confessional, já que esse princípio continua sendo atribuição de cada religião (CORAZZA, 2001, p. 54).

Julgar que a maioria deva determinar os rumos de qualquer grupo social não é um princípio da democracia e nem do Estado laico, sendo necessário o respeito à liberdade de culto de todas as crenças e culturas. É o que propõe a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República ao apresentar a cartilha *Diversidade Religiosa e Direitos Humanos*, de 2004.

> O Programa Nacional dos Direitos Humanos pretende incentivar o diálogo entre os movimentos religiosos, para construção de uma sociedade verdadeiramente pluralista, com base no reconhecimento e no respeito às diferenças (BRASIL, 2004, p. 6).

Acredita-se que o Ensino Religioso

> Pode contribuir para a formação de uma cultura de paz e tolerância entre os seres humanos. O Ensino Religioso, como disciplina escolar, pode promover o respeito entre as pessoas, fomentando a convivência harmoniosa entre pessoas que possuem convicções religiosas diferenciadas. Mesmo aqueles que não são crentes, devem aprender a conviver com aqueles que possuem suas crenças religiosas. Isso pode ajudar a diminuir a intolerância religiosa presente na sociedade (SOUZA, 2013, p. 26).

Para Fischmann (2009), o Ensino Religioso deve trabalhar o combate à violência, estimulando o respeito e o reconhecimento da dignidade intrínseca a todos, e que todos devem ter tal consideração, não apenas as pessoas que acreditam na mesma divindade que a do aluno.

> O Ensino Religioso, a partir de suas novas diretrizes legais, segue uma perspectiva que privilegia mais a diversidade e a pluralidade de expressões religiosas. Seguindo esse princípio, o respeito pela liberdade religiosa de cada educando pode ser proporcionado pela escola através de educadores treinados adequadamente, promovendo assim a consolidação para qualquer Governo, baseando-se em seu sistema ou na ideologia que o inspire (SOUZA, 2013, p. 31).

Como se vê, sobre o Ensino Religioso como componente curricular, há um debate acerca da forma como deva ser inserido no contexto curricular escolar a fim de atender o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento humano que todos os alunos têm.

Segundo Souza (2013), o Ensino Religioso faz parte da cidadania, o que implica que mesmo diante da negação da religiosidade humana é necessário buscar compreender o outro, estando disponível para preparar o indivíduo para manter a sua religião. A idéia de tolerância, no entanto, necessita ir muito além da expectativa, pois o ser religioso é um dado cultural presente em cada cultura e de muita representação em nosso país. Considerar o Ensino Religioso como parte integrante da formação básica do cidadão é um avanço.

Para a 2ª versão revista da Base Nacional Comum Curricular (2016), o Ensino Religioso contribui para a formação ética, estética, sensível e política possibilitando que os alunos se reconheçam e se valorizem enquanto sujeitos que se apropriam de saberes produzindo cultura nas relações com outras pessoas e com a natureza.

> No entanto, pensar em um currículo base é pensar de forma contextualizada e que envolve constante mudança e transformação. Além das especificidades necessárias no que diz respeito aos conteúdos que os/as alunos/as devem aprender em cada ano e etapa de ensino da educação básica, com a finalidade de superar desafios que circundam o processo de ensino- aprendizagem (REDYSON e SANTOS, 2015, p. 298).

Em Redyson e Santos (2015), é de se preocupar com a relação que acontece entre o currículo, as práticas e a cultura, uma vez que a seleção dos saberes deve levar em consideração a complexidade do contexto educacional devido às diferenças de cada realidade local, que é dependente da cultura global e local. Ainda em Redyson e Santos (2015), colocar-se em prática uma base nacional comum curricular, haverá como conseqüência uma interferência na produção do material didático, na formação dos profissionais da educação e na estruturação da avaliação, apontando diretrizes no que o aluno deva aprender em cada modalidade de ensino.

Conforme propõe a 2ª versão revista da Base Nacional Comum Curricular (2016), essas modalidades são divididas por etapas, sendo que a primeira etapa, a Educação Infantil,

cabe o autoconhecimento dos alunos em meio à sua sociedade, sua identidade, os conhecimentos sociais e as transformações dos grupos, por gênero, religião, raça.

> Nos anos iniciais do Ensino Fundamental a área de Ensino Religioso, em articulação ao trabalho desenvolvido na Educação Infantil, tem um importante papel de desenvolver aspectos tratados nos campos de experiências que organizam a primeira etapa da educação básica, em especial o campo "O eu, o outro e o nós". Com relação a este campo o Ensino Religioso contribui para aprofundar aspectos relacionados à construção de identidades a partir de relações de alteridade, nas quais o respeito e acolhimento às diferenças, de gênero, classe social, religião, raça, dentre outras, é condição para a construção de relações mais justas e solidárias entre os/as estudantes. Contribui, ainda, no desenvolvimento das identidades dos sujeitos, considerando as experiências e conhecimentos religiosos e não religiosos já apropriados por eles, ampliando as possibilidades de aprendizagem na medida em que trata do conjunto de conhecimentos constituintes da diversidade cultural e religiosa, permitindo que os/as estudantes identifiquem significados elaborados pelas filosofias de vida e tradições religiosas, em diferentes espacialidades e temporalidades, e construindo sentidos referentes às distintas concepções e práticas sociorreligiosas (BRASIL, 2016, p. 316).

Para o Ensino Fundamental, a 2ª versão revista da Base Nacional Comum Curricular (2016), defende que o Ensino Religioso seja um componente direcionado às varias concepções ideológicas, mas agregando sua diversidade para as outras disciplinas como vemos hoje nas escolas o uso da geografia dentro da história, ou uso da matemática dentro da ciência, o uso da religião dentro da história, geografia, língua portuguesa e outras mais.

> Assim como uma área de conhecimento deve promover discussão contínua para a reflexão e romper com qualquer forma de intolerância religiosa, tendo em vista a promoção de expressão e diálogo da liberdade religiosa, e a escola como instituição tem a função de promover o respeito à diversidade religiosa e cultural, garantindo aos/as alunos/as uma educação de percepção e valorização do/a outro/a, propondo respeito e aceitação mútua das diferenças e particularidades de cada um (REDYSON e SANTOS, 2015, p. 303).

Esses modelos curriculares procuram demonstrar que não estão defendendo uma ou outra religião, mas que o conhecimento específico de cada uma delas irá contribuir para a construção do saber crítico e social de cada um, pois cada região do nosso país tem uma vasta cultura e essas culturas expressam sentimentos e crenças que se relacionam entre si, construindo uma base sólida e afetando o meio natural, social, politico, econômico e comportamental.

Assim:

> O Ensino Religioso, na teoria, não tem o seu modelo curricular influenciado por nenhuma religião, mas infelizmente não é o que acontece na realidade das escolas, onde geralmente temos um professor que não está habilitado a ministrar o Ensino Religioso, ora por ter uma confissão religiosa notadamente influenciada pela instituição em que trabalha, ora por não ter formação dentro do âmbito das Ciências das Religiões. Outra característica singular que aqui podemos recortar para a implementação de uma base curricular estaria posta na formação continuada de professores, cujos aspectos da diversidade religiosa e cultural fossem preestabelecidos como complementação para a carreira, da mesma forma que a dimensão curricular se expande, de acordo com as regiões do país, pois a formação dentro de uma base curricular única deveria seguir o mesmo processo. Por formação continuada de professores para o Ensino Religioso, podemos entender que essa

> proposta deve ser mais bem aproveitada pelos gestores das escolas no sentido de compor uma matriz de formação específica para as diversas temáticas (conteúdos) que podem ser abordados em sala de aula. Ao mesmo tempo, essa matriz deve ser sempre pensada a partir da realidade da escola, da família, da região e da cultura local, sempre levando em consideração a diversidade religiosa, isto é, sem proselitismos de qualquer espécie (REDYSON e SANTOS, 2015, p. 301-302).

3 Metodologia

A metodologia utilizada foi não-experimental, realizada de forma documental e bibliográfica sobre o tema abordado. Conta também com pesquisa de campo, utilizando-se de questionários para um maior aprofundamento, enriquecendo o conteúdo deste artigo.

Os questionários foram aplicados em duas escolas de ensino fundamental de Nova Odessa/SP, sendo respondidos por três professoras e um diretor da EMEIEF Vereador Luís Antônio da Silva, e dois professores e um diretor da EMEF Professora Alvina Maria Adamson.

4 Resultados e Discussões

Conforme mencionado, foi aplicado um questionário respondido por três professoras e um diretor da EMEIEF Vereador Luís Antônio da Silva, dois professores e um diretor da EMEF Professora Alvina Maria Adamson com as seguintes questões:

1- A disciplina Ensino Religioso existe no currículo da escola?

( ) Sim ( ) Não

Por quê?

2- Como são trabalhados os conteúdos relacionados ao Ensino Religioso?

As três professoras da EMEIEF Vereador Luís Antônio da Silva, para efeito deste artigo, serão denominadas de Professora A, Professora B e Professora C. Já, os dois professores da EMEF Professora Alvina Maria Adamson serão denominados de Professor A e Professor B.

Seguem as respostas:

A- Professora A

1- *Não. Porque segundo a Constituição e a LDB, o Ensino religioso na escola pública deve ser facultativo, sendo assim, não tem parâmetros definidos pelo MEC e não consta na matriz curricular da escola*.

2- *Como disse anteriormente, o ensino é facultativo, sendo necessário assegurar o respeito à diversidade de credos sem tentar impor um dogma ou converter alguém. Pois devemos estimular a atitude crítica do aluno diante do conhecimento e da razão para que ele construa o seus valores éticos e morais*.

B- Professora B

1- *Não. Acredito que a religião é uma opção pessoal e familiar, portando o Estado não pode agregar essa disciplina, porque nossas salas de aula são heterogenias sobre esse assunto, iria criar muitos conflitos na unidade escolar*.

2- *Não trabalhamos, de forma direta, mas indiretamente em datas comemorativas e até em algumas disciplinas como História e Geografia*.

C- Professora C

1- *Não. Em relação à escola, eu não sei o porquê, mas acredito que a religião é uma opção da família. A realidade é anterior ao Estado, então o Estado não pode se apropriar de algo que não lhe pertence, assim a relação se protege para que não haja interpretações errôneas e divisões de pensamentos. Acredito que é somente do Estado para difundir suas ideologias mascaradas de ensino religioso, pois o Estado separou a religião do Estado, porque eles querem de volta?*.

2- *Às vezes trabalhamos de uma forma multidisciplinar*.

D- Professor A

1- Não. Segundo a LDB o Ensino Religioso faz parte sim do currículo da escola, porém, em nosso município, não é trabalhado de maneira sistematizada. Em minha opinião, o Ensino Religioso deve ficar a cargo das famílias e não das escolas.

2- São trabalhados nas datas comemorativas como Páscoa, Corpus Christi, Natal, nas orações e nas "musiquinhas".

E- Professor B

1- *Não. Porque não faz parte da grade curricular*.

2- *São trabalhados valores nas aulas através de textos, conversas, filmes e jogos nas diversas disciplinas e, também, nos trabalhos de datas comemorativas*.

F- Diretor da EMEIEF Vereador Luís Antônio da Silva

1- *Não. Não esta na grade curricular da escola*.

2- *Como não é uma disciplina que faz parte da grade curricular, o trabalho não é sistemático. Ele é realizado de maneira multidisciplinar, em datas comemorativas, pois não estamos preparadas para ministrar essa disciplina*.

G- Diretor da EMEF Professora Alvina Maria Adamson

1- *Não. A Secretaria da Educação não incluiu esta disciplina na matriz curricular das escolas do município.*

2- *Mas o Ensino Religioso é trabalhado de forma transversal, onde se tem como objetivo o respeito à diversidade cultural e religiosa de cada aluno, como o respeito à religião, cor, raça, situação financeira, sexo, regionalismo*.

Como se percebe através das respostas ao questionário, as escolas municipais de Ensino Fundamental de Nova Odessa não possuem em sua grade curricular a disciplina Ensino Religioso, mas acreditam trabalhar esse conteúdo de forma multidisciplinar.

As pessoas questionadas ressaltam que a educação religiosa, mesmo sendo prevista pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deve ser trabalhada pela família, pois, para eles, é uma temática de cunho pessoal e familiar.

Quando mencionado em sala de aula, vem associada a datas comemorativas, como Natal, Páscoa, *Corpus Christi*, etc., datas essas de grande significado para o Cristianismo. Assim, verifica-se que, ensino religioso para os questionados está intimamente ligado ao Ensino do Cristianismo.

Além disto, verifica-se que não se compreende, pelos questionados, que outras datas comemorativas, como por exemplo, o Dia do Índio ou o Dia da Consciência Negra, também são possibilidades de se trabalhar com conteúdos relacionados ao ensino religioso.

5 Considerações finais

Compreendermos que a história da formação étnica do Brasil nasceu da diversidade de três povos distintos e com uma cultura social e religiosa extensa e rica. Contudo, o processo de colonização a que fomos submetidos interferiu na educação, que no principio desse mesmo processo teve seu objetivo central catequizar os habitantes da nova colônia, através do trabalho dos jesuítas.

Com o decorrer dos tempos, a história da educação nos conta que os interesses da Igreja, em especial da Igreja Católica, sempre esteve ligada ao poder político, econômico e social, usando tal poder para minimizar a importância de outros credos.

A busca de uma sociedade mais igualitária fez com que a sociedade brasileira, buscasse um Estado laico, neutralizando essa metodologia de ensino e apoiando a igualdade e a liberdade de expressão, dentro e fora das escolas.

Nos dias de hoje podemos ver que o Ensino Religioso, importante componente curricular para a formação integral do indivíduo praticamente inexiste nas grades curriculares das escolas, impedindo que muitas crianças, jovens e adultos tenham acesso ao conhecimento de culturas diversas, às vezes por medo da polemica que possa se instaurar e, porque não dizer, da aversão por outras formas de religiosidade. Esta falta de conhecimento pode contribuir para a intolerância.

Assim, o ensino religioso deveria abranger não só os dogmas, como a maioria pensa e exercita sua fé, mas nas culturas, nos componentes históricos e na valorização do ser humano como um ser capaz de conhecer, acolher e se solidarizar.

Conscientizar aos futuros profissionais da educação, que mesmo sendo a favor ou contra ao Ensino Religioso, o tema religião não estará presente somente no convívio familiar, mas sim em nossa historia e com certeza em o nosso futuro.

Assim, devemos aprender com os nossos erros do passado para construirmos um amanhã com mais igualdade, tolerância e respeito sobre todos os aspectos, pois ao lidar com esse assunto percebi que ainda há pessoas que alegam que o Ensino Religioso vai beneficiar uma ou outra denominação.

É possível acreditar que não devemos privilegiar uns em detrimento de outros, basta transformar os nossos conceitos, demonstrando o que as religiões têm de melhor, sua História, sua cultura e o respeito.

> O fortalecimento da democracia ocorre, então, porque podem e devem conviver, no espaço público, visões diferentes entre si de um mesmo fenômeno, sem que o Estado tenha que escolher alguma delas; se o fizesse, estaria a privilegiar um cidadão ou grupo em detrimento de outros, cabendo, portanto, ao Estado apenas garantir o exercício da liberdade, cumprindo cada cidadão os equivalentes deveres (FISCHMANN, 2012, p. 23).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Proposta Preliminar. 2ª. versão revista. Abr. 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 21 set. 2016.

_____. SEDH – Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Diversidade religiosa e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

CAETANO, Maria Cristina; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Ensino religioso:** sua trajetória na educação brasileira. Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas – Mestrado, Eixo Temático n 1: Políticas educacionais e movimentos sociais. 201?. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo01/Maria%20Cristina%20Caetano%20e%20Maria%20Auxiliadora%20Monteiro%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016.

CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. **Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>**.** Acesso em: 08 set. 2016.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos**. TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

COELHO, Raimundo Nonato. Obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas provoca polêmica. Portal Globo. 2012. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2012/09/obrigatoriedade-do-ensino-religioso-nas-escolas-do-pais-provoca-polemica.html>. Acesso em: 26 ago. 2016.

CORAZZA, Sandra. **Ensino religioso.** Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed Editora, ano IV, n. 16, Fev/Abr, 2001.

CUNHA, Clera Barbosa; BARBOSA, Claudia. **Educação laica:** princípio igualitário no desenvolvimento educacional em escola pública da sociedade pós-moderna brasileira. Anais dos Simpósios da ABHR, vol. 13 (2012). Disponível em:

<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/675>. Acesso em: 25 ago. 2016.

DOMINGOS, Marília de F. N. 2009. **Ensino Religioso e Estado Laico:** uma lição de tolerância. Revista de Estudos da Religião. p. 47. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2009/t_domingos.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2016.

FISCHMANN, Roseli. **Ensino religioso em escolas públicas:** impactos sobre o estado laico. Rev. gestão escolar, edição 04. 2009. Disponível em: <http://gestãoescolar.abril.com.br>. Acesso em: 21 set. 2016.

_____. **Escola pública não é lugar de religião**. 2010. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/roseli-fischmann-escola-publica-nao-e-lugar-de-religiao/#gs.whgWrrM>. Acesso em: 23 jul. 2016.

_____. **Estado laico, justiça e pacificação social.** Estado Laico, Educação, Tolerância e Cidadania para uma análise da Concordata Brasil – Santa Sé. São Paulo: Factash, 2012.

GOMES, Christiane Teixeira; FILHO, Flávio Lins. **Estado laico** - da origem do Laicismo à atualidade brasileira. V Colóquio de História. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1219-1228.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016.

GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; FORNO, Cristiano Dal. **Espiritualidade, religiosidade e religião:** reflexão de conceitos em artigos psicológicos. Revista de Psicologia da IMED. 2014. p. 108.

JÚNIOR; Carlos Antonio da Silva; RIBEIRO, Larissa Emília Guilherme; COSTA, Marília Jeronomio. **Estado laico ou estado não laico?** A discriminação das religiões das minorias em um estado que se diz laico sob os olhos da constituição. Revista Direito Mackenzie. v. 8, n. 1, p. 12-13.

REDYSON, Deyve; SANTOS, Mirinalda. **Base nacional comum curricular:** desafios e implicações para o ensino religioso. Espaço do Currículo, v. 8, n. 3, p. 293-305, set. a dez. 2015. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n3.293305>. Acesso em: 21 ago. 2016.

SAVIANI, Demerval. **Cumplicidade entre o público e o provado na história da política educacional brasileira**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de Historia da Educação. 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0ahUKEwi7qNmfqIjPAhWMkJAKHU2TBtIQFggvMAI&url=http%3A%2F%2Fxa.yimg.com%2Fkq%2Fgroups%2F20517703%2F1724852978%2Fname%2FDermeval_Saviani__texto_VII_congresso.pdf&usg=AFQjCNHCEPNCpbaHYhbCRqzroaSxQHW87Q&sig2=V61wYod5yLT5gbH0vUkO-Q&bvm=bv.132479545,d.Y2I>. Acesso em: 11 set. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. **Novas perspectivas para o ensino religioso:** a educação para a convivência e a paz. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.21, n.1, p.25-49, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 07 ago. 2016.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gardênia Thaís Meireles da Silva[3]
Luis Carlos Gonçalves[4]

RESUMO
São muitos os motivos que podem fazer com que um aluno não tenha sucesso na sua aprendizagem dentro da escola, como por exemplo: problemas pessoais, dificuldade de se relacionar, não ter a ajuda e o incentivo necessário tanto na escola como em sua família, preconceito, *bullying*, falta de estrutura familiar, enfim, entre várias outras causas que desmotiva e prejudica o aluno na sua vida escolar. A questão é como um educador pode influenciar e interferir de forma que elimine ou amenize os problemas que levam a esse insucesso na aprendizagem do aluno, levando em consideração a importância do afeto nas relações entre professor e aluno para o desenvolvimento cognitivo e social deste. Além disso, também foi utilizada de pesquisa de campo em uma instituição escolar, desenvolvendo um questionário para professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, visando investigar a relação do professor com os seus alunos no seu cotidiano escolar e a influência deste relacionamento no processo de aprendizagem do educando, analisando e compreendendo os métodos de interferência do educador que contribuem para o sucesso escolar do aluno, incluindo a relação afetiva.

Palavras-chave: Afeto, Relacionamento, Desenvolvimento.

ABSTRACT
There are many reasons that can cause a student is not successful in their learning within the school, such as: personal problems, difficult to relate, not to have the help and the necessary incentive both at school and in your family, prejudice , bullying, lack of family structure, in short, among many other causes that discourages and undermines the student in their school life. The question is how an educator can influence and interfere in order to eliminate or soften the problems that lead to this failure in student learning, taking into account the importance of affection in the relationship between teacher and student for cognitive and social development of this. Moreover, it was also used in field research in a school institution, developing a questionnaire to teachers of early elementary school, in order to investigate the teacher's relationship with their students in their school routine and the influence of this relationship in the learning process the student, analyzing and understanding the educator interference methods that contribute to the academic success of the student, including the affective relationship.

Keywords: A*ffection, Relationship, Development.*

[3]Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: gaardsmeireles@hotmail.com)
[4]Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

1 Introdução

Em regra geral, a sociedade aponta a família como uma das principais causas para a ausência do sucesso no desenvolvimento escolar da criança, já que é com a família que a criança tem um contato maior, sendo um dos primeiros educadores na vida dela.

Em consideração a isso, é papel da instituição escolar saber lidar com as dificuldades pessoais de cada aluno e buscar meios necessários que amenizem ou solucionem essa dificuldade para a aprendizagem. Uma das maneiras para tentar solucionar esse problema é por meio de uma relação afetiva entre aluno e educador, pois essa interação e troca de afetividade tornará a aprendizagem agradável, prazerosa e produtiva, resultando em magníficas oportunidades para ampliar o rendimento escolar dos alunos.

Dantas (1990, p.10) conceitua afetividade da seguinte maneira: "afetividade designa [...] os processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas da emoção. A afetividade pode bem ser conceituada como uma das formas de amor".

2 Revisão Bibliográfica

Afetividade é um termo bastante evidenciado no contexto pedagógico, familiar e em outros segmentos da sociedade. Enfim, todas as relações quer sejam familiares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas de afetividade, e esta pode ser validada por todos, em qualquer faixa etária e em qualquer nível social e cultural. A afetividade se mostra presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o outro, por toda a vida, desde seu nascimento. Assim também precisa ser na escola. Nossos educandos precisam aprender e praticar regras e limites, mas precisam também de carinho, atenção, cuidado e amor. Assim, os alunos aprendem o que é respeito e a respeitar a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos.

> A afetividade exerce um papel importantíssimo em todas as relações, além de influenciar decisivamente a percepção, o sentimento, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, e ser, assim, um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana (MELLO; RUBIO, 2013, p. 2).

É viável enfatizar os conceitos de Pedagogia Tradicional e Pedagogia Renovada, e a relação do professor e aluno em cada uma delas.

A Pedagogia Tradicional, introduzida no final do século XIX, tem o professor como centro de todo o processo de aprendizagem e parte fundamental para o sucesso educativo, tendo como prioridade para a aquisição de conhecimentos a memorização dos conteúdos. A relação do professor com o aluno é resumida em autoridade máxima e disciplina por parte do educador. O professor é a garantia de que o conhecimento seja adquirido, independente do interesse do educando, que tem apenas o papel de obter entendimento. O aluno sendo tratado somente como um mero ouvinte e decorador de conteúdos, é o que torna consequente a falta de interação entre ele e o professor, o que caracteriza a relação entre ambos na Pedagogia Tradicional.

Já a Pedagogia Renovada foi introduzida em meados de 1920 até os dias de hoje, em contraposição à pedagogia convencional. Tal contradição é caracterizada pelo aluno como protagonista do seu aprendizado escolar e autônomo do seu conhecimento. O aluno, que antes não tinha voz, passa a ser o enfoque principal para a aquisição do seu saber. O professor passa de autoridade para um facilitador no desenvolvimento educacional de seu educando,

proporcionando ao aluno liberdade para aprender. “A pedagogia renovada tem como objetivo adaptar o aluno ao contexto social, dar espaço ao experimentar e ao fazer, e proporcionar a liberdade de falar, agir e se relacionar.” (SILVA, 2000, p. 38).

John Dewey, filósofo norte-americano, defendia a liberdade de pensamento como instrumentos para a manutenção emocional e intelectual do aluno, para que este seja livre na elaboração das suas próprias certezas e conhecimentos, sem desmerecer a importância do papel do professor. Segundo Dewey (1967, p. 62), “a educação não é falar e ouvir, mas sim um procedimento produtivo e ativo”. Além disso, John Dewey (1979, p. 24) deixou como um dos principais ensinamentos a questão de que não há separação entre vida e educação, pois "as crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro vivendo”.

Cunha (2008) nos apresenta a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer o seu aluno de maneira particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo do aluno, para que ele possa utilizar de recursos adequados e ao mesmo tempo estimulantes, facilitando assim, de forma significativa, o aprendizado do educando.

Sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo é de se ressaltar a teoria de Jean Piaget, que desenvolveu um trabalho acerca da inteligência infantil, buscando explicar como o ser humano constrói o conhecimento. Dessa forma, Piaget (1976) citado por Meneses (2012) buscou constituir uma teoria do conhecimento baseado na gênese psicológica do pensamento humano, que tem como objetivo diferenciar a fonte dos diversos tipos de conhecimento a partir de suas formas mais elementares. Os níveis de desenvolvimento que Piaget elaborou são constituídos em estágios do desenvolvimento cognitivo, subdivididos em quatro estágios evolutivos e sequenciais do crescimento humano, denominados sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e formal, a saber, conforme Nikel (2014):

- **O estágio sensório-motor**, de 0 a 2 anos, é a primeira fase do desenvolvimento da vida. Neste estágio a criança baseia-se em esquemas motores para resolver seus problemas, que são essencialmente práticos. Além disso, o indivíduo vive o momento presente sendo incapaz de referir-se ao futuro, ou relembrar o passado. No decorrer desta fase, os bebês iniciam o desenvolvimento de símbolos mentais e utilização de palavras, em um processo conhecido como simbolização. O bebê relaciona tudo ao seu próprio corpo como se fosse o centro do mundo;

- **O estágio pré-operatório**, de 2 a 7 anos, é um período identificado pela explosão linguística e a utilização de símbolos [...] Nota-se ainda a ausência de esquemas conceituais, assim como o predomínio da tendência lúdica [...] O indivíduo apresenta um comportamento egocêntrico, tendo um papel limitado e a impossibilidade assumir o papel de outras pessoas, [...] a criança fixa apenas em um aspectos particular da realidade, geralmente o dela;

- **O estágio operatório concreto**, de 7 a 11 anos, recebe este nome, já que a criança age sobre o mundo concreto, real e visível. Surge o declínio do egocentrismo, sendo substituído pelo pensamento operatório [...] O indivíduo pode, desde já, ver as coisas a partir da perspectiva dos outros.[...] Ela ainda não consegue pensar abstratamente [...] As crianças começam a desenvolver um senso moral, juntamente com um código de valores;

- **<u>O estágio formal</u>**, de 12 anos em diante, a criança se torna capaz de raciocinar logicamente, mesmo se o conteúdo do seu raciocínio é falso [...] Assim, o jovem obtém a capacidade de pensar abstratamente.

Nesse sentido, para o professor é de suma importância que conheça a teoria do desenvolvimento cognitivo, pois ela traz a compreensão do processo de desenvolvimento da criança, ou seja, ela pode auxiliar na fundamentação e instrumentalização da prática docente além de contribuir para a compreensão da importância de considerar o cotidiano do aluno em sala de aula.

Nesse aspecto, a psicolinguística argentina Emília Ferreiro nos ensina que, "ao invés de perguntar como se ensina a ler e escrever, deve se perguntar como alguém aprende a ler e escrever independente do ensino" (FERRERO; TEBEROSKY, 1999). Para isso, os esforços educativos e o trabalho docente deverão pautar-se em métodos e metodologias que promovam a reflexão e não em concepções mecanicistas.

Assim, para Ferreiro; Teberosky (1999) a aprendizagem em uma perspectiva construtivista pode ser explicada por meio da interação de todos os aprendizes a partir de uma visão política e social.

De acordo com Azenha (1994) *apud* Ferreiro e Teberosky (1999) a construção do conhecimento se dá a partir do erro. Com isto conclui-se que, diante do "erro" observado nas produções da criança, o interesse construtivista não é apontá-lo, mas estudá-lo, visando a descoberta de suas razões. Nesse sentido, ao ignorar o erro o professor bloqueia as tentativas de aprendizagem do educando. Em muitos casos, é preciso errar para então acertar. "É justamente nesta interação erro e acerto que reside a construção do conhecimento e a obtenção do sucesso do aluno" (FERRERO; TEBEROSKY, 1999, p. 23).

O conhecimento é construído superando erros. Por isso, é importante estimular e reconhecer as tentativas que o aluno faz para resolver as tarefas considerando que cada pessoa tem ritmos de aprendizagem diferentes. "Os erros são fontes inesgotáveis da aprendizagem. É o saber que vem dos próprios erros." (BARRIOS; TORRE, 2002, p. 73).

A criança avança de uma hipótese para outra, de um nível para outro, por meio de um processo intenso de pensamento sobre a escrita, buscando adequar suas hipóteses às informações que recebe do meio.

Por meio das trocas estabelecidas entre a criança e a língua escrita, mediadas pelo professor e pelo grupo, é que a alfabetização se efetiva. Cabe ao professor fazer intervenções, propondo atividades que proporcionem desafios, respeitando as tentativas de escrita do aluno, pois os erros cometidos estão longe de significar a desatenção da criança. Eles representam uma forma cognitivamente estruturada de raciocinar sobre o funcionamento da escrita. Com isto, a produção inicial do aluno é o ponto de referência para avaliá-lo, ele deverá avançar em relação a si mesmo.

Ao abordar a importância da intervenção do professor, enfoco os estudos de Weisz (2002, p.95), ao afirmar que "avaliar a aprendizagem do aluno é também avaliar a intervenção do professor; já que o ensino deve ser planejado e replanejado em função das aprendizagens conquistadas ou não".

Assim, a relação professor/aluno é constante e acontece o tempo todo, tanto no cotidiano da sala de aula em seu fazer pedagógico, quanto nos demais espaços da escola. Conhecer a forma como se constrói o conhecimento e como se explicita a psicogênese infantil, em cada fase, contribui para o professor estabelecer relações afetivas com seus alunos, uma vez que é necessário saber o que se deve esperar, não se exigindo além do que se

pode oferecer, estabelecendo uma relação eficiente e profícua. Uma vez que, em Saltini (2008, p. 89) “essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”.

> Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado (SALTINI, 2008, p. 100).

É importante mencionar a dialogicidade, que tem como significado o ato de dialogar, e a afetividade de acordo com a Pedagogia Dialógica de Paulo Freire. Em todo o processo de aprendizagem do ser humano, o diálogo e a interação afetiva entre professor e aluno são indispensáveis para que ocorra o sucesso no processo ensino/aprendizagem.

Freire (2005) defende em suas abordagens a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar e refletir o agir dos homens e mulheres. Freire ainda acrescenta que:

> O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Quando o professor prioriza a afetividade em todos os seus relacionamentos, automaticamente ele amplia suas intervenções através da relação dialógica, já que a afetividade e o diálogo são dimensões humanas indispensáveis no processo educativo. Compreendendo a realidade dos alunos, oferecendo-lhes carinho, atenção e a certeza de, acima de tudo, um relacionamento de amizade, o educador contribui para que o processo de ensino/aprendizagem se enriqueça e seja construído à base do respeito e da confiança.

Portanto, quando um professor tem a perspectiva de que o diálogo é necessário na rotina de suas aulas, ele deixa de ser apenas um transmissor de saberes e passa a praticar um papel mais humanizado em sua prática docente. Acrescentando essa ideia, Freire (1980, p. 83) diz que “o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outro”.

Desta forma, partindo do pressuposto de que o ato de ensinar não é transmitir saberes, temos em Freire a concepção de que o educador problematizador é aquele que, conscientemente da sua prática docente, reforça a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão e ensina que como sujeitos da História e não objeto dela podemos intervir no mundo. Nessa relação, educador/educando, vai tomando consciência de serem seres inacabados e, portanto vivem em permanente busca, pois “o inacabamento do ser ou a sua incloncl usão é própria da experiência vital” (FREIRE, 1998, p.55).

Em conformidade com o pensamento de Freire (1998, p 32), “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado", apontando assim a necessidade de uma educação global, pautada no desenvolvimento completo do indivíduo e a compreensão do docente de que o processo de ensino e aprendizagem não está centrado no conhecimento do professor, mas que deve ser construído e produzido a partir da interação deste com o educando. Assim, a criança deve ser estimulada em todas as habilidades e, para

isso, o professor deve estar ciente de que "ensinar é uma especificidade humana, não é transferir conhecimento, e exige a participação de todos os segmentos envolvidos" (FREIRE, 1998, p. 32).

Medeiros (2013, p.132) também se apoia no pensamento de Freire para afirmar que "o homem não deve ter um papel passivo frente ao mundo, mas deve conscientizar-se e transformá-lo. Esse processo envolve intercomunicação, diálogo, intersubjetividade, e pressupõe uma educação dos homens entre si mediatizados pelo mundo". Segundo ele, para Freire, a "escola deve possibilitar uma aprendizagem libertadora, não mecânica, que requer uma tomada de posição frente aos problemas vivenciados a todo instante".

De acordo com os estudos de Dantas (1992), Wallon foi o primeiro a levar não apenas o corpo da criança, mas também suas emoções, para dentro da sala de aula. Suas ideias foram baseadas em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Segundo Wallon citado por Dantas, (1992, p.56), "a afetividade é anterior ao desenvolvimento, e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa, é por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades". Para esse autor as transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade: "a raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio, a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica". Assim, baseado nessa teoria, acredita-se que a afetividade é um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo.

É evidente que não tem como falar em afetividade no processo ensinoaprendizagem sem mencionar a importância dada a incorporação dos jogos, brinquedos e brincadeiras nesse processo. Os jogos e brincadeiras despertam na criança o interesse de participação de maneira lúdica e prazerosa. A brincadeira é uma forma de a criança imitar a realidade, e ao transformá-la ela vai recriando e repensando os fatos através da linguagem simbólica, diferenciando o que é real do imaginário.

> É na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A criança vivencia uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade [...] o brinquedo fornece estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência da criança (VYGOSTSKY, 1988, p. 82).

Através da imaginação é possível à criança formular hipóteses para solucionar os problemas, adquirindo desta forma, a capacidade de criação, que é muito importante na construção da autonomia e aquisição de novos conhecimentos. Assim, faz-se necessário que tanto alunos quanto educadores formulem conceitos por meio dos conteúdos trabalhados de forma diferenciada, articulados com o jogo e a brincadeira, de forma inovadora e atrativa, visando o enriquecimento da aprendizagem. Enquanto a criança brinca, ela faz operações mentais, convive socialmente, constrói regras e lida com imprevistos, possibilitando um desenvolvimento integrado. Ao explorar o mundo brincando, surgem comportamentos improvisados e espontâneos, fazendo com que a criança se descubra e compreenda seus próprios sentimentos, ideias e formas de conhecer e de agir.

> O ato de brincar socializa, tendo ou não a cooperação entre as crianças para atingir um objetivo comum. O conhecimento se constrói através da organização do que se vivencia num contínuo ir e vir, num recomeçar incessante no qual o sujeito cresce, se expande, experimenta novos desafios sobre o objeto de conhecimento. Nesta interação contínua, percebem-se dois momentos opostos e complementares: um de

> transformar as estruturas internas, o outro, que a assimilação externa do objeto constitui interação através da própria ação (KISHIMOTO, 2008, p. 53).

Portanto, as atividades lúdicas são importantes em qualquer faixa etária ou nível de ensino e, em se tratando de crianças menores, as atividades envolvendo o jogo e o brinquedo se faz necessário, uma vez que, estes já fazem parte do cotidiano das mesmas. A brincadeira proporciona à criança o conhecimento de mundo, compreensão das pessoas, sentimentos, emoções e estímulo para o seu desenvolvimento integral. Para Froebel citado por Grossi (2008, p. 49), "as brincadeiras são o primeiro recurso no caminho da aprendizagem. Não é apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo".

3 Metodologia

Para este estudo foi realizada pesquisa bibliográfica e documental com teorias que abordam a questão da afetividade na relação professor-aluno durante o processo de ensinoaprendizagem a fim de adquirir um conhecimento maior que contribua para a execução deste trabalho.

Além disso, também foi utilizada uma pesquisa de campo na instituição EMEF Paulo Freire, na cidade de Americana/SP, desenvolvendo um questionário para duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ano e 4º ano), bem como a observação em sala, visando investigar a relação das professoras com os seus alunos no seu cotidiano escolar e a influência deste relacionamento no processo de aprendizagem do educando.

4 Resultados e Discussões

Como mencionado, foi aplicado um questionário a duas professoras que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, aqui referenciadas como Professora A, que atualmente leciona no 1º ano e Professora B, que atualmente leciona no 4º ano.

Segue abaixo o questionário com as respostas proferidas pela Professora A:

1- Sabendo-se que a relação professor-aluno estimula e dá sentido ao processo educativo, como é possível construir esse estímulo de maneira que o processo de ensinoaprendizagem se torne mais produtivo?

   R: *As aulas devem ser prazerosas, dinâmicas e significativas, envolvendo os alunos em um ambiente de aprendizagem, lúdico e interativo*.

2- Como trabalhar a diversidade de culturas e valores no ambiente escolar de forma que se alcance o respeito mútuo entre todos?

   R: *Através de leituras, conversas, discussões e debates, promovendo um trabalho contínuo que promova a construção do respeito às diferenças e da alteridade*.

3- Como tornar o momento de ensinoaprendizagem dinâmico atendendo e ouvindo todos os alunos em suas necessidades e limitações?

R: *O professor, antes de tudo, tem que perceber as individualidades e limitações dos seus alunos para planejar suas aulas buscando atender às necessidades de cada aluno. O trabalho em dupla ou grupos proporciona uma aprendizagem para todos*.

4- Quais as habilidades que um professor deve ter ou desenvolver para obter um bom relacionamento entre seus alunos?

R: *Simpatia, calma, paciência e estratégias de ensino que envolvam os seus alunos no contexto da aprendizagem*.

5- Como exercer de forma sábia a autoridade em sala de aula usando uma postura sem apelo de autoritarismo?

R: *Não elevar o tom de voz quando a turma está agitada, promover atividades dinâmicas e interessantes que promovam o envolvimento de todos os alunos*.

6- Como atingir um clima de respeito e autocontrole entre os alunos sem a necessidade de uma disciplina severa?

R: *Conversas diárias e momentos de leitura promovendo o "saber ouvir" e o esperar pela vez de falar. Atividades dinâmicas que promovam uma boa interação entre o grupo*.

7- Que postura o professor deve ter diante dos conflitos presentes em sala de aula?

R: *De mediador da situação de modo a apaziguar os alunos diante dos conflitos e garantir um ambiente calmo e tranquilo em sala de aula*.

Segue abaixo o questionário com as respostas proferidas pela Professora B:

1- Sabendo-se que a relação professor-aluno estimula e dá sentido ao processo educativo, como é possível construir esse estímulo de maneira que o processo de ensinoaprendizagem se torne mais produtivo?

R: *Demonstrar interesse pela história, vida e gostos do aluno. Ouvir atentamente, olhando para o aluno enquanto ele fala. Demonstrar afeto de maneira simples*.

2- Como trabalhar a diversidade de culturas e valores no ambiente escolar de forma que se alcance o respeito mútuo entre todos?

R: *Primeiramente, o professor deve conhecer e saber de detalhes que podem fazer a diferença (ex. religião), demonstrando respeito aos costumes diferentes, conversando com os alunos sobre essa diferença, fazendo intervenções sempre que necessário, com respeito e carinho*.

3- Como tornar o momento de ensinoaprendizagem dinâmico atendendo e ouvindo todos os alunos em suas necessidades e limitações?

R: *Para ouvir a todos leva um tempo. Quando não conseguimos atender às necessidades ou dificuldades podemos trabalhar com grupos, duplas ou trios. Usar jogos para treinar conteúdos, etc*.

4- Quais as habilidades que um professor deve ter ou desenvolver para obter um bom relacionamento entre seus alunos?

R: *Empatia*.

5- Como exercer de forma sábia a autoridade em sala de aula usando uma postura sem apelo de autoritarismo?

R: *Saber o que se quer. Ter claro em sua mente seus objetivos e dialogar com os alunos*.

6- Como atingir um clima de respeito e autocontrole entre os alunos sem a necessidade de uma disciplina severa?

R: *Respeite e será respeitado. Estabeleça limites. Combine regras desde o começo e reforce-as diariamente quando preciso. Seja firme nas decisões*.

7- Que postura o professor deve ter diante dos conflitos presentes em sala de aula?

R: *Tentar manter a calma e ser justo. Ser imparcial. Ter bom senso*.

Os questionários aplicados buscaram abordar questões que corroborassem com as discussões em torno da importância da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

É notório o quanto as atitudes e escolhas diárias do professor referente a como se relacionar com seus alunos em diferentes situações da rotina escolar, interfere no desenvolvimento do educando.

A paciência e a empatia é uma das indispensáveis habilidades que o professor deve exercer para obter um bom relacionamento. Além disso, segundo Woolfolk (2000, p. 47), é preciso que os professores estabeleçam limites claros, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação com o seu bem-estar. Como professor, ele deve oportunizar que seus alunos conversem sobre problemas pessoais, suas ansiedades, seus problemas.

A agitação e os conflitos estão presentes no dia-a-dia dentro da sala de aula. Para lidar sabiamente em momentos como esse, o professor deve manter a calma e também o tom de voz, sendo autoridade, porém sem precisar apelar para o autoritarismo ou uma disciplina severa.

Dialogar com os alunos, impor limites, ser firme em suas decisões e perceber as individualidades e limitações de cada aluno respeitando-as, faz com que o processo de ensinoaprendizagem se torne mais produtivo e prazeroso, em um clima agradável para todos e sob total controle.

Observando no contexto educacional dos anos iniciais do ensino fundamental a relação professor/aluno, foi possível perceber o quão diverso e complexo é esse universo, principalmente no que diz respeito à questão da afetividade aliada à dinâmica do ensinar e aprender no dia-a-dia da sala de aula.

Assim, não foi possível perceber na totalidade, uma relação afetiva entre professor e aluno, por mais estratégico que seja esse profissional, pois lhe faltam aparatos e recursos didáticos, humanos e materiais para que o seu fazer pedagógico seja prazeroso, significativo e venha ao encontro das necessidades dos seus educandos.

5 Considerações finais

A afetividade, em todas as relações, sejam elas familiares, pessoais ou profissionais, deve ser a base, pois o afeto é fundamental na vida do ser humano que carece de carinho, atenção e cuidado, independente da sua idade e do seu nível social e cultural.

No ambiente escolar não é diferente. O aluno necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem, de uma forma maior e melhor. Tal estabilidade ocorre quando o educador alicerça um vínculo afetivo com seu educando, exercendo uma pedagogia afetiva, em que os sentimentos e emoções do aluno são tão importantes quanto os conteúdos que precisam ser ensinados.

A sala de aula deve ser sempre um ambiente dinâmico e prazeroso, para que as crianças alcancem o desenvolvimento de suas potencialidades corporais, afetivas, emocionais e cognitivas, obtendo sucesso na sua aprendizagem.

Desta forma, entende-se por afetividade no contexto educacional como o ato de se preocupar com a clientela escolar e reconhecê-la como indivíduos diversos, autônomos, ativos e capazes de agir positivamente sobre a sociedade em que atuam.

Assim, o professor ao respeitar as individualidades dos seus alunos, seus ritmos de aprendizagem e suas diversidades, estará também os ensinando a terem práticas e atitudes de respeito uns pelos outros, desenvolvendo nos mesmos o sentimento de empatia e alteridade.

Conclui-se que a qualidade da prática pedagógica, em qualquer série, não é consequente de uma autoridade excessiva, um ensino/rotina maçante e um alto tom de voz, mas sim de uma troca de afeto e respeito em qualquer situação.

As instituições escolares que primam por propiciar interações sociais e afetivas, contribuem para a formação de alunos inteligentes e felizes, fundamentado em um ensino agradavelmente satisfatório, sem rigor, sem pressão e com amor.

Referências

AZENHA, M.G. **Construtivismo de Piaget a Emília Ferreiro**. São Paulo: Ática, 1994.

BARRIOS, O.; TORRE, S. L. **O curso de formação para educadores.** São Paulo: Madras, 2002.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA, Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética** de Wallon, em La Taille, Y. Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DEWEY, John. **Vida e educação.** 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

_____, **Experiência e educação.** 3. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Froebel**. Revista Nova Escola: Grandes Pensadores. Edição Especial nº 19. Compilação dos volumes 1 e 2, julho, 2008.

KISHIMOTO. T.M. **Jogo, brinquedo e brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MEDEIROS, Alexandro. **Humanização versus desumanização**: Reflexões em torno da pedagogia do oprimido. Revista Reflexões. Fortaleza. Ano 2, n. 3. julho a dezembro de 2013.

MELLO, T e RUBIO, J. de A. S. **A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil**. Revista Eletrônica Saberes da Educação. Volume 4. nº 1. 2013.

MENESES, Hélem Soares de. **Introdução aos estágios de desenvolvimento de Jean Piaget.** Psicologado. 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/introducao-aos-estagios-de-desenvolvimento-de-jean-piaget>. Acesso em: 12 mai. 2016.

NIKEL, Mateus. **Os quatro grandes estágios do desenvolvimento da inteligência.** Blog do Nikel. 2014. Disponível em: <https://blogdonikel.wordpress.com/2014/07/03/os-quatro-grande-estagios-do-desenvolvimento-da-inteligencia-de-jean-piaget/>. Acesso em: 14 jun. 2016.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. **Teorias psicogenéticas em discussão**. Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. 14. ed. São Paulo: Summus, 1992.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Delcio Barros da. **As principais tendências pedagógicas na prática escolar brasileira e seus pressupostos de aprendizagem.** Revista Linguagem e Cidadania. Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEISZ, T. **Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da educação**. 7. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PUBLICIDADE DE ALIMENTO X OBESIDADE INFANTIL

Ana Maria Martins dos Santos[5]
Maria A. Belintane Fermiano[6]

RESUMO
A obesidade e o sobrepeso infantil tem sido objeto mundial de estudos em função do aumento expressivo de crianças que apresentam problemas de saúde por peso inadequado para a faixa etária, uma das causas, é o consumo expressivo de *fast-food* e de produtos de alto valor calórico. Por isso, é alvo, cada vez mais importante de políticas públicas que desenvolvem ações de conscientização para uma alimentação saudável na infância. Essa pesquisa traz a discussão, sobre a possível influência que a publicidade de alimentos pode exercer no consumo de produtos de baixo valor nutritivo pelas crianças. Para a realização desse estudo, foi elaborada uma pesquisa qualitativa e de campo, com aplicação de um questionário com quatro perguntas objetivas e seis subjetivas, respondidas por um grupo de trinta e uma crianças, com a idade de oito anos de escola pública e particular na cidade de Americana – SP, com o objetivo de descobrir quais alimentos elas veem nos comerciais e se querem consumi-los. Com as respostas obtidas, percebeu-se que 100% das crianças assistem à TV, a maioria delas tem preferência pelos alimentos anunciados que são, por sua vez, de baixo valor nutricional. Foram descritos e analisados dois comerciais, um de *fast-food* e outro de refrigerante, ambos são elaborados com linguagem e imagens fantasiosas e que chamam a atenção das crianças.

Palavras-chave: Publicidade; Obesidade Infantil; Televisão.

ABSTRACT
Obesity and overweight has been the object of studies in relation to the significant increase of children who have health problems due to the inadequate weight for age, one of the causes, is the consumption of fast food and products of high caloric value. It is therefore target, increasingly important public policies that develop actions of awareness for a healthy diet in childhood. This research brings the discussion on the possible influence that the advertising of food can exert in the consumption of products of low nutritional value for children. For the realization of this study, a qualitative research and Field, with the application of a questionnaire with four objective questions and six subjective, answered by a group of thirty-one children at the age of eight years of public and private high schools in the city of Americana - SP, with the objective of discovering which foods they see in commercials and if they want to consume them. With the answers obtained, it was found that 100% of children

[5]Aluna do 4º Ano de Pedagogia- Faculdades Network - Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (anapeda@outlook.com)

[6] Profª Drª Maria A. Belintane Fermiano das Faculdades NetWork. (maria.belintane@gmail.com)

watching the television, most of them have a preference for foods announced that are, in turn, low nutritional value. Were described and analyzed two commercials, one of fast-food restaurants and another of soda, both of which are prepared with language and fanciful images and that draw attention of children.

Keywords: *Publicity; Childhood obesity; Television.*

Introdução

Nas últimas décadas e nos dias de hoje, a televisão tem sido utilizada como um veículo poderoso para a publicidade de alimentos, que, por sua vez, bombardeia as crianças com propagandas afetivas e apelativas, influenciando-as a um consumo não só de alimentos, mas também de brinquedos e roupas, especialmente quando tais produtos são apresentados por personagens queridos pelas crianças, como oportunidade de diversão, etc..

A televisão é um veículo de comunicação comum em praticamente todos os lares no mundo, e muitos, contendo mais de um aparelho televisivo em casa. Além de transmitir programas de entretenimento e informações, também é um divulgador de publicidade de alimentos voltados para o público infantil. Considerando o grande número de programas para essa faixa etária, há um verdadeiro bombardeio de publicidade nos horários de comerciais dos filmes, novelas e programas infantis. Esse tipo de comercial é, muitas vezes, apelativo e mexem com a afetividade das crianças, pois fazem junção a personagens mais queridos, brindes e diversão, relacionando-os, especialmente, a alimentos gordurosos, açucarados e ricos em sódio.

A mídia aproveita do mundo infantil para ter seu lucro garantido, pois a criança ainda não possui um conhecimento suficiente para fazer suas próprias escolhas. Com todas as investidas que a mídia faz, acaba trazendo grandes prejuízos ao comportamento alimentar e à saúde, pois o consumo de alimentos de baixo valor nutricional ocasiona obesidade e sobrepeso, o que consequentemente, provoca doenças como a diabetes, hipertensão, entre outras.

Hoje, a obesidade e o sobrepeso estão sendo considerada uma epidemia global, pois vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, estão com números elevadíssimos de pessoas obesas e acima do peso, inclusive as crianças.

Estudos mostram que no Brasil, os números da população com sobrepeso passaram de 42,7% em 2006 para 48,5% em 2011. E o maior índice de sobrepeso está entre os homens, com 52,6% e as mulheres com 44,7%, pois segundo estudos, embora ambos pratiquem alguma atividade física, é os homens que passam maior tempo em frente à TV, o que acaba contribuindo para o aumento de peso. (SBEM, 2016).

Do mesmo modo, a obesidade infantil e o sobrepeso, vêm crescendo em um ritmo acelerado, porquanto os números também são altíssimos e vem sendo causa de várias discussões em todo o mundo.

Segundo pesquisas, indicam que "ainda entre as crianças com menos de cinco anos, observou-se que houve aumento de 4,4% (em 1974) para 7,8% (em 2006) e, se essa progressão permanecer incessante, em dez anos, a proporção terá aumentado para 8,3%. Dessa forma, sugere-se que, em 2016, de uma em cada dez crianças será obesa". (COCETTI et al, 2012 apud TADDEI, TOLONI e SILVA, 2016, p. 181).

A televisão é um dos meios de comunicação mais popular do mundo, e é através dela que milhares de crianças se tornam alvos da publicidade e do marketing, o que acaba influenciando a consumirem cada vez mais produtos alimentícios pobres em benefícios nutricionais e ricos em malefícios a saúde. É o consumo desses alimentos que gera a obesidade e o sobrepeso infantil e consequentemente as doenças relacionadas ao excesso de peso.

Os "médicos e psicólogos culpam a publicidade de alimentos por essa situação, pelo fato de que a maioria dos anúncios de alimentos é de restaurantes do tipo *fast-food* e de alimentos ricos em açúcares e calorias". (SCHOR, 2009 apud ROZANSK, 2011, p.12).

Diante desses fatos, a televisão pode influenciar as crianças na escolha dos alimentos?

Deste modo, essa pesquisa teve como propósito, trazer elementos para discutir fatores que indicam que as crianças, escolhem produtos alimentícios em função da possível influência de comerciais desses produtos de baixo valor nutritivo. Para isso, foram utilizados livros, artigos, entre outras publicações para seu embasamento teórico. Foram feitas entrevistas com trinta e uma crianças com idade de oito anos através de um questionário, para verificar a preferência por alimentos anunciados na TV. Também foram descritos e analisados dois comerciais de alimento e bebida observando-se se, por acaso, eles traziam elementos que chamam a atenção das crianças, induzindo ao seu consumo.

Sendo assim, esse estudo se faz importante, pois tem por objetivo problematizar o consumo infantil de alimentos, com ênfase nos produtos anunciados pela televisão. Pressupõe-se que comerciais dessa natureza possam interferir nas escolhas e no comportamento alimentar das crianças, pois as horas que passam em frente à TV assistindo, às vezes, conteúdos impróprios para sua idade, também ficam expostas a todo tipo de publicidade, e especialmente os programas e comerciais que são feitos especificamente para esse público.

Essa pesquisa visa, então, verificar o interesse da criança por produtos anunciados pela televisão; investigar a preferência da criança por alimentos que vem com brindes; analisar quais os motivos que levam as crianças a quererem comprar esses tipos de alimentos; constatar hábitos alimentares das crianças em função dos comerciais televisivos.

Esse assunto é importante para que a família seja conscientizada sobre um comportamento mais crítico em relação aos alimentos de baixo valor nutricional e sensibilizar o poder público uma vez que é do interesse do Governo e da sociedade querer o bem-estar integral da criança.

Obesidade e sobrepeso, uma epidemia global

Na antiguidade, e em algumas sociedades, a obesidade era vista como símbolo de saúde, beleza e fertilidade. No entanto, com o passar dos tempos esse padrão de estética veio se modificando, simultaneamente, pesquisas comprovaram que a obesidade traz prejuízos à saúde e ao bem estar das pessoas, a ponto de vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, como o Brasil, estarem em estado de alerta, pois o número de pessoas obesas e com sobrepeso vem crescendo desenfreadamente e se tornando um problema de saúde pública.

Segundo Barros Filho (2004),

> Ao mesmo tempo em que se descobria o quanto a obesidade pode ser danosa à saúde, a humanidade testemunhou, nos últimos 50 anos, um aumento da prevalência da obesidade, ao ponto de a Organização Mundial da Saúde considerá-la uma epidemia global. Com início alguns anos mais tarde e de forma, por enquanto,

> menos intensa, vem se observando que o aumento da prevalência da obesidade também está ocorrendo entre crianças e adolescentes, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. No Brasil, enquanto a desnutrição diminuía, a obesidade começou a aumentar. (BARROS FILHO, 2004, p. 1).

Conforme explicou Barros Filho (2004), a obesidade tem sido considerada uma epidemia global, pois, pesquisas mostram que "em todo o mundo, a prevalência da obesidade quase dobrou desde 1980 e em 2014, 11% dos homens e 15% das mulheres com 18 anos ou mais eram obesas". (WHO, 2014 apud TADDEI, TOLONI e SILVA, 2016, p. 180).

Estudos indicam que, no Brasil, a obesidade e o sobrepeso são preocupantes. Pesquisas do Ministério da Saúde apontam que quase a metade da população brasileira está com sobrepeso. (SBEM, 2016).

Embora o termo obesidade e sobrepeso possam confundir e parecer que se trata de uma mesma condição corporal, existe uma diferença entre os dois.

O termo sobrepeso é usado para indicar que o indivíduo está acima do peso ideal, e quando se trata da obesidade, se refere a um excesso de gordura. Para distinguir a obesidade do sobrepeso, especialistas utilizam o IMC (Índice de Massa Corporal) que mede o peso relativo à altura do indivíduo. Uma pessoa com o IMC entre 25 e menos de 30 é considerada com sobrepeso, quando o IMC é de 30 ou mais em um adulto, é considerada obesa. (AZEVEDO, 2016).

Segundo o Ministério da Saúde, pesquisas apontam que os brasileiros consomem em média 29,8% somente em refrigerantes, pelo menos cinco vezes por semana, mas "por outro lado, apenas 20,2% ingerem a quantidade recomendada pela Organização Mundial de Saúde de cinco ou mais porções por dia de frutas e hortaliças". (SBEM, 2016).

Além do consumo frequente de refrigerantes, "um em cada cinco brasileiros, ou 20,1% da população, consomem doces cinco ou mais vezes durante a semana, frequência considerada alta por autoridades de saúde. Entre os jovens de 18 a 24 anos, o índice é ainda maior: 28,5%". (CANCIAN, 2016).

É importante salientar que a obesidade traz vários problemas à saúde como "alterações metabólicas múltiplas que contribuem para o agravamento de doenças cardiovasculares, entre elas a hipertensão arterial e trombose venosa, além de agravar a diabetes mellitus, afecções pulmonares, renais e biliares, bem como alguns tipos de neoplasias". (FRAGOSO, 2009, p. 50).

Seguindo essa análise, dados apontam que as crianças também não ficam de fora no que se refere à obesidade e sobrepeso, pelo contrário, essa epidemia também está atingindo as crianças como afirmam Taddei, Toloni e Silva (2016):

> Mais de 42 milhões de crianças com idade inferior a cinco anos estavam acima do peso em 2013. A prevalência de pré-escolares com excesso de peso está aumentando rapidamente em países de baixa e média rendas. E vale lembrar que a obesidade aumenta o risco de diabetes, hipertensão, doenças coronariana, acidente vascular cerebral e certos tipos de câncer, sendo que em 2014 a prevalência global de diabetes foi estimada em 9%. (WHO, 2014 apud TADDEI, TOLONI e SILVA, 2016, p. 180).

A questão da obesidade infantil e os efeitos causados por ela não atinge só as crianças brasileiras, mas todo o mundo, pois dados da Organização Mundial de Saúde apontam que 63% das mortes no mundo são causadas pelas chamadas doenças crônicas não transmissíveis e que essas doenças chegam a matar 9 milhões de pessoas abaixo de 60 anos de idade todos os dias. Têm-se como principal causa de tais doenças crônicas não transmissíveis, o consumo de

alimentos e bebidas não alcoólicas com baixo valor nutricional, com alto teor de calorias, ricos em sódio, açúcares e gorduras, dando origem a diversas doenças. (HENRIQUES e GONÇALVES, 2013).

Os números de ganho de peso entre as crianças estão cada vez mais elevados, pois além da diminuição do consumo de alimentos básicos como verduras, frutas e legumes e um aumento significativo de alimentos processados e industrializados ricos em gorduras, sódio e açúcares, somados a falta de atividades física e comportamentos pouco saudáveis, vem comprometendo assim, uma dieta mais adequada bem como a saúde e o bem-estar.

De acordo com Jaime (2014),

> Obviamente isso pode ser explicado por uma mudança no padrão de consumo da população brasileira que resultou em uma diminuição do consumo dos alimentos básicos, tradicionais da dieta brasileira, que dialogavam com nossa cultura alimentar, de cada região, pela introdução de alimentos cada vez mais processados, industrializados, modificando não só a qualidade da dieta do ponto de vista nutricional, mas os comportamentos e os hábitos alimentares, como comer em casa, comer em família, o comer compartilhado, por uma substituição por comer em frente à televisão, por comportamentos que não são saudáveis. (JAIME, 2014).

Segundo a coordenadora do projeto Genética de Transtornos Alimentares da Universidade de São Paulo, Sophie Deram (2014) sugere que o consumo de açúcar não pode ultrapassar 10% na dieta diária recomendada pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Deram (2014) explica que:

> o consumo regular de alimentos e bebidas adoçadas pode levar a um ciclo de dependência química. "Na verdade, atua no mesmo receptor da recompensa da cocaína. Realmente, no seu cérebro, ele recebe uma recompensa muito forte com o açúcar e quanto mais açúcar, mais complicado. A criança obesa não é uma criança que só tem gula, que não tem força de vontade. É uma resposta bioquímica. Vai aumentar o apetite e vai diminuir a atividade física. Vai se sentir mais cansada e vai querer comer mais. Comendo mais, ela vai ter risco de entrar em resistência insulínica e ter risco de diabetes". (DERAM, 2014).

A televisão como um dos principais fatores que contribui para a obesidade infantil

Muitos são os fatores que contribuem para a obesidade infantil, como a influência genética, a percepção dos pais em relação ao peso adequado de seus filhos, pois "diversos trabalhos mostram que os pais tendem a subestimar o peso corporal de seus filhos" (TENORIO E COBAYASHI, 2011, p. 635).

De acordo com Tenorio (2011), os pais têm uma visão contraditória em relação à obesidade e ao sobrepeso, definindo-o como corpo forte, robusto, ossos grandes, etc. No nordeste brasileiro, pesquisas mostram que as crianças mais gordas são consideradas as mais saudáveis e bem cuidadas pelos pais, o que é um equívoco.

De acordo com Linn (2006), um dos fatores que é apontado como sendo a principal causa de maus hábitos alimentares, do sedentarismo e o que consequentemente leva a um aumento significativo do peso, é o tempo que a criança passa em frente à televisão. Atrelado a isso, também há hábitos não saudáveis como comer e assistir televisão, pois quando a pessoa está distraída, não percebe que está ingerindo uma quantidade alta de alimento, sem contar com os comerciais de alimentos que aumentam o apetite, levando o indivíduo a ter um desejo insaciável de comer e beber além do necessário. (RECINE e RADAELLI, p. 23).

Tenorio e Cobayashi (2011) explicam que:

> Embora os fatores genéticos predisponham o desenvolvimento da obesidade, os principais determinantes de seu aumento parecem ser os fatores ambientais e comportamentais, como a falta de atividade física, o maior tempo assistindo à televisão e o aumento do consumo de alimentos ricos em açúcares e gorduras.
> O excesso de peso na infância aumenta as chances de obesidade na idade adulta. (TENOTINO & COBAYASHI, 2011, p. 635)

Dessa forma, quanto mais tempo a criança fica exposta à televisão, mais chances de ter obesidade e sobrepeso e a correlação obesidade/tempo que se assiste TV é fortemente comprovada em pesquisas atuais.

Segundo Linn (2006, p. 128)

- A incidência de obesidade é maior entre as crianças que assistem à televisão por quatro horas ou mais diariamente, e menor entre as crianças que assistem por uma hora ou menos.
- As crianças em idade pré-escolar que possuem televisores em seus quartos têm maior propensão a problemas de peso do que as que não possuem.
- Mais de 60% da incidência de peso elevado em crianças entre 10 e 15 anos pode ser causada pelo excesso de exposição à televisão.
- Entre os adolescentes, a incidência de obesidade aumenta 2% para cada hora adicional de exposição à televisão.
- Para muitas crianças, a redução do tempo em frente à televisão reduz o peso.

Não diferente das crianças americanas, mas também as brasileiras cultivam o hábito de passarem grande parte do tempo assistindo à televisão. Henriques e Gonçalves (2013) afirmam que as crianças brasileiras ficam uma média de 5 horas na TV, sendo expostas aos conteúdos veiculados, inclusive a publicidade.

Henriques e Gonçalves (2013), explicam que os alimentos ultraprocessados divulgados pela publicidade direcionados ao público infantil vêm provocando grandes mudanças no comportamento alimentar, trazendo problemas à saúde como a diabetes, hipertensão, entre outras doenças associadas a esse hábito de se alimentar.

Para Fragoso (2009), a televisão é o meio de comunicação que faz parte do cotidiano dos adultos e também das crianças, sendo o meio de entretenimento predileto e bem presente na vida delas em forma de diversão e informação. Nesse quesito a TV se destaca porquanto "pesquisas demonstraram que, entre diversos tipos de entretenimentos, as crianças brasileiras preferem, em primeiro lugar, a TV, os vídeos e os DVD's. Em seguida estão a música, o desenho e as atividades físicas, de lazer e esportivas" (FRAGOSO, 2009, p. 49).

Através desse veículo de comunicação tão comum nos lares, as crianças ficam expostas e totalmente vulneráveis aos bombardeios publicitários, pois ainda não são capazes de discernir um comercial e seu caráter persuasivo e fazer escolhas conscientes, pois "até os 12 anos, a criança não está pronta para isso. Suas relações e escolhas devem ser mediadas por um adulto, afinal ela ainda está sendo educada" (VUOLO, 2011). "Nesse cenário, grandes empresas (principalmente as de brinquedos e alimentos) ampliam, anualmente, seus investimentos em produtos e na publicidade associada a eles" (FRAGOSO, 2009, p. 47).

De acordo com Fermiano (2010), se a publicidade não tivesse o poder de influência sobre as crianças, às empresas não investiriam tanto dinheiro em produtos visando atingi-las.

Schor (2009), citado por Rozanski (2011), diz que as indústrias de alimentos têm um gasto de US$ 33 bilhões ao ano somente com publicidade, o Mc Donald's é um bom exemplo disso, pois chega a investir US$ 500 milhões em anúncio diretamente voltados para o público infantil.

Vuolo ainda salienta que:

> Algumas crianças até conseguem distinguir a publicidade da programação televisiva quando têm entre 3 e 4 anos; muitas conseguem fazê-lo na idade de 6 a 8. Mas somente aos 10 anos de idade é que todas as crianças têm essa capacidade de distinção, quando conseguem identificar a natureza comercial da publicidade. No entanto, a maior parte das crianças não consegue explicar o caráter persuasivo da publicidade antes dos 12 anos. (VUOLO, 2011).

As indústrias dizem que é dever dos pais proteger seus filhos diante dos bombardeios do marketing, e que a causa da obesidade é a falta de participação dos pais na vida das crianças, deixando-as a mercê da televisão por várias horas. É difícil para a família defender seus filhos dos bombardeios incessantes das indústrias, que chegam a gastar US$ 15 bilhões por ano, com o objetivo de persuadir as crianças a amolarem seus pais, diminuindo assim, sua autoridade. (LINN, 2006).

De acordo com Henriques e Gonçalves (2013), há quem pense que é dos pais a única e completa responsabilidade para tratar esses assuntos, mas sozinhos as famílias não conseguem lidar com o ataque de publicidades tão presente e contínuo na vida das crianças, embora seja fundamental a participação da família na educação em geral. Há que se considerar que a Constituição Brasileira dispõe sobre esse assunto em seu Art.227 que é dever da família, da sociedade e do Estado proteger a criança e o adolescente. (CF, 1988).

Além disso, no documentário Consumo de criança (2008) revela o quanto às empresas estão, cada vez mais, se especializando em conhecer profundamente o que as crianças gostam de comer, vestir e brincar. Tendo como aliados os psicólogos, antropólogos, sociólogos e cientistas comportamentais que estudam minuciosamente a criança, a fim de explorar o universo infantil para alcançar seus objetivos, visando o lucro e tê-las como consumidores fiéis aos seus produtos.

Parte dos conteúdos exibidos na TV é direcionada as crianças porque ficam totalmente expostas a uma quantidade excessiva de publicidade que foi estudada e desenvolvida com intuito de dialogar com elas. (SILVA, 2012)

Também, "constatou-se que as mensagens são fundamentalmente afetivas, com ênfase no sabor dos alimentos e no prazer, havendo pouca referência aos aspectos nutricionais e de saúde" (REIS, 2011, p. 629) não incentivando uma alimentação saudável e reforçando o consumo de alimentos com baixo valor nutricional.

Segundo Reis (2011), pesquisas feitas pelo Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutrição da UnB (Universidade de Brasília) mostram que, depois de ter sido analisado mais de quatro mil horas de transmissão televisiva, foi constatado que a maior parte das propagandas exibidas são de alimentos ricos em gorduras, açúcares e sal, como *fast-food*, refrigerantes, biscoitos doces, etc. Chegando a um total de 72% de publicidade exibidos nos horários em que as crianças costumam estar em casa, ou seja, é um verdadeiro bombardeio das campanhas publicitárias. Esses alimentos que causam obesidade estão nas mensagens publicitárias e mais ainda, estão "atrelados à saúde, à beleza, ao bem-estar, à juventude, à energia e ao prazer e a conceitos de ascensão social, de pertencimento e diversão". (BEZERRA; SICHIERI, 2011; TOLONI et al, 2013; LANG et al, 2009 apud TADDEI; TOLONI; SILVA, 2016, p. 184).

Esse tipo de publicidade é bem persuasivo e com grande influência nas escolhas das crianças, pois "um comercial de 30 segundos pode influenciar as escolhas de marcas de até mesmo crianças de dois anos e a exposição repetida tem um impacto ainda maior" (LINN, 2006, p. 131).

A utilização de “personagens, ou mascotes são facilmente reconhecidos pelas crianças. Desde os desenhos mais simples às cores vivas e a expressividade das emoções atribuídas a eles. Fazem parte dos personagens serem porta-voz ideal entre a empresa e a criança” (SOARES, 2013, p. 7).

Com a intenção de obter a atenção da criança, são usadas algumas estratégias, como por exemplo, o uso de alimentos associados à diversão, aos personagens favoritos, e a brindes.

Segundo Linn (2006), uma grande parte dos programas e filmes divulgados na TV, apresenta algum tipo de promoção atrelado a alimentos, que são facilmente encontrados em qualquer supermercado, pois o próprio programa acaba sendo um anunciante desses alimentos, criando assim uma relação entre a mídia e os produtores de alimentos.

Um bom exemplo dessa ligação entre a mídia e o alimento, é a empresa McDonald’s, pois em seus pacotes promocionais como o McLanche Feliz, utiliza-se a estratégia de adquirir o brinde na compra do lanche, ou seja, esse tipo de venda visa atingir diretamente o público infantil, porque associa o produto gostoso com a diversão, reforçando a má alimentação das crianças. (FRAGOSO, 2009).

Taddei; Toloni e Silva (2016) ainda afirmam que:

> O público infantil é o mais vulnerável aos apelos promocionais, e, dessa forma, a propaganda, a publicidade e a promoção de alimentos influenciam as escolhas alimentares das crianças. Além disso, muitos comerciais de produtos alimentícios voltados a esse público utilizam como atrativos personagens e/ou brindes, o que acarreta a associação do paladar agradável do produto à ideia de diversão e felicidade, incentivando, assim, seu consumo (HARRIS et al, 2009; VASCONCELLOS et al, 2007; LANG et al, 2009 apud TADDEI; TOLONI e SILVA, 2016, p. 186).

Para Henriques e Gonçalves (2013), a divulgação de promoções de brindes juntamente com alimentos de baixo valor nutricional, interfere consideravelmente nos hábitos alimentares das crianças de tal modo que, “de acordo com a pesquisa realizada pelo DataFolha em janeiro de 2010, guloseimas sem valor nutricional, como bolachas, refrigerantes e salgadinhos, são os produtos mais desejados por eles. Além disso, 85% dos pais afirmam que as peças publicitárias influenciam na escolha dos filhos” (HENRIQUES e GONÇALVES, 2013, p. 22).

A venda casada é proibida e, recentemente, o Tribunal de Justiça deu causa ganha para o Ministério Público de Direitos Difusos e Coletivos do Consumidor do Estado de São Paulo, em que a estratégia de marketing da campanha publicitária da empresa Pandurata Alimentos Ltda tratava-se de uma abusividade infantil. A estratégia utilizada era a seguinte: “por meio da compra de cinco produtos da linha “Gulosos” somada ao pagamento de R$ 5,00 (cinco reais), a criança recebia um relógio de pulso com a imagem do personagem Shrek. Tais relógios eram, ainda, colecionáveis e disponíveis em quatro modelos diferentes” (HENRIQUES e GONÇALVES, 2013, p. 43). A pena aplicada para essa empresa de alimentos é uma multa no valor de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais).

Henriques e Gonçalves (2013, p. 41) explicam que, a empresa Dolly do Brasil Refrigerantes Ltda. também foi processada por causa da sua publicidade, pois dizia ser a bebida “perfeita para o lanche e preferida pelas mães”, sendo que esse tipo de bebida não contém nenhuma espécie de valor nutricional, e é direcionada ao público infantil incentivando assim o consumo, sugerindo que são autorizadas e incentivadas pelas mães. A condenação dessa empresa era de não mais veicular publicidade dirigida a crianças e adolescentes, relacionando refrigerantes açucarados com uma vida saudável, e de não realizar qualquer

promoção, sorteios ou distribuição de brindes ou prêmios com o intuito de estimular o consumo de refrigerantes. A multa para o não cumprimento dessa pena é de R$ 10.000.000,00 (dez milhões de reais).

As empresas McDonald's e Habbib's também foram multadas por veicular publicidade de venda casada direcionada ao público infantil. (HENRIQUES e GONÇALVES, 2013).

Vários países "controlam e proíbem a publicidade de alimentos na televisão. Há outros que controlam essas propagandas em determinados horários, como o de programação infantil". (REIS, 2011, p. 629).

Países como a França e os Estados Unidos, têm adotado medidas para a proibição de publicidades de alimentos não saudáveis direcionados as crianças, tendo como principal justificativa a preocupação com a saúde e o bem estar dos pequenos, pois entendem que a publicidade está diretamente relacionada com a causa do grande aumento da obesidade infantil bem como os danos associados a ela. (MULLIGAN, KWAN, CHUNG, JENNY, SWIREN, CHIU, LEE, e GELBORT, 2013).

No Brasil ainda não existe uma Lei específica que proíba totalmente as empresas de veicular publicidade de alimentos e bebida de baixo valor nutricional direcionado para as crianças, mas sim, a autorregulamentação por parte das empresas, diante disso Reis (2011) diz que:

> Faz-se necessário um aprofundamento do diálogo do setor público com as indústrias de alimentos e dos meios de comunicação e marketing, com o objetivo de mudar progressivamente a demanda e eliminar a promoção de produtos alimentícios e de bebidas que contribuam para o aumento do peso e suas possíveis comorbidades. (REIS, 2011, P. 629).

Ainda que no Brasil exista uma legislação específica para proteger a criança e seus direitos como é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda assim, "não o blinda da existência de constantes violações aos direitos e garantias da criança, inclusive no âmbito da comunicação". (HENRIQUES e GONÇALVES, 2013, p. 81).

Uma lei que regulamente a publicidade de produtos alimentícios de baixo valor nutricional aliado à venda casada é de grande importância, pois tem como principal tarefa, zelar pela promoção da saúde, a prevenção de doenças e o bem-estar dos pequenos.

Metodologia

Essa pesquisa é de natureza não experimental, sendo descritiva, qualitativa e pesquisa de campo.

Para a realização dessa pesquisa foi utilizado livros, artigos, TCC's, sites, vídeos e comerciais televisivos. Foi aplicada uma entrevista através de um questionário com quatro perguntas objetivas e seis subjetivas, respondidas por trinta e uma crianças com idade de oito anos de escola pública e particular na cidade de Americana – SP. Essas crianças foram autorizadas pelos pais através de um preenchimento de autorização para participar da pesquisa, não sendo obrigadas a responderem e poderiam interromper quando quisessem.

Dois comerciais televisivos foram analisados, sendo um de alimentos e um de refrigerante, com o objetivo de mostrar como o marketing de alimentos e bebidas que usam os personagens favoritos, podem influenciar as crianças a quererem esses produtos.

Apresentação e análise de dados

Serão apresentadas abaixo as respostas obtidas de cada pergunta do questionário.

Os 31 participantes da pesquisa assistem televisão conforme mostra a tabela 1. Isso significa que todas essas crianças têm acesso à publicidade de alimentos não saudáveis e também consomem esses produtos, isso será demonstrado a seguir nas demais tabelas.

Tabela 1: Distribuição das respostas "Você assiste à TV"?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Sim	31	100%
Total	31	100%

Na tabela 2 foi observado que as crianças entrevistadas compram alimentos que veem na televisão. Isso já indica como os comerciais influenciam as crianças a quererem os produtos que lhes são oferecidos.

Nessa pergunta o percentual foi calculado tendo como base o número de respostas, que foi 82%. Isso ocorreu porque as crianças puderam citar mais de um alimento.

Tabela 2: Distribuição das respostas "assinale os alimentos que você vê na TV e que sempre pede para seus pais comprar".

Alimentos	**Nº de respostas**	**%**
Lanches	16	19,5%
Salgadinhos	15	18,5%
Chocolate	13	16%
Refrigerantes	12	14,5%
Outros	12	14,5%
Bolachas, balas	10	12,5%
Iogurte	4	4,5%
Total	82	100%

Na tabela 3 a maioria das crianças responde que pede esses produtos porque gostam e sentem vontade. Isso leva a crer que o tipo de comercial direcionado à criança consegue atingir seu objetivo, ou seja, ela sente interesse e desejo de prová-los. Considerando o tipo de produto que as crianças pedem para os pais comprarem, como exposto na tabela 2, é possível inferir que há relação entre a influência da publicidade e o desejo de compra. Com o tempo, esses alimentos passam a ser os preferidos pelas crianças.

Tabela 3: Distribuição das respostas "Por que você pede esses produtos"?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Porque gosta	22	70,5%
Porque fica com vontade	5	16,5%
Porque acha bom	3	9,5%
Porque gosta de colecionar	1	3,5%
Total	31	100%

Na tabela 4 todos os personagens citados pelas crianças, são de desenhos animados, filmes e novelas. Observa-se que todas elas possuem seu personagem preferido. O detalhe é

que muitos desses personagens fazem parte da publicidade de alimentos, o que talvez faça com que as crianças tenham maior interesse na escolha desses produtos. Nessa pergunta o percentual foi calculado tendo como base o número de respostas, que foi 69%. Isso ocorreu porque as crianças puderam citar mais de um personagem.

Tabela 4: Distribuição das respostas "escreva quais são os seus 3 personagens preferidos"

Personagens	**Nº de respostas**	**%**
Personagens citados 2 vezes	26	37,5%
Personagens diversos	21	30,5%
Barbie	7	10,5%
Homem Aranha	5	7,5%
Simpsons	4	5%
Bob Esponja	3	4,5%
Turma da Mônica	3	4,5%
Total	69	100%

Na tabela 5 observa-se que há uma informação interessante nas respostas. 22,5% afirma que não gosta dos produtos. 12,5% diz que não vê, provavelmente se a criança visse um produto com seu personagem, talvez comprasse. E 32%, afirma comprar o produto com seu personagem preferido. Provavelmente, as crianças tiveram uma representação diferente da intenção da pergunta e entenderam que o personagem poderia estar em qualquer tipo de produto, não necessariamente, somente em produtos alimentícios, que era o objetivo primeiro.

Tabela 5: Distribuição das respostas "Os produtos que você pede para seus pais comprarem tem seu personagem preferido"?

Respostas	Nº de crianças	%
Não	22	70,5%
Sim	9	29,5%
Total	31	100%

Por quê?

Respostas	Nº de crianças	%
Porque eu gosto	10	32%
Porque não gosto	7	22,5%
Outras respostas	5	16,5%
Sem resposta	5	16,5%
Porque nunca vejo	4	12,5%
Total	31	100%

A tabela 6 demonstra que 51,5% das crianças faz coleção de algum personagem como a Barbie, entre outros. Muitos desses personagens são apresentados como brinde de alimentos como Mc Lanche Feliz, ovos de Páscoa, entre outros produtos.

Na tabela 6a, desconsiderando o percentual da categoria "sem resposta", observa-se que 48,5% das crianças têm um personagem o qual faz coleção. Ao analisar o resultado da tabela 4, na qual 100% das crianças possuem um personagem preferido e a tabela 6ª, é possível perceber que há um alto percentual de crianças, 48,5%, que, caso um produto seja lançado

com um “brinde” cujo personagem seja o seu preferido, a probabilidade dela querer adquiri-lo é maior do que produtos que não tenham brinde.

Podemos inferir que produtos que apresentam algum brinde incentivam as crianças quererem consumi-los. Isso é confirmado na tabela 7.

Na tabela 6b, pode-se dizer que 28,5% das crianças sabem dizer o alimento que traz personagem de brinde.

Tabela 6: Distribuição das respostas “você faz coleção de algum personagem”?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Sim	16	51,5%
Não	15	48,5%
Total	31	100%

Tabela 6a: Qual?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Sem resposta	10	32,5%
Personagens diversos	10	32,5%
Nenhum	6	19%
Barbie	3	9,5%
Cartinha mini craft	2	6,5%
Total	31	100%

Tabela 6b: Ele é brinquedo de qual alimento?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Sem resposta	10	32,5%
Nenhum	7	22,5%
Não sabe	5	16,5%
Outros alimentos	4	12,5%
Mc’ Donald’s	3	9,5%
Ovo de Páscoa	2	6,5%
Total	31	100%

Na tabela 7, 54,5% das crianças entrevistadas gostam do alimento que vem com seu personagem preferido.

Esse é o objetivo do marketing de alimentos, unir o “útil ao agradável”, ou seja, ser um produto gostoso e divertido ao mesmo tempo.

Tabela 7: Distribuição das respostas “você gosta e come esse alimento que tem o brinde”?

Respostas	**Nº de crianças**	**%**
Sim	17	54,5%
Não	14	45,5%
Total	31	100%

Comercial de alimento e bebida

Foi importante para o desenvolvimento dessa pesquisa observar, quais as características de alguns dos comerciais veiculados na televisão para compreender melhor as estratégias de persuasão.

A seguir seguem as respectivas descrições e análise

Descrição do comercial 1

Marca: Dolly Produto: Refrigerante Tempo: 30 segundos
Personagens: Toda a família, amigos e o personagem Dolly refrigerante.

O comercial é apresentado com várias situações do cotidiano.

1º situação:

Inicia com uma criança com copo do refrigerante abraçando sua mãe que está com uma garrafa pet Dolly na mão e o personagem Dolly atrás delas olhando.

Enquanto toda a família, crianças e amigos estão se divertindo dentro e fora da piscina, a narradora anuncia:

- Todos nós queremos o melhor para a família e pra quem amamos.

2º situação:

A mãe está preparando a lancheira do seu filho colocando o guaraná Dolly junto com o lanche, enquanto a narradora continua anunciando que:

- Você reparou que, além de ser o melhor, Dolly dá sorte de termos felicidade, sorte de termos amigos, sorte de termos família?

3º situação:

Aparece o avô e o neto no sofá, jogando vídeo game quando chega à avó com uma bandeja trazendo lanche e o refrigerante Dolly. Também faz parte da cena o próprio personagem do refrigerante Dolly, atrás do sofá pulando de alegria, enquanto a avó serve Dolly a eles.

4º situação:

Um casal está sentado no sofá assistindo televisão com pipoca e o refrigerante Dolly. A frente deles uma mesa de centro com três Dolly.

5º situação:

Em uma festa de aniversário de criança, está toda a família e amigos presentes em volta da mesa com o aniversariante inclusive a Dolly cantando parabéns. A mesa está repleta de todos os sabores do refrigerante.

6º situação:

Em uma refeição onde está o pai e as crianças, a mãe chega com o refrigerante Dolly de dois litros, e todos enquanto comem, bebem esse produto.

A narradora termina anunciando que:

- É por isso que a Dolly está presente nos momentos felizes que compartilhamos com a família e amigos, sorte de termos Dolly o melhor.

O comercial é finalizado com a imagem do refrigerante Dolly de dois litros e o personagem da Dolly se despedindo.

Análise: o comercial trabalha com vários elementos de afetividade trazendo imagens da família, dos avós, amigos, momentos de lazer, festa de aniversário, refeições. O personagem faz a interlocução de que bons momentos, alegria, prazer, diversão só podem ser efetivados quando o produto é consumido, ele é o agente desse universo mágico e perfeito. Além de que a família, zelosa pelo bem-estar das crianças, faz questão de ter o refrigerante sempre à mão.

O contexto do comercial é dirigido à criança, com linguagem acessível, cenário fantasioso e uso do personagem infantil, a mascote.

O refrigerante tem alto teor de açúcar e as crianças são estimuladas a consumirem-no, indo na contramão de campanhas de combate à obesidade infantil, realizadas pelo poder público uma vez que há correlação entre publicidade e obesidade.

Esse informe publicitário, assim como toda a campanha mercadológica da empresa Dolly foi objeto de denúncia pelo Instituto Alana ao Ministério Público. Apesar de todo esforço para condenação da empresa, em 2013, o:

> Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo acolheu o recurso de apelação da empresa, modificando a decisão do Juiz de primeira instância que havia sido favorável ao Ministério Público. Em 16.5.2013, o caso transitou em julgado, não sendo mais possível ao Ministério Público recorrer da decisão. (CRIANÇA e CONSUMO, 2016).

Descrição do comercial 2

Marca: Mc Donad's Produto: Mc Lanche Feliz Tempo: 30 segundos
Personagens: Mc Lanche Feliz, Angry Birds e Danoninho em desenho animado.

O comercial inicia com o Mc Lanche Feliz que não consegue abrir a porta da casa, quando tem a ideia de pegar um dos Angry Birds e colocá-lo em um grande estilingue, puxando-o para trás, enquanto outro Mc Lanche Feliz com chapéu fazendo uma horta vê o que está acontecendo e grita "não", mas mesmo assim o Angry Birds é lançado em direção a casa. Ele consegue abrir a porta saindo com uma chave no bico, mas a casa fica totalmente destruída. Eles se olham e começam a dar risada da situação.

Então o narrador anuncia:

- Angry Birds chegaram no Mc Lanche Feliz com oito pelúcias para brincar e escaneando o código do brinquedo, você pode ter ainda mais diversão com o Danoninho de sobremesa.

Enquanto o narrador fala, aparecem os oitos Angry Birds de pelúcia e ao final o kit do Mc Lanche Feliz com batatas fritas, lanche, suco e o Danoninho.

O comercial finaliza com o Mc Lanche Feliz e o personagem Danoninho, surfando juntos em uma onda de Danone.

Análise: O comercial tem desenhos que remetem a um mundo fantástico, conversam com as crianças, utilizando personagens queridos por elas. O Mc Lanche Feliz tem suas campanhas publicitárias criadas a partir da venda casada de lanche e brinquedos. Estes, por sua vez, vem sempre em mais de uma opção, incentivando a criança a fazer toda a coleção; estão atrelados a personagens de filmes lançados recentemente, desenhos, eventos atuais. As campanhas não se repetem, mostrando sempre que aquele é o momento de adquirir o brinde.

A rede de *fast-food* McDonald's também tem sido alvo de denúncias por publicidade dirigida à criança com as campanhas criadas para o seu produto "Mc Lanche Feliz", em ações do Instituto Alana ao Ministério Público. Nem sempre as decisões são favoráveis à saúde e bem-estar das crianças.

Considerações finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como a publicidade televisiva de produtos alimentícios direcionados ao público infantil, contendo baixo valor nutricional, ricos em gorduras, sódio e açúcar, tem influenciado e contribuído para um consumo excessivo, levando a um crescente aumento da obesidade infantil e do sobrepeso, trazendo graves consequências à saúde das crianças como a diabetes, hipertensão, entre outros problemas.

De um modo geral, os dados coletados mostram que as crianças gostam e sentem vontade de consumir tais alimentos anunciados na TV, inclusive os produtos que vem com brinde ou que contenham a imagem de algum personagem de filmes, desenhos ou novelas em suas embalagens. Isso é o suficiente para seduzi-las e levá-las ao consumo desses tipos de produtos. De modo geral, as crianças têm e fazem coleção de algum personagem que gostam. Observa-se então, o quanto a publicidade é apelativa, potencialmente persuasiva e influencia no comportamento e nas escolhas dos alimentos, usando estratégias como, por exemplo, os personagens favoritos, diversão, fantasia, etc.

Segundo Barros Filho e Meucci (2016) afirmam que:

> Os produtos infantis utilizam em comerciais muitas linguagens iconográficas de apelo infantil, como imagem de desenhos animados: Batman, Barbie, Galinha Pintadinha, entre outros. A criança confia nesses personagens e não sabe diferenciar claramente a fantasia do desenho e a realidade do produto que pode lhe fazer mal – a admiração da beleza da Barbie pode levar ao consumo de doces e sucos calóricos que não a deixará com a aparência da personagem, mas que acarretará problemas de saúde, como obesidade infantil e diabetes. (BARROS FILHO E MEUCCI, 2016, p. 150).

Os dados ainda apontam que 100% das crianças assistem à televisão, isso significa que estão expostas diariamente às investidas das mensagens publicitárias direcionadas e projetadas especialmente para elas, a fim de induzi-las ao consumo. As crianças, muitas vezes, pedem para seus pais comprarem os alimentos que veem na TV, não porque gostam tanto assim do produto, mas porque vem com brinde ou então faz parte de alguma programação que assiste e vem com o personagem que gosta, entre outros fatores apelativos.

Observa-se que a maioria dos personagens que as crianças gostam de colecionar como a Barbie, por exemplo, faz parte de um brinde que vem junto com o Mc Lanche Feliz, ou seja, a criança se interessa pelo lanche por causa do brinquedo. O alimento associado ao brinquedo é um dos meios que o marketing utiliza para chamar a atenção das crianças para o produto que se quer vender. A venda casada é proibida, mas como ainda não há uma regulamentação mais rigorosa, algumas empresas acabam burlando esta proibição e continuam com este tipo de venda.

Diante das respostas das crianças que participaram dessa pesquisa, ficou evidente que a publicidade de alimentos através da televisão, tem grande influência nas escolhas e no comportamento alimentar delas.

É pela televisão que a publicidade tem maior espaço para divulgar seus produtos, visto que é ainda a mídia mais popular no Brasil, pois está presente em 98% das casas brasileiras e 88% das crianças preferem assistir TV. (HENRIQUES et al, 2012; HAWKES, 2006; COON et al, 2001; ROSSI et al, 2010 apud TADDEI; TOLONI e SILVA, 2016).

Diante desses números, percebe-se que fica difícil para os pais competir com os bombardeios publicitários, mas não é impossível, pois algumas atitudes podem ser tomadas como, por exemplo, limitar o acesso e o tempo em frente à TV, desligar a televisão durante as refeições, essas atitudes traz dois benefícios: o primeiro porque diminui a exposição à

publicidade e o segundo porque promove uma interação entre a família. (LINN, 2006). Essas são algumas atitudes que os pais podem tomar e evitar o consumo excessivo.

Todos os recursos utilizados nessa pesquisa, não deixam dúvidas de que a publicidade televisiva é fortemente persuasiva e que induz as crianças ao consumo de alimentos pouco saudáveis.

Dada à importância do tema, torna-se necessário a criação de leis e projetos para que tenham maior rigorosidade no controle das publicidades dirigidas aos pequenos, para que promova a saúde e o bem-estar das crianças, que possam desencadear hábitos alimentares mais saudáveis e consequentemente a diminuição da obesidade e do sobrepeso.

Como explicam Henriques e Gonçalves (2013):

> Não há dúvidas ser fundamental a promoção de campanhas públicas de incentivo ao consumo de uma dieta alimentar balanceada e de realização de atividades físicas. No entanto, sabe-se que com a crescente substituição de uma alimentação tradicional por alimentos ultraprocessados, apenas esta vertente promotiva não é suficiente. Sendo a publicidade fator que influencia sobremaneira esta mudança de comportamento alimentar é fundamental que ações sejam tomadas também no campo da regulamentação da publicidade destes alimentos e em especial da comunicação mercadológica dirigida às crianças. (HENRIQUES e GONÇÃLVES, 2013, p. 79).

Portanto, é importante que toda a sociedade tenha a conscientização e a compreensão de que zelar e proteger nossas crianças é um dever de todos, não deixando a família como a única responsável pela proteção, saúde e o bem-estar social, claro que é fundamental para criança que a família proporcione tudo isso, mas cabe a todos, família, escola e governo, ter um mesmo objetivo, que é honrar as crianças integralmente.

Referências

AZEVEDO, G. A. **Qual a diferença entre sobrepeso e obesidade?** São Paulo, 2016. Disponível em: <http://dralexander.com.br/?p=4616>. Acesso em: 05 set. 2016.

BARROS, F. A. Um quebra-cabeça chamado obesidade= Obesity: a puzzling disorder. **Jornal de Pediatria**, Porto alegre, n. 1, p. 1-3, jan.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000100001>. Acesso em: 05 mai. 2016.

BARROS, F. C.; MEUCCI, A. **A defesa liberal da restrição publicitária ao público infantil: ética e educação.** São Paulo: 1. ed. Instituto Alana. 2016, 353 p.

BRASIL. **Constituição** (1988).

CANCIAN, N. **Um quinto dos brasileiros consome doces em excesso, diz pesquisa**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2016/04/1758570>. Acesso em: 01 mai. 2016.

DERAM, S. **Obesidade entre as crianças atinge índices de epidemia no Brasil.** Brasília-DF, 2014. Disponível em: http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/03/obesidade-entre-as-criancas-atinge-indices-de-epidemia-no-brasil>. Acesso em: 01 mai. 2016.

FRAGOSO, A. D. P. **Infância e Consumo: estudos no campo da comunicação**. Brasília-DF: ANDI; Instituto Alana, 2009. 160 p.

FERMIANO, Maria. B. **Roda de Conversa**: "Capitalismo, consumo e propaganda" Publicidade e infância, uma relação desigual. Fórum "Ser criança e adolescente em uma sociedade desigual". Centro de Convenções da Unicamp, Campinas, SP, 2015.

HENRIQUES, I.; GONÇALVES, A. T. **Publicidade de Alimentos e Crianças:** regulação no Brasil e no mundo. São Paulo: Ed. Saraiva, 2013. 159 p.

INSTITUTO ALANA. **Criança e Consumo**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/acoes/dolly-do-brasil-refrigerantes-dollynho/>. Acesso em: 03 out 2016.

JAIME, P. **Obesidade entre crianças atinge índices de epidemia no Brasil**. Brasília-DF, 2014. Disponível em: http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2014/03/obesidade-entre-as-criancas-atinge-indices-de-epidemia-no-brasil>. Acesso em: 01 mai. 2016.

LINN, S. **Crianças do Consumo: A infância roubada**. 1. ed. São Paulo: Instituto Alana, 2006. 319 p.

MULLIGAN, A.; KWAN, A.; CHUNG, A.; JENNY, B.; SWIREN, J.; CHIU, K.; LEE, M.; GELBORT, J. **Publicidade de Alimentos e Crianças:** regulação no Brasil e no mundo. São Paulo: Ed. Saraiva, 2013. 159 p.

RECINE, E.; RADAELLI, P. **Obesidade e Desnutrição**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obesidade_desnutricao.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2016.

REIS, C.; VASCONCELOS, I.; BARROS, J. Políticas públicas de nutrição para o controle da obesidade infantil = Policies on nutrition for controlling childhood obesity. **Artigo de Revisão**, Viçosa-MG, p. 625-632, jan. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n4/24.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2016.

ROZANSK, J. **Publicidade Infantil:** Análise de estratégias de comunicação em comerciais de alimentos. 2011. 94 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Comunicação Social – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Departamento de Comunicação, Porto Alegre, 2011.

SBEM. **Números da Obesidade no Brasil**. Humaitá-RJ, 2016. Disponível em: http://www.endocrino.org.br/numeros-da-obesidade-no-brasil/>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SILVA, A. V. **Parecer:** A Constitucionalidade da Restrição da Publicidade de Alimentos e de Bebidas Não Alcoólicas voltada ao Público Infantil. São Paulo: Instituto Alana, 2012. 31 p.

SOARES, S.; BORGES, A.; KOIKE, A.; ALMEIDA, K. **A Força da Publicidade Infantil**: Composto de Marketing e as Embalagens dos Produtos Alimentícios da Turma da Mônica. Manaus-AM, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0715-2.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

TADDEI, J.; TOLONI, M.; SILVA, G. **A Publicidade de alimentos dirigida a criança e a saúde das futuras gerações**. São Paulo: 1. ed. Instituto Alana. 2016, 353 p.

TENORIO, S.A.; COBAYASHI. Obesidade infantil na percepção dos pais = Perception of childhood obesity by parentes. **Revista Paulista de Pediatria. Artigo de Revisão**, São Paulo, n. 4, p. 634-639, dez. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4060/406038939025.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2016.

VUOLO, G. **O impacto da publicidade na infância**. Goiás, 2011. Disponível em: <http://aredacao.com.br/artigos/1931/o-impacto-da-publicidade-na-infancia>. Acesso em: 24 abr. 2016.

Vídeo

Consumo de crianças – A comercialização da infância. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mLuRH7nmhy4>. Acesso em: 25 mai. 2016.

AUTOESTIMA E AFETO PARA APRENDIZAGEM NAS CRECHES: COMPORTAMENTO DEFENSIVO E A MORDIDA

Patrícia Yoshimi Hayashida Ferreira[7]
Luis Carlos Gonçalves[8]

RESUMO
O desenvolvimento com os alunos em convívio social na escola exige partilhar os espaços desses alunos. A afetividade possibilita vários caminhos que as levam para o progresso, tanto na escola como fora dela. É importante para que eles se desenvolvam, mas, em alguns, a agressividade não permite que sejam inclusos em suas atividades, precisando investigar como esse processo está sendo refletido, desde suas causas. Na ausência da autoestima e afeto, o desenvolvimento e aprendizagem delas é impossibilitada de conhecimentos desde a infância. Por presenciar alunos com autoestima baixa, carentes e muitas vezes agressivos em sala de aula, podemos analisar que a ausência do afeto dessas crianças pode resultar em conflito. Trabalhando a autoestima dentro do espaço que temos para que não haja oportunidades para a agressão na forma de mordida. Através desta pesquisa, procurou-se saber como se pode ajudar e de que forma interferir para obter resultados positivos para o aprendizado em face dessas dificuldades. O estudo para a realização deste artigo foi de tipo bibliográfico, documental e de campo, com observação numa creche particular e aplicação de questionários a professoras e diretora da instituição.

Palavras-chave: Educação Infantil; Diálogo; Carinho.

ABSTRACT
The development with students in social life in school requires sharing spaces of these students. Affection enables multiple paths that lead to progress, both in and outside school. It is important for them to develop, but some, aggression not allow them to be included in their activities, need to investigate how this process is reflected from its causes. In the absence of self-esteem and affect the development and learning of them is unable to know from childhood. By witness students with low self-esteem, poor and often aggressive in the classroom, we can analyze that the absence of affection of these children may result in conflict. Working self-esteem within the space we have so there is no opportunity for aggression in the form of bite. Through this research, we tried to find out how you can help and how to intervene to achieve positive results for learning in the face of these difficulties. The study for the realization of this article was bibliographic, document type and field observation with a private nursery and questionnaires to teachers and director of the institution.

Keywords: *Child education; Dialogue; Endearment.*

[7] Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: patricia_ferreira37@outlook.com).
[8] Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br).

1 Introdução

Nesses anos trabalhando com crianças de 0 a 2 anos pude vivenciar as dificuldades que enfrentam nessa faixa etária em conviver com outras crianças desafiando seus medos, adaptações com pessoas desconhecidas até então, precisando passar a maior parte de seu dia dividindo espaço e a atenção de todos, onde levam muitas vezes enfrentarem suas dificuldades com agressão seja no choro como usando a mordida para chamar atenção ou ate mesmo por conta das modificações em deixar sua família para estar com outras pessoas com hábitos diferentes. Analisando, então, mais a fundo esta questão que gera pontos de interrogação, as causas e soluções para lidar e resolver a mordida e agressão em sala de aula.

2 Revisão Bibliográfica

Segundo Tiba (2006), as crianças já começam a ir para a escola mesmo antes de estarem preparadas para a convivência escolar. Por conta disso, muitas reações podem surgir. Sendo assim, elas não devem ser entendidas como crianças más, porém como crianças que estão reagindo a certas modificações que lhes são impostas decorrentes da mudança do contexto familiar para o escolar.

Nessas condições, as crianças usam o que conhecem, seja porque já usaram em casa, seja porque viram alguém usando. Não usariam caso não conseguissem os resultados esperados. Se com uma mordida, a criança afasta-se de quem ela não gosta, chama a atenção de outras pessoas ou mostra que não quer ser contrariada nem rejeitada, toma de volta um lugar ou um brinquedo. Sendo assim, por que não o fazê-lo.

A criança na idade entre 0 a 2 anos já possui suas maneiras diárias de convivência. Ao chegar à escola depara com pessoas e hábitos diferentes do que é acostumada a viver durante esse período, sem contar que a maturidade da criança nem sempre acompanha sua idade cronológica a diferenças entre elas.

Segundo Costa (2015), as salas devem ser agradáveis, seguras, limpas, arejadas, com janelas que fiquem abertas para que haja a troca de ar (protegida com rede ou grade). Portanto onde essa criança irá ficar precisa ser bem aconchegante, bem chamativo, espaçoso e iluminado, para também não ser um motivo de cansaço e choro durante o período.

Camões citada por Pais & Filhos (2009) chama a atenção que as crianças devem ser educadas e ensinadas desde os primeiros anos a reprimir e controlar os impulsos agressivos. A agressividade vai diminuindo de intensidade à medida que a criança vai amadurecendo, levando esta a conseguir controlar os impulsos agressivos e a lidar com a frustação.

Moreira (2013) diz que, com o processo de industrialização, na segunda metade do século XIX, com a inserção da mulher no mercado de trabalho e com o processo de urbanização, o atendimento em creche foi ampliado, não só, para atender aos filhos das mães trabalhadoras, que não tinham com quem deixá-los enquanto trabalhavam, mas também para garantir a qualidade da mão de obra, especialmente porque as creches passaram a ser algo vantajoso para os empresários, pois, mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor.

Assim, a creche é justificada não por objetivos relacionados ao desenvolvimento da criança, mas aos relacionados às necessidades das famílias, especialmente às das mães de contarem com apoio no cuidado e na educação dos filhos pequenos.

Podemos entender que a maioria das vezes as crianças vão prematuramente para a escola, pois seus familiares se propõem a trabalhar para manutençao da casa. Enfim, podemos perceber também que muitas vezes não teria a necessidade de estar todos empenhados em trabalhar tantas horas por dia deixando a criança muitas vezes de 8 a 10 horas diarias na creche.

> Por mais que haja mudanças para as crianças e famílias que já frequentam o ambiente escolar, a grande transformação ocorre quando a criança vai pela primeira vez para a escola. Pais e filhos saem do conhecido meio familiar para um ambiente com caras e coisas às vezes bastante desconhecidas. De um lado, ganham novas possibilidades de relacionamento e aprendizagem; de outro, se deparam com certa dose de ansiedade, insegurança, incertezas e medos decorrentes da situação inédita (GRIENFIELD, 2016).

Nota se que nesse processo da separação de familiares e criança, no ato de deixar seu filho numa creche sempre, há uma certa insegurança principalmente da familia. Percebendo essa dificuldade, a criança logo sente também. Isso poderá ocasionar um resultado de agressividade. Para Agmont (201?) é preciso fazer essa referência ao final do seu trabalho, na prática, é preciso estar convicto de que se está fazendo o melhor pela criança. Caso contrário, o risco de seu filho chorar, espernear, chutar, cuspir, arremessar brinquedos é grande, o que o levará a repudiar a escola.

Essa agressividade se manifesta através de choros, birras, pontapés e mordeduras em crianças de 0 a 2 anos, podendo assim intervir, dizendo não a esses comportamentos, e não deixando de falar nas recompensas (carinhos, beijinhos) quando tem suas atitudes corretas. Na opinião de Santos citado por Pais & Filhos (2009) é preciso fazer essa referência ao final do seu trabalho, as crianças têm manifestações de agressividade desde muito cedo. Os bebês pequenos não são capazes de comportamentos agressivos, como bater ou dar um soco, mas têm recursos ao choro e gritos, por vezes, com grande persistência, e expressão facial para exprimir o seu descontentamento ou frustação. Podemos considerar as manifestações vocais e faciais de zanga como os primeiros sinais de agressividade nos bebês. Antes do primeiro ano são capazes de morder, beliscar, dar pontapés ou bater, tendo coordenação motora suficiente pra isso.

> Trata-se de expressão de emoções não organizada, não acolhidas e que de algum modo, encontram com o veículo uma atitude mais impulsiva, um comportamento menos correto. Manifestações que frequentemente por não terem quem possa ver ou acolher no sentido de compreender se repetem até que alguém perceba que aquela criança está a solicitar que olhem para ela, que a ajudem a crescer bem (PAIS & FILHOS, 2009).

Podendo assim familiares e escola, principalmente o professor dessa criança, estarem mais próximos para poderem entrar numa suposta concordância em como trabalhar essa energia excessiva. No caso do professor, passeios fora da sala, ou seja, a mudança de ambiente, para ter uma aproximaçãao maior com a criança podendo trazer calma nesse momento de agitação.

Segundo Rocha (201?), a disputa por um brinquedo, disputa pela atenção de alguém que gosta, birras e gritarias quando contrariada, estes são comportamentos muito comuns nesta fase, porém, é fundamental a imposição de limites, interferindo quando necessário e explicando que a atitude não é correta, já que as crianças desta idade não têm a noção de que estão machucando o "outro". A agressividade pode ter o objetivo de machucar ou não, muitas

vezes surge apenas pelo desejo de conquistar algo. Não devemos achar que tudo é normal para uma crianca pequena, morder chutar, bater muitas vezes pode parecer “bonitinho” mas se não tratado, conversado, acompanhado, pode vir a se tornar um problema quando esta criança estiver maior e ter que enfrentar problemas maiores.

Em Babycenter (201?), é possível encontrar exemplos de como se pode abordar uma criança nessa faixa etária quando dá demonstração de agressividade, evitando "raciocinar", usando perguntas como: "Como você se sentiria se outra criança jogasse uma bola em você?". Crianças pequenas de até 2 anos não conseguem se imaginar no lugar de outra ou mudar de comportamento baseado nesse tipo de conversa. Mas elas entendem quando uma atitude gera consequências negativas.

Sendo assim, podemos entender que uma das formas para começarmos a desenvolver o agir trabalhando com a agressividade da criança seria o diálogo e, em seguida, uma atitude, sempre respeitando o limite e espaço dessa criança, mas não deixando de fazê-lo para seu bom desenvolvimento, sempre centrada no objetivo, falando com firmeza e não gritando, nem xingando a criança, tanto para os familiares como para professores e cuidadores, pois a criança em tudo ela tira um exemplo e nesse caso o exemplo será de quem esta intervindo.

Em Morais (2009), outra atitude importante para lidar com estas crianças é a capacidade para manter a calma. Trata-se de uma tarefa difícil, às vezes estafante, mas frutífera. Mas é importante reconhecermos que estamos perante uma criança que não é capaz de controlar as suas próprias emoções, pelo que, se o adulto “perder as estribeiras”, acabará por reforçar positivamente a agressividade da criança. Às vezes, o melhor é “sair de cena” e tentar se acalmar antes de reagir, mesmo que se tenha que dizer à criança: “O teu comportamento está a enervar-me tanto que eu preciso de me acalmar primeiro”.

Mas depois é preciso voltar e atuar com a firmeza que a situação exige. Isto mostrará à criança que os adultos, tal como ela, também sentem raiva e ficam chateados. Sendo a raiva a emoção mais fácil de sentir, muitas crianças acabam por usar o comportamento agressivo ou desafiador para mascarar outros sentimentos, como a profunda tristeza. É importante ajudá-las a usar as palavras para expressar a sua dor e/ou para falar sobre as situações adversas.

Entende-se que a criança, desde muito pequena, pode e deve disciplinar suas emoções a base de uma boa conversa nas situações que a afligem, poderá ter sua professora como uma pessoa de confiança.

> Quando existe uma agressão por parte da criança, importante perguntar o motivo de tal gesto. Posteriormente, fazê-la pedir desculpas à agredida, incentivando o diálogo e ser paciente. Muitas vezes o tom de voz é determinante e diz mais do que as palavras. (GOMES, 2008).

Assim podemos notar, mais uma vez, a importância de cautela ao disciplinar as emoções que podem se manifestar com atitudes agressivas por parte da criança. Compreende-se a necessidade de centrar o trabalho com base no diálogo e muita paciência diante dos problemas, caminhando juntamente com os familiares para que tudo que for trabalhado em questão de comportamento com essa criança seja trabalhado em casa.

Assim, para Monteiro (201?) diz que entramos no século XXI com muitas mudanças na educação. A facilidade de acesso de nossos educadores às ideias e teorias desenvolvidas por pesquisadores e escritores muito tem contribuído para o desenvolvimento da qualidade da educação no Brasil. Mas, ao mesmo tempo em que a escola se desenvolve, juntamente com a família parece perder o poder e o espaço que outrora tiveram na formação do indivíduo, pois as crianças começaram a entrar mais cedo na escola, fato que pode favorecê-las (quando a criança é bem acompanhada pelos pais) ou prejudicá-las (quando os pais por deixá-la durante

muito tempo na escola gerando, na mesma, um sentimento de descaso em relação ao seu desenvolvimento).

Faz-se necessário buscar novos caminhos que levem a família, a escola e a comunidade a assumirem o seu verdadeiro papel neste processo. Neste sentido, Santos (2002) citado por Monteiro (201?) afirma que a ausência de limites, instituídas na educação familiar por pais demasiadamente tolerantes, fecunda consequências desastrosas, produzindo crianças indisciplinadas, agressivas, insolentes e que vivem conflitos internos demonstrando insegurança em tudo o que realizam.

A indisciplina e a agressividade constituem um desafio para os docentes, representam um dos principais obstáculos ao trabalho pedagógico demonstrando a ausência de regras e limites por parte da criança.

Sendo necessário, com isso, o participar desses familiares junto à escola e professora da criança, onde se trabalhará a indisciplina e a agressão presente, pois se pode ver a necessidade da extensão de trabalho realizado o dia todo em uma escola pelos profissionais, para a obtenção de resultados favoráveis muito mais rápidos.

O professor, com sua visão em fazer melhor para aqueles alunos, busca se aprofundar no assunto para poder ajudar no desenvolvimento deles e também sabendo trabalhar com liberdade sem ser autoritário nas diversas ocasiões em sala de aula.

> Paulo Freire defende que para ser democrático o professor deve assumir seu papel independente de dar aulas em uma escola pública de periferia ou na melhor escola particular da cidade. É propiciar as condições necessárias para a prática docente e dar o seu melhor onde quer que esteja. Para se ter liberdade e se proporcionar liberdade em sala de aula é uma questão de amadurecimento físico-social de cada um. O ser humano não nasce "pronto" com suas relações e formações psíquicas formadas em relação a um ser humano adulto. Cabe a nós professores, pais, cidadãos a dar condições para uma boa formação de caráter. O caráter vem de nossas escolhas tomadas no decorrer da vida e a consciência de que para cada escolha temos uma consequência que só ele será capaz de lidar com ela.
> Tudo isso envolve no aluno ter a autonomia de fazer suas escolhas, mas nosso papel é de alertá-los sobre as consequências, mas não de influenciá-los em suas escolhas. (PEDAGOGIA 1B, 2011).

Pode-se então entender que a criança desde muito pequena começa a ser ensinada a caminhar dentro de um amadurecimento contínuo em autonomia, assim, devendo os familiares e professores transmitir essas qualidades da melhor forma sem influenciá-la nas escolhas. Porém, sempre temos outro dever a pensar sobre a liberdade caminhando junto com a autoridade, sendo necessário trabalhar esse entendimento para que aconteça o respeito de familiares com o aluno, do aluno para com a escola, exemplificando que autoridade não se conquista a base de gritos e sim com liberdade colocando os limites sem que perca o respeito para cada qual.

Segundo Campos (2013), "ser educadora é ao mesmo tempo construir a liberdade com o aluno, porém demonstrando pelo exemplo que o professor é autoridade na sala de aula". Sung (2008) aponta a definição freireana de que a pretensão da liberdade sem limites ou acima de qualquer limite, que ele identifica como licenciosidade, é tão negadora da liberdade quanto o é a liberdade asfixiada ou castrada.

Vemos então que há muitos cuidados a serem estudados acerca da liberdade, como no ato de aplicar a liberdade para não se tornar algo sem controle, onde todos poderão sofrer o prejuízo causado.

> O autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade; e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. Autoritarismo e licenciosidade são formas indisciplinadas de comportamento que negam o que venham chamando a vocação ontológica do ser humano. Assim como inexiste disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, a autoridade ou a liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais (FREIRE, 1996, p. 99)

Cada vez que paramos para analisar esses comportamentos precisamos pensar no papel importante que temos dentro da educação e da sociedade, pensando assim com muito respeito e amor a essa profissão e colocando isto em prática para que haja essa liberdade proposta.

Ainda que ao longo do dia ocorram as dificuldades, precisa-se trabalhar com esperança e acreditando que todo esforço que se pratica hoje resultará em direitos e deveres com dignidade, na construção de uma sociedade que tenha como seu alicerce a luta pela paz. Uma cultura de paz é a própria paz em ação. Significa imbuir-se de uma consciência de valores da não violência social.

Educar para essa cultura é buscar construir a paz, que não é simplesmente a ausência de guerra e nem quer dizer resignação e passividade. Ela não elimina conflitos ou oposições, mas a resolução pacífica dos mesmos, trabalhando o dissenso, respeitando as diferenças, mudando radicalmente o paradigma que dá sustentação ao modelo civilizatório vigente. A cultura de paz não aceita a violência física, sexual, étnica, psicológica, de classe, das palavras e de ações.

Imbuindo-se destas premissas, a creche tem como papel fundamental o cuidado com o afeto e com o pedagógico, ambos para o desenvolvimento integral da criança.

> No Brasil a creche surgiu nos anos 50 com a estruturação do capitalismo, sua função era assistencialista e por muito tempo seu objetivo era o combate à pobreza e mortalidade infantil. Ao longo desse tempo a sociedade passou por inúmeras mudanças e consequentemente vários conceitos e valores foram modificados. Com a creche não foi diferente, hoje além do cuidar afetivo existe o cuidar pedagógico e a preocupação com o desenvolvimento humano desde os primeiros meses de vida (SIMAS, 2010).

Oliveira e Miguel (2012) afirmam que as instituições de educação infantil passam a ter a responsabilidade de oferecer às crianças condições para aprendizagens que podem ser na forma de brincadeiras ou aquelas propiciadas por situações pedagógicas, sejam elas intencionais ou orientadas por adultos. Vale dizer que tais aprendizagens se integram ao processo de desenvolvimento infantil.

A forma em que deve se realizar o trabalho dentro da creche a partir do momento que a criança inicia sua vivência ali, sua expressão corporal, seu intelectual e sua coordenação motora fina e grossa se aperfeiçoará dentro de tudo que é proposto para essa criança, dentro de um planejamento bem desenvolvido de acordo com o plano pedagógico de ensino proposto pela instituição. Pode-se, para isso, trabalhar brincadeiras com bolas, jornais, cordas, balões, música e muitas outras coisas para a efetivação do brincar. Também outros materiais como o papel, revistas, giz, massa de modelar, sempre focando o seu desenvolvimento junto com o plano já mencionado acima.

> Piaget denominou o estágio que vai desde o nascimento até 2 anos de vida da criança como período sensório-motor. Utilizou essa denominação, pois é durante os primeiros anos de vida que o bebê primeiramente percebe o mundo e atua nele, onde coordena as sensações vivenciadas junto com comportamentos motores simples, juntando o sensorial a uma coordenação motora primária. O bebê tem sensações e descobre o mundo através do deslocamento de seu corpo. Há uma interdependência em perceber o mundo e atuar nesse mundo. Nesse período, os bebês desenvolvem a capacidade de reconhecer a existência de um mundo externo a eles, tendo autonomia para explorá-lo e construir sua percepção de mundo. Passam a agir não mais apenas por reflexo, mas direcionam seus comportamentos tendo objetivos a alcançar (MENESES, 2012).

Menezes (2012), relata também que a capacidade de manipular símbolos proporciona à criança ampliar suas percepções e experiências, não estando mais limitadas a experiências imediatas, apenas ao seu alcance. Elas já são capazes de reproduzir uma ação mesmo quando não está mais à sua frente. Surge o "faz de conta", pensa antes de agir, têm compreensão de causa e efeito, podendo então resolver problemas.

E essas conquistas para o desenvolvimento cognitivo da criança serão graças a um bom trabalho realizado dentro da creche, com seu papel bem definido e vivenciado por todos aqueles que estão envolvidos nessa visão de aprendizagem. Direção, coordenação, educadores e familiares, todos focados em um plano e objetivo proposto para que assim seja desenvolvido o afetivo, o cognitivo e o pedagógico, sem que haja prejuízos nem perda de tempo, mais muito que vivenciar junto a eles.

Assim, é possível afirmar que a creche é um espaço onde se é possível cuidar e ao mesmo tempo educar, num processo de elevação do desenvolvimento integral, e mais, especificamente, emocional das crianças para que elas possam apresentar maneiras de se comportar, de forma defensiva ou não, sem recorrer a atitudes violentas, numa perspectiva de uma cultura de paz, lembrando que, com referência à mordida: "Em geral, o agredido não entende o porquê daquilo. E o autor do gesto não o vê necessariamente como uma violência" (MELLO, 2014).

3 Metodologia

O estudo para a realização deste artigo foi não-experimental, de tipo bibliográfico e documental com bases teóricas para alicerçar esse estudo no tema abordado, e de campo na Escola de Educação Happy Baby, situada na cidade de Sumaré-SP.

Os instrumentos para coleta de dados utilizados foram: a documentação como forma de registro e sistematização, a observação no próprio ambiente onde o objeto de estudo se encontra e a aplicação de um questionário constituído por questões abertas e fechadas, que foi respondido por três educadoras, sendo a coordenadora pedagógica da instituição e duas professoras de creche, uma que trabalha com alunos de 2 anos e outra com alunos de 4 meses a 1 ano 6 meses.

4 Resultados e Discussões

Como dito acima, foram utilizados questionários como instrumento para coleta de dados. Seguem abaixo os questionários com as respectivas respostas oferecidas pelas professoras Cleide Paula da Silva Luiz, denominada de Professora A, e Cássia Aparecida Lopes, denominada de Professora B. E pela diretora Gabriela Santa Chiara.

A- Questionário para as professoras com suas repostas:

1) Quais são as formas que você acredita que os alunos de creche se utilizam como demonstração de agressividade ou para chamar atenção?

   Professora A: *Morder e bater nos amiguinhos e professoras.*
   Professora B: *Acredito pela vivência que eles mostram agressividade quando quer chamar a atenção por algum motivo, ou quando ainda não falam e precisam se expressar.*

2) Que tipo de aula você acha que deva ser ministrada para evitar que as crianças tenham demonstrações de agressividade?

   Professora A: *Aulas dinâmicas que chamam a atenção da criança.*
   Professora B: *Músicas que os envolvam, roda da conversa, história não muito longa, pois eles não se prendem por muito tempo, e muito dialogo.*

3) Dentre essas formas de demonstração de agressividade ou para chamar a atenção, têm-se as mordidas. Se isso já aconteceu em alguma de suas aulas, qual foi a atitude que você tomou (Mesmo que não tenha acontecido, que atitude você tomaria):
   a) Em relação à criança que mordeu?

   Professora A: *De abaixar na altura da criança e dizer que não pode morder o amiguinho e mostrar a ele que o amiguinho está chorando e ele sentiu dor.*
   Professora B: *Sempre incentivo a criança a cuidar do dodói, com algodãozinho molhado, e converso com eles que isso não é legal e que o amiguinho sentiu dor.*

   b) Em relação à criança que foi mordida?

   Professora A: não respondeu.
   Professora B: *Geralmente acontece quando ocorre algum conflito envolvendo brinquedos, daí converso que se ele quer aquele brinquedo, espera sua vez e cada um brinca um pouquinho, muito diálogo.*

4) Como você acha que a família deve ser envolvida nos casos em que se faz frequente a mordida ou outras demonstrações de agressividade da criança?
   Professora A: *Sim, pois é preciso investigar se em casa está tendo brincadeiras de mordidas ou se está saindo dentinho, fator importante nos casos de mordida e, nesses casos, orientamos os pais a passar uma pomadinha para aliviar o desconforto da criança.*
   Professora B: *Todos têm que ser envolvidos, escola, família e trabalhar juntos para superar a fase, quando as famílias de ambas as partes entendem é bem mais fácil de trabalhar.*

B- Questionário para a diretora com suas respostas:

1) Quais são as formas que você acredita que os alunos de creche se utilizam como demonstração de agressividade ou para chamar atenção?

   As crianças quando não estão bem emocionalmente ou fisicamente, podem sim nos demonstrar alterações de comportamento, tais como: choro frequente; falta de interesse e envolvimento na dinâmica da sala; não se socializa com os pares; demonstra irritabilidade; joga as coisas; empurra quem se aproxima; não conseguindo se expressar verbalmente usa da mordida para conseguir seus objetivos e desejos e/ou expressar a raiva, defendendo suas coisas e não querendo dividir; até mesmo surgindo a dentição, é uma fase que aparece as mordidas; brincadeiras em casa com a família em que, na hora do afeto, praticam "mordidinhas", essas acabam por representar com os amigos.

2) Dentre as formas de demonstração de agressividade ou para chamar a atenção dos alunos de creche, pesquisas apontam as mordidas. Se isso já aconteceu nesta instituição, qual foi a atitude que você tomou (Mesmo que não tenha acontecido, que atitude você tomaria):

   Nossa escola preocupada com o bem estar das crianças e com um olhar em seu desenvolvimento por completo, ficamos bem atentas ao seu emocional, assim praticamos:
   - *Chamar os pais e pesquisar a rotina em casa;*
   - *Questionar o sono como está, a saúde, as brincadeiras;*
   - *Colocar seu comportamento na escola;*
   - *Os "combinados" em que não estão funcionando, esses mais elaborados, dependendo da idade;*
   - *Usar figuras para representar (com os menores);*
   - *Usar histórias específicas como ferramentas e auxílio;*
   - *Usar maçã (dinâmica) para expor a função dos dentes;*
   - *Dinâmicas de afeto e socialização;*
   - *Sugerir pomada caso seja dentição, orientada pela pediatra;*
   - *Dispor texto informativo aos pais, os orientando sobre a fase da mordida;*
   - *Só se for o caso dessa fase demorar em passar, sugerir consulta com psicóloga e adquirir orientações/dicas para família e escola trabalhando em parceria.*
   - *Importante sempre manterem uma relação próxima, favorecendo o desenvolvimento saudável da criança.*

Além dos questionários, também se utilizou das observações como instrumento de coleta de dados. Essa observação ocorreu em dois dias, sendo um dia junto à sala da Professora A e outro dia junto à sala da Professora B.

Na sala da Professora A tem10 alunos, sendo 6 meninas e 4 meninos, 3 crianças meio período: 1 menino e 2 meninas. Com a idade de 1 ano e 3 meses. Na sala da Professora B, tem 17 alunos sendo 9 meninos e 7 meninas, 4 em período integral. Com a idade de 1 ano e 6 meses.

Tanto no primeiro dia, quanto no segundo dia, pude observar que a rotina foi a seguinte: 7h sala de vídeo; 7h30 lanche da manhã no refeitório; 8h foram para sala, onde fica

no andar de cima da escola; 8h15 para a sala de estimulação pedagógica; 9h foram ao tanque de areia; 10h servido o almoço; 10h30 se realizaram trocas e soninho; 12h foi dada a mamadeira; 13h30 servido um lanche; 14h ocorreram atividades pedagógicas; 15h foi servida a janta; 15h30 foi dado o banho; 16h é proporcionado o "soninho"; 17h é dada a mamadeira, bem como sendo o horário da saída.

A escola possui um numero razoável de alunos em um espaço pequeno para a quantidade e, mesmo assim, a professora consegue propor uma dinâmica que envolva os alunos de tal maneira que há uma integração de forma harmônica, evitando possíveis manifestações de agressividade.

Percebi muita calma e atenção ao interagir com as crianças, sempre com muito diálogo e diversificando bastante as atividades. A sala é bem arejada e bem iluminada. Com bastante "musiquinhas" no decorrer do dia. Em cada atividade, banho, refeições e até mesmo na hora do "soninho" havia músicas para cada situação.

As atividades pedagógicas foram realizadas com diversos materiais como, tinta guache, tecido, papel, giz de cera, colagem, jornais, rolinhos de papel higiênico, massinhas e são aplicadas junto à professora, às vezes, todos juntos, às vezes, um por vez. As brincadeiras são bastante coletivas como o faz de conta em que brincaram com panelinhas e outros brinquedos de "casinha".

Às vezes uma disputa de um brinquedo, onde tem chorinho e até ficaram nervosos, mas a professora A logo interveio com diálogo e de forma afetiva. São crianças muito calmas e adaptadas à rotina e os funcionários.

5 Considerações finais

A criança na faixa etária de atendimento de creche morde para se defender ou querer algo em troca. Mostra que não quer ser contrariada nem rejeitada. Por essa razão, escola, família e professores devem caminhar juntos para assim trabalhar os sentimentos dessa criança, trazendo um bom resultado, com o relacionamento mais próximo entre todos os envolvidos nessa parceria tão significativa.

Colocando sempre a importância de se trabalhar o emocional da criança, o ambiente em que fica, tanto na escola como em casa, tudo bem explorado para poder tranquilizar essa criança diante de sua realidade. Aprendendo a lidar com seus sentimentos e frustrações, disponibilizando para ela diálogo, afeto e brincadeiras.

Além de muita calma e amor por aquilo que está fazendo, pois o trabalhar de uma dificuldade também faz parte do dia a dia dessa criança, que ainda muito nova está adentrando a uma vivência totalmente diferente de seus hábitos até ali. O dividir, a presença de mais colegas diariamente, o deixar seus familiares por um longo período, pessoas estranhas, até então, desconfortos.

Essa pesquisa foi de grande valia para meus conhecimentos, chegando à conclusão de que é possível sim o caminhar junto, a confiança de todos um para com o outro, o diálogo com a criança, entre a escola e a família.

Referências

AGMONT, Giuliano. **Adaptação da criança na escola**. Portal M de Mulher. 201?. Disponível em: <http://m.mdemulher.abril.com.br/familia/bebe/adaptacao-da-crianca-na-escola>. Acesso em: 18 abr. 2016.

BABY center. **Agressão:** como lidar com mordidas, tapas, chutes e outros. Portal Baby Center. 201?. Disponível em: <http://brasil.babycenter.com/a3400341/agress%25C3%25A3o-como-lidar-com-mordidas-tapas-chutes-e-outros#ixzz47WWIBJPs>. Acesso em: 25 abr. 2016.

CAMPOS, Midiã Lúcia Rocha de. **Ensinar exige liberdade e autoridade**. Portal Educação. Artigo publicado em 25 jan, 2013. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/29994/ensinar-exige-liberdade-e-autoridade#ixzz47XKq3w2X>. Acesso em: 02 mai. 2016.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA, Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

COSTA, Ângela Affonso Zanon. **Dicas para escolher uma creche para o seu bebê**. Blog Pediatria por Amor. Artigo publicado em nov. 2015. Disponível em: <https://pediatraporamor.wordpress.com/tag/creche-segura>.
Acesso em: 11 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Bruno Pereira. **A agressividade nas crianças**. Blog À Conversa com Pais. Artigo publicado em fev 2008. Disponível em: <http://aconversacompais.blogspot.com.br/2008/03/estratgias-de-combate-agressividade.html>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GRINFELD, Patrícia L. Paione. **Alguns cuidados importantes no primeiro processo de adaptação da criança na escola**. Portal Ninguém Cresce Sozinho. Artigo publicado em 01 ago. 2016. Disponível em: <http://ninguemcrescesozinho.com.br/2016/08/01/alguns-cuidados-importantes-no-primeiro-processo-de-adaptacao-da-crianca-na-escola/>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MELLO, Raphaela de Campos. **Mordidas na creche**: conheça medidas para evitar o problema e como reagir quando ele acontece. Revista Nova Escola. ed. 275. set. 2014. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/mordidas-creche-educacao-infantil-crianca-dente-815426.shtml>. Acesso em: 12 mai. 2016.

MENESES, Helena Soares de. **O período sensório-motor de Piaget.** Portal Psicologado. Artigo publicado em jul. 2012. Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-periodo-sensorio-motor-de-piaget>. Acesso em: 11 mai. 2016.

MONTEIRO, Millena. **Indisciplina e agressividade:** prevenção e intervenção no contexto escolar. Portal Brasil Escola. 201?. Disponível em: <http://monografias.brasilescola.uol.com.br/educacao/indisciplina-agressividade-prevencao-intervencao-no-.htm.>. Acesso em: 26 abr. 2016.

MORAIS, Cláudia. **Crianças agressivas**. Blog A Psicóloga. Artigo publicado em 23 nov. 2009. Disponível em: <http://www.apsicologa.com/2009/11/criancas-agressivas.html>. Acesso em: 25 abr. 2016.

MOREIRA, Camila. **Creche:** direito da mãe trabalhadora ou direito da criança?. Portal JusBrasil. 2013. Disponível em: <http://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/112347105/creche-direito-da-mae-trabalhadora-ou-direito-da-crianca>. Acesso em: 18 abr. 2016.

OLIVEIRA, Débora Regina de, MIGUEL, Ana Silvia Bergantini. A nova concepção de creche pós-LDB (Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96). **Revista Fafibe On-Line. ano V. n. 5**. nov. 2012. Centro Universitário UNIFAFIBE. Bebedouro (SP). Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/21/21112012211307.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

PAIS & filhos . **Criancas agressivas**. **Revista eletrônica.** Publicado em 17 abr. 2009. Disponível em: <http://www.paisefilhos.pt/index.php/criancas/dos-3-aos-5-anos/1321-crian-agressivas>. Acesso em: 11 abr. 2016.

PEDAGOGIA 1B. **Ensinar exige liberdade e autoridade**. Blog Sete Autores da Eeducação artigo publicado em 9 jun. 2011. Disponível em: <http://seteeducadores.blogspot.com.br/2011/06/ensinar-exige-liberdade-e-autoridade.html>. Acesso em: 02 mai. 2016.

ROCHA, Regina. **Agressividade infantil e adolescente**. Blog Psicóloga Regina. 201?. Disponível em: <http://www.psicologaregina.com.br/agressividade-infantil-e-adolescente/>. Acesso em: 19 abr. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMAS, Daniela. **O papel da creche nos dias de hoje.** Blog Orientadoreducacional. dsimais. Artigo publicado em 25 ago. 2010. Disponivel em: <http://assessoriapedagogicadanielasimas.blogspot.com.br/2010/08/o-papel-da-creche-nos-dias-de-hoje.html>. Acesso em: 10 mai. 2016.

SUNG, Jung Mo. Licenciosidade**.** In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica, 2008.

TIBA, Içami. **Disciplina:** limite na medida certa. São Paulo: Integrare, 2006.

VIGOTSKI, Levi Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

A MÚSICA COMO INSTRUMENTAL PEDAGÓGICO PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marisa Souza Monzani[9]
Luis Carlos Gonçalves[10]

RESUMO
O ensino com a música proporciona à criança a oportunidade de se expressar, de desenvolver suas potencialidades, desde a criatividade até a superação de certos bloqueios, como o medo e a insegurança, perdendo-se a timidez que pode ser um fator que atrapalha na aprendizagem. Para tanto, este estudo busca discutir até que ponto a musicalização contribui para o desenvolvimento da criança na educação e em que medida a ausência de professores especializados em música dificulta no desenvolvimento cognitivo infantil. Portanto, este artigo se propõe a ajudar na ampliação da discussão sobre a importância da música como instrumento pedagógico, além de demonstrar como ela contribui para tornar o ambiente educativo mais alegre e favorável à aprendizagem. Esse estudo se utilizou de levantamento bibliográfico e documental, e de aplicação de questionário aberto e fechado, respondido por professoras da Educação Infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Aprendizagem; Ludicidade.

ABSTRACT
Teaching with music gives children the opportunity to express themselves, to develop their potential, from creativity to overcome certain blockages, such as fear and insecurity, losing the shyness that can be a factor that hinders learning. Therefore, this study discusses the extent to which musicalizacion contributes to the development of children in education and to what extent the lack of specialist teachers in music hampers the child's cognitive development. Therefore, this article aims to help expand the discussion about the importance of music as an educational tool and demonstrates how it contributes to make the most joyful and educational environment conducive to learning. This study was used bibliographic and documentary survey, and open and closed questionnaire, answered by teachers of early childhood education.

Keywords: *Child Development; Learning; Playfulness.*

1 Introdução

[9]Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: marisa_camp@hotmail.com)
[10]Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

A música, usada como processo de construção do conhecimento faz com que a criança conheça a si mesma e ajuda no reforço do desenvolvimento linguístico, psicomotor e socioafetivo do aluno. Se conhecermos os benefícios da música para o desenvolvimento na educação infantil, torna-se bem mais fácil criar propostas pedagógicas que possibilitem adentrar no mundo da criança, consequentemente, contribuir para a sua formação integral e assim tornar a musicalização estratégia de ensino.

Trabalhar com a música na educação infantil é usar um instrumento que possibilita a criança desenvolver fatores como: a concentração, a memória, a coordenação motora, a socialização, a acuidade auditiva e a disciplina.

> Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar (inibição psicomotora, debilidade psicomotora, instabilidade psicomotora, etc.). Por isso é tão importante à escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento (BARRETO, 2000, p. 45).

Todo ato de educar deve ter como foco o crescimento integral do aluno, assim ele terá uma vida harmoniosa consigo e com o seu meio. Dentre tantas estratégias usadas pelo professor, o uso da música na educação estimula diversas habilidades importantes para o desenvolvimento infantil e contribui, por exemplo, para a socialização, no que se refere à convivência em grupo e na aceitação das diferenças,

2 Revisão Bibliográfica

Arte (em latim: *ars, artis*) vem de *ágere* e quer dizer agir. A arte é a criação do homem, nasce de sua ação, um meio de produzir ou fabricar alguma coisa. É muito difícil conceituarmos o que é arte porque ela muda conforme o tempo e a cultura do ser humano, ou seja, tem uma definição variável.

De qualquer forma, precisa-se chegar a um acordo. Portanto, consultando o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2009, p. 54) "arte é o conjunto de atos e atividades pelos quais se busca o belo. O modo de fazer, realizar um projeto".

Partindo desse ponto, entende-se que a arte reúne competências e técnicas para criar algo. Mas, não se pode esquecer das ideias, da estética e das emoções, pois, toda obra de arte inclui esses itens, assim "mesmo sem possuirmos uma definição clara do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo arte" (COLI, 1995, p. 8).

Desse modo, podemos formar uma concepção de arte como sendo algo que faz parte da cultura do homem, pois, através dela representam-se sentimentos, desejos e, também, sua realidade. Sendo assim, podemos seguir com nossos objetivos e pensar agora qual a importância da arte para a educação, já que, sem dúvidas, podemos constatar que essa área do conhecimento possui alguma importância para a formação do ser humano. Se não, não estaria no currículo nacional de nossas escolas.

Em concordância a essa reflexão, ressalta-se que:

> A arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve [...]. Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento representacional que caracterizam a arte. Se pretendemos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade,

> da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para capturar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessárias à modificação dessa realidade (BARBOSA, 1991, p. 4-5).

Nota-se que a Arte está presente nas mais diversas situações de nossa rotina desde as mais simples, até as mais sofisticadas. Como afirma Barbosa (1991), a arte é um excelente meio de desenvolvimento dos pensamentos e atitudes dos alunos. Através dela, cria-se na criança, senso crítico que possibilita ter um olhar amplo e completo de sua realidade, ou seja, constrói uma relação homem-mundo, além de desenvolver o comportamento de respeitar a arte de outros povos e suas culturas.

Com isso, as crianças se tornam conscientes de que a arte compõe uma série de outras linguagens, pois, se se observa os primeiros povos da história é possível reconhecer arte em suas pinturas e rabiscos, e também a música usada em suas comemorações.

O uso da Arte na Educação Infantil possibilita ao aluno descobrir e usar suas emoções para inventar, criar e confrontar esses conhecimentos através de seu olhar observador. Quando se trabalha atividades lúdicas com música, dança, jogos, teatro, da oportunidade aos alunos de aprender enquanto brincam, tornando as atividades prazerosas e obtendo melhores resultados de ensino aprendizagem.

> Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, p. 69).

O professor, ao conduzir o aluno ao processo de construção do conhecimento, deverá também levá-lo a refletir, pensar e investigar, através das atividades tornando a aprendizagem significativa, na qual deverão aprender fazendo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN’s (1997), a criança consegue manifestar seus sentimentos ou o que ela olha através de seu desenho, do teatro, da música ou da dança. Portanto, a Arte auxilia a criança a desenvolver suas potencialidades com a criatividade, bem como se expressando melhor. A Arte possibilita um pensamento artístico onde a criança expande sua sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Sem as Artes, o aprendizado da criança é limitado, escapando o “faz de conta”, as cores do mundo, os gestos e as luzes.

Ainda nos PCNs (1997), destacam-se quatro tipos de linguagens artísticas para fundamentar as atividades pedagógicas: dança, artes visuais, teatro e a música. Sendo a Arte capaz de transformar o ser humano, pode-se afirmar que o ensino de Arte em todos os níveis da educação traz benefícios para os alunos. Com relação à música, é sem dúvidas uma forma de expressão, assim como os outros tipos de linguagens artísticas e está presente em todas as culturas com diferentes significados, além de exercer um papel comunicador.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) música é:

> A linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e

> comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente (BRASIL, 1998, p. 45).

A música está integrada à cultura e a vida das pessoas. Desse modo, ela é um objeto de conhecimento a ser descoberto pelas crianças e que possibilita o acesso à Arte como forma de se expressar, oferecendo estímulos para desenvolver a criatividade e a imaginação. Sua utilização como recurso na formação educacional e cultural da criança, aliada ao conteúdo programático, torna-se ferramenta facilitadora no processo de ensino aprendizagem, além de tornar a escola um ambiente mais receptivo aos alunos, proporcionando aulas lúdicas e mais dinâmicas.

O mundo infantil é um espaço que reúne a possibilidade e o potencial para desenvolver a ludicidade, com o objetivo de oferecer aos alunos o desenvolvimento de suas potencialidades, que se expressam em seus sentimentos e entendimento do seu meio. A ludicidade e o ato de brincar simulam a vida real, encontrando nessa atividade soluções para alguns de seus problemas. O movimento lúdico caracteriza a Educação Infantil, sendo uma de suas características aliada ao cuidado, permitindo a criança a entender a relação corpo e espaço. O educador deve aproveitar toda a riqueza do lúdico a favor do conhecimento.

Para Huizinga (2000), o lúdico se manifesta através do jogo, e conceitua o termo jogo como:

> uma atividade livre, conscientemente tomada como "não séria" e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras (HUIZINGA, 2000, p. 16).

A educação busca constantemente aperfeiçoar novas técnicas didáticas e metodologias em busca de um ensino de qualidade, dinâmico e de melhores resultados. O lúdico é uma dessas técnicas facilitadoras do aprendizado, e que possui um poder de absorver totalmente a criança através do prazer proporcionado, como se fosse parte inerente do ser humano.

A esse respeito:

> A intensidade do jogo e seu poder de fascinação não podem ser explicados por análises biológicas. E, contudo, é nessa intensidade, nessa fascinação, nessa capacidade de excitar que reside à própria essência e a característica primordial do jogo. [...] o divertimento do jogo, resiste a toda análise e interpretações lógicas (HUIZINGA, 1971, p. 4).

As atividades lúdicas na Educação Infantil são essenciais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Elas podem ter como propósito promover o prazer e entretenimento ao aluno, propiciando a experiência completa do momento, associando o ato, o pensamento e o sentimento, contribuindo para que o aluno desenvolva habilidades de forma natural e gerando interesse em aprender. Dessa forma, notam-se diversos fatores que levam os professores a trabalharem atividades lúdicas no âmbito escolar.

> Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. A experiência pessoal de cada um de nós

> pode ser um bom exemplo de como ela pode ser plena quando a vivenciamos com ludicidade. É mais fácil compreender isso, em nossa experiência, quando nos entregamos totalmente a uma atividade que possibilita a abertura de cada um de nós para a vida (LUCKESI, 2005, p. 27).

Dessa forma, a diversão aparece de acordo com a atividade que se desenvolve e para que a atividade seja chamada de lúdica, é preciso que ela proporcione prazer e bem-estar. Sendo assim, o educador deve se atentar ao cuidado em desenvolver uma atividade lúdica, pois, além de talvez não se alcançar o objetivo esperado, se usada exageradamente pode tornar-se rotineira transformando a aula com propósito dinâmico numa aula tradicional.

Através da música, utilizada como uma brincadeira ou jogo, o aluno por conta de sua imaginação constrói seu próprio mundo, exatamente como gostaria que fosse, pois, a ludicidade torna-se fonte de inspiração para facilitar o progresso do conhecimento da criança, tornando-se impossível separar o lúdico da construção do conhecimento.

Com base nos estudos da teoria do desenvolvimento humano, que também serve de instrumento para oferecer um ensino melhor, verifica-se em Piaget (1973) a busca para compreender o desenvolvimento humano e todos seus aspectos. Para isso, considera quatro estágios caracterizados a seguir: 1º período - Sensório-motor; 2º período - Pré-operatório; 3º período - Operações concretas; 4º período: Operações formais.

Período Sensório-motor (0 a 2 anos): Nesse momento a inteligência da criança é mostrada na ação, quando adquire a capacidade de aperfeiçoar progressivamente seus movimentos reflexos e nesse momento não se reconhece qual a origem das ações. O período sensório motor antecede a linguagem, e somente no final desse estágio a criança associa suas ações, e consegue se diferenciar dos objetos. "[...] não há nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca" (PIAGET, 1983, p. 07). Para Brito (2003), mesmo durante a gestação, os bebês já estão envolvidos no universo sonoro desde a voz materna, até sons emitidos pelos movimentos do corpo da mãe.

Período Pré-operatório (2 a 7 anos): Este é o estágio da inteligência simbólica. Aqui a criança passa a denominar o objeto e também aquisição da linguagem oral que implicará em modificações nos seus aspectos intelectual, afetivo e social. Será possível notar nesse estágio, desenvolvimento de novas habilidades, como a coordenação motora. O brincar no período pré-operatório é o seu principal momento de aprendizagem. O "faz de conta" possibilita a criança a se entender e a entender o mundo. Segundo Piaget (1973), a partir desse momento é possível que a criança adquira meios para a assimilação do elemento real.

> Aos 6 anos, em geral, a escola passa a formalizar o ensino musical, apresentando técnicas para tocar instrumentos, notas musicais e partituras. E é justamente esse tipo de conhecimento que auxiliará o processo de alfabetização da criança [...] Além disso, a música é um excelente incentivo à linguagem, por auxiliar na aquisição de vocabulário. Até a interpretação de texto é beneficiada pelo contato com as canções (TENENTE, 2014).

Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos): Desenvolve a capacidade de efetuar e coordenar operações concretas da lógica iniciando a construção de operações reversíveis, assim ela pode explorar caminhos diferentes para a resolução de um problema.

A criança já é capaz de dominar conceitos de tempo e número, e também desenvolver noções de tempo, espaço, velocidade, massa, volume e comprimento. Nesse estágio, de acordo com Piaget (2003), a criança passa a pensar antes de agir, o que não ocorria no estágio anterior onde agia por intuição. Piaget (2003) diz que o sujeito aqui é capaz de organizar o

mundo de forma lógica, não se limitando mais a uma representação imediata, mas ainda depende do mundo concreto para desenvolver a abstração. Vale dizer acerca de um estudo realizado pela Universidade de Northwestern, nos Estados Unidos:

> Crianças de 9 a 10 anos foram divididas em dois grupos: o primeiro teve lições de música por dois anos e o segundo, nenhum contato escolar com a disciplina. Após o período, os cientistas descobriram que aquelas que aprenderam a cantar e a tocar instrumentos tiveram melhor desempenho em leitura e em escrita. Elas conseguiam distinguir sons com mais facilidade que as demais e não tinham dificuldade de concentração em ambientes agitados (TENENTE, 2014).

Período das operações formais (12 anos em diante): Essa fase marca o início do modo adulto de pensar, caracterizado pela passagem do pensamento concreto para o formal e abstrato. A criança adquire a capacidade de criticar, cria teorias sobre o mundo real e coloca aspectos que gostaria de reformular, ou seja, adquire autonomia e torna-se capaz de raciocinar e deduzir sobre hipóteses. Piaget (1973) explica que: "existe toda uma lógica, todo um conjunto de operações específicas que vem se sobrepor às precedentes e que podemos chamar a lógica das preposições" (PIAGET, 1973, p. 27).

Diante do exposto, percebe-se a importância do estudo do desenvolvimento humano para compreensão da criança e as características próprias de cada idade, conforme os estudos da teoria piagetiana. Todos os aspectos citados são significativos para a educação, para compreender o educando e saber o que ensinar de acordo com qual momento em que a criança se encontra. Isso permite conhecer a individualidade de cada aluno, e torna o profissional da educação mais apto a interpretar melhor os comportamentos infantis e, a partir daí, proporcionar ao aluno formas de melhor compreensão do conteúdo.

Aliando essas contribuições de Piaget para a educação com a música como instrumento pedagógico, é possível dizermos que a criança desenvolverá seu comportamento e interesse pela música de acordo com o momento em que ela está.

A música contribui para o desenvolvimento da criança em diversos aspectos, como abaixo citado:

> Ao trabalhar com som, a criança aguça sua audição, ao acompanhar gestos, ao cantar ou imitar sons, ela está estabelecendo relações com o ambiente em que vive. O aprendizado de música, além favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo (BRÉSCIA, 2003, p. 82).

No ato de cantar em grupo, por exemplo, pode-se identificar várias habilidades musicais que as crianças estão desenvolvendo. As atividades coletivas contribuem para o desenvolvimento da socialização, compreensão, a participação, ou seja, no desenvolvimento sócio-afetivo. Nesse sentido, a criança aprende a trabalhar em grupo, pois "cantando coletivamente, aprendemos a ouvir a nós mesmos, a educação ao outro e ao grupo todo (BRITO, 2003, p. 93).

A Educação Infantil é um momento ideal para se iniciar um trabalho com a música, uma vez que se trata de uma forma de comunicação que contribui para que a criança se expresse. Educar através da música é fazer com que a criança deixe fluir sua sensibilidade e imaginação. Para isso, o educador deverá promover atividades como: dançar, cantigas de roda, bater palmas, ou seja, atividades que associadas a um ritmo sonoro irá possibilitar a criança desenvolver sua capacidade auditiva, analisando e comparando os sons, bem como exercitar sua atenção.

É importante lembrar que trabalhar com a música na escola não tem o objetivo de formar músicos, mas usá-la como ferramenta facilitadora para despertar as emoções e compreender a linguagem musical que contribui para formação integral do aluno.

Mársico (1982) explica que as atividades com musicalização devem levar em conta aspectos que explorem o universo sonoro da criança, ou seja, atividades que a impulsionea a ouvir com atenção, observando os sons ao seu redor, comparando e descobrindo novos sons. Dessa forma, a criança desenvolve sua escuta sensível, exercita a atenção, concentração e a capacidade de análise e seleção de sons.

O professor poderá propor uma atividade externa, num bosque, parque ou dentro da própria escola, onde o aluno deverá ficar em silêncio e identificar os diversos sons do ambiente. Em seguida, poderão descrever ou até mesmo reproduzir os sons identificados. Para Chiarelli e Barreto (2005): "as atividades de exploração sonora devem partir do ambiente familiar da criança, passando depois para ambientes diferentes".

O educador pode ainda escolher músicas que abordem o conteúdo preparado de acordo com a disciplina, isso vai tornar a aula dinâmica, interessante ao aluno e vai ajudar a memorizar e recordar as informações. O professor poderá ainda usar textos orais, que a criança já conhece envolvendo cantigas de roda ou outras músicas e assim ela se direcionará melhor em relação ao conteúdo. É importante deixar a criança livre, permitir que ela deixe sua imaginação fluir e, a partir daí, ela conseguirá construir seu conhecimento por meio da linguagem musical.

> Compreender a música como linguagem é forma de conhecimento e leva a ver a criança não como um ser estático e sim como alguém que interage o tempo todo com o meio, organizando suas ideias e pensamentos. Os primeiros anos de aprendizagem são propícios para que a criança comece a entender o que é linguagem musical, e aprender a ouvir os sons e a reconhecer diferenças entre eles. Em qualquer ambiente que a criança esteja exposta deverá ser estimulada a prestar atenção aos sons que com certeza estão acontecendo e se possível identificá-los relacionando-os e nomeando-os (KREUSCH, 2014).

Snyders (1992) faz um comentário muito interessante referente à função da escola. Diz que a escola deve preparar o jovem para a vida adulta, um futuro com responsabilidades. Porém, ela pode parecer para os educandos um "mal necessário". A música serve de estímulo para o desenvolvimento da criança, além de criar um ambiente gratificante e mais alegre.

> [...] propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente (SNYDERS, 1992, p. 14).

A música aliada ao brincar pode ser usada para atender vários propósitos na educação, já que:

> É através do brincar que a criança vai diferenciando o seu mundo interior (fantasias, desejos e imaginação) do seu exterior, que é a realidade por todos compartilhada. Cada criança expressa os seus desejos, fantasias, vontades e conflitos. Faz-se necessário que o professor estabeleça uma conexão entre o prazer, o brincar e o aprender. Ocorrerá uma estimulação da imaginação e da fantasia da criança indo muito além de uma intenção educativa (MALUF, 2003, p. 33).

O estudo com a música dá oportunidade à criança de desenvolver expressões, gestos, movimentos. E o ato de cantar cria na criança o gosto musical, despertando prazer em ouvir a música. Isso contribui no processo de socialização, desenvolvimento da linguagem e cria uma sensibilidade mais aguçada para o aprendizado da leitura e da escrita. Assim sendo, conforme a descrição do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 49): "A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social".

3 Metodologia

Esse estudo utiliza-se de metodologia não-experimental com levantamento bibliográfico e documental, para analisar as contribuições de fontes autorais nos teóricos acima, e mostrar a música como elemento contribuinte ao desenvolvimento da inteligência da criança no ensino infantil.

Além disso, este estudo conta também com a elaboração de questionário, aplicado à duas professoras da Educação Infantil que lecionam nas escolas públicas Tahira Casa da Criança e Escola Municipal de Educação Infantil Bacuri, respectivamente. As duas escolas foram escolhidas devido ao meu fácil acesso as mesmas.

4 Resultados e Discussões

Como informado, foram aplicados questionários para duas professoras. Para efeito deste trabalho, a professora que leciona na Escola Tahira Casa da Criança será denominada de Professora A, e a professora que leciona na Escola de Educação Infantil Bacuri será denominada de Professora B. Seguem abaixo as perguntas e as respostas:

1. Você acha importante trabalhar o ensino das artes como instrumental pedagógico para a formação e desenvolvimento da criança na Educação Infantil? Por quê?

   Professora A: *Acho que sim, pois desenvolve a linguagem oral, artes plásticas, ritmos, esquema corporal, sentimentos, etc.*

   Professora B: *Sim, porque desenvolve as áreas cognitivas e sensoriais, e aprendem regras de convivência.*

2. Quais das linguagens artísticas abaixo você costuma trabalhar em sala de aula?

a) ( ) Música;
b) ( ) Dança;
c) ( ) Desenho e Pintura;
d) ( ) Cinema;
e) ( ) Outras. Quais?

Professora A: *Música, dança, desenho e pintura, cinema e outras (teatro de fantoche, teatro com as crianças).*

Professora B: *Música, dança, desenho e pintura, cinema e outras (jogos simbólicos, jogos de faz de conta).*

3. Caso não trabalhe com a música, qual seria o motivo? (Caso tenha marcado a opção Música, desconsidere essa questão e favor responda as questões 4-5-6).

Observação: esta questão foi desconsiderada em virtude das respostas assinaladas na questão anterior.

4. Exemplifique como você trabalha na prática, descrevendo uma rotina de uma de suas aulas em que a tenha utilizado.

   Professora A: *Seguimos uma rotina diária. O eixo de artes pode ser trabalhado dentro e fora da sala de aula, com a classe toda ou em cantinhos como: cantinho da criatividade, com bandinha, incluindo eixos de matemática, ciências, linguagem oral e escrita.*

   Professora B: *Trabalhamos uma rotina diária, onde inclui, necessariamente, esta prática. As atividades podem ser ministradas dentro da sala ou na área livre da escola.*

5. No decorrer de sua formação acadêmica foi trabalhada a importância do uso da música no processo de desenvolvimento da criança? Se sim, como? Se não, e ainda assim trabalha com essa linguagem artística nas suas aulas, como adquiriu formação para conseguir desenvolver esse trabalho?

   Professora A: *Foi trabalhado, não com tanta ênfase, mas nós trabalhamos o eixo das artes duas vezes na semana, ou até mais incluindo os itens citados. Adquiri mais informações através de cursos que frequentei nestes 34 anos de docência em escolas públicas e mais alguns anos em escolas particulares.*

   Professora B: *No meu caso foi trabalhando no curso de especialização na pré-escola.*

6. Hoje, em sua atuação, quais suas maiores dificuldades para desenvolver um trabalho pedagógico que utilize a música como instrumento de ensino?

   Professora A: *Não temos dificuldades, porque além dos cursos que frequentamos, temos material na escola e orientação pedagógica direta.*

   Professora B: *Por conta da idade das crianças, recebemos orientações diretamente ligadas com a pedagoga.*

7. Qual (is) proposta (s) você sugere para que seja possível o trabalho com música na Educação Infantil?

Professora A: *Creio eu que deveria ser trabalhado mais na formação dos educadores. Nós adquirimos essa formação ao longo dos anos que temos cursos com professores especializados nessa área.*

Professora B: *Deveria ter uma ênfase maior na formação dos educadores.*

Através do questionário respondido, pode-se observar que os profissionais exercem suas funções há bastante tempo, e assim atingem a experiência para desenvolver o trabalho pedagógico com a utilização da música, também através de cursos de aprimoramento e, dessa forma, sentem a necessidade desta capacitação ser adquirida durante a formação inicial dos docentes.

As respostas dadas às questões relatam, ainda, que ambas acham a música um fator relevante para a educação das crianças.

5 Considerações finais

Pode-se perceber com este trabalho que a Educação Infantil é uma fase muito importante na formação do ser humano, e o ensino dessa etapa tem por necessidade oferecer conteúdos que seduz o aluno para a educação formal e, como estratégia de ensino, foi aqui sugerida a Música para a construção do trabalho educativo nesta fase que se lida com iniciantes no processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, é importante para

> o desenvolvimento da coordenação visomotora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimento, ou seja, são a operações mentais que usamos para aprender, para raciocinar. A simples atividade de cantar uma música proporciona à criança o treinamento de uma série de aptidões importantes (ROSA, 1990, p. 21).

A proposta é que a música desperte, sem grande esforço, o interesse da criança para a aprendizagem de conhecimentos sistematizados, como Português, Matemática, História, Geografia e Ciências. Ou seja, esta ferramenta dentre tantas outras, deve ser oferecida com um objetivo coerente para o processo de desenvolvimento da criança, e não ser oferecida apenas como passa tempo, sem qualquer finalidade educacional.

As reflexões e discussões sobre o tema deste trabalho chegam à conclusão de que incluir a música no cotidiano escolar servirá como auxiliadora no processo de construção do conhecimento. Os educadores encontrarão nela um recurso a mais, um instrumento facilitador do processo de ensinoaprendizagem, e os alunos se sentirão motivados, desenvolvendo-se de forma lúdica e prazerosa.

Isso se justifica pelo fato da música estar ligada ao ser humano desde muito cedo. Ela tem como função atingir o ser humano em sua totalidade e propiciar ao aluno um aprendizado global e emotivo em relação ao mundo, não só da criança, mas do indivíduo em geral. Portanto, deve ser possibilitado e incentivado o seu uso.

Espero com este artigo atingir os profissionais de educação, os professores da Educação Infantil, para adotarem a música como parte de seus planejamentos. E, também, que possam incluí-la no processo de formação, garantindo um ensino de qualidade.

Referências

BARBOSA, Ana Mãe Tavares. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade:** educação e reeducação. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação e Desportos. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil:** conhecimento de mundo. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical:** bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, Teca Alencar. **Música na educação infantil:** propostas para formação integral da criança. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA, Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti, BARRETO, Sidirley de Jesus. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental:** a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. Revista Recre@rte. n. 3. Jun. 2005. Disponível em: <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>. Acesso em: 09 jun. 2016.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa.** Blumenau (SC): Eletrônica, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUIZINGA, Johan. ***Homo ludens*:** o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.

KREUSCH, Rosana Sardo. **Linguagem musical na educação infantil.** Portal Educação. abr. 2014. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/56086/linguagem-musical-na-educacao-infantil#ixzz4BSYu92dX>. Acesso em: 09 jun. 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade.** 2005. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. Acesso em: 15 abr. 2016.

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincar:** prazer a aprendizado. Petrópolis: Vozes, 2003.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música:** um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **A formação do símbolo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola.** São Paulo: Ática, 1990.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TENENTE, Luiza. Revista Crescer. **Crianças que têm contato com música aprendem a ler e a escrever com mais facilidade.** 2014. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Criancas/Desenvolvimento/noticia/2014/08/criancas-que-tem-contato-com-musica-aprendem-ler-e-escrever-com-mais-facilidade.html>. Acesso em: 29 mai. 2016.

TIC'S, A EDUCAÇÃO E O PROFESSOR

Kaio de Melo[11]
Maria A. Belintane Fermiano[12]

RESUMO
O presente estudo tem como finalidade abordar como a tecnologia da informação e comunicação (TIC's), característica de uma sociedade de informação, se configura no universo escolar a partir de sua utilização pelos professores. A fundamentação teórica apresenta um breve contexto histórico de como se desenvolveu a tecnologia ao longo dos tempos e sua importância para a economia e educação. Também considera as dificuldades que a escola enfrenta para alcançar qualidade e a contribuição que as TIC's podem proporcionar, destaca a importância e o preparo da qualificação dos docentes mediante a variedade destas ferramentas, visando a melhoria na qualidade de ensino. Os dados levantados por meio de questionário com questões de múltipla escolha e dissertativas foram respondidas por professores de duas escolas da rede municipal de ensino de Sumaré/SP. Ficou evidente a vivência dos docentes com a tecnologia digital, tanto os profissionais com mais experiência de carreira quanto os mais novos concordaram que a tecnologia pode melhorar o ensino, além de possuírem equipamentos eletrônicos, têm acesso à Internet e fazem uso para o planejamento de suas aulas.

Palavras chaves: Sociedade do Conhecimento; Tecnologia da Informação e Comunicação; Qualidade de ensino; Professor e tecnologia.

ABSTRACT
The present study aims to address how information and communication technology (ICT), characteristic of an information society, is in school universe from their use by teachers. The theoretical Foundation presents a brief historical background of how developed the technology over time and their importance to the economy and education. Also consider the difficulties the school faces to achieve quality and the contribution that ICT can provide, stresses the importance of preparation and qualification of teachers through the variety of these tools, to improve the quality of education. The data collected through a questionnaire with multiple choice questions and dissertativas were answered by teachers of two municipal schools of teaching of Sumaré/SP. It became apparent the experience of teachers with digital technology, both professionals with more career experience as the youngest agreed that technology can improve education, in addition to having electronic equipment, have Internet access and make use for planning your lessons.

[11] Aluno do 4º Ano de Pedagogia- Faculdades Network- Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: ka.demelo@hotmail.com)

[12] Profª Drª Maria A. Belintane Fermiano das Faculdades NetWork. (maria.belintane@gmail.com)

Keyword: *The knowledge society; Information and communication technology; Quality of education; Teacher and technology.*

Introdução

A terminologia "Sociedade da informação" surgiu no final do século XX pós era industrial. A partir daí obteve avanços tecnológicos advindos da comunicação de informações por intermédio de eletrônicos. Com isto a informação ganha papel principal sob o comportamento do homem na sociedade tanto no aspecto individual quanto coletivo. (WERTHEIN, 2000).

Werthein (2000) explica que com o avanço no desenvolvimento tecnológico do século XXI e o fácil acesso da população aos meios de telecomunicação espera-se dessa "era da informação" uma ampliação de aprendizagens e transformações constantes do indivíduo e que, ao mesmo tempo, estimule o progresso econômico e o respeito ao meio ambiente por meio do conhecimento.

Por isso, surge essa pesquisa, descobrir se está ocorrendo a utilização das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) no âmbito escolar e se os professores estão utilizando as ferramentas tecnológicas no cotidiano de sua profissão. Assim, foi elaborado um questionário com doze questões de múltipla escolha e dissertativa respondidas por professores de duas escolas municipais da cidade de Sumaré que possuem laboratório de informática. Dezessete professores participaram espontaneamente.

O desenvolvimento tecnológico traz benefícios ao homem, mas, faz-se necessário observar também as perdas ou insuficiências decorrentes. Como por exemplo, perda de privacidade em ambientes virtuais. (WERTHEIN, 2000).

Países subdesenvolvidos precisam investir nestas tecnologias de informação a fim de promover acesso a informação e baratear a aquisição de aparelhos para tal. O fornecimento de serviços digitais que acompanha a tecnologia requer suprir carências fundamentais de conhecimento intelectual e humano. (WERTHEIN, 2000).

Tornasse imprescindível verificar o papel da informática e telemática no âmbito educacional e apontar seus riscos. Identificar também novas tecnologias como ferramenta para o processo de aprendizagem. E adaptar a melhor tecnologia educacional como apoio ao cumprimento de metas visando o desenvolvimento. (WERTHEIN, 2000).

Fundamentação Teórica

A revolução tecnológica expande seu processo em meio à sociedade e traz em pauta discussões sobre ensino escolar, formação dos docentes, e reflexos na sala de aula. Nas escolas muitos profissionais da educação reconhecem essas tecnologias como novas

ferramentas para o processo de ensino aprendizagem capazes de criar conexões das práticas dos docentes e discentes de dentro e fora da sala de aula. (MOREIRA e KRAMER, 2007).

Hargreaves (2004), quando analisa a atual sociedade do conhecimento e o impacto que gera na educação e efetivamente na vida do docente, enfatiza a importância de políticas estratégicas para articular melhor a qualidade do ensino por meio da prática docente.

Os autores Moreira e Kramer (2007), indagam sob a eficácia desses recursos técnicos, visando uma educação de qualidade. E submetem esta qualidade a uma reflexão sobre as práticas pedagógicas e este novo meio de ensino, questionando também as ideais interferências pedagógicas. Os autores ressaltam a importância da visão do processo escolar e o uso apropriado das tecnologias.

Hargreaves (2004) entende que na sociedade do conhecimento a economia é obtida através do conhecimento advindo da inventividade e criatividade gerados pela escola que precisa estar atenta para trabalhar estes aspectos incentivando a economia pois se não está sociedade é deixada para atrás. (HARGREAVES, 2004).

Na atualidade o mundo poderia ser moldurado pelas escolas, que precisam trabalhar duro para levar aos cidadãos flexibilidade, estabilidade financeira, promover habilidades, indo de encontro com um trabalho de criatividade e cooperativismo. Infelizmente as escolas trabalham de modo contrário, estagnando-se em um sistema padrão de ensino rotineiro e uniforme, a qual não é estimulado nem a criatividade muito menos a inventividade que poderiam ajudar no crescimento econômico. (HARGREAVES, 2004).

Por isso, é importante conhecer alguns aspectos de como o processo de globalização causa efeitos na educação.

A globalização impactou de fato os processos e políticas educacionais, bem como a escola e os educadores. Vale examinar quais consequências tal processo provoca na educação. Em primeiro lugar, as modificações na esfera do trabalho, em nível global, se refletem no redimensionamento do trabalho pedagógico. Ao mesmo tempo, atacam-se a rigidez da burocracia e os prejuízos de uma rotina cristalizada. Incitam-se os trabalhadores a serem ágeis, a abrirem-se a mudanças “a curto prazo”, a assumirem frequentes riscos, bem como a dependerem menos de leis e de procedimentos formais. Como consequência da ausência de perspectivas “a longo prazo”, afrouxam-se os elos de confiança e de compromisso, alienando-se a vontade do comportamento. (SENETT, 1999 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1040).

Os docentes trabalham nos estudantes comportamentos flexíveis para que possam adquirir habilidades e adaptar-se a diversas situações, pois, futuramente ingressarão ao mercado de trabalho. Espera-se dos professores que sejam atualizados em sua formação e também preparados para enfrentar quaisquer problemas. Além de todos estes conceitos

definidos globalmente, em vista de uma nova escola, existe a preocupação quanto à qualidade desta educação. (Moreira e Kramer, 2007).

Em segundo lugar, quanto a ideologia neoliberal da globalização, Moreira e Kramer (2007) explicam que o pensamento empresarial parece contaminar os movimentos de reforma, objetivando estruturar as escolas conforme o modelo das corporações contemporâneas.

Afirma Pinair 2003:

> A escola é concebida como um negócio, a inteligência é reduzida a instrumento para o alcance de um dado fim e o currículo é restrito aos conhecimentos e às habilidades empregáveis no setor corporativo. Nesse enfoque, saberes e temas fundamentais da existência humana são negligenciados, em prol dos elementos que conformam a agenda educacional da sociedade de hoje, elaborada, ao menos em parte, sob a influência de organismos internacionais (PINAIR, 2003 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1041).

Em terceiro lugar, fala-se do conhecimento oficial que é desenvolvido em um conjunto de processos, por decisões políticas. E que estão em conformidades nas políticas curriculares de diferentes países. (Kramer e Moreira, 2007).

Em quarto lugar, ressalvam concepções de ensino das tecnologias da informação e da comunicação que tem surgido e destacando-se em diversos âmbitos, e discussões educacionais. Barreto ((2004, apud Moreira e Kramer, 2007) esperam que as tecnologias da informação e comunicação supram as necessidades de ensino, e os problemas enfrentados pelos docentes, vistas como transformadoras e suficientes que solidificariam a sociedade da informação e do conhecimento. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

É imprescindível compreender e explicitar o conceito de sociedade do conhecimento para que não haja a generalização, visto que há diversidade nas culturas e diferentes características dos indivíduos de todo planeta. Não se pode atribuir conceitos de forma homogênea, pois deste modo estaria negando a diversidade cultural existente e que somam parte para a democratização deste conhecimento. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

As novas tecnologias não podem substituir antigas diversidades culturais, os novos meios de informação e comunicação não extinguem as relações humanas, sociais dos indivíduos. Deste modo também não elimina as desigualdades sociais, econômicas e as dificuldades enfrentadas na sociedade e na educação como se é esperado. (Moreira e Kramer, 2007).

Em quinto lugar, a padronização dos processos educativos é seguida com dificuldade onde não há predomínio de valores, tal como, amparo a escola pública. São muitas as reivindicações contra os mecanismos de mercado e a proposição de políticas que visam

reduzir a participação e financiamento do Estado na realização de melhorias. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

A respeito do processo de globalização e seus feitos na educação as autoras Moreira e Kramer (2007) concluem:

> Em síntese, as formas assumidas pela globalização mostram-se distintas, complexas e contraditórias. Assim, parece haver espaço para que, nas práticas pedagógicas, se escolham objetivos e procedimentos, oriundos "de baixo", dos grupos subalternizados, excluídos e marginalizados, que desestabilizem os processos hegemônicos. Pode também haver espaço para que se desafiem os modos usuais de prescrição de políticas e de promoção de mudanças nos sistemas educacionais. Pode, ainda, mostrar-se factível o redimensionamento da concepção vigente de qualidade na educação (MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1043).

Por outro lado, determinadas concepções de educação de qualidade mostram-se limitadas. Algumas delas dão prioridades a elementos técnicos que podem gerar uma concepção crítica, porém, a qualidade não deve ser pensada apenas em técnicas, se distanciando de outros valores. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Avalos (1992) citado por Moreira e Kramer (2007) acredita que uma educação de qualidade produz no indivíduo autonomia para transformar seu ambiente. E por tanto, é imprescindível conhecer a realidade em que se encontra. A mesma autora destaca que "o funcionamento no cotidiano demanda, inicialmente, saberes e habilidades que permitam lidar com o mundo dos instrumentos, costumes e linguagem (mundo concreto) " (AVALOS, 1992 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1044).

Um bom conhecimento escolar é aquele que oferece aos alunos a percepção do mundo imediato e seu universo cultural, levando em consideração as experiências dos estudantes. Os mecanismos pedagógicos devem tornar os indivíduos aptos para definição de papeis que terão em fazer a mudança de seus ambientes e também no desenvolvimento da sociedade. Há que ter experiências e conteúdos no âmbito escolar que formem pessoas autônomas, criativas e críticas capazes de compreender como as coisas possam ser transformadas pelas ações humanas. (AVALOS, 1992 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 8).

Complementando os argumentos de Avalos (1992) apud Moreira e Kramer (2007), assegurar uma educação de qualidade "requer diagnosticar o sistema, definir as mudanças prioritárias e viáveis, assim como oportunizar financiamentos" assim, acelerando as modificações.

Goulard (2006) citado por Moreira e Kramer (2007) discorre sobre a educação de qualidade, destacando causas denominadas de intra-escolares que se refere sobre o trabalho pedagógico, a formação docente, currículo e a gestão escolar. Também levando em conta as análises de sistema e as unidades escolares com base os resultados de avaliações externas.

Outro fator seria os extra-escolares que analisa meios de superação condições de vida para as pessoas desfavorecidas. É importante a discussão e compreensão de que a escola atue na desconstrução de paradigmas para que não exista a ideia de que certos grupos sociais são destinados ao fracasso na escola. Até mesmo o educador pode subestimar um aluno com nível baixo de cultura, e isto faz com que estes alunos não tenham as mesmas oportunidades que os demais. Alguns professores atribuem o fracasso dos alunos aos aspectos sociais, psicológicos e econômicos do mesmo, não levando em consideração aos fatores intra-escolares. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

A educação de qualidade depende de alguns elementos essenciais e que exigem transformações na escola, no sistema educacional e na sociedade. Os elementos da escola e do sistema educacional que exigem mudanças são: condições apropriadas ao trabalho pedagógico; habilidades e conhecimentos importantes; estratégias e tecnologias que sirvam de apoio no ensinar e no aprender; procedimentos de avaliação que auxiliem o planejamento e aprimoramento das atividades pedagógicas; modos democráticos de gestão da escola; colaboração de diferentes grupos e indivíduos; o diálogo com experiências não-formais de educação; e docentes que tenham boa formação e reconheçam em cada aluno seu potencial, partindo os pressupostos de que a educação é um bem social e um direito de todos. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Todavia os autores Moreira e Kramer fazem um alerta quanto às mudanças:

> As tentativas de ordenar os sistemas educacionais e de promover qualidade na educação não devem ser orientadas por valores definidos “de cima”. Também não cabe celebrar a capacidade “mágica” de qualquer componente do processo pedagógico (como as novas tecnologias, por exemplo) e vê-lo, por si só, como catalisador de mudanças significativas. (MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1046).

Observa-se que a escola precisa de muito trabalho para que seja gratuita, de qualidade e para todos, a tecnologia nesse contexto também requer cuidados.

Levy (1993) apud Moreira e Kramer (2007) tem para ele que a informática é a tecnologia de modo intelectual, com um novo olhar para o mundo e suas relações, também com um novo olhar na maneira de compreensão da aprendizagem. Bauman (1999) apud Moreira e Kramer (2007) é um desconstruidor da modernidade, a qual faz uma análise crítica, e reflete sobre ela, ressaltando ser fundamental que os intelectuais defendam o espaço público. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Ramal (2002) citado por Moreira e Kramer (2007) declara que é perigoso não reconhecer as mudanças e os novos dispositivos tecnológicos que, mais que informar, elos moldam uma geração. A exclusão educacional que se relaciona com a discriminação social, racial, sexual e regional, precisam ser discutidas sobre possíveis consequências advindas da

tecnologia. Cabe também pensar qual o modelo de sociedade que se pretende construir. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Em se tratando de tecnologia Ramal (2002) sugere para a educação três cenários:

> O primeiro é o da *tecnocracia domesticadora*: a multiplicidade de informações efêmeras e fragmentadas torna os indivíduos escravos ambulantes da tecnologia. A escola é substituída por outras modalidades de instrução. O segundo é o do *pay-per-learn*, que acentua a exclusão e prioriza professores com habilidade técnica mais do que a crítica da produção ou do uso de tecnologias da informação e da comunicação. Há educação para todos, pela rede, ainda que os alunos privilegiados freqüentem escolas melhor equipadas. No terceiro cenário – *cibereducação integradora* –, a escola se torna híbrida, integrando homem e tecnologia. (RAMAL, 2002 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1048 - 1049).

Um fator importante a ser discutido sobre a escola e tecnologia é a relação de crianças e jovens com os recursos digitais. Chartier em seu livro *A aventura do livro* destaca novas tecnologias alterando espaços e ampliando o acesso a leitura, que modifica assim, as formas de escrita. As tecnologias democratizam e incluem não somente o contrario. Chartier (1999) como cita os autores Moreira e Kramer (2007) demonstra que escrevemos textos e não livros, ressaltando que editores podem intervir nos textos na confecção de livros e as possibilidades de produção de ideias se alteram a partir das novas tecnologias. Por outro lado, o aumento textual pode tornar-se inseguro a escrita ou mesmo um obstáculo para o conhecimento. Nota-se deste modo, mudanças progressivas da madeira de produção dos livros e nos hábitos de leitura. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Por outro lado, as tecnologias podem trazer a degradação das relações, a alienação, a indiferença e também a falta de afinidade com o trabalho. Ocorre também um aumento na qualificação para o trabalho que é controlado pela tela, onde as pessoas não interagem mais e isto diminui gradativamente o conhecimento das pessoas com o resultado da produção. Tais inovações causam receio de riscos físicos, possíveis cortes, e com isto valorizasse empregados jovens e do meio tecnológico. (MOREIRA E KRAMER, 2007).

Coaduna-se com essas reflexões (Moreira e Kramer, 2007) quando ressalta que

> Imaginar que estas mudanças no mundo do trabalho e na vida cotidiana podem não interferir na escola é desconsiderar que os alunos e os professores são crianças, jovens e adultos que pertencem à classes sociais desiguais, têm diferentes origens étnicas, marcas de gênero, religião, tipos de famílias, contextos históricos e geográficos (rurais ou urbanos) onde se inserem ou de onde foram excluídos, com

> trajetórias feitas e desfeitas, rastros perdidos e nem sempre reencontrados. (MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1052).

Bakhtin (1992) citado por Moreira e Kramer (2007) agrega a discussão, conceitos relacionados ao homem, ao conhecimento e a linguagem. O primeiro conceito consiste no acabamento dado pelo outro o que não se vê, de modo que o homem tenha a necessidade do outro, da visão e memória. Como resultado, surge uma exotopia, levando a compreensão do outro a partir do que se vê e escuta.

Como ressalta Bakhtin (1992) a respeito da exotopia:

> A exotopia se baseia no excedente de visão humana, que se constitui no exercício da distância para ver de perto, para deduzir o mundo do outro. A distância para compreender inicia o processo dialógico. Conhecer é reconhecer a presença do outro: a compreensão sempre é, em certa medida, dialógica (BAKHTIN, 1992 apud MOREIRA e KRAMER, 2007, p. 1052).

A compreensão e o diálogo são desafios em diversos aspectos da vida. Quanto aos três elementos; o cognitivo, estético e o agir ético, no plano da atuação dos profissionais da educação, é preciso responsabilidade e que se posicione como intelectuais na compreensão de processos relacionados à educação e a escola, também os conjuntos sociais contemporâneos e suas complexibilidades. Posicionando-se diante de questões levantadas, com possíveis alternativas ou provisórias respostas em vista a uma educação de qualidade. Idealizar os profissionais de educação como seres intelectuais ajuda a refletir em aspectos importantes para que torne as histórias de vida o objetivo, possibilitando que novos conhecimentos adquiridos ou construídos sejam fixados em sua trajetória de vida. Dessa forma, faz-se com que o indivíduo perceba a vida de forma compreensível, conhecendo o sentimento de afeição, e reconhecendo o outro. (KRAMER E MOREIRA, 2007).

Um pouco de história. A escola e seu papel numa sociedade globalizada

Compreender a influência tecnológica da sociedade do conhecimento na educação é refletir questões permeadas a situação educacional e social. Seus reflexos a médio e longo prazo, e sua consequência para uma nação.

A partir da época da educação escolar compulsória e sua expansão pelo mundo, é grande a expectativa na educação pública para que esta salve a sociedade. Após a segunda guerra mundial nos anos 30 visto pela economia a educação era um investimento de compromisso com o progresso visando no desenvolvimento tecnológico e científico. Porém, pouco foi oferecido para transformar a educação ou o modo como os docentes lecionavam. As

inovações não duravam muito tempo e as mudanças na sala de aula ultrapassavam a realidade. A maioria dos professores lecionavam de modo feito há muito tempo, de geração para geração, por meio de perguntas e respostas, com alunos sentados, e avaliados com métodos padronizados de escrita. (HARGREAVES, 2004).

Em 1973 a crise do petróleo afetou a economia refletindo na educação através dos recursos de muitas economias que foram desenvolvidas no Ocidente. Ao contrário de solução a educação passou a ser o problema por causa desses recursos advindos da economia, então os professores perderam seu poder no mercado, e sua força de ensino começou a se desgastar. (HARGREAVES, 2004).

Somente no fim da década de 80 que os governos iniciaram vínculos da educação ao trabalho, aos negócios, à tecnologia e à ciência. Novamente foram obtidos os recursos, reorganizadas as estruturas e as opções de mercado e competição entre as escolas começaram a expandir. (HARGREAVES, 2004).

Para recuperar o orgulho da nação, em alguns lugares, foi tirado a flexibilidade do controle curricular. Os governos e mídias passaram a responsabilizar os professores pelos problemas e fracassos dos alunos o que ocorria geralmente nas comunidades mais pobres. Esta medida foi vista pelos críticos uma maneira de tornar as escolas públicas malvistas para estimular os pais a financiar a educação privada aos filhos e incentivar os professores mais caros e mais velhos a se aposentarem, pois, os mesmos impediam a nova reforma. (HARGREAVES, 2004).

A comparação dos exames internacionais foi de fato o pretexto mais forte para a reforma escolar das nações ocidentes. Para que tivessem sucesso econômico os formuladores das políticas no Ocidente simplificaram as contribuições dessas sociedades no sistema educacional. Os governos ocidentais adotaram as medidas nos sistemas educacionais levando maior padronização e micro gestão no ensino e na aprendizagem com um sistema mais rígido de supervisão, onde pagava-se de acordo com o desempenho e reformas curriculares que tiravam e muito a autonomia dos professores em decisões pedagógicas. (HARGREAVES, 2004).

A sociedade do conhecimento e da informação

A sociedade do conhecimento é de constante mudanças e criações, seu conhecimento é fluido, flexível e vive em constante expansão. O conhecimento na economia não é apenas o conhecimento externo de universidades por exemplo, mas também o conhecimento, a inventividade e a criatividade estão ligados a tudo o que as pessoas fazem na economia do conhecimento já que este conhecimento faz parte da base para o trabalho e a produção, levando em consideração os profissionais que trabalham nas áreas de vendas, marketing, turismo, organização de eventos, dentre outros. Sendo assim, esta sociedade do conhecimento possui três dimensões. A primeira dimensão está relacionada a esfera cientifica, educacional e técnica. A segunda está relacionada em uma esfera complexa de processamento, circulação de conhecimento e informações na economia pautada nos serviços. A terceira refere a transformações básicas nas organizações empresariais para inovação de produtos e serviços

desenvolvendo sistemas e criando equipes e culturas de modo a dar oportunidade para aprendizagem espontânea e mútua. (HARGREAVES, 2004).

Existe também dois aspectos importantes a se levar em consideração sendo eles uma infraestrutura sofisticada de tecnologia de informação e comunicação para que toda aprendizagem seja mais rápida e simples. Para que a economia do conhecimento seja sólida é necessário não somente que as pessoas tenham acesso a informação, mas que também elas consigam de fato processar toda esta informação. (HARGREAVES, 2004).

Nesse contexto a aprendizagem é constante e infinita. É a partir desse conhecer contínuo, de aprender uns com os outros, que os trabalhadores alcançam o sucesso econômico e a sociedade constrói uma cultura de inovação. O âmbito escolar junto aos docentes não deve negar oportunidades de interação dos jovens com este mundo de profundo conhecimento, inovação, comunicação e informação. (HARGREAVES, 2004).

Deve ser preparada inclusive as crianças para esta sociedade do conhecimento e economia. Todavia, essa mudança não está concentrada em mais educação desta forma atual. É preciso salas de aulas eficientes que valorizem o ensino e aprendizagem ao invés de disciplina, mais alfabetização e outros temas básicos, cursos de férias e para os alunos com dificuldades aulas aos sábados, um dia com mais horas de aulas, um ano escolar com mais dias, estes aspectos ajudam a melhorar o desenvolvimento dos discentes, porém somente aquele desempenho que já existe, eles não mudam esse desempenho ao dispor-se a quantidades a mais de estratégias já existentes. (HARGREAVES, 2004).

Os professores são essenciais, pois devem ser capazes de articular a aprendizagem cognitiva profunda, ensinar de diversos modos aos quais não foram ensinados, empenhar-se com sua aprendizagem profissional, trabalhar e aprender em equipe, tratar os pais como parceiros na aprendizagem, elaborar e desenvolver partindo da inteligência coletiva, construir uma capacidade para a mudança e o risco e estimular a confiança nos processos. (HARGREAVES, 2004).

O ensino atualmente na sociedade do conhecimento é tecnicamente mais abrangente e complexo e conta como base uma pesquisa sobre ensino eficaz, que está ampliando e mudando. Entre as abordagens ao ensino eficaz está um ensino que valorize habilidades de raciocínios, e reflexão do pensamento, abordagens construtivistas da aprendizagem e compreensão, inteligências múltiplas, ampliando técnicas de avaliação e utilizando da informática e outras diversas tecnologias de informação que capacitem os alunos para que possam utiliza-las de modo independente, autônomo. Os docentes então devem estar atentos a sua formação e aprimoração no auto acompanhamento, de sua aprendizagem, e seu relacionamento com os pais. (HARGREAVES, 2004).

Além destes aspectos do docente na sociedade do conhecimento para Goleman (1998), citado por Hargreaves (2004), também é necessário que o docente desenvolva sua inteligência emocional pois isto agrega valor à sua inteligência cognitiva, e isto difere um líder brilhante

daquele que é simplesmente adequado. A inteligência emocional é constituída por cinco competências sendo elas: O conhecimento e a capacidade de expressar suas próprias emoções, a capacidade de sensibilizar com emoções alheias, ter controle de suas próprias emoções, ser capaz de motivar a si e aos outros e ter habilidades sociais para colocar em ação as quatro primeiras competências. Em suma, a sociedade do conhecimento se desenvolve a partir de: criatividade, flexibilidade, solução de problemas, inventividade, inteligência coletiva, confiança profissional, disposição para o risco e aperfeiçoamento permanente. (HARGREAVES, 2004).

No entanto, nem tudo são flores, um mundo tecnológico, apresenta, aos poucos alguns pontos que podem ser considerados negativos. Como, por exemplo, alteração das relações entre as pessoas, a não solidão, pois todos estão conectados ao mesmo tempo e, a falta de convívio com a comunidade, uma vez que todos estão em seus computadores ou smartphones. Outro aspecto é o fato de, cada vez mais, ser evidente a relação entre o uso de tecnologia e a crescente taxa de obesidade infantil e outros transtornos. (HARGREAVES, 2004).

O paradoxo da globalização é o fato de que ela e a homogeneização levam muitos daqueles que não podem compartilhar seus benefícios a se voltar para dentro, para a cultura, a religião e a etnicidade como fontes alternativas de sentido e identidade. (HARGREAVES, 2004).

Nos sistemas escolares de nível médio que se baseiam nos resultados do desempenho à custa de relacionamentos, muitos adolescentes se encontram cada vez mais desligados da aprendizagem e alienados da sociedade conhecimento. A economia do conhecimento e o investimento que ela requer estão destruindo formas existentes de vida e de trabalho. Diante disso, um sistema forte de educação pública não só é parte integrante de uma economia do conhecimento próspera, como também é vital para a proteção e o fortalecimento da democracia que constrói comunidade e desenvolve caráter. Hoje em dia, mais do que nunca, os professores devem ser não apenas catalizadores da economia do conhecimento, como também seus contrapontos essenciais, construindo e preservando a democracia pública e comunitária que acompanha essa sociedade e também é ameaçada por ela. (HARGREAVES, 2004).

O ensino exige cada vez mais atenção e comprometimento dos profissionais, é um trabalho complexo, e demanda maior prática profissional para alcançar um desempenho adequado. Tem um papel importante para as mudanças na sociedade do conhecimento nos dias atuais mesmo o ensino estando em crise. Com todo desgaste de diversas reformas, está enfraquecendo a profissão. E a atração pela carreira está diminuindo. É necessário repensar as reformas educacionais sem que responsabilizem os professores, e dar apoio profissional aos mesmos. (HARGREAVES, 2004).

As novas tecnologias e a educação

O desenvolvimento tecnológico acarretou grandes transformações na sociedade talvez a principal delas seja na educação. “A exigência de um domínio cada vez maior de conhecimentos e habilidades, para tratar desta realidade diversa e complexa, impõe novas concepções de educação, escola e ensino.” (PINTO, 2004, p 2).

A tecnologia da informação e comunicação originou um novo modo de adquirir conhecimento que, além disso, tem novas formas de linguagem e comunicação conhecidas como linguagem digital. (PINTO, 2004)

Diante dessa nova maneira do conhecimento é importante refletir sobre suas causas e efeitos, como é utilizado nas escolas e se fazem o uso da mesma. É necessário conhecer mais sobre essas inovações tecnológicas bem como seu papel na sociedade de modo a inclui-las na escola e assim, oferecer informação, conhecimento e habilidades. Alguns equipamentos tecnológicos atualmente são imprescindíveis nas casas da nova sociedade, como por exemplo, o computador entre outros e por isto a importância de saber opera-los. Os professores também devem estar preparados para este novo tipo de mediação, é fundamental a formação do senso crítico das informações que permeiam dentro e fora das salas. (PINTO, 2004).

A escola deve garantir a criança interação com esses recursos e informações, preparando-a para esta sociedade, visto que famílias de classes mais baixas não possuem acesso a estas tecnologias. (PINTO, 2004).

A cultura que reflete dos avanços da tecnologia da informação e comunicação vem de resultados da revolução industrial que desenvolveu elementos que posteriormente originou na denominada revolução tecnologia onde atualmente tornou-se uma nova cultura na sociedade conectada através da tecnologia, desencadeadas pela telecomunicação, informática e mídias eletrônicas. Portanto, uma sociedade em fase de desenvolvimento tecnológico, que encontra também resultados da mesma no trabalho, deve incluir estes conhecimentos no âmbito educacional, para formar cidadão a esta atual sociedade e cultura. (PINTO, 2004).

Na Internet não existe obstáculo para a informação e a comunicação, ter acesso a informação ou comunicar-se com alguém nunca foi tão fácil graças aos avanços da tecnologia da informação e comunicação. Ela nos permite viajar ao mundo sem sair do lugar. Conhecer outras culturas, costumes, ou até mesmo aprender a preparar uma receita. Toda essa informação inserida na sociedade tem o conceito chamado de Sociedade da Informação (SI) cujo foi considerado o poder da economia em meados de 1966. E que estudiosos como Andy Hargreaves acredita que as pessoas devem se adaptar a essa nova forma de aprender de modo autônomo. Entretanto, com tanta circulação de informações pela rede isto não significa a garantia de aprendizado, é necessária a reflexão e construção do conhecimento mediante a informação, pois esta se modifica a cada dia. Outro problema enfrentado diante a esta nova sociedade é o fato da indisponibilidade de acesso a essa informação por quem não tem condições ao acesso a esta tecnologia. (COUTINHO E LISBOA, 2011).

A ciência e a tecnologia vêm trazer a educação novas formas de aprendizagem transformadoras da informação. Onde o aluno faz a reflexão a partir da informação que possui e faz a interação com outras pessoas para que o conhecimento possa ser compartilhado. Cabe também a escola estar atenta para novas possibilidades de aprendizagem e utilizar esta ferramenta a favor do ensino visando acrescentar novos valores aos alunos para esta nova sociedade do conhecimento que fica cada vez mais exigente e competitiva. (Coutinho e Lisboa, 2011).

Por isto, para Pozo (2004) apud Coutinho e Lisboa (2011) declara que se faz necessário à instituição e os docentes repensarem nos métodos de ensino para esta sociedade do conhecimento e da informação para que possam compreender novas maneiras de aprender

e adquirir estes conhecimentos. Já Lencastre (2009) apud Coutinho e Lisboa (2011) afirma que o docente deve ser mestre e aprendiz sob o olhar da nova interação da comunicação com os alunos, e assim aprenderem juntos.

Portanto, Coutinho e Lisboa (2011) ressaltam:

> O desafio imposto à escola por esta nova sociedade é imenso; o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida. (p.1)

De acordo com Fernandes e Araújo (*online*) (apud Coutinho e Lisboa, 2011), fazer uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) garante a transmissão de novos modos de conceber a informação e comunicação tendo como consequência mudanças de atitude e comportamento em relação à educação. Deste modo é necessário refletir sobre os objetivos da escola de modo a colaborar na construção da aprendizagem e agregue estes novos modelos colaborativos no desenvolvimento do conhecimento. (COUTINHO E LISBOA, 2011).

Veen & Vrakking (2009) e Ferreira (*online*) (apud Coutinho e Lisboa, 2011) acreditam nas TIC como novos métodos de ensino e aprendizagem levando em consideração que não será a resolução de todos os problemas, porém se bem elaborados e que contenham planejamentos a serem seguidos podem contribuir na construção da aprendizagem. Entretanto, cabe aos docentes que estejam preparados para este novo meio de interação que garanta e estimule os estudantes o processo do saber coletivo e autônomo por meio de tecnologias digitais. (COUTINHO E LISBOA, 2011).

Partindo do pressuposto de que a sociedade vive em constante mudança, é dever da escola preparar os alunos para enfrentar as diversidades da vida e que leve em consideração a formação da a criatividade, e o empreendedorismo do estudante sem que elimine seu espirito investigador visto que é desta forma de descoberta onde se adquire mais conhecimento. (COUTINHO E LISBOA, 2011).

Desta maneira, se faz necessário à reformulação do currículo que leve em conta as diversidades da comunidade e escola. Outro ponto é despadronizar os exames de modo que leve em consideração todos os tipos de alunos que inclua os alunos que aprendam de forma diferenciada, os que têm necessidades educativas especiais e também aqueles que apresentam outros talentos em atividades não curriculares. (COUTINHO E LISBOA, 2011).

Pesquisa

Essa pesquisa deu-se pela necessidade de esclarecer sobre a utilização das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) no âmbito escolar. Observou também a relação entre docentes e ferramentas tecnológicas, ou seja, se fazem uso em aula como instrumento pedagógico. Para isto, foi utilizado um questionário com doze questões as quais foram adaptadas com base em Mattos (2010) sendo elas de múltipla escolha e dissertativa respondidas por professores de duas escolas municipais da cidade de Sumaré.

Justificativa

Num mundo globalizado, no qual as informações são rapidamente obtidas, torna-se cada vez mais importante o conhecimento de novas tecnologias pelos docentes. Em contrapartida, espera-se que as aulas sejam melhor planejadas e mais estimulantes para que os alunos aprendam mais, com esses recursos, visando uma educação de qualidade. É importante levar em consideração que a sociedade do século XXI, é uma sociedade da informação e o conhecimento dessas tecnologias é imprescindível para o mercado de trabalho, obter informações, o entretenimento, informações de interesse próprio, pesquisas escolares e relacionamentos sociais. As TIC's ajudam adquirir novas competências e habilidades.

Pergunta

Os docentes utilizam as TIC para o planejamento de suas aulas e durantes as aulas?

Hipótese

Os docentes que possuem familiaridade com os aparelhos tecnológicos e sistemas de informação e comunicação utilizam esse equipamento para o planejamento e execução de suas aulas reconhecendo que a Internet possui um leque de opções de atividades e ideias para levar aos estudantes aulas dinâmicas e diversificadas.

Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo

- Constatar a presença da tecnologia no âmbito escolar e como os docentes adaptam estas tecnologias em suas aulas.

- Analisar a frequência das tecnologias da informação e comunicação na relação com os estudantes.

Amostra

A pesquisa se caracteriza como um estudo de campo. Foi realizada a partir da aplicação de um questionário com doze questões, sendo perguntas de múltipla escolha e dissertativas. Duas escolas pública da rede municipal de Sumaré/SP foram escolhidas por possuírem laboratório de informática em atividade, dezessete professores responderam às perguntas.

Análise

Tabela 1 – Faixa etária dos docentes

Idade dos docentes		
Idade	**N°**	**%**
25 - 34	4	23,5%
35 - 44	4	23,5%
45 - 60	8	47%
61 - 70	1	6%
Total	17	100%

Os professores estão distribuídos em praticamente duas categorias, 47% entre 25 e 44 anos e, 47%, entre 45 a 60 anos. O tempo de magistério informado está estabelecido entre 2 a 43 anos de profissão.

Tabela 2 – Equipamentos eletrônicos que os professores possuem

Equipamentos que possuem				
	SIM		**NÃO**	
Microcomputador e notebook.	N°	%	N°	%
	16	94%	1	6%
Celular	16	94%	-	-
Smartphone	6	35%	9	52%
Tablet	5	30%	10	58%

Pode-se notar que a maioria das docentes tem algum aparelho eletrônico e também possui conhecimento de diversas tecnologias como mostra nas opções Microcomputador, Notebook e Celular. Apenas uma docente não respondeu se possui celular ou não. Nas opções como Smartphone e Tablet nota-se que a maioria não respondeu que sim e que não, o que não faz o percentual analisado chegar a cem por cento.

Tabela 3 – Se os professores têm acesso à Internet em casa

Acesso à Internet em casa		
	N°	**%**
SIM	17	
NÃO	0	
TOTAL	17	100%

Como mostra a tabela 3 todos professores possuem acesso à Internet em casa.

Tabela 4 – Se os alunos levam eletrônicos para sala e se utilizam-no

Em relação aos alunos				
	SIM		**NÃO**	
Levam eletrônicos para a sala	N°	%	N°	%
	1	6%	16	94%
Utilizam em aula	1	6%	16	94%

No Estado de São Paulo existe a lei número 12.730 de 2007 que proíbe uso de telefone celular durante o período de aula. Nenhuma observação foi feita no sentido de que ele poderia ser utilizado como uma ferramenta de trabalho em sala de aula.

Tabela 5 - Dos aparelhos citados qual é utilizado para planejar as aulas e com que frequência?

	Raramente	Frequentemente	Nunca	Sempre	Total de frequência
Microcomputador	20%	40%		40 %	100%
Celular	16%	25 %	58 %		41%
Smartphone	10%		90 %		10%
Tablet	7%	30%	61 %		37%

De acordo com a tabela 5 o Microcomputador é utilizado por 100% dos docentes para planejamento de aula, mesmo aquele docente que não possui o computador em casa, ele o utiliza para planejamento. Os dados mostram que os professores utilizam mais de um equipamento para o planejamento.

Tabela 6 – A importância da Internet e eletrônicos para o planejamento da aula

A importância da Internet e eletrônicos para a aula	
Temas	**Quantidade**
Pesquisa de atualidades	3
Pesquisa de atividades e informações didáticas	9
Elaborar avaliações	2
Planejar conteúdos e preparar aulas	4
Não respondeu	3

Obs. O professor deu mais de uma resposta para a pergunta.

A consulta à Internet tem por objetivo maior a pesquisa de atividades mais interessantes para serem dadas aos alunos e diferentes formas de preparar as aulas. O professor tem preocupação em melhor se organizar para as suas aulas.

Tabela 7 – Os docentes opinaram de acordo com sua realidade escolar.

	Não concordo total-mente	Não concordo parcial-mente	Indiferente	Concordo parcial-mente	Concordo total-mente
1 - Eu levo minha turma para o laboratório de informática porque tem monitor na sala.	29 %	5%	11%	**5%**	**47%**
2 - Eu levo minha turma para o laboratório de informática mesmo que não haja monitor porque sei utilizar o laboratório	29%	17%	17%	**17%**	**17%**

para as aulas.					
3 - Eu não levo minha turma para o laboratório de informática se não houver monitor na sala.	**94%**	5%	17%	**17%**	**23%**
4 - O laboratório é pouco utilizado com os alunos pois os computadores estão sempre quebrados.	**70%**	11%		11%	
5 - Os jogos educativos no laboratório também ajudam as crianças a desenvolverem habilidades.				5%	**88%**
6 - O computador é uma poderosa ferramenta para utilizar no aprender do aluno.				**23%**	**76%**
7 - As tecnologias digitais podem ser grandes aliadas em sala de aula para auxílio do conteúdo.				**11%**	**88%**
8 - É necessário utilizar as novas tecnologias para resgatar atenção dos alunos na sala de aula.			5%	**64%**	**29%**

Em relação às respostas do professor aos itens 1 e 2, é possível perceber que o fato de haver monitores na sala de informática deixa os professores mais seguros para utilizá-la. Entre as opções "concordo parcialmente e concordo totalmente" há 52% dos docentes que utilizam a sala por haver os monitores.

Em relação ao item 3, o fato de 94% "não concordar totalmente" com a alternativa "Não levar o aluno por não ter monitor, é muito positivo.

O item 4, demostra que a escola cuida da sala de informática, pois 70% dos professores escolheram a alternativa "não concordar totalmente" da não utilização da sala por estar com os aparelhos quebrados.

Os itens 5, 6, 7 e 8 apresentaram um percentual significativo de reconhecimento das TIC's para como uma ferramenta excelente para um melhor ensino aos alunos.

Considerações Finais

O intuito desta pesquisa foi abordar a relevância das tecnologias de informação e comunicação nas instituições de ensino uma vez que, na nova sociedade do conhecimento, a tecnologia se faz presente em todos aspectos da vida, seja em casa, no trabalho, na escola, ou em lugares de lazer.

Constatamos através dos autores citados no decorrer no trabalho que utilizar dessas ferramentas tecnológicas é importante no processo de ensino aprendizagem pois, tem como base uma ferramenta familiarizada pelos jovens da atual sociedade e também incluiria aqueles que não possuem familiaridade com a tecnologia, visando que ter acesso as tecnologias e conhecimento sobre elas é fundamental para o mercado de trabalho, onde a maioria dos empregadores são informatizados.

Contudo, para incluir as tecnologias de informação e comunicação nos ambientes educacionais e utilizá-las como ferramenta pedagógica para uma nova forma de ensino ou de apoio é necessário que os professores estejam preparados, capacitados e acima de tudo queiram fazer uso dessas tecnologias.

Como pudemos observar nos questionários a maioria dos professores que se propuseram a responder as perguntas tem familiaridade com as tecnologias tendo computador e Internet em sua residência. A maioria dos docentes também concordaram que o computador é uma boa ferramenta para ensinar e prender a atenção dos alunos e que são ótimas para auxílio do conteúdo em sala de aula.

Concluímos, então, que os professores têm conhecimento dessas tecnologias de informação e comunicação, inclusive a utilizam, mesmo que, para alguns, seja com pouca frequência.

Endossando esse posicionamento, Hargreaves (2004), Uma opção para o desenvolvimento de um sistema educacional de qualidade é investir na qualificação dos docentes capacitando-os para que se submetam a esta flexibilidade e criatividade sendo assim, desenvolvendo estas características em seus alunos. Deste modo, nessa sociedade do conhecimento os profissionais resgatariam seu papel de respeito como intelectuais, não ficando só na sala de aula, mas ultrapassando o muro das escolas, não apenas formando alunos, mas também cidadãos que possam construir seus bens na economia do conhecimento e zelar, respeitar os bens públicos, também de todas nações e culturas. Na sociedade do conhecimento a economia é obtida através do conhecimento advindo da inventividade e criatividade gerados pela escola que precisa estar atenta para trabalhar estes aspectos incentivando a economia pois se não está sociedade é deixada para atrás. (HARGREAVES, 2004).

Na atualidade o mundo poderia ser moldurado pelas escolas, que precisam trabalhar duro para levar aos cidadãos flexibilidade, estabilidade financeira, promover habilidades, indo de encontro com um trabalho de criatividade e cooperativismo. Infelizmente as escolas trabalham de modo contrário, estagnando-se em um sistema padrão de ensino rotineiro e

uniforme, a qual não é estimulado nem a criatividade muito menos a inventividade que poderiam ajudar no crescimento econômico. (HARGREAVES, 2004).

Acreditamos que mais capacitação dos docentes no que refere a inclusão dessas tecnologias na sala de aula, como apoio ao conteúdo e investimento dessas tecnologias nas redes de ensino, será eficiente para a um maior e melhor manuseio por professores e alunos dessa ferramenta.

Referências

COUTINHO, C. & LISBÔA, E. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. In: **Revista da Educação**, v. XVIII, n. 1, 2011, p. 5-22.

HARGREAVES, A. – **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: A educação na era da insegurança.** Disponível em: <http://pt.slideshare.net/andremanjuba1/9-o-ensino-na-sociedade-do-conhecimento-educao-na-era-da-insegurana>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MATTOS, C. M. **A Escola Como Espaço de Inclusão Digital.** Disponível em: <http://monografias.brasilescola.uol.com.br/matematica/a-escola-como-espaco-inclusao-digital.htm>. Acesso em: 08 jun. 2016.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. **Contemporaneidade, educação e tecnologia. Educação & Sociedade,** Campinas, v. 28, n. 100, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 04 mai. 2016.

PINTO, A. M. **As Novas Tecnologias e a Educação.** Editora da UEM. Maringá, 2004. V. 1. P. 1-7.

WERTHEIN, J. Sociedade da informação e seus desafios. In: **Ciência da Informação**, v. 29, n. 02, 2000, p. 71-77.

O SEXO E A ADOLESCÊNCIA: IMPLICAÇÕES NA VIDA SOCIAL E ESCOLAR

Aline Midian de Paulo[13]
Luis Carlos Gonçalves[14]

RESUMO
Este estudo busca defender que a escola precisa se unir a alunos, pais e responsáveis para poderem trabalhar a conscientização sobre o sexo precoce, (que é definido quando o jovem não tem um preparo psicológico e não sabe ou não entende que essa etapa é realmente importante), o sexo sem segurança, as doenças transmitidas sexualmente e a gravidez indesejada, entre muitas outras coisas, e sem afetar os sentidos morais ou religiosos que cada família defende. Para tanto, deve-se trazer à luz a preocupação de se desenvolver projetos escolares com a comunidade a fim de buscar soluções no sentido de conscientizar a importância do comportamento sexual sadio dos jovens e adolescentes. É necessária, então, uma política de educação preventiva com máxima urgência, nas e para as famílias e nas e para as escolas, porque não podemos mudar o passado, mas juntos conseguiremos melhorar o nosso futuro. Para tanto, este artigo se utilizou de pesquisa documental e bibliográfica, com a realização de entrevista com três educadores de escolas estaduais sediadas em Sumaré/SP, com o objetivo de colocar a escola como o papel de mediadora entre alunos e famílias e assim ajudar na conscientização sobre o sexo e o sexo seguro.

Palavra-chave: Educação, Sexualidade, Respeito.

ABSTRACT
This study seeks to defend the school needs to join students, parents and guardians in order to work the awareness of early sex, which is defined when the young do not have a psychological preparation and does not know or does not understand that this step is really important, the unsafe sex, sexually transmitted diseases and unwanted pregnancies, among many other things, and without affecting the moral or religious sense that each family advocates. Therefore, one should bring to light the concern of developing school projects with the community to seek solutions in order to raise awareness of the importance of healthy sexual behavior of young people and adolescents. It is necessary, then a preventive education policy with utmost urgency, in and for the families and for the schools and because we can not change the past, but together we can improve our future. Therefore, this article was used to document and literature, with conducting interviews to three educators from state schools based in Sumaré / SP.

Keywords: *Education, Sexuality, Respect.*

[13] Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: aline.midinadepaulo@gmail.com)
[14] Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

1 Introdução

Qual é a dificuldade de se trabalhar o sexo, sua prevenção, seus mitos, gravidez precoce e o diálogo nas escolas?

É crescente o número de adolescentes que iniciam a vida sexual cada vez mais cedo. É comum meninas cada vez mais novas ficarem grávidas e abandonarem a escola. Trata-se de tentar compreender este fenômeno, bem como, de que maneira a educação escolar pode contribuir para uma educação sexual sadia e responsável.

O desenvolvimento biológico do corpo humano é o mesmo desde sempre, mas, a fase de transição em que não somos nem crianças nem adultos é uma invenção recente, a grande maioria dos povos de diferentes países ou religiões tinha uma idade específica para considerar uma criança um novo adulto e isso existe até hoje, mesmo passando despercebido muitas vezes, como festas de debutantes ou festa de 15 anos, no bar *mitzvah* dos judeus com 13 anos e na crisma para os católicos, até mesmo na lei, que sugere uma data para a maioridade civil que é de 18 anos.

Estudos feitos em 2012 pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) com a parceria da OMS, sobre o início da vida sexual e o uso de contraceptivos e preservativos indicou que adolescentes jovens tendem a não usá-los quando iniciam a vida sexual muito cedo.

Embora vários pesquisadores, gestores públicos e escritores tenham teorias e pesquisas diferentes sobre o assunto de qual é a idade correta para se começar a vida sexual, todos concordam que a idade certa é quando se está munido de todas as informações possíveis e quando se está confortável com seu corpo e com a situação.

2 Revisão Bibliográfica

Adolescência é um termo que é usado há algum tempo para definir jovens, jovens que saíram ou estão para sair da infância. Mas a grande questão é como esse termo surgiu e por que foi preciso "inventar" um termo para definir os que estão entre a infância e a fase adulta.

Até o século XIX, para Savage (2009), apenas existia a criança e adulto. Ou se era uma coisa ou outra. Mas a vida urbana e moderna, em conjunto com a rebeldia juvenil, moldou o que seria conhecido como adolescência. Houve uma época em que não existiam adolescentes. As crianças eram vestidas como verdadeiros bonecos e bonecas, sempre engraçadinhos e cheios de enfeites e, entre 10 e 14 anos, esperava-se que largassem as roupas infantis e a partir daí precisavam se comportar como adultos, imitando cada fala, gesto, vestimenta, gostos e obrigações, dentre elas, trabalhar.

Não podemos jamais confundir a adolescência com a puberdade, que é o processo fisiológico de transformação do corpo infantil em adulto, que acontece em algum momento da adolescência, por meio da liberação de hormônios sexuais.

> Até o século 19, a idade da primeira menstruação ficava entre os 15 e 17 anos, hoje isso ocorre entre 11 e 13 anos. Já a adolescência é uma construção social, a ideia que exista uma fase transitória na vida, em que não se é adulto e nem criança (SAVAGE, 2009, p. 23).

Segundo Savage (2009), a palavra adolescente foi cunhada em 1898, pelo psiquiatra americano Granville Stanley Hall e passou a ser usada apenas entre psicólogos e psiquiatras

da época. O termo se tornou popular depois da Segunda Guerra, na mesma época que nascia o *rock and roll*, a primeira revolução cultural que só afetava os jovens. O rock era a música símbolo que apenas os jovens ouviam e que os adultos desprezavam, assim como o modo de se vestir e o comportamento. Só então nasceu a juventude como conhecemos hoje.

O rock foi o detonador, mas a pólvora da juventude já vinha sendo acumulada por mais de um século. De um lado, a idealização da juventude nascida no romantismo que levava em conta os sentimentos intensos, a energia de sobra e a falta de compromisso. Do outro lado, um pânico legítimo.

> Ao final do século XIX e começo do século XX, a urbanização, a exploração demográfica e as condições precárias das classes trabalhadoras levaram à formação de gangues em grandes cidades, como os *hooligans* de Londres e os apaches de Paris. Essas gangues tinham um estilo próprio de se vestir e incluíam moças, sexualmente liberadas, ainda que dominadas pelos homens, mas seu estilo de vida era inaceitável. A principal atividade do grupo era o crime, o que incluía extorsões, guerras de gangues e assassinatos sob encomenda. Esse era o seu mundo inteiro em si mesmos, todas as regras usuais eram viradas de cabeça para baixo (SAVAGE, 2009, p. 16).

A juventude era vista como um grande problema e uma tentativa de solução encontrada para barrar seu "entusiasmo" foi a criação de leis. No século XIX, surgiram as primeiras leis de ensino e, enquanto isso, "patriotas" começaram a pregar pelo alistamento militar do jovem de forma a disciplinar sua energia.

Assim, em 1908, o tenente veterano inglês Robert Baden-Powel lançava seu livro *Scouting for Boys*, o pilar sobre o escotismo. Powel vinha de uma longa carreira em guerras coloniais inglesas, onde havia usado adolescentes como mensageiros e no auxílio de soldados feridos, o movimento que se ergueu após isso foi de imitadores em todo o mundo, até em países socialistas e também no nazismo.

É de se destacar a visão de que, após a Segunda Guerra Mundial, o adolescente é tratado como um consumidor com suas próprias especificidades.

> Os soldados que voltaram da Segunda Guerra casaram, constituíram família e tiveram carreiras na recuperação econômica de seu país. O lançamento da revista Seventeen, voltada para meninas do ensino médio, seguiu-se a um *boom* econômico e, com isso, uma nova classe de consumidores acabou reconhecida. A origem do termo *teen* (que vem da sílaba final dos números 13 e 19 em inglês) para se referir aos adolescentes, foi para tornar popular os produtos que chegavam a essa nova classe de seres humanos (SAVAGE, 2009, p. 26).

Outro destaque é que, em 1951, o livro "O Apanhador no Campo de Centeio", do americano J. D. Sallinger, virou o primeiro *best seller* com um protagonista adolescente. O texto contém gírias e fala de assuntos tidos como tabu na época e até hoje, como o homossexualismo. O protagonista, Holden Caufield, de 16 anos resiste a se integrar a essa intimidadora sociedade adulta. Esse personagem fictício acabou virando ícone daquela geração que fez uma ruptura e a primeira revolução sexual.

Desde então, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e muitas outras pesquisas nesse campo, a população jovem é um importante grupo populacional em termos de risco epidemiológico para doenças sexualmente transmissíveis e definida como prioridade das campanhas de prevenção. Existe um grande interesse por parte dos gestores públicos influenciados por pesquisadores sobre a iniciação sexual, frequentemente experimentada nesta fase da vida, esse interesse está relacionado à associação entre o comportamento na primeira

relação sexual e o estabelecimento de padrões comportamentais que podem permanecer por toda vida e a identificação de que o início da vida sexual por jovens mais novos seria o fator para gravidez na adolescência e a aquisição de doenças sexualmente transmissíveis.

Representada pelos posicionamentos oficiais de políticas públicas, uma pesquisa feita por Calazans (2005) em conjunto com o governo dos Estados Unidos mostra que:

> Há duas perspectivas em debate no plano internacional de prevenção associados com a atividade sexual adolescente considerada de risco, a prevenção primária, dedicada ao adiamento da vida sexual até a maturidade psicossocial ou casamento; a prevenção secundária propõe o uso de práticas de sexo mais seguro por aqueles sexualmente ativos e que não pretendem se abster da atividades sexual (CALAZANS, 2005, p. 12).

As práticas sexuais na juventude têm sido descritas como dinâmicas e em constantes transformações. Isso pode acarretar impactos importantes na vida reprodutiva dos jovens, como o aumento das taxas de gravidez na faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade. No estudo de Borges e Schor (2002) afirma que a primeira relação sexual é considerada um marco na vida reprodutiva e social de qualquer indivíduo e tem ocorrido cada vez mais precocemente.

> Em 1986 apenas 14,0% dos jovens entre 15 e 19 anos tiveram relação sexual antes de contrair matrimônio, e 10 anos depois, em 1996 esta proporção subiu para 30,0%, um aspecto evidenciado também por estudo realizado pelo Ministério da Saúde, onde a idade média do início da visa sexual encontrada em 1984 foi 15,3 anos entre homens de 16 a 19 anos de idade e 16 anos entre as mulheres, já em 1998 a idade média verificada diminuiu para 14,5 e 15,2 anos respectivamente (BORGES e SCHOR, 2002, p. 02).

É importante reforçar que a antecipação da primeira relação sexual está presente nos diferentes estratos sociais, podendo ser admitida como uma tendência generalizada. E essa diferença duplica de tamanho com dois anos de diferença. No Brasil, a média da idade da primeira relação sexual foi de 19,5 anos para as mulheres e 16,7 anos para os homens em 1996. Mas, em 1998, 46,7% dos adolescentes do sexo masculino já haviam iniciado sua vida sexual antes dos 14 anos de idade, ao passo que a proporção de adolescentes do sexo feminino foi de 32,3%.

As explicações acerca das diferenças da idade do início da vida sexual entre homens e mulheres baseiam-se no fato de que as normas e expectativas sociais em relação à idade e circunstâncias adequadas para as primeiras práticas sexuais variam conforme o sexo. "O regime das relações de gênero, prescrevendo condutas adequadas para homens e mulheres, intervém de maneira inequívoca nesse cenário de iniciação da vida sexual ativa" (BORGES e SCHOR, 2002, p. 12).

Os únicos resultados iguais que constam nesses estudos e pesquisas diz que, quanto mais cedo jovens do sexo masculino e feminino iniciarem na vida sexual, maior é o índice de contraírem doenças sexualmente transmissíveis, como também é maior a probabilidade de gravidez indesejada, por falta de uso de preservativos e métodos contraceptivos. Muitas vezes por falta de contatos com tais métodos, outras por falta de diálogo e esclarecimentos sobre suas dúvidas.

Cardoso (2003) citada por Virginelli (2007), diz que meninas que ficam grávidas tão cedo, perdem parte de sua juventude. Muitos adolescentes vivem suas vidas sexuais ativamente, sem perceberem a quanto certas escolhas podem modificar seus planos futuros. O fato de não usarem camisinha, é de longe o mais preocupante, pois o único medo desses

jovens é a gravidez, por isso, o método mais utilizado seria o famoso Coito Interrompido. Mas o fato de não usarem camisinha é preocupante, pois existem muitas doenças.

> Um total estimado de 2500 jovens são infectados com o HIV a cada dia, com mulheres e adolescentes do sexo feminino enfrentando risco de contágio desproporcionalmente mais alto, de acordo com novo relatório conjunto da Organização das Nações Unidas e do Banco Mundial, que apela para uma "cadeia de prevenção" para proteger os jovens. O relatório "Oportunidade na Crise: Prevenindo o HIV da adolescência à vida adulta" apresenta, pela primeira vez, dados sobre infecções por HIV entre jovens e identifica os fatores que aumentam o risco de infecção, bem como oportunidades para reforçar a prevenção (...) Segundo o relatório, pessoas entre as idades de 15 e 24 anos representaram 41% de novas infecções entre adultos em 2009. Mundialmente, cerca de 5 milhões dos jovens nessa faixa etária estavam vivendo com o HIV em 2009. "Para muitos jovens a infecção pelo HIV é o resultado da negligência, da exclusão e das violações que ocorrem com o conhecimento de famílias, comunidades sociais e líderes políticos". Este relatório pede que líderes de todos os níveis construam uma cadeia de prevenção para manter adolescentes e jovens informados, protegidos e saudáveis (LAKE, 2013, p. 15).

Existem dúvidas sobre como agir diante de casos que envolvam o sexo nas escolas, como, um namoro que surge entre dois alunos, os beijos no intervalo que deixam os inspetores de cabelos em pé, essas dúvidas ficam, muitas vezes, sem respostas e os motivos são inúmeros, medo, insegurança, não conhecimento sobre o assunto, não estar atualizado, falta de convicção do professor sobre o que e como abordar essas temáticas em sala de aula com os alunos de forma séria e controlando os hormônios e desordem.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais tornaram-se, por muito tempo, documentos que norteavam as práticas educativas. Dentre estes documentos, temos um específico voltado à questão da Orientação Sexual, uma vez que,

> As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia da Aids, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida, que desejamos e que estão previstas pela Constituição brasileira (BRASIL, 1998, p. 307).

Como um tema transversal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) defendia que concepção, objetivos e conteúdos na temática sobre Orientação Sexual encontram-se observados pelas diversas áreas do conhecimento escolar. Contudo, o próprio documento já apontava para a complexidade e polêmica envolvidas para sua abordagem.

> Evidentemente, são questões complexas e polêmicas que estão aí envolvidas. A reflexão sobre elas, desvendando os valores que as orientam, não só configuram o tema como possibilitam questionamentos e posicionamentos que precisam ultrapassar os estreitos limites dos preconceitos e das palavras de ordem. Os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudo, são fontes de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico

> e, portanto, exigem maior preparo dos educadores. É importante, porém, que a escola possa oferecer um espaço específico dentro da rotina escolar para essa finalidade (BRASIL, 1998, p. 307-308).

Vilela (2013) destaca que, em 1998, o eixo de Orientação Sexual foi inserido nos Parâmetros Curriculares, mas não se tornou uma realidade até hoje, por ser um tema permeado por tabus e preconceitos envolvidos por valores culturais e de ordem pessoal. E a grande maioria dos educadores não adquiriu o conhecimento durante a graduação e também não se sentem à vontade para conversarem a respeito. Até há pouco tempo, nossa cultura ocidental cultivava uma postura que se baseava na negação da sexualidade. E a educação utilizava métodos que induziam a vergonha, a culpa e a ignorância.

Apesar de estarmos vivenciando tempos diferentes e de parecer que essa época é a da liberação sexual, esse assunto continua sendo tabu dentro das casas e, consequentemente, dentro das salas de aula, os pais podem parecer "liberais", conversarem e brincarem sobre o assunto com amigos de trabalho ou sociais. Porém, quando se trata da saúde e conhecimento dos seus próprios filhos, isto os trava e acaba influenciando as escolas, pois muitas vezes eles não autorizam os professores a trabalharem sobre assunto. Isso quando a escola o coloca em pauta em reuniões de pais e professores.

Vale ressaltar que, contemplado pelos Parâmetros Curriculares, a temática sobre Orientação Sexual não aparece entre aqueles temas denominados de integradores na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que tem como objetivo determinar, pelo menos, cerca de 60% (sessenta por cento) do conteúdo curricular que todas as escolas do Brasil deverão trabalhar. Muito embora, seria possível compor a parte restante, de autonomia da escola, é de se supor as dificuldades que se apresentarão.

> Os temas integradores dizem respeito a questões que atravessam as experiências dos sujeitos em seus contextos de vida, contemplando aspectos para além da dimensão cognitiva, dando conta da formação política, ética e identitária dos estudantes. A supressão salta aos olhos já que todos os outros temas antes classificados como transversais pelos PCNs ganharam equivalentes na Base como Meio Ambiente que passou a chamar-se Sustentabilidade ou Pluralidade Cultural que se transformou em Culturas Africanas e Indígenas (PAIVA, 2015).

Para melhor ilustrar, segue abaixo uma tabela que aponta de que forma os temas transversais forma incorporados pela proposta da BNCC, agora conceituados como temas integradores:

Temas Transversais – PCNs	**Temas Integradores – BNCC**
Trabalho e Consumo (só no Fundamental II)	Consumo e Educação Financeira
Ética	Ética, Direitos Humanos e Cidadania
Pluralidade Cultural	Culturas Africanas e Indígenas
Meio Ambiente	Sustentabilidade
Orientação Sexual	Tecnologias digitais

Tabela 1- Temas transversais dos PCNs incorporados como temas integradores na BNCC. Fonte: http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/orientacao-sexual-e-suprimida-da-base-nacional-curricular/

"O silêncio sobre a orientação sexual na Base parece dialogar com a recente polêmica envolvendo a retirada de menções a gêneros nos planos estaduais e municipais de educação", afirma Paiva (2015).

3 Metodologia

O foco dessa pesquisa é a análise de como estão sendo elaboradas as ações pedagógicas para solucionar o analfabetismo sexual na vivência dos jovens e adolescentes. Para tanto, a pesquisa se deu de forma documental e bibliográfica. Havendo também a realização de entrevista em três escolas estaduais sediadas na cidade de Sumaré/SP sobre a falta de abordagem da temática, o que ela abrange e a importância dela.

As três escolas são: Escola Estadual João Franceschini, Escola Estadual Dom Jayme de Barros Câmara e Escola Estadual Elysabeth de Mello Rodrigues.

4 Resultados e Discussões

Conforme mencionado acima, realizou-se uma entrevista em três escolas estaduais sediadas em Sumaré/SP. Os entrevistados foram um diretor da Escola João Franceschini e dois professores das Escolas Dom Jayme de Barros Câmara e Elysabeth de Mello Rodrigues.

A primeira pergunta da entrevista foi se existe uma grade em que a temática "Sexo e a Adolescência" é abordada na escola. Todos os entrevistados disseram que não. Destacando que o entrevistado da Escola Elysabeth de Mello Rodrigues disse que: "*Não, mas ano passado em 2015, tivemos uma palestra organizada pelo posto de saúde no mês de combate a Aids, no dia 1º de dezembro*". Assim, demonstra-se que em nenhuma disciplina tem tal abordagem, inclusive, na disciplina de Biologia, que "tradicionalmente" aborda.

Em seguida, foi questionado como a escola acha que esse tema deva ser abordado de alguma forma e se é importante sua inclusão na grade curricular e na vida dos jovens. Para o entrevistado da Escola João Franceschini: "*O tema é relevante e deveria fazer parte por exemplo, da disciplina Biologia, mas existe a dificuldade da comunicação com os alunos e com os pais*".

Segundo o entrevistado da Escola Dom Jayme de Barros Câmara: "*O tema é muito importante e deveria ser obrigatório, como foi a alguns anos atrás*". E para o entrevistado da Escola Elysabeth de Mello Rodrigues: "*Isso deveria ser tratado como tema transversal, ou seja, não obrigatório. A escola está transbordando de obrigações. Colocar esse tema na grade iria criar mais demandas de profissionais, mais espaços e mais material e para conseguirmos o que já temos com o Estado já é difícil, imagina não é?*".

Acerca da dificuldade da comunicação com os alunos sobre esse tema e com os pais apresentada pelo entrevistado da Escola João Franceschini, o mesmo foi perguntado do porquê. Respondeu que: "*A comunicação com os alunos é difícil porque o tema é delicado, se tratado sério demais tende a ficar maçante e isso não causa nenhum impacto positivo e nem segura a atenção. Se tratado com mais leveza e divertido na linguagem dos jovens, tende a gerar bagunça, desordem e o professor é quem fica sem ter o que fazer nessa hora. É difícil controlar jovens com os hormônios à flor da pele. Quanto aos pais, existe um muro em volta*

desse assunto. É de se espantar, mas ainda hoje os pais não falam sobre sexo com seus filhos e filhas, uns porque acham irrelevante, outros por vergonha, outros acham que se deve aprender com a vida, assim como eles. E outros, apenas porque são relapsos, são da opinião que a escola não deve falar sobre o assunto, pois dessa forma escapam de ter que responder às perguntas dos jovens, que, com toda certeza, farão ao chegarem em casa após a aula".

O entrevistado da Escola Dom Jayme de Barros Câmara, acerca desta mesma dificuldade de comunicação, relatou que: "*A dificuldade maior é a comunicação dos professores com os jovens, trabalhar com os jovem é estressante e desgastante, soma-se a isso uma sala com mais de trinta e cinco alunos, todos em uma fase transitória, extremamente difícil, e uma professora com mais de cinquenta anos que sente dificuldade até de falar a palavra sexo. A sala de aula é um caos!*"

Para o entrevistado da Escola Elysabeth de Mello Rodrigues: "*O passo inicial deveria ser uma comunicação de educadores e pais, para só então ser montada qualquer atividade e/ou aula sobre esse tema. Mas é difícil fazer os pais aceitarem falar sobre isso com seus filhos. Para muitos, o papel da escola é ensinar a fazer conta e escrever direito. Muitos são ignorantes, pessoas simples mesmo e se acanham facilmente. Para a palestra do posto de saúde no ano passado acontecer, foram necessárias duas reuniões de pais e uma equipe de enfermagem, autorizações dos pais por escrito e a garantia por parte da equipe de enfermagem que no dia da palestra estivesse presente médicos e que o foco fosse nas doenças sexualmente transmissíveis, tal como a Aids*".

A seguir, foram perguntados se na escola existem casais de namorados e como funciona esse relacionamento nas dependências da escola. O entrevistado da Escola João Franceschini disse que: "*Claro que existem, mas procuramos coibir os beijos e carícias em público. Mas do portão da escola para fora não podemos fazer nada*". O entrevistado da Escola Dom Jayme de Barros Câmara afirmou que: "*Existem, mas eles se policiam quanto a demonstração de afeto. Contudo, andam de mãos dadas*". Segundo o entrevistado da Escola Elysabeth de Mello Rodrigues disse que existem sim "*mas sempre orientamos para que não se beijem ou se agarrem na frente dos outros alunos*".

Como ultima questão, foi perguntado acerca do índice de gravidez entre as jovens na escola e se essas meninas, quando engravidam no final de um ano letivo ou no começo do ano, costumam retornar a escola após o nascimento da criança.

Para o entrevistado da Escola João Franceschini: "*Entre as jovens de dezessete anos temos mais ou menos por ano duas. Nessa idade, elas costumam voltar para a escola e nós ajudamos passando por e-mail o conteúdo das aulas, trabalhos e agendamentos de provas. Às vezes aparecem grávidas as mais novas de dezesseis e quinze anos, mas não ocorre com frequência e há muitos anos não temos registro de grávidas de quatorze anos*".

De acordo com o entrevistado da Escola Dom Jayme de Barros Câmara: "*Há uns dois anos tivemos uma jovem de dezesseis anos. Antes disso, ficamos um tempo sem nenhuma aluna grávida e a escola oferece suporte sim. Facilitamos, enviando para a jovem o material utilizado nas aulas durante o período de amamentação. E levamos em consideração os atestados médicos durante a gestação*".

Por fim, o da Escola Elysabeth de Mello Rodrigues disse que: "*Temos no momento duas alunas grávidas. As duas de dezesseis anos. A escola, no momento, só oferece suporte de considerar faltas, pois as duas só irão dar à luz nas férias. Mas, ano que vem, vamos conversar sobre como vamos ajudar as duas para que ambas não parem os estudos*".

Devem-se considerar alguns pontos após essa entrevista. O primeiro é o fato de que se acha importante discutir o tema, mas por vários motivos as escolas apenas arrumam

“desculpas” para não colocarem em prática. Outro ponto de empecilho percebido são os pais dos jovens e também a dificuldade de comunicação entre a escola e seus alunos.

A escola, quanto à dedicação de educar os jovens, é de extrema importância para assegurar uma vida saudável a eles, assim garantindo um futuro promissor quando se refere à questão de saúde, além de garantir conhecimentos em todas as áreas da vida.

5 Considerações finais

Na preocupação de zelar pela saúde dos alunos em curso de ensino, a equipe escolar, liderada pelo diretor, deve programar atividades, palestras e trabalhos sobre o sexo na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce.

A equipe escolar deve ouvir as frequentes dúvidas dos alunos, entender a forma como se expressam, junto com profissionais que já lidam com adolescentes, procurar explicar, demonstrar e ajudar de uma forma que todos participem das atividades, falar sobre o tema sem restrição.

Deverá avisar aos pais ou responsáveis pelos adolescentes sobre o projeto e separar na sua grade curricular uma semana para desenvolver atividades com os alunos e os profissionais. Esse estudo pode vir a ter resultados relevantes para o âmbito escolar desenvolver novas reflexões de comportamento diante de projetos de ensino no sentido de aprendizagem sexual nas escolas.

Em longo prazo a equipe escolar poderá colocar a questão sexual na rotina dos alunos e na rotina dos pais. Assim haverá maior possibilidade para evitar gravidez precoce entre os adolescentes que estudam e estudarão ali.

Com todo o trabalho que será desenvolvido pela equipe, teatro, palestras, roda de conversa, a administração escolar conseguirá que o tema sexo entre os jovens não seja tabu, com o passar do tempo, esses jovens irão procurar aconselhamento ou até mesmo contar sobre suas vidas sexuais sem vergonha ou medo, tanto com a escola quanto com seus pais ou responsáveis.

É possível desenvolver projetos que trabalhem a questão da Orientação Sexual na Adolescência, tomando como uma proposta o que se segue, em forma de minha contribuição à questão, projetando como isso poderá acontecer na prática.

O diretor da escola com os professores irá montar atividades de prevenção para se aplicarem em sala de aula, nessas atividades os alunos formarão equipes para pesquisar sobre o tema, juntar todas as informações conseguidas em trabalho escrito e apresentá-las com dados de pesquisas.

Na segunda parte do projeto, os professores, juntamente com o psicólogo da própria escola irão levar os alunos de todas as séries para o auditório ou pátio, para darem palestras sobre o tema, conversando com os alunos e abrindo espaços para esclarecimento de dúvidas, sempre se lembrando de falar a mesma linguagem que os adolescentes, não se esquecendo de deixar o ambiente o mais contraído possível.

Na terceira parte, os professores irão organizar uma peça de teatro, abordando duas histórias em uma, a gravidez precoce e o HIV, os alunos que irão representar os papéis serão sorteados, os alunos restantes irão ajudar na divulgação do projeto da peça teatral entre seus familiares e cuidarão do cenário e ajudarão na elaboração das falas. A peça será apresentada para alunos da escola, funcionários e familiares.

A quarta parte será a exibição de filmes em sala de aula, começando com filmes de prevenção de DST (doenças sexualmente transmissíveis), e passando para filmes que já

passaram pelo cinema, sobre gravidez na adolescência. Os alunos terão que entregar um relatório dos filmes, que deverá constar suas opiniões e dúvidas sobre o tema.

A última parte é convidada um médico que participe de projetos sem fins lucrativos com adolescentes, para explicar tudo sobre sexo, desde a colocação de camisinha, mostrar slides com partes íntimas que sofrem com doenças venéreas, situação social de adolescente que teve uma gravidez precoce, situação social de adolescentes que convivem com o vírus HIV e, por fim, esclarecer e desmentir vários mitos, que a maioria dos meninos e meninas acredita.

Contudo, e apesar dessa "onda conservadora", o trabalho de Orientação Sexual nas escolas precisa acontecer. Para Marcelo Daniliauskas, doutorando pela Faculdade de Educação da USP e especialista em políticas públicas sobre gênero e sexualidade citado no artigo de Paiva (2015):

> Se a gente está querendo discutir uma sexualidade saudável, refletida, planejada, precisamos discutir antes que aconteça. O problema é que mesmo quando não se discute não significa que você não está não dando uma formação sobre sexualidade. Se você evita tocar no tema você está dando uma formação que é 'não se pode falar sobre isso'.

Referências

BORGES, Ana L.V., SCHOR Néia. **Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero**: um estudo transversal. São Paulo: Brasil, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALAZANS, Gabriela J. **Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva**: elementos para reflexão retratos da juventude e análise de uma pesquisa. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

LAKE, Anthony. **Oportunidade na crise**: prevenindo o HIV da adolescência à vida adulta. 2009. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/relatorio-da-onu-pede-cadeia-de-prevencao-para-proteger-jovens-do-hiv/>. Acesso em: 10 out. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **OMS estabelece novas diretrizes para tratamento de adolescentes com HIV**. Rio de Janeiro: 2013. Apresenta discussão sobre a adolescência e a sexualidade mundial no mundo. Disponível em: <www.onu.org.br>. Acesso em: 12 set. 2014.

PAIVA, Thais. **Orientação sexual é suprimida da Base Nacional Comum**. Portal Carta Educação. Artigo publicado em 04 nov. 2015. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/orientacao-sexual-e-suprimida-da-base-nacional-curricular/>. Acesso em: 13 set. 2016.

SAVAGE, Jon R. **A criação da juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século 20. Londres: Rocco, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VIRGINELLI, Ariana Cristina. **Três olhares sobre a sexualidade**. 2007. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdades Network, Nova Odessa, 2007.

O ENSINO CONSTRUTIVISTA SOB A PERSPECTIVA DO ALUNO

Valéria Lopes da Silva Zancchini[15]
Maria A. Belintane Fermiano[16]

RESUMO
O presente estudo tem como objetivo descrever a opinião da criança sobre as aulas da professora mais querida e identificar possíveis características de um método de aprendizagem significativo. Dessa forma, pretende-se colaborar para a reflexão de educadores sobre a importância de práticas pedagógicas ativas que provoquem o desenvolvimento e a autonomia dos alunos. A fundamentação teórica priorizou uma análise das tendências pedagógicas na educação brasileira e refletiu sobre características ainda presentes em práticas pedagógicas que não favorecem o desenvolvimento integral do aluno. Acredita-se que, quando os docentes trabalham a partir de ideias espontâneas das crianças, veem nos conflitos oportunidades de aprendizagem, valorizam o trabalho em grupo, realizam investigações, sendo possível aos alunos desenvolverem a criatividade, a criticidade, a capacidade de resolver problemas, além de favorecer para a formação de atitudes e valores. A presente pesquisa bibliográfica fundamenta-se principalmente nos trabalhos de Saviani (2003), Piaget (1999), Delval (2002).

Palavras chaves: Aprendizagem, Ensino Fundamental, Práticas Pedagógicas, Didática, Metodologias, Construtivismo.

ABSTRACT
The present study aims to describe the child's opinion about the sweetest teacher classes and identify possible characteristics of a significant learning method. In this way, we intend to collaborate to the reflection of educators about the importance of active pedagogical practices, which cause the development, and autonomy of the students. The theoretical foundation prioritized a pedagogical trends analysis in Brazilian education and reflected on features still present in pedagogical practices that do not favor the development of the student. It is believed that when teachers work from spontaneous ideas of children, see conflict learning opportunities, enhance group work, conduct investigations, and students develop creativity, criticality, the ability to solve problems, as well as encourage the formation of attitudes and values. This bibliographical research is based mainly in the works of Saviani (2003), Piaget (1999), and Delval (2002).

Key words: *learning, elementary school, pedagogical practices, Didactics, methodologies, constructivism.*

[15] Aluna do 4º Ano de Pedagogia- Faculdades Network- Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: valerialopessilva@hotmail.com)

[16] Prof.ª Drª Maria A. Belintane Fermiano das Faculdades NetWork. (maria.belintane@gmail.com)

1 Introdução

Enquanto estagiária de uma escola estadual, pude participar da rotina de uma sala de aula cuja prática da professora foi a inspiração para esse artigo. Sua postura enquanto professora não foi o único ponto que chamou a atenção, o ambiente físico, além de aconchegante, era motivador para alunos e visitantes. O espaço era subdividido em três partes: uma parede para exposição dos trabalhos realizados pelos alunos, outra para exposição dos projetos e outra apresentando o cronograma bimestral com os conteúdos a serem desenvolvidos, datas de provas e painel de regras. As carteiras sempre eram agrupadas, em outros casos, alinhadas em duplas.

Em relação à professora, ela trabalhava seguindo uma linha pedagógica criativa, inovadora e, a meu ver, construtivista; apresentava uma linguagem acessível ao contexto da aula, sempre oferecendo aos alunos a oportunidade de interagir, opinar e até decidir temas de pesquisas, dar sugestões, ideias, nos casos de divergência, a professora sempre optava pela votação. Ela encorajava os alunos a terem responsabilidade em cuidar da própria classe. Semanalmente, um grupo de alunos era responsável em higienizar as carteiras, já ao monitoramento do lixo como papeis, lascas de lápis, era uma responsabilidade de todos.

Trabalhava sempre com dinâmicas e jogos para compreensão dos conteúdos, principalmente os mais complexos. Em relação à rotina da sala, pode-se dizer que a docente sempre apresentava atividades diferenciadas a cada aula, buscando atrativo para os educandos. As atividades em grupo incluíam dinâmicas integradoras e a socialização dos conteúdos ocorria de uma forma participativa, fazendo com que os alunos partilhassem suas ideias com os demais.

Ao abordar os conteúdos, a docente desenvolvia técnicas que instigava os alunos a pensarem, despertando o seu interesse. Recursos audiovisuais eram utilizados com frequência, bem como, pesquisas via internet, revistas, recortes de jornais, promovendo assim, um campo de desafios que induzia o aluno a aprender prazerosamente.

Sempre considerava as propostas e opiniões dos alunos, podendo mudar a rotina planejada. Convidar as crianças para tomar decisões e fazer algumas regras era frequente. Por esse motivo, o painel de regras da classe foi construído coletivamente, podendo ser acrescido de itens dependendo da situação e da necessidade, considerando sempre as ideias e o ponto de vista dos alunos.

Antes de realizar qualquer tipo de atividade em grupo ou individual, a professora sempre retomava as regras da classe, para evitar problemas. Em casos de conflitos ou desentendimentos, ela convidava-os para a roda da conversa e discutia o assunto, propondo que os demais colegas colaborassem com ideias ou opiniões para a resolução e sugeria que tentassem descobrir formas de satisfazer a todos. Nos momentos de discussões, a docente sempre considerava as opiniões da classe. Dificilmente a direção ou a coordenação interferia nos conflitos.

A partir das observações realizadas nessa classe, comecei a buscar em outras classes e escolas, o mesmo tipo de conduta profissional nos professores. Infelizmente não consegui encontrar. Em algumas práticas, a preocupação do professor era apenas o conteúdo e não a aprendizagem dos alunos, não demonstravam reflexão de uma prática pedagógica. Em outras haviam características muito agressivas e mesmo ofensivas em relação ao tratamento do aluno. A relação professor-aluno era composta por uma hierarquia e, como consequência, os alunos assumiam uma postura submissa e apática.

Dessa forma, minha preocupação com essa escassez de professores tal como o descrito, motivou minha pesquisa. Mas, percebi que a resposta, não é tão simples assim.

Para dar sentido à investigação o referencial teórico estudado foi Saviani (2003), Piaget (1999), Delval (2002), Freire (2003), entre outros. A opção por esses autores auxilia a esclarecer duas coisas. A primeira, diz respeito às características do ensino tradicional e o fato desse tipo de ensino não proporcionar o desenvolvimento integral do aluno. A segunda, é o que pode ser considerado ensino construtivista, ou seja, uma educação que compreende a construção do conhecimento pelo aluno, possibilitando ao educador estabelecer relações entre o desenvolvimento intelectual da criança e a aprendizagem como um processo ativo. Nessa perspectiva, acredita-se que um ensino baseado na concepção construtivista pode interferir na capacidade de aprender, contribuindo para a formação e o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social dos alunos de forma autônoma.

> (...) conhecendo os mecanismos de aprendizagem que as crianças desenvolvem desde o nascimento, hoje sabemos que elas vão construindo seu modo de agir, pensar, sentir, sua visão de mundo e seu conhecimento, através da interação com outras pessoas, adultos e colegas. Isso quer dizer que a aprendizagem raramente pode ocorrer num ambiente em que somente o professor fale, enquanto o aluno escuta passivamente. (DELVAL, 2002, p. 12)

Dessa forma, essa pesquisa buscou desenvolver um olhar crítico sobre o ensino nos anos iniciais do fundamental, questionando a eficácia da prática de ensino tradicional como metodologia que não garante ao aluno a construção de sua cidadania. Mas, a pesquisa não está centrada na comparação de notas, ou mesmo atribuindo juízo de valor para o tipo de aula que o professor desenvolve. Pelo contrário, o foco foi investigar a memória dos alunos a respeito de sua professa mais querida e o que ela fazia de “diferente”.

Sendo assim, o pressuposto dessa pesquisa é o de que, para um melhor desenvolvimento, aprendizado e autonomia dos alunos é importante a utilização de práticas construtivistas, ativas, isto é, utilizar metodologias e estratégias que estabeleçam condições para que a criança reflita, desenvolva a autonomia moral e intelectual e seja protagonista de seu aprendizado.

O docente que se utiliza de práticas construtivistas, organiza seu tempo pedagógico com trabalho em grupo e investigações em sala de aula. As ideias espontâneas das crianças são consideradas, os problemas e conflitos em sala de aula são resolvidos com os envolvidos. O ambiente é organizado pela ação do professor para o desenvolvimento e autonomia dos alunos, de forma a responder e alimentar a curiosidade das crianças, promovendo a reflexão, além de desenvolver capacidade de pensar, criar, criticar, resolver e solucionar problemas e formar atitudes e valores.

2 Pesquisa e Métodos

Os autores Saviani (2003), Piaget (1999), Delval (2002), Freire (2003), Queiroz e Moita (1994) se posicionam de forma que as práticas pedagógicas que priorizam a atividade dos alunos, provocam seu desenvolvimento e a autonomia, tornando a aprendizagem significativa e cidadã.

Sendo assim, essa pesquisa, visa compreender se, práticas pedagógicas construtivistas que busquem a participação ativa do aluno em seu processo de aprendizagem, são lembradas pelos alunos como significativas, estabelecendo relação professor-prática. O estudo apresenta, o ponto de vista da criança sobre o que pode ser um ensino significativo, considerando a sua opinião sobre a sua professora mais querida e quais era as suas características.

A partir da opinião dos alunos sobre as aulas da professora mais querida é possível identificar um método de aprendizagem significativo?

Acredita-se que um método de aprendizagem significativo, é aquele que valoriza o aluno, suas vivencias, suas opiniões, aquele que estimula e motiva os alunos a partir de seus próprios interesses. Mas para isso, é preciso refletir sobre o que é um bom aluno? É o mero reprodutor?

Em poucas palavras, pode-se dizer que um bom aluno, segundo as palavras de Severino (2008), não é aquele que fica quieto, não abre a boca durante as aulas. Ser bom aluno, implica várias características, como por exemplo, aquele que tem interesse em aprender, gosta de conversar, de se divertir, que participa apresentando suas opiniões e ideias. Para o autor, ser quieto não é sinônimo de ser bom aluno.

Metodologias construtivistas e ativas que se utilizam de interatividade, sociabilidade, trocas entre os alunos, contribuem significativamente para a formação e desenvolvimento dos alunos em sala de aula. Por sua vez, alunos que vivenciam esse procedimento educativo, valorizam-no.

Ouvir os alunos sobre sua professora querida e o que ela tinha de tão especial, traz uma oportunidade de refletir sobre práticas pedagógicas significativas e perceber que quando o aluno se sente parte do processo de aprendizagem, está se torna significativa. Isso contribui

para fortalecer o compromisso do professor a encontrar caminhos para uma educação que favoreça o desenvolvimento da criança, capaz de promover a criticidade, a criatividade e a autonomia. O objetivo principal é apresentar o ponto de vista da criança em relação a um ensino significativo a partir de suas memórias sobre sua professora mais querida, e a partir daí colaborar para a reflexão de educadores sobre a importância de práticas pedagógicas que provoquem o desenvolvimento e a autonomia dos alunos.

A pesquisa é caracterizada como pesquisa de campo exploratória, qualitativa e descritiva. Os dados foram coletados em duas escolas públicas. Sendo a escola A da rede estadual da cidade de Sumaré e a escola B da rede municipal da cidade de Nova Odessa, ambas do Ensino Fundamental.

A investigação foi intencional, uma vez que foi solicitado aos professores das respectivas escolas, que indicassem um colega que apresentasse perfil de práticas pedagógicas construtivista ou ativas.

Foram entrevistados 20 (vinte) alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, sendo 15 (quinze) alunos pertencentes da escola A, e 5 (cinco) alunos da escola B.

O questionário foi composto por 11 questões, sendo 4 perguntas orais, 2 de múltipla escolha, e 5 descritivas. Os alunos foram entrevistados pessoalmente e individualmente.

É importante ressaltar que os 15 alunos entrevistados da escola A, foram alunos de uma professora considerada construtivista e que ali trabalhou em 2013. Ela foi indicada como referência pela escola e pelos colegas. Desses quinze alunos entrevistados, 80 % se lembraram desta professora.

Os 5 alunos entrevistados na escola B, foram indicados pela professora da sala como respectivos “bons alunos”; ambos, declaram ter tido uma professora “semelhante” a descrita pelos demais alunos, sendo as respostas respectivamente semelhantes.

As questões abrangeram temas que remetem ao ponto de vista do aluno em relação ao que é uma boa aula, um bom ensino, um bom professor, e outras remetem às situações marcantes em sala de aula presenciadas pelos alunos, como as ações do professor ao lidar com os conflitos em sala de aula, a relação professor-aluno, as oportunidades e diferentes possibilidades pedagógicas.

3 A trajetória dos métodos de ensino e aprendizagem

O ensino tradicional não está embasado em uma teoria empiricamente válida, no entanto, ele é uma prática educativa, cuja transmissão ocorre até os dias de hoje. A característica desse ensino é uma rigidez formal, centrada no professor, com um aluno que

deve reproduzir o que foi didaticamente organizado e ensinado. Há o incentivo de ações individualistas, evitando as trocas entre os pares e a liberdade de criação.

A crítica ao ensino tradicional não é nova, ela remonta ao século XVIII, quando Jean Jacques Rousseau (1995), explicava que a criança não podia ser mais entendida como um adulto em miniatura, porque se tratava de um ser com características próprias, com ideias, interesses diferentes das do adulto. Por isso mesmo, ela necessitava de um tratamento adequado à sua faixa etária. Mais de 200 anos depois, as ideias de Rousseau a respeito da educação e da criança ainda encontram resistência na prática pedagógica da educação no Brasil.

Como afirma Delval (2002), em relação à educação, embora tenha ocorrido algumas modificações, ainda hoje, como podemos perceber, o ensino está pautado num sistema tradicionalista. Daí, surge a razão de se fazer uma crítica em relação a esse sistema tradicional que tem demonstrado pouca eficácia no aprendizado do aluno. Segundo Dewey (1979), um ensino centrado no professor, onde ocorre a transmissão de ideias prontas e "preparadas", e que o aluno reproduz exatamente o que lhe foi ensinado, certamente não trará resultados positivos, perdendo-se assim, o seu sentido e seu valor.

Freire (2003) denomina esse tipo de ensino, como educação bancária, porque o professor "deposita" no aluno todo o conteúdo e espera que ele assim o assimile, pois "inteligente" é aquele que armazena a maior quantidade de conteúdo. Por esta razão é que podemos concordar com a ideia de Freire (2003, p.33), de que o educador "tolhe a liberdade" do aluno, tirando-lhe a capacidade de aventurar pelo mundo do conhecimento. O professor, não instiga e desperta o interesse e o prazer em aprender e, muito menos o tem. Partindo dessa questão, a pesquisa vem alertar os educadores a necessidade de uma tomada de consciência a fim de inovar as metodologias e práticas de ensino que ainda hoje são aplicadas nas escolas e mais, trazer a fala da criança a respeito de seu aprendizado e aquilo que faz com que ela se lembre do professor que lhe foi significativo.

Além de Freire (2003), outros autores brasileiros tecem críticas a esse mesmo tipo de ensino porque não garante o desenvolvimento pleno das potencialidades de uma criança, de forma democrática e libertadora.

Os estudos de Saviani (2003) muito contribuem para compreender as práticas pedagógicas e sua caracterização quanto ao papel da escola, conteúdos, métodos, relação professor-aluno, como se concebe a aprendizagem e como o aluno aprende. Segundo Saviani (2003), o ensino deve basear-se numa didática que insista na necessidade de trabalhar a educação no concreto e não de forma abstrata, partindo do próprio interesse e realidade dos alunos; tal perspectiva é o foco para uma educação crítica e instigadora.

Segundo Saviani (2003), o estudo das tendências norteadoras da prática docente é realizado por vários pesquisadores, dentre eles, Piaget (1999), que muito contribuiu para a compreensão do desenvolvimento da criança e, por consequência, o desdobramento de sua teoria para a prática pedagógica trouxe resultados muito positivos.

O objetivo principal de Saviani (2003), ao caracterizar as tendências pedagógicas, foi o de observar quais princípios norteiam as práticas dos professores e, obter um paradigma de ensino, isto é, um "modelo" o qual fosse possível caracterizar um conjunto de práticas que

trouxessem melhorias na qualidade do ensino e assim, contribuir para um trabalho pedagógico significativo.

Para Saviani (2003), o estudo das tendências pedagógicas pode auxiliar o professor a uma autocrítica ante o processo ensino e aprendizagem. Ou seja, elas caracterizam a prática pedagógica do docente, considerando aspectos importantes em sua análise, como o que ensinar, para quem ensinar, como ensinar, para quê ensinar e porquê ensinar. O autor salienta que, para o bom funcionamento da escola, o ideal é que se adotem métodos de ensino eficazes, de forma a estimular nos alunos a iniciativa, o pensamento investigativo, a partir da iniciativa do professor em promover uma educação crítica. O método de ensino deve proporcionar o diálogo entre os alunos, com o professor e com a cultura historicamente construída.

Estudos realizados por Queiroz e Moita (1994, p.4) apontam que a educação brasileira se constituiu em uma corrente histórica sendo, em diversos momentos, influenciada e transformada por questões políticas, econômicas, científicas e tecnológicas. Por isso, é preciso compreender cada contexto que a educação enfrentou, analisando os métodos de ensino e de aprendizagem, partindo do tradicionalismo até uma perspectiva pedagógica histórico-crítica para compreendermos os processos que permeiam o ensino escolar.

O ensino no Brasil foi, em grande parte, influenciado pelas ideias dos jesuítas, instituindo-se o modelo tradicionalista. Ainda hoje, é possível observar algumas características nas escolas. Esse método por sua vez, tinha como objetivo formar o homem para defender as ideias da igreja; a técnica utilizada para garantir que o aluno aprendesse as informações transmitidas pelo professor, sem questioná-las nem discuti-las, foi a da "memorização".

Segundo as informações apresentadas por Queiroz e Moita (1994, p. 6) as tendências pedagógicas influenciaram as práticas pedagógicas, buscando atender as "expectativas da sociedade". Suas pesquisas apontam que, as tendências pedagógicas se dividem em dois blocos, o "Filosófico Liberal e a progressista". De uma forma breve, pode-se dizer que as Tendências Pedagógicas Liberais surgiram no século XIX, influenciadas pelas ideias da Revolução Francesa (1789). Esta por sua vez, acreditava que os conteúdos seriam mais importantes que a experiência vivida pelos educandos. Dentre as tendências liberais, destacam-se a "Liberal Tradicional", predominante no Brasil desde os Jesuítas, tendo como objetivo principal, preparar os alunos para assumirem papeis na sociedade, já que apenas os filhos dos burgueses frequentavam a escola. Nesta tendência, o ensino era centrado no professor, o único detentor do saber.

A segunda, conhecida como "Tendência Liberal Renovada", conforme apontam Queiroz e Moita (1994, p. 8), é caracterizada pelas transformações sociais e políticas ocorrentes no Brasil na década de 20 e 30 (século XVIII), ou seja, a chegada do pensamento liberal democrático no Brasil e o surgimento da Escola Nova.

> A educação brasileira desenvolve-se, principalmente, por influências da pedagogia católica (a pedagogia tradicional de orientação religiosa), com os Jesuítas, que, praticamente, exerceram o monopólio da educação até 1759, quando foram expulsos por Pombal. [...] isso não significou a exclusão da influência católica na educação, mas sim, a quebra de um monopólio. Este período vai até o início do século XX, quando se torna forte a influência da Escola Nova, que se inspira naquilo que chamo de concepção humanista moderna de filosofia da educação. (SAVIANI, 2003, p.88).

Com as transformações, a escola tradicionalista deixou de se preocupar com os interesses da classe dominante (elite, burguesia), passando a defender a escola pública para todos. A partir daí a educação tradicional, intelectualista e "livresca", passa a receber um sentido vivo e ativo. Nesta tendência, o aluno torna-se o centro, tendo sua curiosidade, criatividade estimulados pelo professor, o "facilitador" do ensino. Nesse período, destaca-se Dewey (1979), que defendia a ideia de um método de ensino que explorasse a curiosidade, as dúvidas, a investigação, a observação e a experimentação. Para o autor, é necessário aproveitar essas situações desafiadoras para que o ensino seja significativo. (Queiroz e Moita, 1994).

A terceira, definida por "Tendência Liberal Tecnicista" que marcou fortemente a década de 1970, momento em que houve grande força do Regime Militar no país. A educação tomou novos rumos, direcionando-se às grandes massas, de forma a atender a sociedade capitalista. A educação e a escola passam a ter como objetivo, produzir alunos para o mundo capitalista. O professor passou a ser "refém" da técnica. Nesse contexto, Saviani (2007) afirma que, o tecnicismo veio remodelar os métodos e instrumentos de ensino, valorizando os livros didáticos, materiais audiovisuais, ganhando forma mecânica e técnica. Contudo, o sistema tradicionalista permaneceu, ainda que de forma "camuflada". Só então, a partir de novos movimentos educacionais como crítica ao sistema tecnicista, os educadores e pesquisadores, perceberam a necessidade de investigar como o conhecimento processa em si. A partir daqui, apresentamos o segundo bloco, o das Tendências Progressistas. Esta por sua vez, surge a partir da década de 70 e 80, com a abertura política no país. Dentro desse contexto, (Libâneo, 1990 apud Queiroz e Moita, 1994, p.12), dividiu a Pedagogia Progressista em (três) tendências. (Queiroz e Moita, 1994).

A primeira no que se refere "Tendência Progressista Libertadora", influenciada pela grande mobilização dos professores por uma educação crítica, a atividade escolar passou a ser centrada em discussões de temas sociais e políticos e em ações concretas sobre a realidade social. O professor era como um coordenador das atividades, atuando conjuntamente com os alunos. Destaca-se Paulo Freire (2003), que lutava por uma escola conscientizadora, que problematizasse a realidade e trabalhasse a sociedade capitalista, que também se destacou na educação brasileira por apresentar uma nova proposta pedagógica que defendia a "libertação do homem" e se contrapunha à proposta tradicionalista. (Queiroz e Moita, 1994).

A segunda, conhecida como “Progressista Libertária”, que surge a partir da década de 80, com a abertura democrática no país e com a conquista da liberdade de expressão. Essa tendência defende a participação em grupos e movimentos sociais tendo como fundamento principal, realizar modificações institucionais. (Queiroz e Moita, 1994).

A terceira, definida como “Progressista Crítico Social dos Conteúdos” ou Histórico-crítica, vem defender a função social e política da escola, que é assegurar e garantir a participação ativa dos alunos em sociedade. O professor passa a ser um mediador entre o conteúdo e o aluno. Acredita-se que o conhecimento é construído pelas experiências culturais frente à realidade social. (Queiroz e Moita, 1994).

As pesquisas de Piaget (1999) sobre epistemologia genética, mostram como o ser humano, desde o nascimento, constrói o próprio conhecimento por meio de quatro fatores que interferem nessa construção: a maturação biológica; as experiências física e lógico-matemática; a influência do meio e o processo de equilibração, tomam projeção internacional e encontra simpatizantes uma vez que, cientificamente, Piaget provava que a interação da criança com o meio era um fator determinante para o seu desenvolvimento.

Não é objetivo desse artigo definir cada uma das tendências pedagógicas preconizadas por Saviani, mas sim, que elas possam ser utilizadas como parâmetro para observar, na prática do professor, algumas de suas características. Nos estudos apresentados por Queiroz e Moita (1994), é ressaltado a necessidade de que os professores tomem conhecimento de tais tendências a fim de construírem conscientemente a sua própria trajetória político-pedagógica. Salientam ainda que, conhecer tais tendências, é uma ótima ferramenta para que o educador construa mudanças significativas a fim de transformar a sua prática.

Os avanços das pesquisas na Psicologia do Desenvolvimento, especialmente por meio dos estudos de Piaget (1999), muito contribuíram para que a criança pudesse ser compreendida a partir de seu próprio desenvolvimento. Piaget (1999), ao longo de suas pesquisas, demonstrou que a melhor forma de desenvolver o pensamento é garantir que a criança construa seu conhecimento de forma ativa, isto é, partindo de seus próprios interesses, dos problemas, da interação com o meio e com a realidade. Para o autor, é preciso conhecer os processos de desenvolvimento da criança para, então, criar condições para que ela participe do processo de construção, de descoberta. Isso é possível quando se oferece desafios cognitivos, afetivos, de forma que o aluno interaja com o que está à sua volta.

4 O Ponto de Vista da Criança em relação ao Ensino

Segundo Nérici (1988, p. 24), a palavra didática vem do grego “didaktiké”, que quer dizer, “a arte de ensinar”. O termo didática pode ser definido como um conjunto de recursos técnicos que tem como objetivo, dirigir a aprendizagem do educando, tendo em vista, levá-lo a atingir a maturidade permitindo com que ele se encontre com a realidade e, por sua vez, atue como “cidadão participante e responsável.”

Para Nérici (1988, p.25), a didática preocupa-se em "como ensinar e como orientar" a aprendizagem, buscando formas eficientes no processo de ensino-aprendizagem, isto é, "obter maior volume de aprendizagem com menos esforços e menos tempo". Pode-se dizer, de modo geral, que a didática é o estudo dos procedimentos destinados a orientar a aprendizagem do educando da maneira mais eficiente possível em direção à objetivos predeterminados.

Veiga (2004), entende a didática como um conjunto de ideias e métodos e, por sua vez, vem salientar que tal concepção propicia a formação de um novo professor, o técnico, já que a didática é fundamentada nos pressupostos psicológicos, experimentais, e cientificamente validados na experiência, ignorando por sua vez, o contexto sociopolítico-econômico.

> A didática é compreendida como um conjunto de regras que visam assegurar aos futuros professores as orientações necessárias ao trabalho docente. A atividade docente é entendida como inteiramente autônoma em face política, dissociada das questões entre escola e sociedade. Uma didática que separa teoria e prática. (PAIVA, 1981 apud VEIGA, 2004, p.36).

Entende-se que metodologia é um processo para chegar ao conhecimento ou atingir um determinado fim. São instrumentos auxiliadores no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Veiga (2004), metodologia é um conjunto de métodos que permeiam o processo de ensino-aprendizagem ou a aplicação de diferentes métodos no processo de ensino. "É um conjunto de normas metodológicas referentes à aula, seja na ordem das questões, no ritmo do desenvolvimento e seja ainda, no próprio processo de ensino. É entendida como um conjunto de regras que orientam o ensino e o estudo". (PAIVA, 1981 apud VEIGA, 2004, p. 35).

Os exemplos de metodologias podem variar, como exemplo, as aulas expositivas, experimentais, as pesquisas, os trabalhos em grupos, projetos, livros, etc.

Dentro desse contexto, Kimura (2010), vem afirmar que metodologias são técnicas para garantir e permitir uma compreensão melhor dos conteúdos; em termos específicos, o autor vem explicitar que as metodologias de ensino respondem as maneiras pelas quais os conteúdos serão desenvolvidos ou como ele pode e deve ser veiculado. A metodologia de ensino que o professor adota é sua própria perspectiva de tratar o ensino, seu posicionamento e atitude diante do processo.

No entanto, essas são definições de metodologia que não dão conta de expressar que ela, assim como qualquer conhecimento, é fruto de determinado momento do contexto histórico. Portanto, a concepção tradicional de educação possui uma metodologia, assim como, a concepção escolanovista, a tecnicista, crítica de educação, a histórico-dialética. Em cada uma delas há um conjunto de procedimentos que auxiliam o professor a construir uma postura, a atingir objetivos específicos, entre outros.

Segundo Saviani (2008), a prática social pode ser caracterizada como um ponto de partida e chegada para os métodos de ensino. O autor salienta que, as novas propostas pedagógicas estão articuladas aos interesses populares, e que, por sua vez, os métodos de ensino estão vinculados entre a educação e a sociedade.

> Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Portanto, serão métodos que estimularão atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 2008, p.79)

Conforme afirma Saviani (2003) as estratégias, por sua vez, são as ações programadas e planejadas pelos docentes com o intuito de envolver o educando no seu processo de aprendizagem. Para o autor, as ações pedagógicas são estratégias para a construção do conhecimento. Por fim, as práticas pedagógicas é o meio de compreender e transformar o ensino. Para Saviani (2003) a prática pedagógica representa a forma concreta do trabalho do docente em sala de aula.

As práticas pedagógicas dos docentes e as metodologias de ensino voltadas para o tradicionalismo, conforme afirma Antunes (2003), estão tornando os alunos desinteressados e, principalmente, desestimulados. Portanto, é possível proporcionar um ensino prazeroso e significativo adotando práticas construtivistas em sala de aula, além de favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos no Ensino Fundamental. Acredita-se que pode se despertar nos alunos o interesse e o prazer em aprender adotando métodos construtivistas, como por exemplo, o trabalho em grupo, a socialização, a pesquisa, o diálogo, dentre outros.

O ensino baseado numa didática construtivista, erigido a partir da realidade dos educandos, da experiência direta, da socialização e da investigação, pode proporcionar um ensino significativo, já que essas estratégias, conforme afirma Delval (2002, p.147), possibilitam que o sujeito construa esquemas que lhe permitem agir e, sucessivamente, venha a se desenvolver. Para o autor, a escola antes de tudo, deve estimular o desenvolvimento e a autonomia, ao invés de incutir valores e fabricar indivíduos submissos. O fator fundamental na construção do conhecimento é o de “estimular a atividade do próprio sujeito”, agindo a partir dos problemas do próprio ambiente escolar, do interesse e ideias espontâneas das crianças.

> Esta é a forma de motivar o sujeito para a aprendizagem, despertando seu interesse por aquilo que aprende e não por meio de prêmios ou estímulos externos. No caminho da aprendizagem deve-se partir das ideias espontâneas das crianças e agir sobre elas, considerando que os erros sistemáticos cometidos são muito importantes, pois manifestam características do pensamento da criança. Logicamente, nesta escola o professor não ensina, mas somente estabelece as condições para que a criança aprenda e para que aprenda juntamente com as outras crianças, que são também um fator importante da aprendizagem. (DELVAL, 2002, p. 147).

Tal comportamento implica na aprendizagem dos conteúdos. O docente ao adotar diferentes e novas linguagens à sua prática pedagógica, incluindo a oportunidade de "trocas" entre os alunos, estimulando a busca pelo conhecimento, estará instigando-os a conhecer, pesquisar a partir de seus próprios interesses, ou seja, o prazer em querer aprender.

> O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 2003, p. 52)

Portanto, antes de tudo, é fundamental que o docente conheça como ocorre o processo de desenvolvimento da criança e a partir daí crie situações desafiadoras que levem o aluno a mergulhar no processo de conhecimento dos conteúdos. Quanto mais problemas propostos para os alunos resolverem, maiores serão as possibilidades de se fazer descobertas, invenções e criar. Melhor será seu desenvolvimento e aprendizado.

Acredita-se que:

> Quando ocorre este processo, dizemos que estamos aprendendo significativamente, construindo um significado próprio e pessoal para um objeto de conhecimento que existe objetivamente. [...] fica claro que não é um processo que conduz à acumulação de novos conhecimentos, mas à integração, modificação, estabelecimento de relações e coordenação entre esquemas de conhecimento que já possuímos, dotados de uma certa estrutura e organização que varia, em vínculos e relações, a cada aprendizagem que realizamos. (COOL, MARTÍN, MAURI, MIRAS, OURUBIA, SOLÉ, ZABALA, 2003, p. 21).

Segundo Freire (2003), o papel do professor é propor aos alunos, momentos de trocas, de socialização, partindo de sua curiosidade, dos conflitos em sala de aula, de forma a proporcionar um ensino significativo, que requer não apenas a observação, mas sim, o compartilhamento de ideias, que os alunos possam vivê-las e tocá-las. É papel do educador, organizar um ambiente favorável à ação, à experimentação, de maneira que as crianças ampliem e desenvolvam a capacidade de pensar.

> [...] a escola não deve servir para a produção de indivíduos submissos, nem para a simples transmissão de conhecimentos concretos, mas que sua função deve ser a de favorecer o desenvolvimento psicológico e social das crianças, contribuindo para que se tornem adultos autônomos dentro da sociedade. (DELVAL, 2002, p. 147).

A prática pedagógica do professor deve encontrar meios para que os alunos reflitam, expressem suas opiniões, ao invés de se estabelecer numa prática tradicionalista, em que se remete aos alunos o papel de responder sem questionar.

O educador, nas primeiras séries do Ensino Fundamental, deve ser um incentivador das descobertas e invenções, um organizador de situações de aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, antes de ensinar o conteúdo, o interesse das crianças deve ser despertado, o prazer em aprender. Partindo dessa concepção, o que se frisa aqui é que, o professor pode utilizar-se de ferramentas do próprio cotidiano das crianças, dos problemas do ambiente escolar, dos interesses e dúvidas dos alunos a fim de instiga-los, estimulá-los a busca pelo conhecimento. Esse interesse só poderá ser despertado através da ação concreta com os objetos de aprendizagem.

> Não basta, então, manter as formas habituais de aprendizagem e, além disso, acrescentar o ensino das provas de Piaget; é necessário organizar as coisas de outra forma e encontrar atividades que contribuam para o desenvolvimento durante o trabalho diário. (DELVAL, 2002, p.150).

Segundo Mogilnik (1998), alunos que vivenciam ricas estratégias de ensino, como por exemplo, visitas à museus, exposições, experimentos, pesquisas, trabalham em grupos, se desenvolvem melhor que os alunos que apenas vivenciam aulas expositivas. Portanto, é fundamental que os docentes adotem em sua didática de ensino, práticas pedagógicas que despertem o interesse das crianças, desenvolvam estratégias estimuladoras, de interação e ação, experiências e vivências. O educador deve em sua prática pedagógica organizar situações desafiadoras que instiguem os alunos a manifestar a sua curiosidade, a promover a reflexão e a buscar por explicações. Essas ideias devem ser incorporadas à prática pedagógica.

> É obvio que o professor enquanto organizador permanece indispensável no sentido de criar as situações e de arquitetar os projetos iniciais que introduzem os problemas significativos à criança. Em segundo lugar, ele é necessário para proporcionar contra-exemplos que forcem a reflexão e a reconsideração das soluções rápidas. O que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa. (PIAGET 1970 apud WADSWORTH, 1997, p. 13).

Partindo desse pressuposto, alunos que são submetidos a práticas pedagógicas tradicionalistas, de cópias e mais cópias, de apenas sentar e ouvir podem tornar-se aversivo ao processo de aprendizagem. As crianças sabem quando são meras espectadoras da aprendizagem e, percebem que seu único trabalho é copiar ou fornecer um modelo de resposta

ou comportamento, esperado pelo professor. As frases abaixo são dos alunos que participaram da pesquisa quando questionados sobre o que é uma aula chata.

> Uma aula chata é ficar copiando texto da lousa, do livro. Nas aulas de história a gente tem que responder uma lista de questões. Isso é chato.
>
> (Aluno Iago, 10 anos, 5º ano do Ens. Fundamental).

> Para mim, uma aula chata é ter que copiar tarefas e responder questionários. O mais chato é quando a professora fica gritando com a gente.
>
> (Aluno Eduardo, 10 anos, 5º ano do Ens. Fundamental).

> Aula chata é copiar textos "grandes" da lousa. Dia de prova de Linguagem é muito chato, porque temos que decorar as lições.
>
> (Aluna Sthefany, 8 anos, 3º ano do Ens. Fundamental).

Segundo Piaget (1999), as aulas expositivas baseadas na autoridade do mestre é um fator de "congelamento" do desenvolvimento das operações intelectuais. Delval (2002), afirma que, infelizmente, as escolas, ainda hoje, representam para muitas crianças, uma experiência estranha, solta e sem significado, em vez de ser um ambiente estimulante, onde as crianças se defrontem com situações-problema que as motivem e desafiem. Partindo dessa concepção, vale ressaltar que é fundamental que o professor, como mediador, proporcione momentos e possibilidades de reflexão, isto é, dar a oportunidade ao aluno de questionar, procurar, pesquisar. Não basta apenas mostrar, transcrever ou ler, é preciso indagar o aluno para buscar seu próprio conhecimento.

> Muitas crianças ainda continuam sendo alfabetizadas pelo método tradicional, que é terrivelmente cego e empobrecedor. Para elas, os atos de ler e escrever não fazem sentido. O professor apenas reproduz a sequência que está na cartilha: leitura, cópia, treino de famílias silábicas e coisas do tipo. E o aluno faz o que o professor pede porque não tem opção além de aceitar as regras do jogo. (WEISZ, 2000 apud CIVITA, 2000, p.2).

É na infância que práticas articuladoras e motivadoras devem ser implantadas, pois é nos anos iniciais que o prazer em aprender é despertado para as séries posteriores. Uma educação primária com base nesses princípios ajuda a criança a garantir habilidades e experiências, que serão úteis por toda a vida. Em contrapartida, é relevante destacar que a falta de interesse e compromisso dos docentes com os alunos, pode desmotivá-los, tornando a escola uma atividade "obrigatória", sendo que, ao contrário, deveria ser um campo de busca pelo prazer em aprender.

Para Delval (2002), o método de ensinar de cada professor, suas atitudes em sala de aula, seu modo de relacionar-se com os alunos, até mesmo a frequência com que fala com cada um e o interesse que demonstra para com as crianças, podem interferir, diretamente, no desenvolvimento afetivo delas e, consequentemente, acaba influindo sobre a motivação e sua capacidade de aprender. Delval (2002), explica que o professor é visto pelas crianças como uma figura muito importante. Suas atitudes irão ajuda-las a construir imagens tanto positivas quanto negativas, interferindo assim, na motivação para aprender.

Moreira afirma que:

> Com base nestas reminiscências, não há dúvida de que os primeiros contatos do aluno com a escola fazem a diferença na motivação para os estudos subsequentes. O professor, por meio de sua prática, articulada à sua teoria, pode despertar maior interesse na busca do conhecimento. Do mesmo modo, poderá desmotivar e dificultar o acesso ao saber, dependendo de suas metodologias de ensino. (MOREIRA, 2006, p.4).

No mesmo sentido, Freire (2003), se manifesta a favor desse posicionamento:

> O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o responsável, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 2003, p. 39).

Segundo Freire (2003), o educador ao ensinar "castra" a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, isto é, a educação de hoje está permeada em apenas passar conteúdos prontos, preocupada em formar alunos copistas e disciplinados; tal ação "tolhe" a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Freire (2003), parte do pressuposto que a educação de hoje não forma cidadão, mas sim "domestica". Pode-se dizer que a educação de hoje está fundada num processo de ensino que restringe a liberdade do educando de buscar e de criar. Os educadores por sua vez, ao preparar atividades prontas tiram do aluno, a oportunidade de buscar o próprio conhecimento, de questionar. Para Freire, o educador deve instigar a curiosidade do aluno, pois esse é o verdadeiro conhecimento.

> O professor não deve ficar limitado à utilização de fórmulas ou receitas, mas precisará ser um criador constante, sempre atento ao desenvolvimento dos seus alunos e proporcionando-lhes as oportunidades para a aprendizagem. O professor não pode receber um conjunto de receitas fixas e ele mesmo estará criando novas situações para que os alunos aprendam. (DELVAL, 2002, p.151).

O aluno quando é estimulado a pensar, a criar, a buscar, automaticamente está construindo seu próprio conhecimento. O papel do professor no Ensino Fundamental não é transferir conhecimento, e sim incentivar a sua construção, propondo experiências significativas e incentivadoras da habilidade de pensar por si mesmo. No entanto, é fundamental que o docente construa uma didática transformadora, com possibilidades de trocas e principalmente a ação sobre o objeto de aprendizagem. Segundo Delval (2002), o professor não deve tentar incutir o conhecimento e a informação na criança, mas sim, fazer com que venham descobri-las, assim, sucessivamente, tende a deparar-se com coisas novas.

Freire afirma que criar possibilidades na construção de conhecimentos implica:

> Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2003, p.47).

Para aprender, é necessário ter parceiros com quem discutir, analisar, conversar, refletir. Criar condições para a aprendizagem é a base para o desenvolvimento do conhecimento, portanto, é necessário avaliar o processo de ensino, procurando estabelecer e criar novas oportunidades de aprendizagem, viabilizando a relação de uso e a vivência do aluno nas práticas educacionais.

5 Análise dos dados

A seguir serão apresentadas as respostas e respectivas análises.

Tabela 1 – "Nível ou ano da professora de quem gostou muito"

ANO/NÍVEL	Nº DE CRIANÇAS	%
Pré II	3	15%
1º ano	1	5%
2º ano	12	60%
3° ano	1	5%
4° ano	3	15%

A Tabela 1, demonstra a professora mais querida e o respectivo ano ou nível que os alunos tiveram aula. Conforme os dados obtidos, observou-se que todos os participantes da pesquisa declararam ter tido uma professora de quem gostou muito, por motivos diversos: ser "legal", divertida, desafiadora, criativa e compreensiva. Vale ressaltar que o interessante em observar esses dados é que 12 deles, lembram-se da professora do 2º ano. Dentre esses, 11 alunos pertencem a amostra de 15 alunos da escola A; dos 5 alunos entrevistados da escola B, apesar de terem estudado sempre juntos, nenhum lembrou-se da mesma professora.

Tabela 2 – "O que mais gostava nas aulas"

ATIVIDADES	Nº DE RESPOSTAS	%
Brincadeiras	18	90%
Trabalhos em grupos	9	45%
Jogos (dominós, quebra-cuca, dado, adivinhas)	4	20%
Material dourado	5	25%
Matemática (mercadinho)	15	75%
Contação de histórias	7	35%
Roda da conversa	8	40%
Música	11	55%

Aulas de ciência (horta)	2	10%
Reinventar histórias	1	5%
Situações problemas	1	5%

A Tabela 2 apresenta o que os alunos mais gostavam nas aulas "dessa professora". Conforme os dados, observa-se que as respostas foram singulares, porém, destacam a importância das metodologias de ensino, da prática pedagógica e da didática utilizada pelo docente. Os alunos deram mais de uma resposta. Elas foram analisadas por categoria e o percentual obtido pelo número de participantes.

Tabela 3- "Lembranças marcantes da professora"

"Quando era segunda-feira e a professora levava a classe lá no pátio para contar histórias".
"O dia que a professora levou a classe na cozinha da escola para fazer salada de frutas".
"A professora fez um teatro com a classe sobre o 'nariz de batata'".
"Quando a professora dividiu a sala em duas equipes para jogar golbol matemático, quem acertava a continha, chutava a bola".
"As aulas de matemática que a gente utilizava calculadoras".
"Quando dava beijinhos com batom na hora de ir embora".
"Quando a professora cantava para ensinar os números, era engraçado"
"O dia que a professora se vestiu de bruxa para contar a história da 'Lucrécia, a Bruxinha'".
"Quando ela trouxe uma bonequinha de milho, que ela brincava quando era criança"
"A professora vestia-se de fantasias malucas para contar histórias".
"Eu gostava das aulas de matemática, quando a professora preparava o jogo racha-cuca e tinha competição".
"A professora contava histórias malucas, depois nós tínhamos que reescrever outra versão. Ela fazia uma votação da melhor história".
"Quando a professora fazia a votação da melhor história e colocava no livrão: "histórias malucas", isso era fantástico e eu adorava o dia de levar para casa".
"Eu lembro de quando nós fizemos salada de frutas na cozinha".
"Eu gostava das sextas-feiras, porque era dia da professora colocar o desafio no cartaz. Nós levávamos para casa para resolver no final de semana".
"Quando ela fazia a gente pensar. Toda sexta-feira ela colocava um cartaz no fundo da classe com um problema ou enigma de matemática. Tinha que anotar o resultado e colar no mural".
"Sempre que terminava a aula e sobrava um tempinho, a professora dividia a sala para cada grupo improvisar um teatro".
"A maneira como ela conversava com a classe. Certo dia, eu não queria fazer as atividades, e ela me chamou de cantinho para perguntar se eu estava bem, e o que tinha acontecido".
"A maneira divertida que ela ensinava a gente. Um dia a professora ajudou a organizar uma peça de teatro com música e dança. A classe construiu os próprios materiais e figurinos. Nós apresentamos para escola e para os pais. Foi muito legal, ficamos muito emocionados e até os pais choraram. Um outro dia, a professora foi picada por uma aranha na horta da escola, e ficamos três dias com outra professora muito "chata", que fazia a gente pintar círculos e escrever o nome completo várias vezes".

Na Tabela 3, é possível perceber as características dessas aulas que tornaram-se inesquecíveis para os alunos. Nesse ponto, é importante ressaltar a afirmação de Freire

(2003), que nenhum professor passa pelo aluno sem deixar sua marca. Também é importante observar que as atividades que são lembradas pelos alunos, em sua grande maioria, são aquelas nas quais eles são os agentes em ação, ou seja, parece que eles sabem, intuitivamente, que as melhores atividades, são realmente aquelas que os desafiam e os incentivam a ser melhores.

Tabela 4- "A professora conversava regularmente com a classe?"

RESPOSTAS	**Nº DE RESPOSTAS**	**%**
Sim	20	100%
Não	0	0%

Os dados da Tabela 4 vem mostrar que "conversar" regularmente com os alunos contribui para o seu desenvolvimento e a autonomia, além de criar um vínculo afetivo entre o professor e o aluno, fundamental para seu desenvolvimento e desempenho em sala de aula.

Tabela 5- "Sobre o que vocês conversavam?"

ASSUNTOS	**N° DE RESPOSTAS**	**%**
Regras	20	100%
Respeito	20	100%
Rotina	11	55%
Higiene (cuidado com o corpo)	8	40%
O que gosto/não gosto	16	80%
Curiosidades	14	70%
"Como foi meu dia"	1	5%

Os dados da Tabela 5 revelam que a maioria dos professores conversam com seus alunos, porém, sobre assuntos que visam o rendimento de suas aulas, como por exemplo, falar de regras, de respeito e sobre a rotina. Nota-se que poucos professores conversam sobre como foi o dia do aluno ou qualquer assunto que mostre preocupação com a afetividade, os sentimentos, o bem-estar, a individualidade de cada um. Vale ressaltar que, dos 5 alunos da escola B, a professora só conversava sobre regras.

Em relação as perguntas "Como era sua relação com a professora" e "A atenção dela para com você e seus colegas", todos os alunos responderam numa escala de "bom, regular e ruim" que era boa.

Tabela 6 - "Você costumava participar das aulas?"

DEFINIÇÃO	**N° DE RESPOSTAS**	**%**
Sempre	20	100%
Algumas vezes	0	0%
Poucas vezes	0	0%
Nunca	0	0%

Os dados da tabela 8, revelam que todos os alunos participavam das aulas.

Tabela 7- "Você trabalhava em grupo com os colegas em sala?"

DEFINIÇÃO	**N° DE RESPOSTAS**	**%**
Sempre	16	80%
Algumas vezes	4	20%
Poucas vezes	0	0%
Nunca	0	0%

Percebe-se que a maioria dos alunos vivenciavam um trabalho em sala de aula que valorizava a socialização, o compartilhamento de ideias e opiniões. É importante ressaltar que de 80% dos alunos que declaram "sempre" ter trabalhado em grupo, 75% das respostas equivalem aos alunos da escola A.

Tabela 8 - "Sua professora costumava dar atenção quando você falava?"

DEFINIÇÃO	**N° DE RESPOSTAS**	**%**
Sempre	20	100%
Algumas vezes	0	0%
Poucas vezes	0	0%
Nunca	0	0%

Os dados demonstram que, todos os alunos recebiam atenção dessa professora especial e tinham oportunidade de os alunos opinarem, debaterem, comentarem.

Tabela 9- "Você trabalhava com diferentes materiais na aula? Quais?"

MATERIAIS	**Nº DE RESPOSTAS**	**%**
Bingo	2	10%
Fichas sobrepostas	2	10%
Palitos/tampinhas/fitas/milho/feijão	8	40%
Bola	2	10%
Dominó	4	20%
Material dourado	5	25%
Boliche	1	5%
Dama	2	10%
Tabuleiro	6	30%
Dado	1	5%
Letras móveis	7	35%
Tinta/Massinha	2	10%
Calculadora	2	10%
Quebra-cabeça	1	5%
Fantoches	1	5%
Outros jogos	7	35%

Nesta questão, visto que todos os alunos apontaram ter tido a oportunidade de trabalhar com diferentes materiais em sala de aula, além da lousa e do livro didático, todos revelaram que gostavam dessas aulas e apresentaram mais que um material, conforme mostra a tabela 9.

Tabela 10 - "Como a professora agia diante de brigas e discussões da classe?

DEFINIÇÃO	**Nº DE RESPOSTAS**	**%**
Roda da conversa	11	55%
"Registro em papel" (o que sinto, o que gosto e não gosto de receber)	4	20%
"Conversa de canto" (individual)	4	20%
Direção	1	5%

Os dados mostram que a maioria dos casos eram resolvidos em sala de aula.

Tabela 11 - "As atividades possibilitavam a troca de ideias entre você e seus colegas? Dê um exemplo".

DEFINIÇÃO	Nº DE RESPOSTAS	%
Roda da Conversa	1	5%
Pesquisa em grupo	9	45%
Jogos e brincadeiras em equipe	6	30%
Atividades em dupla (produção de textos)	11	55%
"Trocas de resultados"	3	15%

Todos os participantes disseram que sim, que a professora solicitava a troca de ideias e compartilhamento entre os colegas nas atividades.

Tabela 12 - "Caso encontrasse essa professora, o que gostaria de dizer a ela?"

DEFINIÇÃO	Nº DE RESPOSTAS	%
"Você foi a melhor professora"	7	35%
"Queria que você voltasse a dar aula"	13	65%
"Agradecê-la por ter me ensinado"	4	20%

As respostas mostram, em geral, uma singularidade, o carinho pela professora e, a maioria dos alunos querem, novamente, ter aula com a mesma professora.

Tabela 13 - "Você teve alguma professora igual a ela? O que ela tinha de tão especial?"

DEFINIÇÃO	Nº DE RESPOSTAS	%
Sim	9	45%
Não	11	55%

Os 45% dos alunos entrevistados, declararam ter tido uma professora igual a essa descrita na pesquisa, ambos observaram de especial características semelhantes, o fato de a professora ser: legal, divertida, carinhosa, prestativa, alegre, atenciosa, paciente, e por trazer "coisas" novas e diferentes para sala de aula. No entanto, mais da metade dos alunos pesquisados, 55%, não tiveram a mesma oportunidade.

6 Considerações Finais

Formar alunos autônomos, críticos, criativos, interessados pelo desejo de adquirir novos conhecimentos é resultado de um lento processo de ensino e aprendizagem que depende de vários fatores, dentre eles, destacam-se o planejamento da aula, um professor que acredite que pode fazer a diferença para seus alunos, o comprometimento do aluno consigo mesmo, entre tantos outros. Acreditamos que o professor exerce papel de extrema importância na formação de seus alunos, devendo assim realizar a sua função de forma eficaz.

Para que isso ocorra, é importante ressaltar que as metodologias utilizadas pelos professores refletem diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos. Os autores estudados apresentam vários argumentos de que a ação do aluno em sala de aula, desencadeada por atividades significativas, representa o melhor método para aprendizagem

cidadã. Apesar de não existir um método único e eficaz, é importante, como afirma Queiroz e Moita (1994), que o professor crie um ambiente e busque diversos caminhos. Em seus estudos "Como ensinar: Um desafio, Fascículo 6", destaca-se um pensamento de (Mello 1926 apud Queiroz e Moita 1994, p.15) que é bastante convincente: "Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar". Para encontrá-lo, fomos procurar respostas conversando com as crianças, que nos mostraram, a partir de seu ponto de vista, qual é o melhor caminho.

Sendo assim, gostaria de trazer mais observações sobre a classe da professora que inspirou esse artigo. Dessa vez, o objeto de minhas reflexões centra-se no aluno. Eles sempre mostraram interesse pelo assunto e pela aula, participavam com autonomia, eram motivados e pertinentes ao questionar, curiosos, ativos, cooperavam com a organização da sala, sugeriam e criticavam determinadas ações da escola, como por exemplo, não realizar visitas à museus, zoológicos. Eles eram participativos, comunicativos e muito "falantes", coisa que incomoda muitos professores que acreditam que esse tipo de comportamento indica falta de disciplina. Contudo, o relacionamento da professora com os alunos era amigável e respeitoso; mantinham um relacionamento pacifico com os colegas, respeitavam e tratavam com cordialidade os visitantes e sabiam exatamente a hora de fazer silêncio. Dificilmente causavam problemas na ausência da professora. Em casos de problemas, eram extremamente comunicativos e os resolviam sozinhos.

É possível tornar o ensino prazeroso e significativo, voltado à formação da autonomia e do desenvolvimento intelectual dos alunos, adotando práticas construtivistas ou práticas que estimulem a atividade mental, afetiva, social e moral dos alunos em sala de aula.

Isso é possível quando se trabalha os conteúdos em contextos concretos ao se identificar temas e situações significativas por meio das manifestações espontâneas dos alunos. Quando se estimula a interação, a partilha de ideias e de dúvidas, encorajamento de discussão, utilização de fontes e materiais diversificados, os alunos são encorajados a pesquisar e resolver seus próprios problemas. Acreditar que os alunos são capazes de atitudes cidadãs é desenvolver a capacidade de reflexão sobre as próprias ações, as normas e os valores. Acredita-se que no decorrer desses trabalhos, participando das decisões e do planejamento das tarefas, é que os alunos são motivados, desenvolvendo assim, sua autonomia.

Outra referência ao trabalho da professora inspiradora, foi o reconhecimento por parte da família. O relacionamento entre a professora e os pais era de muito comprometimento. Eles participavam ativamente das decisões tomadas pela docente. A professora sempre buscava desenvolver trabalhos e projetos que envolvessem a família dos alunos, considerando sua opinião, além de incentivá-la a colaborar com os filhos no desenvolvimento de pesquisas.

Um bom exemplo desse trabalho, foi o projeto leitura desenvolvido com os alunos em parceria com os pais: a docente escolhia um aluno por semana para levar o livro de leitura para casa. Nesta atividade a professora sugeria aos pais que participassem, com os filhos da

leitura, além de ajudá-los a criar um desenho que representasse a história lida. Depois, o aluno contava a história e mostrava o desenho para a classe. Os pais eram participativos e ficavam ansiosos em saber como foram as apresentações. Os pais foram os que deram o maior apoio ao trabalho da professora, sugerindo que a escola reavaliasse a possibilidade de seus filhos nos próximos anos ter continuidade aos estudos com a mesma docente.

Esse reconhecimento da comunidade escolar, mostra que métodos ativos, construtivos, característicos da Tendência Progressista Libertadora, surtem efeito e só engrandecem o trabalho do professor.

Contudo, pode-se dizer que não existe um método único de ensino que garante o sucesso da aula e dos alunos, portanto, cabe aos professores adotarem em suas aulas, práticas que favoreçam as oportunidades diárias que surgem em sala de aula para desafiar seus alunos.

> Não basta, então, manter as formas habituais de aprendizagem e, além disso, acrescentar o ensino das provas criadas por Piaget; é necessário organizar as coisas de outra forma e encontrar atividades que contribuam para o desenvolvimento durante o trabalho diário. (DELVAL, 2002, p. 150)

Assim como afirma Delval (2002, p. 151), o professor não deve ficar limitado à utilização de fórmulas ou receitas, mas precisará ser um criador constante, sempre atento ao desenvolvimento dos seus alunos e proporcionando-lhes as oportunidades ótimas para a aprendizagem, tirando "o máximo proveito delas para o benefício dos seus alunos".

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irandé. **Refletindo sobre a prática da aula de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CIVITA, Victor. Planejamento 2000: a revista do professor. In: **Revista Nova Escola**, v.1, n. 129, 2000, p. 2-3.

COLL, C; MARTÍN, E; MAURI, T; MIRAS, M; ONRUBIA J; SOLÉ, I; ZABALA, A. **O Construtivismo na sala de aula**.6 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

DELVAL, Juan. **Crescer e Pensar:** A Construção do Conhecimento na Escola. Trad. Beatriz Affonso Neves. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 147-158.

DEWEY, John. **Democracia e Educação.** Introdução à Filosofia da Educação. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico:** Questões e Propostas. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 73-75.

MOGILNIK, Maurício. **Parâmetros Curriculares Nacionais Fáceis de entender: de 1ª a 4º série.** In: Revista Nova Escola, v. 01, n.01,1998, p. 17-67.

MOREIRA, L. U. Teorias e vivências de alguns espaços educativos: memórias das aulas de geografia no ensino fundamental. **Olhares e Trilhas**. Uberlândia: Ano VII, n. 7, p. 115-124, 2006.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática: uma introdução.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 1988.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1999.

QUEIROZ, C; MOITA, F. **Como Ensinar: Um desafio**. Fascículo 6. Raízes e Asas: CENPEC. 22 ed. Campina Grande: UFRN/UEPB. 1994. Disponível em: <http: wwwold.cenpec.org.br/>. Acesso em: 04 out. 2016.

QUEIROZ, C; MOITA, F. **Ensinar e Aprender**. Fascículo 5. Raízes e Asas: CENPEC. 22 ed. Campina Grande: UFRN/UEPB. 1994. Disponível em: <http: wwwold.cenpec.org.br/>. Acesso em: 04 out. 2016.

QUEIROZ, C; MOITA, F. **Tendências Pedagógicas e seus pressupostos**. Fascículo 9. Raízes e Asas: CENPEC. 22 ed. Campina Grande: UFRN/UEPB. 1994. Disponível em: <http: wwwold.cenpec.org.br/>. Acesso em: 04 out. 2016.

RUSSEAU, Jean, J. **Emílio ou da Educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, Dermeval**. Escola e Democracia:** Polêmicas do Nosso Tempo. 32.ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica.** 8.ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SEVERINO, Antônio. **O conhecimento como ferramenta fundamental da educação, de modo aguçado, da Universidade**. 2008. FEUSP. Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA_bwAB/a-pratica-metodologia-cientifica-ensino-superior/. Acesso em: 07 jul. 2016.

VEIGA, Ilma. **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus, 2004.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade na teoria de Piaget**. São Paulo: Editora Pioneira, 1997, p.13.

APRENDIZAGEM E AMOROSIDADE

Rosemar Lucena Monteiro[17]
Luis Carlos Gonçalves[18]

RESUMO
O principal objetivo desta pesquisa é analisar várias formas de lidar com os transtornos emocionais na escola e a falta de amorosidade, que contribuem para aumentar as dificuldades no desenvolvimento cognitivo do aluno, investigando estratégias que podem ser favoráveis, tanto para o aluno, quanto para os professores e familiares. O objetivo específico deste estudo é demonstrar que por traz das dificuldades de aprendizagem do aluno, causada por transtornos emocionais, pode haver a falta da amorosidade no convívio deste sujeito. As escolas, juntamente com o professor e a família, devem se unir buscando formas de trabalhar com esses transtornos emocionais, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Este estudo, além de reflexão com base documental e bibliográfica, conta também com pesquisa de campo, utilizando-se de observação e de entrevistas realizadas com professoras de uma escola de ensino fundamental.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Afetividade; Sucesso Escolar.

ABSTRACT
The main objective of this research is to analyze various ways of dealing with the emotional problems at school and the lack of loveliness, which contribute to increase the difficulties in the cognitive development of the student, investigating strategies that can be favorable both for the student and for the teachers and family. The specific objective of this study is to demonstrate that behind the difficulties of student learning, caused by emotional disorders, there may be a lack of loveliness in the conviviality of this subject. Schools, together with the teacher and the family must come together looking for ways to work with these emotional disorders, promoting the development of children's learning. This study, and reflection with documents and bibliographic database also includes field research, using observation and interviews with teachers of a primary school.

Keywords: *Development; Affectivity; School Success.*

[17] Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: rosemar_monteiro_lucena@hotmail.com)
[18] Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

1 Introdução

Existem inúmeros problemas que devem ser identificados no decorrer do tempo. Perguntas como “quais as causas para as dificuldades de aprendizagem? ” devem ser feitas, discutidas e pesquisadas para identificar o que está interferindo no aprendizado; de onde vem esse problema e o que pode ser feito para ajudar o aluno.

Tais problemas podem ser causados por uma vasta gama de disfunções orgânicas e dramas pessoais. Observar atentamente a essas dificuldades é um ponto importante para ajudar o aluno a se desenvolver na vida escolar. Uma intervenção imediata pode fazer a diferença para a criança.

Dentro dessa visão, o resultado desse estudo vem agregar reflexões para os ambientes escolares elucidarem as práticas didáticas em sala de aula.

2 Revisão Bibliográfica

Aprendizagem é o significado do processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação no desenvolvimento pessoal. O aprendizado é a capacidade que as pessoas têm para compreender, conhecer, perceber e reter as informações na memória.

> A aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir do seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo (VYGOTSKY, 1988 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 59).

Do ponto de vista de Piaget (1999), o desenvolvimento mental é uma construção contínua, comparável à edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou à montagem de um mecanismo delicado, cujas fases gradativas de ajustamento conduziriam a uma flexibilidade e uma mobilidade das peças tanto maiores quanto mais estáveis se tornasse o equilíbrio.

> Tomemos como ponto de partida o fato de que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança tem uma pré-história. Por exemplo, a criança começa a estudar aritmética, mas já muito antes de ira à escola adquiriu determinada experiência referente à quantidade, encontrou já varias operações de divisão e adição, complexas e simples; portanto, a criança teve uma pré-escola de aritmética (VYGOTSKY, 2001, p. 109).

Ferreiro (1996) afirma que no tocante à alfabetização, também há uma pré-escola que a criança teve, sendo a alfabetização, portanto, um processo cujo início é anterior à matrícula e à freqüência escolar e que não termina ao finalizar a escola primária. Assim, as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis e estão em processo contínuo de aprendizagem.

> Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p. 23).

Segundo Drouet (2001), existem sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive, seja qual for a teoria de aprendizagem considerada: saúde física e mental, motivação, prévio domínio, maturação, inteligência, concentração ou atenção, memória.

> O sujeito que está em processo de construção de seu conhecimento, seja em situação de aprendizagem formal ou informal, não é determinado somente pelo seu potencial cognitivo. Ele é o resultado da interação entre seu aparelho biológico, suas estruturas psicoafetiva e psico-cognitiva, nas interações com o meio social no qual ele está inserido (SANTOS, 2009, p. 5).

Conforme Mello (2012), o ser humano cria maneiras de se relacionar com o mundo e toda história individual e coletiva dos homens está ligada ao seu convívio social. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento não pode ser justificada apenas por fatores biológicos. O desenvolvimento ocorre a partir de diversos elementos e ações que se estabelecem ao longo da vida do sujeito. Neste processo, sem dúvida, a interação com outras pessoas desempenha papel fundamental na formação individual.

Segundo Santos (2009), o número de crianças com dificuldades de aprendizagem é cada vez maior, portanto são necessárias medidas pedagógicas adequadas para atendê-las. Os professores devem ter formação profissional que os habilite a esses atendimentos, utilizando metodologias de ensino adequadas.

O aluno com dificuldade de aprendizagem sente-se rejeitado e diferente das outras crianças e os professores podem ser os mais importantes no processo de identificação e descoberta desses problemas. Somente com uma intervenção imediata das dificuldades pode se levar ao sucesso na aprendizagem.

É necessário que o professor seja sensível e atento para detectar uma situação emocional significativa que a criança apresente que pode parecer apenas um atraso na disciplina, mas se não corrigida a tempo, pode ter um forte impacto na vida da criança, pelos prejuízos que acarretam em todas as áreas do desenvolvimento pessoal do indivíduo.

Aquino (1999) apresenta pesquisas que apontam os transtornos emocionais como uma das causas principais de dificuldades de aprendizagens em sujeitos em fase de aprendizagem. É nesse momento tão importante que se faz necessário uma intervenção adequada.

Existem muitos motivos para deixar uma criança transtornada a ponto de dificultar sua aprendizagem na escola, deixando o aluno vulnerável psicologicamente, remetendo a um quadro desolador, tais como: baixa autoestima, culpa, medo, autoimagem negativa, carências de diferentes ordens, advindo de relações familiares conturbadas ou de situações trágicas.

"O transtorno emocional é considerado como uma experiência desagradável de excesso ou de ausência de estimulação, que, potencial e efetivamente, prejudica a saúde. No caso de crianças, pode causar também uma deficiência no desenvolvimento" (AQUINO, 1999, p. 20).

Ainda em Aquino (1999), atualmente, há muitas evidências de que os transtornos emocionais podem afetar seriamente a saúde e o bem-estar das pessoas. Foram estabelecidas relações causais entre a gravidade de determinadas doenças juvenis, como a artrite reumatoide, a diabete, o câncer e a fibrose cística, e o sofrimento que o indivíduo está vivenciando.

Os transtornos emocionais que as crianças trazem para a escola, através de seus comportamentos diferenciados, muitas vezes, levam o professor a suspeitar que o aluno possa ser portador de alguma deficiência, pois sua capacidade cognitiva e seu desempenho escolar estarão afetados. O aluno pode estar alheio, apático, desmotivado ou o extremo contrário, agitado, agressivo, não presta atenção, não concentra, sugerindo um quadro de hiperatividade.

> Num livro sobre transtornos emocionais na infância e na adolescência, Johnson (1986) descreve estudos que indicam que tais situações aflitivas estão associadas a uma ampla variedade de problemas de saúde, incluindo não apenas problemas físicos e doenças crônicas, mas também frequência de acidentes (AQUINO, 1999, p. 21).

Os problemas emocionais:

> Costumam manifestar-se na escola em forma de ansiedade ou de angústia, acompanhadas de manifestação de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas (COLL, PALACIOS e MARCHESI, 2004, p. 115).

Para esses autores, é de se variar a gravidade de tais problemas, que podem ser psicoses ou revelações de circunstâncias de estresse mais relacionadas com a vida cotidiana da criança.

> Geralmente, os pais, os professores e a sociedade insistem em visualizar os problemas comportamentais em termos de motivação, e não de capacidade. Parece inconsistente focalizar de forma tão detalhada as consequências das dificuldades comportamentais, quando nossa atitude em relação a outras formas de aprendizagem é totalmente distinta. Talvez seja mais adequado começar observando aquilo que a criança traz para determinada situação; se ela possui as capacidades e habilidades interacionais, necessárias em determinados contextos. Esses fatores podem ser identificados usando-se algum modelo de processamento de informações. Também é importante reconhecer que algumas dessas capacidades podem ser racionais. Muitas vezes, os alunos que apresentam problemas comportamentais na escola apresentam um conjunto muito limitado de respostas, que conduzem ao conflito com outros alunos e outros adultos (MCCAFFREY, 1999, p. 180).

Alguns eventos aflitivos são observados em crianças com problemas emocionais como, ansiedade excessiva, angústia, fobia, ansiedade diante de pessoas desconhecidas, depressão, mudanças no peso ou apetite, agitação ou lentidão motora, ideias de morte, problemas do sono, entre outros, que podem ser identificados por pessoas que se relacionam com a criança.

A criança não é capaz de perceber que há um problema consigo mesma, mas o adulto, com sua percepção muito mais evoluída, pode observar as mudanças e os sintomas que ocorrem nas crianças. Jane Madders (1987) citada por Aquino (1999) desenvolveu uma pesquisa com uma classe do ensino fundamental I e com seus colegas de trabalho para a elaboração de um ranking de fatos que podem ser causadores de transtornos no dia a dia das crianças. Segue abaixo a classificação dos eventos sistematizada por Madders:

1. Perda de um dos pais (morte ou divórcio);
2. Urinar na sala de aula;
3. Perder-se; ser deixado sozinho;

4. Ser ameaçado por crianças mais velhas;
5. Ser o último do time;
6. Ser ridicularizado na classe;
7. Brigas dos pais;
8. Mudar de classe ou de escola;
9. Ir ao dentista/hospital;
10. Testes e exames;
11. Levar um boletim ruim para casa;
12. Quebrar ou perder coisas;
13. Ser diferente (sotaque ou roupas);
14. Novo bebê na família;
15. Apresentar-se em público;
16. Chegar atrasado à escola.

O apoio social benéfico, como amizades, atividades com colegas e a afetividade, pode ter um profundo efeito em sua capacidade para lidar com essas situações. Uma intervenção adequada a tempo pode ajudar a diminuir e até mesmo extinguir os problemas causados por esses transtornos emocionais.

Piaget (1954) citado por Oliveira (2001) afirma que a inteligência e a afetividade são indissolúveis. Afirma também que a afetividade estimula o funcionamento intelectual e que muitas crianças não aprendem devido a bloqueios afetivos ou a sentimentos de inferioridade. A afetividade pode ser causa de comportamentos, pode intervir sem cessar no funcionamento da inteligência, pode ser causa de acelerações no desenvolvimento intelectual.

Conforme Vygotsky (1951) citado por Oliveira (1992), a organização dinâmica da consciência aplica-se ao afeto e ao intelecto, pois "os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas" (OLIVEIRA, 1992, p.76).

> Se fizermos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fizermos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulagem das reações pelo organismo. (VYGOTSKY, 2001, p. 139).

Dessa forma, para obter um resultado positivo junto ao aluno, é preciso que o professor relacione seu comportamento com uma emoção positiva, para obter o sucesso pretendido no processo de ensinoaprendizagem. Vygotsky (2001) afirma que o professor deve preocupar-se em relacionar o novo conhecimento com a emoção, caso contrário o saber torna-se morto. Sobre essa relação que se abre numa nova dimensão, tem-se que:

> A dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história (WALLON, 1941 *apud* DANTAS, 1992, p. 85).

Sendo assim, a escola se estabelece no cotidiano da criança também como um ambiente social, podendo ser facilitador e estimulador ou um empecilho, potencializando as dificuldades de aprendizagem por relação ao aspecto afetivo.

Segundo Carvalho (1999), Snyders defende a ideia da felicidade do ser humano, não uma felicidade qualquer, mas aquilo que o autor defende por alegria, ou seja, é sentimento de bem-estar. Em suas obras, insiste em falar da alegria na escola, na satisfação que a cultura deve e pode proporcionar aos alunos.

Para Piaget (1999), as transformações da ação proveniente do início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercutem também profundamente na vida afetiva.

Snyders (1974) citado por Carvalho (1999, p. 155) "defende uma pedagogia que, de fato, possibilite a formação do indivíduo, que lhe permita realizar-se (ter alegria) e poder atuar na sociedade modificando-a, superando as contradições e problemas que esta apresenta". Ainda mais que:

> A relação entre educadores e educandos é ao mesmo tempo afetiva e de progresso cultural – de progresso na conquista da cultura – é afirmar que o elemento intelectual está apto a se unir aos elementos de sentido. (...) – quando ambos são vividos com bastante profundidade. Reciprocamente, o afetivo dá acesso ao intelectual: O sentimento-paixão torna-se compreensão e, portanto, saber (SNYDERS, 1974 *apud* FICAGNA, 2010, p. 159).

Acerca dessa relação entre educadores e educandos, Freire (2002) afirma que é indispensável aos educadores que se desenvolva a amorosidade aos educandos e que se cultive a humildade e a tolerância para a construção dessa convivência com uma:

> (...) postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar de respeito à dignidade e autonomia do educando. (...) A competência técnica científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvelados. É preciso aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças (FREIRE, 2002, p. 1).

Então, a competência não tem a ver com uma postura que se parece "séria". A rigorosidade que a técnica exige não pode ser encarada pelo professor como algo despido de carinho, cuidado, amorosidade.

A dimensão afetiva nas relações construídas em sala de aula é algo que deve fazer parte de todos os momentos no processo ensinoaprendizagem como algo a ser ensinado e aprendido para ser posto em prática para além dessa mesma sala; para além dos muros da escola.

"O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só" (VYGOTSKY, 2001, p. 113).

3 Metodologia

O método de pesquisa utilizado para este trabalho foi bibliográfico e documental, através de livros e artigos publicados, desenvolvidos a partir de ideias que exploraram as

relações entre aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e afetividade, facilitando assim a compreensão de várias informações sobre esse assunto que envolve tanto o grupo familiar quanto a escola, com vistas a levantar informações que atentem para o desenvolvimento escolar do aluno.

Como instrumento de coleta de dados, foram realizadas também entrevistas com três professoras da Escola Estadual Prof. Cândido José Martinez, na cidade de Sumaré, São Paulo.

Essas professoras entrevistas lecionam no 2º, 3º e 4º anos do Ensino Fundamental, respectivamente. Além disto, houve a observação em suas salas de aula a fim de complementar os estudos teóricos.

4 Resultados e Discussões

Conforme acima mencionado, foram realizadas entrevistas com três professoras da unidade escolar, sendo aqui denominadas de Professoras I, II e III, que ministram aulas no 2º, 3º e 5º anos, respectivamente.

A Professora I, como pude observar em sala de aula, é muito dedicada e amorosa com seus alunos. Desde o início da aula ela faz com que os alunos se sintam à vontade perguntando o que eles sabem sobre a matéria que ela está explicando.

A relação dos alunos é muito positiva em relação ao aprendizado e a professora. Na entrevista feita com esta professora, relatou sobre uma de suas alunas que, para ela, apresenta dificuldades para aprender. Conta que esta aluna chegou na sala de aula sem nenhuma noção de escrita, nem leitura e aparentemente muito carente, mesmo convivendo com os pais.

Perguntei qual era a maior dificuldade da criança e ela respondeu: *"Falta compreensão da escrita, falta comunicação oral, estrutura familiar, falta rotina em casa, comprometimento dos pais. Os pais não se interessam pela vida escolar do filho, coloca-o aqui e nós criamos, é isso que eles pensam. A escola é para ensinar, a escola oferece atividades dinâmicas envolvendo os pais, mais os pais não se interessam"*.

Em face desta resposta, questionei se houve a percepção de melhora da aluna. A Professora I respondeu que: "*Sim, mesmo com a ausência dos pais o crescimento educacional foi favorável, esses alunos carentes adoram elogios, eu ofereço amor e carinho, de vez em quando eu dou uns mimos, para incentivar e faço carinho, eles gostam!*".

Prosseguindo a entrevista, perguntei se ela teve a oportunidade de conversar com os pais desta aluna. E a resposta foi que: *"Sim, os pais alegam falta de tempo e paciência, dizem que no seu tempo não tinha isso, não compreendem o conteúdo para ensinar os filhos"*.

As expressões da Professora I demonstraram a sua indignação com a total falta de carinho e interesse pela vida escolar dos pais em relação aos filhos. Ela disse que "*apesar de estar a mais de vinte anos em sala de aula já conviveu com muitos casos de problemas familiares que prejudicam o aluno na vida social e escolar, mas que na atual realidade escolar esses casos estão aumentando e os pais não estão atentos para evitar uma piora na vida de seus filhos*".

Na observação que fiz com a Professora II, notei que se preocupa muito com seus alunos. No início da aula, ela perguntou para a classe se sabiam o porquê de um dos alunos não ter vindo para a aula naquele dia e no dia anterior, mas nenhuma criança soube dizer. Então, pediu para um deles descer na secretaria para que ligassem em sua casa a fim de buscar

informações sobre suas faltas. Ela disse: "*Ele vai ficar atrasado, estamos estudando o EMAI, não vai conseguir acompanhar se continuar faltando*".

Observei que a maior preocupação da Professora II era o aprendizado do aluno. Quando fiz a entrevista com esta professora, relatou sobre uma aluna de sua sala que iniciou o ano com grandes dificuldades.

Disse que: "*A criança chegou para mim na fase da escrita sem valor sonoro, demonstrava muito interesse e curiosidade e também muita carência afetiva. Eu trabalhei com os alunos o projeto da família, árvore genealógica, todos os outros alunos tinham muito conhecimento sobre a família, os nomes dos avôs e tios e conversavam entre si trocando informações e essa aluna não sabia o nome da sua avó materna. Era a única aluna da sala que não tinha essa informação. Não sabia mesmo. Poderia ter esquecido, mas não, nunca soube. Então chamei a mãe na saída da aula e a aluna disse que também não sabia. Era bem pior do que imaginava. A filha não sabia o nome da própria mãe, não teve contato nenhum na vida com a mãe. Fiquei com muita pena. Uma filha criada sem a presença da mãe. Pedi para que trouxesse o seu RG no dia seguinte e então descobrimos o nome da avó. Foi triste saber que ainda há pessoas tão desinformadas. Falta interação com a leitura, com livros e contato com a família, falta atenção e carinho, total desinteresse vindo de casa. Mas hoje essa aluna está tendo muito sucesso dentro da sala de aula, ela já sabe ler, está alfabetizada e até já escreveu um ótimo texto*".

A Professora II fala orgulhosamente da aluna, como se realizasse o sonho da menina, e o prazer que ela sente em dizer isso é imenso. E disse: "*Ás vezes nem acredito que ela conseguiu. Toda aquela curiosidade tinha que ter um ótimo resultado. Ela é boa. Destaca-se na sala, pergunta bastante, é assim que se aprende. Mas ela ainda é muito carente de família*".

Com relação à Professora III, na observação que fiz em sala, notei que a relação dela com os alunos é boa. Ao entrar na sala ela pede para os alunos se sentarem e conversa com eles antes de iniciar a aula. Distribui um pouco de informações e assuntos diversos e alguns alunos vêm abraçá-la e ela retribui os abraços.

A professora é muito carinhosa com todos. Em seguida, pede para os alunos se organizarem, coloca a pauta do dia na lousa e conversa com eles sobre esse assunto. Observei que a professora é muito descontraída e conversa bastante com os alunos, mesmo sendo assuntos que não pertencem à escola. Ela perguntou sobre o que os alunos fizeram no fim de semana e todos querem falar ao mesmo tempo, mas deixa os alunos bem à vontade.

A professora tem uma relação bem carinhosa com os alunos, dá para perceber o carinho que ela tem por todos. Ela disse que: *"Temos uma relação mito boa, eles se abrem muito facilmente comigo, é uma relação bem íntima em termos de afeto, trocas de conhecimento, é uma vivência na sala de aula e eu gosto muito dessa relação. Eu não consigo entrar na sala de aula e só dar aula, eu preciso desse afeto, dessa troca de carinho. Eu entendo que eles passam dificuldades, por problemas, eles precisam dividir. Eu noto essa carência por parte deles.*

Perguntei se havia algum aluno com dificuldades na aprendizagem dentro da sala e o motivo dessa dificuldade. E ela disse: *"Sim, tenho uma aluna com problema afetivo e emocional dentro de casa e isso afeta muito ela aqui na escola. E não é só a dificuldade de aprendizagem, é a falta de motivação mesmo. Ela não tem interesse, sente-se desmotivada. Os pais dessa aluna vivem se separando e voltando, acredito que seja também por isso. Afeta muito a 'cabecinha' dela. Sente-se insegura! Ela não confia em ninguém, não tem segurança emocional nem afetiva da família. Ela não conversa com ninguém, não se sociabiliza. Às vezes acho que ela está melhorando, mas de repente ela se fecha de novo. Ela não 'vai', não*

‘deslancha’, não faz as tarefas, falta muito. Mas coitadinha, ela tem muitos problemas familiares. Eu já mandei bilhete para a mãe vir aqui na escola, mas até agora nada. Não liga para a vida escolar da filha. É uma pena. Ela tem muito potencial, mas precisa da família também. Ela voltou agora das férias um pouquinho melhor, um pouquinho mais prestativa e bem carinhosa comigo, vou aproveitar esse momento para me aproximar ainda mais dela e poder ajudá-la”.

A professora falou com muita emoção da aluna e disse que está na sala de aula há mais de 20 anos e que já teve vários alunos com esses problemas, mas diz estar cada vez mais difícil lidar com essas situações.

Depois de falar e observar essas professoras em sala de aula, pude notar a enorme responsabilidade que um docente tem a partir do momento em que se propõe a ensinar. Não é só chegar lá e “passar a matéria”, é necessário que sinta o aluno, observe atentamente se eles acompanham ou não o aprendizado.

E se houver algum aluno que apresente dificuldades, vale à pena investigar. Esse aluno pode estar apenas precisando de atenção e carinho. Se o docente estiver atento, como foi observado nestas entrevistas, ele pode fazer a diferença na vida de uma ou mais crianças.

São as vivências nessa fase de desenvolvimento da criança, tanto física quanto emocionalmente, que podem determinar seu caráter e, muitas vezes, suas atitudes e ações no momento presente e quando se tornarem adultos.

5 Considerações finais

Através desse estudo foi possível compreender a importância de apresentar alguns problemas emocionais enfrentados pelo ambiente escolar e que, muitas vezes, não tem sido percebido pela família ou pelo professor, o que interfere no aprendizado do educando.

Esta preocupação forneceu a temática a ser investigada, os problemas de indisciplinas, falta de atenção e interesse, o que dificulta a prática pedagógica e a estrutura escolar. Temos a escola como um ambiente propício para a avaliação emocional das crianças e adolescentes devido ser um espaço social relativamente fechado, intermediário entre a família e a sociedade.

Portanto, é na escola onde o desempenho dos alunos pode ser avaliado e onde podem ser detectados alguns problemas emocionais enfrentados por esse público alvo. Tem-se em mente que a escola é um universo de circunstâncias pessoais e existenciais que requerem do educador, professor e dirigente escolar uma boa dose de bom senso, quando não, uma abordagem direta com alunos que acabam demandando uma atuação muito além do posicionamento pedagógico e metodológico da prática escolar.

Temos consciência de que esse é o início de um trabalho que deve ser continuado e divulgado em instituições escolares para que estudantes e profissionais de educação possam ter o conhecimento de um tema tão importante como os transtornos emocionais e a falta de amorosidade no ambiente educacional.

Muitas dessas crianças e adolescentes veem na escola um lugar para se refugiarem destes problemas que por vezes são causados no ambiente familiar, atingindo o desempenho e o comportamento no âmbito escolar.

Daí aquele aluno, tido como “problema”, é reflexo muitas vezes de algum transtorno emocional causado por situações conturbadas nas relações familiares. Caberá à escola buscar métodos que possam ajudar estes discentes no processo de construção do conhecimento e formação humana, pois o afetivo e o intelectual são faces que caminham juntos em favor do desenvolvimento humano.

Na prática, os resultados deste estudo salientam que, ao trabalhar com crianças com dificuldades na aprendizagem, é necessário dar atenção tanto às questões diretamente ligadas à aprendizagem quanto às dificuldades emocionais e comportamentais apresentadas por ela, que favorecem seu isolamento, o que prejudica ainda mais a aprendizagem e seu desenvolvimento em geral.

Dentro da sala de aula o professor tem uma grande missão, fazer o seu semelhante crescer como cidadão e como ser humano. Fazer a diferença. Desviar do caminho que até então o "destino" o empurrava. Tornando possível a mudança necessária. Ensinando e aprendendo com e pela amorosidade.

> O curso da aprendizagem escolar da criança não é continuação direta do desenvolvimento pré-escolar em todos os campos: o curso da aprendizagem pré-escolar pode ser desviado, de determinada maneira, e a aprendizagem escolar pode também tomar uma direção contrária. Mas tanto se a escola continua a pré-escola como se impugna, não podemos negar que a aprendizagem escolar nunca começa no vácuo, mas é precedida sempre de uma etapa perfeitamente definida de desenvolvimento, alcançado pela criança antes de entrar para a escola (VYGOTSKY, 2001, p. 110).

Educar com amorosidade é proporcionar condições de aprendizagem, por meio das quais estudantes possam ter acesso ao conhecimento de modo a desenvolverem constantemente seus potenciais e serem livres para criar, escolher e descobrirem a verdadeira vocação, conhecendo e assumindo seu papel no mundo por meio da afetividade e do respeito.

Mantemos a esperança da transformação dessa realidade para um patamar de existência e convivência digno e feliz.

Referências

AQUINO, Júlio Groppa. **Transtornos emocionais na escola:** da consternação à inclusão. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

CARVALHO, Roberto Muniz Barretto de. **George Snyders:** em busca da alegria na escola. Perspectiva. Florianópolis, v. 17, n. 32, p. 151-170 jul. /dez. 1999.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA, Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação:** transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. São Paulo: Artmed, 2004.

DANTAS, Heloysa. **Teorias psicogenéticas em discussão**. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Com todas as letras**. vol. 2. São Paulo: Cortez, 1999.

FICAGNA, Alba Valéria Oliveira. **O pensamento político pedagógico de George Snyders.** São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

MCCAFFREY, Trisha. **Transtornos emocionais na escola.** Trabalho de grupo com crianças com problemas emocionais: Ensinando-as a serem bons amigos. São Paulo: Summus, 1999.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de. **A interação social descrita por Vygotsky e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede**. IX ANPED SUL. Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/>. Acesso em: 20 abr. 2016.

OLIVEIRA, José H. Barros de. **Freud e Piaget**: Afetividade e inteligência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. **Teorias psicogenéticas em discussão**. O problema da afetividade em Vygotsky. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização das dificuldades de aprendizagem**. Trabalho de conclusão de atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional PDE – 2007. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf.>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 8. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

PEDAGOGIA EMPRESARIAL: O PAPEL DO PEDAGOGO NA VISÃO EMPRESARIAL

Claudina Granzoto[19]
Luis Carlos Gonçalves[20]

RESUMO
Este artigo visa desenvolver uma pesquisa sobre a atuação da pedagogia nas empresas, objetivando a melhoria da prestação de serviço das organizações. Por muito tempo a área de recursos humanos das empresas trabalhou com o conceito simples de treinamento, voltado apenas para familiarizar as pessoas com um determinado tipo de procedimento. Com este panorama, a gestão de pessoas passa a atuar em um patamar mais estratégico que em todo seu registro anterior na história. Atualmente esse profissional, o Pedagogo, vem conseguindo abrir seu espaço junto às organizações a fim de promover projetos, solucionar problemas, formular hipóteses, por exemplo, por isso a pesquisa se justifica a partir do paradigma de que o campo de trabalho do Pedagogo não é somente o escolar. Utilizou-se para a realização deste artigo de pesquisa documental e bibliográfica e de questionários respondidos por representantes de duas empresas para um maior aprofundamento da temática.

Palavras-chave: Convívio humanizado, Empresa, Intervenção pedagógica.

ABSTRACT
This article aims to develop research on the role of pedagogy in companies, aiming at improving the delivery of service organizations. For a long time the human resources of the companies worked with the simple concept of training, aimed only to familiarize people with a certain type of procedure. With this scenario, the management of people begins to operate in a more strategic level than in all its previous record in history. Currently this professional, educator, has managed to make its way with organizations in order to promote projects, solve problems, formulate hypotheses, for example, so the research is justified from the paradigm that the educator's field of work is not only school. It was used to carry out this article and documentary literature and questionnaires answered by representatives of both companies for further development of the theme.

Keywords: *Humanized conviviality, Company, Pedagogical intervention.*

1 Introdução

[19]Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: claudina.granzotto@hotmail.com)
[20]Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br)

A educação corporativa veio de uma evolução da qualificação que possui foco no processo para a competência, para os resultados. A educação corporativa se representa nas organizações através da chamada universidade corporativa, que funciona como uma entidade educacional estratégica que conduz atividades que cultivam o aprendizado e o conhecimento.

E a formação do pedagogo está diretamente relacionada com as transformações contemporâneas, enfocando o desenvolvimento humano, o trabalho em equipe, o aprofundamento teórico, estudando os processos de aprendizagem, as estratégias de ensino, dentre outros requisitos que conferem ao pedagogo sua especificidade.

2 Revisão Bibliográfica

Discute-se o lugar da educação afirmando que,

> na escola, na sociedade, na empresa, em espaços formais ou não formais, escolares ou não escolares, estamos constantemente aprendendo e ensinando. Assim, como não há forma única nem modelo exclusivo de educação, a escola não é o único em que ela acontece e, talvez, nem seja o mais importante. As transformações contemporâneas contribuíram para consolidar o entendimento da educação como fenômeno multifacetado, que ocorre em muitos lugares, institucionais ou não, sob várias modalidades. (FRISON, 2004, *apud* NASCIMENTO et al., 2010, p. 61).

Aranha (2006) estabelece uma caracterização sobre educação a partir da forma e como ela se desenvolve, conceituando como formal, informal e não-formal. A formal é aquela desenvolvida pela escola, com suas regras, normas e estrutura definidas pela legislação.

Já a educação informal é aquela

> realizada na família, como primeiro e privilegiado espaço de transmissão da cultura, também se estende no convívio com os amigos, nas atividades de trabalho e do lazer, veículos de informações e entretenimento, como rádio, televisão, jornais, revistas, livros, internet. Chamamos esses veículos de comunicação de massa ou mídia. (ARANHA, 2006, p. 93).

Diante dessas circunstâncias, Aranha (2006) afirma que essas influências podem ser eventualmente deliberadas, mas se deve considerar para a formação humana, caracterizando-se por não ser intencional ou organizada, mas casual e empírica, exercida a partir das vivências, de modo espontâneo.

Ainda em Aranha (2016), a educação não formal se aproxima da educação formal pela intenção explícita de educar, muitas vezes usando recursos metodológicos para sua realização. Como, por exemplo, da iniciativa de grupos que se empenham na alfabetização de adultos, de empresas que oferecem cursos de aperfeiçoamento de habilidades para seus empregados, de igrejas que reúnem fieis para o ensino da religião, de comunidades que preparam jovens para o exercício da cidadania.

> A maior importância da educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não formal. O agir comunicativo dos indivíduos, voltado para o entendimento dos fatos e fenômenos sociais cotidianos, baseia-se em convicções praticas, muitas delas advindas da moral, elaboradas a partir das experiências anteriores, segundo as tradições culturais e as condições histórico-sociais de determinado tempo e lugar. O conjunto desses elementos fornece o amalgama para a gerações de soluções novas,

> construídas em face dos problemas que o dia a dia coloca nas ações dos homens e das mulheres" (GOHN, 2005, p. 95).

Quando se trata da educação não formal, podemos dizer que ela ocorre, em geral, através da iniciativa de uma organização que, por vezes, não tem como seu objetivo principal o processo educativo, mas que ele ocorre na realização de suas atividades. O termo organização tem sua raiz etimológica no grego *organon* que significa instrumento, utensílio, órgão ou aquilo com que se trabalha. Para o entendimento contemporâneo, segundo Maximiano (1992), uma organização se dá quando ocorre uma combinação de empenhos individuais para alcançar propósitos coletivos, os quais seriam impossíveis alcançar por uma única pessoa.

Como se vê, as empresas são organizações, pois reúnem pessoas para atingir determinados objetivos, conforme a sua atuação, missão e valores, caracterizando-se por ter fins econômicos na exploração de um ramo de negócio para o oferecimento de bens e/ou serviços ao mercado.

Para levar adiante seus objetivos empresariais,

> As organizações atualmente visam novas competências dos funcionários, tendo em vista o mundo globalizado e suas exigências. A tarefa do pedagogo empresarial estará focada em analisar as necessidades e deficiências das organizações e assim desenvolver projetos voltados ao aprimoramento das mesmas visando trabalhadores críticos analíticos, ativos que resolvam seus problemas e trabalhem em equipe sendo flexíveis as necessidades e transformações atuais (PRADO; SILVA; CARDOSO, 2013, p. 65).

Desta feita, a pedagogia empresarial tem como objetivo principal a melhoria no processo de aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos. Tem como objetivo levar essa reflexão como processo de ensinoaprendizagem, a fim de solucionar possíveis problemas relacionados a este processo.

O pedagogo tem por objetivo instituir programas de qualificação e requalificação profissional, estruturar setores de treinamentos, produzir e difundir o conhecimento científico e tecnológico nas empresas, desenvolver tecnologias adequadas à utilização das tecnologias da informação e da comunicação nas práticas educativas.

> O pedagogo, diferente de outros profissionais, tem facilidade de se comunicar. Em seu curso de formação, foi preparado para lidar com pessoas de diferentes meios; esse profissional tem uma facilidade imensa de trabalhar em grupo, consegue desenvolver estratégias para sensibilizar as pessoas, e os outros profissionais não têm. O psicólogo, o assistente social, por exemplo, são muito técnicos, não conseguem fazer projetos. O pedagogo é mais humano. (NASCIMENTO et al., 2010, p. 62).

Para Frison (2004), o pedagogo possui condições de elaborar planejamento, construir e dinamizar projetos e cursos, além da elaboração de materiais didáticos específicos e necessários, desenvolvendo também a harmonia nas relações entre o grupo de alunos ou colaboradores da empresa. Para tanto, mobiliza adequadamente os inúmeros conhecimentos teóricos sobre determinado assunto.

Isso o pedagogo pode fazer devido à sua formação sistematizada e global voltada para a formação dos sujeitos, para a humanização e a emancipação do homem. Cabe a ele estimular a formação contínua e atualizada dos profissionais da empresa, com o objetivo de

desenvolver competências e habilidades essenciais para que o funcionário tenha uma boa qualificação a fim de colaborar na concretização dos objetivos propostos.

> A pedagogia empresarial é uma possibilidade de atuação do pedagogo muito recente no Brasil surgiu pela necessidade de preparação na formação de pessoal. Essa preocupação, no entanto se dá pela necessidade de um melhor desempenho e formação profissional que foi incentivada inclusive por ações governamentais para sua operacionalização como, por exemplo, a lei nº 6.297/75 (PRADO; SILVA; CARDOSO, 2013, p. 66).

A lei acima referida permite inclusive a dedução de imposto sobre a renda das empresas na execução de projetos de formação profissional, preparando para o trabalho pessoas, menores ou maiores, através da aprendizagem metódica, da qualificação profissional e do aperfeiçoamento e especialização técnica.

Para Holtz (2006), são responsabilidades do pedagogo empresarial:

- Conhecer e encontrar as soluções práticas para as questões que envolvem a otimização da produtividade das pessoas humanas - o objetivo de toda empresa;

- Conhecer e trabalhar na direção dos objetivos particulares e sociais da empresa onde trabalha;

- Conduzir com atividades práticas, as pessoas que trabalham na empresa - dirigentes e funcionários - na direção dos objetivos humanos, bem como os definidos pela empresa;

- Promover as condições e atividades práticas necessárias - treinamentos, eventos, reuniões, festas, feiras, exposições, excursões, etc. -, ao desenvolvimento integral das pessoas, influenciando-as positivamente (processo educativo), com o objetivo de aperfeiçoar a produtividade pessoal;

- Aconselhar, de preferência por escrito, sobre as condutas mais eficazes das chefias para com os funcionários e destes para com as chefias, a fim de favorecer o desenvolvimento da produtividade empresarial;

- Conduzir o relacionamento humano na empresa, através de ações pedagógicas, que garantam a manutenção do ambiente positivo e agradável, estimulador da produtividade.

"Hoje o pedagogo é o especialista em conduzir o comportamento das pessoas - e não apenas as crianças - para uma mudança de comportamento - aprendizagem - em direção aos objetivos da educação, o processo de formação da personalidade humana equilibrada" (HOLTZ, 2006, p. 13).

Podemos dizer, então, que o pedagogo empresarial atua diretamente na articulação entre a necessidade da empresa em desenvolver suas estratégias enquanto uma organização e o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal dos funcionários, através da realização de processos de aprendizagem.

> O desafio desse novo profissional, diferentemente do que podem pensar alguns, não se resume a conduzir dinâmicas de grupo e preparar material de treinamento para o qual as pessoas não estão engajadas ou enxergando uma necessidade imediata. Isso requer muito trabalho como de observações cuidadosas principalmente ao que se refere ao capital humano, (Termo utilizado nas empresas ao referir-se as pessoas que trabalham nelas), para que com elas seja possível desenvolver estratégias no bom sentido, que venha favorecer a humanização dentro da empresa (GONÇALVES, 2009 *apud* PRADO; SILVA; CARDOSO, 2013, p. 68).

Com referência aos processos de aprendizagem, Antonello (2007) expõe que sua noção como um conceito tem evoluído, distinguindo a "forma tradicional", preocupada mais com o desenvolvimento de habilidades com a experiência no trabalho, de "concepções mais contemporâneas", preocupada mais com o desenvolvimento de processos cognitivos aliados ao desenvolvimento de competências com enfoque menor na informação e aquisição de habilidades.

Para Antonello (2007), aprender fazendo é muito mais do que estar acumulando um conjunto de experiências na ação e que vai além da mera repetição, que pouco agrega à formação do indivíduo.

> Para quem experiência é a interação de uma pessoa ou coletivo com a situação de trabalho, nem toda a experiência permite diretamente uma aprendizagem. A transformação que a experiência quase sempre promove nos indivíduos pode ser o resultado de uma "repetição" ou "impregnação" e significar muito pouco no plano da formação. Para que tal aconteça, é necessário que exista intencionalidade da parte dos atores no ambiente de aprendizagem formal ou nas práticas de trabalho como ficou evidenciado nos resultados do estudo. Para potencializar formativamente os ambientes organizacionais e de formação com o objetivo desenvolver competências é necessário que a interação com essas situações faça sentido para os que nela estão envolvidos (ANTONELLO, 2007, p. 163).

Esta aprendizagem experiencial, ou que a aprendizagem que se dá na própria experiência, necessita de que haja sentido para a ação para que ela atinja seus objetivos formativos, induzindo, para Antonello (2007), que exista sempre um retorno à experiência para transformá-la num saber formalizado. Desta feita, a presença dos outros indivíduos contribui para que ocorra um contexto propício à mediação social, importante para a evolução do saber a partir da experiência vivenciada e significativa.

> O contexto é uma complexa trama de referências (intercâmbio de informações, ideias, dentre outros) que, em longo prazo, pode auxiliar a configurar o saber dos indivíduos e, em igual tempo, determinar uma arquitetura social para este saber. Compreendido deste modo, o contexto onde ocorre a aprendizagem pode ou não criar equilíbrio dinâmico entre o saber/teoria e saber-fazer/prática. É através desta estreita interdependência ou co-produção de conhecimento teórico-prático que as competências podem ser desenvolvidas. Aprender significa desenvolver competências por envolvimento num processo contínuo de aprendizagem. Como tal, a aprendizagem não é apenas reprodução, mas também reformulação e renovação do conhecimento e das competências (ANTONELLO, 2007, p. 164).

Para que se processo de maneira adequada o desenvolvimento das competências há de se tornar pertinente o conhecimento e significativa a sua construção, tomando o cuidado devido para que os saberes não sejam compreendidos de forma isolada, desunidos, separados, compartimentados. A pertinência do conhecimento deverá ser evidenciada pela educação. Em

Morin (2010), a educação deve evidenciar o conhecimento do contexto, do global, o multidimensional e o complexo, a saber:

- Contexto: situar as informações e dados em seu contexto a fim de se construir sentido, uma vez que o conhecimento das informações ou dados de forma isolada se torna insuficiente;

- Global: é o conhecimento da relação do todo com as partes e vice-versa e de como isso se organiza, entendendo a sociedade como o todo organizador de que todos nós fazemos parte;

- Multidimensional: o conhecimento das inúmeras dimensões que a sociedade e o ser humano têm como formador de sua identidade, como exemplo disso, temos que nós temos ao mesmo tempo as dimensões biológica, psíquica, afetiva, social e racional. Já, a sociedade se configura através das dimensões histórica, econômica, sociológica e religiosa. Há necessidade, portanto, de se reconhecer todo esse caráter multidimensional;

- Complexo: é a unidade entre a unidade e a multiplicidade, quando elementos diferentes e inseparáveis são necessários para constituir a mesma unidade.

O problema, então, reside na necessidade de promoção de saberes que compreendam questões fundamentais para além da visão fragmentada construída historicamente pela departamentalização das disciplinas, que toma para si partes de um todo maior, tornando isso o mais importante em detrimento dos outros "departamentos e seus conhecimentos".

Para tanto, Morin (2010) propõe a compreensão estimulada pelos educadores entre essas partes, que para ele significa aprender em conjunto, aprender o texto e o seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno. Compreensão que tem espaço fértil nas empresas, face às suas necessidades de se estabelecerem na sociedade tão complexa.

> À medida que a sociedade se tornou tão complexa, há que se expandir a intencionalidade educativa para diversos contextos, abrangendo diferentes tipos de formação necessários ao exercício pleno da cidadania. Nessa perspectiva, as referências e reflexões sobre as diversas formas e meios de ação educativa deverão também constar do rol de atribuições de um pedagogo, e, mais que isto, referendar seu papel social transformador. (CARNEIRO E MACIEL, s.d., *apud* NASCIMENTO et al., 2010, p. 62).

3 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi não-experimental, utilizando-se de pesquisa documental e bibliográfica sobre o tema abordado. Foi realizada também pesquisa de campo, utilizando-se de questionários para um maior aprofundamento da temática.

O questionário foi endereçado a duas empresas. A Botam e Botam Piracicaba Ltda e a Rossato e Botam, ambas sediadas em Piracicaba/SP e que possuem equipe especializada em treinamentos aos seus funcionários.

Na Botam e Botam Piracicaba Ltda, o questionário foi respondido por Marcos Anselmo de Godói Prezoto, diretor da empresa. E na Rossato e Botam foi respondido por Ana

Maria Stocco Botam e Jéssica Cristina Adão, ambos funcionários do setor de Recursos Humanos da empresa.

4 Resultados e Discussões

Conforme acima mencionado, foi aplicado um questionário, que fora respondido por três pessoas. Seguem abaixo as perguntas e suas respectivas respostas, por pessoa:

A- Questionário respondido por Marcos Anselmo de Godói Prezoto, diretor da empresa Botam e Botam Piracicaba Ltda:

1- Você acredita que seja importante realizar ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Sim, sem dúvida. Os colaboradores precisam se aprimorar constantemente e hoje temos dificuldades com o nível de educação e padrão de valores apresentado por boa parte das pessoas. É uma forma de colaborar com o desenvolvimento do indivíduo como pessoa e como profissional.

2- A empresa realiza tais ações? Se sim, quais as mais frequentes?

A empresa realiza reciclagem com os funcionários em normas de segurança, treinamentos de equipamentos e normas de qualidade. Também são encaminhados para treinamentos em Instituições que temos convênios, como SENAI. Também são realizados treinamentos internos voltados às questões comportamentais e questões técnicas.

3- Como são organizadas, planejadas e executadas essas ações?

Existe um planejamento anual previsto dentro de orçamento, e alguns pontuais, à medida que surgem as necessidades.

4- Que profissionais são envolvidos na organização, planejamento e execução dessas ações?

Responsáveis pela área de Recursos Humanos, Chefias de Áreas, Pessoal do Departamento Financeiro e Direção da Empresa.

5- Qual o motivo de não existir o Pedagogo envolvido?

Os treinamentos são ministrados por pessoas habilitadas e certificadas para realizar esses treinamentos.

6- Você acredita que o trabalho do Pedagogo é ou seria importante para a organização, planejamento e execução dessas ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Acredito que os profissionais que ministram os treinamentos devem receber orientações pedagógicas durante o seu processo de certificação.

7- Que sugestões você daria para que o trabalho do Pedagogo fosse melhor aproveitado em uma empresa?

Pedagogos poderiam auxiliar na formação dos Treinadores ou Multiplicadores durante o processo de habilitação ou certificação.

B- Questionário respondido por Ana Maria Stocco Botam, da empresa Rossato e Botam:

1- Você acredita que seja importante realizar ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Sim, pois quanto mais conhecimento os funcionários tiverem, irá contribuir ainda mais para a organização.

2- A empresa realiza tais ações? Se sim, quais as mais frequentes?

Sim, temos a ação das práticas ambientais na empresa, dentre outras.

3- A empresa realiza tais ações? Se sim, quais as mais frequentes?

É organizada pelo RH e Diretoria, e aplicada em todos os funcionários da organização.

4- Que profissionais são envolvidos na organização, planejamento e execução dessas ações?

Os funcionários relacionados ao setor de qualidade e Recursos Humanos.

5- Qual o motivo de não existir o Pedagogo envolvido?

Os profissionais são capacitados para dar os treinamentos.

6- Você acredita que o trabalho do Pedagogo é ou seria importante para a organização, planejamento e execução dessas ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Sim, porque ele já é capacitado para atuar nas ações da empresa e com certeza conseguirá atingir um melhor objetivo.

7- Que sugestões você daria para que o trabalho do Pedagogo fosse melhor aproveitado em uma empresa?

Que no processo de formação dos treinadores houvesse disciplina relacionada a Pedagogia.

C- Questionário respondido por Jéssica Cristina Adão, da empresa Rossato e Botam:

1- Você acredita que seja importante realizar ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Acredito. Pois o conhecimento é necessário tanto para o desenvolvimento dos colaboradores, quanto para a melhoria continua dos produtos e serviços oferecidos pela empresa, em um todo.

2- A empresa realiza tais ações? Se sim, quais as mais frequentes?

Sim, em partes. A empresa realiza a integração dos funcionários no momento da admissão e treinamentos, realiza cursos voltados para a área que o funcionário irá atuar (ex: curso de operador de empilhadeira e ponte rolante, cursos voltados a nr's: trabalho em altura, eletricidade, cursos voltados à segurança do trabalhador: CIPA, primeiros socorros e brigada de incêndio).

3- A empresa realiza tais ações? Se sim, quais as mais frequentes?

O departamento de Recursos Humanos monitora e controla a necessidade de realização de tais cursos, em conjunto com as gerencias dos departamentos, depois informa aos diretores sobre o custo de realização destes cursos, que autoriza a realização dos mesmos.

4- Que profissionais são envolvidos na organização, planejamento e execução dessas ações?

O profissional de RH, os gerentes dos setores e os diretores da empresa.

5- Qual o motivo de não existir o Pedagogo envolvido?

A não existência do Pedagogo nas dependências da empresa é por motivo da mesma ser de pequeno porte e contar com um número reduzido de funcionários.

6- Você acredita que o trabalho do Pedagogo é ou seria importante para a organização, planejamento e execução dessas ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários? Por quê?

Sim, seria. Na parte de direcionar e sugerir novos cursos que promovam o desenvolvimento dos funcionários da empresa e da organização.

7- Que sugestões você daria para que o trabalho do Pedagogo fosse melhor aproveitado em uma empresa?

O Pedagogo deve ser inserido na rotina dos funcionários, não apenas como uma instituição consultiva, mas sim como parte do dia a dia do funcionário que não tem acesso direto a ele.

Como se pode observar, nenhuma das empresas aqui mencionadas possui o Pedagogo em seus quadros, que vai desde o fato do tamanho da empresa até o fato de que sentem que os profissionais que lá já se encontram tenham a formação adequada para desenvolver trabalhos voltados à formação e aprendizagem dos funcionários.

Percebe-se também, numa das respostas, que deveria haver um maior aprofundamento das questões relativas à Pedagogia Empresarial nos cursos de Pedagogia, na visão de uma das questionadas.

Contudo, todos se mostraram abertos à possibilidade da inclusão do Pedagogo, inclusive numa das respostas, como um funcionário da própria empresa e que, portanto, não esteja na condição de apenas prestar consultoria.

5 Considerações finais

Quando escolhi o tema meu artigo, foi sentindo na pele dentro da organização a falta de diálogo humanizado entre direção e funcionários. Na ausência desses valores, cada dia mais nos sentíamos manipulados e sem oportunidades de opinião. Baseado nessa situação, em sala de aula, senti a necessidade de mais informações sobre meu tema, de aprofundar mais o conteúdo voltado à Pedagogia Empresarial.

Em minha pesquisa de campo, pude observar que o Pedagogo tem um papel muito importante em uma organização, pela falta de treinamento aos treinadores fica uma lacuna nos treinamentos dos funcionários.

As organizações pesquisadas acreditam que seja importante realizar ações educativas voltadas à aprendizagem dos funcionários como uma forma de colaborar com o desenvolvimento do indivíduo, pois têm muitas dificuldades com o nível de educação e valores apresentado por boa parte das pessoas, acreditando que os profissionais que ministram os treinamentos devem receber orientações pedagógicas durante o seu processo de certificação e auxiliar como multiplicadores durante o processo de habilitação ou certificação, para um melhor aproveitamento da empresa.

Como pessoal e como profissional, a falta do Pedagogo na empresa, pode resultar somente em treinamentos mecanicistas e funcionários sendo treinados por Instituições conveniadas ou na condição de consultoria, sem um vínculo mais direto com a organização.

O estudo me enriqueceu, norteando para um caminho mais concreto, com mais conhecimento da profissão, de como planejar e executar ações dentro de uma empresa, notando que o mercado de trabalho pode ter um olhar mais atento para o Pedagogo.

Referências

ANTONELLO, Cláudia Simone. **Aprendizagem na ação revisitada e seu papel no desenvolvimento de competências.** Aletheia [online]. n. 26, dez. 2007, p. 146-167. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200013>. Acesso em: 17 ago. 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. **Lei nº 6.297, de 15 de dezembro de 1975.** Dispõe sobre a dedução do lucro tributável, para fins de imposto sobre a renda das pessoas jurídicas, do dobro das despesas realizadas em projetos de formação profissional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6297.htm>. Acesso em: 09 ago. 2016.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **O pedagogo em espaços não escolares:** novos desafios. Ciência. Porto Alegre: n. 36, p. 62-89-103, jul./dez. 2004.

GRECO, Myriam Glória. **Pedagogia empresarial, o pedagogo empresarial.** Disponível em: <http://pedagogiaemfoco.pro.br/pemp02.htm>. Acesso em: 02 ago. 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura prática:** impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HOLTZ, Maria Luiza M. **Lições de pedagogia empresarial**. Sorocaba (SP): MH Assessoria Empresarial Ltda., 2006. Disponível em: <http://www.mh.etc.br/documentos/licoes_de_pedagogia_empresarial.pdf>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

MAXIMIANO, Antonio César A. **Introdução à administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, Aretha Soares; FERNANDES, Fabíola Tunala; FERREIRA, Marta Justo; PAIVA, Renata Aparecida; LISBOA, Rosimar Rodrigues de; MACIEL, Rubiane Soares; MUNERON, Selma Luiza. **A atuação do pedagogo em espaços não escolares:** desafios e possibilidades. Artigo sob orientação da Prof.ª Vera Lúcia Lins Sant'Anna. Revista Pedagogia em Ação, Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica – Minas. v. 2, n. 1, fev./jun. 2010.

PRADO, André Alves; SILVA, Elaine Machado da; CARDOSO, Mônica Aparecida Batista da Silva. **A atuação do pedagogo na empresa:** a aplicação eficiente e eficaz da pedagogia empresarial. ECOM – Revista de Educação, Cultura e Educação. vol. 4. n. 7. jan./jul. Lorena (SP): Faculdades Integradas Tereza D'Ávila. 2013.

SANTOS, Siméia de Azevedo. **Educação corporativa e liderança no desenvolvimento da inovação e da colaboração dentro das organizações**. VIII Workshop de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Paula Souza. São Paulo, 9 e 10 de outubro de 2013. p. 230-236. Disponível em: <http://www.cps.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/008-workshop-2013/trabalhos/educacao_corporativa/121569_230_236_FINAL.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: ADOECIMENTO DA EDUCAÇÂO

Daniela Corina[21]
Luis Carlos Gonçalves[22]

RESUMO
Este artigo tem como objetivo alertar o professor sobre uma doença que está atingindo a muitos. Uma doença que chega de "mansinho" e, sem ao menos perceber, tem levado o docente à beira da loucura, tirando o prazer de viver, de sorrir, de amar, tirando o gosto da vida. E com isso se vai o prazer de lecionar e entra a dura angústia de entrar em sala de aula. Doença que tem cura, mas é taxada como "frescura", incompetência e até mesmo falta de responsabilidade. Este trabalho tem como alvo mostrar que ela existe, e que é possível falar em sala para a criança saber o que está acontecendo com seu professor para não ficar o mito de que ele é um "super-heroi" inatingível. Os professores estão sujeitos a ficarem doentes, e devemos respeitá-los e apoiá-los nessa dura fase para que seu retorno seja breve e satisfatório para benefício de todas as partes, que são os alunos, a escola e o próprio professor. Este trabalho se utilizou de um levantamento bibliográfico e documental, bem como foi aplicado questionários, junto a uma docente vítima de depressão por consequência de seu trabalho e junto a um psicólogo que atende professores nessas condições.

Palavras-chave: Trabalho Docente; Valorização; Saúde ;Valorização .

ABSTRACT
This article aims to alert the teacher about a disease that is hitting many. A disease that comes from "quietly" and without even realizing it, has led the teacher to the brink of madness, taking the pleasure of living, smiling, loving, taking the taste of life. And with that goes the pleasure to teach and enter the hard anguish to get into the classroom. A disease that has cure, but it is rated as "fresh", incompetence and even lack of accountability. This work is aimed to show that it exists, and it is possible to speak of room for the child to know what is going on with your teacher not to be the myth that he is a "super-hero" unattainable. Teachers are subject to get sick, and we should respect them and support them in this phase lasts for his return will be brief and satisfying for the benefit of all parties, who are the students, the school and the teacher himself. This work was used a bibliographical and documentary survey and questionnaire was applied, by a teacher victim of depression as a result of his work and next to a psychologist who meets teachers in these conditions.

Keywords: *Decent Work; Teaching Work; Valuation.*

[21] Graduanda em Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: corina6631@hotmail.com).
[22] Professor Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia das Faculdades Network – Av. Ampélio Gazzetta, 2445, 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail: lu1313@bol.com.br).

1 Introdução

Segundo Guinote (2008): “Sabe-se quando começa uma depressão, mas nunca se sabe quando ela acaba!”. A depressão de docentes é um fato cada vez mais corriqueiro. Encontramos nos noticiários vários relatos de afastamentos devido a essa doença que, além de prejudicar o próprio professor, torna-se também uma causa de dificuldades para o adequado rendimento escolar dos alunos.

Ao longo do tempo, vimos mudanças constantes no meio da educação. E nesse processo, o quanto o professor tem que batalhar para ocupar um espaço ainda pouco valorizado. Principalmente no que se refere às melhores condições de trabalho, como o respeito por seus alunos, pais e pela sociedade.

Desde época, da colonização do Brasil e a época dos jesuítas onde que a educação tinha um único propósito e não era simplesmente ensinar ou ajudar O propósito era ensinar para explorar, de lá em diante a educação foi progredindo, ela foi voltada para a classe mais favorecida apenas para os ricos, mas as condições não eram as melhores. Depois ela se estendeu para as classes menos favorecidas para os pobres, negros e indígenas.

Com isso o trabalho dos docentes só foi piorando. Com horas de trabalho exaustivo, com crianças “rebeldes”, famílias desestruturadas.

2 Revisão Bibliográfica

Há um conceito acerca do Trabalho Decente, a partir dos estudos e debates promovidos pela Organização Internacional do Trabalho – OIT (201?), que convergem para a concretização dos seguintes objetivos:

- A liberdade sindical e o reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva;
- A eliminação de todas as formas de trabalho forçado;
- A abolição efetiva do trabalho infantil;
- A eliminação de todas as formas de discriminação em matéria de emprego e ocupação;
- A promoção do emprego produtivo e de qualidade;
- A extensão da proteção social;
- O fortalecimento do diálogo social.

A partir destes estudos, o Brasil lança chamada a Agenda Nacional de Trabalho Decente – ANTD, definindo três prioridades:

- A geração de mais e melhores empregos, com igualdade de oportunidades e de tratamento;

- A erradicação do trabalho escravo e eliminação do trabalho infantil, em especial em suas piores formas;

- O fortalecimento dos atores tripartites (governo, empresários e trabalhadores) e do diálogo social como um instrumento de governabilidade democrática.

Fazendo uma relação entre os objetivos da OIT e as prioridades da ANTD, pode-se aferir que a promoção de empregos produtivos e de qualidade com igualdades de oportunidades e tratamento são uma necessidade de fundo ético para o trabalho docente.

Acerca disso, Rios (2001) afirma que a ética e a competência estão diretamente correlacionadas, contribuindo com o contexto em que vivemos frente a um mundo globalizado, inerente à educação, à sociedade e ao trabalho. E que, para tanto, o "fazer bem" seu trabalho docente, necessita desta aliança entre a técnica, no sentido do domínio dos conteúdos e métodos, e a política, no sentido do conhecimento das condições estruturais e sua necessária transformação.

> Ao pretender lançar um olhar claro, fundo e largo sobre a educação, a reflexão deve partir da situação, do contexto social que envolve essa educação. É esse contexto que a caracteriza, que lhe confere especificidade. Falar da educação brasileira, por exemplo, significa ir à sociedade brasileira para verificar as determinações que esta, organizada de um modo específico, nos moldes do sistema capitalista, confere ao processo educativo. Importa, então, procurar estabelecer as relações entre educação, cultura e sociedade, centrando a atenção na perspectiva política da prática educativa e procurando apontar, ainda que brevemente, algumas características de que se reveste a escola em nossa sociedade (RIOS, 2001, p. 29).

Acredita-se na educação como um instrumento poderoso de transformação social que deve ter como um de seus objetivos o desenvolvimento de seres humanos aptos a contextualizações de vida com a sociedade, o que se pode planejar e ter alcance vitorioso através da educação, enquanto seres humanos que estão inseridos num meio e que desempenha papéis como educador, educando e como cidadão.

A partir desta perspectiva, Giroux (1997) apresenta uma teoria crítica educacional como instrumento de renovação pedagógica, bem como instrumento de uma revolução educacional necessária para ele no mundo, abordando questões de importância teórica, política e pedagógica, que se refletem no papel da educação escolar.

Para Giroux (1997), os professores precisam encontrar uma relação entre o que deseja ensinar com a realidade encontrada na sala de aula, para assumir um compromisso de luta por melhores condições para seu exercício profissional, envolvendo um reconhecimento da política cultural que as práticas pedagógicas e o próprio funcionamento da escola dão base. Para tanto, busca em Paulo Freire sua fundamentação teórica, trabalhando o conceito de intelectual, e, a partir disso, argumentando que todos somos intelectuais, independentemente da posição social, na medida em que aprendemos a construir um projeto social para nós e contribuímos para a construção desse projeto para os outros, lutando em prol das condições necessárias e exercendo uma função essencialmente política e significativamente pedagógica.

Este movimento de relação entre a teoria e a realidade para o engajamento na melhoria das condições, é visto por Giroux (1997) também como uma forma do professor ser um intelectual transformador, repensando e reformando as tradições e condições que têm impedido que os professores assumam todo o seu potencial como estudiosos e profissionais ativos e reflexivos.

> Ao encarar os professores como intelectuais, podemos elucidar a importante ideia de que toda atividade humana envolve alguma forma de pensamento. Nenhuma atividade, independente do quão rotinizada possa se tornar, pode ser abstraída do funcionamento da mente em algum nível. Esse ponto é crucial, pois ao argumentarmos que o uso da mente é uma parte geral de toda atividade humana, nós dignificamos a capacidade humana de integrar o pensamento e a prática, e assim destacamos a essência do que significa encarar os professores como profissionais reflexivos. Dentro desse discurso, os professores podem ser vistos não simplesmente como operadores profissionalmente preparados para efetivamente atingirem quaisquer metas a eles apresentadas. Em vez disso, eles deveriam ser vistos como homens e mulheres livres, com uma dedicação especial aos valores do intelecto e ao fomento da capacidade crítica dos jovens (GIROUX, 1997, p. 161).

Ainda sobre as condições necessárias para um trabalho decente, Gaulejac (2007) fala que as condições de trabalho interferem e muito no indivíduo, tanto do ponto de vista profissional, como do ponto de vista pessoal. Um ambiente desestruturado com tensões extremas pode levar a pessoa a um colapso nervoso onde o seu trabalho passa a não render, a não desenvolver, passa a não ter mais sentido. Trabalha-se com uma ideia de indivíduo que é capaz a todo instante de alcançar cada vez mais metas. É uma busca infinita de qualidade que aparece como progresso individual e não como uma pressão, que de fato é, do próprio sistema educacional, da sociedade e do mundo do trabalho.

Neto (2016), em sua matéria jornalística, apresenta relatos bem claros de como essa pressão por um trabalho de qualidade num ambiente estrutural deficitário vem atrapalhando de uma forma grotesca o desenvolvimento do trabalho docente. Esse artigo traz um depoimento de uma professora de língua portuguesa, Elizabeth da Silveira, que sofreu com depressão em 2012, quando tirou cinco meses de licença. Segundo ela, o colégio não tinha inspetores nem funcionários suficientes para conter a indisciplina dos alunos.

> Era uma escola muito complicada: turmas muito cheias, faltava água sempre, e eu não podia liberar alunos mais cedo. Trabalhávamos em condições precárias. Comecei a me deprimir e não queria mais trabalhar. Era impossível dar aula. Já estava afetando bastante o conteúdo. Tinha medo de chegar ao portão da escola. Faltei uma semana direto. Vendo que estava em depressão, procurei um psiquiatra (por conta) própria e entrei de licença. O governo não me ajudou em nada (SILVEIRA citada por NETO, 2016).

Uma pesquisa do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – APEOESP – e publicada pelo Portal G1 São Carlos e Araraquara (2012), revela que, de 40% dos professores afastados por problemas de saúde, quatro tiveram algum tipo de transtorno psiquiátrico. Os diagnósticos mais comuns foram ansiedade e depressão. O problema é agravado, segundo os docentes, pelo excesso de trabalho e pela falta de respeito na sala de aula. Este estudo ainda demonstrou que 59% dos educadores com depressão não têm um acompanhamento médico regular e adequado. “Passar as tarefas, tirar dúvidas e ainda pôr ordem na sala. O desafio é diário e a saúde pode não resistir. Mas de acordo com o estudo, os problemas nas cordas vocais e as dores musculares deram espaço ao desânimo, aos pensamentos perturbadores e às mãos trêmulas” (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2012)

Apresentando mais um relato,

> A vida da professora Elaine Cristina Molina Gil mudou há três anos, depois que ela entrou em depressão. São oito remédios por dia, alguns com tarja preta. Elaine deu aula em escolas públicas por 22 anos, mas não resistiu à pressão. Ela já tirou 12 licenças médicas e há quase um ano está afastada do trabalho. Elaine lembra que era difícil a relação com os alunos. "O pouco interesse, a bagunça, a conversa, o desrespeito. E quando você chama o pai ele diz que não pode fazer nada. Eu comecei a sentir uma angústia e me perguntei o que estou fazendo aqui?" (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2012).

É de se supor que a pressão pela qualidade de trabalho, as condições para sua realização e a crescente jornada, são fatores causadores do prejuízo à saúde dos docentes e obstáculos à implementação de um trabalho decente na educação.

> "A maioria dos professores tem dupla ou tripla jornada de trabalho, muitas vezes ultrapassando 11 horas de trabalho com aluno e isso certamente não é recomendável", afirmou Ariovaldo de Camargo (diretor da Apeoesp em Araraquara-SP). Ele diz que as condições de trabalho também prejudicam a saúde do docente. "A pressão que o professor sofre no dia a dia dentro da sala de aula é muito grande. As nossas escolas mais parecem verdadeiros presídios, porque estão todas cheias de grades e telas, e esse evidentemente não é um ambiente adequado para que se possa desenvolver um processo de ensino-aprendizagem", analisou Camargo (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2012).

Dados do Censo Escolar (2010) mostram que em alguns Estados da Federação há um percentual importante de escolas que apresentam condições de infraestrutura muito ruins. Tais estudos apontam exemplos dessas péssimas condições, tais como: a inexistência de energia elétrica, rede de esgoto e abastecimento de água em escolas localizadas em zonas rurais; a falta de biblioteca e internet em escolas em áreas urbanas.

Ainda que existam problemas estruturais que extrapolem a própria escola, criando obstáculos para melhores condições, necessitando, pois, de investimentos consideráveis de forma inter-setorial, não se pode tratar como impeditivo para a obtenção de um aprendizado por parte dos alunos. Uma alta qualificação dos professores torna-se ainda mais essencial nessas escolas, uma vez que, tais alunos possuem menos estímulos educacionais em casa para a escolarização, além do que e por isso mesmo, os professores não conseguirem cumprir boa parte do conteúdo previsto.

> Embora por meio do Fundeb já exista um auxílio a alguns estados que apresentem um investimento por aluno muito baixo, são necessárias iniciativas mais focadas em buscar garantir com que todos os alunos, independentemente de onde morem, tenham condições similares de obter um aprendizado adequado. Esse problema não ocorre apenas entre regiões, pois em um mesmo município situações de inequidade também aparecem de forma gritante (FARIA, 2012).

Acerca do Fundeb, denominado de Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação sua criação se deu através da Emenda Constitucional nº 53/2006 e foi regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007.

> É um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um fundo por estado e Distrito Federal, num total de vinte e sete fundos), formado, na quase totalidade, por recursos provenientes dos impostos e transferências dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, vinculados à educação por força do disposto no Art. 212 da Constituição Federal. Além desses recursos, ainda compõe o Fundeb, a

> título de complementação, uma parcela de recursos federais, sempre que, no âmbito de cada estado, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente. Independentemente da origem, todo o recurso gerado é redistribuído para aplicação exclusiva na educação básica (BRASIL, 201?).

Contudo, é de se supor que é preciso mais do que recursos. É preciso da melhor aplicação dos recursos. Sendo importante o estudo de políticas públicas em outros países, por exemplo, que transformaram a educação pública para melhores condições.

> Países como o Chile (incentivos financeiros para professores que atuam em difíceis condições de trabalho), a Irlanda (relação aluno-professor reduzida nas escolas primárias localizadas em áreas urbanas com mais desvantagem e bônus com base no nível de desvantagem da escola) e a Bélgica (apoio a escolas de alunos de classe socioeconômica mais baixa) se mostram mais atentos à questão da equidade. Não é nenhum equívoco dizer que já passou da hora de o Brasil estudar as políticas desses países para construir suas próprias políticas que promovam a equidade (FARIA, 2012).

Ainda sobre a valorização do trabalho docente, Cieglinski e Harnik (2013), apontam para a complexidade quando se pensa em país, falando sobre a discrepância do que se é pago de salário aos professores, fator apontado há décadas como um dos fundamentos para a melhoria da qualidade da educação. É evidente que, os professores assumem muitas salas, turmas, aulas, além do que é possível atuar para se manter financeiramente, afetando seu trabalho e sua própria condição de saúde física, mental e emocional.

Mozart Neves Ramos, do conselho da organização não governamental Todos pela Educação, citado por Cieglinski e Harnik (2013) afirma que "formação, remuneração, melhoria das condições de trabalho e carreira são os quatro pilares que poderiam mudar essa situação", quando se trata de valorização docente. Tornando a profissão mais atraente às pessoas e, com isso, trazendo uma maior quantidade de estudantes aos cursos de Pedagogia e Licenciaturas pelo interesse na atuação do trabalho docente.

Idoeta (2013) cita as palavras de Paula Louzano, pesquisadora da Faculdade de Educação da USP e doutora em educação em Harvard a respeito disso:

> Há o problema da atratividade da carreira e da formação dos professores – e ambos estão interligados. Ao contrário de países (com ensino considerado de alta qualidade) como Cingapura, Finlândia e Canadá, no Brasil o trabalho é visto como algo que qualquer um pode fazer. A maioria não escolhe ser professor, é escolhido (por falta de outras oportunidades). A mudança dessa mentalidade é fundamental [...] A docência é uma das profissões mais complexas de se fazer bem-feito, de ensinar 40 alunos de uma mesma sala com demandas e históricos diferentes.

Além disso, Beatriz Lugão, diretora do Sindicato Estadual dos Professores do Rio, citada também por Idoeta (2013), coloca entre outras queixas afora a remuneração: "a falta de autonomia pedagógica, turmas superlotadas, sucateamento de escolas e filtro ideológico na indicação política do corpo de diretores". Silva e Mafra (2014) apontam que o trabalho do professor é um trabalho que provoca tanto prazer, quanto sofrimento, concomitantemente, uma vez exigir várias e distintas frentes de atuação.

Como exemplo dessa situação, tem-se que, ao mesmo tempo em que o trabalho docente traz o prazer pelo conhecimento que se aprende, pelas relações sociais que se criam, por outro lado, no que se refere às condições de seu exercício, encontra-se a seguinte situação:

> Na sala de aula, o professor tenta vencer o barulho dos alunos e a indisciplina enquanto explica o conteúdo de sua matéria. Em seu corpo, cordas vocais estressadas pela vibração em alta frequência por horas. Ouvidos submetidos constantemente a sons acima do limite adequado para o trabalho. Tendões sobrecarregados e músculos cansados por estar em pé horas a fio, todos os dias, ao longo dos anos. Acrescente a esse quadro a administração constante de conflitos. Por fim, o retorno muitas vezes é parco, os salários são baixos e, mais, a sociedade observa atenta seu trabalho, reiterando que dele depende o futuro do país [...] As doenças funcionais dos professores explicam, pelo menos em parte, o elevado absenteísmo de algumas redes. Recentemente, por exemplo, a imprensa noticiou que cada professor da rede estadual de São Paulo falta, em média, 21 aulas por ano utilizando licenças de saúde. São quase mil aulas que deixam de ser dadas por dia (CAMARGO, 2015).

Calixto (2012) descreve que um dos maiores motivos que levam os professores ao absenteísmo é a depressão, já que tais condições de trabalho irão ser potencializadoras desse processo no âmbito escolar. Segundo informa sobre a pesquisa "A Saúde do Professor da Rede Estadual de Ensino", realizada pela Apeoesp em 2010, mais da metade dos afastamentos, cerca de 57%, são por causa da depressão. Que como já visto, traz enormes prejuízos aos docentes e aos discentes.

Guinote (2008) aborda a depressão, que é vista pela sociedade como uma "preguicite aguda", não se dando a importância devida a quem está com essa doença, revelando que os sintomas apresentados são:

> falta de força para acompanhar ritmos normais de trabalho, denota perdas de memória, qualquer assunto de simples resolução é uma enorme complicação, demonstra enormes níveis de insegurança pessoal sofrendo ainda de crises terríveis de ansiedade [...] Mas o pior, é que, quando mal curada e mal acompanhada, a depressão pode diminuir em muito as capacidades intelectuais de uma pessoa. Para quem no quotidiano lida com várias pessoas, como é o caso dos professores, é necessária uma grande higiene mental para que a depressão não tome conta das nossas vidas.

Vale ressaltar que, segundo Souza (2002), uma das principais causas para ocorrência de depressão docente no âmbito escolar é a ausência de "sentido instalada no coração do projeto escolar [...]se a escola não tem sentido para os alunos, inevitavelmente também não fará sentido para os professores". Onde, chama-se a atenção sobre "a hegemonia crescente dos métodos ativos [...] que fez equivaler algumas vezes aprender com manter crianças ocupadas" (SOUZA, 2002).

> Pois, se o único fundamento da escola pública, é o de que é melhor que crianças e jovens estejam na escola e não nas ruas, os professores se transformam não em animadores, mas em guardas. Guardas sorridentes, compassivos e desarmados, mas guardas. Não importa se construtivistas ou tradicionais: se os professores não ensinam e nada exigem dos alunos, curvando-se às suas demandas superficiais, são guardas (SOUZA, 2002).

Deixa-se de ser docente. Perde-se o fim último da educação. Fica-se doente. E adoece-se a própria educação.

3 Metodologia

Este trabalho se utilizou de um estudo não experimental, através de levantamento bibliográfico e documental sobre o tema abordado, sistematizando dados e informações necessárias, bem como aplicando questionários, um junto a uma docente vítima de depressão por consequência de seu trabalho e outro junto a um psicólogo que atende professores nessas condições.

4 Resultados e Discussões

Como já mencionado, foram aplicados questionários com uma docente e com um psicólogo para levantamento de informações acerca da depressão no âmbito escolar. Segue abaixo o questionário com as respostas do docente:

Nome fictício: D.C.M.

1- Quando foi diagnosticada a depressão?
R: *Em 2009.*

2- Quais foram os primeiros sintomas?
R: *Transtorno de ansiedade e choro incontrolado*.

3- Você procurou ajuda logo que apareceram esses primeiros sintomas?
R: *Sim. Em 2005 havia procurado ajuda de homeopata*.

4- Conseguiu falar com os colegas de trabalho ou com a direção da escola? E qual foi a reação deles?
R: *Sim. Alguns acharam que era mentira, pois sempre fui dinâmica*.

5- Você teve algum apoio da escola, direção e colegas?
R: *Não*.

6- Você já voltou ao trabalho?
R: *Sim. Após 3 anos de afastamento. Estou reabilitada na Secretaria de Educação*.

7- Como foi seu retorno ao trabalho?
R: *Bom, a principio pensam que os reabilitados são incapazes. Existe um preconceito "velado". Não houve retaliação por ter o respaldo de médicos e do INSS.*

8- Quais são seus planos para o futuro com relação ao trabalho docente?
R: *Continuar trabalhando até me aposentar*.

Segue abaixo o questionário com as respostas do psicólogo:

Nome fictício: Psicólogo A.

1- Explique o que é depressão?
R: *Diria que seria o amortecimento da experiência de prazer! Perda da graça, da relação com o desejo. Impossibilidade que o sujeito vai experimentando para um estado de impotência diante da vida, de seu desejo*.

2- Quais são os sintomas?
R: *Perda de sono e de apetite, irritabilidade, cansaço, mas não conseguem descansar, etc*.

3- Há docentes com depressão que procuram seu apoio em seu consultório?
R: *Sim.*

4- Para você, quais são os principais fatores que levam o docente a ser vítima de depressão?
R: *Temos que entender que o docente é alguém, um sujeito. Enquanto humano, os fatores podem ser diversos: luto, impotência, etc*. *Agora, em sala de aula, a dificuldade em cumprir seu papel enquanto educador pode contribuir para a sucessão dos mais diversos sentimentos inconscientes*.

5- Quais são os principais sintomas específicos do docente que se torna vítima de depressão no âmbito escolar?
R: *Impaciência, irritabilidade, sono, dentre outros.*

6- Os docentes, em geral, aos sinais dos primeiros sintomas e diagnosticada a depressão evitam dizer que estão vítimas de depressão? Por quê?
R: *Sim, e por várias razões. Uma delas é ser visto como aquele que está com "frescura," que não tem motivos para ficar mal. Outro grande motivo é o fato de ocupar um lugar de autoridade e referência, como se não pudesse ser vítima dos percalços desta vida, tentando esconder o que realmente tem passado, sentido, vivido*.

7- É correto falar sobre a doença abertamente com as crianças, com os alunos?
R: *E por que não seria? Considerando que é algo da ordem do cotidiano*.

No meu modo de entender fica bem claro a posição do psicólogo que ressalta a importância de um diagnóstico rápido e que todo docente está sujeito a ter essa doença. E que o maior fator são as condições de trabalho, ou seja, a má condição de trabalho que acarreta no fato do professor não conseguir desempenhar seu papel com a qualidade desejada. Porém, existe cura e a volta tem que ser satisfatória para os colegas.

Já a professora, como se vê, foi abandonada pelos colegas e pela direção da escola, que não conseguiam entender como uma pessoa tão dinâmica e espontânea pôde se "anular" desse jeito. Ela foi taxada e rotulada, uma vez que essa doença ainda é vista com muito preconceito entre os próprios docentes.

Com isto, dá-se para crer que um professor, para voltar à sala de aula após a cura, deve estar ciente que terá que começar do "zero", e aprender a se acostumar com certos olhares para reconquistar seu respeito e dignidade.

5 Considerações finais

> A categoria docente enfrenta transformações da sociedade que interfere no seu trabalho, mudanças na sua relação com alunos, um ambiente escolar desafiador com baixos salários, desprestígio e desvalorização da profissão, exigência no compromisso com a transmissão de conhecimento na sua profissão em preparar

> novos cidadãos, diante a essa realidade escolar o professor está propenso a gerar estresse devido às exigências profissionais no ambiente escolar e fora dele, levando uma sobrecarga de trabalho para casa (FERREIRA; SILVA, 2013).

Em face dessa realidade da profissão docente, é muito provável a necessidade que se tem de se buscar a saúde emocional para o enfrentamento de tantos desafios. Podemos entender que a saúde emocional é o equilíbrio, controle e gerenciamento de nossas emoções, assim como defende Almeida (2014).

> Para assumir as novas funções exigentes pelo contexto social o professor necessita dominar habilidades que não são redutíveis ao mero âmbito da transmissão do conhecimento, das técnicas e didáticas, mas envolvem também a capacidade de formar valores. Essa exigência de trabalho da sociedade atual, que se torna cada vez mais competitiva e excludente, ao se esforçarem de forma individualista e até mesmo competitiva torna os professores mais vulneráveis vítimas de problemas em sua saúde mental (FERREIRA; SILVA, 2013).

Esse trabalho foi um diferencial na minha vida. Com ele pude compreender algumas dificuldades que um docente pode encontrar ao longo da carreira, uma vez que ao longo do curso de Pedagogia não se tratou muito sobre o lado emocional do professor. A ênfase é apenas do aluno, do quanto ele é sensível, do quanto que temos que zelar pelo emocional dele para não traumatizá-lo.

E percebi que ao longo da carreira o docente necessita tentar se manter lúcido, apesar de todas as adversidades da carreira. Ser professor, então, é um ato de coragem e de amor próprio. Tem que se amar muito para não adoecer. E se isso vier a ocorrer, não ter medo de pedir ajuda, mesmo sabendo que vai ser constrangido com “olhares” ou perguntas.

Referências

ALMEIDA, Bruno Ricardo Pereira. **Importância de cuidar da saúde emocional**. Portal Psicologia msn.com. 2014. Disponível em: http://www.psicologiamsn.com/2014/12/importancia-de-cuidar-da-saude-emocional.html>. Acesso em: 06 set. 2016.

CALIXTO, Tatiane. **Pesquisa aponta que depressão é maior causa de afastamento de professores.** 2012. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias/pesquisa-aponta-que-depressao-e-maior-causa-de-afastamento-de-professores/>. Acesso em: 26 mai. 2016.

CAMARGO, Paulo de. **Mal-estar docente.** Revista Escola Pública. ed. 47. out./nov. 2015. Disponível em: <http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/35/artigo300042-1.asp>. Acesso em: 24 mai. 2016.

CECÍLIO, Tânia Cristina Bassani. **Guia para estruturação de trabalhos técnico-científicos.** TAMARU, Ângela Harumi; OLIVEIRA Thiago (colaboradores). Nova Odessa (SP): Faculdades Network, 2015.

CIEGLINSKI, Amanda; HARNIK, Simone. **Quanto vale a valorização docente.** Revista Educação. ed. 191. mar. 2013. Disponível em: http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/191/quanto-vale-a-valorizacao-docentea-discrepancia-do-salario-pago-aos-278804-1.asp>. Acesso em: 18 mai. 2016.

FARIA, Martins Ernesto. **Infraestrutura – a situação das escolas brasileiras.** Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/espaco/infraestrutura-situacao-escolas-brasileiras-681883.shtml>. Acesso em: 06 mai. 2016.

FERREIRA, Ellen Távilla Vieira; SILVA, Selma Marçal da. **A saúde mental do professor de ensino fundamental da rede pública**. Portal Psicologado. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-saude-mental-do-professor-de-ensino-fundamental-da-rede-publica>. Acesso em: 06 set. 2016.

G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA. **40% dos professores afastados por saúde tem depressão, aponta estudo.** 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2012/10/40-dos-professores-afastados-por-saude-tem-depressao-aponta-estudo.html>. Acesso em: 15 abr. 2016.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2007.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

GUINOTE, Paulo. **Um olhar sobre a depressão em professores.** Blog A Educação do meu Umbigo. out. 2008. Disponível em: <https://educar.wordpress.com/2008/10/07/um-olhar-sobre-a-depressao-em-professores/>. Acesso em: 18 mai. 2016.

IDOETA, Paula Adamo. **Como valorizar a carreira de professor no Brasil?.** BBC Brasil: São Paulo. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131015_valorizacao_professores_pai>. Acesso em: 18 mai. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Fundeb**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb-sp-1090794249>. Acesso em: 06 mai. 2016.

NETO, Lauro. **Depressão tira 1.210 professores de sala da rede estadual do Rio.** 2016. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/depressao-tira-1210-professores-de-sala-da-rede-estadual-do-rio-15469366#ixzz42d5YmljB>. Acesso em: 15 abr. 2016.

OIT. **O que é trabalho decente.** Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/o-que-e-trabalho-decente>. Acesso em: 05 mai. 2016.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Isabel Cristina da; MAFRA, Flávia Luciana Naves. **Trabalho docente, trabalho decente ou trabalho doente?.** VIII Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD. Gramado (RS). mai. 2014. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEO/eneo_2014/2014_EnEO175.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2016.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A psicanálise e a depressão dos professores:** notas sobre a psicanálise e a história da profissão docente. ano 3. Col. LEPSI IP/FE-USP 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300012&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 mai. 2016.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - ENSINO APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PARA UMA CIDADANIA NECESSARIA

Arlete Silva do Nascimento[23]
Helena dos Reis Prestes[24]

RESUMO
Esse estudo tem por objetivo investigar e analisar a educação fora do tempo regular a qual ainda envolve muitos brasileiros, cujo é de merecimento do individuo, estar relacionado no campo do conhecimento e formação na sociedade que o cerca. Hoje a Educação de Jovens e Adultos (EJA) se faz presente na ótica das leis Diretrizes e Bases 9394/96 e estarem incluídas em instituições escolares regulares, para atender esse público ainda analfabeto e constituir o ensino e aprendizagem na reestruturação de uma cidadania oculta ao meio social que esta inserido. Através deste estudo vem analisar e compreender quais as dificuldades encontradas por estes indivíduos quando chegam à escola e sua motivação no desenvolvimento para essa ensinagem. No percurso dessa pesquisa com observação em campo em uma escola na região de Sumaré SP, e com fundamentação teórica de autores e leis que embasam essa temática.

Palavras-chave: Aprendizagem, Jovens, Adultos e Cidadania.

ABSTRACT
This study aims to investigate and analyze the importance of adult and youth education, which is deserving of themselves, be related in the field of knowledge, and relevance to their position in the society that surrounds them. Today the youth and adult education (EJA) is present on the basis of laws and guidelines and Bases including in regular institutions, to address this audience still illiterate and constitute the basis for the teaching and learning for the restructuring of a citizenship hides in the middle of society. Through this study comes to

[23] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (email:arleteroxo72@gmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

analyze and understand the difficulties encountered by these individuals when they come to school are your motivation in the development of this learning. In the course of this research with field observation at a school in the region of Sumaré SP, and theoretical foundation of authors and laws that supports this theme.

Keywords: *Learning, Young People, Adults And Citizenship*.

Introdução

Esse estudo tem por objetivo investigar e analisar a importância da educação de jovens e adultos voltarem a estudar, cujo é de merecimento deles próprios, estar relacionados no campo do conhecimento. A importância do apoio e qualificações para o que fazemos, ou em qualquer área de estudo. Assim o individuo ira buscar uma vida melhor, sendo mais conceituado em seus objetivos e também em seus estudos, podendo ser graduado com requintes de sabedoria, e intelecto, com poder de força para chegar aos seus objetivos e direitos, também sendo um individuo critico, em seus conceitos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) já deu um grande passo, e tem contribuído para que o número de analfabetismo diminua. Através deste estudo vem analisar e compreender quais as dificuldades encontradas por estes indivíduos quando chegam à escola é sua motivação de desenvolvimento e aprendizagem.

O que aprender fora da idade normal, como ensinar estes sujeitos é necessário para que esta compreensão seja feita, é saber quais procedimentos que os professores que ministram aulas para alunos do EJA- Educação de Jovens e Adultos, sejam de tamanha proporção os devidos conteúdos necessários, para que venha ampliar seu desenvolvimento na aprendizagem e estimulando para a frequência das aulas, e serem assistidas com qualidade. Portanto, para Gadotti, o aprendizado:

> ‘‘e preciso assumir uma metodologia que recupere a concepção de linguagem como ação intersubjetiva e pratica”. É preciso negar a visão de “linguagem escolar” onde se prioriza o uso de termos sofisticados, o uso de clichês, de expressões artificiais e adotar uma concepção de linguagem onde o aluno tenha lugar dentro dela, que seja capaz de preservar o discurso do sujeito, que é profundamente pessoal, mesmo considerando o seu esforço em assimilar as normas convencionais, historicamente construídas, do sistema escrito (BRASIL, M.E.D.I. FREIRE. In GADOTTI, 1996, p. 75)

A educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que é inevitável. Transborda os limites da escolarização estritos. Ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. E o jovem, incorporado ao território da antiga educação de desenvolvimento escolar.

É importante que os educadores nesse quadro de alunos utilizem diversas linguagens para estimular, sensibilizar, facilitar e tornar mais significativo o processo de ensino-aprendizagem. O educador precisa ter uma percepção de olhar fundo com o jovem e adulto, um olhar com mais amplitude, para que eles efetuem suas propriedades determinadas nesta

prática. Quanto o território da educação e aprendizagem recusa as considerações e ações educativas avançar a qualquer jovem ou adulto, mas determina um ajuntamento de pessoas relativas da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea. A escolha deste tema foi logo quando terminei e conclui o EJA vi que ele foi de grande importância na minha vida, abrindo horizontes e o modo de ver a vida, e buscar novos objetivos profissionais, com experiências que adquiri.

Acredito que também seria de grande de relevância para outros jovens e adultos terem esse caminho aberto para trilhar novos rumos e novos conhecimentos que podem ser construídos para uma sociedade mais justa em cidadania.

Esse estudo qualitativo com pesquisa de campo exploratório, na EMEF. Flora Ferreira Gomes. Com base nas obras de autores como GADOTTI E ROMÃO (1996), SOUZA (2002), entre outros.

Fundamentação Teórica

É primordial a educação para todos, não importa se o sujeito é moço ou jovem demais, mas o importante é voltar a ter relacionamento com a educação, envolvendo-se a comunicação entre outros, que certamente precisam ser associados neste conjunto.

As oportunidades é sempre bem vinda, principalmente quando temos garra de vencer, e adquirir vários conhecimentos. Passamos a nossa maior parte da vida, sem observar o que esta proposto para nos, e que precisamos nos adequar de acordo com o que é posto e vivemos ao nosso redor, diante de nossa vida conjunta com outros colegas, é preciso ter um acompanhamento e estudo com bases que possam nos transformar seres, com alta capacitação nos estudos, e podendo desenvolver a integridade que todo o cidadão busca, seu objetivo em ser instruído e formado dentro da escola.

As ações são para todos, que vai a busca de uma vida melhor, com conhecimentos, podendo se integrar faz parte também da nossa vida social e motivar uma vivencia participativa e atuante no individuo e coletivo. Infelizmente existem grandes adversidades, que acompanham os jovens e adultos, desde cedo, o baixo nível de instrução escolar. Alguns começam trabalhar muito novos, para auxiliar na renda familiar, outros devido à falta de oportunidade de estudo, devido ao local em que moram e outros até por causa mesmo da falta de interesse. Eles enxergam que a falta de especialização nos estudos influenciam no profissional qualificado, sabendo que no Brasil ainda existe pessoas analfabetas. A falta de qualificação no emprego acrescenta mais o individuo a ser um forte candidato a ser um desempregado, devido à falta de formação de cursos superiores, ou termino do Ensino Médio. O próprio individua busca a escola, para se alfabetizar de imediato, sente na pele as necessidades que enfrentam diante da falta da escolaridade. Ele próprio com uma passagem curta, e não sistemática pela escola e trabalhando em algumas ocupações não qualificadas, busca na escola recursos para se alfabetizar em series do ensino de supletivo. Ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em algumas ocupações existentes para eles.

O jovem e adulto, também buscam seu espaço na escola, é super-relativo que eles próprios enfrentam dificuldades devido a necessidades que eles venham a enfrentar. Não é fácil para eles terem que estar dentro de uma sala com outros alunos, bem mais jovens que eles, assistindo e aprendendo conteúdos que de certa forma, sentem dificuldades no aprendizado. É preciso ter sensibilidade de ter a visão que os jovens e adultos se sentem desprovidos com essa situação. Temos que adquirir várias circunstancias, para que eles

possam se sentir confortável e interagido nessa etapa da vida deles, que o desenvolvimento na aprendizagem se torne eficaz para o envolvimento na educação e no aprender.

Conforme Gadotti e Romão o tratamento com jovens e adultos deve ser sempre dedicado conforme a realidade da idade que estão vivendo;

> O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja historia de vida apenas começa. Ele quer ver aplicação imediata do que esta aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois a sua "ignorância" lhe traz tensão, angustia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua, experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando e o direito de se expressar. (GADOTTI E ROMÃO, 2000, pg.39).

O estudo de jovens e adultos, no Brasil uma realidade necessária, segundo a lei 9.394 96 artigos (37e38). Esses dois artigos dispõem sobre a destinação a educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso continuidade de estudo no ensino fundamental e ensino médio na idade própria. No Brasil, a educação de adultos se constitui como tema de política educacional, sobretudo a partir dos anos 40.

A necessidade de oferecer educação aos adultos e jovens, já aparecia em textos normativos anteriores, como na pouco duradoura Constituição de 1934, mas é na década seguinte que começaria a tomar corpo, em iniciativas concretas, a preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola.

Como o adulto e jovem anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. Envolvido nas atividades de trabalho e lazer mais relacionadas com a sociedade letrada e escolarizadas. O individuo também é um excluído da escola, porém incorporado aos cursos supletivos, em fases mais adiantadas da escolaridade, tendo chances maiores de concluir o ensino médio ou fundamental. No âmbito dessa abordagem também tem sido produzido um discurso sobre as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem dos jovens e adultos. Eles teriam peculiaridades em seu modo de funcionamento intelectual, em grande medida atribuíveis a sua falta de escolaridade anterior, mas também a características do modo de vida de seu grupo de origem. Segundo Soares e Galvão:

> "aqueles que a ele se propusessem, na medida em que os professores que ensinavam durante o dia não receberiam nenhum salario ou gratificação a mais para abrir aulas noturnas. Parece se inserir, assim, em uma ampla rede de filantropia que se teceu no século XIX Brasileiro, como forma das elites contribuírem para a regeneração do povo. O ensino para adulto tinha como uma de suas finalidades a civilização das camadas populares consideradas, principalmente as urbanas, no século XIX, como perigosas e degenerada. (**SOARES E GALVÃO,** 2005; p. 260) .

O ensino de adultos com a denominação EJA deixa de ter caráter filantrópico, mas não deixa suas características de ajudar as classes menos favorecidas a se inserir no meio

educacional e de trabalho, buscando novas oportunidades de crescimento pessoal na área de empregabilidade, visando melhores condições de vida.

Segundo a LDB, diz que; A LEI 5.692/71 O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola mediante ações integradas e a complementares entre si.

Os sistemas de ensino manterão cursos e os exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos, no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediantes exames

De acordo Gadotti e Romão, jovens e adultos têm desafios constantes a serem superados o que também acentua o abandono aos estudos para sobreviver, porem a sociedade também constitui outros desafios como a mão de obra qualificada;

> "Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e dos adultos. Falo de "jovens e adultos" me referindo à "educação de adultos", porque, na minha experiência concreta, notei que aqueles que frequentam os programas de educação, são majoritariamente os jovens trabalhadores". (**GADOTTI E ROMÃO,** 2000, P. 31/32).

Mesmo com os recursos tecnológicos a qualidade de ensino aprendizagem para Educação de Jovens e Adultos (EJA), fica distante para realidades de muitos. Muitos jovens procuram os estudos para as qualificações que o mercado exige no ingresso de vagas de emprego, os mais idosos encontram dificuldades existenciais na falta da leitura e registro, demonstrando ainda vergonha por não saberem ler e escrever nos tempos atuais. Mesmo com os recursos das leis que os amparam muitos desistem no meio do caminho. Nesses tempos contemporâneos é triste dizer que o analfabetismo ainda vigora na sociedade de nosso país. O que nos faz olhar o ensino aprendizagem envolto em um conceito cultural, o qual a sobrevivência embasa uma educação bancaria e não significativa na formação de um cidadão.

Metodologia

A análise foi necessária para ampliação da discussão proposta nesta pesquisa sobre o incentivo a que pessoas procurem a Educação de Jovens e Adultos - EJA para sair da ignorância e se torne um cidadão mais culto e instruído, e as implicações de uma educação onde as pessoas que na idade certa não teve a oportunidade de estudar pode realizar o sonho de concluir pelo menos o fundamental.

A observação direta em uma sala de aula nos Estudos de Jovens e Adultos (EJA), essa pesquisa se qualifica qualitativa exploratória com observação em campo, realizada na EMEF.

Flora Ferreira Gomes, com alunos de idades de 18 anos à 85 anos. As analises foram feitas junto a docente da sala, para compreender os procedimentos da elaboração dos recursos e estímulos nas aulas para introduzir o ensino aprendizagem.

Análise e Resultados

A pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, foi realizada com alunos da educação de jovens e adultos em sala de aula e 32 alunos, com idade entre 18 e 85 anos, e uma professora de EJA, pertencentes à Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Flora Ferreira Gomes no Bairro Ângelo Tomazin no município de Sumaré SP, esta escola atende 2º anos até 5º anos e no período noturno atende a EJA.

As dificuldades que os alunos da EJA encontram, são muitas, os alunos acham que não sabem nada, e quase todos trabalham fora eles já chegar desacreditado, com baixa estima, eles reclamar quer se tivessem tempo para ler ou escrever fora da sala de aulas ou se a professor tivesse alguma estagiaria seria diferente, facilitaria a sua aprendizagem, pois como a escola é ciclada e depende muito da presença e participação de todos.

Com dialogo com uma estudante ela relata: "*eu sou domestica trabalho em casa de família e na maioria das vezes chego atrasada mais assim mesmo venho, tenho muito dificuldade eu já fiquei ate quinzes dias se vir na escola e só me atrasei mais ainda*".

Em observação em sala de aula a docente mostra tratar de atividades diferenciadas com os alunos, porque os níveis encontrados na sala se apresentavam muito diferentes. Distribuídos em grupos os alunos vão aceitando os desafios para conseguir a conquistar a leitura e escrita convencional.

De forma que tanto o professor como os alunos enfrentam muitas dificuldades para elaborar o ensino aprendizagem, havendo necessidade de um preparo emocional para conquistar o equilíbrio para aprendizagem. Muitas vezes a presença dos alunos é muito escassa, não havendo maneiras de efetivar as aulas.

A docente traz dinâmicas para desenvolver a leitura em duplas. Pede para os alunos providenciar paginas de classificados de jornais, panfleto de supermercado, e observarem outros exemplos de anúncios. Comentou que, em geral os anúncios costumam ser apresentados em jornais em letra de imprensa maiúscula e minúscula e seria importante as leituras e os registros através dos grupos formados na sala.

Foram muito prazerosas as atividades em aula, foi observado o interesse da classe, eles começaram a comentar que a letra maiúscula fica fácil de compreender, Na aula seguinte a professora retornou as aulas perguntando o tipo de letra havia nos anúncios, os alunos relataram que*: "maiúscula e minúscula".*

"A docente pediu atenção dos alunos e explicou oralmente encontramos anúncios classificados, que são as pessoas que escrevem, o produzem esses textos",

Explicou para que serve o numero telefone encontrados , e perguntou se alguma vez eles já procuraram pelos anúncios. Fizeram duplas para montar anúncios os quais desenvolveram e expuseram no mural da escola.

A observação demonstra as necessidades de aprendizagem e dificuldades que surgem nessa posição em que esses alunos se encontram. Não muito preparo pela instituição como dos próprios alunos em questão.

Fica perceptível que há necessidade de maior capacitação nas instituições tanto para os professores como amparo para esses alunos tão especiais, com bagagens fortíssima e de aprendizagem significativa para reformulação de um cidadão que possa assinar seu nome na

sociedade em que está inserido, e não ser apenas um escriba, e sim um leitor que faz a diferença.

Há necessidade desse preparo profissional nesse departamento de educação, sendo que este pode fazer a diferença em muitos brasileiros que ainda vivem ocultos como cidadãos brasileiros.

Considerações finais

EJA nos mostra uma realidade com problemas com falta de motivação, segundo Gadotti**;**

> "o objetivo de mostrar as dificuldades da EJA e os problemas que os educandos passam, principalmente por falta de incentivo que é de fundamental importância na vida de todo ser humano para que possa permanecer na escola. ("Para assumir a hegemonia, o povo precisa de uma educação de qualidade, precisa munir-se de instrumentais, apropriar-se dos conhecimentos, métodos e técnicas hoje restritas a uma minoria privilegiada." (BRASIL, M.E.D.I. FREIRE. In GADOTTI, 1996, p. 50)

Com a iniciativa de concretas possibilidades de superação ou mesmo considerando também a idade dos alunos e suas metas educacionais, não podemos nutrir a ilusão de que por decorrência de politicas públicas venha promover a educação que efetivamente interessa aos trabalhadores e possa, assim, concorrer voluntariamente de igual para igual com quem estuda na educação regular.

Para aqueles indivíduos que não puderam permanecer na escola na idade certa, seja por motivos relacionados à condição financeira, ou mesmo por não ter uma instituição de ensino acessível, quando isto se torna viável a pessoa já é um adulto, ela pode recorrer á EJA e concretizar seu sonho, seja ele o de apenas aprender a ler e escrever, ou até mesmo chegar a um curso superior e vir a traçar um caminho de uma graduação em nível superior.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o início de um caminho que muitos percorrem para mudar de vida em um primeiro degrau. Estudar para muitos e um sonho que não pode ser realizado no ensino regular, e hoje muitos frequentam essa abertura da Educação de Jovens e Adultos plantando uma sementinha que pode vir a ser uma arvore frondosa para si e para nossa sociedade que necessita de uma etnia e cidadania que envolva um vivencia com maior justiça.

"Ser é deixar vir, quando vem é deixar crescer, quando cresce e deixar viver com os sabores doces e salgados, mas agregados encontram um equilíbrio que podem figurar os rios que encontram as aguas do mar equilibrando a vida terrena ".

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela força e coragem durante toda a minha vida, a minha família por confiar na minha capacidade e acreditar em mim, principalmente ao meu esposo, André Lima, que de forma especial me deu força e coragem, me apoiando nos

momentos mais difíceis, quero agradecer também a meus filhos, pois não mediram esforços para que eu pudesse vencer mais esta etapa de minha vida.

Agradeço à minha professora e orientadora, "Helena Prestes dos Reis" pela paciência em me ajudar e muito, a concluir este trabalho, e também ao meu grupo de trabalho por estar comigo nestes quatro anos me incentivando, apoiando constantemente.

REFERENCIAS

GADOTTI M./ ROMÃO E. J. **Educação de Jovens e Adultos**; 2º ed. São Paulo, Editora Cortez: Instituto Paulo Freire; 2000.

STEPHANOU M./ CAMARA B. M. H. C (org.), **Histórias e Memórias da Educação no Brasil,** Vol. II éculo XX: Editora Vozes; RJ 2005.

SOUZA, P. NATHANAEL P.**; Como Entender e Aplicar a Nova LDB;** 6º edição Ed. Pioneira; São Paulo 2002.

GADOTTI M. org. Brasil Ministério da Educação e do Desporto. Instituto Paulo Freire; **Educação de Jovens e Adultos/ A Experiência do MOVA**- São Paulo/ 1996.

INCLUSÃO DEFICIÊNTE FÍSICO NO AMBIENTE ESCOLAR NAS SÉRIES INICIAIS: UM ESTUDO DE CASO EM SALA DE AULA NO ENSINO REGULAR

Maria Aparecida Barbosa[1]
Helena dos Reis Prestes[2]

RESUMO
A educação inclusiva é uma prática vigente, que consiste não somente na socialização da criança com deficiência, mas na criação de oportunidades favoráveis para seu desenvolvimento e aprendizagem, cuja mesma possa envolver-se em diversos contextos da escola. Este artigo objetiva repensar e refletir sobre a alteridade do deficiente no processo de inclusão, busca esclarecer pressupostos, já que o grande desafio do sistema educacional é viabilizar ações eficazes para permanência dos alunos com essas necessidades nas unidades de ensino regular. Compreende a finalidade de explorar o debate sobre a inclusão, buscando ampliar as informações sobre autonomia, acessibilidade, a partir da realidade que está inserida. No percurso desta pesquisa, foram observados obstáculos que inviabiliza a aprendizagem com alunos em condições especiais, cujo pode construir estruturas para futuras reflexões. Estudo com base em obras de autores que fundamentam essa temática, com pesquisa de campo em uma escola na região de Nova Odessa SP.

Palavras-chave: Inclusão. Preconceito. Aprendizagem. Acessibilidade.

ABSTRACT
Inclusive education is a current practice, which is not only in the socialization of children with disabilities, but in creating favorable opportunities for their development and learning, whose same can engage in school contexts. This article aims to rethink and reflect about the otherness of the disabled in the process of inclusion, seeks to clarify assumptions, as the great challenge of the educational system is to enable effective actions to be held of those needs in regular education units. Understand the purpose of exploring the debate on inclusion, seeking to expand the information about autonomy, accessibility, from the reality that is inserted. In the course of this research, were observed obstacles that make learning with students in special conditions, which can build structures for future reflections. Study based on works of authors for this theme, with field research in a school in Nova Odessa SP region.

Keywords: *Inclusion. Preconception. Apprenticed. Accessibility.*

---

[1] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail mariaaparecidabarbosa23@hotmail.com:).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network(helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

> "Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar" sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível" (FREIRE, 1996, p. 34).

O presente estudo torna-se relevante para investigar, compreender, identificar relações, conceitos, interação social. Nesse contexto, busca encontrar elementos que mostrem as dificuldades no seu cotidiano escolar.

Tendo como o objetivo analisar e compreender a aprendizagem de um aluno com uma perna amputada, frequentando uma escola da região, a adaptação dessa criança no grupo social, e no desenvolvimento da aprendizagem.

Gotti afirma que as ações na escola têm um novo paradigma;

> "Assim sendo, a inclusão de educandos com necessidades especiais no sistema regular de ensino é um novo paradigma no marco conceitual e ideológico na perspectiva dos direitos humanos que deve envolver políticas/programas e serviços sociais, bem como a comunidade. Esses serviços deverão ser organizados, planejados, desenvolvidos ou adaptados de modo a garantir: a não exclusão; o desenvolvimento pleno, livre e independente; o acesso igualitário; a solução de problemas na própria comunidade; a adoção de alternativas menos institucionaliza das possíveis; o respeito às diferenças, capacidades e necessidades de cada pessoa" (GOTTI, 1998, p. 368).

De acordo com Sassaki (1997), a escola regular deve estar apta para receber todos os alunos, independente das características que possam apresentar. Para o autor, ela é o espaço educacional deverão ser usufruídos por todos. Os alunos não devem mais ser segregados em espaços escolares diferenciados ou mesmo excluídos dentro da classe comum.

Mas o maior problema encontrado é a insegurança dos profissionais que não estão preparados para determinadas situações e a maioria das escolas não estão estruturadas para recebê-los, dificultando a interação com os colegas, que no primeiro contato ficam com receio de uma aproximação. Estamos vivendo no momento onde a inclusão tem sido bastante discutida, mas incluir não deve ser apenas matricular a criança, mas assegurar a escola dar ao educador suporte, os professores estão na sua maioria trabalhando sem recursos, tendo que usar de sua vivência, e da sua formação básica da graduação em pedagogia.

Esse estudo se qualifica como qualitativo, com pesquisa de campo num estudo de caso exploratório, em uma escola da região de Nova Odessa SP. Com base nos fundamentos teóricos das obras literárias de autores como: SASSAKI (1997), MANTOAN (2003), CAVALCANTE (2005) entre outros.

Fundamentação Teórica

No século XX, os portadores de necessidade especiais, passam a ser vistos na sociedade como cidadãos com direitos e deveres, onde a sociedade começa a compreender o conceito de diversidade de cada indivíduo.

Segundo a autora Mantoan, (2003) diz que as escolas com qualidade, são aquelas que possuem espaços que favoreçam nos processos educativos, construção de personalidades humanas, autônomas e críticas. Segundo ela, o aluno aprende a valorizar a diferença a partir da convivência com seus colegas, com a troca de experiências. Os docentes devem basear na afetividade, nas limitações para preparar suas aulas ou atividades, tornando uma escola aberta ás diversidades com uma aprendizagem sem discriminação.

Segundo Cavalcante, (2005) na maior parte das escolas brasileiras a inclusão das crianças portadoras de necessidades especiais, não acontece da maneira que deveria realmente acontecer. A autora refere um conjunto de ítens, como falta de informações dos pais, docentes mal preparados e o despreparo do poder público, há um alto índice de crianças que não frequenta a escola regular, vivendo isoladas em instituições especializadas, ou até mesmo sem convívio com a sociedade. A partir da convivência, a criança portadora de necessidades especiais dentro da escola regular, passa a ter possibilidades de desenvolver suas potencialidades, havendo uma troca de experiência onde os demais também irão aprender a conviver e respeitar o colega que necessita de seu apoio e da sua compreensão, tornando um aprendizado a todos.

Cavalcanti agrega que; "o motivo principal de elas estarem na escola é que lá vão encontrar um espaço genuinamente democrático, onde partilham o conhecimento e a experiência com o diferente, tenha ele a estatura, a cor, os cabelos, o corpo e o pensamento que tiver. Por isso quem vive a inclusão sabe que está participando de algo revolucionário" (Cavalcante, 2005, p. 40).

Lei nº 7.853 DE 24 De Outubro De 1989

Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. Art. 2º. Ao Poder Público e seus órgãos cabe assegurar às pessoas portadoras de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à previdência social, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Paragrafo único: para o fim estabelecido no caput deste artigo, os órgão e entidades da administração direta e indireta devem dispensar, no âmbito de sua competência e finalidade, aos assuntos objetos desta Lei, tratamento prioritário e adequado, tendente a viabilizar, sem prejuízo de outras, as seguintes medidas: I – na área da educação: a) a inclusão, no sistema educacional, da Educação Especial como modalidade educativa que abranja a educação precoce, a pré-escolar, as de 1º e 2º graus, a supletiva, a habilitação e reabilitação profissionais, com currículos, etapas e exigências de diplomação própria; b) o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial em estabelecimentos públicos de ensino; c) a oferta, obrigatória e gratuita da educação. Especial em estabelecimentos públicos de ensino; d) o oferecimento obrigatório de programas de Educação Especial em nível pré-escolar e escolar, em unidades hospitalares e congêneres nas quais estejam internados, por prazo igual ou superior a um (um) ano, educandos portadores de deficiência; e) o acesso de alunos portadores de deficiência aos benefícios conferidos aos demais educandos, inclusive material escolar, merenda escolar e bolsa de estudo;

f) a matrícula compulsória em cursos regulares de estabelecimentos públicos e particulares de pessoas portadoras de deficiência capazes de se integrarem ao sistema regular de ensino.

Sassaki (2005, p.1) dá dicas de como comportar-se diante de uma pessoa que faz uso da cadeira de rodas: Não apoie - se na cadeira de rodas, nem com as mãos nem com os pés. A cadeira de rodas é uma extensão do corpo da pessoa que a utiliza. Não receie em falar as palavras ‘’ande ‘’, ‘’corra’’ e ‘’caminhe’’. As próprias pessoas com deficiência física também as utilizam. Se a conversa for demorar, sente-se num banco ou sofá de modo que seus olhos fiquem no mesmo nível do olhar da pessoa em cadeira de rodas. Para uma pessoa sentada, não é confortável ficar olhando para cima durante um período relativamente longo. Ao ajudar uma pessoa em cadeira de rodas a descer uma rampa ou degraus, use a marcha à ré, para evitar que, pela excessiva inclinação, a pessoa perca o equilíbrio e caia para frente. Ande na mesma velocidade da cadeira de rodas. Ao planejar eventos, providencie acessibilidade arquitetônica em todos os recintos.

Observamos que há leis que asseguram o indivíduo e seu desenvolvimento aprendizagem e que seja elaborado em ambientes escolares regulares, de forma que as escolas ainda no despreparo para tal ação deixam a desejar a eficácia em assegurar a aprendizagem desses indivíduos não atendendo todas suas necessidades.

Percebemos que a cada ano que passa está aumentando o número de alunos com deficiência frequentando a escola regular, e cabe aos profissionais a buscar meios e estratégias, para inserir esses alunos no convívio com os outros para que não se sintam descriminados.

Quando se trata de séries iniciais o desafio ainda é maior, pois há um índice muito alto de rejeição entre colegas, o trabalho de socialização tem que ser contínuo. Esses alunos precisam que as escolas revejam seus objetivos e que faça um planejamento individual para receber recursos no qual a criança em questão necessita. Inserir o aluno no ambiente de aprendizagem regular há necessidade de infraestrutura, suportes para que haja desenvolvimento real de socialização, emocional e cognitivo. A própria sociedade impõem barreiras como o pré-conceito, um inimigo presente que abate o sucesso quando falamos em inclusão. É preciso erradicar as barreiras impostas pela sociedade proporcionando aos portadores de deficiência o direito de se tornar cidadãos autônomas, cujas políticas públicas sejam eficazes.

Segundo Mantoan afirma que;

> “Infelizmente não estamos caminhando na direção da inclusão como deveria, seja por falta de políticas públicas de educação apontadas para os novos rumos, seja por motivos menos abrangentes, mas relevantes, como pressões corporativas, ignorância dos pais e até mesmo acomodação dos professores. A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições da maioria das escolas (especialmente as de nível básico) – ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em parte do modo como o ensino é ministrado e de como aprendizagem é concebida é avaliada’’ (MANTOAN, 2003, pg. 39, 40).

A lei de Diretrizes e Bases da educação nacional 9394/96 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), afirma que é incumbência dos docentes zelar pela aprendizagem do aluno com necessidades especiais na modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na

rede regular de ensino, a lei obriga as escolas aceitar, todas as crianças com deficiência, e cabe a nós sociedade assegurar que essas leis sejam cumpridas.

Geralmente ninguém se identifica com o que é diferente, por isso a criança com deficiência física encontra muitas dificuldades, mesmo na questão da acessibilidade, pois a maioria das escolas brasileiras possui vários obstáculos dificultando a permanência dessas crianças, mesmo transferindo para os Estados e Municípios a responsabilidade de adotar normas para eliminarem essas barreiras, nossas escolas ainda não se encontram adequadas, faltam investimentos para melhorar os espaços físicos.

Conforme texto das Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos (2006 p.39); "o desafio da inclusão escolar é enfrentado como uma nova forma de repensar e reestruturar políticas e estratégias educativas, de maneira a criar oportunidades efetivas de acesso para crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais, e, sobretudo garantir condições indispensáveis para que possam manter na escola e aprender".

Decreto 6571/08 de 17 de setembro 2008.

Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, considerando o como "conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente prestados de forma complementar ou suplementar a formação dos alunos no ensino regular".

Compreender a inclusão não significa apenas cumprir as leis, mas sim levar as escolas, crianças que vivem afastadas. É de fundamental importância que o preconceito seja de pugnado, para além do discurso se transformem ações efetivas.

Dessa forma que Ferreira salienta;

> O processo de mudança da pedagogia tradicional (leitura, cópia, exercícios no caderno ou livro etc,) para uma pedagogia inclusiva, pouco a pouco transforma o docente em pesquisador de sua prática pedagógica, pois a nova dinâmica de ensino faz com que adquira habilidades para refletir sobre a sua docência e aperfeiçoá-la continuamente. O docente aprende a reconhecer o valor e a importância do trabalho colaborativo e das experiências com seus colegas professores, os quais podem contribuir de forma sistemática, sobre novas formas de ensinar, de lidar com velhos problemas e de se desenvolver profissionalmente (FERREIRA, 2006 p. 6).

A inclusão não é uma tarefa fácil, mas cabe a classe de atores educacionais e a sociedade irem à luta em busca de amparo aos direitos explícitos nas leis. A educação inclusiva não pode ser vista como movimento provisório, temos que incentivar o processo de altercação nas escolas, o ensino público deve ser a base da democracia, assegurando a superação das desigualdades, proporcionando uma educação de qualidade para todos.

Para extinguir essas barreiras é necessário instituir um novo modelo educacional em políticas públicas que venham abranger a acessibilidade e desenvolver o ensino aprendizagem com bases nas ações de inclusão para os alunos de necessidades especiais, desenvolvendo capacitações para os que os recebem havendo uma percepção mais ampla nas escolas regulares em constituir o diferente sempre em evolução e superação no que diz respeito ao aprender e conviver entre os pares.

Para Mantoan (2003, pg.33), a escola resiste até hoje a inclusão, pois é incapaz de atuar diante da complexidade, da variedade, da diversidade, ou seja, da diferença existente entre os seres humanos. Para ela, as tarefas fundamentais para mudar a escola são:

Recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos;

Reorganizar pedagogicamente a escola, abrindo, espaços de cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas por todos que nela atuam;

Garantir os alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segrega e que reprova a repetência;

Formar e aprimorar continuamente e valorizar o professor para que tenha condições, estímulos para ensinar a turma toda, sem exclusões ou exceções.

Sendo assim, para que o processo inclusivo produza resultados significativos é necessário haver união e consciência, responsabilidades, amparada e auxiliada pelas políticas públicas garantindo na prática os direitos da pessoa com deficiência, bem como condições básicas de formação e aprimoramento dos profissionais da educação como nos afirma a autora Mantoan: "a escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para atender e viver a experiência da inclusão" (MANTOAN, 2003, p.9).

Para avanços significativos é essencial reconhecer as diferenças como parte peculiar de todos nós. Eliminar o preconceito é propiciar uma vida digna ao educando respeitando as diversidades e promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades e oportunidades com qualidade em todas suas dimensões.

Metodologia

Esta pesquisa se qualifica qualitativa em um estudo de caso exploratório que tem como objeto de estudo observar um aluno cadeirante na faixa etária de 5 anos na série inicial em uma escola da rede municipal de Nova Odessa. A proposta deste estudo tem como objetivo avaliar a qualidade do ensino do aluno com deficiência física. A observação direta nas ações que cercam o aluno e seu desenvolvimento nesse ambiente escolar. Também um questionário com os docentes e coordenação da escola. Tendo base com as obras literárias de autores na temática desta pesquisa, alguns já mencionados na introdução desse artigo.

Análise e Resultados

Durante os dias de observação, pôde ser constatado que há dificuldades do professor em manter o equilíbrio entre autoridade e o equilíbrio emocional com o grupo de alunos da sala e o aluno cadeirante, cujo maior desafio de quem faz o uso da cadeira de rodas, não está na sua capacidade de aprendizagem, mas na coordenação motora.

Desde que a escola foi fundada em 2008, esse é o primeiro aluno com deficiência física frequentando a escola, ele conta com uma estagiária a qual auxilia na sua locomoção. A escola não conta com nenhuma adaptação para deficientes, percebe o grande esforço da professora em promover a socialização, pois há muita rejeição por parte de algumas das crianças.

Quando a criança chegou à escola teve que fazer uso de uma cadeira de rodas de adulto, pois na escola não havia cadeira adequada, o que dificultava sua locomoção, pois os espaços dentro da sala são limitados. Hoje ele conta com uma cadeira menor, mas ainda não adequada que foi conquistada através de doação. Nas aulas externa com especialistas percebe que não há nenhuma preocupação em preparar uma atividade compatível com suas limitações.

Apesar das rejeições por parte de algumas crianças, isso não interfere no seu estado emocional, o que garante a essa criança o interesse pela sala de aula. A professora determina todo dia um ajudante para auxiliar o aluno como (pegar na mão), até o refeitório para que haja entre as crianças uma convivência agradável e aprenda a respeitar o aluno como diferente do grupo em que está inserido.

Depois de um tempo já é evidente alguns resultados positivos, a criança apresentava um comportamento agressivo, sem limites, por ser tratado como um bebe pela família. De forma que o tempo foi passando e a convivência em grupo foi sendo estruturada, consegue discernir o que pode do que não pode, não faz mais uso de fraldas, brinca sem agredir seus colegas. Diante dos obstáculos encontrados destacamos as opiniões de alguns profissionais que atuam nessa escola e estão ligados com essas necessidades de inclusão desse aluno.

Através das respostas do questionário foram observadas algumas resistências dos profissionais em trabalhar com o diferente, a inclusão exige reformas e novos olhares para aprendizagem em diferentes ângulos. Os professores recebem bem o aluno com dificuldades físicas, porém no cotidiano vemos que as dificuldades são muitas.

O professor A relata que,

”*quando recebe a notícia que terá um aluno com certa limitação na sua turma se sente insegura, apesar de estar há mais de vinte anos na rede de ensino. Não conta com respaldo suficiente. Devido às leis os municípios para economizar contrata sempre uma estagiária e nunca um profissional com uma formação específica, e a estagiária é sempre vista como cuidadora e não como uma profissional para auxiliar nas atividades pedagógicas. E que ela mesma diante das dificuldades já fez contato com órgãos competentes em busca de recursos, mas na maioria das vezes não obteve respostas, e que a inclusão é uma realidade, não tem como fugir, seja no início ou final da carreira em algum momento você vai se deparar com uma criança com certa delimitação”.*

O professor B afirma que,

“apesar de não se sentir preparada, acha necessário, a criança frequentar a escola de ensino regular, a interação e o convívio com a diversidade trazem benefícios para ambos. Mas que dependendo da deficiência a escola regular proporcionará ao aluno apenas socialização, devido à escassez de materiais pedagógicos e de um profissional com conhecimento específico, o qual possa orientar a equipe pedagógica”.

Pelas respostas e observações feitas na escola fica claro o esforço em acertar nas ações, porém também mostra a insegurança de não ter experiências e mesmo capacitação para haver um desenvolvimento a altura diante das necessidades que foram encontradas com essa criança. Podemos notar também que com o tempo foi perceptível á melhora na aprendizagem e envolvimento do aluno com a classe. A escola ainda está se adaptando na acessibilidade para aderir o acolhimento de cadeirantes, passo a passo se constitui essas adaptações.

Como a inclusão ao longo dos anos já vem sendo uma realidade em nossas escolas, o que necessita é, assimilar, acolher, e aceitar as diversidades instigando nossas crianças a terem atitudes de respeito em relação aos colegas com deficiência, assim teremos adultos que sejam capazes de respeitar a igualdade como um direito de todo cidadão, e não como algo a ser conquistado.

Considerações Finais

É de fundamental importância criar condições para que o aluno possa participar de todas as atividades proposta pela escola com segurança, é responsabilidade dos professores e da instituição incentivar para que haja mudanças nas escolas. Apesar dos avanços obtidos nos

últimos anos, a educação inclusiva ainda é um desafio para as escolas e professores, pois as leis determinam que incluam, mas não oferecem condições para que essa inclusão aconteça, não preparam os docentes nem gestores.

Este estudo identificou vários obstáculos, como: espaços inadequados, rejeição por parte de alguns colegas, despreparo dos professores para lidarem com pessoas deficientes. Infelizmente, cabem ainda as políticas públicas para organizar o nosso sistema educacional que necessita de uma reestruturação. Para alcançar a tão almejada qualidade de ensino é necessário o acesso á educação para todos, com práticas pedagógicas menos discriminatórias.

No Brasil a legislação trás um suporte muito grande na questão "inclusiva", mas na prática as dificuldades são muitas, pois lidar com o diferente, impressiona, e lidar com inclusão é lidar com nossa própria inseguridade. É necessário que a escola seja um ambiente de interação, na qual possibilite que o aluno não se sinta diferente.

Durante as observações foi constatado que nosso modelo atual de educação inclusiva é um desafio que nos remete a reexaminar as práticas pedagógicas, a inclusão possibilita o aprimoramento da educação escolar para benefícios de todos. Nossas escolas irão ter o chamado de assegurar a aprendizagem através das leis, porém a realidade nos mostra que precisamos aprimorar esse caminho em benefício ao aluno que necessita dessa atenção. Como estagiária aprendi abrir olhares frente a esses alunos com a responsabilidade e com o comprometimento em buscar soluções para promover métodos criativos e prazerosos para que o aluno se sinta bem no ambiente escolar, e que é necessário investir na formação para melhorar a prática na sala de aula.

Paulo Freire nos diz que: "*a inclusão não é uma utopia, mas uma oportunidade a ser realizada, desde que todos nós iniciemos uma luta contra nossos preconceitos e formas mais mascaradas de práticas de exclusão".*

Agradecimentos

Á Deus, por ter me dado saúde e forças e discernimentos para superar os momentos mais difíceis. Aos meus pais pelas palavras incentivo e pela torcida. A minha irmã que sempre acreditou no meu potencial e que não me deixou desistir, e não mediu esforços para que eu pudesse chegar até aqui. Aos meus amigos pelo carinho, pela compreensão. Á minha Professora Orientadora Helena Prestes pela paciência, apoio e prontidão me designando os caminhos a seguir para que pudesse avançar.

Referências

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro 1996.

CAVALCANTE, Meire. **A escola que é de todas as crianças**. IN: Revista Nova Escola. São Paulo: Fundação Victor Civita, nº 183, 2005. P. 40-45.

FREIRE, Paulo- **Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa**. Editora paz e terra, São Paulo 1996 p. 34.

FERREIRA, Windyz B. **Educar na diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular.** In: Ensaios Pedagógicos - Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: SEESP/MEC, 2006.

GOTTI, Marlene de Oliveira. **Integração e inclusão*:* nova perspectiva sobre a prática da educação especial.** In: Maria Cristina [et.al.] Perspectiva Multidisciplinar em Educação Especial Londrina: UEL, 1998. p. 365 – 372. 38.

MANTOAN, Maria Tereza Égler- **Inclusão escolar- O que é? Por quê? Como fazer?** Editora moderna, São Paulo: 2003.

PARANÁ, **Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial.** Diretrizes Curriculares da Educação Especial para Construção de Currículos Inclusivos, 2006.
SASSAKI, R.K. **Comportamentos inclusivos diante de pessoas com deficiência**. São Paulo, Dezembro de 2005.

SASSAKI. R.K. Inclusão. **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro WVA, 1997.

O DESENHO E SUA RELEVÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Thais Ignacio Queiroz[25]
Helena Prestes dos Reis[26]

RESUMO
Esta pesquisa expressa a finalidade de refletir a relevância do desenvolvimento do desenho nos anos iniciais. Os registros de crianças nessa fase são respostas de suas vivencias grafadas no papel, que interagem com o ambiente que as envolvem, cujos estímulos fazem ponte para comunicar o que internalizam com sentimentos de alegrias e frustações, pessoas que fazem parte de seu convívio como ponte da corporeidade de seu aprendizado. O papel do professor é estimular e utilizar métodos para que os alunos possam manifestar as ações motoras e cognitivas. De forma que, as crianças nessa faixa etária passam por fases que necessitam ser observadas individualmente e orientadas na forma lúdica. O universo do desenho para elas é uma visão de mundo, e de experiências vividas, sendo um veículo de suas expressões. Bases estas que se constituem na sua aprendizagem em seu percurso escolar. Baseado em obras de autores que englobam essa temática, e com pesquisa em campo em uma escola na região de Americana SP.

Palavras-chave: Desenho infantil, Aprendizagem, Registro de Ideias.

ABSTRACT
This research expressed the purpose of reflecting the importance of the development of the drawing in the early years. The records of children in this phase are responses to their experiences written on paper, that interact with the environment that involve, which are stimuli bridge to communicate what we internalize with feelings of joys and frustrations, people who are part of your socialising as a bridge of corporality of their learning The teacher's role is to encourage and use methods so that students can express the motor actions and cognitive abilities. So that children in this age group go through phases that need to be observed individually and guided in the playful way. The universe of the drawing to them is a vision of the world, and of lived experiences, being a vehicle of its expressions. These Bases that are in your

[25] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (tha.queiroz_sp@hotmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

learning in your school. Based on works of authors that encompass this theme, and with research in the field at a school in the region of Americana SP.

Keywords: *Childish drawing, development, record*

Introdução

Este estudo tem por finalidade compreender a relevância do desenho e sua presença no contexto da aprendizagem da criança, na educação infantil. A partir desses registros podemos compreender a ampla criatividade e a forma em que ela enxerga o mundo ao seu redor. De forma que expressa através de seus desenhos, seus sentimentos e a sua maneira de ver o mundo transportado para um papel, utilizando rabiscos, cores e até mesmo a maneira em que a criança segura em um lápis é considerável para observar seu desenvolvimento, podendo contribuir para a coordenação motora, construção das noções espaciais, visão de mundo e outros aspectos cognitivos relevantes na fase de alfabetizar, ou seja, avaliar como ela se posiciona diante do ambiente que está envolvido.

É necessário, pois, analisar como é expressa a vivencia da criança a partir do desenho, na forma que as crianças manifestam a sua personalidade em uma atividade de criação de autoria própria.

Assim entendemos que o desenho não deve ser visto apenas como rabiscos abstratos que ajudam como um passatempo, ele vai além disso, portanto deve haver o estimulo diariamente para que possa chegar no objetivo desejado.

O objetivo é analisar e investigar a relevância que o desenho pode ajudar no desenvolvimento da criança, compreendendo como se processa essa etapa e suas necessidades de comunicar e expressar, seus medos e alegrias, nessa faixa etária. Compreendendo o ser vimos que, “a criança brinca porque não poderia viver de outra forma. Por isto desenha, por isso cria: porque brinca. ” (Moreira, 2005, p.37).

Esta pesquisa se apresenta quantitativa exploratória com pesquisa em campo em uma escola da rede municipal de Americana - SP. Com bases nas obras literárias de autores como: PILLAR (1996), MOREIRA (2005), DERDYK (1990), VYGOTSKI (1998) entre outros.

Fundamentação Teórica

História do Desenho

É necessário que façamos uma viagem no tempo, para compreendermos melhor a importância do desenho. Tudo começa na pré-história onde os homens faziam ilustrações e relatos diários de suas vivencias. Derdyk (1990) evidencia que o desenho vem de muitos anos atrás, quando os homens deixavam seus registros através de desenhos em suas cavernas, era uma

linguagem bastante conhecida na antiguidade. Os homens nos tempos antigos desenhavam os próprios homens. Desta maneira, pode-se dizer que o desenho é uma forma universal de comunicação e expressão, presente na sociedade em diversas culturas e hábitos.

Segundo Derdik (1990), a representação gráfica da figura humana esteve presente em todos os momentos da civilização, e sua maneira peculiar de se comunicar através do desenho, traduz a assinatura visível que cada sociedade ostenta.

Os primeiros desenhos serviam para a comunicação entre o povo antigo, já que as letras alfabéticas não existiam. Isso nos trouxe o privilégio de conhecer por meio da linguagem simbólica um pouco dos nossos ancestrais. Dessa maneira ocorre com as crianças nos anos iniciais, elas não conhecem as letras, portanto se expressam por meio de riscos e rabiscos e por fim o desenho.

Portanto o desenho é um método utilizado pelo ser humano para expressar individualmente seus sentimentos e a maneira em que vê o mundo.

É relevante para a comunicação do ser humano. Já para as crianças se expressarem elas utilizam meios como lápis, giz, tinta, ou seja, o que elas encontrarem para registrarem e deixar suas marcas. MOREIRA diz que, "A varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias". (2005, p.15).

O Desenho e a Expressão do Pensamento na Educação Infantil

A Educação Infantil é a fase em que a criança começa a aprender os primeiros conceitos, e desenvolver suas capacidades, sendo ela: cognitiva, motora e cultural. Por isso é preciso explorar e compreender os anos iniciais dando início a essa pesquisa.

O autor diz que na evolução do aprendizado da criança vem das estruturas da infância como alicerce, "o desenho marca o desenvolvimento da criança em sua infância. Pode-se considerar o desenho como forma de brincar, falar, respeitando os estágios, que variam de idade e de culturas diferentes" (MOREIRA, 2005, p.26).

Segundo o Referencial Curricular, p. 47, "embora as crianças desenvolvam suas capacidades de maneira heterogênea, a educação tem por função criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagem que apresentam nas diferentes faixas etárias".

O desenho é uma forma de representação gráfica da criança, é o fruto de uma interpretação feita do objeto pelo sujeito e não de uma reprodução. "O sujeito aprende pela experiência, ou seja, pela sua exposição a certas situações, e a função da inteligência é registrar elementos dispersos que vão se associando para formar conhecimento". (PILLAR, 1996, p. 33). Para que consiga alcançar bons resultados o professor tem o dever de apresentar objetos, situações e métodos diferentes para que a criança consiga construir sua imaginação.

Segundo, (Lowenfeld, Read e Arno Stern 1996, p. 34) são os autores que citam a teoria da livre expressão, "a qual postula que a criança para se expressar tem tudo dentro de si".

O autor (Lowenfeld citado por Pillar 1996) declara que é de grande importância que a criança seja estimulada. Para que isso ocorra é necessário que haja uma interferência do mundo exterior, porque a criança desenha aquilo que está ativo em sua mente, fazendo assim, do desenho, um meio de auto expressão. A estimulação pode vim dos professores em um ambiente escolar, ou em casa junto com os pais, tornando assim o desenho inteiramente natural.

Em outras palavras a criança também pode desenhar por meio de imitação;

> A criança “desenha não o que pensa, nem o que deveria na verdade ver, mas o sinal ou símbolo que gradualmente se precipitou no seu espírito como resíduo das suas respostas sensoriais totais ao objeto”. Assim, a criança desenha símbolos ou sinais que expressam o que ela sente a respeito de determinado objeto. (READ, 1982 APUD PILLAR, 1996 p. 34).

Segundo Stern “a arte não entra na criança, sai dela”. “O desenho é, então, a expressão do que a criança sente e pensa, ou seja, é um espelho, uma imagem representativa dela própria”. (STERN, 1974 citado por PILLAR, 1996, p.34 e 35). O desenho não é superficial ele é significativo na construção da criança.

Para Vygotsky (1998) a criança por meio de gestos torna o desenho um elemento de representação gráfica e simbólica, mudando de gesto à imagem. Essas características nos mostram que o desenho tem um significado, precedendo a chegada da escrita. As crianças veem os objetos de forma única, não fazem a dissimilação de fácil e difícil, ao desenharem empregam as qualidades gerais transparecendo as características principais do objeto.

Segundo o autor afirma que;

> Quando uma criança desenha uma lata cilíndrica como uma curva fechada que lembra um círculo ela está, assim, desenhando sua propriedade de redonda. Essa fase do desenvolvimento coincide com todo o aparato motor geral que caracteriza as crianças dessa idade e que governa toda natureza e o estilo dos seus primeiros desenhos. Ao desenhar conceitos complexos ou abstratos, as crianças comportam-se da mesma maneira. Elas não desenham, elas indicam, e o lápis meramente fixa o gesto indicativo (VYGOTSKY, 1998, p.142 e 143).

Fases do Desenho

O desenho na educação infantil é divido em fases, assim, os educadores conseguem respeitar o tempo de cada criança, e o que pode ou não exigir nas respectivas idades. São essas diferenças que distinguem as fases do grafismo.

Os rabiscos evoluem conforme o passar do tempo, os estímulos, propostas e métodos fazem com que a criança melhore suas habilidades e amplie seu repertório, de rabiscos, para desenho, em seguida a escrita.

O desenho é uma ferramenta que podemos utilizar para conhecer as crianças, segundo Moreira afirma que, “ para melhor conhecer a criança é preciso aprender a vê-la. Observa-la enquanto brinca: o brilho nos olhos, a mudança de expressão do rosto, a movimentação do corpo. Estar atento a maneira de como elabora o desenho, o seu espaço, aprender a ler a maneira de como escreve a sua história” (2005, pag. 20).

Fase das Garatujas

Moreira (2005) afirma que a garatuja é a fase em que a criança faz seus registros desordenadamente até adquirir certo ritmo, a criança sente prazer em deixar sua marca, rabiscos estes, que não são compreendidos pelos adultos.

A garatuja se constitui por três etapas:

Garatujas Desordenadas: "A criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca" (MOREIRA, 2005, p. 28). Geralmente "este desenho-exercício não conhece ou não se interessa pela cor. A cor aparece por acaso e não por necessidade" (p.29).

Garatujas Ordenadas: A criança começa a dominar seus gestos, "e a garatuja vai se modificando, conquistando novos movimentos, que de longitudinais vão se arredondando, tornando-se circulares, se enovelando, se espiralando" (MOREIRA, 2005, p. 30).

Garatujas Nomeadas: Nesta etapa "é ainda garatuja mas começa a ganhar nomes e a se diferenciar no espaço do papel" (MOREIRA, p. 32).

Fase da Pré-Esquemática ou do Simbolismo:

Nesta fase dá-se o início de novas formas, com inscrições dentro e fora. "não existe qualquer organização destas figuras no espaço e a cor que até então era indiferenciada começa agora a se destacar, apesar de ser totalmente arbitrária" (MOREIRA, 2005, p. 36) Essa fase é marcada pelas diversas formas e cores utilizadas, onde a criança também pode se expressar por analogia.

Fase Esquemática ou do Realismo Lógico:

Nesta fase a criança passa a dar mais realidade ao desenho, "o uso da cor procura semelhança com a cor real do objeto representado e o espaço se estrutura dentro de regras claras: O que é céu e o que é terra tem lugares definidos" (MOREIRA, 2005, p. 46). A fantasia se manifesta conforme a vivência da criança, representada por: heróis e princesas encantadas.

Segundo o autor os desenhos abaixo de alunos de uma creche, demostram seus registros determinando as fases de desenvolvimento com garatujas, pré-esquemática e esquemática:

Menina 2 anos e 7 meses

Menina 2 anos e 11 meses

Menina 3 anos e 1 mês

Menina 5 anos

O desenho permite que a criança de uma forma lúdica organize informações e momentos vividos em cada fase de sua vida, serve para compreender o desenvolvimento e o nível de criação, sendo que cada criança tem sua maneira de pensar e expressar.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), crianças de zero a três anos;

> As crianças podem manusear diferentes materiais, perceber marcas, gestos e texturas, explorar o espaço físico e construir objetos variados. Essas atividades devem ser bem dimensionadas e delimitadas no tempo, pois o interesse das crianças desta faixa etária é de curta duração, e o prazer da atividade advém exatamente da ação exploratória. Nesse sentido, a confecção de tintas e massas com as crianças é uma excelente oportunidade para que elas possam descobrir propriedades e possibilidades de registro, além de observar transformações. (RCNEI, 1998, p. 97).

Assim compreendemos que o estimulo e a diversidade devem trabalhar juntos, essas variedades torna possível a criança ter diferentes ideias.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), existem diversas formas que podem ser trabalhadas com crianças de quatro a seis anos que contribuem para o desenvolvimento do desenho. Conforme RCNEI; "utilizar papéis que já contenham algum tipo de intervenção, como, por exemplo, um risco, um recorte, uma colagem de parte de uma figura etc., para que a criança desenhe a partir disso". "É interessante propor às crianças que façam desenhos a partir da observação das mais diversas situações, cenas, pessoas e objetos" (REFERENCIAL CURRICULAR A EDUCAÇÃO INFANTIL-RCNEI, 1998, p. 100 e 101).

A leitura da imagem é muito importante para a criação da criança, a literatura infantil, consegue passar esse referencial, ler a história e mostrar as imagens faz com que a criança construa a história sobre a visão que ela teve do livro. Outro método interessante que pode ser trabalhado são os ritmos musicais, enquanto a criança ouve ela desenha, conforme o ritmo. A criança está sempre em busca de novas aventuras e consequentemente, adquirem novas experiências e aprendizados.

Metodologia

Esta pesquisa se qualifica quantitativa exploratória com pesquisa em campo em uma escola da rede municipal de Americana - SP. Com base nas obras literárias de autores já mencionados envolvidos na temática desta pesquisa. Feita observação direta em sala de aula, e elaborado questionário com os docentes envolvidos no maternal I e II.

Análise de dados

Foi observado em duas salas em uma escola na Região de Americana os procedimentos no desenvolvimento das crianças e seus desenhos como resultados de expressões e aprendizagem junto as intervenções das professoras.

No maternal I com as crianças de 2 á 3 anos a **professora A** emprega constantemente o desenho como atividade, acreditando que o desenho pode ajudar no desenvolvimento cognitivo, social e motor podendo representar situações do cotidiano como: passeios, histórias, brincadeiras e também pelo simples prazer de desenhar. Utiliza diversos materiais como: lápis de cor, tinta com pincéis, giz de cera, giz de lousa e para trabalhos mais diferenciados costuma usar esponjas, canudos e palitos.

Na sala não possui mesas, mas a professora utiliza a mesa grande que se encontra no refeitório, aproveita também à área externa da escola, uma parte de calçada onde cada criança ganha um giz de lousa e desenham usando a sua imaginação, a professora aproveita esse momento para desenhar formas e figuras conhecidas, como: coração, estrela, flor, sol etc...

Foi observado que a professora não colocou campo semântico para os desenhos e estes foram feitos como registros livres, dessa forma os mesmos foram rabiscos de forma desordenada, porém com apresentação que as crianças sentem no traçar das linhas.

Com as respostas ao questionário elaborado a **professora A**, relata que; *"o desenho é uma forma que as crianças expõem seus sentimentos e vivências diárias, como também abre espaços de aprendizagem nas diversas maneiras de se comunicarem. O que também acredita que o desenho faz parte do desenvolvimento da criança nesta faixa etária e que é possível utilizar vários materiais para a composição dos desenhos".*

No maternal II com crianças de 3 a 4 anos a **professora B**, faz a rotina da sala, organiza as crianças em roda e conta uma história, em seguida distribuiu as folhas e pediu para que elas fizessem um desenho sobre a história que acabaram de ouvir, enquanto as crianças desenhavam, a professora pergunta para cada um sobre os desenhos e em vários momentos lembra alguns personagens da história para facilitar a imaginação ao desenhar. Esse é apenas um dos métodos utilizado pela professora.

Esses desenhos ficam expostos na sala para os pais e alunos como um meio de incentivo e inspiração, no final do ano a professora faz algumas comparações com os desenhos anteriores aos atuais. Por fim é construído um portfólio com todos os desenhos e atividades.

Em relação aos desenhos pude observar que a professora utilizou um método bem interessante, onde as crianças ilustraram uma história que a mesma contou em sala de aula, havendo uma participação mais significativa dos alunos, ficou explicito a desenvoltura das crianças ao desenhar, pois já tem uma coordenação motora mais ampla e conseguem utilizar melhor o lápis, onde o mesmo não aconteceu no maternal I com as crianças mais novas.

Com as respostas obtidas pelo questionário elaborado a **professora B**, descreve o desenho como; *"um meio de comunicação e expressão, deve ser usado constantemente nas aulas, utilizando diversos materiais e métodos. Acrescenta que por meio do desenho pode se observar o desenvolvimento da criança e rejeita o desenho impresso acreditando não ter significado algum quando entregue a uma criança".*

As duas professoras concordam que a criança que é mais agitada não consegue se concentrar nas atividades, e acabam não se interagindo muito quando lhe é passado um desenho livre ou direcionado.

Através destas observações feitas pelos professores e também pelos autores, notasse que mesmo sendo um assunto comum ainda há muito para descobrir e aprender sobre este tema. Com as informações contidas na entrevista realizada por mim, percebi a grande riqueza contida no que diz respeito às artes infantis. Ficou claro que mesmo cada docente agindo de uma forma diferente em sala de aula, as professoras afirmam a importância do desenho infantil na vida da criança.

Resultado gratificante fazer esta pesquisa houve espaço para interagir com professores e crianças e ver com outros olhos os "rabiscos", estes cheios de sentimentos e significados, que podem sim, ajudar no desenvolvimento, cognitivo, motor e social.

Considerações finais

Realizou-se analise em campo, com foco em crianças da educação infantil de 02 a 04 anos, fase em que as crianças conseguem interpretar e expressar seus sentimentos, emoções e vivencias que de alguma forma ficam gravadas na mente e transportadas para um desenho.

A observação em sala foi importante, uma vez que contribui para entendermos quão necessário é o desenho para o desenvolvimento da criança, e como é preciso respeitar cada etapa, já que o desenho é uma fase da escrita enquanto não se sabe escrever. É uma forma de registro de como sentimos o ambiente, estando como individuo em um coletivo que reúne troca de sonhos, ações, cores, formas, que constroem caminhos para o desenvolvimento do ser.

A criança a todo o momento comprova a sua capacidade de interpretar, imaginar, criar e reinventar, infelizmente muitos profissionais da educação não conseguem ver a capacidade e o estimulo que o desenho vem proporcionar, e a relevância de cada etapa para um bom desenvolvimento futuro do aluno, mas não podemos generalizar, afinal existem bons professores que reconhecem o devido valor do desenho e proporcionam um bom ambiente escolar.

Compreende que se as fases forem bem amplas para o entendimento, se torna estruturas para que ela forme sua base de convivência entre os pares no convívio social, cujo está inserida. A partir da pesquisa pude analisar que o desenho na infância é um momento único, diferenciado e prazeroso na vida da criança, por isso precisa ser aproveitado da melhor forma. É necessário lembrar, que a família e principalmente os pais devem levar em consideração, que cada rabisco tem seu valor, e que a presença na construção de aprendizagem dos filhos não tem preço.

Como diz a canção composta por Toquinho e Moraes (1983),

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo.
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo.
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva.
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva.
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel.
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu.

No decorrer da canção, o autor nos mostra como uma criança vive em sua imaginação utilizando, um lápis e uma folha de papel. O desenho tem o poder de nos levar longe sem sair do lugar.

"O desenho, da mesma forma que os jogos, são uma atividade que envelhece com o passar dos anos e revela um tipo de conduta própria da criança" (Moreira, 2005, p. 51).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, permitindo que tudo isso acontecesse. A minha família que fez parte dessa conquista e fizeram de tudo para que esse sonhe se realizasse. Agradeço meu namorado Herbert Jorge, pela paciência e apoio.

Agradeço minha companheira de trabalho Fabiola Sara Norimbene Fortunato, pela amizade que construímos ao decorrer desses quatro anos. A minha orientadora Helena Prestes do Reis, pelos puxões de orelha, correções e incentivos. E meu obrigada a todos que fizeram parte da minha formação, direta ou indiretamente.

Referências

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho: A educação do educador** – 10º Edição - São Paulo: Loyola, 2005.

PILLAR, A. D. **Desenho & Escrita Como Sistema de Representação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente** – 6ª Edição – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acessado em: 24/04/2016.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf. Acessado em 21/09/2016.

TOQUINHO E MORAES. Canção, 1983. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2014/11/1548249-numa-folha-qualquer-eu-desenho-um-sol-amarelo-leia-letra-de-aquarela.shtml. Acessado em: 26/05/2015.

OS RESULTADOS E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE DOCENTES QUE CURSARAM O PROEPRE

Fabíola Sara Norimbene Fortunato[27]
Helena Prestes Dos Reis[28]

RESUMO
A educação infantil requer reflexões constantes, nessa ótica os profissionais necessitam participar com frequência de cursos de formação continuada para atuarem de forma mais responsável com o desenvolvimento das crianças nessa etapa da Educação Básica. Esse estudo apresenta a proposta do curso extensivo para área de educação, o Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental (PROEPRE) - Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil -, que foi fundamentado a partir da teoria piagetiana. Professores que participam do curso adquirem condições necessárias para desenvolver uma prática pedagógica diferenciada e interdisciplinar que promove o desenvolvimento integral do aluno em suas dimensões afetiva, cognitiva, social, moral e física. Nesse sentido, a presente pesquisa visou apresentar o PROEPRE, bem como indicar algumas práticas pedagógicas interessantes implementadas por professores de uma escola particular de Educação Infantil, situada no município de Sumaré-SP.

Palavras-chaves: PROEPRE; Práticas pedagógicas; Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT
Child education requires constant reflection, in this perspective professionals need to frequently participate in continuing education courses to act in a more responsible way with the development of children in this stage of Basic Education. This study presents the proposal of the extensive course for education, the Program of Early Childhood Education and Elementary Education (PROEPRE) - Theoretical Foundations and Pedagogical Practice for Early Childhood Education, which was based on Piagetian theory. Teachers who participate in the course acquire the necessary conditions to develop a differentiated and interdisciplinary pedagogical practice that promotes the integral development of the student in its affective, cognitive, social, moral and physical dimensions. In this sense, the present research aimed to present PROEPRE, as well as to indicate some interesting pedagogical practices implemented by teachers of a private school of Early Childhood Education, located in the city of Sumaré-SP.

Keywords: *PROEPRE; Pedagogical practices; Child development.*

[27] Graduanda do Curso de Pedagogia das Faculdades Network. Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. E-mail: fabíola_fortunato@hotmail.com

[28] Orientadora: Graduada em Pedagogia UNISAL (1986); Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network (2005), Professora Mestra da Educação UNISAL (2012). Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br)

Introdução

Esse estudo vem apresentar a proposta de um dos cursos extensivos para a área de educação infantil, realizado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, oferecido pela Escola de Extensão dessa universidade – EXTECAMP, estruturado pelo Laboratório de Psicologia Genética (LPG), cuja idealizadora é a Profª. Drª. Orly Zucatto Mantovani de Assis.

O curso em questão é "Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil" (Educação Infantil I – creche[29] – e Educação Infantil[30]), do PROEPRE – Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental[31] –, que é um programa destinado às pessoas que atuam ou desejam atuar na área de educação infantil e querem adquirir conhecimentos sobre o desenvolvimento da inteligência da criança e sua aplicação prática às aulas, a partir de uma visão construtivista. A fundamentação teórica desse programa são os resultados de 60 anos de estudos que Jean Piaget dedicou à Psicologia do Desenvolvimento.

Para tanto, foram aplicados questionários e realizadas observações em uma escola particular de Educação Infantil de Sumaré-SP, de seis professoras que concluíram o curso PROEPRE – Fundamentos Teóricos da Educação Infantil -, com o intuito de verificar como elas aplicam os conhecimentos adquiridos no curso, na prática de sala de aula.

A metodologia utilizada foi a da pesquisa descritiva, considerando que se pretendeu descrever as características do PROEPRE, com base nas publicações da Profª. Drª. Orly Zucatto Mantovani de Assis, e das experiências das práticas pedagógicas das professoras com formação proepriana, por meio de questionários e da observação em campo.

Revisão bibliográfica

Fundamentos do PROEPRE

Segundo Maria Luiza Camargo de Assis[32] o PROEPRE é fundamentado na teoria piagetiana e surgiu a partir da tese de doutorado defendida, em 1976, pela Profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis, intitulada "A solicitação do meio e a construção das estruturas lógicas elementares na criança". A pesquisa comprovou que a maioria das crianças de 5 e 6 anos, que participavam das classes cujos professores empregavam procedimentos pedagógicos

[29] Para profissionais que trabalham com crianças de 0 a 3 anos.

[30] Para profissionais que trabalham com crianças de 3 a 6 anos.

[31] Originalmente PROEPRE era denominado de Programa de Educação Pré-Escolar e objetivava a formação de recursos humanos e o aperfeiçoamento de pessoal em serviço.

[32] Cf. PROEPREEMACAO. **Vídeo promocional** – Cursos PROEPRE 2016. Disponível em: <http://www.proepreemacao.com.br/cursos-do-proepre-em-2016/>. Acesso em: 23 nov. 2016.

inspirados na teoria de Piaget, apresentou um significativo desenvolvimento intelectual independentemente de seu nível socioeconômico.

Conforme a pesquisadora supracitada o Ministério da Educação (MEC), conhecendo esses resultados propôs um convênio com a Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e o PROEPRE, como curso de formação para professores, foi implantado, entre 1980 e 1990, em mais de 21 unidades federativas. A partir de 1992 o curso de formação para professores passou a ser oferecido pela Escola de Extensão da Unicamp em três modalidades: Educação Infantil I (crianças de 0 a 3 anos), Educação Infantil (crianças de 3 a 6 anos) e Ensino Fundamental.

> *Inúmeros educadores que participaram dos cursos de formação de professores do PROEPRE e que passaram a trabalhar de acordo com a proposta pedagógica desse programa têm observado que seus alunos possuem melhor capacidade de reflexão, são mais responsáveis, sabem cooperar, expressam claramente suas opiniões e sentimentos, aprender a conviver com os outros, aprendem a tomar decisões, a fazer escolhas e, sobretudo são mais felizes (ASSIS, 2013, p. 9).*

É importante ressaltar que, desde a década de 80, aconteceram inúmeros eventos organizados pela Profª. Drª. Orly Zucatto Mantovani de Assis e a equipe do Laboratório de Psicologia Genética (LPG), da Faculdade de Educação, da UNICAMP, sendo o primeiro, em 1984, em Águas de Lindóia-SP – I Encontro Nacional de Professores do PROEPRE -, conforme afirma Assis (2007). Esse evento reuniu cerca de 100 educadores, que nas palavras da Profª. Orly:

> *[...] surgiu da necessidade de fortalecer as pessoas que nas diversas secretarias de educação de nosso país se esforçavam para pôr em prática os princípios pedagógicos de nosso programa alicerçado em fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos extraídos da teoria de Jean Piaget. Era necessário que os profissionais envolvidos na implantação do PROEPRE tivessem a oportunidade de trocar as experiências que cada grupo estava vivenciando ao tentar modificar uma prática pedagógica utilizada até então, mas que já não satisfazia mais, porque os objetivos educacionais escolhidos por esses profissionais eram agora diferentes. Era também necessário aprofundar os conhecimentos adquiridos por ocasião dos cursos de formação, a fim de assegurar a cada um possibilidade de aperfeiçoar-se (ASSIS, 1998, p. IX apud ASSIS, 2007, p. 98).*

Segundo Assis (2007, p. 94-95) o PROEPRE se caracteriza por ser um Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental que:

> *- visa ao desenvolvimento global da criança em seus aspectos cognitivo, afetivo, social e físico, enfatizando-os igualmente.*
>
> *- tem como fundamento psicológico a teoria piagetiana e, portanto, foi estruturado de acordo com os princípios básicos dessa teoria.*
>
> *- emprega estratégias e práticas educacionais que refletem coerentemente os pressupostos teóricos nos quais se apóia [sic].*
>
> *- é estruturado de maneira a propiciar à criança uma grande variedade de experiências que estimulam sua atividade espontânea, o que é condição essencial para seu desenvolvimento.*
>
> *- apresenta uma estrutura flexível a fim de atender às necessidades peculiares das crianças, independente de seu meio sócio-econômico [sic] e cultural, podendo, assim, ser adaptado a diferentes regiões.*
>
> *- pode ser aplicado tanto em escolas regulares como em ambientes improvisados.*

Seus objetivos têm em vista o homem e a educação, tendo por fundamento a teoria de Piaget. "Esses objetivos refletem nosso posicionamento sobre a natureza da aprendizagem, da inteligência, da afetividade, da socialização e sobre o valor da educação. Eles visam ao desenvolvimento da criança em seus aspectos: cognitivo, afetivo, social e físico" (ASSIS, 2013, p. 12).

Nesse sentido, para além de formar profissionais para implementarem o PROEPRE nas escolas, o Programa cria condições necessárias para que possam:

> *- compreender a importância da educação infantil e do ensino fundamental para a criança.*
>
> *- compreender os pressupostos filosóficos e sociológicos que orientam a implantação do PROEPRE.*
>
> *- compreender os pressupostos teóricos da psicologia genética de Jean Piaget, nos quais o PROEPRE se fundamenta.*
>
> *- formar atitudes pedagógicas que reflitam coerentemente os princípios da teoria piagetiana, que são subjacentes a todas as atividades do PROEPRE.*
>
> *- adquirir habilidades técnicas para a aplicação adequada do PROEPRE a fim de estimular o desenvolvimento global da criança em seus aspectos cognitivo, afetivo, social e físico.*
>
> *- ser capazes de adaptar as sugestões pedagógicas apresentadas no PROEPRE às características e necessidades dos alunos da educação infantil e do ensino fundamental em diferentes regiões.*
>
> *- ser capazes de planejar, criar, inovar e experimentar outras situações pedagógicas com os recursos de que dispõem, enriquecendo e ampliando o conjunto de atividades sugeridas pelo PROEPRE.*
>
> *- adquirir habilidades técnicas para avaliar se o processo de desenvolvimento da criança está orientado no sentido da realização plena de suas possibilidades (ASSIS, 2007, p. 95-96).*

De acordo com Assis (2007) o PROEPRE possui 6 fases:

- 1ª fase, com duração de 80 horas, apresenta os fundamentos do PROEPRE.

- 2ª fase, com duração de 40 horas, apresenta orientações práticas para a aplicação do PROEPRE.

- 3ª fase, com duração de 80 horas, realiza a avaliação da aplicação da 1ª fase do PROEPRE e indica orientações práticas para a 2ª fase de aplicação.

- 4ª fase, com duração de 40 horas, apresenta orientações práticas para a implantação do PROEPRE.

- 5ª fase, com duração de 40 horas em cada semestre ou período de implantação, desenvolve atividades de orientação e supervisão direta referentes ao planejamento e implantação do PROEPRE.

- 6ª fase, com duração de 40 horas, apresenta atividades de orientação e supervisão direta relativas ao planejamento e implantação do PROEPRE.

Ainda segundo Assis (2007, p. 97-98) a avaliação das atividades previstas é realizada tendo como referência o contexto em que as atividades são desenvolvidas, o processo

de implementação e o resultado final.

> *Para cada uma das fases do projeto, são elaborados instrumentos de avaliação que possibilitam a obtenção de informações necessárias sobre o desenvolvimento de todos os participantes e servem de ponto de referência para tomadas de decisões relativas a possíveis reorientações de nossa atuação. Os instrumentos de avaliação aqui referidos fazem parte integrante de subprojetos que especificam detalhadamente o modo de atuação em cada uma das fases.*
>
> *Na avaliação do resultado, especial atenção é dada aos progressos conseguidos pela criança no que se refere ao seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico (ASSIS, 2007, p. 97-98).*

Portanto, percebemos que os professores que participam do curso podem, de fato, adquirir condições necessárias para desenvolver uma prática pedagógica que promove o desenvolvimento integral do aluno em suas dimensões afetiva, cognitiva, social, moral e física, ou seja, a criança irá se desenvolver de maneira global.

Ademais, é importante salientar que o ambiente da sala de aula é baseado no respeito mútuo e cooperação, minimização do processo de decisão do professor, incentivo às tomadas de decisão em grupo. É um ambiente democrático, haja vista que as tomadas de decisões são partilhadas pelos alunos, com interferência mínima do professor, fazendo com que os alunos tornem-se autônomos e mais atuantes. As decisões democráticas e participativas são características preponderantes do PROEPRE.

Isso é possível, pois, como explica Assis (2002), na teoria de Piaget uma pessoa constrói e reconstrói o conhecimento graças às sucessivas ações e equilibrações internas e externas. Por isso, todo conhecimento é construído na interação sujeito-objeto, por um processo de estruturação interna. O objeto, o qual Piaget se refere, diz respeito ao mundo, todas as coisas as quais fazem parte ou que a criança, o ser humano, têm possibilidade de entrar em contato. Piaget defende que o conhecimento é uma construção perene, uma inter-relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, pois conhecer não consiste em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo, resgatando assim a importância do sujeito no seu processo de desenvolvimento.

Mas, para que se alcance os resultados é preciso da interação aluno-professor, ou aluno-adulto, que juntos farão intervenções e criarão condições que venham ser favoráveis para que o aluno alcance os objetivos esperados para cada idade.

No que se refere ao desenvolvimento de conhecimentos específicos, Assis (2013) afirma que o conhecimento lógico-matemático, por exemplo, se dá a partir das construções das estruturas cognitivas, por meio dos estímulos e intervenções em que a criança esteja envolvida, podendo ser mais rápido ou lento conforme o seu processo de construção. Esse conhecimento é formado a partir da aquisição da noção de conservação das quantidades descontínuas ou discretas, aquisição de conservação de quantidades contínuas (líquido, areia), massas, noção de classificação operatória, seriação operatória, espaço, tempo, relações casuais.

Assim sendo, devem ser criadas condições adequadas para que a criança possa adquirir o conhecimento do mundo físico, construir o conhecimento lógico-matemático, a construção do conhecimento social e também desenvolver a capacidade de simbolização.

O conhecimento físico ou aspecto físico ocorre a partir da aquisição do conhecimento das propriedades como cor, forma, texturas, consistências, temperatura, som,

peso, odor e sabor, propriedades dos objetos, animais ou plantas. Existem quatro tipos de ações possíveis num objeto: agir sobre os objetos para ver como eles reagem; agir sobre os objetos para produzir um efeito desejado; tomar consciência de como se produziu o efeito desejado e dar explicações das causas. "As atividades de conhecimento físico que a escola proporciona ao aluno são, portanto, apropriadas para desenvolver a independência, a curiosidade, a criatividade, a iniciativa, e a responsabilidade" (ASSIS, 2013, p. 58-59).

Assis (2013) ainda afirma que, antes de qualquer coisa, o professor/adulto deverá saber os conhecimentos prévios daquela criança, por exemplo: ela já reconhece e identifica as cores primárias? Secundárias? Forma: identifica as formas geométricas? Textura: manipula objetos de diferentes texturas e consegue identificar: áspero, liso? Consistência: faz comparações com objetos de diferentes consistências, borracha e madeira? Temperatura: consegue identificar através do tato o que é morno, frio, quente? Voz: reconhece a voz dos colegas quando se encontram de olhos vendados? Manipula objetos iguais e descobre qual tem mais? Odor e sabor: sabe diferenciar doce de salgado? Propriedades dos objetos: soprar objetos para ver o que acontece? Animais e plantas: diferencia os tipos de roupas? No entanto, o mais importante, é que a criança faça relações entre eles e, para isso, brinque, explore suas propriedades.

"Para conhecer os objetos o sujeito deve agir sobre eles e, portanto, transformá-los; deve deslocá-los; ligá-los; combiná-los; dissociá-los e reuni-los novamente" (PIAGET, 1977 *apud* ASSIS, 2013, p. 57).

Segundo Assis (2013) o conhecimento físico está ligado ao conhecimento lógico-matemático. E o conhecimento social diz respeito ao conhecimento de mundo que se adquire com a família, escola, comunidade, amigos etc.

Assim, a autora salienta que "o conhecimento social é assim denominado porque advém das pessoas. A criança só pode adquiri-lo a partir das informações fornecidas pelas pessoas" (ASSIS, 2013, p. 255).

Assis (2013) explica que o conhecimento social se forma aos poucos e inclui uma série de informações que são adquiridas ao longo dos anos. A escola auxilia na aquisição desse conhecimento: onde se localiza a casa e a escola; as pessoas com quem as crianças convivem; as características da comunidade; os nomes de móveis e utensílios usados em casa; os desenhos de representação da família e de outros contextos; estudos do meio no bairro, cidade e outros espaços; brincadeiras folclóricas e muitas outras coisas.

Os aspectos mencionados acima poderão ser trabalhados pelo professor/adulto, segundo Assis (2013), por meio de brincadeiras de casinha, questionando a criança sobre as peças que está usando para brincar (como se usa, quem utiliza); após a brincadeira sugerir que faça um desenho de sua família e assim identifique todos os membros; poderá assimilar o desenho e questionar o aluno quais são os locais que ele costuma a frequentar com sua família; entre outros.

"Aquisição do conhecimento social é de importância fundamental para a criança adaptar-se ao meio que vive. Por isso, os conteúdos a serem trabalhados devem ser específicos do meio social em que a criança vive" (ASSIS, 2013, p. 255).

O social é um aspecto muito importante, em que a criança necessita de contatos com os amigos, adultos. O aspecto social é formado a partir de qualquer situação, desde uma atividade em grupo, o momento do lanche, ou o momento do brinquedo de casa. Dessa maneira

a criança passa a criar um vínculo com os demais amigos e também se cria um ambiente sociável.

Assis (2013) ressalta que o aspecto social é definido a partir dessa interação com os pares e com os adultos. Além disso, ocorre a aprendizagem de normas de condutas que regem as interações sociais, o que chamamos de boas maneiras: como agradecer, pedir licença quando necessário, dentre outras. A construção de normas, regras e valores próprios é algo muito mais complexo do que apenas aprender a se comportar bem, diz respeito ao querer fazer o correto por sentir-se bem fazendo o que é correto, é a constituição de uma ética que, para ser concreta na vida adulta, precisa ser exercitada desde os primeiros anos. Por isso, respeitar os outros, assumir responsabilidade pelos próprios atos, se controlar nos momentos de raiva, entre outros, é um princípio defendido e estudado pelos professores que fazem o PROEPRE.

Há possíveis maneiras de desenvolver o aspecto social com as crianças, como, por exemplo, o dia do brinquedo de casa, em que pode haver a troca de brinquedos, a apresentação dos brinquedos, jogos em grupos em que precise de regras, como quebra-cabeça, jogo da velha. Essas situações exigem da criança o controle do comportamento, esperar a vez, ouvir o colega, pois, como afirma Assis (2013, p. 319):

> *No decorrer do processo de socialização a criança vai aos poucos se tornando mais capaz de cooperar e caminha progressivamente em direção à conquista da autonomia que supõe a construção de princípios e valores próprios. Na medida em que se socializa ocorre sua inserção em grupos sociais cada vez maiores (ASSIS, 2013, p. 319).*

Outras características do desenvolvimento da criança importantes a serem destacadas são a função simbólica, a afetividade e o desenvolvimento físico-motor.

Assis (2013) leva a compreender que o desenvolvimento da função simbólica diz respeito às representações que a criança faz, por desenhos, mentalmente (imagem mental) ou nas brincadeiras, como o faz de conta. Essa brincadeira deveria ganhar espaço nas salas de aula por possibilitar uma ampliação e generalização de imitação representativa, ou seja, faz imitação de animais, meios de transportes, profissões, entre outros. Temos o desenvolvimento da capacidade de representação e expressão por meio do desenho. A representação e expressão por meio do jogo simbólico podem acontecer com dramatizações de fatos e histórias. O desenvolvimento da capacidade de expressão verbal também deve ser objetivo a ser alcançado, proporcionando situações para que a criança verbalize o que deseja e também suas ideias.

Sobre o aspecto afetivo Assis (2013, p. 309) destaca que "a afetividade oferece a energia necessária para a ação, direcionando-a ao atribuir valor a seus fins, a inteligência estrutura a ação para que os objetivos possam ser atingidos."

Por esse prisma, Assis (2013) afirma que o aspecto afetivo diz respeito ao desenvolvimento da independência, autonomia, interesse e iniciativa da criança, ou seja, é quando o professor desafia a criança para que cuide de sua higiene pessoal, vá ao banheiro sozinha, expresse sentimentos e emoções, realize atividades ou tarefas e sinta satisfação ao conseguir realizá-las, demonstre autoconfiança ao fazer escolhas, manifeste sua curiosidade, inventa, a ser criativa e muitas outras coisas. A autora ainda salienta que:

> *Portanto, para favorecer o desenvolvimento afetivo da criança é preciso oferecer-lhe um ambiente que lhe permita adquirir confiança em si e nos outros e valorizar-se positivamente. Isso acontece quando as relações entre o(a) professor(a) e a criança são baseadas no respeito, na compreensão, afeto, carinho etc. (ASSIS, 2013, p. 310).*

Em relação ao aspecto físico Assis (2013, p. 15-16) esclarece que seu progresso conduz a criança a uma crescente independência. Mas, para que isso aconteça, "é necessário que sua coordenação motora seja suficientemente desenvolvida, de tal maneira que ela possa, por exemplo, alimentar-se, banhar-se e vestir-se sozinha"

Segundo a autora é a partir dessas informações que o professor/adulto poderá trazer para o aluno um ambiente propício para que possa realizar atividades envolvendo os aspectos do desenvolvimento lógico-matemático, físico e social. Apresentando à criança objetos para que ela possa agir sobre ele, manipulando, analisando. A atividade será sempre de maneira lúdica e concreta, questionando e levando hipóteses que ela crie soluções para os questionamentos.

Metodologia

A metodologia utilizada foi a da pesquisa descritiva, considerando que se pretendeu descrever as características do PROEPRE, com base nas publicações da Profª. Drª. Orly Zucatto Mantovani de Assis, e das experiências das práticas pedagógicas das professoras com formação proepriana, por meio de questionários e da observação em campo.

A coleta de dados ocorreu a partir de pesquisa bibliográfica e com a aplicação de um questionário respondido por professoras e gestores de uma escola de educação infantil particular de Sumaré-SP, sobre o que significa trabalhar a partir dos conhecimentos obtidos no curso PROEPRE – Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil. De igual forma, foram realizadas observações nos ambientes da instituição, visando à rotina do professor e sua prática pedagógica no dia a dia escolar.

Relato descritivo da pesquisa de campo

Durante os dias de observação, verificou-se a dedicação da equipe gestora na realização do trabalho pedagógico inspirada pela teoria construtivista. Fica nítido como a gestão da escola descarta o uso de outros meios de ensino tradicional.

A diretora pedagógica relata que "a proposta construtivista acredita e defende que a inteligência é desenvolvida a partir da interação/ação da criança com o meio (exploração no concreto), ou seja, a criança responde aos estímulos externos, agindo sobre o objeto de conhecimento, descobrindo suas propriedades e identificando aos grupos que pertencem. Assim, ela constrói e organiza seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada, em vez de conhecer o mundo por meio de apostilas com informações prontas. O professor construtivista não só ensina, mas encoraja a criança a questionar por ele mesmo e responder outras com sua iniciativa e capacidade de intervenção".

A diretora pedagógica explica que apoia a utilização de dinâmicas que estimula e mantém os alunos ativos e curiosos, que promovem a interação social entre eles e cria condições favoráveis para o seu desenvolvimento.

Assim, explica a diretora pedagógica, "nossa equipe é formada por docentes graduadas em Pedagogia, auxiliares e estagiárias Pedagogia. Temos na equipe 7 docentes que realizaram o curso extensivo do LPG (Laboratório de Psicologia Genética) da Unicamp, o PROEPRE, cujo o objetivo é a formação continuada de professores, oferecendo-lhes as

condições necessárias para que possam compreender a importância da educação infantil para o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e físico da criança. Percebemos que a realização do curso foi essencial para a capacitação delas. Pudemos ver resultados significativos através dos planejamentos, intervenções com as crianças e o resultado final está sendo muito satisfatório não apenas pelas docentes e direção, também pelos pais, o que nos deixa muito felizes".

O relato da diretora pedagógica continua.

Na escola, os menores ficam no berçário e minigrupo, os procedimentos de intervenções são desenvolvidos através do lúdico e concreto.

O berçário divide-se em dois grupos: B1 (berçário com crianças de 04 meses a 01 ano de idade). Nele se encontram os bebês menores, que recebem todos os estímulos necessários para uma coordenação motora grossa. Para que isso aconteça há uma sala própria para todas essas estimulações, visando, principalmente, os cuidados com a saúde e higiene dos mesmos.

As berçaristas entrevistadas relatam "realizamos estímulos para que o bebê possa se locomover pela sala, ou seja, criamos situações "problemas" para que ele consiga alcançar o que deseja. Quando um bebê deseja pegar algum brinquedo criamos "obstáculos" para que chegue até ele, assim colocamos tatames e almofadas para que ultrapasse as barreiras e chegue até o que deseja pegar".

A diretora pedagógica explicou que o B2 (berçário com crianças de 1 ano até 1 ano e 2 meses aproximadamente), possui uma berçarista e uma docente. As atividades são lúdicas, preparando para a próxima etapa que seria o minigrupo.

A docente relata que "A presença da berçarista seria para um o apoio e também cuidados com a saúde e higiene do bebê. Quanto ao trabalho dela, como professora, depende muito da situação, assim devo avaliar o que estão fazendo, caso seja "conflito" procuro ensiná-los através dos gestos e com a expressão facial e também recorro ao uso da palavra "NÃO", pois ainda não possuem maturidade para entender o que ele causou ao seu amigo, explicando de forma objetiva e direta. Em relação às atividades que são voltadas para a idade, utilizo o lúdico, por exemplo, quando iniciamos as cores primárias utilizei piscina de bolinha para abordar as cores com eles, claro tudo ainda é muito vago para eles, um conhecimento social que deverá ser construindo todos os dias. Utilizo muitas músicas para trabalhar esquema corporal".

O minigrupo as docentes recorrem muito ao uso do concreto e lúdico para elaboração das aulas: fantoches, música, flanelógrafos entre outros recursos de apoio. A partir desses recursos os temas são trabalhados e explorados, de maneira lúdica e prazerosa para eles, como por exemplo, as cores primárias, as primeiras palavrinhas como o nome de objetos, as atividades que para coordenação motora, noções espaciais e etc..

Os professores do MATERNAL I e II percebem que nesses níveis as crianças já conseguem trabalhar melhor com o PROEPRE, afinal as crianças são maiores e conseguem utilizar do concreto, falar, e as intervenções dos professores levam os alunos a refletir.

Durante as observações em sala de aula fica totalmente nítida a participação dos alunos, tanto na parte pedagógica quanto nas resoluções de seus problemas e também o empenho da professora em elaborar um planejamento diferenciado, onde as professores estavam envolvidas em um projeto musical cujo tema "Música: Produção, Apreciação e Socialização, o projeto vem elaborado a partir das hipóteses levantadas pelos alunos a respeito a música, e a partir disso foram enviadas pesquisas para casa e assim foi elaborado o

planejamento. Cada professora trabalhou conforme as hipóteses levantadas pelos alunos, assim com brincadeiras, confecções de instrumentos musicas feitos com sucatas e por fim as crianças foram envolvidas na gravação de um C.D profissional, com toda uma produção e estúdio levado até a escola.

Quando há "conflitos" as crianças refletem sobre seus atos com auxílio da professora, e tentam compreender o que seu amigo está sentindo. A professora faz várias intervenções como, por exemplo, para que "serve" sua mão? Onde você a usa? Como você pode usar essa mão? Mão é para fazer carinho, nunca bater. Assim, essas intervenções fazem parte do dia a dia das crianças. Os combinados da sala são relembrados quando necessário.

Segundo a docente do nível Maternal II "confeccionamos com eles os combinados da sala, que pode ser mudado conforme a necessidade da sala. Os combinados são relembrados todos os dias, o intuito é que quando tudo estiver funcionando conforme os combinados ele deixe de ficar visível e seja interno. Nossas atividades de registro são aplicadas através do interesse das crianças, estamos sempre atentas ao interesse da sala. Então, trabalhamos com eles, primeiramente no concreto e de forma coletiva, visando que todos possam opinar, é nesses momentos que realizo todas intervenções, levando-os a refletirem sobre as possíveis respostas, só depois de muitas atividades concretas que realizo atividades de registro nas folhas de sulfite, fazendo as mesmas intervenções"

Esses combinados conforme relatado pela professora do nível diz respeito às regras, ou seja, eles criam aquilo que acham correto como, por exemplo: "Devemos cuidar do amigo, falar baixinho".

Na observação, nota-se também grande realização de atividades lúdicas para as crianças. Nelas ocorrem os primeiros contatos das crianças com as letras do alfabeto, para isso a professora recorre "a caixa alfabética", uma caixa que possuí olhos, bocas. O seu "corpo" é formado por várias letras móveis coladas ao seu redor, nessa atividade a criança leva a caixa alfabética para a casa e deverá buscar, com seus pais, algum objeto ou figura que corresponda há alguma letra do alfabeto que está dentro da caixa, envolvendo assim uma parceria entre a escola e a família, afinal deverá ter todo o cuidado da mesma.

A partir da realização dessa atividade os alunos iniciam o contato com as letras do seu nome em prismas e com o auxílio da professora, em uma folha de sulfite, começam a traçar as suas primeiras letras, em um grande espaço e em seguida vai se reduzindo gradativamente até escreverem seus nomes nas atividades.

No JARDIM I e II as docentes realizam intervenções, essas que são de total importância para a aprendizagem.

Durante a observação nota-se maior participação dos alunos nessa faixa etária do que as anteriores, como também as atividades de registro são efetivamente realizadas inteiramente pelos alunos com um auxílio mínimo da docente. Cada criança com seu caderno, este já com espaço demarcado para a realização do calendário. Segundo relato da docente do Jardim II, "quando as crianças chegam para nós, percebemos o grande envolvimento deles com as letras e escrita, assim damos início às aulas, onde tudo é confeccionado com a escrita das crianças, rotinas, chamadinhas, combinados entre outros. Para facilitar o desenvolvimento das crianças com a leitura e escrita, elas ficam em cantinhos com jogos com sílabas, livros com escrita em caixa alta e sempre fazemos trocas do que foi que a criança leu e o que entendeu".

Ela ainda relata a importância dos outros níveis na vida da criança, para que,

quando chegar no Jardim II, saiba como pegar um lápis, movimento esse, que foi trabalhado desde o maternal I e todas as atividades de equilíbrio e lateralidade.

Os pais têm uma preocupação grande em saber se os filhos quando saírem do jardim II estarão lendo e escrevendo.

A gestão é muito clara e objetiva com os pais, com a ótica dessa linha de aprendizagem. A escola dá suporte para que os filhos tenham base para as novas fases de aprendizagem, uma vez que todo o processo desde o Berçário até o Jardim II é um trabalho coletivo que resultará na alfabetização da criança, sem memorização, tudo será internalizado para a criança, porém fica claro que cada criança é diferente da outra e cada uma tem o seu tempo de aprender.

As docentes realizam sondagens com os alunos, elaborando um documento para a reunião de pais e responsáveis. O documento é a Ficha de Observação do aluno (F.O.), na qual a docente detalha os aspectos do desenvolvimento do aluno na escola no decorrer do semestre.

Na Ficha de Observação são descritas as características do desenvolvimento da criança nos seus aspectos cognitivo, físico, social (desenvolvimento moral, interação com adultos e interação entre pares, normas, regras, conhecimento de mundo), em relação à função simbólica, desenvolvimento físico motor (consciência corporal e coordenação motora, fina e grossa), aspecto afetivo (criatividade, motivação e curiosidade). Esse tipo de avaliação é aprendida no curso extensivo PROEPRE. Assim, o pai pode ver como seu filho está e o que pode fazer para ajudá-lo dentro de cada aspecto, realizando uma parceria entre família e escola.

A seguir, fotos de algumas das atividades desenvolvidas.

Foto 1. Jogo dos sentimentos com almofadas

Foto 2. Tapete Sensorial

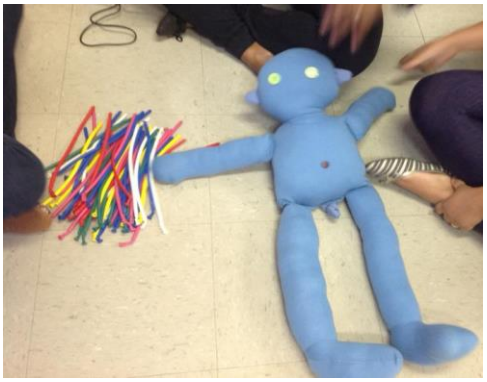


Foto 3. Explorando as flores e suas propriedades

Foto 4. Confecção do Boneco

Importa também notar que, para além das observações e informações obtidas pelo questionário, os educadores ainda relataram que os alunos, educados sob o prisma proepriano, costumam apresentar um rendimento melhor em sala de aula, mostram-se mais interessados na rotina escolar e nas atividades propostas. Afirmaram que as crianças que ingressaram na escola, desde a fase do berçário, quando comparadas aos alunos que entraram em outros momentos da Educação Infantil, apresentam rendimentos mais satisfatórios, pois receberam estímulos diversificados e passaram por todas as etapas previstas na escola, sendo que a maioria, inclusive, já sai alfabetizada, fazendo leituras de livros e conseguindo explicar o que entendeu. E que, embora os alunos que entraram no decorrer do processo tivessem encontrado um pouco de dificuldade, no transcorrer do ano letivo já conseguiam ler pequenos textos.

Considerações finais

Ao observar as informações coletadas percebemos que as professoras que cursaram o PROEPRE trouxeram muitos benefícios à escola, tais como práticas pedagógicas mais interessantes, cooperação dos alunos, instalaram um ambiente democrático, responsabilidades compartilhadas, o que resultou em um melhor rendimento em sala de aula, maior motivação e interesse dos alunos e, especialmente, um significativo desenvolvimento cognitivo do seu alunado.

A partir desse estudo foi possível observar a importância do papel do professor na instituição, pois é a partir das intervenções que realiza dentro de cada aspecto do desenvolvimento infantil, desafiando a criança a alcançar patamares mais elaborados de abstração, de construção moral e afetividade, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada uma, é que ele obtém tão bons resultados.

Assim, podemos concluir que ter uma escola com professores que cursaram o PROEPRE parece ser uma forma interessante de construir uma educação que visa à formação de cidadãos autônomos e reflexivos, aptos a utilizar suas capacidades mentais para interagir e participar da sociedade de maneira positiva, atuante e transformadora. Afinal, sob essa ótica, esboça-se a escola que queremos - um lugar de gente. Gente que afeta e é afetado, que se relaciona, que se respeita, se desenvolve, se modifica e, assim, é capaz de modificar o mundo.

A beleza dessa escola, que aspiramos ter em sua plenitude, é sintetizada na poesia “A escola”, escrita sob a perspectiva freireana:

A ESCOLA[33, 34]

Escola é...
lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima.
Diretor é gente,
coordenador é gente, o professor é gente,
aluno é gente.
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de ilha cercada de gente por todos os lados.
Nada de conviver com as pessoas e depois
descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como o tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não e só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de camaradagem,
é conviver, é se amarrar nela.
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer;
fazer amigos, educar-se, ser feliz!
(ANÔNIMO)

Agradecimentos

Agradeço Deus, pelo dom da vida. Minha família, que sempre me incentivaram, e nos momentos mais difíceis quando tudo parecia impossível, estavam sempre ao meu lado me apoiando. Minha amiga de sala Thais Ignácio Queiroz, pela convivência e apoio em tudo que realizamos e também pela amizade construída no decorrer desses quatro anos.

Referências bibliográficas

[33] Ainda que esse poema seja atribuído a Paulo Freire, de acordo com os seus filhos "não foi escrito por ele e sim por uma educadora que estava assistindo a uma palestra dele. Com base no que ouvia, ela foi escrevendo o poema utilizando frases e ideias de Freire. No final da palestra aproximou-se dele e lhe entregou o papel, sem se identificar. Freire nunca publicou esse poema em nenhum de seus livros, embora suas ideias sobre a escola tenham sido captadas pela autora e traduzidas no poema" (INSTITUTO PAULO FREIRE).

[34] Esse poema pode ser encontrado em BARBOSA, N. V. S. **A horta escolar:** dinamizando o currículo da escola. 2. ed. Brasília: MEC/FNDE, 2007.

ASSIS, M. L. F. L. C. **A influência do curso de extensão PROEPRE - Fundamentos Teóricos e Prática Pedagógica para a Educação Infantil - na formação continuada de professores**. 2007. xxxi, 309 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ASSIS, M. Z. O. **A pré-escola brasileira:** uma nova metodologia de educação pré-escolar. 7. ed. Editora: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **PROEPRE:** prática pedagógica. 4. ed. Campinas: Book Editora, 2013.

BARBOSA, N. V. S. **A horta escolar:** dinamizando o currículo da escola. 2. ed. Brasília: MEC/FNDE, 2007.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **Perguntas frequentes.** [pergunta N. 4]. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/perguntas-frequentes>. Acesso em: 23 nov. 2016.

PROEPREEMACAO. **Vídeo promocional** – Cursos PROEPRE 2016. Disponível em: <http://www.proepreemacao.com.br/cursos-do-proepre-em-2016/>. Acesso em: 23 nov. 2016.

A CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DE LER: UMA VIA DE MÃO DUPLA

Daniele Xavier Ferreira[35]
Helena Prestes dos Reis[36]

RESUMO
Nos tempos atuais observamos poucos leitores. As informações são prontas e rápidas facilitando a escassez nos hábitos de leitura de uma sociedade que se manifesta alienada a novos conhecimentos culturais. Dessa forma, as pessoas se distanciam do ato de ler, tornando-se cada vez mais difícil a formação de leitores. A leitura é de extrema importância para a formação de cidadãos críticos e autônomos, nesta visão vale destacar a importância de constituir este hábito, ainda na infância. Para tanto, deve haver envolvimento entre família e a escola e nessa aliança, desenvolver leitores, pois são as duas instituições mais próximas dos alunos. Segundo Vygotsky (1998) as crianças aprendem pelos meios sociais em que vivem, sendo assim, o primeiro é a família ao qual está inserida, a incentivar a leitura. Na sequência o segundo grande convívio social é a escola, que deve ampliar o incentivo à leitura desde o início nos anos iniciais. Essas duas instituições são essenciais para um melhor desenvolvimento dos alunos, podendo adquirir o hábito de ler ainda na infância. Esse artigo vem apresentar a relevância dessa união no processo de incentivar a leitura e construir o ato de ler ainda na infância.

Palavras-chave: Família. Escola. Leitura. Aprendizagem.

ABSTRACT
In current times observed few readers. At information are ready and quick facilitating the shortage in reading habits a society that manifests itself alienated the new cultural knowledge. That way, people away from the act of reading, increasingly difficult becoming the formation of readers. Reading is very important for the formation of critical and autonomous citizens, this vision it is worth highlighting the importance of forming this habit, still in childhood. Therefore, there must be involvement between the family and the school, this alliance to develop readers, because are the two institutions more nearby from the students. Second Vygotsky (1998) the

[35] Aluna Daniele Xavier Ferreira do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (dani.xavier95@hotmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

children learn by social means living, and so the first is the family to which this inserted, to encourage reading. In sequence, the second great living together social is the school that should enlarge the encouraging reading from the beginning in the early years. These two institutions are essential for better development of students, may acquire the habit of reading in childhood. This article is presenting the relevance of this union in the process to encourage reading the build the act of reading in childhood.

Keywords: *Family. School. Reading. Learning.*

1.Introdução

A pesquisa realizada tem como fundamento analisar quais as maneiras que podem serem adotadas pela escola e família para auxiliar as crianças na construção do hábito de ler ainda na infância. Pois, cada vez menos as crianças estão dando a devida importância para a leitura e, muitas vezes, as duas instituições mais próximas das crianças, escola e família, ainda encontram dificuldades em constituir a formação de leitores.

Vale destacar também nessa pesquisa, a importância dessas duas instituições caminharem juntas, visando uma melhor formação no desenvolvimento da aprendizagem da criança com a construção de leitores. Essa responsabilidade acaba sendo uma tarefa difícil, pois com a facilidade de acesso às mídias e informações prontas no cotidiano social, o tempo destinado a leitura é escasso, e até mesmo o diálogo entre a família que é tão importante no desenvolvimento das crianças, se oculta com hábitos de assistir TV e a Internet.

Fermiano (2010) explica que o Brasil lidera o ranking com o maior tempo médio de navegação residencial e a maior evolução de usuários foi de crianças na faixa etária de 2 a 11 anos. Se é crescente a atividade das crianças como internautas, então, o tempo que poderia ser dedicado à leitura de livros, diminuiu. Com essa realidade, cabe a escola e a família construírem espaços que possam promover um melhor desenvolvimento no hábito de ler das crianças, pois é no seio materno que elas têm o primeiro contato com a leitura, podendo chegar a escola com maior preparo para construir novos saberes, ou seja, é necessário um elo entre a família e a escola para facilitar o processo de formação de cidadãos leitores.

Um dos pontos discutidos se fundamenta em quais possibilidades podem ser adotadas pela escola e pela família para estimular e incentivar as crianças lerem por prazer e não por obrigação, tendo em vista o desenvolvimento da formação de seus filhos e alunos como leitores.

Essa pesquisa é qualitativa exploratória, fundamentada em obras literárias como FREIRE (1982), MARTINS (2007), DOMAN (1990), SILVA (2002), VYGOTSKY (1998), LERNER (2002), entre outros. A pesquisa contará com estudo de campo exploratório realizado numa escola estadual de Ensino Fundamental, localizado em Sumaré, tendo como foco o projeto

Amigo Leitor e o Projeto Receita, projetos realizados com intuito de envolver a família no ambiente escolar e no processo da construção do hábito de leitura.

2. Fundamentação Teórica

Quando se fala em leitura, logo se constroem a ideia de mera decodificação de letras, entretanto a leitura não é somente isso, pelo contrário, vai além, se inicia bem antes do que se imagina. O ser humano tem a capacidade de ler antes mesmo de ter conhecimento da leitura convencional, ler é algo bem mais amplo, como já afirmado por Martins (2007), a leitura se inicia bem cedo, no momento em que um bebê consegue reconhecer as pessoas com as quais convive e o ambiente ao seu redor, é o primeiro contato que tem com a leitura conhecido como leitura de mundo. Esses processos iniciais de contato com a leitura irão possibilitar um melhor desenvolvimento anos depois na construção da leitura convencional.

Segundo Martins (2007), o processo de leitura conta com três níveis básicos possíveis de ser visualizado. O primeiro é o nível sensorial, quando há o contato inicial do indivíduo com a leitura, mesmo sem saber ler convencionalmente, isso ocorre através do tato, olfato, audição e paladar. Em segundo, vem o nível emocional, caracterizado pela leitura feita não por obrigação, mas sim por vontade própria. E, por fim, o nível racional, que é a leitura realizada com mais ênfase na escrita dos textos, ou seja, o leitor deve criar um diálogo maior com o conteúdo dos textos.

Através da leitura as crianças são capazes de desenvolver inúmeras habilidades como a criatividade, a imaginação e a emoção, ou seja, a leitura está diretamente interligada com a formação do indivíduo na sociedade. Desta forma, entende-se que a leitura se tornou necessário na vida dos seres humanos, porém, ainda assim, existem resistências e isso reflete na incompreensão da importância do ato de ler no processo de formação.

Nas leituras realizadas em livros, o indivíduo encontra um mundo de fantasias, podendo adquirir para sua formação numerosos conhecimentos. Em contrapartida, traz esses conhecimentos para o mundo social, criando uma relação entre eles, tornando a leitura dinâmica e prazerosa. A esse respeito, Brito explica que;

> A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão do mundo. O leitor estabelece uma relação dinâmica entre a fantasia, encontrada nos universos dos

> livros e a realidade encontrada em seu meio social. A criatividade, a imaginação e o raciocínio se sobrepõem diante deste magnífico cenário, criando um palco de possibilidades. (BRITO, 2010, p.10).

A leitura convencional é de estrema importância para a formação de um cidadão leitor e crítico, pois como já afirmado por Doman (1990, p.26), "a leitura é uma das funções mais importante da nossa vida, uma vez que todo conhecimento depende da capacidade de ler", ou seja, a leitura deve estar sempre presente no cotidiano para assim melhorar a capacidade de pensar, relacionar os conteúdos, tirar conclusões, apresentar ideias, criar soluções de cada ser humano. A facilidade de acesso à mídia e às tecnologias, especificamente, a maneira como são utilizadas por crianças, podem interferir drasticamente no hábito de ler, assim o hábito de ler acaba sendo prejudicado, ficando cada vez mais difícil criar essa prática de leitura na vida adulta.

Pensando assim, para que esse hábito de ler possa alcançar o nível de uma leitura convencional, deve ser trabalhado, primeiramente, na infância, como leitura de mundo, a forma mais prazerosa de descobrir as coisas por meio da investigação, observação, criação. Esse primeiro contato que as crianças têm com a leitura, segundo Freire (1932, p.15), é quando "a decifração da palavra flui, naturalmente, da 'leitura' de mundo particular". Isso ocorre muito antes da criança entrar na escola. Essa é uma das responsabilidades da família no processo de desenvolvimento da criança, estimulá-las a ler o mundo.

Todavia, muitas famílias ainda acreditam que a leitura tem que ser feita somente em lugares formais, rígidos, ou até mesmo em lugares preparados para isso, entretanto, não é isso que alguns estudiosos como Raimundo acreditam;

> Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias. (RAIMUNDO, 2007, p.111).

É necessário que, de maneira simples e divertida, o incentivo da família para o desenvolvimento da criança possa existir, antes mesmo das crianças começarem a frequentar uma escola, as famílias devem estar presentes em suas vidas, estimulando-as a ler, por prazer, até construírem o hábito diário de leitura em sua vida.

As crianças aprendem muito com o meio social em que vivem, sentem que as pessoas mais próximas delas são exemplos e espelhos. Elas, por sua vez, necessitam desses "espelhos" para construir sua própria identidade social. Pensando assim, porque não começar a familiarizar

as crianças com as leituras que estão a sua volta? O simples fato da criança observar um adulto de sua família com um livro em mãos, ou até mesmo um jornal de notícia, irá despertar nela a vontade e a curiosidade de ler também, segundo Vygotsky (1998) as crianças aprendem muito imitando os adultos ou com o meio social que estão inseridas.

Como nesse primeiro momento de encontro da criança com a leitura é a família que está mais próxima dos pequenos, cabe a ela trazer experiências prazerosos e dinâmicas com a leitura. Ler em voz alta, presenteá-las com livros ao invés de objetos tecnológicos, ouvi-las quando iniciarem uma narrativa das imagens de um livro, isso pode ajudá-las na construção do hábito de ler, pois para criança será bem mais gratificante saber que as pessoas que estão em sua volta estão satisfeitas com seu avanço e também ficará feliz ao conseguir retribuir à família a leitura que ela ouviu por várias vezes. Segundo Vygotsky (1998, p.110) "o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola". Elas adentram no mundo escolar com um conhecimento prévio, adquirido através das imitações observados no meio social em que vivem.

Quando as crianças ingressam na escola uma nova etapa de incentivo à leitura se inicia, pois não existe outra maneira de compreender o mundo em que se vive se não pela leitura, como SILVA (1948, p.31) afirma em livro "[...] seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente – isto ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de livro [...]". A leitura é essência para a construção de novos saberes, através dela as pessoas são capazes de descobrir novas informações, compreender e complementar informações já existentes a sua volta.

Essa responsabilidade do incentivo na construção do hábito da leitura cabe também aos professores, mesmo que pareça ser difícil auxiliar no processo de desenvolvimento, há como se organizar momentos de leitura prazerosos e dinâmicos que podem ajudar em experiências agradáveis com a leitura e, perceber que ler traz inúmeros conhecimentos. A leitura feita sem cultivar o desejo da criança em ler, não é uma prática pedagógica eficiente como se constitui no Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN's);

> [...] Precisará fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisará torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a "aprender fazendo". Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.43).

Partindo do pressuposto, que a sociedade está vivendo em "crise de leitura", e os materiais tecnológicos estão mais próximos das crianças do que o próprio livro, o desafio, então, é pensar em dinâmicas que conciliem a tecnologia à leitura de livros, apresentando-a de maneira lúdica, descontraída, estimulando-as cada vez mais para realizarem diversas leituras que o mundo proporciona, transformando a escola em uma comunidade que vai em busca de novos

conhecimentos, com pessoas mais críticas, autônoma e independente, como Lerner (2002) afirma:

> O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informações para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que considera perigosa ou injusta [...]. (LENER 2002, p.17)

A responsabilidade da formação de cidadãos leitores de acordo com Silva, além de ser da família é principalmente dos professores, e de toda a equipe gestora, porém muitas vezes essa responsabilidade acaba sendo transferida apenas para os professores de português ou alfabetizadores, destacando a ideia de que se o aluno não aprendeu a ler a culpa é diretamente levada a esses profissionais, mas a responsabilidade na formação do cidadão leitor é de todos os membros da escola, pois todos tem a obrigação de incentivar os alunos ao ato de ler, independente da matéria que o professor ministra. Como afirmado pelo autor;

> [...] por razões diversas, a responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno-leitor é deixada somente aos professores de Comunicação e Expressão. Assim, se os alunos não aprendem a ler e se existe uma crise da leitura na escola brasileira, a culpa não é do corpo docente como um todo, mas somente dos professores de Português. (SILVA 2002, p. 30).

Formar alunos leitores não é uma tarefa fácil, porém necessária. Para que uma criança se envolva no mundo da leitura e construa o hábito de ler, ela precisa de pessoas que entendam a importância que a leitura tem em sua formação, pois a criança que lê, possivelmente, se tornará um adulto leitor autônomo e crítico. Para essa formação, é imprescindível, adultos leitores a sua volta. Os alunos precisam de exemplos de leitores em casa e principalmente na escola, para construir seu hábito de ler. Foucambert afirma;

> Assim como para aprender a língua materna ou um idioma estrangeiro, aprender a ler exige estar integrado num grupo que de fato já utiliza a escrita para viver e não para aprender a ler. A primeira condição é, portanto, a heterogeneidade. Um grupo homogêneo de não-leitor dificilmente poderá oferecer a seus membros as condições de um uso real da escrita. (FOUCAMBERT 1994, p. 31)

A partir disso pode-se observar que, para a formação de um cidadão leitor, é necessário sempre a união de instituições muito importantes para qualquer pessoa: o governo, promovendo políticas públicas; a escola, assumindo sua responsabilidade e desafio para uma formação cidadã por meio de práticas pedagógicas eficientes e a família, apoiando seus filhos ao longo de sua vida escolar e acompanhando a escola lado a lado, pois a família sozinha não irá conseguir explicar para as crianças a importância da leitura em sua vida, do mesmo modo que a escola sozinha não irá conseguir fundamentar a necessidade de ser um cidadão leitor e crítico, por isso é necessário uma união constante das duas instituições.

3. Metodologia

A pesquisa qualitativa em um estudo de caso exploratório, referente a importância de incentivar a leitura, para que a construção do hábito de ler ocorra ainda na infância. Contou com referencial teórico pesquisado em livros, artigos, e documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). A observação em campo foi realizada numa escola estadual de Ensino Fundamental localizada em Sumaré SP. Durante o percurso desse estudo vale destacar a maneira que o corpo docente trabalha no foco de incentivo da leitura com as crianças, toda a equipe escolar desenvolveu, de maneira diferenciada, um trabalho incentivando a leitura das crianças e ainda envolveu a família no ambiente escolar de uma maneira indireta. A base das coletas de dados para as análises desse artigo foi o projeto conhecido como "Amigo Leitor" e o projeto "Receita".

4. Análise

Os projetos observados e analisados foram o Projeto "Amigo Leitor" e na sequência o "Projeto Receita".

Tendo em vista a importância da leitura na vida social de cada indivíduo, foi analisado o projeto "**Amigo Leito**r", que se iniciou devido à falta de incentivo à leitura na comunidade, sendo assim, a coordenadora escolar propôs um trabalho coletivo dos educadores e das famílias em busca de melhoria no desenvolvimento dos alunos, tendo por objetivo formar cidadãos leitores com a ajuda da família, pois acredita que, quando a família está envolvida no processo de desenvolvimento dos alunos, os resultados alcançados são mais relevantes. O projeto foi realizado da seguinte forma:

Os professores dos anos finais (5°ano) do Ensino Fundamental entregavam para os alunos um livro infantil para levar para casa durante o fim de semana. Esse livro deveria ser lido

e compreendido pelas crianças, mesmo as que ainda não liam convencionalmente, ou seja, todos os alunos deveriam ter em casa um adulto que ajudasse com a leitura. Como alguns alunos ainda não conseguiam ler e compreender sozinhos, ficava sob a responsabilidade da família auxiliar, incentivar e ajudá-los a ler e compreender o livro. O objetivo do projeto era envolver a família nas leituras destinadas às crianças. Dando continuidade ao projeto com o retorno dos alunos na escola.

Os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental deveriam realizar a leitura do livro que levaram no fim de semana para os alunos dos anos iniciais (2°ano) do Ensino Fundamental. Criando um ambiente diferenciado para a realização da leitura, incentivando cada vez mais a busca pela leitura fluente, podendo, com o passar do tempo, ler melhor para os amigos.

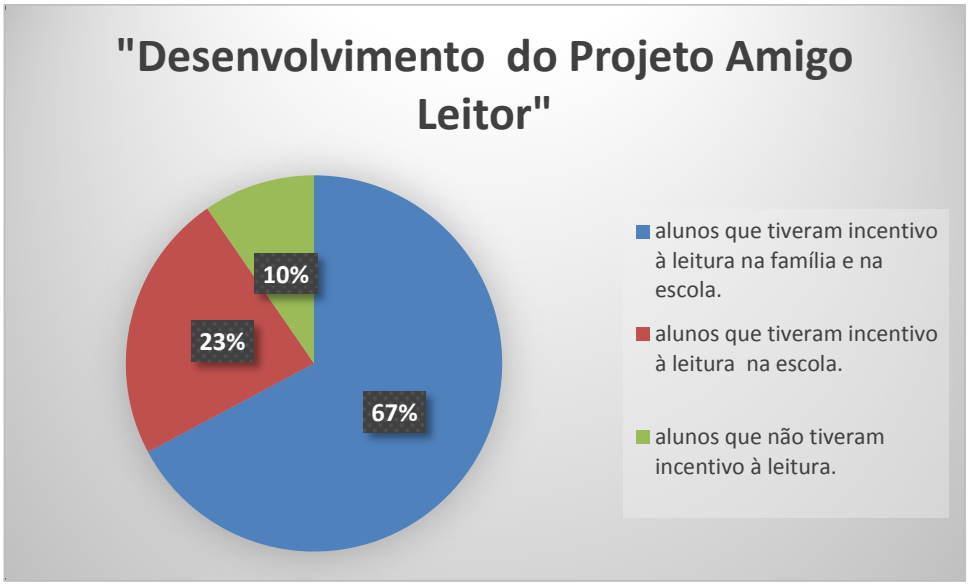
O foco do projeto era construir um elo entre a escola e família, para auxiliarem no desenvolvimento dos alunos, principalmente na construção do hábito de ler, que acaba sendo esquecido pelas duas instituições.

Segundo o relato de uma professora que realizou o projeto uma boa parte das famílias ajudava nesse processo de construção do ato de ler, porém existiam também aquelas que apresentaram dificuldade de cumprir esse papel, às vezes por falta de tempo, ou até mesmo por não serem alfabetizadas. Dessa forma, houve a percepção da enorme dificuldade dessas crianças de acompanhar as demais que tinham incentivo e apoio em casa.

Nessa etapa, entra a vez do professor intervir para suprir a defasagem através do incentivo individual, com maior atenção destinada especialmente para essas crianças, que segundo o relato das professoras, os alunos que não recebiam apoio em casa. Enquanto os outros alunos realizavam as atividades, a professora, sentava-se com aqueles que necessitavam de mais atenção, para que pudessem realizar leituras individuais. Todavia, não eram todos os professores que realizavam esse processo de incentivo à leitura na escola, alguns deles, tratavam o momento da leitura como mais uma obrigação de sala, como uma avaliação, e isso fez com que cada vez menos essas crianças se interessassem pela leitura.

Devido alguns desafios encontrados no percurso do Projeto Amigo Leitor como a não participação de algumas famílias, muitas vezes por serem analfabetas ou não ter tempo para ajudar as crianças e a resistência de alguns docentes em preparar uma aula de leitura, alegando não ter tempo suficiente, o projeto não chegou ao seu objetivo final que era atingir 100% dos alunos, incentivando-os à leitura. Como pode ser observado no gráfico 1 elaborado com base nas diagnósticas de leitura feitas com os alunos envolvidos.

Gráfico 1



Ao analisar o gráfico 1 pode-se observar que o Projeto Amigo Leitor não chegou ao 100% do esperado, portanto é notável que ajudou bastante no processo da construção do hábito de ler, como afirma pela **docente do 2° ano:** " *O Projeto Amigo Leitor contribuiu para os alunos adquirirem o hábito de leitura e despertá-los a apreciarem bons textos de diferentes gêneros*". O relato da **professora do 5° ano:** *"O Projeto Amigo Leitor estimulou os alunos a lerem com mais frequência e se tornar mais autônomos quanto à leitura, pois tinham que ler para outras crianças. "*

Numa reunião pedagógica, foram destacados os pontos positivos e negativos do Projeto Amigo Leitor. Os docentes observaram que mesmo com alguns desafios no processo do Projeto Amigo Leitor é possível notar melhoras em alguns pontos como o interesse dos alunos em lerem, em conhecer novos livros.

Porém, como não havia atingido todos os alunos e professores, decidiram implantar outro projeto, com os mesmos objetivos, ou seja, envolver a família e principalmente os docentes no processo de desenvolvimento do ato de ler, construindo o hábito de leitura ainda na infância. Ao observarem a necessidade de os alunos conhecerem diferentes gêneros textuais foi acrescentado o objetivo de apresentar para os alunos o gênero receita. O produto final do **Projeto Receita**, foi um livro de receita típico de festa junina. O projeto foi desenvolvido da seguinte forma:

Os alunos deveriam fazer uma pesquisa com a família, descobrir, escrever e apresentar uma receita de festa junina. Os professores enviaram para casa uma atividade em que cada criança trazia para a escola uma receita de festa junina conhecida pela família, essa receita tinha que ser por escrito. Na sala de aula, os docentes pediam que os alunos apresentassem a receita para os demais colegas através da leitura.

Essa atividade revelou um resultado relevante, como relatado pela **docente do 2º ano**: "*Houve a participação das famílias e colaboração da escola nesse sentido*". Ou seja, nesse projeto, de fato, ocorreu a interação e apoio da escola e da família, e, principalmente, despertou o interesse dos alunos em conhecer novos tipos de leitura, o envolvimento da família no ambiente escolar refletindo um melhor empenho dos alunos.

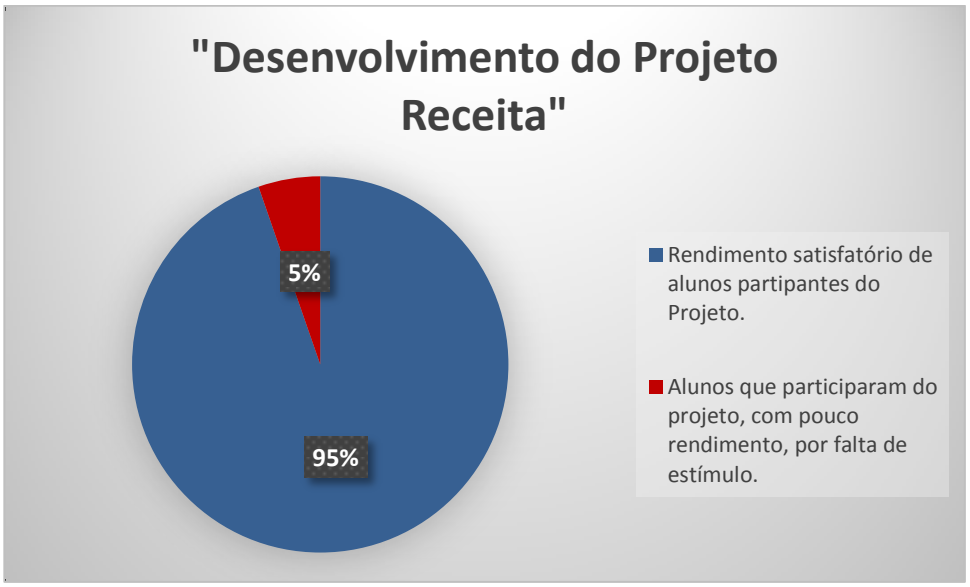
Um ponto bem interessante que vale destacar aqui é a mudança de comportamento de um aluno específico, na sala de aula do segundo ano. Ele era muito inquieto, o primeiro a terminar as atividades e após atrapalhava muito o rendimento da sala. O único momento em que ficava concentrado era exatamente ao ouvir a leitura que os colegas realizavam. Porém não tinha o hábito de pegar livro para ler. Após esse incentivo, ele construiu o gosto pela leitura, e passou pegar livros no "cantinho da leitura" (construído para incentivar os alunos a lerem nos momentos vagos) quando terminava as atividades, se concentrava nas histórias e não mais atrapalhou o rendimento dos outros.

Ao analisar os dois projetos vale destacar que a escola e a família necessitam caminhar sempre juntas, cada uma cumprindo o seu papel, porém em constante sintonia. Como observado no projeto Amigo Leitor alguns alunos não tiveram uma evolução satisfatória, pois algumas famílias e alguns docentes apresentaram dificuldades em incentiva-los. Porém, o projeto Amigo Leitor contribuiu para uma melhor visualização da necessidade de trabalhar com a leitura de diferentes gêneros textuais e, principalmente abriu caminhos para novos projetos ou atividades de leitura como o Projeto Receita, que surgiu em consequência da avaliação do projeto anterior.

A persistência da escola em seguir seus objetivos quanto ao incentivo de leitura, mostra que é preciso ter várias estratégias para atingir os objetivos, assim como, a família precisa de tempo para incorporar essa necessidade.

No segundo projeto houve maior participação de ambas as partes e o resultado foi maravilhoso. Os pais enviaram para a escola as receitas, as crianças que os pais não conseguiram escrever por serem analfabetos ou por falta de tempo, tiveram auxílio dos docentes, juntos, desenvolveram receitas para serem inseridas no livro. Diferentemente do projeto Amigo Leitor, o Projeto Receita teve uma interação melhor entre a escola e a família ajudando no processo de desenvolvimento do ato de ler, havendo um resultado satisfatório, como podemos observar no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2:



Após a observação dos dois gráficos representando o desenvolvimento do Projeto Amigo Leitor e do Projeto Receita, pode-se analisar que o Projeto Amigo Leitor teve um menor rendimento, isso se dá pelo fato de não ter havido o envolvimento necessário da escola e da família.

Já no Projeto Receita teve um maior envolvimento de ambas as partes, por isso o resultado foi positivo. Depois desses projetos de leitura pode-se observar que os alunos criaram autonomia, a biblioteca da escola começou a ficar mais movimentada, uma vez que, os alunos, por vontade própria, passaram a frequentá-la em busca de livros, tornando a leitura cada vez mais próxima das crianças.

Além disso, é notável as mudanças nas ações e procedimentos de leitura propostas pelos docentes para desenvolver futuros leitores.

Esses projetos de incentivo à leitura não atingiram somente os alunos, mas de uma maneira geral conseguiu atingir a comunidade escolar e familiar, refletindo em um melhor desenvolvimento dos alunos como relatado pelas docentes envolvidas nesse processo.

Docente A do 5° ano: " *foi um projeto muito bom, pois houve aceitação por parte dos alunos e também das famílias. Estimulou o desejo de novas leituras dentro e fora da escola; ampliou o vocabulário dos alunos.* "

Docente B do 5°ano: "*Foi um projeto muito bom, onde leva os alunos a ter maior interesse pela leitura, faz com que os mesmos passem a ler para os pais e a gostar de ler bons livros*. "

Docente do 2° ano: "*Os projetos foram muito gratificantes tanto para os professores como para os alunos e também para as famílias. Só houve acréscimo na formação de todos,*

pois estimulou a leitura fluente; ampliou o gosto pela leitura; desenvolveu a atenção concentração dos alunos em sala de aula; ampliou o repertório de livros e vocabulário".

Através dessas afirmações apresentadas pelos docentes pode-se concluir que os projetos Amigo Leitor e Projeto Receita foram relevantes para alunos e todos os envolvidos. Para a atuação dos professores foi destacado que revissem suas ações e procedimentos para o incentivo à leitura dos alunos. Que, por sua vez, despertaram o gosto e a vontade de ler, podendo tornar um hábito em suas vidas. Com todo o estudo realizado, conclui-se que é necessário o envolvimento constante da Família e da Escola.

5. Considerações Finais

Ao desenvolver a pesquisa pode-se observar a importância da leitura na vida social dos cidadãos. Porém, mesmo sabendo dessa necessidade da construção do hábito de ler, ainda existe a crise de leitura na sociedade. Para que essa situação possa ser transformada e ter cidadãos leitores cabe a escola e a família incentivar a leitura ainda na infância, podendo formar leitores.

Acreditando que a escola e família são responsável por essa formação, a infância pode ser o melhor momento para o incentivo à leitura, pensando nisso, a pesquisa foi desenvolvida com intuito de apresentar a importância desta aliança para a construção do ato de ler ainda na infância.

Desse modo, como a família é o primeiro lugar que as crianças têm o contato com a leitura, sendo a leitura de mundo em que está inserida, a família é responsável por apresentar para as crianças de maneira divertida e aconchegante a leitura convencional, através de uma leitura realizada por um adulto, ou um presente que possa incentiva-las a ler, com o objetivo de despertar o interesse delas à leitura.

Quando os alunos ingressam na escola, cabe não somente aos professores, mas sim toda equipe gestora incentivá-los a ler cada vez mais, desenvolvendo leituras diferenciadas que possam despertar nas crianças a vontade e o interesse de ler por prazer, e não como mais uma obrigação de sala de aula. Esse incentivo à leitura deve permanecer pelas duas instituições até que as crianças desenvolvam a autonomia na leitura e construa o hábito de ler.

Os projetos analisados, nessa pesquisa confirmaram a necessidade da escola e da família estar em sintonia constante no processo de construção do hábito de ler na infância.

O 'Projeto Amigo Leitor' como não atingiu todas as pessoas que deveriam estar envolvidas no projeto (escola, família e alunos), não alcançou o objetivo total, de forma que a avaliação final criou a oportunidade de um novo Projeto.

O ‘Projeto Receita’, realizado a partir da avaliação do projeto anterior, conseguiu rever seus erros e acertos, por isso teve a participação de ambas as partes, com resultado satisfatório, ou seja, confirmando que a escola e a família devem estar sempre trabalhando juntas no processo da construção do hábito de ler.

Entretanto, mesmo sabendo que existe a responsabilidade da família e da escola auxiliar os alunos no processo da construção do ato de ler, ainda existe a realidade encontrada na sociedade que é um dos maiores desafios para conquista de leitores ativos e críticos.

O maior desafio encontrado nas famílias é a dificuldade de acompanhar os alunos no seu desenvolvimento, muitas vezes por falta tempo, pois os responsáveis precisam trabalhar para sustentar a família, ou até mesmo pelo fato dos familiares serem analfabetos.

Quanto ao maior desafio da escola, são os docentes que não conseguem olhar para essas crianças que vivem nessas realidades com um olhar cuidadoso. É preciso entender que quando o aluno não atinge os objetivos estabelecidos, pode ser em função do contexto social e da realidade que vive. E por ter dificuldade de compreender a realidade do aluno acabam cobrando algo que ele não consegue responder. Essa cobrança excessiva acaba demonstrando aos alunos que a leitura não passa de mais uma obrigação de sala de aula e que não tem sentido significativo para sua formação.

Após todas as pesquisas e análises realizadas, pode-se concluir que a escola e a família devem sempre trabalhar juntas auxiliando e desenvolvendo maneiras diferentes de incentivo à leitura, pois a escola sozinha não consegue formar cidadãos leitores e a família não estando presente se torna mais difícil esse objetivo, para formar uma criança leitora é preciso formar uma sociedade leitora. E mais uma vez vale repetir, mesmo sabendo da necessidade do hábito de ler na vida dos adultos e principalmente na vida de cada criança, não se pode fechar os olhos para a realidade social em que os alunos estão inseridos.

6. Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida e por proporcionar sabedoria e discernimento para concluir mais essa etapa.

A minha família e todos meus amigos que sempre me ajudaram e me apoiaram nessa longa e árdua caminhada.

A minha Orientadora Helena Prestes dos Reis pela paciência, comprometimento e competência que, ao longo do percurso me auxiliou, mostrando o melhor caminho a seguir nesse processo tão importante para minha formação.

Os desafios dessa jornada culminaram numa grande conquista, que foi possível porque essas pessoas maravilhosas estavam comigo em todos os momentos. Sem vocês nada disso seria possível.

7. Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 1997.

BRITO, D.S**. A importância da leitura na formação social do indivíduo.** Disponível em: http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf. Acessado em 08 abril. 2016.

DOMAN, G. **Como ensinar seu bebê a ler.** 6ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1990.

FERMIANO, M, A. B **Pré-adolescentes ("tweens") - desde a perspectiva da teoria piagetiana à da psicologia econômica.** 2010. 545 F (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2010

FOUCAMBERT. J. **A leitura em questão.** 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** 46ª ed. São Paulo: Cortez, 1982.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola o real, o possível e o necessário/** Delia Lerner; Trad. Ernani Rosa. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

RAIMUNDO, A.P.P. **A Mediação na formação do leitor.** Disponível em: http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/010.pdf Acesso em: 28 mar. 2016.

SILVA. E. T. **O ato de ler fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 9ª ed. São Paulo: 2002.

VYGOTSKY. L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**/ L. S Vygotsky; organizadores Michael Cole; Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

LEGO DESENVOLVIMENTO NA PRATICA DA APRENDIZAGEM EM MATEMATICA

Luana Marques Vulcani Bispo[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
O objetivo desse estudo é analisar, investigar e compreender a integração do material Lego ao ensino da matemática, o qual auxilia na aprendizagem e desenvolvimento imaginário, criativo, social. Proporciona uma interação divertida com jogos e brincadeiras construindo conceitos matemáticos, e nas contribuições e realizações da melhora na coordenação, estimulando o raciocínio lógico, para uma aprendizagem apreciada no desenvolvimento. Observar as inquisições desse material junto ao ensino da matemática que deve ser parcialmente, inserida no ensinar na compreensão e armazenamento das experiências vivenciadas dentro da sala de aula. Tendo a participação integrada no convívio com opiniões diferentes, no conceito lúdico dentro do âmbito escolar. Com observação direta em sala de aula em uma escola da região de Sumaré-SP, embasando uma fundamentação teórica com autores que defendem essa temática.

Palavras-chave: Peças de Lego, Desenvolvimento de Aprendizagem, Ideias Matemáticas.

ABSTRACT
The aim of this study is to analyze, investigate and understand the integration of Lego stuff to the teaching of mathematics, which helps in learning and development, creative, social imaginary. Provides fun interaction with fun and games building mathematical concepts, and the contributions and achievements of improved coordination, stimulating reasoning, learning appreciated for a logical development. Observe the inquisitions of this material by the teaching of mathematics that should be partially inserted into the teaching and understanding of experienced storage inside the classroom. Having integrated participation in coexistence with different opinions, in the playful concept within the school. With direct observation in the classroom in a school in the region of Sumaré-SP, being a theoretical foundation with authors who defend this theme.

Keywords: *Legos, Learning Development, Mathematical Ideas.*

[1]Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova

Odessa, SP, Brasil. (e-mail: luanavulcani1@gmail.com).
[1]Graduada em Pedagogia UNISAL; 1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

O objetivo desse estudo é atenuar a aprendizagem da matemática com praticas e vivencias dos alunos, e como fica relevante esse desenvolvimento com o auxilio dos princípios do material Lego para constituir o ensino com conceitos em grupos e aprendizagem significativa.

Socializando o aluno com esses jogos agrega estímulos e criatividades aumentando a curiosidade em aprender, como lidar com matemática ativando seu raciocínio logico. Aprender se divertindo passando horas agradáveis, brincando se constituí brincadeiras, trazidas com o material da lego, cujas atividades são projetos com objetivos de um produto ser construído pelo grupo e suas funções despertando sua inteligência e despertando suas habilidades.

O desenvolvimento da criança é construtivo, no decorrer dos seus desafios, aprendendo diferentes soluções e desenvolvendo tecnologia em sua própria interatividade..

As intervenções do material Lego para o desenvolvimento na aprendizagem da matemática, são habilidades e desenvolvimento que a própria criança terá, na hora de se relacionar com os números, com uma realização utilizada, no concreto para o convívio escolar trabalhando com o lúdico.

Envolver o Lego junto à matemática, é preciso ter algumas inquisições em vista, como ensinar matemática com o lego? Quais são as reais necessidades dos alunos? Quais materiais utilizar?

O lego no ensino da matemática, é a integração de uma conversação que se inicia a uma exploração de números, que se formam realizações desenvolvidas ao mundo lúdico e uma inclusão de jogos e brincadeiras que dão desenvolvimento a articulação do cognitivo e a motricidade. Brincando a criança aciona o raciocínio logico, voltada com a resolução de problemas, que ela irá encontrar no decorrer de seu desenvolvimento na fase de sua aprendizagem.

Contribuições e realizações com o material da Lego, conta com a melhora da coordenação, estimulando o raciocínio logico, para uma aprendizagem apreciada no desenvolvimento. Tendo a participação integrada dentro do convívio com outras crianças, com o conceito lúdico dentro do ambiente escolar. As inquisições desse material junto ao ensino da matemática devem ser parcialmente, inserida no ensinar na compreensão e armazenamento das experiências vivenciadas dentro da sala de aula. As necessidades dos alunos é a falta de envolvimento com o mundo lúdico.

A reflexão do objeto concreto e a execução de ações praticam, justificam os meios da definição de funções de regras variadas. Espaço criado para que eles se adequem a apreciação de atividades e a habilidade motora básicas, causando possíveis combinações que de resultado juntamente com o convívio de atividades exercitando a pratica do conhecimento.

Pesquisa qualitativa cm observação direta na Escola Estadual Prof.ª Ivani Aparecida Queiroz Perez na região de Sumaré, relatar e analisar as aplicações do material Lego em suas atividades e desafios propostos em sala de aula no desempenho e o desenvolvimento de ensino na aprendizagem dos alunos., com bases na fundamentação teóricas, com obras de autores como VYGOTSKY (2003), KISSHIMOTO (2006), entre outros.

Fundamentação Teórica

É perceptível que no envolvimento com o lúdico, quase sempre tem algo que possa despertar a curiosidade, qualquer tipo de jogos ou brincadeiras. São relativamente todos os tipos de jogos, como por exemplo, as atividades com o material da lego. Podendo colocar em pratica o que o aluno já sabe e construir novos conhecimentos com as propostas das atividades.

Entretanto esse jogo era vistos apenas, para montagem de castelos, caminhões e etc. eram apenas para o funcionamento de brinquedo, de brincar em coletividade, de ter espaço na conversação e distribuição de peças. Ver que eram bem convincentes essas peças de legos, para o uso na matemática. Segundo Kishimoto (2006 p. 13) "Tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente". A sugestão de trabalhar com as peças de lego, associado com a matemática. Tendo formas de calcular fracionar, dividir, fazer resoluções em problemas, descobrir números, quantidades, enfim, uma serie de fatores encontrados no jogo, ampliando ainda mais. A inovação na de ensinagem matemática com esse material.

Os hábitos de jogos relacionados com a brincadeira vêm sendo aplicados no decorrer do aprendizado da criança, é preciso que seja elevada a necessidade oportunos a aproximação da criança com resultados específicos aos conhecimentos em suas atividades. Segundo Kishimoto (2006 p. 13) "Tais jogos, embora recebessem a mesma denominação, tem suas, especificidades". Compreender a participação, da intervenção do jogo, possibilita a conciliação de ideias ao uso da criatividade para o pensamento logico.

Segundo kishimoto (2006 p. 15) "Para aumentar a complexidade do campo em questão, entre os materiais lúdicos alguns são usualmente chamados de jogo, outros, brinquedos. Qual é a diferença entre jogo e brinquedo?".

Os alunos de um modo geral estão, conhecendo a matemática e a ampliação do domínio, que trará resultado e as tarefas realizadas. A diferença entre o jogo e o brinquedo é que dão significados atribuídos a um sistema de regras, que chegam a um objetivo, que por certa vez espera-se o resultado. Incluindo o envolvimento a linguagem de cada contexto, funciona dentro da participação com todas as crianças, e a atenção que eles dão ao processo do sistema funcional, e notável. A influencia do professor é bastante participativo na evolução dos conceitos matemáticos e numéricos, para induzir o avanço e a evolução das crianças, pois transmite confiança e carinho. De acordo com Kishimoto;

> No primeiro caso, o sentindo do jogo depende da linguagem de cada contexto social. Há um funcionamento pragmático da linguagem, no qual resulta um conjunto de fatos ou atitudes que dão significados aos vocábulos a partir de analogias. As línguas funcionam como fontes disponíveis de expressão. Elas exigem o respeito a certas regras de construção que nada tem a ver com a ordem do mundo. A designação não tem por objetivo compreender a realidade, mas manipulá-la simbolicamente pelos desejos da vida cotidiana. A noção de jogo não nos remete á língua particular de uma ciência, mas a um uso cotidiano. Assim, o essencial não é obedecer á logica de uma designação cientifica dos fenômenos e, sim, respeitar o uso cotidiano e social da linguagem, pressupondo interpretações e projeções sociais (KISHIMOTO 2006 p. 16).

É verdade dizer que as crianças em geral, prestam atenção na diversão, no que propriamente as atividades que ensinam a matemática. É claro que elas gostam de visualizar o brinquedo, no caso o jogo com peças de lego, mas elas também criam o máximo de atenção para nas atividades que o professor relaciona junto a elas. Seguem as sequencias, para não passar a despercebido, porque eles dominam a área do domínio de números, principalmente na área da matemática, é visto por eles um modo mais fácil de aprender e socializar na conversação do professor.

Na aprendizagem é possível dizer que o professor mediador demonstra a eles as formas das peças do jogo, para eles inserirem junto aos números, na realização e finalidades bem mais amplas, aos resultados. É notável a motivação e a transcendência dos alunos motivados a superação cognitiva, que são importantes para seu sucesso escolar, dentro e fora do ambiente.

De acordo com Kishimoto (2006 p. 17) "Tais estruturas sequenciais de regras permitem diferenciar cada jogo, permitindo superposição com a situação lúdica, ou seja, quando alguém joga, esta executando as regras do jogo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo uma atividade lúdica". Para as crianças é sempre notável que a integração das peças de lego trazem e permitem que a sequencia na sua modalidade. Segundo Vygotsky;

> A infância pré-escolar é o período da vida em que o mundo da realidade humana que cerca a criança abre-se cada vez mais para ela. Em toda sua atividade e, sobretudo, em seus jogos, que ultrapassaram agora os estreitos limites da manipulação dos objetos que a cercam, a criança penetra um mundo mais amplo, assimilando-o de forma eficaz. Ela assimila o mundo objetivo como um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com eles (VYGOTSKY, 2003 p. 59).

Utilizando as atividades propostas da lego, para ensinar a matemática, os alunos desenvolvem uma fixação de aprendizagem, e especialmente a participação voluntaria. Enquanto observam e ao mesmo tempo estão utilizando as peças, a atenção dobra e junto a curiosidade que se faz presente, estão estudando ampliando sua criatividade e seu desempenho na realização das atividades.

Segundo Kishimoto (2006 p. 19) "A infância é, também, a idade do possível. Pode-se projetar sobre ela a esperança de mudança, de transformação social e renovação mora". A utilização das peças traz benefícios, preciso na ação de compreender e na hora de aprender a divisão, ficando simples e chamativo devido o colorido que as peças trazem aos olhares das crianças, além de trazer a compreensão o divertimento, com as peças, facilitando a sua aprendizagem.

Assim também se faz nas frações, que representa números inteiros e as peças do lego vem facilitar o entendimento, dessa fração. Ficando mais divertido, porque se aprende brincando, sendo sucessível também com outras operações como subtração e soma. Com as peças de lego os alunos, dividem o material, usam o colorido fazendo a soma, e sucessivamente, também dessa forma que é feita a subtração usando as cores que o brinquedo traz, seus resultados nas definições do jogo. Na aritmética, também foi desenvolvido a articulação com as peças, somar os números e pela quantidade dividir as peças do lego. Conforme a Kishimoto;

> O fabricante ou sujeito que constrói brinquedos neles introduz imagens que variam de acordo com a sua cultura. Cada cultura tem maneiras de ver a criança, de tratar e educar. Entre as antigas concepções, a criança, vista como homem em miniatura, revela uma visão negativa: a criança é um ser inacabado, sem nada especifico e original, sem valor positivo. É contra essa visão que, a partir do século XVIII, Rousseau, em Emilio, defende a especificidade infantil, a criança como portadora de uma natureza própria que deve ser desenvolvida (KISHIMOTO 2006 p. 19).

Relevância do jogo, com peças de lego, destaca o papel na aprendizagem na educação, desempenhando o futuro das crianças, para um adulto com empenho e construtivo, diante da boa formação que teve ainda no inicio da sua aprendizagem. Porem a brincadeira sendo uma atividade alegre e bem posta constrói incentivo e prazer à criança, pois sua imaginação transporta a vários lugares, e a maioria das vezes em coletivo. Pois a criança divide o espaço e o seu intelectual com outra, participando do ambiente e dos jogos juntas. De acordo com Kishimoto (2006 p. 19) "O brinquedo propõe um mundo imaginário da criança e do adulto, criado do objeto lúdico. No caso da criança, o imaginário varia conforme a idade: para o pré-escolar de 3 anos, está carregado de animismo; 5 a 6 anos, integra predominantemente elementos da realidade".

A brincadeira da criança é interessante, porque empenha integralmente, em especialmente em sua imaginação. Trazendo uma imagem, que reflete possíveis projeções, a uma infância com imagem associada a algum lugar que destacou em sua vida, algo que a reflete alguma visão em seu desenvolvimento e com ela algum jogo que deve ter acompanhado juntamente com seus colegas, e previamente algum que marcou em suas vidas. Conforme Kishimoto;

> A imagem de infância é reconstituída pelo adulto por meio de um duplo processo: de um lado, ela esta associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade, e, de outro, depende de percepções próprias do adulto, que incorporam memorias de seu tempo de criança. Assim, se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada, também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância. A infância expressa no brinquedo contém no mundo real, com seus valores, modos de pensar e agir e o imaginário do criador do objeto (KISHIMOTO 2006 p.19).

A inclusão das peças de lego é levada ao desenvolvimento e integração da criança, de uma forma condizente e dentro do convívio escolar, trabalhando com empenho, e desenvolvendo com qualidade o lúdico. Pois a criança necessita de um apoio, e orientação das formas que lhe são cabíveis a conduzir esse jogo. E é claro sendo incentivadas para que cada vez mais sejam situadas em todos os processos de aprendizagem e exercícios. A estrutura da atividade lúdica ocasiona a ação que determina necessárias condições para a ação. Entretanto nas oficinas robóticas, o ensino colaborativo e avaliado em questão de forma continua o raciocínio logico. Ativando o trabalho em equipe, dando autonomia e responsabilidade, para uma chegada aos conteúdos robóticos. Com os participantes em ativa, o professor tem mais desempenho em propor para os alunos as atividades, seguidas com as peças de lego, ou usando o visual de que como funcionam as operações.

A ludicidade tem pratica de um papel importante, no decorrer da infância da criança, demonstrando a para situações de compreensão, de acordo com sua necessidade e vontade de aprender, conhecer cada vez mais, conhecer tudo que esta ao seu redor, considerando que elas estimulam suas habilidades, sua forma de agir, de conviver e elaborando sua construção de ideias ao seu potencial na desenvoltura, que a leva para o mundo da imaginação e criação. Trazendo á para aprendizagem, utilizando varias habilidades, dentre elas as motoras, físicas intelectuais e cognitivas. O conteúdo das brincadeiras pode variar de acordo com cultura infantil de cada criança, mas a essência do brincar mantem firme em todas as culturas, nacionalidades para todas as crianças, inclusive as portadoras de deficiências.

Atividades recreativas são ativadas no próprio consciente da criança, divulgando o que ela mesma recebe, pode e deve aprender em seu cotidiano. Além do estimulo, constrói uma visão favorável, que defini objetivos e metas, relacionadas ao modo como se brinca com as peças de lego, motiva libera inicio de combinações das habilidades em manipular e proporcionarem descobertas no desenvolvimento atribuído pelo jogo. Segundo Vygotsky; "é preciso acentuar que a ação, no brinquedo, não provém da situação imaginária, mas, pelo contrário, é essa que nasce da discrepância entre a operação e ação; assim, não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela" (2003 p. 127).

A brincadeira de certa forma, ativa a imagem enriquecida que a criança tem de ver sobre tudo aquilo que ela aprende e desenvolve, utilizando referencia que vinculam no seu imaginário de uma forma lúdica.

De acordo com kishimoto (2006 p. 21) "Por tais razões, o brinquedo contém sempre uma referencia ao tempo de infância do adulto com representações veiculadas pela memoria e imaginação". Na infância da criança, a ludicidade traz papel importante em situações na vida da criança. São momentos únicos que devem ter uma boa coordenação em todos os momentos na vida dela.

Elaborando uma construção de ideias ao seu possível potencial construtivo e considerando suas habilidades no desenvolvimento e motivação em sua forma de transição e reflexão, executando ações praticas e cognitivas.

Metodologia

Essa pesquisa se qualifica qualitativa cm observação direta na Escola Estadual Prof.ª Ivani Aparecida Queiroz Perez, na região de Sumaré SP, com estudo exploratório em campo, analisando a pratica do incentivo da intervenção do uso do material LEGO dentro da sala de aula e elaborando questionário com a professora.

Tendo bases fundamentadas teóricos, com obras de autores citados nesse estudo. Essa analise tem como objetivo em por em práticas de incentivos a construção interativa dentro de salas de aula, auxiliando o aluno ao envolvimento da matemática, trazendo propostas significativas a criança.

Analise de dados

Os alunos podem associar combinações com as peças do lego e buscando números, que tem alguma associação, e assim irão fazendo contas de dividir, somar, aprendendo como lidar com a matemática, mas ao mesmo tempo brincando. O lego traz combinações, maravilhosas que elas gostam de aprender, as cores fortíssimas. Eles vão combinando o numero de peças que precisam, e junto vão operando de forma lúdica. Na construção do processo da matemática,

aplicar as intervenções, com os jogos na sala de aula é uma pratica para a habilidade da articulação, com evolução na aprendizagem.

No mundo faz de conta delas, as cores tem o papel principal, da articulação e do mundo fantástico do lúdico, brincando se diverte, e o material Lego é um dos brinquedos possibilitados no desenvolvimento das crianças.

Foram observadas na Escola Estadual Prof.ª Ivani Aparecida Queiroz Perez em sala de aula, do quarto ano, que a intervenção das peças do Lego na matemática conseguiam desenvolver, uma aprendizagem significativa e envolvente para as crianças.

Dividimos em grupos:

Foi trabalhado com a organização, raciocínio logico, operações, frações e habilidade na aprendizagem, cada grupo teria uma função diferente para fazer. Uma delas seria soma o outro grupo a fração, subtração, multiplicação em habilidades na aprendizagem.

Primeiro grupo é a **Soma**; Utilizando às peças como intervenção á matemática, sendo que á criança, constrói utilizando as peças do Lego, diferentes formas, conseguindo colocar um por cima do outro para construir uma figura, com 06 botões, outra com 02 botões e assim sucessivamente. Ela pode verificar que 04 botões, mais 04 botões da igual a 08 botões, outra atividades com uma peça de 02 botões e outra peça com 08 botões, dando o resultado de 10, ou outra atividade utilizando a peça de lego, na horizontal, possuindo 08 botões, com mais 08 botões também na versão horizontal, dando o resultado esperado de 10 boatozinhos, verificando a propriedade comutativa da adição.

Segundo grupo **Fração**: O aluno aprende que tem o inteiro e que ele vai repartir em partes iguais. Utilizando as peças, como varias formas de figuras que tenha os números, por exemplo: peças de 02, 04, 06, 08, que venham auxiliar no uso da matemática, para a criança fazer sua construção como esses números, na formação de capacidades na estrutura do pensamento e raciocínio logico. Os números montados por eles são: ½ - 2/2 - 2/4 ¾ – 1/8 – 10/10 - $\frac{1}{2}$, $\frac{2}{2}$, $\frac{2}{4}$, $\frac{3}{4}$, $\frac{1}{8}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{10}{10}$.

Na soma da fração o aluno compreende que deve pegar essas partes e juntar formando um inteiro, utilizando as peças de Lego com 1/4 botões e foram somados mais 1/4 botões, em seguida juntamos as peças que deram o resultado 2/4 botõezinhos.

$$\frac{1}{4} + \frac{1}{4} = \frac{2}{4}$$

Terceiro grupo **Subtração**: Seguindo a mesma frequência das peças do Lego, a criança irá utilizando as formas das figuras, retirando a peças, por exemplo: peça de 04 botões, menos peças de 02 botões, é o equivalente á 02 botões. Outra atividade de 08 – 04 = 04 são utilizadas as peças como interferência de uma peça de 08 botões menos outra peça com 04 botões, o resultado é de 04 botões. As crianças vão se envolvendo dentro da aprendizagem das descobertas dos números, aprendendo brincando.

Vão fazendo suas atividades concentradas em acertar, desenvolvendo a troca das peças entre eles,

Quarto grupo **Multiplicação:** Da mesma forma com a utilização das peças do Lego a criança vai associando e fazendo a intervenção dos números de vezes que irá multiplicando os números. Através da construção das peças que as crianças fizeram, elas vão multiplicando as peças, contanto o numero de vezes que seriam somados.

2 x 2 = **4** 2 + 2 = **4** 3 x 3 = 6 3 + 3 = **6** 4 x 4 = **16** 4 + 4 + 4 + 4 = **16**

Através da construção das peças do Lego, é feita a seleção de números, organizando a relação de exercícios a serem feitos. De acordo com as atividades, o processo de ensino foi relativamente surpreendente, porque eles tiveram êxito no desenvolvimento e nas atitudes observadas.

A atividade foi observada, com o jogo proporcionando a criança o prazer brincando em aprender, e se relacionar com outras crianças, sendo comunicativos, dando habilidade engajando em um exercício estimulando o interesse, da criança, desenvolvendo seu raciocínio logico. De acordo com Macedo/Petty & Passos (2005 p. 14) "O brincar é serio, uma vez que supõe atenção e concentração. Atenção no sentindo de que envolve muitos aspectos inter-relacionados, e concentração no sentindo de que requer um foco, mesmo que fugidio, para motivar as brincadeiras".

Obtiveram benefícios, com estimulo, habilidade com capacidade de fazerem as operações, desenvolvendo no cognitivo e raciocínio lógico. Utilizando as peças do Lego como intervenção na matemática, expressaram uma reflexão sobre a lógica, para entender as dificuldades, que iam aparecendo ao longo da atividade.

Alguns deles conseguiram logo de imediato, outros tiveram duvidas de como fazerem o exercício, e os outros que conseguiam entender de imediato ajudaram os outros a compreender, no processo da construção, obtendo habilidade enfrentando situações de problema. Porem todos os alunos teve êxito na construção de suas atividades, elaborando seus exercícios tendo compreensão no raciocínio. Tiveram desempenho na elaboração, soluções de desafios, trocando ideias com seu grupo envolvendo participação e foco nas atividades. O conteúdo trabalhado, pelo professor foi intensamente para a criança dentro do seu espaço, e na ludicidade social.

A essência é a participação com jogos qualquer atividade pedagógica, sendo a base estrutural de determinados aspectos relativos ao projeto de trabalho considerado. As atividades devem ser posta em serie adição, propriedade de fração, sendo associados na intervenção da matemática. Com as peças de Lego é muito mais fácil e eficiente em aprender por meio de jogos, sendo que são para todas as idades, representando conquista cognitiva, emocional e o estimulo para o raciocínio logico.

A importância é valorizar o lúdico no processo de aprendizagem, os métodos tradicionais de ensino não estão atraindo as crianças de hoje em dia, pois elas têm uma grande necessidade de participar, questionar, atuar. Por isso é inviável que os educadores atualizem para conseguirem acompanhar essas mudanças constantes, para que seja uma ensinagem motivadora.

"Segundo Macedo/Petty e Passos (2000 p; 22) "O trabalho com jogos tornar-se mais produtivo se são realizadas, com os alunos, analises da experiência do jogar e suas implicações, ou seja, valoriza-se a conscientização das conquistas e sua generalização para outros contextos".

Considerações Finais

Esta observação e pesquisa, vimos que a instituição escolar tem objetivos em projetos fundamentais, a importância em aplicar os jogos de peças de Lego para a intervenção da matemática, integrando a criança na construção dos números dentro da ludicidade, seja em todas as series iniciais, no ambiente escolar.

É importante considerar que o educador, ou professor esteja sempre atualizado com as mudanças de época, para que possam acompanhar as crianças de acordo com o ensino que estão tendo dentro da sala de aula. A motivação constante, para que seja inovadora a participação e compreensão do educador. No entanto o acompanhamento é existente sempre, que nas praticas

haja planejamento, para elaborar as atividades. O objetivo é estimular as crianças, a um progresso compartilhado na ação, aplicação no desenvolvimento e na aprendizagem concentrada no ensino nas estruturas, fazendo o uso dessa possibilidade ponto básico para alcance dos alunos, se aproximarem da matemática.

Preciso e relevante em outros gêneros e significativos, é preciso ter visões de longa distancia, para objetivos e metas, buscando sempre informações para adequação dos conteúdos obtendo avanços nesses objetivos com proposito de evoluir nos ensinamentos do desenvolvimento e rendimento escolar.

A intervenção dos jogos e brincadeiras deve ser considerada de grande importância para todas as atividades e exercícios. É fundamental para o desenvolvimento na aprendizagem da criança, pois são resultados obtidos no rendimento em matemática, que as motivam para ideias ricas, tendo outro conceito a essa matéria que algumas crianças encontram dificuldade, na sala de aula. A autora afirma que a professora ou os educadores devem motivar, atrair a atenção da criança, para que ela aprenda com métodos inovadores. Segundo Lopes diz que;

> Os educadores muitas vezes se perdem e não consegue mais atrair a atenção, motivar seus alunos, pois se o educando mudou, o educador também precisa mudar. Os métodos tradicionais de ensino estão cada vez menos atraentes para a criança, ela quer participar, questionar, atuar e não consegue ficar horas a fio sentada ouvindo uma aula expositiva (LOPES, 1999 p. 22)

Os alunos precisam de professores incentivadores e motivadores, renovados para que possa atualizar métodos, para convencer a criança de maneira compreensível, participativa entre todos os conteúdos que tiverem a pratica maior de serem aprendidos. O objetivo de atualizar e engessar a criança na matemática é vê-la bem sucedida e avançada dentro das praticas educacionais.

É preciso ser eficaz as estruturas cognitivas, para o avanço que expressam a iniciativa de tomarem as decisões em qual quer atividade, e a compreensão do exercício a ser executado com sucesso. Algumas dificuldades são encontradas durante a elaboração dos exercícios, quando se usa a intervenção, a criança começa a perceber que é fácil condizer com a situação do problema, e realiza essa dificuldade que amedronta, havendo possibilidade em superar as dificuldades encontradas. A intervenção com jogos e brincadeiras é permitir a presença do lúdico, ter contato com habilidades, e confiança consigo mesmo. Além de ser super envolvente com as peças do Lego, o exercício torna-se interessante em aprender, direcionado em principio do ensino e na competência básica.

De acordo com a autora Kishimoto as intervenções vieram para contribuir no andamento do processo de aprendizagem, afetividades, devem ser apreendidas pelo professor.

> A intervenção psicopedagogica veio introduzir uma contribuição mais rica no enfoque pedagógico. O processo de aprendizagem da criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos etc. A causa do processo de aprendizagem, bem como das dificuldades de aprendizagem, deixa de ser localizada somente no aluno e no professor e passa a ser vista como um processo maior com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor e psicopedagogo (KISHIMOTO, 2006 p. 110)

"O jogo em si possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo, e a confecção dos próprios jogos é ainda muito mais emocionante do que apenas jogar" (LOPES, 1999 p. 23).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar este momento único e colocar no lugar certo e na hora certa para a realização deste artigo, em especial a minha amiga e anjo da guarda Silmara, que sem a ajuda e paciência dela nada disso teria sido realizado e a professora Helena pela disposição e paciência.

Referencias

KISHIMOTO T.M. – **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação** – São Paulo 2006.

LOPES M. G. **– Jogos na Educação- Criar, Fazer, Jogar** – São Paulo-Cortez 1999.

MACEDO LINO/ PETTY ANA LÚCIA SICOLI/ PASSOS NORIMAR CHRISTE – **Aprender com Jogos E Situações-Problemas** – Porto Alegre – 2000.

MACEDO LINO/PETTY ANA LUCIA SICOLI / PASSOS NORIMAR CHRISTE - **Os jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar –**Porto Alegre – 2005.

VYGOTSKY L.S./A.R. LURIA/A.N. LEONTIEV- **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem** – São Paulo, 2003.

A RELEVÂNCIA DO LUDICO NO ENSINO APRENDIZZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Silmara Saraiva Mangueira Lira[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
Este estudo trás a reflexão sobre o lúdico o qual interage com o contexto social nos seres dos anos iniciais. Essas integrações vem proporcionar desenvolvimento de ensino e aprendizagem, constituindo caminhos na evolução e adequação, com novos estímulos e criatividade, obtendo capacitação, em aprender saberes. No que se diz lúdico é pensar no aprender livre, cuja criança experiência a comunicação de si para o grupo e do grupo para si intercalando conhecimentos cognitivos, cultural e emocional, conjunto de equilíbrio para construir aprendizagem significativa. O objetivo desse estudo e analisar, compreender os estímulos da aprendizagem com praticas sociais e com elas o aluno desenvolver sua linguagem de conhecimento com um mundo de conhecimentos e relações sociais. A ação pedagógica corresponde na inclusão de brincadeiras e jogos, permitindo que a criança avance com seus ideais e empenhos a uma educação ponderada à liberdade do aprender, cujo aluno é o protagonista na construção de seus conhecimentos. As analise foram observadas em escola na região de Nova Odessa/SP e com fundamentos teóricos com autores com bases nessa temática.

Palavras-chave: Lúdico, aprendizagem, ações pedagógicas.

ABSTRACT
This study behind the reflection on the playful which interacts with the social context of early years beings. These integrations comes to provide teaching and learning development as paths in the evolution and adaptation, with new stimuli and creativity, getting training in learning knowledge. When it says playful is thinking learn free, whose child communication experience to the Group and the group to you interspersing cognitive, cultural and emotional knowledge, set the balance to build meaningful learning. The aim of this study and analyze, understand the stimuli of learning with social practices and with them the student develop their language knowledge with a world of knowledge and social relations. The pedagogical action corresponds to include jokes and games, allowing the child proceed with his ideals and endeavors to a weighted education to freedom of learning whose student is the protagonist in the construction of their knowledge. The reviews were observed in school in the region of Nova Odessa/SP and with theoretical foundations with authors with bases in this theme.

Keywords: *Playful, learning, pedagogical actions*

---

[1] Aluna do 4º ano do Curso de Pedagogia das Faculdades Network. Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. E-mail: silmarinhamanga@gmail.com

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

1. Introdução

O principal objetivo deste trabalho é de compreender, investigar e analisar os espaços de brincadeiras e jogos, estimulando o raciocínio lógico, divertindo, socializando brincadeiras com o desenvolvimento na hora em que estão aprendendo. Jogos que abrem espaços a participação dos conteúdos que lhes são dados, permitindo agregar a construção para a alfabetização e desenvolvimento na aprendizagem do aluno.

Considerando a capacidade de transformar, modificar cada situação que elas próprias estejam relacionadas, deve ser considerado que as tragam para o mundo de fantasias, adequando sua inteligência, capacidade e sabedoria no decorrer dessas atividades, trabalhando com lúdico possa ser positivo no andamento e desenvolvimento de sua aprendizagem.

A relevância de compreender que na infância da criança, de forma conciliar, é levada, sobretudo para seu desenvolvimento de ensino e aprendizagem no âmbito escolar. Havendo ludicidade nos anos iniciais beneficia liberdade na aprendizagem dentro desse espaço com brincadeiras, jogos permitindo que possa desenvolver formas inovadoras, para seu dia a dia, permitindo liberdade e interpretação.

A experiência de brincar deve promover o raciocínio lógico, a resolução de problemas, que certamente a criança irá encontrar ao longo de sua aprendizagem. Na analise de dados desse estudo iremos observar as aplicações de jogos em sala de aula e observar o desempenho de alunos dentro desse contexto.

É considerável, que o professor faça uso dos recursos pedagógicos, utilizando a ludicidade em suas aulas, aplicando em suas rotinas e possa transmitir na criança, evidencias absolutas que ela é capaz de conduzir qualquer possibilidade e sustentação no ensino, na leitura, na coletividade e participação de expressa das aulas.

Observação feita na Escola Municipal do Ensino Fundamental “Alzira Ferreira Delega”. Este estudo tem como base, em amplificar a reflexão nas ações lúdicas, como instrumentos instrutivos para a alfabetização e o desenvolvimento e ensino da aprendizagem do aluno. De forma que esta pesquisa se qualifica qualitativa, com estudo de caso exploratório, na região de Nova Odessa/SP, com bases nos fundamentos teóricos com obras de autores como VYGOTSKY (2003), KAMIL, (2003), KISCHIMOTO, (2002), entre outros.

2. Fundamentação Teórica

É importante contextualizar, sobre a relevância que o lúdico pode estar salientado em todas as épocas. Deve-se distinguir-se que nos primórdios da escolaridade da criança, a diversidades entre a atividade e outra, se torna complexa nesse período da escolarização. Propor o lúdico nos processos de educação infantil enfatiza o processo de desenvolvimento e criatividade das crianças, tendo inciativa para sua própria grandeza de intercomunicação com outras crianças da mesma idade. As atividades relacionada com a criança são de propósitos de

compreensão social e destacando-se para as contribuições da referencia que a brincadeira ira adequar na formação, no âmbito da educação escolar. De acordo com Vygotsky:

> "No inicio do período pré-escolar do desenvolvimento de uma criança tornam-se evidentes vários tipos de discrepância entre sua atividade – que já é bastante complexa neste estagio do desenvolvimento – e o processo de satisfação de suas necessidades vitais. A satisfação de suas necessidades vitais é, na realidade, ainda diferente dos resultados de sua atividade: atividade de uma criança não determina e, essencialmente, não pode determinar a satisfação de suas necessidades de alimento, calor etc. Esta atividade é, portanto caracterizada por uma ampla gama de ações que satisfazem necessidades que não se relacionam com seu resultado objetivo. Em outras palavras, muitos tipos de atividades nesse período do desenvolvimento possuem seus motivos (aquilo que estimula a atividade) em si mesmos, por assim dizer. Quando, por exemplo, uma criança bate com uma vara ou constrói com blocos, é claro que ela não age assim porque essa atividade leva a um certo resultado que satisfaz a alguma de suas necessidades; o que a motiva a agir nesse caso aparentemente é o conteúdo do processo real da atividade dada". (VYGOTSKY, 2003, p. 119).

Diferentes, entre algumas idades, o brincar que é o lúdico, é uma forma de entretenimento, de se expressar a forma de brincar e fazer atividades que são propostas, para serem realizadas. Porem ao brincar encontra-se afetividade, junto com os pares, satisfação e prazer obtendo experiências e expectativas, ao serem realizadas, transportando, sabedoria e ganhos com suas atividades.

Segundo Vygotsky a criança tem uma incrível sensibilidade de observar e analisar o objeto, instrumento seja o que for elas são capacitadas a desenvolver suas atividades ou brincadeiras, estrutura essa que possibilita a caracterização; com seus brinquedos. Segundo o autor, "Que tipo de atividade é caracterizado por uma estrutura tal que o motivo está no próprio processo"? Ela nada mais é que a atividade comumente chamada "brincadeira" (2003, p. 119).

O professor deve inserir elementos materiais junto a jogos e brincadeiras, para coordenar a criança a pensar e diante disso aprender, solucionando diferenças que delimitam sob efeito de ação. É constituir por uma extensa graduação de ações que alcança um objetivo.

De acordo com Vygotsky (2003, p.81) "Através do brinquedo, a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas". Nessa fase da escolaridade de educação inicial, ocorrem fatores, que são significativos para ter uma visão mais completa. É claro que são existentes algumas limitações que a criança possui no que ela deve fazer, ou modo de se dirigir a alguma ação, alguns movimentos no campo da brincadeira, como por exemplo; alguma dificuldade de sentar em algum balanço, ou no gira-gira do parque, o modo de subir algum degrau de escada, quando ela fica restrita a alguma atividade, que foi referente alguma situação, mas no que diz a respeito são muito pequenas e insignificativos. De acordo com Vygotsky,

> "A raiz das restrições situacionais sobre uma criança situa-se no aspecto principal da consciência característica da primeira infância: a união de motivações e percepção. Nesta idade, a percepção não é em geral, um aspecto independente, mas ao contrario, é um aspecto integrado de uma reação motora. Toda percepção é um estimulo para a atividade. Uma vez que uma situação é comunicada psicologicamente através da percepção, e desde que a percepção não esta separada da atividade motivacional e motora, é compreensível que a criança, com sua

> consciência estruturada dessa maneira, seja restringidas pela situação na qual ela se encontra". (VYGOTSKY 2003 p. 127).

No processo de aprendizagem mostra em algumas situações existem dificuldades em algumas atividades, quando não é possível a compreensão abstrata no entendimento do conteúdo. É necessário no decorrer desse percurso oferecer maneiras diferentes para que a criança venha ter progresso em suas interpretações e condições na sua compreensão e entendimento. De acordo com Vygotsky (2003 p. 43) "Métodos adequados de pesquisa devem incluir mais que a simples observação, e nossos métodos aproximam-se de uma investigação experimental em pleno desenvolvimento". Dessa forma, é preciso ser conduzida, uma atividade que seja mais excessiva para esses elementos, sendo que a criança pode acompanhar e vivenciar, atividades baseadas naquilo em que ela observou diante, do ensinamento, da brincadeira que foi transmitida para ela.

Segundo Vygotsky (2003 p. 127) "Em outras palavras, a estrutura da atividade lúdica é tal que ocasiona o surgimento de uma situação lúdica imaginaria". A criança desenvolve capacidade super-relativa com que lhe foi passado, através do campo da ludicidade. O processo de aprendizagem e o desenvolvimento estão situados para suas evoluções, na forma construtiva e objetiva.

O lúdico atribui na sua forma de agir, pensar e realizar seus objetivos, e na forma como conduzir suas criações para um longo avanço de conhecimentos, sempre impondo a afeição e a disponibilidade que a criança terá, ao se envolver com jogos e brincadeiras que a levaram para outro mundo de imaginação, uma atividade caracterizada que leva tempo, por ela mesma. Segundo Vygotsky:

> "A atividade principal é aquela na quais processos psíquicos particulares tornam forma ou são reorganizados. Os processos infantis da imaginação ativa, por exemplo, são inicialmente moldados no brinquedo e os processos de pensamento abstrato, nos estudos. Daí não se segue, porém, que a modelagem ou a reestruturação de todos os processos psíquicos só ocorra durante a atividade principal. Certos processos psíquicos não são diretamente modelados e reorganizados durante a própria atividade principal, mas em outras formas de atividade generalização das cores, por exemplo, não são moldados, durante a infância pré-escolar, no próprio brinquedo, mas no desenho, nos trabalhos de aplicação de cores etc.; isto é, em formas de atividades que só estão associadas a atividade lúdica em suas origens". (VYGOTSKY 2003 p. 64).

Basicamente o inicio da evolução da criança, é associar com algumas formas de brincadeiras e jogos, que as permitem em ter relação aberta, como se aprende, e apropriar-se nos conhecimentos. Conduzido, na mais plena simplicidade, ate mesmo nos complexos diferentes das atividades, sendo participativo e criativo da forma que ela compreende o significado de tais exercícios. . Segundo Vygotsky:

> Apesar de a relação brinquedo-desenvolvimento pode ser comparada á relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo fornece ampla estrutura básica para

> mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intensões voluntarias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece do brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY 2003 p. 135).

Na ludicidade, nessa consistência implica-se na nos preparos que devem ter com a criança, principalmente com a preparação de seu corpo, com a atividade ideal para sua idade. Segundo Vygotsky (2003, p. 38) "O desenvolvimento do jogo com regras consiste também em uma diferenciação e uma consciência cada vez maior do objetivo da brincadeira".

O lúdico não é apenas brincar, mas serve para a criança construir a compreensão e utilização do ato e entendimento com as atividades. Ela também associa o desenvolvimento do ato de ler e escrever na hora que é passada alguma atividade para que desperte a sua alta capacitação. A criança não precisa por si só saber de tudo que é preciso, basta que ela tenha tarefas ou atividades que ela tenha contatos ou participação. De acordo com Constance:

> "Por que é que sugiro que a criança quantifique objetos na escola? Esta sugestão baseia-se na hipótese de que o pensamento envolvido na tentativa da criança de quantificar objetos deve ajuda-la a construir o numero, se ela já estiver num estagio relativamente elevado para fazê-lo. A inteligência desenvolve-se pelo uso. Por exemplo, se uma criança mais velha não souber contar dinheiro, esta não será, necessariamente, uma razão para deixar de manda-la comprar o pão. O fato de ter que comprar alguma coisa geralmente é a melhor maneira para a criança aprender a contar dinheiro. Da mesma forma, é falando que a criança apreende a falar. Embora a estrutura mental seja aquilo que habilita a criança a quantificar objetos, levanto a hipótese de que o pensamento envolvido na quantificação de objetos deve também ajudar a criança construir a estrutura mental, se ela já estiver num nível relativamente avançado para construí-la". (CONSTANCE, 200, p. 38).

Obtendo a eficiência de ser hábil, tendo qualificações e quantificações no seu entendimento, em seu avanço em progredir no adiantamento. Tendo objetivo de acerto e assim criar laços de afetos e confiança, com outra pessoa, podemos dizer também que no ato da leitura é desenvolvida a percepção do conhecimento e a curiosidade em descobrir importantes meios de linguagens favorecendo a comunicação e a descoberta do mundo. Atividades lúdicas favorecem, e atraem a atenção das crianças, para a construção e objetividade da criatividade que elas possuem, assim desenvolvendo suas características, e introduzindo potencialização, no progresso, do mecanismo do motor e psicomotor. De acordo com Parker/Fernandes/Carnicel:

> "O lúdico não se restringe a atividade de brincar e de jogar, podendo aparecer em diferentes situações, dependendo da relação que os indivíduos os mantem com elas, porém no brincar e no jogar ele é essencial, o que dá margens a se pensar que se ele, em algum momento, for furtado da brincadeira ou do jogo, ambos desaparecem, justamente por se romper com a aura que permeia e mantem o brincar". (PARKER/FERNANDES/CARNICEL, 2007, p. 185).

Jogos e brincadeiras instrumentais incitar a criança, instigando a conquista que o mundo venha proporcionar as adequações e a clareza para uma infinita expansão criatividade e de alegria, com conhecimentos e objetivos a serem proporcionados por eles e seus educadores, que no momento de suas vidas iniciais são essenciais para seu crescimento, e estimulo ao desenvolvimento de cada um individuo. O professor deve estimular o potencial

lúdico das crianças através do desenvolvimento de atividades e brincadeiras, oferecer inúmeras dinâmicas que possibilitam brincar de forma criativa e prazerosa, promover sociabilidade através do jogo como metodologia inovadora para melhor aproveitamento dos participantes em atividades de animação e integração. É uma enorme influencia que o ato de brincar, possa desenvolver uma ação em situação escolar da criança, tendo manifestação de emancipação em relação às restrições. De acordo com Vygotsky:

> "Numa criança em idade escolar, inicialmente a ação predomina sobre o significado e não é completamente compreendida. A criança é capaz de fazer mais do que ela pode compreender. Mas é nessa idade que surge pela primeira vez uma estrutura de ação na qual o significado é o determinante, embora a influencia do significado sobre o comportamento da criança deva se dar dentro dos limites fornecidos pelos aspectos estruturais da ação". (VYGOSTKY, 2003, p. 131-132).

É relevante a necessidades de incentivar a criança a desenvolver sua cooperação com outra criança para que seja possível o trabalho em grupo. As crianças não podem ter um mundo construído a ser individualistas sempre, é preciso ter uma delegação conjunta, para uma possível transformação de pensamentos e invenções criadas e constituídas por eles. Porém deve-se lembrar de que elas estão em uma ludicidade conjunta, possibilitando a prática da comunicação com uma elaboração de construção de definições e capacidades que cada um tem a se disponibilizar na hora da conclusão dos jogos cooperativos.

O ensino disciplinado não é o único fator responsável por expandir horizontes na área de desenvolvimento, mas sim a participação de todos gera uma motivação de que todos cheguem a um objetivo e que a diversão seja para todos. Os jogos em conjunto tende-se a extender mais e mais, pois o individuo é integrador a participação de um pega-a-pega, a uma dança das cadeiras, quando a gincana em escolas, a um campeonato de jogos, em fim a inúmeros fatores que dispõem dessa cooperação participativa. De acordo com Silva/Gonçalves:

> "Cooperar significa agir em conjunto para superar um desafio em comum para todos ou alcançar uma meta, não dando exclusividade aos mais habilidosos, como na maioria dos jogos competitivos. Os jogos cooperativos contribuem para o desenvolvimento motor, cognitivo e social. Os participantes aguçam o sentindo de pertencer a um grupo, de também ser responsável pelo resultado final do jogo, exercitando o respeito, a fraternidade, a coletividade, a inclusão, a igualdade de direitos e deveres a solidariedade de forma lúdica". (SILVA/GONÇALVES, 2010, p. 143).

O lúdico vem transformar e modificar a construção da criança pelo seu ideal e mudar sua proporção de atitudes envolvidas nas brincadeiras e jogos. A apresentação de seu comportamento é importante na hora das atividades possivelmente dadas em sala, pois a criança automaticamente toma para si a confiança de que ela tem que tomar o ponto de partida da situação. Uma líder, com a autonomia da situação, traz a criança o amadurecimento a organizar devidas situações que lhe são colocadas diante a uma atividade a ser executada. São momentos que traz a ela disponibilidade e confiança, gerando uma liberdade de conduzir a situação. De acordo com Silva/Gonçalves (2010, p. 48) "A

liberdade é quase total, sendo limitada apenas pela falta de motivação, assim determinada por um tempo de prática". Brincando faz promover interações as crianças, que se torna fundamental para o seu desenvolvimento, ao nível de superar quais quer atividade de forma integrada e objetiva. Os jogos trazem a criança, funções que ela desempenha em determinados meios de decisões, dando a ela suporte para o processo na aprendizagem adquirindo experiências. Segundo Vygotsky:

> "A criança aprende a realizar uma operação de determinado gênero, mas ao mesmo tempo apodera-se de um principio estrutural cuja esfera de ampliação é maior do que a da operação de partida. Por conseguinte, ao dar um passo em frente no campo da aprendizagem, a criança dá dois no campo do desenvolvimento, e por isso aprendizagem e desenvolvimento não são coincidentes". (VYGOSTKY, 2003, p. 109)

Interpretando de maneira diferente, a criança examina o jogo com atenção, as relações entre a aprendizagem, desenvolve uma melhor solução, para a situação que consiste no determinado momento em que ela tem que ter autonomia, liderança no processo de aprendizagem escolar. Tomando ponto de partida a criança se vê com disponibilidade de efetuar a posição e ao mesmo tempo aprende em que momento deve-se executar o jogo desenvolvendo uma atividade lúdica. De acordo com Constance (2003, p. 48), "Se a autonomia é a finalidade da educação e a criança deve ser mentalmente ativa para construir o numero, ela deve ser encorajada a agir de acordo com sua escolha e convicção ao invés de agir com docilidade e obediência".

Vai tendo capacidade de descobrirem sua linguagem que a levam a construção de historias, ao longo de suas brincadeiras imaginárias. A criança se comunica com outra, em suas próprias conversas e diálogos, tendo uma construção de qualidades em que elas próprias

se habituam diante de outra criança, assim adquirindo confiança. "De acordo com Constance/DeVries (1980, p. 27) "como já dissemos, uma das qualidades mais importantes para a construção do conhecimento é a confiança na própria capacidade de encontrar soluções". A confiança que elas têm em sua própria capacidade, é de compreender, o significado das proporções de como são dirigidas e relacionar, da sua competência em atingir, o objetivo alcançado.

Crianças pequenas, além de se envolverem, com brincadeiras que a permitem usar imaginações, também permitem ter ideias e estabelecer reflexão sobre as influencias, que tais atividades podem contribuir, para essa elevação que a criança obtiver em sua vida. "Segundo Constance "(2003, p. 45)" Portanto, a criança que pensa ativamente na vida diária pensa sobre muitas coisas simultaneamente".

Soluções que elas mesmo vão resolvendo, após uma brincadeira ou uma atividade são despertadas ao modo que se envolve diante a uma atuação, tomando iniciativa de exercitarem suas habilidades e informações, estimulando vários sentidos, ate mesmo tornando a atividade o principal objetivo, ou seja, a principal atividade de ser feita ou solucionada. De acordo com Constance:

> "Dizer que a criança deve construir seu próprio conhecimento não implica em que o professor fique sentado, omita-se e deixe a criança inteiramente só. Como a mãe de João- Pedro, o professor pode criar um ambiente no qual a criança tenha um

> papel importante e a possibilidade de decidir por si mesma como desempenhar a responsabilidade que aceitou livremente" (CONSTANCE, 2003, p. 50).

No que consiste a diferença especifica entre a atividade lúdica dos números, letras moveis e o brinquedo infantil, cujas formas elementares nós observamos na criança, no período pré-escolar, a estimativa de fazer a associação pre-silabica, ou construindo palavras que ela já por conta dessas letras moveis, já sabe. Esta diferença reside no fato de que a brincadeira da criança não é instintiva, mas precisamente humana atividade objetiva, que, por construir a base da percepção que a criança tem no mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras.

Segundo Constance e Devries:

> "As crianças adoram contar objetos nos seus jogos e na rotina diária, como por exemplo, na hora do lanche. Também adoram copiar palavras para escrever em cartões de cumprimentos (aniversários etc). Os exemplos tais como o da criança de quatro anos que perguntou por que não havia um "z" na palavra "ovos", podem ser vistos em diferentes situações" (CONSTANCE/DEVRIES, 1980, p. 29).

As crianças adoram seu mundo, sejam eles como forem são plenamente diversos, coloridos, cheios de imaginações obtendo instrumentos musicais, sentindo-se livre, exploradora e felizes com os amigos. De acordo com Kishimoto (2002, p. 1) "A variedade de jogos conhecidos como faz-de-conta, simbólicos, motores, sensório-motores, intelectuais ou cognitivos, de exterior, interior, individuais ou coletivos, metafóricos, verbais, de palavras, políticos, de animais, mostra a multiplicidade de fenômenos incluídos na categoria jogo".

Quando a criança brinca, ela o faz de modo abundante convicto. Está relacionada ao cômico, ao riso, acompanhado de outros colegas na maioria das vezes ação do lúdico, e se põem contra ao trabalho atividade, podendo refletir sobre suas experiências lúdicas. Segundo autores afirmam que; "as interações com outras crianças são importantes por duas razões ainda. Primeiro, porque o ponto de vista de outra criança é mais similar a visão de uma criança que o de um adulto. Segundo, porque uma grande parte da vida social da criança se passa com seus colegas e não com adultos" (CONSTANCE, DE VRIES, 1980, p. 25)

Nas ações pedagógicas, é essencial que o lúdico esteja integrado, tornando a atividade ocupacional, sendo exercidas dentro de suas limitações, tendo envolvimento com as positividades de se manifestar, aproximando de grandes conteúdos ao desenvolvimento porem, por conseguinte habilitado para concluir com êxito essas atividades que lhe são passadas é necessário ampliar disponibilidade e ilustrar a importância de construir desenvolvimento de valores. Adequando diferentes jogos, para a estimulação necessária aplicada em resultado positiva sobre a operação que elas próprias executam e definem a caracterização de compreender princípios. São valores relativamente surpreendentes motivam nossas crianças, e possivelmente nossos educadores diante dos resultados abrangente. De acordo Constance (2003, p. 15) "A criança progride na construção do conhecimento lógico- matemático pela coordenação das relações simples que anteriormente ela criou entre os objetos".

Sendo desejada a integração dos jogos que possuem múltiplas funções de estimular desenvolvimento, estimulação nas mais importantes fases da vida da criança, a serem formadas diante a capacitação de sublinhar situações que interage e proporciona determinada denominação com a aprendizagem desempenhada com qualidade, e construção de conhecimentos, na educação infantil.

Conseguir compreender as necessidades da criança nos primórdios de sua escolaridade constitui a necessidade do professor estar atualizado com um ambiente de mediação e construção de ideias e saberes o que vai favorecer o respeito ao ser em construção e suas vivencias diárias.

3. Metodologia

Esta pesquisa se qualifica qualitativa, com estudo de caso exploratório, na região de Nova Odessa/SP, com bases nos fundamentos teóricos com obras de autores citados nesse estudo. Com observação em campo na Escola Municipal do Ensino Fundamental "Alzira Ferreira Delega". Analisando a pratica em sala de aula e elaborando um questionário com a professora.

4. Analise de dados

Os jogos aplicados em sala de aula, juntamente com os alunos, desenvolveram as habilidades com as praticas em jogos e atividades que desafiam seus conhecimentos prévios. Eles se sobressaíram com desempenho construído entre os pares com trocas de raciocínio e ideias que se constituiu em estratégias para soluções dos desafios propostos.

A proposta foi o Mercadinho

Objetivo: trabalhar com organização, raciocínio, valores e troca, para colocar em pratica os conhecimentos prévios dos alunos e que pode construir entre os pares.

A professora organizou os grupos de alunos para montar o mercadinho: alimentação, limpeza, caixa entre outras modalidades para funcionar o estabelecimento, como também os compradores.

Brincando foram elaborando: compras, tabelas de preços como desenvolvendo também a troca de valores envolvendo as ideias de adição, subtração, de proporcionalidade e também as ideias de divisão de maneiras diversas para estratégias de soluções aproximadas.

Durante as observações, pode-se notar: 1) A construção, e realizações de habilidades com a proposta de escrita livre proporcionada, pelo educador para que as crianças associem as letras silábicas, 2) Montando palavras que elas mesmas possam estar escrevendo, 3) De acordo com as mercadorias, que estão no mercadinho, às crianças iniciaram fazer a escala do produto que elas, irão colocar na prateleira, 4) Escrevendo, como por exemplo, leite, ovos, chocolate, suco: elas inseriam ideias, e a pronuncia da visualização das mercadorias, a partir da soletração das silabas, 5) Sendo incentivados a escreverem as palavras dos ingredientes como: o leite, os ovos, o desodorante e assim surgindo entusiasmo por elas, por estarem dentro dessa atividade lúdica, utilizando letras moveis, o que veio auxiliar os que nãos estão ainda em nível alfabéticos.

Nas atividades em grupos como jogos ou situações que coloquem desafio aos conhecimentos prévios que elas já trazem consigo, segundo Constance (2003, p. 63) “elas estão mentalmente muito mais ativas e criticas e como consequências aprendem a depender delas mesmas para saber se o seu raciocínio esta correta ou não”.

Foi observado que a professora dividiu a sala em departamentos de alimentos, higiene pessoal, limpeza e departamentos de doces, o que no final todos os grupos iriam compartilhar desse departamento.

Os grupos formados de acordo as necessidades de aprendizagem, a professora fez grupos produtivos para enfrentarem os desafios conforme seus níveis de conhecimentos. Os grupos tinham que organizar escrever o nome dos produtos, colocarem valores e trocarem produtos entre eles fazendo troco par cada departamento.

Avaliando a imaginação da criança, de que forma que ela esta imaginando, ao construir a palavra que foi soletrada, ”*de que forma irei escrever o que acabei de ouvir, dentro da ludicidade ouvindo seus coleguinhas, a repetirem a própria palavra”*, e a professora sempre mediando à interação.

Outra situação o desenvolvimento do raciocínio logico dentro das atividades propostas utilizando os valores no dinheiro de papel para vivenciar o sistema monetário, as crianças mostraram habilidade em compras e troco, algumas precisaram da ajuda do grupo, a superar suas dificuldades, aqui também a professora sempre mediando à interação.

A professora foi em cada grupo colocando os desafios e eles foram atrás dos grupos tentarem achar uma solução, dessa forma foram socializando seus conhecimentos. Foi observada a elaboração das praticas colocadas em repetição dos cálculos, utilizando a ativação da memoria, pondo em destaque seus conhecimentos, transformando e ampliando uma situação imaginaria de interpretação da realidade. No final todos foram ao ultimo departamento de doces e pegaram seus créditos e compartilharam entre si.

Mesmo utilizando jogos didáticos, é necessário planejamento para desenvolver as competências e habilidades desejadas, estar com a criança, acompanha-la em seu desenvolvimento e administrando-a para o jogo, sendo possível que elas tenham desempenho

e habilidade de maneira complexa de planejar e replanejar, sempre novas situações, que acabam tornando-se magicas, porque começam a descobrirem exatamente tudo.

Segundo Vygotsky (2003 p. 140) *“São jogos que treinam o desenvolvimento das operações cognitivas necessárias na atividade escolar subsequente da criança, mas não permitem a passagem direta para esse tipo de atividade*”.

5. Considerações Finais

De acordo com Constance (2003 p.23) “A reversibilidade se refere á habilidade de realizar mentalmente ações opostas simultaneamente – nesse casso, cortar o todo em duas partes e reunir as partes num todo.” A criança se destaca na brincadeira, associando objetivos reais, o jogo assume a imagem, o sentindo que a cultura lhe atribui sistema de regras, desenvolvendo atividade lúdica.

É fundamental o jogo na educação, pois ela passa a introduzir, de um modo assimilar recria a experiência sociocultural, integrando a construção de conhecimentos da realidade aos sistemas simbólicos e robótica. Estimulando o desenvolvimento cognitivo,

estimula a ultrapassar obstáculos, mantendo comunicações, planejamento inteirando um com outro, tendo contato físico, com alegria e euforia.

Tornando-se capaz por meio da descoberta, a criança possibilita a desenvolver decisões dentro daquilo que é objetivo e administrado na acentuação das escolhas vivenciando situações de aprendizagem. Estabelecendo sempre o espaço e ambiente escolar, a maneira que é colocada os jogos, a brincadeira, atividades, na rotina diária em sala de aula, dando sustentabilidade a criança, o fato de constituir-se no cotidiano.

Segundo Kishimoto (2003, p. 81) "Os jogos tradicionais infantis aparecem de forma mais abundante no cotidiano dos agrupamentos infantis de tempos passados, marcados por um ritmo de vida mais lento". Sendo que a criança, hoje em dia é muito mais elétrica e rápida, nos seu raciocínio logico, e nas suas efetuações nas atividades e exercícios, com uma rica elaboração de conhecimento. As crianças incorporam um imaginário, centrado em objetivo do lúdico, tornando a criança em um adulto a olhares diferenciados e com entendimento da sua realidade, fascinado pelo o ato de transformar, ampliar espaços dentro da ludicidade fantasiando sonhos construindo a imagem a inocência, esperança de mudanças a renovação social e moral.

Segundo Kishimoto:

> "A imagem de infância é reconstituída pelo adulto por meio de um duplo processo: de um lado, ela esta associada a todo um contexto de valores e aspirações da sociedade, e, de outro, depende de percepções próprias do adulto, que incorporam memorias de seu tempo de criança. Assim, se a imagem de infância reflete o contexto atual, ela é carregada também, de uma visão idealizada do passado do adulto, que contempla sua própria infância. A infância expressa no brinquedo contem o mundo real, com seus valores, modos de pensar e agir e o imaginário do criador objeto". (KISHIMOTO, 2006, p. 19).

Vivenciando os resultados é possível concluir, que é de grande avalia a integração do lúdico no ambiente escolar, a interferência nos estudos durante a aula, o progresso de cada criança junto com o dialogo do professor adentrando a vivencia diária, com muita dedicação por um longo período escolar.

Dessa forma é primordial que a criança seja estimulada em seus propósitos no seu dia-a-dia dentro de suas qualificações evoluindo o máximo de suas qualidades para melhor ampliação em seus objetivos e acima de tudo em seu desenvolvimento. A ludicidade traz o papel importante, que é compartilhada entre toda uma convivência social, e relativamente associada com seu desenvolvimento cognitivo, coordenação motora e raciocino logico matemático. Objetivamente com a autonomia, tem como finalidade da educação a importância da interação e integração social.

"As situações da vida diária apresentam oportunidades para as crianças estruturarem e definirem problemas dentro das ambiguidades do mundo real". (Constance/De Clark 1999, p. 169)

6. Agradecimentos

Primeiramente a Deus por me dar essa oportunidade, força, saúde superando todas as dificuldades, e mantendo firme para concluir meus estudos. Agradeço pela minha mãe

Camila, que sempre me deu força e incentivo para iniciar esta formação, aos meus irmãos Celso e Sandro que sempre batalharam para ver a minha conquista ao meu marido Nilson, que contribuiu muito com sua paciência, e sua dedicação de me apoiar, sempre em todas as situações em que estive comprometida totalmente aos estudos e com minha filha Bruna que esteve ao meu lado, me ajudando muito com todos os afazeres de casa, me apoiando muito em minhas dificuldades possíveis que encontrei ao longo desse caminho.

Agradeço aos professores, por me proporcionarem conhecimento, para a realização da minha formação de Pedagogia, e em especialmente a professora Helena, minha orientadora em ter se dedicado, dado suporte na minha elaboração do meu trabalho, persistir com sua personalidade forte e exemplar.

Referências

BROCK AVRIL/KAMII CONSTACE/ FORTUNA R.T./CORSARO A.W. – Revista **brincar**

e Aprender – A importância do lúdico para as crianças pequenas – Ano IX Abril/Junho, Nr. 27, 2011.

CONSTANCE, Kamil. **A criança e o numero** : Implicações educacionais da Teoria de Piaget para a atuação junto a escolaridade de 4 a 6 anos. São Paulo: Papirus, 2003.

CONSTANCE KAMIL./DE CLARK. **Reinventando A Aritmética:** Implicações da Teoria de Piaget. São Paulo: Papirus, 1999.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **O Jogo e a Educação Infantil.** São Paulo, 2002.

SILVA/GONÇALVES. **Manual de Lazer e Recreação – O Mundo lúdico ao Alcance de todos.** São Paulo, 2010.

VYGOTSKY L.S./A.R. LURIA/A.N. LEONTIEV. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, 2003.

VYGOTSKY L.S./FONTES M. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY/TEREZA REGOM. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação,** 2003.

ALFABETIZAÇÃO NOS ANOS INICIAIS E SUAS RELEVANCIAS NOS CAMINHOS PARA A LEITURA E ESCRITA CONVENCIONAIS

Lilian Santiago de Lima Ribeiro[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
Compreender conceitos sobre alfabetização e sua relevancia no âmbito educacional nos anos iniciais, com objetivo de relatar, analisar e investigar sobre a alfabetização, se faz necessário um amplo estudo sobre leitura e a escrita, com finalidade de destacar as diversas óticas de procedimentos que envolvem essa aprendizagem. Nas últimas décadas a alfabetização constitui novas condutas no ensino, com práticas interativas e lúdicas, gerando uma conduta com autonomia e crítica no contexto social. Alfabetizar exige atender o sujeito em seu desenvolvimento emocional, cognitivo e cultural o qual se baseia em valorizar as práticas sociais e conhecimentos prévios, cujas didáticas se realizam em participar o aluno em atividades que compreendam essas dinâmicas interagindo com textos, interpretação, contos, e tudo que desperte o interesse para a construção da leitura e a escrita proporcionando um ensino que forme um aluno que seja protagonista de sua própria aprendizagem, um cidadão interagindo com autonomia na sociedade que esta inserida. Essa pesquisa conta com obras de autores que fundamentam essa temática e constitui reflexões para ações alfabetizadoras com base em um estudo de caso realizado em uma escola da região de Americana SP.

Palavras-chave: Alfabetizar, leitura, escrita, práticas sociais, aprendizagem.

ABSTRACT
In anticipation to formulate a concept of literacy and its importance in the education sector in education in the early years, it is important to a comprehensive study on reading and writing in the school context in modern times. This study aims to highlight the various forms of activities involving reading and writing, which over the last decades has been adding new practices in teaching, with participatory practices, recreational activities, autonomous, critical and focused on the social context. Literacy demands meet the subject in the emotional, cognitive and cultural context which is based to value social practices prior knowledge, teaching which develop in participating in the student activities who understands dynamic, playful, texts, interpretation, stories and all what arouses the student's interest for reading and writing, for the formation of future citizen reader. This research has works of authors that support this theme and is reflections for literacy teachers share based in study casein the Nona Odessa region SP.

Keywords: *Literacy, Reading, Writing, Social Practices, learning.*

---

[1]Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (liliansantiagodelima@hotmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

Este estudo tem objetivo de relatar, analisar e investigar sobre a alfabetização, que hoje ocupa o lugar central na discussão da educação. Sabermos que a alfabetização é um dos caminhos para alcançar a plenitude durante o desenvolvimento dos seres humanos. Na tentativa de formular a definição do que é educação de qualidade e qual a importância da alfabetização, abordaremos teorias e métodos de ensino que contribua para o crescimento do professor e do aluno no âmbito educacional.

Quando falamos em alfabetizar compreendemos sua relevância, ensinar envolve um complexo procedimento de elevação de hipóteses sobre a representação linguística, porém não se resume apenas na aquisição dessas habilidades de ler e escrever e sim na capacidade de interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimentos. É preciso preservar a essência do aluno, o professor deve estar sempre atento à bagagem cultural, buscar sempre respeitar e aprimorar aquilo que o indivíduo já possui, ou seja, seus conhecimentos prévios.

Nos anos iniciais é necessário procurar sempre uma forma de oferecer uma base de sustentação da alfabetização para que seja concreta e significativa para o aluno. A alfabetização é um processo amplo e complexo, a aprendizagem do ser humano é uma atividade que sempre esta em constante modificação.

As dificuldades encontradas hoje nas escolas são agravadas tanto pelo passado (a herança do analfabetismo e das desigualdades), quanto pelo presente (a ampliação do conceito de alfabetizar e das expectativas da sociedade em relação aos seus resultados). Hoje um grande instrumento de trabalho são as práticas de ensino que podem ser de grande auxilio na sala de aula, os educadores através desde método conseguem melhorar suas abordagens de ensino, possibilitando resultados eficazes de aprendizagem durante o letramento.

Esta pesquisa se qualifica como qualitativa em um estudo de caso exploratório em uma escola da região de Americana SP. Com base na fundamentação teórica de autores que valorizam o ensino e auxiliam o desenvolvimento cognitivo do aluno, com o propósito de trabalhar a alfabetização e a construção de conhecimentos dos educandos. São eles: FERREIRO (1999), TEBEROSKY (1999), PIAGET (1999), ZAGONEL (2013), entre outros.

Fundamentação Teórica

> "O processo de leitura emprega uma serie de estratégia". Uma estratégia é um amplo esquema para obter, avaliar, e utilizar informações. A leitura, como qualquer atividade humana, é uma conduta inteligente. As pessoas não respondem simplesmente aos estímulos do meio; encontram ordem e estrutura no mundo de tal maneira que podem aprender a partir de suas experiências, antecipá-las e compreende-las (FERREIRO, 1987, pg. 16).

O primeiro nível do ensino escolar no Brasil é a educação básica e compreende desde a educação infantil até o ensino médio. O ensino fundamental se constitui no período intermediário de formação básica do indivíduo sendo destinado aos alunos de seis a quatorze anos.

Como recurso orientador deste nível de ensino, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental. Os objetivos dos parâmetros curriculares nacionais consideram, “que nesse nível de ensino os alunos, além de dominarem a leitura, a escrita e o cálculo, devem também desenvolver a capacidade de compreender o ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e valores básicos da sociedade e da família”(PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS-PCNs,1997, p, 41).

Nesse sentido e em se tratando do sistema de alfabetização das crianças nos anos iniciais e no ensino fundamental, é de grande relevância que o educador alfabetizador conheça a teoria do desenvolvimento cognitivo criada pelo suíço Jean Piaget (1986-1988) para explicar o desenvolvimento cognitivo humano, pois ela traz o entendimento do desenvolvimento da criança, ou seja, ela pode auxiliar na fundamentação e instrumentalização da prática docente além de contribuir para a compreensão da importância de considerar o cotidiano do aluno em sala de aula.

Segundo os estudos de FURTADO (1999, p. 36), nesta teoria, Piaget apresentou os estágios do desenvolvimento cognitivo, o qual considera 04 períodos no processo evolutivo da espécie humana que são caracterizados "por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento” São eles:

1º período Sensório-motor

Esse período é de 0 a 2 dois anos de idade aproximadamente, este estágio é de adaptação e de integração da criança com o mundo que a cerca. As principais ações da criança nesta etapa são de controle motor e o contato com os objetos físicos que a rodeia, as funções são feitas em torno do seu próprio corpo.

2º período Pré-operatório

A criança não está limitada ao seu meio sensorial, porém ainda permanece centrada na própria ação.

Estende dos 2 aos 7 anos de idade, é dividido por dois períodos: A função simbólica ou semiótica, ou seja, o aparecimento da linguagem. E o pensamento intuitivo.

3º período Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos)

O período concreto se inicia aos sete anos de idade, aparece o pensamento lógico, associações, faz de conta, o jogo simbólico e a fantasia. Fase na qual consegue diferenciar a

fantasia da realidade, ou seja, o aparecimento da reversibilidade, a capacidade de fazer e desfazer mentalmente uma ação.

4º período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante)

Caracteriza pelo começo das operações intelectuais formais ou abstratas, atinge o pensamento hipotético-dedutivo. Assim, a abrangência de alfabetização das crianças, além de conhecer a teoria do desenvolvimento cognitivo, é importante que os docentes também conheçam as teorias que envolvem o ensino e de aprendizagem, os quais se constituem para um dos caminhos relevantes nesse processo.

Segundo Vygotsky (1998, p.110) " O aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola..." sabemos que a visão de leitura não é assunto rápido, pois cada criança tem um tempo próprio de aprendizagem, mais a família também devera exercer o que foi ensinado na instituição com seus filhos. A alfabetização requer cuidados, atenção e dedicação, as crianças precisam de confiança para um bom desenvolvimento pedagógico. O indivíduo nos anos iniciais começa e forma opiniões e ao longo dos anos se transforma em um ser crítico, por tanto é necessário entender este processo, para enfatizar de maneira clara o desenvolvimento do educando e seus estágios de aprendizado. Segundo Ferreiro e Teberosky "existem algumas teorias de ensino, com abordagem construtiva e elaborada, visando o desenvolvimento intelectual e cognitivo do aluno." É preciso observar que a linguagem escrita também se diferencia da linguagem oral, tanto na estrutura como no que se refere ao valor, e a função (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, pg. 167).

As práticas sintéticas são aquelas em que a alfabetização parte das unidades menores da língua como as letras, os fonemas e as sílabas, para as unidades maiores como as palavras e as frases. Nesse método são utilizadas as cartilhas para orientar alunos e professores no aprendizado, apresentando um fonema e seu grafema correspondente por vez. Essa proposta enfatiza a repetição sendo considerada por Ferreiro e Teberosky (1999) e Valle (2010) como distante da realidade e do interesse da criança dificultando a interação e autonomia da mesma.

Na visão analítica a alfabetização se inicia a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Assim a aprendizagem, segundo Ferreiro e Teberosky (1999) e Valle (2010), parte da palavra, ou de uma frase, ou de uma história, que apresenta uma palavra-chave o que desencadeará o estudo das letras e dos sons que compõem a palavra. A alfabetização, nesse caso, estará completa quando a criança for capaz de ler e escrever com autonomia tudo o que desejar.

Os métodos sintéticos ou analíticos partem do objetivo de alfabetização, dois diferentes meios educativos, numa perspectiva de solução para o ensino. Porem a discussão de qual método é melhor continua, entretanto o objetivo geral educacional é garantir um aprendizado amplo com dedicação, carinho, amor e responsabilidade. "O nome próprio como modelo de escrita, como a primeira forma escrita dotada de estabilidade, como o protético de toda a escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma função muito especial na psicogênese, que estamos estudando." (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999 p. 221).

O próprio nome como modelo de escrita é uma forma muito interessante de alfabetização, na psicogênese as autoras, Ferreiro e Teberosky focam no desenvolvimento da criança e nos seus métodos de ensino. Alfabetizar significa ser paciente e criativo para motivar os alunos e ter bons resultados. Conforme mencionamos por Ferreiro e Teberosky (1979), "os nomes escritos da criança ou de outras pessoas representam uma maneira de substituir um conjunto de letras por desenhos" (PILLAR, 1995, p.111).

A criança quando começa a escrever começa por rabiscos e desenhos, que durante o seu desenvolvimento vem agregando letras e com o tempo surgem as primeiras palavras. "As crianças não são meros sujeitos aprendizes, mas são também sujeitos que sabem". (FERREIRO, 1995, p. 23).

Para uma Educação de qualidade é necessário entender que a criança já tem seus conhecimentos prévios, o ser humano é inteligente e com o tempo vai adquirindo experiência e amadurecimento para o seu desenvolvimento intelectual e educacional.

O pensamento é uma prática discursiva que move o que você faz na sala de aula. COMENIUS (1592-1670) foi pastor, escritor, considerado o pai da didática moderna por suas contribuições a Pedagogia. Propunha a utilização de imagem, de formas didáticas para perceber o interesse da criança, até mesmo para o ensino da leitura.

Vale ressaltar que através de signos, de jogos lúdicos e ilustrações também poderá chegar a um resultado satisfatório para o professor tendo em vista que deve se sempre observar a capacidade de cada criança em relação à aprendizagem nesse período de desenvolvimento cognitivo. Cada aluno precisa se descobrir, para obter um amplo aprendizado e um bom desempenho escolar e intelectual.

Além dos conhecimentos que o professor precisa ter no processo de ensino e aprendizagem do aluno nos anos iniciais do ensino fundamental, faz se necessário que, sejam associados os jogos e brincadeiras nesse processo é preciso contar com símbolos, signos ou palavras que estejam relacionados ao seu dia-a-dia e que representem situações ou episódios da sua vida cotidiana.

De acordo com PIAGET (2009, P. 116) ´´O jogo adota regras ou adapta cada vez mais a imaginação simbólica aos dados da realidade, sob a forma de construções ainda espontâneas, mas imitando o real; sob essas duas formas, o símbolo de assimilação individual cede assim o passo, quer a regra coletiva, quer ao símbolo representativo ou objetivo, quer aos dois reunidos´´.

Em todos os momentos da vida, desde os primeiros contatos que são visuais, pode-se dizer que se convive com as palavras ingressando o indivíduo no universo da comunicação. O estímulo ao desenvolvimento da linguagem na criança de zero a dois anos possue algumas características; as primeiras palavras tem som, entonação, ritmo, emoção; as palavras são paralelo ás ações; são suportes iniciais da palavra; ações concretas, sonoridade, ritmo e movimento corporal.

Segundo Ferreiro (1999, p, 24) a criança aprende de forma ativa, formulando hipóteses, buscando regularidades, testando, criando uma gramática original e reconstruindo a linguagem com base em informações dadas pelo meio. Constitui que as escritas passam por fases de hipótese de escrita, a criança conforme o nível de aprendizado vai desenvolvendo maneiras de compreender a grafia, o som por hipóteses. De forma que Ferreiro (1999) descreve essas etapas da seguinte maneira:

Nível Pré-Silábico As partes da escrita não correspondem com as partes do nome, ou seja, as crianças não estabelecem vínculo com a escrita. Ao escrever misturam letras, bolinhas e números, para elas a escrita só é possível se houver muitas letras.

Nível Silábico sem valor A criança já supõe que a letra representa fala, é a descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode corresponder com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. Inicia-se assim o período silábico que evolui até acontecer à exigência rigorosa.

Nível Silábico com valor A criança já supõe que a caligrafia representa fala, é a descoberta de usar uma letra para cada silaba.

Nível Silábico Alfabético A criança compreende que o alfabeto representa o som da fala, consegue combinar consoantes com vogais na mesma palavra. O período silábico alfabético marca a transição entre os esquemas prévios a serem abandonados e os esquemas futuros que virão a ser construídos.

Nível Alfabético Caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafias, a criança compreende que a escrita tem função social, compreende o modo de construção do código da escrita.

Referente as teorias e a união de metodologias pode-se observar as ações ao ensinar, mediar, construir com o aluno, novas condutas para alcançar o saber, transformando uma sala de aula num ambiente alfabetizador, harmonioso e transformador. Criando espaços para alfabetizar e dinamizar a aprendizagem

Alfabetizar significa ir além, é dar oportunidade ao indivíduo de ter uma formação pessoal e social, autonomia, identidade e uma compreensão do mundo, ler e escrever são práticas sociais, devem sempre ser incentiva no âmbito educacional principalmente nas fases do ensino infantil e nos anos iniciais.

Metodologia

Essa pesquisa é qualitativa com estudo de caso e observações em campo nas escolas EMEI Iraide**s** Ferreira Lourenço e ciep. Prof. Oniva de Moura Brizola na região de Santa Barbara do Oeste. Como também na elaboração de questionário com perguntas abertas aos professores e coordenação da escola, para coletar dados para futura analise desse estudo, com base nas obras literárias de autores citados na introdução desse artigo.

Análise de dados

Foram observados nas escolas EMEI Iraide**s** Ferreira Lourenço e Ciep. Prof. Oniva de Moura Brizola nas salas de aula as didáticas elaboradas para a constituição da leitura e escrita nos anos iniciais. Com bases nas atividades e intervenções feitas pelos professores.

Com os questionários e os escritos em sala de aula, demonstram que ambas as escolas e os docentes tem uma visão parecida, com expectativas educacionais visando o crescimento dos alunos. As escolas vêm colocando os alunos e suas necessidades como eixo principal de escolhas e métodos de ensino, procurando um rendimento de alcances no desenvolvimento de aprendizagem.

As educadoras responderam de forma diferenciada no que tange o ensinar, tem uma percepção democrática, de interação, de trocas, busca métodos inovadores, instigantes, prazerosos, usam os contos, as poesias os textos para chamar a atenção dos alunos, tem apoio de alguns projetos, atividades lúdicas e orientações pedagógicas.

Uma das professoras a qual denominada-Professora A, relata que;

—

"*As aulas são planejadas dando ênfase à importância da ludicidade no momento da leitura e escrita na Educação infantil e nos anos iniciais que, além de propiciar o aprendizado desenvolve na criança o gosto pelo aprender ao mesmo tempo em que se diverte. Viver em um ambiente em que a leitura seja estimulada é de fundamental auxilio neste período, a alfabetização é um tema transversal e abrange várias disciplinas*".

Estando em sala de aula com a professora A, foi observada a roda para leitura, alunos em duplas produtivas para elaborar as atividades propostas, e uma delas seria as parlendas que as crianças brincam de roda e depois cantam em sala. Aula com bases significativas para o ensino, através interação do professor e alunos.

A segunda foi a professora B, relata que;

"Durante a aula o aluno pode sentir as emoções, vivenciar o prazer que a leitura transmite, tem o incentivo da educadora na busca de melhoria no que diz respeito ao seu desenvolvimento e dificuldades pessoais. Tem um acompanhamento por parte da gestão da escola, tem oportunidade de recuperar seu atraso escolar, com total apoio dos pedagogos que auxiliam com atividades elaboradas focando em ajudar o aluno a se reorganizar educacionalmente".

Participando da aula com a professora B, ficou claro à dinâmica e os métodos utilizados por ela, através de uma atividade lúdica, a professora usou o conto do chapeuzinho vermelho para desenvolver os registros com seus alunos, leu a história junto com os educando e depois pediu para os mesmo reescrever a mesma contando de outra maneira. Foi colocado para a classe o que as crianças produziram e lido, dessa forma a professora faz a intervenção na escrita como escriba na lousa colhendo as informações da sala.

A terceira a professora C, relata também que;

"No decorrer de seu desenvolvimento profissional, aprimorou seus métodos de ensino e focou nas teorias de Ferreiro e Teberosky. A escrita e a leitura se faz necessário para um desenvolvimento completo e significativo no aluno".

Segundo a professora C relata ainda que, *a criança necessita de orientações para a construção dos sentidos, a condição do sujeito letrado se constrói nas experiências culturais com práticas de leitura e escrita que o indivíduo tem oportunidades de viver.*

Durante sua aula a professora utilizou de materiais culturais para o desenvolvimento da alfabetização, usou figuras históricas e atividades em grupos. Trabalhando em duplas produtivas e letra move, fazendo intervenções na leitura e escrita com as figuras e seus significados.

Os resultados obtidos através destas observações foram satisfatórios para ampliar conceitos sobre a construção da leitura e escrita mesmo sem saber lê e escrever, o que se transforma em estruturas para alcançar a leitura e escrita convencional.

Compreendendo as práticas do ensino nesses ambientes escolares foi propicio analisar os procedimentos com os métodos educacionais para educação nos anos iniciais. Essas práticas citadas acima pelas professoras são práticas de ensino na qual se faz necessário no decorrer do desenvolvimento da aprendizagem, norteia a qualidade de ensino, com o trabalho coletivo com interligação na interação e intervenções produtivas.

Considerações Finais

Houve base para compreender a necessidade de uma boa alfabetização para o Âmbito Educacional, foram desenvolvidas todas as etapas de maneira instigante, prazerosa, adquirindo informações preciosas para atender as analises feita nesse artigo.

Ensinar requer cuidados, atenção e principalmente preparação, os docentes devem estar atentos aos novos métodos de ensino, para usufruir desta ferramenta, necessária para uma leitura e escrita significante para o educando.

Com os estudos realizados fica clara que é preciso trabalhar de forma lúdica na alfabetização. O brincar é importante para o aprendizado, às crianças tem uma facilidade de aprender quando interagem melhor, portanto essa pratica cada vez mais vem tomando espaço no mundo da leitura e da escrita.

As teorias levantadas aqui segundo os autores como Ferreiro, Teberosky, Piaget entre outros estão presentes na educação, auxiliando o desenvolvimento pedagógico nas escolas que visam à plenitude da educação.

O crescimento do aluno, o desempenho na alfabetização, a melhora da escrita e da leitura depende dos docentes, da interação familiar e dos demais colaboradores, portanto a escola deve trabalhar junto com a família. Focando na construção da autonomia, na autoconfiança e no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Os métodos pedagógicos partem de uma relação direta com as experiências dos alunos, confrontado com o saber trazido de fora, o educador buscar abrir caminhos para o aluno entender a complexidade da alfabetização, do trabalho em todas as disciplinas, com o objetivo de um ensinar construtivo para o aluno.

Alfabetizar é a abrangência da leitura e a compreensão de tudo que nos cerca. Um aluno alfabetizado consegue discernir o mundo ao seu redor, se torna transformador da sua situação social e política. Portanto é preciso respeitar qualquer forma de expressão do aluno, seja como rabisco, como desenho, nos números ou em qualquer outra manifestação da escrita e da leitura.

Havendo necessidade que do professor compreender o respeito à identidade cultural do aluno, para que os meios pedagógicos venham agir com significado maior para o aluno, ir além de memorização de sílabas, palavras ou frases, mas uma reflexão crítica sobre o ler e escrever num contexto significativo de compreensão da linguagem e da leitura.

Inserir estes seres no contexto educacional é uma tarefa difícil, mas importante para os professores possam usar desta ferramenta obrigatória e necessária para um bom desenvolvimento no decorrer de sua vida, afinal ler e escrever não é só um ato escolar e sim uma aceitação, uma posição, uma exigência para se tornar importante perante a sociedade.

Conforme as análises realizadas durante a pesquisa de campo para a construção deste artigo ficou claro a importância da dinâmica, do lúdico, da confiança e principalmente do incentivo à interpretação, o trabalho deve ser em equipe para um bom desenvolvimento do aluno, para que os mesmos se tornem leitores críticos e conscientes, essa ação de alfabetizar na educação infantil e nos anos iniciais significa preparar o aluno para compreender e familiarizar melhor o mundo que o cerca.

Segundo as autoras Ferreiras e Teberosky, a alfabetização e subjetiva ao contexto social;

> "Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma relativa aos adultos, e a outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos." (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999 Pág. 19)

VALLE, L. R. D. *Metodologia da Alfabetização*. Curitiba: IBPEX, 2010.

ZAGONEL, Bernadete (Org). Dória, Lilian Fleury. Onuki, Gisele. Diaz, Marília. *Metodologia do ensino de arte*. 1º Ed. Editora. Curitiba. Sabendo que ensinar é viver o cotidiano das pratica sociais e ampliar saberes novos, respeitando o desenvolvimento de aprendizagem de cada ser e constituir a vida no coletivo para uma sociedade com maior equilíbrio cultural, o professor desenvolver ações pedagógicas, com o objetivo de construir um caminho promissor na alfabetização, alimentando e aguçando ainda mais o histórico educacional.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que sempre esteve presente na minha vida, guiando e me dando direção para prosseguir em frente. A universidade Network, os professores, administração e todos aqueles que colaboraram para o término do meu curso de pedagogia. A tutora Helena Prestes dos Reis pelo suporte pedagógico, orientações, correções e por toda á sua atenção profissional. Aos meus colegas, pela cumplicidade e trocas de conhecimentos. A minha família, que apoiou e incentivou em todos os momentos, com amor, paciência, dedicação e carinho. Em fim a todos fica o meu muito obrigado.

Referências Bibliográficas

PIAGET, JEAN. A formação do símbolo na criança. 3. Ed. Editora Santuario. Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

FURTADO, O.; BOCK,A.M.B; TEIXEIRA, M.L.T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.* 13. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

FERREIRO, EMILIA. *Psicogêneses da Língua Escrita;* trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, EMILIA. PALACIO, MARGARITA GOMES. *Os processos de leitura e escrita.* 3° ED. Editora. Artes Médicas. Porto A legre. 1987.

GOODMEN, Yetta M. *Como as crianças constroem a leitura e a escrita.* Perspectiva piagetianas. Editora. Artes Médicas. Porto Alegre. 1995.

KISHIMOTO. T.M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: **CORTEZ,**

2010.

NICOLAU. M. L. M. *Textos básicos de educação* Ed. Intersaberes. 2013

Valle, l.R.D. Metodologia da Alfabetização. Curitiba: IBPEX,2010.

VYGOTSKY. L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ L. S Vygotsky; organizadores Michael Cole; Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

ZAGONEL,BERNADETE (ORG). Dória, lilian Fleury. Onuki. Gisele. Diaz, Marília. Metodologia do Ensino de Arte. 1º Ed. Editora Curitiba. Ed. Intersaberes. 2013.

LEITURA UMA REFLEXÃO RELEVANTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Maria Benedita Atílio da Paixão[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
Este estudo compreende a leitura e sua relevância na vida de crianças na faixa etária de 0 a 5 anos. Com vistas das contribuições essenciais para o desenvolvimento integral do educando, a leitura na infância é um pressuposto fundamental e algo que não pode ser escasso. Ela proporciona o bom desenvolvimento da linguagem oral que precede a linguagem escrita. Para isso, o professor deve ser mediador e proporcionar os estímulos para que a criança venha a ler mesmo sem saber ler convencionalmente, sendo construído o prazer na leitura. O que é um recurso didático motivador e muito importante na formação de indivíduos leitores no futuro. Estudo que enfoca essa importância na formação do cidadão leitor, fundamentado em autores que afirmam que a leitura é o caminho para desenvolver na criança o futuro cidadão leitor crítico. Esse trabalho se caracteriza por ser um estudo de caso em uma escola na região de Nova Odessa SP.

Palavras chave: Leitura, Infância, Desenvolvimento e Aprendizagem**.**

ABSTRACT
This study includes reading and its importance in the life of children aged 0-5 years. With views of the main contributions to the overall development of the student, reading in childhood is a fundamental assumption and something that can not be scarce and that comes to propitiate the good development of oral language that precedes the written language. For this, the teacher should be mediator and on this basis provide the stimuli that the child will read even without knowing how to read conventionally, being built pleasure in reading, what is a motivating and very important resource in the formation of readers individuals in the future. Study focuses on its importance in the formation of the reader citizen, who's based on authors who claim that reading is the way to develop the child's future citizen critical reader, in a case study in a school in the region of Nova Odessa/SP.

Keywords: *Reading, Childhood Development And Learning.*

[1] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail dita.atilio@gmail.com:).
[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network(helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

Este trabalho tem objetivo de mostrar a relevância da leitura, na vida de todo ser humano, mas principalmente no início da vida e no desenvolvimento da criança. Relevante considerar, que a leitura incentiva à formação de alguns hábitos como: "tocar os livros para olhar, para medir, explorar um mundo que se amplia cada dia", conforme descreve Reyes (2010, p. 53). O autor ainda explica que "as quais as crianças poderão desenvolver ao longo de sua vida escolar o que fará parte de sua vida em todos os sentidos". Espera-se que a criança busque um mundo diferente através da leitura, tendo acesso a ótimos livros adequados.

Na infância a criança deve ter o máximo de oportunidades para formação clara de conhecimentos, alcançados, principalmente, através da leitura de mundo. Depois, evoluir o tipo de leitura, transformando-a para realizações de decifrar o signo das letras, tarefa essa, da escola. No entanto, a leitura deveria ser introduzida na mais tenra idade, pois é a partir desta idade que se desperta o desejo e o prazer pela leitura. A leitura eventual não é considerada hábito, para que se torne um é preciso que se leia pelo menos uma vez ao dia. Facilitar o alcance da leitura para a criança e poder incentivá-la adquirir cada vez mais o interesse por essa prática.

A literatura infantil leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma que proporciona o efeito de ver e enxergar o mundo através da leitura, absorvendo em sua imaginação, momentos em que só ela poderá distinguir visualizar de acordo com o conhecimento que se faz através da leitura.

O presente estudo enfoca a relevância que o ato de ler, mesmo sem saber ler, possibilita à criança ter um contato mais amplo com a sua imaginação e desenvolver suas histórias, isso permite a liberdade de se expressar, se relacionar com outros colegas, socializando suas ideias.

Ouvindo histórias de literatura, prazerosamente, observando, tendo o contato desde cedo com os livros, vem esboçar algumas estratégias para desenvolver o hábito de ler. E influi em suas descobertas, aplicando conteúdos informativos para sua informação e aprendizagem, contribuindo para as ações pedagógicas.

A ação de ler será o caminho que levará a criança a ser um leitor mais esclarecido no futuro, pois uma das funções da leitura na primeira infância é permitir que os pequenininhos ultrapassassem o sujeito físico e alcance o cultural.

A palavra leitura lembra imaginar e sentir, segundo a autora Reyes diz que "falar de leitura na primeira infância exige contexto porque todos sabem que os pequenos não leem, no sentido convencional da palavra. Mas também sabemos que a leitura tem suas raízes na complexa atividade interpretativa que o ser humano desenvolve desde seu ingresso no mundo do simbólico. Quando inicia a historia do leitor?" (REYES, 2010, p. 13). Essa pesquisa presente tem por objetivo entender a importância de se introduzir a leitura o mais cedo possível na vida e no aprendizado da criança, pois só a leitura fará com que a criança se torne um leitor, e no futuro um indivíduo crítico capaz de lutar por direitos. É notável como um indivíduo leitor desenvolve sua inteligência de uma forma global e cultural. Dentro dessa ótica são leitores que buscam no ato de ler soluções para problemas que surgem em sua vida prática.

Esta instrução auxilia no desenvolvimento social e cognitivo da criança, proporcionando a formação de um ser humano preparado para ser ativo, crítico e tendo atuação na sociedade com clareza e objetivos definidos. Isso porque vivemos em uma sociedade em que as trocas sociais, acontecem rapidamente, através da leitura e da escrita.

O mundo de leitura abre caminhos para saberes infinitos para ter o aprendizado num contexto social, como no familiar e escolar, determina formação de um cidadão apto a uma sociedade em constante desenvolvimento. Esse estudo se caracteriza como qualitativo, com observação de campo, em um estudo de caso exploratório realizada na escola C.M.E.I. (Centro Municipal de Educação Infantil) do Município de Nova Odessa, com fundamentos teóricos nas obras literárias com autores como: FREIRE (1987), ABRAMOVICH (1997), FERREIRO (1989), entre outros.

Fundamentação Teórica

A leitura é fundamental na vida de toda criança, para seu desenvolvimento, e na aprendizagem. O que é a leitura? É um ponto de partida para que o indivíduo se torne capitão dos seus sonhos, descobertas para um mundo cheio de conhecimentos que a criança vem a descobrir e se aperfeiçoar dentro desses descobrimentos que estão para servir a todos. Como se constitui o conhecimento em vários gêneros de leitura e saberes novos, de acordo com DOMAN (1990 p. 26), "a leitura é uma das funções mais importante da nossa vida, uma vez que todo conhecimento depende da capacidade de ler", ou seja, a leitura tem e deve estar sempre presente na vida da criança, para assim melhorar sua capacidade, todavia com o avanço da tecnologia e o crescimento de divulgação e acesso à mídia nos lares o hábito de ler se torna muito escasso e prejudicado, o que dificulta a prática do hábito de ler na vida adulta.

A leitura convencional é de extrema importância para a formação do indivíduo leitor e, consequentemente, um ser mais crítico.

O ato de ler favorece uma melhor inserção no meio social em que vive, uma vez que é praticado, e o ser humano adquire argumentos para falar com propriedade e instrução, sobre assuntos diversos e de forma cada vez mais ampla. De acordo com BAMBERGER (1975 p. 11),

> A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo. (BAMBERGER, 1975, p.11).

A ideia de Bamberger (1975) reforça o que este estudo vem defender, que a leitura deve ser instituída na mais tenra idade, pois só assim se forma o futuro leitor. Não importa se a criança ainda não leia convencionalmente, mas a partir de dois anos, mais ou menos, ela já se interessa por histórias, é a partir deste momento que se devem introduzir pequenas histórias para que possa se acostumar com o ritmo da leitura, com o hábito de se pegar um

livro para ler, observar as imagens, identificar personagens, construir um repertório linguístico e social a partir da leitura.

A ação de ler pode ser feita, através de livros com ilustrações que chamam a atenção das crianças, e assim elas possam usar a imaginação e criar suas próprias histórias a partir das ilustrações. Uma mãe, pode não saber ler, mas ao contar histórias orais para seu filho pequenino, enquanto prepara o jantar, estará contribuindo para a formação de um futuro leitor, pois a criança, por si só, irá entender e compreender desde cedo à importância que a leitura reflete no conhecimento das palavras e a comunicação verbal.

Trabalhar a leitura desde a mais tenra idade será um desafio a ser conquistado e é fundamental para a construção dos conhecimentos. Pois apesar de não ser algo novo dentro das instituições de ensino infantil, existem profissionais resistentes em colocar em prática, pois não acreditam no potencial da criança, e também ainda não desenvolveram a visão de que a creche não deve ter apenas a função assistencialista, mas sim, a de se iniciar a criança à alguns princípios educativos como, por exemplo, a leitura. A criança se apropriará desses conteúdos, que são de suma importância em seu início de formação. Isso possibilitará o desenvolvimento de sua imaginação na produção de textos, criações, histórias, contos e poemas. Com o tempo se tornará mais crítica e saberá da importância da leitura, pois percebe que sua compreensão é maior e o contexto se torna melhor compreendido.

A fase bebê da primeira infância aprecia ouvir histórias e os pequenos poemas acalmam quando esta ouve com atenção a um som suave, que lhe desperta algo de bom, trazendo calma e relaxamento. Esses sentimentos são despertados por ouvir a cadência do som suave de alguém que está lhe contando histórias ou recitando poemas. Essas ações proporcionam maior interação dos pais com o filho e com as cuidadoras de creches com os bebês. A escola busca conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita, influenciando de maneira positiva nesse processo. Buscando todas as evidências que particularmente inicia todo um processo voltado para os conhecimentos necessários para a introdução da leitura. A dimensão da leitura é muito ampla e importante, ela proporciona a criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível.

Segundo Abramovich (1997) quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que tem em relação ao mundo. Na infância, a criança precisa da fantasia para aprender a lidar com vários sentimentos como medos, inveja, carinho, curiosidade, historias de dor, perda e outros tantos.

É importante contar histórias mesmo para as crianças que já sabem ler, pois segundo Abramovich

> O mundo pode ser revisto, os objetos transformados, as pessoas modificadas pela página ao lado, que a cada momento pode ser outra, formando quantas situações queira. [...] Juntar a primeira com a décima ou com a oitava, ou parar a terceira e ir juntando com todas as outras... Como der na veneta! E o leitor sorri, ri, se espanta, se encanta, olha assim meio bobo porque nunca pensou em nada parecido, ao mesmo tempo que dá de cara com a cara da gente que parece velha conhecida [...]. (ABRAMOVICH, 1997, p. 29)

Ler não é apenas decifrar códigos, escrever não se limita em juntar letras, mas é um complexo de sistema que representa uma identidade cultural. Como afirma FREIRE (1987, p.

15) “a decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura de mundo particular”.

O desenvolvimento de competências sobre ler e escrever não se acaba quando o aluno domina o sistema de escrita, ele vai ao longo de toda a vida do educando, criando possibilidades de construção do conhecimento da língua. Sem isto o fracasso é eminente já no início da alfabetização, portanto, são as crianças com maior necessidade socioeconômicas que precisam de uma escola que possa oferecer ambientes de práticas sociais de leitura e com isto o educando possa se socializar com os mais variados gêneros de literários.

Segundo Bamberger (1975 p. 50) “a criança entra em contato com a linguagem das letras, uma vez que ela já aprendeu a entender o significado das figuras, é necessário que o material de leitura inicial as contenha em grande quantidade”, pois pode se entender que mesclar figuras e letras se torna mais atrativo para a criança pequena, o que vem favorecer a inserção da leitura.

O objetivo maior de incentivar a leitura é a formação de cidadãos leitores e escritores competentes. Mas, para isso, a escola precisa criar um ambiente propício, no qual os alunos possam interagir constantemente com textos dos mais variados gêneros, e garantir a exposição da vivência da ação de ler. Dessa forma, se contribui para evolução do seu pensamento lógico e também para sua imaginação, que segundo Vygotsky (1992, p. 128), caminham juntos, “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”.

Portanto, a imaginação caminha em direção da consciência. Andam juntas para a mesma direção, contribuindo para o avanço intelectual. Neste sentido a leitura vem estimular o imaginativo da criança para criar e recriar suas novas histórias, viver outras emoções e experimentar sensações.

Enfim, a leitura é compartilhada para conceber estratégias eficientes para a aprendizagem, favorecendo o convívio para uma comunicação mais abrangente.

Segundo Braga (2009, p.13) “à luz dos conhecimentos atuais, não se pode mais conceber que a aprendizagem da leitura e, consequentemente, a da escrita ocorram apenas em uma etapa simples e única, nas séries iniciais”. A aprendizagem é continua em todo percurso dos ensinamentos escolares e culturais. A criança quando ingressa na escola, traz consigo saberes, mas é, efetivamente, na escola que esses saberes irão se juntar aos ensinamentos acadêmicos e que será internalizado pelo aluno, levando-o a evoluir no seu aprendizado, produzir seus próprios textos e construir capacidades que lhes incluam e também possam participar dos meios sociais pautados pela cultura escrita. Como "quando nos referimos ao ensino da leitura, não nos limitamos aquele ensino da mera decodificação dos sinais gráficos, característicos das séries iniciais, quando se da o processo de alfabetização" é muito mais do que isso. (BRITO, apud Braga, 2009, p. 13)

Quando se diz que a prática da leitura leva à formação de leitores competentes e escritores capazes de escrever com eficácia, não é no sentido profissional da escrita, mas que se saiba escrever com coesão e coerência para resultar em um bom texto com criatividade e estética na linguagem, que só é atingido por um bom leitor.

Não é possível aceitar que se leia só basicamente, isso não é suficiente para desenvolver o leitor cidadão que se defende aqui. Espera-se muito mais que isso, ter prazer, paixão pela leitura, é entender o contexto do texto. É muito importante que as instituições de ensino contribuam e preparem seus alunos neste processo, valorizando as escolhas da criança com orientações pedagógicas.

Várias são as estratégias para ajudar a formar um contexto favorável à leitura: solicitar aos alunos que tragam livros de casa para ler àqueles que ainda não o sabem; criar ambientes agradáveis de leitura diversas; submetê-los às atividades de leituras diariamente; observar as preferências de cada um, socializar suas experiências; permitir que levem livros para ler em casa com a família e com o retorno relatarem o que leram e compreenderam; trazer de casa seu livro preferido para que a professora leia para a sala.

No Brasil, o incentivo à leitura para o ensino infantil parece ser pouco em função do desempenho de leitura observado nos alunos do fundamental. Porém, não é por falta de políticas públicas, existem muitas, mas talvez não o suficiente.

Por outro lado, temos que analisar o que pensam os profissionais da educação quanto ao estímulo de leitura na educação infantil. Infelizmente, o que chama a atenção é que eles parecem não se importar com isso, talvez por eles não terem tido a oportunidade de valorizar a leitura enquanto estavam na escola, ou então, acreditam que, por conta da criança não ser completamente alfabetizada, a leitura não é algo muito importante, porém se enganam porque a leitura deve ser incentivada desde cedo para que o indivíduo desenvolva o gosto pela literatura. Podemos pensar que, nesses dois exemplos, fica evidente que existe uma opinião baseada no senso comum, ou seja, falta leitura para profissionais que assim pensam a respeito dos estudos tanto sobre a importância da leitura na vida de uma criança, inclusive no desenvolvimento do processo de alfabetização.

Para que a escola ofereça oportunidades para a leitura, é preciso pensar em soluções ou meios através dos quais se promovam a capacidade de incluir e integrar o aluno a projetos de leitura, para que se possa passar de ouvintes para leitores. Também é necessário que os profissionais envolvidos tenham a oportunidade de rever sua postura e possam mudar de opinião e passem a incentivar a leitura ainda no ensino infantil. Pois é nesta faixa etária que se forma pilares que irão sustentar e dar base para que educandos se tornem leitores e assim construir um futuro melhor no âmbito da leitura convencional, pois é cultivando o hábito de leitura que se constrói um mundo melhor no campo da aprendizagem, e só se aprende a ler lendo.

De acordo com o autor Foucambert (1994)

> Aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade. Lê-los é procurar as respostas às perguntas que nos fazemos, as quais supõem estarem respondidas de alguma forma nos textos. Lê-los significa mobilizar tudo o que já sabemos, sobre o funcionamento da escrita, para reduzir o espaço do que é incompreensível (FOUCAMBERT, 1994, p. 37).

Quanto mais contato com a leitura, mais se pratica o fortalecimento do hábito de ler e se adquire novos conhecimentos. Isso transforma o leitor num viajante no universo da escrita e dos saberes. O ser humano deve praticar a leitura com regularidade, assim serão leitores hábeis em lidar com questões diversas em busca de soluções que visam o social em que está inserido. O que fundamenta Rojo (2010, p. 9) é que a "construção social da

linguagem sempre aparece também como uma construção mais geral da pessoa em dado contexto social, com base no processo sociocultural".

4. Metodologia

A pesquisa se qualifica qualitativa, com estudo de campo. Foram observadas duas salas de aula no dia a dia dos alunos em contato com a leitura, realizada em uma escola de educação infantil, no Município de Nova Odessa SP. Foi elaborado um questionário e aplicado em duas professoras para melhor conhecer como é o seu trabalho com a leitura em sala de aula, ou seja, para obter informações no percurso de aprendizagem em contato com a leitura com crianças nos anos iniciais e também para entender o que pensam sobre educação.

5. Análise e Resultados

Foi observado que a escola apesar de ter bons livros e adequados para a idade, o acervo ainda é muito pequeno e muitos se encontram rasgados, necessitando de cuidados. As docentes interagem com suas turmas com os acervos de livros trazendo oportunidades para se relacionarem com histórias lidas, contadas, manuseando as folhas do livro deixando a imaginação fluir. Segundo autora Reyes;

> Durante os primeiros anos de vida em que ler não se relaciona com "fazer tarefas" e sim com a tarefa de nos construirmos e nos decifrarmos através da linguagem como ferramenta por excelência da nossa espécie, o prazer gratuito do encontro com as paginas da cultura que se inicia por osmose- pele a pele, verso a verso, historia a historia- pode ser o legado mais poderoso para continuar a leitura (2010, p. 90).

A professora oferece livros com gravuras, letras grandes, folhas com cores que desperta a curiosidade do aluno e a atenção que ele necessita para sair em busca de possibilidades diferentes de contato com a leitura. Segundo Bloom (apud Reyes, 2010, p. 91) "uma criança sozinha com seus livros é tão somente uma imagem potencial: a de um ser humano sensível, vulnerável, solitário, mas também acompanhado- leitor e autor, simultaneamente do dialogo com o que recebe e o que tem para dizer".

Foi observado que crianças vindas da creche gostam mais de folhear os livros, demonstram maior interesse em ler, folhear por estarem familiarizadas com esse hábito. Aquelas que ainda não frequentaram algum tipo de instituição de ensino, mas que em seus domicílios já experimentaram ou vivenciaram algum tipo de literatura também mostram interesse com o mundo da leitura. De forma que diante desses conhecimentos das crianças, se desenvolve atividades para trabalhar os procedimentos de leitura e abrir possibilidades para o imaginário que na brincadeira resulta interesses na busca de encontrar repostas em seus desafios diários.

A **docente A**, atua há três anos como professora, sua motivação em ser professora foi por querer saber como ensinar de acordo com a visão da criança. Ela se sente realizada profissionalmente e como pessoa pois faz o que gosta, ou seja, "ensinar". De acordo com as respostas obtidas foi observado que, desenvolve atividades adequadas para crianças que ainda não leem convencionalmente, como: a leitura diária, apresentação de imagens, livros que estimulem a pseudoleitura, contar histórias.

Considera que todas as crianças devem ter contato com todos os gêneros textuais possíveis, para estimular a curiosidade e o interesse para com a leitura. Porém, a leitura específica para cada idade é o que oferece melhor resultado, segundo a Docente A. As reflexões ou intervenções que são feitas caso o aluno apresente resistência é a de investigar os motivos e rever as práticas pedagógicas, pois é natural do ser humano buscar o desenvolvimento e a aprendizagem, segundo a professora.

Solé (1998) reforça a importância de que os educadores devem ser claros quanto aos objetivos da leitura para seus alunos, ou seja, a formação de futuros leitores;

> O fato de saber por que fazemos alguma coisa ou saber o que se pretende que façamos ou que pretendemos com uma ação é o que nos permite atribuir-lhe sentido e é uma condição necessária para abordar essa atuação com maior segurança, com garantias de êxito. No âmbito da leitura, esse aspecto adquire um interesse inusitado, pois podemos ler com muitos objetivos diferentes, e é bom saber disso. Por essa razão, no âmbito do ensino, é bom que meninos e meninas aprendam a ler com diferentes intenções para alcançar objetivos diversos. Dessa forma além de aprenderem a ativar um grande número de estratégias, aprendem que a leitura pode ser útil para muitas coisas (SOLÉ, 1998, p. 42).

A mensagem da docente A para quem pretende atuar como professor de Educação Infantil é: *"dar mais estimulação, muita dedicação, visão de futuro, enxergar nos pequenos, pessoas realizadas, honestas, com muito sucesso".*

Nas observações feitas apresentar-se o procedimento descrito a seguir elaborado pela professora para incentivo da leitura.

A docente realiza leitura diária de contos infantis e de outros gêneros textuais. O que chama a atenção é a forma como ela faz essas leituras para conseguir prender a atenção dos pequeninos,

Recursos didáticos diversos são utilizados, como auto caracterização como personagem de história, incentivando o faz-de-conta nas crianças; utilização de fantoches, confecção de casinhas, castelos, animais, insetos, fazendinhas e etc., com material reciclável. Organizando, dessa forma, um contexto concreto para inserção da criança no mundo da fantasia e o prazer de ler. Tudo isso torna a leitura mais atraente e prazerosa para os alunos. Realização de muitas brincadeiras, idas à biblioteca são ações que ampliam as oportunidades de ideias de leitura e é possível oferecer diversidade de gêneros textuais, fazendo com que as crianças interajam com a docente e entre os próprios alunos. No final da aula ela oferece livros de diversos gêneros para a classe. O que chama a atenção é como eles procuram descobrir de qual livro a professora fez a leitura e quando encontram o livro até imitam-na.

A **docente B** atua há 26 anos como educadora, seu sistema ainda é o tradicional, ela faz uma leitura diária, porém sua leitura é básica, mecânica sem estímulo algum, apenas para cumprir o planejamento pedagógico, não gosta muito de oferecer livros para as crianças, pois considera que as crianças só vão desorganizar e tumultuar a aula. Ela disse não ter paciência para isto, pois eles, além de bagunçar só vão rasgar os livros e fazer desordem, "criança que não sabe ler convencionalmente, não tem porque pegar em livros, só vai destruir". Essa relata que: *"se diz cansada de tanto ouvir falar em construtivismo e isso não serve para nada é pura baboseira, criança tem que ser na rédea curta. Recusou-se a fornecer mais dados de como atua, mas disse que ninguém sai professora da faculdade e que é a prática que forma professores de verdade e ensinar o filho dos outros não é fácil*".

Uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança é a brincadeira, que é essencial para o desenvolvimento social e educacional da criança, auxiliando-a adquirir censo de liderança, coleguismo, criatividade e assim tenha capacitação nas diversas áreas da aprendizagem. Dessa forma a leitura pode proporcionar um espaço de alegria e aprendizagem na formação de futuros leitores.

6. Considerações Finais

Com as análises feitas é possível relatar que a instituição escolar tem papel fundamental no que diz respeito à importância de se introduzir a leitura ainda na primeira infância. Todavia conforme foi exposto, é fundamental que as práticas não se restrinjam apenas à literatura infantil, mas que se ampliem para outros gêneros textuais.

É importante também considerar que educadores infantis reconheçam e valorizem as práticas de leitura vivenciadas pelas crianças em ambientes que não fazem parte do cotidiano das instituições de ensino. O objetivo de formar leitores traz um desafio para a família juntamente com a escola e professores de convencer crianças e jovens o quanto é importante para a sociedade que se tenha indivíduos leitores competentes, com olhares diferenciados e entendimentos da sua realidade, sendo mais crítico e fascinados pelo ato de ler. Mesmo aqueles que não tendo condições de adquirir livros, poderá ser um leitor competente, basta que tenha vontade e procure ajuda com seu professor, frequente a biblioteca de sua cidade, sua escola, empreste livros de colega, enfim há muitas maneiras de se conseguir livros para ler, o que é necessário é estimulo vontade e acreditar que pode.

Organizar de maneira simples momentos de leitura prazerosos e dinâmicos para a criança pode ajudar muito na compreensão e ser divertido. Traz inúmeros conhecimentos, e se torna uma forma de aprender e buscar soluções através desse habito "ler", pois a leitura feita sem cultivar o desejo da criança em ler, fica cada vez mais distante a formação do leitor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que

> [...] Precisará fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisará torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a "aprender fazendo". Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (BRASIL, 1997, p.43).

Ferreiro e Teberosky (1999) afirma que todo ser humano pode aprender a partir de suas experiências com o meio;

> "Chegados a este ponto, é necessário fazer uma distinção teórica a respeito dos conhecimentos da criança, cuja origem é diferente, conforme sejam conhecimentos provenientes do meio, onde quem impõe as formas e os limites de assimilação é oindividuo, mas a presença do meio é indispensável para a construção de um conhecimento cujo valor social e cultural não se pode esquecer." (FERREIRO e TEBEROSKY 1999 p. 279).

A partir do momento em que se conhece a história de vida dos educandos, torna-se favorável para que o docente crie condições para que aja formação de leitores, até porque formá-los é função prioritária das instituições de ensino. Mas, se a família não tem condições para permear essa formação, a escola deve ampliar esses procedimentos. Segundo BAMBERGER, (1975 p. 20) "para muitas crianças a leitura está intimamente associada às atividades e exigências da escola; concluído o período de escolarização, elas deixam de ler porque a "vida" agora significa para elas algo muito diferente da escola".

Os diversos saberes que o educando traz de suas vivências tem que ter uma interação com os conhecimentos da escola, para que melhor possam ser construídos.

Dessa forma, o aluno deve ser estimulado e sentir que faz parte desse meio, pois seus saberes foram valorizados e então ele se sente seguro para aprender com mais facilidade. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

> [...] O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, consequentemente, a formação de escritores[2], pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras" (BRASIL, 1997, p. 40).

Agradecimentos

É a Deus que agradeço em primeiro lugar, pois foi quem até aqui me sustentou, depois ao meu esposo Edio Paixão, porque sem seu apoio nada disso teria sido possível e muito menos teria chegado até aqui, também aos meus filhos que sempre me incentivaram, à minhas irmãs e irmãos que me deram força pra continuar nos momentos que pensei em desistir, aos colegas de classe, e em especial ao meu grupo de trabalho pelo companheirismo de quatro anos sempre juntas, e a aquelas que mesmo não sendo do meu grupo também me ajudaram. Também aos professores que ao longo desses quatro anos passaram por mim transmitindo seus conhecimentos, especialmente e carinhosamente à minha orientadora: Professora Helena Prestes dos Reis, pela paciência em me orientar, ajudar nos momentos mais difíceis, sem ela a construção desse artigo não teria sido possível. Sem esquecer também do professor José Carlos Cagnim, pela contribuição direta

por eu estar me tornando uma Pedagoga, responsável por ter me apresentado o projeto Ler e Escrever, sem o qual jamais teria conhecido professores tão especiais e colegas de sala tão maravilhosos.

Meu muito obrigada a todos, sem distinção!

Referências

ABRAMOVICH. F. **Gostosuras e Bobices.** 1. Ed. São Paulo: Spicione, 1993.

BAMBERGER RICHARD, **Como Incentivar o Hábito de Leitura,** 2º Ed. Editora Ática/UNESCO 1975.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília, 1997.

BRAGA, R. M**.; Construindo o Leitor Competente: Atividades de Leitura Interativa Para Sala de Aula**/ Regina Maria Braga, Maria de Fatima Barros Sillvestre-3ª ed.- São Paulo: Global, 2009.

COLOMER, T.; **Andar Entre Livros: A Leitura Literária na Escola**/ Teresa Colomer (tradução Laura Sandroni), - São Paulo: Global 2007.

FERREIRO E TEBEROSKY;**Psicogênese da Lingua e Escrita;** trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Artmed Porto Alegre, 1999.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos que se Completam.** 18º Edição Autores Associados, 1987.

FOUCAMBERTE JEAN. **A Leitura Em Questão.** Editora Artmed, Porto Alegre 1994.

REYES, Y. **A Casa Imaginária: Leitura e Literatura na Primeira Infância**/ Yolanda Reyes- 1ª ed- São Paulo: Global 2010.

ROJO, R.H.R.; **Falando ao Pé da Letra: A Constituição da Narrativa e do Letramento**- Roxane Rojo, - São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

SOLÉ ISABEL. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIGOTSKY. L. S. A **formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**/ L. S Vigotski; organizadores Michael Cole... [*et al*]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

ACESSIBILIDADE, SURDEZ, LINGUAGEM EM LIBRAS: CONTEXTO DE APRENDIZAGEM EM DESENVOLVIMENTO NAS ESCORLAS REGULARES

Vania Pereira dos Santos Caetano[1]
Helena dos Reis Prestes[37]

RESUMO
Hoje a inclusão de alunos surdos em escolas regulares é bastante comum. É relevante acentuar que mesmo com essa realidade encontramos ainda o preconceito e aceitação apresentando dificuldades na realização de aprendizagem desses alunos. Esse estudo vem refletir e compreender essas necessidades encontradas em escolas que se atentam a lei da inclusão, N° 13.146, sancionada em Julho de 2015, cujo está distante a elaboração da eficiência na ensinagem. Esse estudo tem como objetivo investigar e analisar o processo de aprendizagem para alunos com surdez nas escolas regulares. Os procedimentos entre o aluno, a escola, qual a importância da família nesse intercambio de desenvolvimento escolar e suas prioridades são importantes na constituição desse cidadão. Com pesquisa em campo em uma escola na região de Nova Odessa SP, e com base na fundamentação teórica de autores que embasam essa temática.

Palavras-chave: aprendizagem, inclusão, surdez.

ABSTRACT
Nowadays inclusion of deaf students in regular schools is something very common. It is relevant to accentuate that even with the found reality, prejudice and acceptance are still milestones not yet reached fully in the learning process of these students. This study reflects and comprehends the necessities found in schools that follow the Brazilian law, Number 13.146, sanctioned in July 2015, whom is far from the elaboration of the efficiency needed in the learning process. This study has the objective of investigating and analyzing the process of learning for deaf students in regular schools. The procedures between students, the school, the importance of the family in this exchange of scholar growth and the importance of all of the cited objects in the creating process of each citizen. With a study in a school near Nova Odessa, SP region, with base on theoretic basis with authors that back the thematic.

Key words: *learning process, inclusion, learning, deaf students.*

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia das Faculdades Network. Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. E – mail: vaniapscaetano@gmail.com

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

Durante muito tempo, os alunos que apresentavam algum tipo de deficiência foram postos à margem da sociedade e posteriormente da escola, sendo na maioria das vezes rotulados como incapazes de aprender.

A busca pela igualdade de direitos e qualidade social no Brasil vem aumentando. E juntamente com ela a Educação busca através de seu currículo o processo de inclusão com a função social de transformar homens em sujeitos éticos e solidários, respeitando e valorizando as diversidades.

Esta pesquisa traz as reflexões sobre a pessoa surda e o ambiente escolar regular, onde os ouvintes não conseguem ouvir os que não podem ouvir. Traçar uma conivência entre esses extremos nos leva a refletir em diversas ações e poder equilibrar essa convivência e o aprendizado necessário para que se possa integrar uma sociedade mais ampla em convivências e trocas de vivencias.

De forma que esse estudo tem como objetivo investigar e analisar o processo de aprendizagem para surdez. Os procedimentos entre o aluno, a escola, cuja importância da família nesse intercambio de desenvolvimento escolar e suas prioridades são importantes na constituição desse cidadão. "Estudar em escolas para ouvintes faz parte das expectativas de muitos surdos e de seus pais". O ensino regular constitui, em algum momento, uma espécie de oásis num deserto árido de chances para os surdos. Ou, então, a resposta mais integradora que um estudante surdo pode ter. Viader afirma que;

> "o aluno que apresenta surdez mostra diferenças na aprendizagem diante do grupo que fica inserido. Porque esse aluno surdo fica atrasado na aprendizagem devido a falta de profissionais que dominam a linguagem em libras nas escolas regulares, o que dificulta a tradução da língua de sinais para o aluno e esse não conseguir acompanhar o conteúdo das propostas pela grade curricular nas escolas. (VIADER, 1997, p. 15).

A pesquisa se qualifica qualitativa com estudo de caso exploratório, em pesquisa de campo na escola da região Osvaldo Luiz da Silva Vereador (EMEFEI) Nova Odessa. Com base nas obras literárias como autores: VIADER (1997), BOTELHO (2002), DORZIAT (2004), ex. BACELAR, 1925.

Fundamentação teórica

Segundo Bacelar:

> "no primeiro censo realizado no Brasil em 1924, existiam no Brasil 26.214 surdos mudos, em uma população total de 30,635,605 habitantes – um coeficiente de 8,56 para 10.000, ou seja, aproximadamente um surdo mudo para 1.168 habitantes. Destes 26.214 surdos mudos, 14.525 eram do sexo masculino, e 11.689 do feminino, dando uma relação aproximada de 100 surdos mudos do sexo masculino para 80 do sexo feminino [...]" (BACELAR, 1925, p. 45).

Retomando a característica da categoria "literatura menor" e deslocando para a educação a primeira característica da desterritorializaçao da língua, cujo na educação são os processos educativos Gallo (2007) afirma que, a "educação Maior", que hoje representa os processos educativos dos sujeitos surdos, encontra-se na educação especial e representada pelas "politicas maiores" de inclusão "As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar para quem ensinar, por que ensinar" (GALLO, 2008, p. 65). As políticas sinalizam que devemos integrar os "aprendizes" surdos nas salas regulares e até mesmo garantir seus interpretes e professores bilíngues. A língua de sinais, que outrora fazia parte das atitudes de resistência, das lutas, dos movimentos sociais surdos, hoje e incorporada nas políticas maiores.

Devido às limitações no meio familiar para que esse desenvolvimento se dê naturalmente, " pelo fato de a grande maioria dos surdos ser pertencente a famílias de ouvintes, torna-se imprescindível a organização de um meio linguístico adequado que venha suprir essa limitação. Dessa "forma, a escola de surdos, desde cedo, é primordial" (DORZIAT, 2004, REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO).

Para a inclusão dos alunos surdos, nas escolas comuns, a educação, a educação bilíngue – Língua Portuguesa/LIBRAS, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/interprete de LIBRAS e Língua Portuguesa e o ensino da LIBRAS para os demais alunos da escola .O atendimento educacional especializado e ofertado , tanto na modalidade oral e escrita , quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular. O atendimento educacional especializado e realizado mediante a atuação de profissionais com conhecimentos específicos no ensino da Língua Brasileira de Sinais, da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do Soroban, da orientação e modalidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, da tecnologia assistia e outros." Cabe aos sistemas de ensino, ao organizar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, disponibilizar as funções de instrutor, tradutor/interprete de LIBRAS e guia interprete, bem como de monitor ou cuidador aos alunos com necessidade de apoio nas atividades de higiene, alimentação, locomoção, entre outras que exijam auxilio constante no cotidiano escolar" (Trecho do documento da política nacional da educação especial numa perspectiva da educação inclusiva- 2008).

Dr[a.] Márcia Lunardi-Lazzarin cita "[...] "as garantias de percentual significativo de alunos portadores de necessidades especiais no processo de qualificação profissional"; a "disponibilização de professores capacitados para" atuarem na área da inclusão; "o direito à

acessibilidade aos alunos que apresentem necessidades educativas especiais"; "o acesso ao atendimento em classes especiais de escolas regulares [...]" (2003, p. 136)

Para Sacks (1998), crianças que não tem oportunidade de desenvolvimento de linguagem podem vir adquirir uma incapacidade intelectual e linguística. Só se referem ao objeto do meio imediato, não formulam hipóteses e são restritas ao perceptivo. E, mesmo para as crianças para as quais e oportunizada uma comunicação falha, pode ocorrer constrição intelectual, timidez e passividade. Portanto, muitas das dificuldades das crianças surdas são decorrentes da não aquisição de linguagem em um período importante. Elas desenvolvem assim deficiências secundarias que podem ser muitas vezes superadas pela introdução delas na significação por meio de uma língua de sinais.

Lacerda considera que mesmo crianças surdas com significativo atraso de linguagem podem desenvolver a narrativa se lhes forem oferecidos espaços adequados para este desenvolvimento, nos quais "a língua de sinais e tomada como os lócus privilegiados para a construção dos processos de significação das atividades e das atividades e das situações vivenciadas por elas" (LACERDA, 2004, p. 68).

Em relação aos surdos, o Decreto N° 5.626 (BRASIL, 2015) apresenta um novo horizonte: o direito, também aos surdos, de terem escolas bilíngues, nas quais o currículo lhes seja franqueado em sinais, o português ensinado a eles como segunda língua com a consequente adoção de "mecanismos alternativos para a avalição de conhecimentos expressos em Libras" (Capítulo IV, seção1, VII). Além disso, determina o conjunto de medidas para serem cumpridas pelos cursos de formação de professores e pelas escolas de ensino fundamental, médio e superior, a fim de que a condição bilíngue da pessoa surda seja respeitada, e o direito a processos de educação diferenciada lhe seja garantido com base em sua singularidade linguística. (SOUZA, 2006, p. 269- grifo da autora).

Assim, o objetivo e a superação, não apenas a identificação da dificuldade. Vygotsky (1998a) considera que a linguagem tem um papel primordial na aprendizagem, e conforme Rego (2002, p.23): "O pressuposto da mediação e fundamental na perspectiva sócio- histórica justamente por que e através dos instrumentos e signos que os processos de funcionamento psicológico são fornecidos pela cultura".

Mas o processo de avaliação na educação especial como aponta por diversos autores (ANACHE, 2009; SA, 2011; SKLIAR, 2000), embasava-se em perspectivas positivas, todavia estas se mostraram insuficientes para a compreensão do sujeito. Elas se limitavam as generalizações apoiadas na descrição dos fenômenos, e a ausência de articulação (nexos) entre os diversos fatores determinantes tornavam-nas frágeis frente aos critérios rígidos e estabelecidos pela própria abordagem.

Assim, distanciamo-nos de uma perspectiva positivista e, com base em alguns princípios das proposições de Vygotsky (1998) sobre o método para estudar as funções psicológicas superiores consideraram que, quando se trata de processos de aprendizagem, e muito difícil estandardizarmos resultados, já que esses processos são uma dimensão da subjetividade.

Segundo Higgins constata as dificuldades dos surdos na interação do sistema educacional;

> Muitas vezes é constatada a precariedade do resultado, por não serem os surdos falantes da língua que circula na sala de aula. Alguns insistem na permanência na escola, que se mantém às custas de proteção, acobertamento das dificuldades e outras astúcias [...] toma-se como necessária e suficiente a formação do professor e a adequação do sistema educacional, estimulando o ingresso dos surdos em classes com alunos ouvintes, com o oferecimento de garantias constitucionais e toda a sorte de seduções, em contrapartida. Todavia, mesmo que conheçam a cultura surda e a língua de sinais, ainda assim não é suficiente, pois não existe uma mesma língua, compartilhada, circulando na sala de aula e na escola, condição indispensável para que os surdos se tornem letrados [...] Uma das razões que explicam porque muitos pais procuram as escolas regulares para seus filhos surdos é que a opção da educação especial oferece um modelo não pedagógico, que subestima os surdos e suas capacidades cognitivas [...] O sistema não pode oferecer as condições pedagógicas porque, por princípio, ninguém fala a mesma língua (no plano da linguagem e também da metáfora). Além disso, não há como utilizar língua de sinais e língua oral simultaneamente, por razões de ordem linguística. Sendo impossível acompanhar a totalidade da interação verbal em sala de aula, muito frequentemente os surdos utilizam a *simulação de compreensão*, estratégia para evitar a tensão na comunicação e para que passem despercebidos (HIGGINS, 1980, p.156).

De acordo com Botelho (2002), o aluno surdo torna-se;

> "atrasado" não porque não ouve ou porque usa a língua de sinais, mas porque a escola e as políticas educacionais não levam em conta a necessidade de um ensino alicerçado na percepção visual. Nesse contexto, a língua de sinais representa para o surdo o mesmo que a fala representa para o ouvinte no processo de alfabetização e letramento (BRITO, 1993; SVARHOLM, 1997 APUD BOTELHO, 2002, p.77).

Como se pode compreender diante do exposto, por estar em contato com uma segunda língua, no caso, o português escrito, estudantes surdos necessitam de competência adicional na leitura e na escrita. Botelho (2002) destaca que;

> Apesar de todas as dificuldades, as escolas regulares (particulares, principalmente), de modo geral, incentivam mais a leitura, e o peso é dado aos significados/sentidos do que é lido, em comparação com as escolas de surdos. Haveria, assim, mais riqueza e variedade na oferta de leitura nas escolas regulares, como aponta. (BOTELHO, 2002, p.77).

Segundo a Lei Federal nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Art. 24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89, "a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita preferencialmente na rede regular de ensino e, ainda, à educação adaptada às suas necessidades educacionais especiais" (BRASIL, 1996).

Na realidade o que ficou evidente é que apesar das leis feitas pelo governo, boa parte (das leis) ficou apenas no papel, não sendo cumpridas. Conclui que os profissionais no

ambiente escolar deveriam estar mais bem preparados para receber, além dos alunos deficientes, os professores. Existe, em certo modo, uma falha na tradução do tradutor para o aluno e para o professor; às vezes nem tudo que é dito consegue ser traduzido do modo intencionado, dificultando a intervenção e a interação do professor mediar os avanços que o aluno desenvolve dentro do que é proposto.

4. Metodologia

Essa pesquisa se qualifica qualitativa com estudo de caso exploratório na escola Osvaldo Luiz da Silva Vereador EMEFEI, com observação em campo e questionário, junto à coordenação e professores com questões abertas com o intuito de coletar dados para análise desse artigo. Com base de obras literárias de autores descritos na introdução desse trabalho.

5. Análise e Resultados

A educação inclusiva deve se apoiar na premissa de que é preciso olhar para o aluno de forma individualizada e colaborativa, contemplando suas habilidades e dificuldades no aprendizado em grupo. Isso não significa reduzir as expectativas da turma ou deixar de avaliar os estudantes: as metas de conquista do conhecimento são estabelecidas em consonância com o potencial de cada criança. A escola deve ser um lugar de encontro, de igualdade, de desenvolvimento. Com vistas nessa base a observação em campo na Escola Luiz da Silva Vereador EMEFEI foi desenvolvida com presença em sala.

Diante da sala foram observadas seis crianças com surdez acompanhadas cada um com um interprete e a professora regular da sala, com mais vinte alunos regulares da escola. Foi observado que essas crianças (surdas) ficam com o interprete no fundo da sala para que não disperse a atenção dos demais alunos. Todo conteúdo passado pelo professor, os tradutores passam para os alunos acompanhados. Foi observado em sala:

(Os alunos surdos) possuem uma desenvoltura textual diferente dos demais alunos, pela dificuldade durante a interpretação de textos e na construção de frases. Os textos feitos por esses alunos são geralmente incompletos, devido à falta de tempo. As histórias passadas para esses alunos mostram a dificuldade na interpretação textual dos mesmos. Durante as avaliações há a ajuda dos interpretes no momento da interpretação de textos e no entendimento de frases e palavras, no entanto respostas não são passadas. Alguns alunos, durante as aulas, tentam ajudar, mostrando a importância da inclusão de crianças deficientes para se sentirem e for aceita; no entanto, a ajuda do profissional é de grande importância.

O professor da sala observada relata que: *A grande dificuldade do professor em receber os alunos de inclusão é a falta do apoio de um profissional para a interpretação. Muitas vezes não se obtêm um resultado esperado pela falta de comunicação entre professor-aluno.*

O professor tradutor em libras reata que: *Para o interprete o maior obstáculo é o acumulo de funções dentro da escola. Várias tarefas com vários alunos recebendo atendimento deixa vagam e sem qualidade a tradução e atenção dada para cada aluno sendo atendido.*

Dessa forma compreendemos que há um caminho ainda a ser lapidado para a inclusão de alunos surdos em escolas regulares, atender uma aprendizagem de nível positivo deve ainda ser refletida para que aja o profissional estruturado com a língua universal da surdez "libras", havendo intervenções diretas com os alunos e constituir o ensino com esses alunos em sala de aula.

Foi perceptível que é de suma importância que haja o acompanhamento, pois a escola só se torna inclusiva quando há realmente pessoas compromissadas e preparadas para atender os alunos com inclusão. Através dessa pesquisa, foi compreendido também a diferença em sala de aula dos alunos surdos nas escolas regulares.

6. Considerações Finais

A educação inclusiva deve se apoiar na premissa de que é preciso olhar para o aluno de forma individualizada e colaborativa, contemplando suas habilidades e dificuldades no aprendizado em grupo. Isso não significa reduzir as expectativas da turma ou deixar de avaliar os estudantes: as metas de conquista do conhecimento são estabelecidas em consonância com o potencial de cada criança. A escola deve ser um lugar de encontro, de igualdade, de desenvolvimento.

Incluir as pessoas com deficiência, a escola também se tornou um ambiente mais propício à aprendizagem. Cada um de nós é único e não existe uma fórmula geral que funcione para todos. O ritmo de aprendizado é individual, seja de uma criança com deficiência ou não.

A integração do aluno surdo, objeto deste estudo em classe comum não acontece como num passe de mágica. É uma conquista que tem que ser feita com muito estudo, trabalho e dedicação de todas as pessoas envolvidas nesse processo: aluno surdo, família, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, alunos ouvintes, demais elementos da escola, entre outros pareceres de aceitação na convivência pessoal.

Tomando por base o trabalho educacional com a pessoa surda, observa-se que a dificuldade maior ao lidar com a questão da linguagem escrita repousa, ainda, em uma compreensão limitada a respeito da linguagem e de sua importância em relação ao processo de ensino e aprendizagem de qualquer aluno. Portanto, a educação das pessoas com surdez aponta não só questões referentes aos seus limites e possibilidades como também aos preconceitos existentes na sociedade para com elas.

Além do mais, enfrentam inúmeros entraves para participar da educação escolar, os quais são decorrentes da perda da audição e da forma como se estruturam as propostas educacionais das escolas.

A estimulação precoce da criança, que nasce ou se torna surda no período de zero a três anos de idade, é fator essencial para a aquisição da linguagem, uma vez que é considerado um período crítico favorável, devido à plasticidade neural, característica desse momento.

Para os surdos, a Língua Portuguesa é um instrumento linguístico que não se apresenta como recurso que vem facilitar o intercâmbio com o mundo, mas um obstáculo que precisa transpor com grande dificuldade.

Por outro lado, a LIBRAS não é código universal que possibilita tradução, mas sim, a interpretação, quando se quer estabelecer uma correspondência entre as duas línguas.

Em ocasião da aprendizagem sistematizada do saber, quando do ingresso da criança no sistema de ensino, o surdo é obrigado a utilizar-se da Língua Portuguesa, um sistema linguístico que geralmente não domina ou domina precariamente, embora um desempenho razoável na compreensão e expressão desse idioma possibilite o acesso a níveis mais elevados de escolaridade. Faz-se necessário uma reflexão para que essa inclusão tenha, mais um degrau positivo com um profissional também exercendo a linguagem em libras.

Isto leva a deduzir que a oferta de oportunidade educacional sempre favorece a melhoria do desempenho do instrumental linguístico dos surdos e é imprescindível para a evolução acadêmica dessas pessoas.

Como mãe de uma filha surda que foi base para fazer essa pesquisa, posso comparar àqueles que estudaram com minha filha, há mais de 20 anos atrás. Concluo mudanças para o melhor. Vejo muito progresso, mas ainda é necessário a ampliação de espaços para melhorias mais eficazes. Pude deduzir que a escola na qual pesquisei em campo possui um grande cuidado e comprometimento com todos os alunos, independente se possuem alguma deficiência ou não. O ensino igualitário e de qualidade é um direito de todos os alunos, sendo cada vez mais firmada no país com as devidas e necessárias políticas públicas.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado a possibilidade de concluir um curso universitário. Ao meu Marido, Jonas Caetano, pelo apoio em todos momentos; meus filhos, Jonas Davi, Amanda e Debora pela ajuda e amor. Aos meus netos, Sophia e Noah e minha querida mãe, Lídia.

Referencias

ANACHE, A.A. Avaliação: dimensões clínicas e pedagógicas. In: Leão, I. B. **Educação e psicologia:** reflexões a partir da teoria sócio-histórica. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003. (Estudos em educação).

BACELLAR, Arnaldo de Oliveira. *A surdo mudez no Brasil.* Tese. São Paulo, Faculdade de Medicina de São Paulo, 1925.

BOTELHO, P. *Segredos e silêncios na educação dos surdos.* Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

BRASIL, MEC/ SEESP. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. 2001. 79 p. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP.

FERREIRA BRITO, L. **Integração social e educação de surdos.** Rio De Janeiro: Babel, 1993.

GALLO, S. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HIGGINS, P. C. *Outsiders in a hearing world. Sociology of Deafness.* Califórnia: Sage Publications, 1980.

LACERDA, C.B.F. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: focalizando as primeiras produções em sinais. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.** v. 9, 20040, p.65-72 .

LUNARDI, Márcia Lise. *A produção da anormalidade surda nos discursos da educação especial.* 2003. 200 F. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

REGO, T.C. Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação. Petrópolis. RJ: Vozes, 1995.p. 70-74. (17-03).

SÁ, N. R. L. *Educação de surdos: a caminho do bilinguismo.* Niterói: EdUFF, 1999.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos.* Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, Regina Maria de. *Que palavra que te falta? Linguística, educação e surdez.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SVARTHOLM, K. *Língua escrita.* Curso ministrado no IV congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para surdos, tema Santafé de Bogotá, 1997 (notas de aula).

VIADER, M.P.F. *La integración de los alumnos sordos em España. Um balance después de doce años. Qué opinan los sordos? Qué opinan los padres? Qué opinan los maestros?* INSOR, 1999, v. I, 3.

VYGOTSKY, L.S**. Fundamentos de defectología.** Obras Completas. Tomo V. Cuidad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

CONTAR HISTORIAS E INTERAGIR CONHECIMENTOS NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO LEITOR

Claudia Graupner[38]
Helena Prestes dos Reis[39]

RESUMO
O presente artigo tem por finalidade a contribuição da contação de histórias para o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. A contação de histórias fortalece vínculos educativos, afetivos e sociais. Por meio delas, as pessoas adquirem a competência e a oportunidade de se tornarem leitores que através da imaginação vivem a leitura em sua essência, criando assim o interesse para o habito de ler, além de poder fazer um caminho de descoberta infinita, compreendendo melhor o mundo a sua volta. Esse estudo se faz necessário para ampliar a visão dos educadores para uso de ferramentas diferentes para formar leitores e uma delas a Contação de Historias, que é tão rica, para o desenvolvimento da criança, despertando assim pequenos leitores com estímulos para curiosidades e construindo saberes podendo explorar a imaginação em suas vivencias. Essa pesquisa contou com obras de autores que baseiam essa temática, com observação em campo em uma escola na região de Sumaré SP.

Palavras-chave: Contação de histórias, imaginação, crianças, leitura.

ABSTRACT
The following article it is intended to assure the contribution of storytelling to the process of teaching and learning on child education. Storytelling strengthens educational, affective and social linkages. Through that, people are able to aquire the competency and the opportunity to become readers that through imagination are able to live reading on it´s essence, being able to create the habit to read, besides the right to tread a route of endless discoveries, getting a better knoledge about the world. This study is necessary in order to expand the visions of educators about the use of many different tools to form readers such as storytelling, which is so rich for the children development, thusm arousing little readers and stimulating them to the world of imagination.

[38] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail:cgraupner@hotmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

***Key words**: Storytelling, imagination, children, reading.*

Introdução

A prática de contar histórias nas séries iniciais não é muito estimulada nem valorizada, fazendo com que os alunos percam o interesse por esse momento na escola.

Com a pratica de contar de histórias a criança consegue usar sua imaginação, criando um mundo imaginário, um 'mundo de fantasias'. Cabe ao professor saber aproveitar disso para alcançar alguns objetivos, ler para uma criança tem que ser algo prazeroso tanto para o professor quanto para o aluno. A leitura é de extrema importância para o desenvolvimento do cognitivo e social do aluno.

Ao ouvir histórias as crianças conseguem sentir e expressar importantes sensações, como a raiva, o medo, alegria, insegurança e tristeza e sentem isso através daquela história que ouvem e quando cada uma dessas sensações é explicitas por aquele que esta fazendo a leitura, elas são sentidas de forma mais intensa por quem esta ouvindo.

O gosto pela leitura deve ser aguçado quando a criança ainda é pequena, não importando se ela sabe ou não o que fazer com um livro na mão, o professor será o leitor das histórias para as crianças, por isso ele é de extrema importância para estimular a criança a gostar de ler. A leitura é um momento agradável, podendo complementar a aprendizagem dos alunos na sala de aula e em casa também.

A pesquisa tem como objetivo analisar e compreender a necessidade de ampliar o momento da contação de histórias na sala de aula como auxílio na alfabetização, pois a criança tem a necessidade de aflorar sua imaginação para se constituir com liberdade naquilo que aprende Tem como foco ainda de mostrar a importância de despertar nas crianças o gosto pela leitura através das várias formas de contar histórias de modo de auxilie na alfabetização dos mesmos.

Essa pesquisa se qualifica qualitativa, num estudo de caso exploratório, na escola SESI Fuad Assef Maluf na região de Sumaré - SP, distrito de Nova Veneza Nova Veneza. Com base nas obras de autores como: DOHME (2011), KRAMER (2008), ABRAMOVICH (1997) entre outros.

Fundamentação Teórica

> "... No jardim de infância que frequentei, me lembro de poucas histórias contadas... Talvez porque não soubessem criar o clima, talvez porque escolhessem as não marcantes ou envolventes... Lembro bem da "Branca de Neve", porque a fizemos em teatro e eu fui um doa anões, aquele que não falava..." (ABRAMOVICH, 1997, pg. 11).

Contar histórias é uma arte, deve ser interpretado um momento importante para uma criança em desenvolvimento, cujo professor consiga um espaço prazeroso, o qual não deve acontecer sem planejamento, e sim elaborado com finalidades a serem alcançadas no na aprendizagem, constituindo novos conhecimentos ao grupo envolvido.

Antes de o professor contar uma história para seus alunos, ele deve conhecer (ler) aquilo que vai contar, para que no momento da leitura não encontre obstáculos que o façam

parar a contação se perdendo no meio do percurso, dispersando assim os alunos. Dessa forma, cabe ao professor conhecer o livro, para que as emoções que uma história media, aquelas que estão ocultas atrás das letras, cheguem a quem está ouvindo, dando sentido ao que está sendo contado.

(ELIZAGARY citada por FANNY, 1997, pg. 20), diz uma coisa clara e importante: "O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração...". O aprendizado é o que impulsiona o desenvolvimento do aluno, então a escola tem papel fundamental na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos na escola. Sendo assim, o docente é tipo um espelho para os seus alunos, tudo que ele ensina e faz nas suas aulas poderá incentivar e interessar ou desinteressar as crianças, mas isso só se tornará concreto se o professor conhecer seus alunos.

O professor tem que ser o primeiro a mostrar interesse na contação de histórias, dessa forma ele despertará nos alunos a vontade de ler cada vez mais, de conhecer mais dos livros, podendo assim facilitar no desenvolvimento e aprendizagem escolar. Para que isso aconteça à preparação dos professores é fundamental, pois nem todos tem essa habilidade, a preparação deve ser iniciada nos cursos de graduação e aperfeiçoada ao longo dos anos. Porém, não se pode apenas colocar toda a responsabilidade no professor, cabe à escola e as autoridades oferecer essa oportunidade para os docentes, com cursos de capacitação, oficinas de contação de histórias, projetos que envolvam todos os professores etc. As formas de se contar histórias são muitas, os professores devem estar sempre atualizados e procurar se especializarem cada vez mais, pois o processo de ensinar esta envolto na constância social sempre em movimento.

A contação de histórias, fala das maneiras de se contar uma história, como já mencionado, são muitas. É sempre bom saber quando, qual o momento para a contação, pensa-se que é logo que as crianças chegam à escola, então forma-se uma roda e a professora começa a leitura, mas quem disse que esse é mesmo o melhor momento? Cabe ao professor e principalmente os alunos decidirem quando eles querem ouvir uma história. Os ouvintes devem mostrar interesse desde o começo na leitura que está sendo feita, porque não é no meio da história e muito menos no final que eles irão "mergulhar" naquele momento, o público alvo de uma contação de histórias é o aluno, tudo depende do interesse dele. Por isso o professor não precisa ter pressa em acabar logo com uma história, pelo contrário, ir curtindo o ritmo e o tempo que as narrativas têm sendo uma forma para despertar o interesse nas crianças.

Mostrar para uma criança que aquilo que ela está ouvindo está em um livro, é também uma maneira de despertar o interesse pela leitura, porque assim quando ela quiser voltar a ler o livro, para aquela história quantas vezes ela quiser, podendo explorar o livro da maneira e no tempo que desejar, até reencontrar algum momento especial que esteja buscando.

Segundo a visão de Fanny quando se escuta uma historia se forma bases para a imaginação e aprendizagem;

> "quando um aluno está escutando uma história, a princípio ela penetra apenas como história na cabeça dos alunos. Mas existe uma orelha que conservará o real significado do conto ouvido e será revelado muito mais tarde. Assim, algumas vezes será necessário que o professor conte a mesma história mais de uma vez, dessa maneira as mensagens e imagens serão fortalecidas, afinal a criança está sempre aumentando seu vocabulário e repetir as histórias, fará com que ela seja ouvida, vivenciada e compreendida de formas diferentes cada vez que a história for recontada. Isso demanda paciência e muita vontade da parte do professor, pois como já mencionado, cada aluno tem seu tempo de aprendizagem, muitas vezes aquilo que um entende logo da primeira vez que ouve uma história não será interpretado da mesma maneira por outros alunos" (PASWELS APUD FANNY 1997, p.24).

O que se pode mudar na contação quando a história é repetida, são as maneiras que o professor conta, podendo alternar entre usar somente o livro, outra vez usar fantoches (confeccionados pelas crianças), outra usando um rádio, apenas com imagens e deixando a imaginação fazer sua parte etc. As maneiras de se contar uma história são inúmeras e deixar que o aluno participe é muito importante para que ele se interesse cada vez mais pela leitura facilitando assim seu desenvolvimento escolar. Com a atenção voltada para o momento da contação de histórias, a atividade se torna mais prazerosa tanto para o professor quanto para o aluno, que é o 'público alvo' do docente.

Outro ponto importante para estimular e auxiliar o aluno no desenvolvimento escolar é a participação dos pais/familiares na escola. Quando um aluno é estimulado em sala de aula pelo professor. De forma que ao chegar em casa não obtém o mesmo incentivo, ele acaba se desinteressando e tudo que foi feito em sala de aula acaba por não ter um resultado positivo. Nessa ótica o apoio da família é tão importante quanto o apoio da escola, afinal são os pais os maiores exemplos dos filhos, se um pai/mãe não é um leitor, porque seu filho será?

Uma forma de se tentar obter maior apoio da família é incluindo-a em trabalhos da escola, como projetos de leitura (mala viajante), peças de teatro, produção de livros criados pelos alunos etc. É de extrema importância que a família faça realmente parte daquilo que acontece na sala de aula e na vida do seu filho. O que acontece na escola não pode e nem deve ficar somente lá, para que o envolvimento da família aconteça se faz necessário um bom relacionamento e diálogo entre professor e família.

Segundo a autora Kraemer (2008 pg.13) diz que "A arte de contar história é um valioso instrumento no processo educativo. Além de favorecer a socialização, quando os alunos sentam em roda, eles ouvem a história, comentam, opinam. Aprendem a ouvir e outro falar, aprende a falar a expressar-se."

Deixar com que a criança interaja com as histórias contadas em sala de aula é também muito importante para que ele se interesse e se torne futuramente um leitor. Quando o aluno faz parte da história, a visão que ele tem é outra, ele passa de mero ouvinte para um personagem, assim passam a querer saber mais sobre aquilo que estão participando, fazendo com que eles se sintam mais importantes por fazer parte da história.

Quando uma dramatização é feita em sala de aula, a possibilidade de desenvolver o aluno a se tornar um leitor e também o desenvolvimento de outras formas de escrita, como a reescrita é muito grande. Pois os professores não sabem a maneira que seus alunos estão olhando o que está a sua volta e por isso não sabem como estão sendo formados os conceitos sobre a vida. Tem-se a mania de pensar que uma criança só absorve aquilo que é ensinado nos chamados 'momentos formais' de uma aula, porém esse pensamento é errado e deve mudar, a criança está atenta a tudo que acontece a sua volta, estão aprendendo a todo o momento, seja na escola ou em outros lugares.

Os valores que uma contação de histórias pode passar são muitos, por meio dela eles podem ser trabalhados de maneiras diferentes. Crianças são mais atentas e abertas quando recebem estímulos de mensagens alegres, uma linguagem que entendam a qual seja a fluência social envolvida. O contar historia pode oferecer tantos benefícios no auxílio ao desenvolvimento e excelentes maneiras de se educar, conforme Dohme mostra;

> "ler ou estimular a leitura para uma criança é como plantar uma semente em terreno fértil. A leitura estimula o desenvolvimento do senso crítico e do raciocínio lógico, faz com que a criança acredite mais em si e tenha mais imaginação e criatividade. Assim, a leitura contribui para a formação de cidadãos conscientes, sonhadores e, principalmente realizadores" (DOHME, 2003p. 03).

Dohme ainda frisa que a história deve sempre ser apresentada para as crianças de maneira alegre, com jeito de criança. Aquele que conta a história deve prender a atenção do público. Propor que as crianças participem da história, como já mencionado anteriormente, facilita o entendimento e aumenta o efeito da mesma sobre aqueles que a ouvem.

Kramer (2008) afirma que as histórias são importantes no processo educacional, porque despertam o interesse nas crianças, facilitando o sucesso desse momento, criando um ambiente mais agradável, que torna o relacionamento professor-aluno melhor, permitindo um diálogo maior e também mais respeito dentro da sala de aula.

A contação de histórias pode também auxiliar no aprendizado e desenvolvimento de novas estruturas de textos e frases, consequentemente ampliando o repertório de palavras, ajudando ainda o aluno a relacionar a língua escrita com a falada, auxiliando no uso correto de pontuação e significados diferentes de uma mesma palavra. Assim a contação pode ser um instrumento fundamental no processo de alfabetização de crianças na educação infantil.

Ainda sobre as formas de contar histórias, como forma de despertar o interesse dos alunos, a leitura compartilhada é um ótimo recurso, pois através dela a troca de ideias é muito grande, saber o que um amigo ou o professor entendeu e conversar sobre isso ajuda na hora de dar sentido ao texto lido, tendo assim diferentes pontos de vistas de uma mesma história, ajudando o aluno a buscar sentido e entender melhor aquele conteúdo que ele leu, porque se sabe que a mesma leitura pode despertar emoções e sentidos diferentes nas pessoas.

A contação de histórias deve ser empregada na educação infantil, não apenas como forma de distração ou apenas como fim didático, não descartando a importância dos mesmos, ela deve ir além, devendo também ser utilizada como um recurso muito significativo no desenvolvimento afetivo, cognitivo, físico e social da criança. Assim, segundo Abramovich (2003), pode-se dizer que a contação é fundamental para desenvolver o aluno intelectualmente. Ao se interessar pela leitura, como já mencionado anteriormente, o aluno recebe o estímulo da imaginação assim como sua comunicação, auxiliando também no esforço de ouvir e recontar as histórias para outras pessoas. Acredita-se ainda que o professor, sendo mediador, deve ser fonte principal desse estimulo que a criança receberá, fazendo com que eles ouçam e contem histórias, contribuindo assim para seu desenvolvimento.

Deste modo, ao contar uma história, a contribuição virá de forma significativa para formar o sujeito e deve fazer parte do cotidiano escolar. Estimulando o quanto antes, porque usando a contação como aliada em sala de aula, a relação de forma prazerosa com os livros, acontecerá naturalmente e consequentemente, os alunos terão um grande avanço na alfabetização.

Quando se trata de educação infantil, a linguagem oral é de relevância para que uma criança possa se desenvolver, uma vez que é a linguagem utilizada por crianças, já que ainda não sabem ler ou escrever convencionalmente nesse nível escolar. É por meio da linguagem oral que o professor tem maior contato com seus alunos, ao contar uma história para elas, ao conversar sobre outras histórias contadas, inserindo personagens e ações as quais elas possam interagir.

Acredita-se que o professor ao contar histórias, além de planejar, ler, gostar da história e fazer opção pela melhor história para a faixa etária de seus ouvintes, possa usar diferentes recursos para contar com mais entusiasmo e despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Deste modo, essas são algumas sugestões de recursos como fator enriquecedor do ato de contar histórias.

Simples Narrativa: é uma das mais fascinantes de todas as formas de contar histórias, antiga, tradicional e uma autêntica expressão do contador de histórias. Usa-se apenas a voz do

contador e sua postura, não requerem acessórios, pois, com as mãos livres, sua força se concentra na expressão corporal, é a maneira mais eficaz de se contribuir para a imaginação dos educandos.

O próprio livro: o professor poderá fazer uso do livro para mostrar imagens, chamar a atenção de algum detalhe da história, ler uma frase, até mesmo levantar hipóteses sobre o que irá acontecer. Existem textos que fazem questão da apresentação do livro, pois a ilustração o completa, e mostra que é tão rica quanto o texto. Porém,é importante lembrar que se o livro tiver mais figuras que texto, o professor deverá narrar algumas linguagens que se alteram durante a história, desde variações de entonação até impostações típicas de determinados personagens, envolvendo assim as crianças. É necessário também envolver os alunos na história, promovendo o diálogo entre professor e aluno, assim ela se sentirá parte daquela narrativa.

Apresentações em slides (PowerPoint): este é um recurso de grande interesse do aluno, pois existem vários textos acompanhados de imagens. Deve ser planejado como todos os outros. As imagens poderão ser projetadas como estímulo, antes, durante, ou no fim da leitura do texto.

DVD: nos ambientes em que é possível a utilização, o DVD é mais um recurso que pode ajudar o professor na contação de histórias. Ao utiliza-lo, é importante que o professor previamente prepare os alunos e a sala, e programe atividades posteriores, de modo que este recurso propicie aprendizagem significativa.

Dramatização: é possível a adaptação das histórias infantis para representação de seu texto para o teatro; as crianças assumem o papel dos personagens e os representam. As crianças podem usar fantasias, máscaras e diversos objetos para representação do teatro. Destacando assim que a história não deve ser elaborada pelo professor e dada pronta para ser "decorada"; antes, será muito mais enriquecedor se as crianças participarem de todo o processo.

Diante de todas essas maneiras da contação de histórias, o mais importante é o envolvimento da criança. Quando ela se identifica com alguma parte da narrativa, o espaço necessário para elas falarem de suas experiências deve ser dado. Assim, os recursos sugeridos farão com que os alunos participem mais e com prazer desta atividade, fazendo da literatura uma coisa mais próxima, mais intima da criança. Quando possível o professor deve relacionar a história contada com diferentes assuntos, propiciando, além do desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo, situações que favoreçam na alfabetização.

Nesse sentido, as escolas, as famílias devem ativar consciência da real necessidade de promover o interesse da criança pela leitura, de forma a auxilia-los na alfabetização e também para construir uma bagagem de conhecimentos, através do ato e ler.

Metodologia

Essa pesquisa qualitativa exploratória em um estudo de caso na Escola SESI Fuad Assef Maluf, com observação direta em sala de aula e um questionário com a docente e coordenação na obtenção de coleta de dados para futura analise deste artigo. Com base nas obras literárias de autores já mencionados na introdução deste estudo.

Análise de dados

Foram observados na escola em questão, as professoras A e a professora B, ambas com salas de 2º ano do ensino fundamental.

A professora A, todos os dias contava uma história para sua turma, e o que mais chamava a atenção eram as maneiras que essas histórias eram contadas. Cada dia ela vinha com uma novidade, às leituras, na maioria das vezes, eram conhecidas pelas crianças.

Sempre depois de contar uma história, a professora realizava uma discussão sobre aquilo que tinha acabado de ler, para saber o que cada aluno havia absorvido, as opiniões eram diversas, pois cada um, como em tudo, entende as coisas de maneiras diferentes. Outra situação interessante, é que todos os alunos tinham um "caderno das histórias", onde todos os dias eles registravam, livremente, em forma de reescrita, aquela histórias que a professora havia contado, ela só pedia que os alunos escrevessem realmente o que haviam entendido, sem inventar partes para a história.

Essa rotina, de contar histórias e reescrever o que ouviu, permitia aos alunos tivessem contato com algumas características próprias de alguns contos e assim adquirir a linguagem necessária para a produção de um texto, muitas vezes, a professora A contava vária versões de um mesmo conto, para que as crianças pudessem ver as diferenças de vocabulários e as diferenças das histórias em si.

Além desse momento de contar e reescrever histórias, a professora A contava com um projeto na sua sala, a mala viajante, alguns livros de escolha da própria professora, iam dentro de uma mala com um caderno, cada semana para casa de um aluno, em casa deles, eles tinham que ler um livro com a família e escrever e desenhar a parte que mais gostaram do livro. Os alunos ficavam ansiosos para levar a mala para a casa. Pode-se observar que esse projeto, era uma forma de incentivar a leitura também fora da escola, com o auxilio da família, que é de grande importância quando se trata de leitura e aprendizagem.

É importante frisar que todas as reescritas feitas pelos alunos, foram revisadas coletivamente pela professora durante as aulas, assim as crianças podiam ver os acertos ou correções com novos vocabulários.

O avanço da sala da professora durante o período observado foi notável, no sentido de construir caminhos para a alfabetização, uma vez que todos eram estimulados a ler e escrever, tanto na escola quanto fora dela, o que é fundamental nessa fase escolar.

A professora B, seguia outra rotina com a sua turma. Ao chegar à sala pela manhã, raramente fazia leituras para os alunos, e quando fazia, não passava meramente de leitura, sem nenhuma entonação diferente que tornasse aquela história mais atrativa ou empolgante. Pode-se perceber que os alunos não demonstravam interesse algum por aquele momento, muitos ficavam conversando, dispersos e a professora pouco se importava com a falta de atenção deles.

Os alunos pouco tinham contato com livros e histórias, a não ser quando visitava a biblioteca da escola, que acontecia uma vez por semana, nesse dia eles fazem empréstimos de livros, podendo leva-los para casa. Porém, nem do momento da biblioteca a professora interferia, enquanto eles escolhiam os livros ela ficava fazendo outras coisas. Pode-se perceber também que os alunos da sala B eram muito mais dispersos em relação às outras matérias, apresentavam dificuldades em matemática na interpretação de situações problemas.

De forma que dentre as duas salas os procedimentos a leitura são diferentes, embora haja o momento da leitura a colaboratividade da mesma fica distante para a pratica da mesma. Conforme as repostas dos questionários podem entender a visão dos docentes diante dessa necessidade de trabalhar a leitura no cotidiano do aluno. A professora A e a coordenadora da escola concordam em dizer que a contação de histórias é sim importante no auxilio a alfabetização dos alunos nas séries iniciais, que com a ajuda desse instrumento em sala de aula a criança pode desenvolver imaginação, criatividade, experiências literárias, ampliar seus vocabulários, maior facilidade na interpretação de textos. Relatam "*Para nós professores*

também considero importante esse momento, pois podemos trabalhar de uma forma diferente a alfabetização, que é o foco principal das séries iniciais".

Consideram esse momento importante não só para os alunos, mas também para professores, pois através da contação os docentes tem um instrumento a mais para trabalhar uma coisa que é fundamental, a alfabetização. Como forma de por em prática esse momento em sala de aula, a professora costuma contar histórias para seus alunos ao menos 04 vezes por semana e faz isso de diferentes formas.

Considerações Finais

Diante do estudo, considera-se que a contação de histórias é de extrema importância na educação infantil, para que assim os pequenos leitores se tornem leitores mais competentes. Acredita-se que é necessário que a prática da contação de histórias ocorra desde cedo, devendo ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar o desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo. Por isso, a literatura infantil tem papel primordial no desenvolvimento da criança, podendo ter a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer suas experiências de vida.

Cabe ao professor proporcionar momentos prazerosos aos alunos quando estão em contato com a literatura. Assim, ele deve organizar planejar, construir e se necessário reconstruir as práticas para que os resultados sejam significativos, deste modo o aluno terá uma bagagem maior de conhecimento, e o professor perceberá nitidamente o crescimento do seu educando.

De forma que o papel fundamental do educador no desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil é ressaltado, pois o professor será o mediador entre a criança e a literatura e assim despertará o interesse da leitura no aluno, para que ele faça uso da mesma de forma espontânea e crítica. Sendo assim, o professor, fazendo o uso da contação de histórias, deve sempre estar atento se a idade das crianças e a história são compatíveis, organizando também o ambiente e o momento propício, deve também perceber o interesse pela história escolhida é despertado e os recursos poderão ser usados para que a imaginação e interesse das crianças aconteçam de forma prazerosa.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida e sabedoria, sem ele nada disso seria possível. Aos meus pais, na verdade agradecer seria pouco por tudo que eles fizeram e ainda fazem por mim, são minhas maiores fontes de inspiração e sempre serão.

Ao meu noivo, por todo amor e incentivo que me deu, foi graças a um empurrão dele que a faculdade de pedagogia entrou na minha vida. A minha orientadora, Helena, por todo apoio. Obrigada pela confiança depositada em mim, ela foi fundamental para que pudesse concluir esse artigo, sem você esse trabalho seria pela metade.

Referencias

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

DOHME, V. Além do Encantamento: Como histórias podem ser um instrumento de aprendizagem. Fundação EDUCAR DPaschoal, 2003.

DOHME, V. Técnicas de contar histórias, 4ªed. São Paulo: Editora Informal, 2011.

KRAMER, M.L. Histórias e o lúdico encantam as crianças. São Paulo: Autores Associados LTDA., 2008.

PROFESSOR LEITOR UM ELO NECESSÁRIO PARA FORMAR CIDADÃOS LEITORES

Rosilda Souza Santos[40]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
A educação é o ponto fundamental para a construção de uma sociedade em que todos possam escolher seus próprios caminhos com a força do conhecimento adquiridos nos processos de ensino-aprendizagem na percepção da vida escolar. Neste processo destaca-se a figura do professor que media a construção de conhecimentos no cotidiano constituindo uma interação de aprendizagem no desenvolvimento do aluno que irá adquirir refletir e interagir na sociedade em que vive. O professor deve estar preparado intelectualmente para trabalhar as diversidades que abrange e envolve o campo da leitura que existem na formação do conhecimento. Nessa ótica esta pesquisa tem como objetivo a investigação e analise na conduta do professor nos procedimentos propostos a construção para o ato de ler, o qual media a formação de outros indivíduos leitores, cujo sendo este um leitor é um incentivador em potencial na formação de futuros leitores reflexivos para uma sociedade em constante movimento de desenvolvimento contemporâneo. Com bases em autores com obras na direção deste tema esse estudo foi realizado na observação em campo em uma escola na região de Sumaré SP.
Palavras-chave: Professor, aluno, leitura, aprendizagem.

ABSTRACT
Education is the key point for the construction of a society in which everyone can choose their own ways with the strength of the knowledge acquired in the teaching-learning processes in the perception of school life. In this process stands out the figure of the teacher, which measured the construction of knowledge in everyday life, are becoming learning interactions in the development of the student who will acquire reflect and interact in society in which he lives. The teacher must be prepared intellectually to work the diversities that covers and involves the field of reading that there are in the formation of knowledge. In this perspective, this research aims to research and analyze in the professor proposed construction procedures for the Act of reading, which media the formation of other individuals, whose readers and one

[40] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (rosysantos_pedagoga@hotmail.com:).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

reader is a potential motivator in future training reflectives for readers a society in constant movement of contemporary development. With bases in authors with works in this direction, this study was carried out on the observation in a school in the region of Sumaré SP.

Keywords: *Teacher, student, reading, learning.*

Introdução

O que pode fazer o professor como consequência um bom aluno, um bom leitor, já que não há interesse em centenas de páginas de texto técnico com linguagem difícil, de entender, por não ter tido incentivo desde cedo à literatura?

A resposta vale tanto para aluno quanto para professor, pelo fato de criar o habito de ler tem que ser um processo espontâneo, ou seja, para o aluno/professor gostar de ler ele tem que começar por livros e textos que os interessem e entendam como crianças gostam de livros infantis, e não generalizando, meninas preferem livros de romance e poesia e meninos de livros de aventura e suspense, e uma minoria dos dois grupos prefere livros e texto de teor científico, o mais importante a se fazer para ambos e incentivar o desejo de aprender, abrir espaço para o interesse de buscar a leitura por vontade própria.

De acordo com Lerner (2002) "um professor que não lê não adquire conhecimento suficiente para envolver uma sala de aula, seria o mesmo que um carpinteiro tentar pregar um prego com as mãos vazias, da mesma forma o aluno não tem como aprender com efetividade, sem ter o mínimo de conhecimento do assunto fornecido pelos livros. Esse estudo vem agregar reflexões na conduta do docente ser leitor e dessa forma abrir soluções para ampliar a qualidade formação de futuros cidadãos leitores".

A leitura como hábito oferece ao professor conhecimento, referências e maleabilidade do assunto e ao assunto e ao aluno a oportunidade de participar da aula como uma mente ativa e critica assim tornando a sala de aula um lugar onde não só o professor tem conhecimento sobre o tema aplicado, abrindo também um caminho que facilita o aprendizado mutuo.

De acordo com Silva (2002) "sabe-se também que para leitura convencional não há um único instrumento de ensino/aprendizagem disponível no sistema educacional, exemplo é a tecnologia que é muitas vezes tomada pelos pais e pela própria escola como inimiga por substituir o uso dos livros pelas crianças, podendo utilizar assim como leitura os computadores e a internet são ferramentas e seus produtos dependem do seu uso".

O objetivo é refletir e fomentar sobre a relevância nas estratégias que permitam ao professor e ao aluno desenvolver posturas através da leitura construindo conhecimento com autonomia e apreensão de saberes específicos na área de formação. Importância do professor como o mediador da leitura tanto para os discentes quanto para os docentes

Essa pesquisa se qualifica qualitativa em um estudo de caso exploratório na Escola EE Bélgica Alleone Borges-Sumaré SP. Com fundamentação teórica nas obras de autores como: MARICATO (2016), CORDEIRO (2016), LERNER (2002), entre outros.

Fundamentação Teórica

O processo de desenvolvimento cognitivo perpassa por uma boa e significante leitura, dessa forma, quando esta construção está no âmbito educacional vários agente se fazem presentes para formar uma corrente para produzir um conhecimento libertador e transformador. Um dos elos desta corrente, sem dúvida nenhuma é o professor. Dessa forma Maricato diz que: "nesta situação o professor deixa de ser alguém que transmite conhecimento

e passa a ser um mediador e investigador em ação. Em sala de aula ele observa seus alunos: como utilizam os recursos cognitivos, como atendem e percebem os dados de um problema, como os processam, analisam, comparam e categorizam". (http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30088/educacao-cognitiva-do-que-se-trata>Acesso em: março 2016).

Segundo Lerner (2002) "o professor é uma ferramenta pedagógica fundamental no desenvolvimento do conhecimento cognitivo do aluno que interage com várias percepções que cerca sua realidade e que, portanto, deve, nesta interação, ter o professor como um mediador que possa dar orientações que visam qualificar este estudante a compreender e transformar sua realidade através do conhecimento".

Outra visão importante nesta caminhada com a leitura, em um processo de desenvolvimento cognitivo, não pode ser evasiva ou descomprometida, esse momento tem que ser significativo e compromissado com o conhecimento reflexivo e aprofundado fazendo parte da nossa sociedade contemporânea. SILVA (2002, 31) relata que "a atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença, sem duvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança começa a compreender o significado potencial de mensagem registrada através da escrita".

Se em uma ponta do processo de desenvolvimento do conhecimento está o professor na outra ponta estará à leitura com certeza. São elos importantes que fortalecem a formação do estudante. Assim sendo, a leitura significativa tem quer apoiada e incentivada pelos professores que tem o dever de mediar e orientar a leitura dentro e fora da sala de aula.

Agora, para tanto, para que o professor venha a ser esse fomentador da leitura é necessário que este seja um leitor assíduo que promova com paixão aquilo que lê. Segundo Lerner, mediando a leitura e a reflexão, orientando as várias nuances interpretativas das entrelinhas da leitura pode dar significação ao processo de ensino-aprendizagem e contribuindo na formação de mais leitores entre os estudantes, dessa forma a autora firma que;

> Enquanto estão lendo, o professor as incentiva a continuar a leitura sem se deter diante da cada dificuldade, uma leitura global, e em seguida uma segunda leitura e irá descobrindo que conhecer todo o texto permite compreender melhor cada parte. A ajuda do professor consiste em propor estratégias das quais se irão apropriando progressivamente e que Ilhes serão úteis para abordar novos textos que apresentem certo grau de dificuldade. Além disso, o professor incitará entre os alunos a cooperação, com o objetivo de que a confrontação de pontos de vista leve a uma melhor compreensão do texto. (LENER, 2002, pg. 97).

Segundo Silva coloca que a formação do professor leitor constrói possibilidades diversas em, além do ensino-aprendizagem, promover entre os estudantes, novos leitores com capacidade de compreender melhor sua própria realidade, ele afirma que;

> "é importante lembrar que todo professor, por adotar um livro ou mesmo produzir, selecionar seus textos, transforma-se, necessariamente, num (co) responsável, pelo ensino e encaminhamento da leitura. Em outras palavras, a leitura é uma "exigência" que está presente nas disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola, e por isso mesmo os respectivos professores são, implícita, ou explicitamente orientadores, de leitura" (SILVA, 2002, PAG. 33).

Segundo Dowbor coloca que, o espaço escolar deve ser aproveitado como a primeira, o priori de leitores que se deparem com a necessidade do conhecimento, o professor, por sua vez, tem que estar preparado e motivado para ser o instrumento da formação de leitores críticos e formadores de outros leitores. A construção deste espaço em um período de novas tecnologias exige muito mais dos professores, o aperfeiçoamento requer habilidades em linguagens e leituras diversificadas que o profissional da educação tem que dominar. Segundo Dowbor diz que; "(...) esses saberes denunciam a necessidade de o professor assumir-se um ser pensante. Curioso, que duvida e faz da sua fala um aprendizado de escuta. Humilde, que, embora se reconheça condicionado por circunstâncias sociais, econômicas e culturais, não é um ser incapaz de gestar transformações". (, http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/resenha-trecho-livro-pedagogia-autonomia-paulo-freire-556571.shtml> Acesso em: abril 2016)

Cristovam também diz que se houver determinação neste tipo de aperfeiçoamento haveremos de nos aproximar mais das necessidades cognitivas dos estudantes para melhor compreende-los e, assim, incentiva-los nos caminhos da leitura, não qualquer leitura, mas aquela reveladora e transformadora, que define quem é e o que podemos ser. Segundo Critovam diz que; "a implementação de ações coerentes com as estratégias exige muita coragem. Propor a mudança, descortinar o norte organizacional e pedagógico, gerar no grupo a sua visão, o seu sonho, a sua forma de caminhar, mais que treinar ou capacitar, é conscientizar que a qualidade de que tanto falamos está situada na relação entre o homem e mundo" (http://www.webartigos.com/artigos/a-formacao-permanente-do-educador/4217/> Acesso em: Abril de 2016).

Não perceber ou não aceitar a necessidade de aperfeiçoar para revolucionar é condenar o outro e a si mesmo a uma acomodação intelectual, parar no tempo da ignorância e viver sem perspectivas.

Segundo Lerner (2002) segue a necessidade da capacitação do professor ser constante para que, "o professor continuará atuando como leitor – embora não com tanta frequência como no começo – durante toda a escolaridade, por que é lendo materiais que ele considera interessantes, belos ou úteis que poderá comunicar as crianças o valor do leitor" (1996, pg. 96).

Sendo que construir num leitor vem esclarecer um conceito social "a leitura e escrita nos estudos psicogenéticos e psicolinguísticos já permitiam esclarecer aspectos importantes do processo de reconstrução da língua por parte do sujeito'' (LERNER, 2002, pg. 42)". Gostar de ler livros e textos interessantes que entrem no entendimento da vivência do mundo escolar para as crianças gostarem e se habituarem a de todos os gêneros. De forma que o docente leitor é indispensável nesta fase de desenvolvimento e aprendizagem.

O professor deve ser um agente mediador de aprendizagem sendo parte da mesma, para que aja construção de um cidadão leitor em busca de saberes, é necessário que o professor profissionais pesquisadores, segundo Demo, "o aluno não vem para escola escutar aula. Vem para reconstruir conhecimento e arquitetar sua cidadania integral (corporal emocional e espiritual). Sala de aula é, antes de tudo ambiente de estudo e pesquisa, pela razão simples de que pesquisa é o ambiente de aprendizagem' (DEMO, 2004, PG.74).

Nessa ótica dos autores o valor da leitura e o veículo que constitui a melhor forma de alfabetizar, cujo professor se preparar com as teorias que darão norte aos conhecimentos pedagógicos.

Essa leitura fortalece como e relevante mostrar que é possível através da pesquisa literária o melhorar o hábito de leitura, melhorar a prática pedagógica, como também abranger o campo do conhecimento para obtenção de crescimento profissional e pessoal.

Metodologia

Essa pesquisa teve observação direta na Escola EE Bélgica Alleone Borges-Sumaré SP, sendo uma pesquisa qualitativa com observação direta em campo, para coleta de dados e analise nessa pesquisa. Também foi elaborado questionário com os professores, coordenação e alunos, para maior compreensão dos procedimentos de leitura e sua relevância no desenvolvimento de aprendizagem. Com base nas obras de autores que embasam essa temática, já mencionada na introdução desse estudo.

Análise e Resultados

Com objetivo de mostrar a importância do docente leitor para o ensino e aprendizagem no ensino fundamental, foi observado os procedimentos de construção da leitura em uma escola de ensino regular na região de Sumaré SP.

Havendo a necessidade de formar cidadãos leitores, para que haja mudanças positivas para a sociedade constituir movimentos positivos, essa pesquisa teve observação direta em sala de aula.

Como pesquisadora no Programa Ler e Escrever, realizado pelo governo do Estado de São Paulo, foi elaborado com um estágio continuo e diário em salas de aula na EE Bélgica Alleone Borges-Sumaré SP.

Compreendendo a importância do professor como o mediador na aprendizagem nos procedimentos da leitura. Fica inevitável observar a relevância de um professor leitor com hábitos e conceitos para a leitura. Somente dessa forma conseguira haver sucesso para formar leitores.

A pesquisa feita nesta escola em salas de aulas, notou-se o desinteresse pela leitura dos alunos e dos docentes sendo que os mesmos deviriam incentivar as pratica do ato de ler.

A observação feita nesse período do Programa Ler e Escrever, estagiando em salas de aulas diariamente, compreendeu-se uma realidade de necessidades que o professor tivesse bases dessa habito de ler, nas observações verificou que o interesse era escasso tanto pelo mediador e para o aluno se acomodava a postura do desinteresse.

Em salas de aula foram feitos procedimentos na aprendizagem para a leitura, e as respostas dos questionários feitos com os professores e coordenação , mostram alguns relatos:

Docente A: *Relatou que há na escola uma biblioteca onde a mesma escolhe os livros para ler para os alunos. No planejamento diário há, a hora da história, na qual fazem a roda da leitura explorando o autor, o ilustrador e variados gêneros de leitura*.

As crianças ouvem e depois não há outros procedimentos ficando vago para outras práticas a ampliar o habito de ler.

Docente B: *Relata que é possível criar o hábito de leitura nos educandos e talvez essa seja uma das grandes missões na escola e do professor, pois muitas vezes os alunos não tem em casa nenhum estímulo à leitura, familiares que não leem, não produzem leitores, pois o exemplo é mais eficaz que apenas palavras.*

Daí a importância do professor ler com o aluno, e elaborar outros momentos que se faça a construção de leitura como, por exemplo, projetos que envolvam a escola e a comunidade em si, no sentido de ampliar o aprendizado e mover interesses para constituir leitores.

Docente C de educação infantil trabalha com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, relata que: *Todos os dias após a rotina realiza o momento da história, pois acredita ser muito importante para os educandos mergulharem num mundo mágico onde encontram ajuda na*

resolução de seus problemas diários onde vivenciam dificuldades parecidas com as dos personagens que passam por situações de medo, conflitos iguais ao da criança em seu mundo real, desenvolvendo a fantasia, a criatividade, a organização das ideias com coerência e lógica. Além do que, uma criança leitora adquirirá um vocabulário mais rico sua ortografia será mais correta em relação a ortografia convencional, ou seja, norma culta.

Neste olhar compreendemos que quando lhe for sugerido a elaborar uma redação, terá mais embasamento para criar um texto com coesão, coerência, utilizar repertórios de palavras diferentes.

Docente D *Relata que é possível criar o hábito de leitura nos alunos, e talvez essa seja uma das grandes missões da escola e do professor, pois muitas vezes os alunos não tem em casa nenhum estímulo à leitura, familiares que não leêm, não produzem leitores, pois o exemplo é mais eficaz que apenas palavras. Daí a importância do professor ler para o aluno e ler com o aluno, mostrar como é interessante a história que está lendo e fazer ele se apaixonar.*

Docente E: *Relata* que busca atualização por conta própria, troca novela por jornais, por exemplo. "*Na leitura, usa os ATPCs para se informar, porém, é leituras e informações sobre as matérias previstas para o ano/ ciclo, estudando antes de ensinar. Leitura de livros sobre outros assuntos, não consegue acrescentar na sua rotina, pois é mãe, esposa, dona de casa e professora. Prioriza a sua profissão, faz todos os cursos oferecidos pela prefeitura, porém, nos últimos tempos não houve nenhum, o último foi o PACTO em 2014. Infelizmente não há uma preocupação e nem investimento, por parte da prefeitura, em bons cursos e formação de professores".*

Com essas falas podemos entender que a formação do educador deve se ter base de leitores continuas em sua profissão, pois comas dificuldades que analisamos acima, demostram que estamos em uma sociedade que está distante de leituras que incentivam, a saber, sonhar e criar passos se novos saberes. Com novos projetos nas grades curriculares, ampliar jornadas de trabalho, havendo mais incentivo para enobrecer a educação, juntamente com a comunidade fazendo parte desse crescimento em meio escolar.

Considerações Finais

Durante o período de pesquisa, foi compreendida a importância da leitura em sala de aula e as dificuldades encontradas foram que os próprios docentes na sua maioria pouco utilizam o habito de ler, o que dificulta muito nos procedimentos necessário pra formação de futuros leitores. De forma que na atualidade fica mais a utilização de tecnologia em redes sociais o que se distancia muito do vocabulário real de leitor e registro de padrão convencional.

A leitura é relevante em todo o processo de aprendizagem que o aluno desenvolve novos conhecimentos. O ser humano necessita de estímulos e desafios para construir novos panoramas e paradigmas tanto cognitivos como culturais.

Com essa ótica vimos que o acesso às informações nos ajuda a refletir sobre acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais na ampla comunidade global de nossos pais e com outros espaços mundiais, ou seja, nos conscientiza, abre nosso olhar para os direitos e deveres como cidadão. O que nos torna autônomos e capazes de viver numa sociedade competitiva com respeito e dignidade, refletindo com criticidade. Ser um aluno leitor é nascer pela segunda vez para um novo caminho de pensamentos e atitudes, como ser inserido em uma sociedade.

Segundo Lerner (2002) “o professor ajuda no que consiste em elaborar ações das quais se propõem praticas e procedimentos que permitem agregar continuamente novas leituras com novos desafios”. Com esse olhar haverá alunos trabalhando em grupos de forma colaborativa com socialização de seus pontos de vista. LERNER diz que, “*Sendo que construir num leitor vem esclarecer um conceito social a leitura e escrita nos estudos psicogenéticos e psicolinguísticos já permitiam esclarecer aspectos importantes do processo de reconstrução da língua por parte do sujeito’’ (2002, pg. 42)”.*

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e coragem de realizar meu sonho e meus ideais, agradeço a minha orientadora, Helena Prestes dos Reis que me ajudou em todos os momentos que precisei a meus familiares que sempre me apoiaram e me deram força para finalizar essa batalha.

Referências

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília:1997

CORDEIRO, I. C.; **Argumentação e Leitura: a importância do conhecimento prévio**. <Disponível http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2005_g/2005/textos/005.html. Acesso em: março 2016.

CRISTÓVAM, Maria Tavares. A formação permanente do educador. Disponível em < http://www.webartigos.com/artigos/a-formacao-permanente-do-educador/4217/> Acesso em: Abril de 2016.

DEMO, P.; **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda/** Pedro Demo- Porto Alegre: Mediação, 2004.

DOWBOR, Fátima Freire. Resenhas e trecho do livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire.<Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/resenha-trecho-livro-pedagogia-autonomia-paulo-freire-556571.shtml> Acesso em: abril 2016.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário./** Delia Lerner; tradução Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARICATO, C. C.; **Educação Cognitiva: do que se trata?** <Disponível em: http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/30088/educacao-cognitiva-do-que-se-trata> Acesso em: março 2016.

MUNAKATA, 2002, p. 579: SILVA, Jeferson Rodrigo Da. Livro Didático como documento histórico: questões e limites de abordagens. <Disponível em: http://www.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo_8._SILVA.pdf> Acesso em: março 2016.

FAMÍLIA E ESCOLA: PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E RELEVÂNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE ZERO A TRÊS ANOS

Anathalia Caroline Sales dos Santos[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO

Esse estudo visa analisar as necessidades que crianças de 0 a 3 anos de idade apresentam para se desenvolver de forma equilibrada e qual tipo de cuidado é importante para não resultar danos futuros. O objetivo deste estudo está em esclarecer qual é o momento propício para a criança ingressar na escola, sabendo que é frequente essa inserção e aceita com naturalidade desde os primeiros meses de sua vida, sem a preocupação no que se refere à separação prematura do bebê de seus familiares, interferindo em seu desenvolvimento afetivo, psíquico e intelectual. Estudo recente do psicólogo britânico Steve Biddulph, demonstra ser saudável para as crianças serem submetidas à contínua convivência familiar nessa fase. Pois, por melhor que seja o Berçário ou a Creche os seus serviços não conseguem substituir o que só o ambiente familiar possibilita. Essa pesquisa está ancorada nas obras de autores que embasam essa temática, com pesquisa em campo em escolas na Região Metropolitana de Campinas, entrevistas a mães e a monitoras de creche e com uma conversa com um psicanalista.

Palavras chave: Família, primeira infância, desenvolvimento, educação, creche.

ABSTRACT

This study aim to analyze the needs that children from 0 to 3 years old show to develop themselves in a balanced way and what is the kind of care is important to do not result in future damages. The objective of this study is to clarify which is the right time to children get into a school, knowing it is often this insertion and accepted with naturally since their first months of life, without the worry with the baby's premature separation of his/her relativies, interfering in his/her affective, psychic and intellectual development. A recent study of the british psychologist Steve Biddulph, shows that's healthy to children be submited to a continuous family life in this phase. Because, no matter how good the Nursery is, its services can not replace what only a family environment can give. This research is anchored in work of authors who support this theme, with field research in schools in Campinas Metropolitan Region, interviews to mothers, to Nursery's monitors and with a talk with a psychoanalyst.

Key Words: *Family, first childhood, development, education, care center.*

[1] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova

Odessa, SP, Brasil (anatycaroline@hotmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL; 1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL; 2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

1. Introdução

Essa pesquisa visa investigar, analisar e refletir sobre as características da criança de 0 a 3 anos de idade, quanto as suas necessidades e seu desenvolvimento afetivo, psíquico e intelectual. Nela será apresentada a relação estabelecida entre a criança dessa faixa etária com sua família e a fase social em que será inserida na vida escolar. Com vistas a entender os processos e desenvolvimento infantil na sua singularidade e ampla complexidade, esse estudo analisa a sociedade no século XX em relação à história da creche e como ela é concebida nos tempos atuais.

O objetivo central está na reflexão aprofundada sobre o momento propício do ingresso da criança no âmbito escolar, sabendo que ela ‘’necessita de ambiente material e social adequado, capaz de estimular o pleno desenvolvimento’’ (WERNER JUNIOR, 2006, p.10).

Assim, podem-se entender ‘’ambiente material adequado’’ os lugares onde o bebê/ criança de até 3 anos encontre conforto, tranquilidade e estímulos através dos objetos presentes em tais espaços. Enquanto, ‘’ambiente social adequado’’, o mais importante, vem a ser as pessoas que fazem parte de sua vida e são as grandes responsáveis em oferecer um desenvolvimento rico em experiências afetivas de respeito, cuidado e amor a ela e às etapas que vivencia. Segundo Rizzo, 2006;

> Médicos, psicólogos e estudiosos do desenvolvimento humano estão seguros, ao considerar de *alto risco* as crianças precocemente afastadas de suas mães, isso abrange a separação desde as primeiras horas de vida até, no mínimo, três meses completos. Esse seria o atendimento *mínimo* essencial à manutenção da vida e saúde do bebê e, em função dessa exigência mínima, os institutos previdenciários já se prepararam para manter a mãe próxima do filho, porque isso, reconhecidamente, interessa à sociedade. (RIZZO, 2006, p. 13-14).

É interessante perceber que Rizzo (2006) destaca a palavra “mínima” proporcionando, aqui, a seguinte reflexão: Este tempo mínimo garante a manutenção vital e saudável integral da criança pequena inclusive no tocante de sua afetividade e desenvolvimento propedêutico de seu vínculo familiar?

Tal questão é a condutora essencial deste estudo que almeja despertar a crítica sobre o desenvolvimento da criança em seus primeiros anos de vida, e quais são os pontos fundamentais para que aja desenvolvimento equilibrado em todas as áreas de sua vida.

Sem dispensar um fator significativo e real na sociedade atual - pais e mães que precisam trabalhar para oferecer ao filho o básico material -, mas com vistas em compreender a importância de um desenvolvimento integralmente equilibrado e saudável, esse estudo vai além do bem-estar físico da criança, analisando, na faixa etária destacada, outras necessidades como amor, atenção e cuidado contínuos. Enfatizando, assim, seu bem-estar emocional e psíquico, isto é, as condições que exercem grande influência e que auxiliam no bom

desenvolvimento de todas as etapas de crescimento.

Mesmo considerando que nem todas as crianças têm experiências amorosas, respeitosas e solidárias em suas famílias, esta pesquisa não adentra em tal questão, mas apresenta o que é necessário a todas elas no âmago dessa faixa etária, fazendo-se imprescindível enaltecer a importância de a criança, em sua primeira infância, permanecer exclusivamente em seu meio familiar, sendo ensinada, nos vários aspectos dos saberes, por seus educadores por excelência: mãe, pai e familiares.

Espera-se, conscientizar a família, a escola e a sociedade sobre a necessidade que toda criança tem de sua educação ser fundamentada no amor, atenção e cuidado a ela dados e, para isso, precisa permanecer mais tempo num ambiente que lhe proporcione tais dádivas. Como consequência dessa consciência, é esperada a reflexão que gere a mudança de comportamento das famílias que considerando os anseios da criança tenham mais empenho e esforço para sanar suas carências que tem assolado o afetivo, emocional, intelectual e social das pessoas por causa de uma infância mal vivida.

Os resultados desse estudo mostrarão que muitos pais não têm a consciência quanto as necessidades da criança em sua primeira infância. O ser humano nessa faixa etária precisa de atenção e cuidado individual, que deve acontecer através e na família e não em creches/ berçários.

Essa pesquisa se qualifica qualitativa num estudo de caso exploratório, com pesquisa de campo em escolas da região de Campinas, entrevistas a famílias e profissionais que atuaram em berçário e creche e uma conversa com um psicanalista. Tendo como base a fundamentação teórica de obras de autores como: RIZZO (2006), BEE e BOYD (2011), RAPOPORT (2001) e POLONIA & DESSEN (2007), entre outros.

2. Fundamentação Teórica

A criança em geral, mais especificamente, ‘’o bebê é um ser vulnerável que precisa de muito carinho, atenção e acolhimento’’ (MEC/SEB, 2012, p. 63), e tais necessidades são tão importantes quanto as físicas, pois mesmo que estas últimas sejam mais notáveis, podendo ser entendidas como primordiais, não garantem um desenvolvimento integral, saudável e de qualidade sozinhas.

Ao apresentarem a Teoria de Erik Erikson (1902-1994), sobre os estágios psicossociais pertinentes às pessoas, que ele propõe, BEE e BOYD, 2011 apontam que

> a primeira tarefa, central aos primeiros 12 a 18 meses de vida, é desenvolver um senso de *confiança básica.* Se os cuidadores da criança não são responsivos e amorosos, entretanto, a criança pode desenvolver um senso de desconfiança básica, que afetará suas respostas em todos os estágios posteriores (BEE e BOYD, 2011, p. 36).

Ainda, segundo Winnicott (2011, p. 33), em "se tratando de crianças pequenas, é só o amor por aquela criança que torna a pessoa confiável. Amamos aquela criança e mantemos com ela um relacionamento ininterrupto". Diante disso, a questão é: os cuidadores terceirizados, professoras, monitoras de creche, berçaristas e babás, são capazes de dar esta resposta de amor, atenção, carinho e acolhimento ininterrupto que as crianças na fase da primeira infância implicam, com a devida intensidade?

Em relação ao necessário aos bebês, Winnicott, 2011 defende que

> Inicialmente a criança carece de um grau de adaptação ativa a suas necessidades que só pode ser provida se uma pessoa devotada estiver cuidando de tudo. É óbvio que é a própria mãe da criança a depositária natural desta devoção e, mesmo que se possa provar que as crianças não reconhecem suas mães até terem alguns meses de idade, continuo pensando que devemos admitir que a mãe conhece seu filho (WINNICOTT, 2011, p. 33).

Tal dedicação para com o bebê gerará um feliz presente e futuro a ele, pois "é sempre um relacionamento vivo entre duas pessoas que abre espaço ao crescimento" (WINNICOTT, 2011, p. 47).

No que concerne à família, esta

> tem seu próprio crescimento, e a pequena criança experimenta mudanças que advêm da gradual expansão e das tribulações familiares. A família protege a criança do mundo; este, porém, aos poucos vai se introduzindo: as tias e tios, os vizinhos, os primeiros grupinhos de crianças, e por fim a escola. Essa introdução gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar uma criança a entrar em bons termos com o mundo mais vasto, e segue de modo exato o padrão pelo qual a mãe apresenta à criança a realidade externa (WINNICOTT, 2011, p. 60).

Percebe-se que a escola é o último lugar que extrapola o ambiente familiar o qual o bebê é introduzido. Quando o bebê inicia, com meses de vida, por exemplo, numa creche, em muitos casos, em horário integral, não estamos considerando que tal ação é demasiada incompatível para o seu desenvolvimento. Pode acontecer que essa inserção não ocorra *aos poucos* e no tempo propício, o que defendemos aqui, implica no cuidado que se deve ter com "o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida" uma vez que ele "lança as fundações mesmas da saúde mental do indivíduo humano" (WINNICOTT, 2011, p. 5).

Continuando o tocante ao "processo contínuo de desenvolvimento emocional" WINNICOTT (2011, p. 214) expõe;

> Reconhecemos que o verdadeiro grupo da criança pequena é seu próprio lar e, no que se refere ao bebê, sabemos ser um verdadeiro desastre a quebra de continuidade do cuidado familiar. Nos primeiros estágios desse processo, o bebê é extremamente dependente do cuidado materno, da presença contínua e da própria sobrevivência da mãe (WINNICOTT, 2011, p. 215).

E, concluindo;

> Em meus escritos tenho-me referido inúmeras vezes à delicada adaptação das mães às necessidades sempre mutáveis de seus bebês. Quem, senão a mãe, preocupa-se em sentir e conhecer as necessidades do bebê? Gostaria de ampliar um pouco esta afirmação: creio que a família da criança é a única entidade que possa dar continuidade à tarefa da mãe (e depois também do pai) de atender às necessidades do indivíduo. Tais necessidades incluem tanto a dependência como o caminhar do

> indivíduo em direção à independência. A tarefa consiste em fazer face às necessidades mutantes do indivíduo que cresce, não apenas no sentido de satisfazer a impulsos instintivos, mas também de estar presente para receber as contribuições que são características essenciais da vida humana (WINNICOTT, 2011, p. 131).

É no seio familiar, ainda no ventre materno, que a criança começa a construir vínculos e relações com outras pessoas, as mais próximas, e ao nascer construirá relações com o restante da sociedade. Por isso, como anteriormente apresentado, ela precisa aprender a conviver nesse meio social de maneira gradual, segundo suas necessidades; natural, segundo suas possibilidades e integralmente saudável. Ou seja, os educadores -pais, familiares e profissionais da educação- devem levar em conta o que a criança necessita em cada fase de sua infância considerando que "queimar etapas precocemente pode deixar sequelas psicológicas, em vez de representar benefícios ao desenvolvimento infantil" (WERNER JUNIOR, 2006, p.10).

"Não haveria nada de novo em afirmar que a família é um dado essencial de nossa civilização" (WINNICOTT, 2011, p. 59), é a instituição basilar da sociedade, lugar onde a pessoa é educada no e para o amor, o respeito, a solidariedade; assim sendo, "a educação, o respeito, o afeto, o amor familiar devem ser aprendidos com os pais" (MARTINS FILHO, 2007, p. 14), pois "no ambiente familiar a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida" (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE & BORNHOLDT apud POLONIA &DESSEN, 2007, p. 23).

E, assim, fundamentando seu processo educacional que vivenciará, posteriormente, no âmbito escolar e social, na educação recebida por sua família, a criança terá uma vida escolar dotada de êxitos: terá mais facilidade em conviver com as diferentes pessoas e em compreender que nem tudo é no tempo e do jeito que gostaria, pois refletirá na escola os valores mais significativos a ela. Esse é um fato também para POLONIA & DESSEN (2007, p. 24) quando explicam que, "os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes de que participa".

O ditado popular: ''Educação vem de berço'', sugere que cada pessoa expõe para todas as outras, o que aprendeu e viveu desde sua mais remota infância dentro de casa, ou seja, a família influencia imensamente na subjetividade de seu membro, como ele se comportará na sociedade e em frente às diversas situações da vida. Se toda pessoa tem por primeira educação, ser amada e amar, ser respeitada e respeitar, ser ajudada e ajudar, a da sua família, significa que, se interrompida, acarreta disfunção séria no desenvolvimento da criança, inclusive, é claro, no de sua aprendizagem acadêmica já que todas as complexas áreas do ser humano são interligadas.

Contudo, tem sido frequente esta interrupção, pois atualmente muitas crianças com apenas três/ quatro meses de vida já estão ingressando em creches ou berçários de escolas de Educação Infantil, quando os pais trabalham fora e, segundo BERK (apud RAPOPORT, 2001, p. 84), "a mãe quer trabalhar ou precisa fazê-lo em função de suas condições financeiras limitadas". Há pais e mães que concordam e prefeririam estar com seus bebês a retornarem ao trabalho precocemente, porém há casos que o trabalho fora é uma necessidade praticamente indiscutível. Infelizmente, existem casos em que pais e mães têm a oportunidade de um ou

outro abrir mão, pelo menos por um tempo mais estendido, de seus empregos e não o fazem, ficando menosprezadas importantes necessidades de seus filhos.

Assim, deve-se ter uma consciência crítica a esse fato que tem se tornado cada vez mais comum, porque nessa faixa etária, destacou BOWLBY (apud RAPOPORT 2001, p. 82) "que seria essencial para a saúde mental que o bebê e a criança pequena tivessem uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou mãe substituta) e que fosse prazerosa e satisfatória para ambos".

Necessidade essencial que não é suprida quando há a entrada em um ambiente escolar, sendo inevitável que a criança experimente a separação materna, cuja reação é de protesto e de angústia como explica BOWLBY (apud RAPOPORT, 2001, p. 83), "o protesto de separação refere-se à resposta de protesto da criança à situação durante a qual a mãe a deixa e a angústia de separação referem-se à resposta da criança por ter sido deixada por sua mãe".

No entanto, como nenhuma pessoa é igual e nem reage como as outras, "existem diferenças nas reações da criança à separação materna prolongada. Enquanto algumas crianças parecem desenvolver-se normalmente após uma experiência de separação e perda, outras apresentam dificuldades para superar estas situações" (RAPOPORT, 2001, p. 83).

Essa questão relacionada ao estado da criança pequena ao separar-se de sua mãe, pai e família por algumas, ou muitas, horas do dia é, assim, intrigante e complexa por ser algo subjetivo de cada uma. Werner Jr. (2006, p.10) esclarece que "não se pode avaliar o estado emocional de uma criança pela rapidez de sua adaptação à Creche. Ao contrário do que frequentemente é dito aos pais, as dificuldades de adaptação podem representar saudável reação de defesa contra uma separação justificadamente indesejável".

Dessa forma, a concepção de que quanto antes a criança ingressar na vida escolar quanto mais desenvolvida e esperta será, tem vários pontos errôneos, pois ela se depara com uma realidade que ainda não lhe cabe realizar porque o salto é maior do que suas perninhas podem dar, formando precocemente uma pessoa sem a base fundamental de educação que é sua família.

As necessidades que são intrínsecas ao ser humano desde sua concepção, até sua primeira infância, devem ser observadas com afinco e compromisso, principalmente quando não é possível que os pais e familiares tenham a convivência contínua e desejável com o bebê durante o dia. "O carinho e a atenção do pai e da mãe e de adultos de referência, responsáveis, não são apenas importantes, mas essenciais ao desenvolvimento afetivo-social e intelectual do bebê" (RIZZO, 2006, p. 48).

Segundo a história das famílias brasileiras, essa impossibilidade de uma convivência contínua com os filhos pequenos fez com que aumentasse a solicitação de instituições que forneciam cuidados terceirizados às crianças pequenas. O crescente aumento iniciou-se em meados de 1950, quando além dos pais, as mães começaram a trabalhar fora de casa. Oliveira afirma que

> no âmbito da evolução da economia capitalista no país, que inclui a expansão da atividade industrial e do setor de serviços, dentro de uma perspectiva de urbanização cada vez maior, (...) a urbanização e a industrialização trouxeram, pois, em seu bojo um conjunto amplo de fatores que modificaram a estrutura familiar tradicional no que se refere ao cuidado aos filhos pequenos visto que começava a tornar-se cada vez mais frequente a ausência da mãe nesse cuidado; tal realidade "ligada a uma situação criada pelo próprio sistema econômico (OLIVEIRA, 1988, p.44- 45).

Nessas creches as crianças recebiam os cuidados relacionados ao seu bem-estar físico, "não era valorizado um trabalho voltado para a educação, para o desenvolvimento intelectual e afetivo" (OLIVEIRA, 1988, p. 47).

Só na década de 1960, como aponta a mesma autora, as creches começam a ser vistas de maneira positiva por alguns grupos, dada a preocupação das pré-escolas, voltadas para as classes média e alta, no desenvolvimento integral da criança, principalmente sua sociabilidade, que podia ser realizada longe do âmbito familiar cada vez mais precocemente (OLIVEIRA, 1988, p. 49).

Tal visão é, de fato, equivocada; como a criança consegue desenvolver-se longe de sua família cada vez mais precocemente se desde o século XVII "avançava cada vez mais a concepção segundo a qual a família, ou pelo menos a mãe, era fundamental para o desenvolvimento não apenas físico, mas também psicológico, social e afetivo da criança?" (MARTINS FILHO, 2007, p. 31).

LIMA (2004, apud MARTINS FILHO, 2007, p. 95) coloca que a realidade social que foi se formando através da economia capitalista "corroeu, por um lado, a autoridade do pai e, por outro lado, sequestrou a mãe para o trabalho, impedindo-a de dar o necessário colo ao filho".

Assim, ocorreram várias lutas das mulheres pelo direito à creche a seus filhos que começou a ser concebida "como um direito da criança dispor de um espaço próprio para sua educação, complementar à educação familiar" (OLIVEIRA, 1988, p. 51), porém "crianças dessa idade - menos de três anos - querem apenas uma coisa: cuidado individual. Mesmo os melhores berçários, creches e escolas maternais não conseguem proporcionar essa atenção"

(BIDDULPH, 2007, p. 9), ou seja, nesta faixa etária a educação familiar não carece de complementos.

Biddulph (2007, p. 21), ainda afirma, "a invenção dos berçários, das creches, das escolas maternais, das babás e das amas é uma necessidade absoluta do nosso admirável mundo novo de vida apressada e de cuidados paternos e maternos à distância".

Cada vez mais tem aumentado o número de creches e escolas de Educação Infantil que oferecem serviços de berçário, e famílias que, de maneira solícita, prontamente utiliza-os. Essa realidade tem sido positiva para os pais que, por precisarem trabalhar fora, não podem acompanhar continuamente seus filhos, mas, e para as crianças? Também é sempre positiva? Não há como responder generalizando, mas é explícito através de estudos e vivências com algumas crianças de até 2 anos de idade, como elas sofrem com a separação de sua família para permanecerem durante o dia inteiro em uma escola.

Esse fato emergente pode gerar, futuramente, pessoas carentes de amor, individualistas por terem sido privadas, em sua primeira infância, dos vínculos essenciais para uma vida feliz;

> Nos três primeiros anos de vida, as crianças devem aprender a lição mais essencial de todas: como se deve amar. Trata-se de um princípio fundamental da psicologia. Ao se desperdiçar essa preciosa oportunidade temeram que estivéssemos criando uma geração de crianças mais frias, deprimidas, estressadas e agressivas, que talvez nunca saibam o que representa uma relação verdadeira e nunca experimentem a

sensação de paz (BIDDULPH, 2007, p. 10).

Winnicott (2011, p. 53) aponta que "só uma mãe devotada (ou uma mãe substituta dotada do mesmo sentimento) pode acompanhar as necessidades de uma criança", inclusive e principalmente sua necessidade de sentir-me amada. Diante disso, há a seguinte questão: um profissional tem o tempo, a disposição e a possibilidade de ser essa "mãe substituta dotada de devoção" no cuidado do bebê e para amá-lo?

Por melhor que seja esse profissional, não conseguirá dar a cada bebê o que só suas respectivas mães conseguem pelo fato de serem as mães e, como citado anteriormente, naturalmente terem tal devoção.

Com isso, fica clara a relevância de ter uma perspectiva crítica quanto a esse assunto, priorizando o bem-estar da criança e, por conseguinte, da primeira e tão importante instituição social e de educação: a família.

3. Metodologia

Os objetivos desta pesquisa são indagar, refletir e esclarecer sobre o momento propício do ingresso da criança no âmbito escolar, com vistas de conscientizar a família e o restante da sociedade que inseri-la em uma creche, com poucos meses de vida, não condiz com sua necessidade primordial: o cuidado exclusivo e contínuo.

Por isso, delineamos a pergunta: A criança tem tido tal necessidade suprida em sua primeira infância, com uma convivência extensa em tempo e afeto com sua família?

Essa pesquisa tem por característica, ser qualitativa, e para isso foi realizado um estudo de caso exploratório e pesquisa de campo em uma creche da rede pública de Educação na cidade de Hortolândia-SP e em um berçário de uma escola particular numa região de classe média de Campinas-SP, a idade das crianças é entre 4 a 18 meses.

Foram elaborados 2 tipos de questionários. Um respondido por 6 mães, selecionadas por terem filhos de até 3 anos de idade frequentadores ou não de creches, das quais 5 optaram em deixar seus bebês em creches e 1 que optou em ficar com sua filha até os 3 anos de idade. As mães são aqui apresentadas como ''A'', ''B'', ''C'', ''D'', ''E'' e ''F''. E o outro para duas profissionais que á atuaram na área de creche. Por último uma conversa com o médico e psicanalista Prof. Dr. André Marroig.

No questionário destinado às mães, as questões abordavam se elas escolheram ou não por trabalhar fora e o tempo estabelecido para a convivência entre mãe e bebê/criança pequena e se essa convivência é afetuosa (com beijos, carinhos, abraços, conversas) ou não; os comportamentos mais comuns da criança; questões específicas para as que optaram e as que não optaram pelos serviços de uma creche/berçário e, por fim, as duas questões reflexivas: se elas sentem-se felizes com a escolha que fizeram a seus bebês e se eles demonstram ser felizes.

Em relação as monitoras, uma com experiência em um berçário particular em Campinas-SP e outra em uma creche pública em Santa Bárbara d'Oeste-SP, o questionário investigou a formação acadêmica; a jornada e experiência de trabalho; como o trabalho com as crianças é organizado e o comportamento das crianças no período que ficam na instituição.

Com o médico e psicanalista Professor Doutor André Marroig aconteceu uma conversa sobre a necessidade que a criança tem de uma convivência dotada de afeto e presença de mãe e pai, ou seja, da família nuclear para seu desenvolvimento mental.

A fundamentação teórica conta com as obras de autores já mencionados na introdução dessa pesquisa, que apresentam, de forma geral, a importância da família na vida e desenvolvimento do bebê e a história da creche no Brasil, destacando-se as obras de BIDDULPH (2007) e WINNICOTT (2011).

4. Análise e Resultados

Observação parte I – creche pública

A pesquisa de campo realizada na creche pública na cidade de Hortolândia-SP concentrou-se na observação e acompanhamento de uma turma composta por 16 (dezesseis) bebês com, aproximadamente, 18 meses, cuidados por 03 monitoras.

A creche atende das 7 horas às 17 horas, horário que, segundo as monitoras, grande parte dos bebês aí permanecem, alguns até extrapolam esse horário em certos dias.

A sala é bem organizada e arejada, contém alguns berços, uma televisão sobre uma mesa e um armário. O piso é convencional (revestido) tendo um espaço coberto por um tapete e um colchonete grande que, algumas vezes, foi usado para a última troca de fraldas do dia dos bebês, realizada por 02 monitoras, uma delas termina seu expediente às 15 horas. Ao lado da sala há o acesso ao banheiro onde se executam os banhos e trocas.

Os brinquedos, em geral, de plástico, não são novos e foram usados pelos bebês enquanto estavam no parque, ao retornarem para a sala a maioria foram guardados fora do alcance deles.

O jantar é servido a essa turma às 15h30, juntamente com outras turmas de bebês da mesma idade e menores. Os maiores, com quase dois anos de idade, comem à mesa sem a ajuda contínua da monitora, mas sob sua supervisão. Os menores, em média com dezoito meses, são sentados em banquetas integradas a uma mesa com cinto de segurança e recebem o alimento com a ajuda mais frequente da monitora.

A turma não tem dificuldade na refeição, que é servida em pratos de vidro, o que implica atenção redobrada para que não ocorra acidente.

Ao voltarem à sala, após o jantar, os bebês escutaram uma história e depois assistiram a vídeos de músicas enquanto eram trocados.

No tempo de acompanhamento notou-se que não houve estranhamento por parte dos bebês com uma presença desconhecida, pelo contrário, a recepção aconteceu tranquilamente e com harmonia, assim como elas relacionam-se com as monitoras que as tratam com atenção e carinho pegando-as no colo, brincando, cantando e contando histórias com entusiasmo e conversando, por exemplo.

Ao final do dia, alguns iam até a "portinha" da sala, como que esperando a hora de ir embora. Quando a mãe, pai, outro parente ou a monitora do transporte que eles utilizam para ir à creche chegavam, dirigiam-se à pessoa com entusiasmo.

As monitoras relataram que o período de adaptação foi desafiante porque os bebês choravam muito, durou aproximadamente um mês. Tal fato causou o seguinte questionamento: "É natural do ser humano adaptar-se com essa facilidade e até rapidez a situações que ele não pode mudar?", que foi respondido pelo médico e psicanalista Prof. Dr. André Marroig: "Não se adaptam. Simplesmente não há escolhas. Neste afastamento, a mãe morre e reconstrói-se outra do zero, para em seguida morrer novamente".

Não foi possível saber se as mães têm livre acesso ao berçário para amamentação, ministrar remédios.

Observação parte II– creche particular

Quanto à pesquisa desenvolvida no berçário de uma escola particular na cidade de Campinas-SP que atende bebês a partir de 04 meses de vida, foi observada uma turma de bebês com 09 meses e outra com entre 10 e 12 meses.

O berçário atende das 7 horas às 19 horas. Toda sua estrutura física fica numa área exclusiva da escola, à parte da área da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Todo o piso do é emborrachado, as salas são arejadas e bem iluminadas e o banheiro tem espaço e suporte para a troca de roupas e fraldas de 3 crianças por vez, e uma banheira acoplada ao suporte.

A primeira turma é composta por 06 bebês cuidados por 02 monitoras. Elas relataram que os bebês demonstram comportamentos de alegria e tranquilidade e notou-se que eles brincam bastante com os brinquedos de borracha, de pelúcia e chocalhos que sempre estão ao alcance.

Apenas um dos bebês permanece no berçário meio período, o restante fica em tempo integral e, um deles, segundo a monitora, permanece praticamente as 12 horas que a escola funciona. Aliás, quando a observação foi realizada, esse bebê começou a demonstrar sintomas de mal-estar físico, a monitora disse que há dias atrás ele precisou ficar internado em hospital, mas que sua mãe é resistente em buscá-lo mais cedo na escola mesmo estando doente.

A segunda turma também é composta por 06 bebês cuidados por 02 monitoras. Todos mostram estar acostumados com a rotina no berçário e com as monitoras.

No parque eles brincam com diversos brinquedos de borracha e plástico e, também em uma sala com vários brinquedos feitos de materiais reciclados de estimulação sensório-motora.

Quanto às monitoras, em geral, são carinhosas e atenciosas com os bebês. Brincam, conversam e pegam no colo quando necessitam.

A coordenadora explicou que a mãe tem livre acesso no berçário, ou seja, o tempo que o bebê precisar, poderá receber visitas, seja para amamentar, dar medicamentos, mesmo que ele tenha mais de 01 ano de idade.

Entrevistas com as Monitoras

A monitora A trabalhou em um berçário particular, tendo carga horária de seis horas por dia. Ela cursa o 5º semestre do curso de Pedagogia e, por dez meses esteve na turma de bebês de quatro a oito meses de idade.

Segundo ela, dos 15 bebês que compõem a turma, 12 ficam em horário integral; alguns ainda choram ao serem deixados no berçário, mas logo se acalmam visto que já se acostumaram com as monitoras e rotina, porém dois deles demonstram sentir a falta da mãe, especialmente da amamentação.

Os bebês permanecem com as mesmas monitoras por ser mais fácil a "adaptação", tanto das monitoras quanto dos bebês, pois dessa forma elas podem conhecer cada um em suas especificidades.

Sobre o atendimento fornecido a esses bebês, ela explicou: "Também existe a parte pedagógica, porém em poucos momentos no dia, colocamos músicas, mexemos com instrumentos como tambor e chocalho, temos os brinquedos que estimulam a aprendizagem e uma vez por semana temos aula de música onde eles ouvem violão, flauta, triângulo e aula com fisioterapeuta onde é feita massagem corporal com óleo e estimulação de movimentos".

Relata ainda, que a rotina se dá da seguinte forma: entrada a partir das 07h30min; os bebês chegam e ficam divididos em duas salas, uma com os de 04 a 08 meses e outra com de os 09 meses a 1 ano. As 08h30min serve-se o café da manhã, depois começam os banhos; eles ficam brincando até a hora do almoço, às 10horas. Após o almoço é a hora de dormir um pouco. Assim que eles vão acordando, são feitas as trocas de fraldas e tomam o leite. Os que ficam em horário integral ainda têm o lanche da tarde por volta das 15horas e o jantar por volta das 17horas.

A monitora B trabalhou durante um ano numa creche pública da cidade de Santa Bárbara d'Oeste-SP, também, com carga horária de seis horas por dia. Está cursando o 7º período do curso de Pedagogia.

Ela relatou que faziam parte de sua turma 16 bebês entre 03 e 11 meses, dos quais 15 permaneciam em horário integral sob os cuidados de 2 estagiárias 1 monitora de manhã e 2 estagiárias diferentes e a mesma monitora à tarde. Na turma poucos demonstravam (através de choro, recusa na hora das refeições de se alimentar e vontade de ficar dormindo), que estavam insatisfeitos em ficar na creche.

Quanto ao trabalho pedagógico realizado com as crianças, a entrevistada disse que no programa da creche ele estava presente, mas na prática era feito precariamente sob a cobrança da direção da creche, pois a monitora responsável pela turma alegava que os cuidados com a higiene, alimentação e sono das crianças ocupavam muito tempo, impedindo o trabalho pedagógico.

Foi apresentada apenas a rotina das crianças na parte da tarde pelo motivo de a entrevistada trabalhar apenas nesse período e não saber como se dá no período da manhã que inicia-se às 6h30: As 11h30, horário que entrava na creche, as crianças tinham o tempo do sono; às 13h30 tomavam o leite; às 15h00 servia-se o jantar e logo depois eram trocadas as roupas e fraldas para aguardarem a saída que ocorre das 16 horas às 17h30.

Uma observação muito séria que ela fez foi a de dois tratamentos inadequados que ocorreram: monitora que via o bebê chorando e não pegava-o no colo e a recusa de deixar todos os brinquedos ao alcance dos bebês para não precisar organizá-los na estante depois.

Como em vários casos, os bebês dessa creche levaram por volta de um mês para "adaptarem-se" às novidades (distância, por horas, da mãe; pessoas novas cuidando delas; horários; ambientes) que a nova realidade impôs.

Entrevistas com as Mães

A mãe "A" deixa sua filha com a avó e irmã mais velha. A mãe fica com o bebê, de 1 ano e 8 meses, três horas por dia. Esse tempo é dedicado exclusivamente para seus filhos: brincam, contam histórias e participam da refeição. Ela relata que sente-se carente dos filhos, que gostaria de ter mais tempo com eles, mas está feliz pelos cuidados que sua filha recebe porque sempre demonstra estar feliz.

Esta mãe declarou que preferiria cuidar de sua filha até os três anos de idade para, então, colocá-la numa escola. Ela explicou que teve uma má experiência com a creche que colocou seu outro filho: "ele ficou muito assustado, acredito que o ambiente era estressante e com profissionais mal qualificados. " Ele ficou três dias e eu desisti".

A mãe "B" permanece com seu bebê de 8 meses, aproximadamente seis horas por dia, tempo dedicado para alimentação e brincadeira. O restante do dia é cuidada pelo pai. Ela diz que sua filha demonstra ser feliz, pois brinca bastante, é carinhosa e inteligente, mas é muito apegada aos familiares mais próximos, estranha qualquer outra pessoa, motivo pelo qual gostaria de colocá-la numa escola quando completar 1 ano e 3 meses para interagir com pessoas diferentes, porém ficaria mais satisfeita se, desde a idade atual, já pudesse estar pelo menos por meio período numa creche.

Assim como as duas mães já apresentadas, a mãe "C" confia a seus familiares, neste caso, sua mãe e irmã, o cuidado de seu bebê de 10 meses, enquanto trabalha, ficando de seis a sete horas por dia com o ele. Ela sente-se feliz pela oportunidade de deixá-lo com pessoas de sua confiança e por ele receber da tia, que é professora, estímulos semelhantes aos que os bebês recebem em creches, mas acredita que nessas instituições a criança tem a oportunidade de socializar com outras crianças e por isso pretende colocá-lo. Contudo, seu filho demonstra ser muito alegre, "ele interage com as pessoas, brinca, gosta muito de passear, conversa em sua linguagem, canta, dança e se diverte bastante", comenta a mãe, além de gostar muito dos familiares.

Diferentemente das mães citadas anteriormente, a mãe "D" deixa seu bebê de 1 ano e 9 meses, oito horas por dia em uma creche. Ela acredita ser importante a socialização estabelecida com os bebês que frequentam creche porque "aprendem a conviver em grupo e a não ser individualistas", aponta. Ela diz, ainda, que o processo de adaptação foi rápido e que a creche sempre deu abertura para visita desde quando ela entrou (com sete meses). Atualmente visita seu bebê uma hora por dia e, nesse tempo, tem a oportunidade de amamentá-la.

Esta mãe relata que ao buscá-la "tem dias que faz charme e quer ficar com a professora, mas na maioria das vezes vem correndo dar um abraço" e o tempo que passam juntas – "infelizmente, seis horas"- é gasto com brincadeiras, histórias e a refeição.

A entrevista realizada à mãe "E" teve a importante participação do pai. A filha deles tem três anos e está na creche desde 1 ano e 6 meses. Porém, ambos disseram que até hoje, ela não adaptou-se e sempre chora ao ser lá deixada, mesmo que depois pare e tenha uma boa interação com as professoras e demais crianças. Ela fica em tempo integral na instituição de ensino, mas a mãe disse que o tempo em que ficam juntas é bem aproveitado para ambas desfrutarem da companhia uma da outra. Entretanto, ao ser questionada se está feliz com a escolha que fez à sua filha, a mãe respondeu que está conformada.

De todas as 6 mães entrevistadas, somente uma, a mãe ''F'', teve a oportunidade de escolher não trabalhar fora até que sua filha completasse três anos de idade. Ao ser questionada sobre qual sua opinião quanto ao deixar ou não sua filha em uma creche, ela respondeu: "Depende. Acho importante a relação da mãe com a criança e acho que nos primeiros meses é essencial para a formação dos vínculos, porém quando a criança entrar na faixa pré-escolar a permanência, meio período, em uma instituição beneficia a criança no contato com outras crianças e no desenvolvimento, no convívio social e independência nos cuidados pessoais".

Sua filha fica na escola durante três horas e ao ser deixada permanece tranquila, dando-lhe beijos, abraços e sorrindo–"sabendo que eu retornarei para buscá-la", aponta - , e no restante do dia ela mesma é quem cuida.

Esta mãe sente-se feliz com a escolha que fez, assim como sua filha que, segundo ela, está realizada, não faz birra, olha nos olhos, calma, é carinhosa, escuta, não é uma criança grudenta, gosta de brincar e estar com outras crianças.

Conversa com o Psicanalista

Na conversa com o médico e psicanalista Professor Doutor André Marroig ele trouxe, quase que predominantemente, a visão de Winnicott sobre o desenvolvimento mental humano e apontou a diferença da mulher que deseja ter um filho por objetivos individuais como, por exemplo, ser vista e ter a atenção de outras pessoas, e a mulher que deseja a maternidade propriamente dita, isto é, cuidar devotamente de seu filho.

Abriu, então, o assunto sobre a criança, a qual precisa ser integrada, e para isso faz-se indispensável a repetição em seu cotidiano: a mesma voz, o mesmo colo, o mesmo ambiente. Obviamente, na escola ela encontra com muitas vozes, muitos colos e muitos ambientes, o que dificulta sua integração como pessoa.

Porém, Marroig admite que

> às vezes o ambiente de casa é tão terrível que há vezes que o ambiente pedagógico é melhor (...), a experiência afetiva na escola é melhor. Mas não podemos dizer que isso é muito bom e maravilhoso. Isto é sintoma da falta da estruturação de uma outra entidade – a família – de um potencial enorme.

Marroig continua, dizendo que “a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e a ONU (Organização das Nações Unidas) defendem que a família é uma péssima orientadora de valores das crianças, que cabe ao Estado e à escola fazê-lo”. E propôs a seguinte pergunta: Você conhece um Órgão no âmbito municipal, estadual ou federal que tem como função auxiliar famílias, o núcleo familiar a se estruturar? E respondeu que não conhece: “O que você tem, literalmente, é um projeto cada vez mais alienante do núcleo familiar”.

Foi dito ao médico e psicanalista que as necessidades físicas (casa, alimento, roupa) das crianças são vistas com mais atenção do que as afetivas e mentais, e ele observou que, de fato, existem muitos estudiosos e autores renomados que sobrepõem o consciente ao inconsciente do indivíduo e são muito bem aceitos pois dizem o que a sociedade quer ouvir,

> há todo um projeto pedagógico mundial, que o Brasil assina embaixo, colocando essa primazia do consciente (...), que você pode colocar de lado a questão afetiva. “Tudo bem! O que importa para a criança é fazer massinha e com a massinha ela vai resolver a vida dela”- ironiza. E não é isso.

Quando foi apresentada ao Profº Dr. Marroig um pensamento comumente ouvido, de que a sociedade atual mudou e a mulher precisa trabalhar fora, este respondeu que não é a psique humana que deve se adequar, não é o funcionamento mental de uma criança que deve-se adequar a uma nova realidade da sociedade. E sim é necessário uma sociedade que realmente preocupa-se com suas crianças e se molda para isso.

Marroig foi, então, questionado sobre o que acontece quando a mãe se distancia do filho. Ele explicou que a mãe é o objeto de amor da criança e quando ela passa muitas horas distante (há crianças que não suportam 2 horas longe), na psique da criança a mãe morre, e quando ela reaparece já não é a mesma mãe que ela tinha anteriormente, constrói-se uma outra mãe com os pedacinhos da antiga, desfigurando, na imaginação infantil, aquela mãe afetiva, integrada, inteira.

Assim, com os pedaços da mãe é construída uma afetividade com a figura da monitora da escola, da vizinha, da irmã mais velha, da avó, o que explica os casos de crianças que têm mais afeto a essas figuras do que com sua mãe.

Marroig fala que na escola a criança recebe o mínimo de proteção para, como diz, conseguir “tocar sua vida” (alimentação, higiene, por exemplo), “mas dizer que essa criança tem a mesma estruturação de uma que teve a mãe afetiva, próxima o tempo inteiro, claro que não!”

O psicanalista comenta que na ausência da mãe e do pai que é o suporte para que a mulher exerça sua maternidade, nós - professores, cuidadores, por exemplo - conseguimos realizar o básico no cuidado e educação da criança, pois

> Essa família nuclear que Deus criou no mundo é maravilhosa, porque ela é extremamente estruturante, ela dá todos os elementos (...), ela fornece toda uma gama de situações que podem estruturar o indivíduo. Quando você substitui isso pelo Estado nada disso acontece.

Por fim, ele menciona que hoje o projeto pedagógico é colocar cada vez mais cedo a criança na escola terceirizando a figura da mãe, e isso é política. E já que o núcleo familiar clássico é a base da sociedade ocidental, para implantar um projeto pessoal nesta sociedade, implica-se a destruição de sua base: a família.

5. Considerações Finais

O que, neste estudo, é defendido vai "contra a correnteza", ou seja, é contrário ao que se tem vivido na atual sociedade, e pode soar como uma visão exagerada e incompatível ao mundo moderno, aos homens e a mulheres modernos, ao bebê e à criança modernos, porém o "mundo interior" de todas e cada pessoa permanece o mesmo: ele é nutrido e saudável justamente através da realidade humana mais tenra: "o homem continua ainda 'antigo' na forma de sentir e satisfazer suas necessidades fundamentais" (WERNER JUNIOR, 2006, p. 11).

Por assim ser, a afetuosa e constante, a convivência em família é fonte e princípio não só de um intelecto feliz, mas também de uma vida inteira bem desenvolvida e sucedida.

Ainda que não possamos "deixar de notar a necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionando cuidado ao indivíduo (...). Todos esses círculos, por largos e vastos que sejam, identificam-se ao colo, aos braços e aos cuidados da mãe" (WINNICOTT, 2011, p.130-131), isto é, tais círculos fundamentam-se e têm sentido para a pessoa em desenvolvimento a partir do que ela já experimentou com o círculo mais importante: mãe e filho.

Algumas mudanças já começaram a acontecer: ''O Brasil e o Chile ampliaram recentemente a licença-maternidade de 120 e 126 dias, respectivamente, para 180 dias'' (MORAIS, 2014, p. 27), tal ampliação, mesmo que pequena, é significante e traz a esperança de que, aos poucos e, com coragem as pessoas conscientizadas das reais necessidades dos pequenos seres humanos, batalhando pela vida feliz desde a primeira infância, alcançarão uma licença-maternidade não só de seis meses, mas a que convém à plena saúde das crianças, das famílias e de toda sociedade.

> A aprovação da lei pelo governo de ambos os países se deu mediante mobilização social, com participação ativa da sociedade brasileira e chilena de Pediatria, e com suporte em argumentos científicos que comprovavam a influência positiva da licença-maternidade de seis meses para a saúde biopsicossocial da criança, que se estende à saúde da mulher, da família e da sociedade (MORAIS, 2014, p. 27).

Contudo, esse é um tema complexo, mas necessário atualmente, visto que quem sofrerá as consequências por entrar na escola ainda bebê, será a criança que nesse estado é totalmente dependente e por assim ser, é dever da família oferecer a ela a realização de suas necessidades fundamentais, como apresenta o livro Brinquedos e brincadeiras de creche: "As ciências cognitivas mostram que os contatos positivos que os bebês estabelecem desde pequenos possibilitam o desenvolvimento do cérebro e a aprendizagem, sendo o amor e a atenção fatores importantes para levar os bebês e as crianças pequenas a aprenderem" (MEC/SEB,
2012, p. 72).

Quanto às pesquisas de campo, tanto na Creche pública quanto no Berçário particular os bebês são tratados em geral com atenção e carinho. Chama atenção um fato, quando um bebê, se irritou porque não queria dividir o colo da pessoa em que estava com outro; este simples exemplo mostra como, nesta faixa etária, a criança implica em ter exclusividade, demonstrando que ela quer cuidado individual, o que é impossível às profissionais que têm mais dois, três ou quatro bebês sob sua responsabilidade. Bebês estes que, segundo a pesquisa, a maior parte permanece nessas instituições em horário integral sendo ainda mais carentes.

O que os autores citados e o psicanalista apresentaram condizem com o objetivo desta pesquisa: a necessidade das crianças de 0 a 3 anos de idade ter cuidados e atenção contínuos e exclusivos. Porém, com as respostas das monitoras percebe-se que é preciso ainda um grande trabalho para a conscientização dos pais sobre não deixar seus filhos nesta faixa etária em creches, já que os resultados mostraram que a maioria das crianças começam desde cedo a frequentá-las.

Através das respostas que as famílias deram percebe-se que, de fato, a maioria vê a creche ou o berçário como um bom lugar para o desenvolvimento dos bebês e, a visão dessas pessoas e, possivelmente, da sociedade como um todo, mantém a mesma visão do século passado quanto a concepção de educação na primeira infância, sem a devida reflexão sobre qual é o real e mais apropriado lugar no qual o bebê desenvolve-se integralmente.

No entanto, a feliz escolha de uma das mães em ficar com sua filha até seus três anos de idade e as respostas de três mães: "sinto-me carente dos meus filhos"; "infelizmente passo seis horas com ele" e "estou conformada com a escolha que fiz de deixá-la na creche", explicita que, embora elas vejam-se pressionadas a ficar horas longe de seus bebês, a maternidade tem grande valor em suas vidas e fazem o que podem para exercê-la devotamente.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me iluminar e conduzir, providenciando todo o necessário para

que esse trabalho se realizasse; aos meus familiares que permaneceram presentes e interessados no bom êxito do estudo; à Professora Mestra Helena Prestes dos Reis por sua generosidade, empenho e carinho no processo da pesquisa e a todos os amigos e pessoas que contribuíram direta ou indiretamente acreditando, como eu, que defendendo e cuidando da família teremos uma sociedade autenticamente feliz.

Referências

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A Criança em Desenvolvimento**. 12 ed. São Paulo: Artmed, 2011. 566p.

BIDDULPH, Steve. **Criando bebês felizes**. Rio de Janeiro: Prestígio, 2007. 178p.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de Creche: manual de orientação pedagógica**. Brasília, 2012, 158p.

MARROIG, André. Graduação em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro - Pós-Graduação em Medicina familiar e Comunitária pela UNICAMP - Especialista Em Medicina familiar e comunitária pela SBMF - Formação psicanalítica pela Escola Paulista de Psicanálise - Professor da Escola Paulista de Psicanálise (EPP) - Professor do IPP (Instituto Paulista de Psicanálise) - Coordenador da EPP em Campinas - Coordenador do Projeto "Limite, Sem Limites" - Palestrante pela Escola de Governo e Desenvolvimento do Servidor de Campinas - Autor dos livros "Onde Foi que eu Errei?",” Continuo Errando?", "O Ser adoecido - crônicas da agonia" e "O ser adoecido - ainda em agonia".

MARTINS FILHO, José. **A Criança Terceirizada: Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2007. 108p.

MORAIS, Ana M. B. de. **Licença-Maternidade: Vivências de Servidoras Públicas de Fortaleza no cuidado com os filhos menores de dois anos**. Fortaleza. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/13586/1/2014_dis_ambmorais.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2016

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **A Creche no Brasil: Mapeamento de uma Trajetória**. São Paulo, p. 43-52. 1988. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33402/36140>. Acesso em: 07 jul. 2016.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Brasília. 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar A. **O Ingresso e Adaptação de Bebês e**

Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre,p. 81-95. 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>.Acesso em: 11 mar. 2015.

RIZZO, Gilda. **Creche:Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 400p.

16

WERNER JUNIOR, J. **PREFÁCIO.** In: RIZZO, G. **Creche:** Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

WINNICOTT, Donald W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MÚSICA – CULTURA – EDUCAÇÃO: APRENDIZAGEM COM O LÚDICO NA MUSICALIZAÇÃO E SUA RELEVÂNCIA NOS ANOS INICIAIS

Fabiana Oliveira Santos[41]
Helena dos Reis Prestes[42]

RESUMO
Este artigo apresenta a relevância da música como recurso de desenvolvimento nas salas de aula, no ensino aprendizagem da criança através da musicalização. Podendo contribuir não só para ler e escrever, mas também remete a influências em meio à sociedade criando autonomia e inclusão. A ideia que é necessária à escola considerar a corporeidade humana nos processos de desenvolvimento de novos saberes, em formação do ser humano, e ampliando, assim, instrumentos apropriados de diferentes linguagens e leitura de mundo. São refletidos nas escolas a ausência dessas práticas, que são espaços da interação de meios diferentes, para abastecer a diversidade cultural que nela existe. A música é ampla no sentido de diversificar a releitura de aprendizagem, com paradigmas diferentes no auxílio da ensinagem e formação de uma cidadania sensível ao novo e ao diferente. Com observação de campo em uma escola da região de Sumaré SP, e argumentos teóricos de autores que se baseiam diante dessa temática, essa pesquisa traz a reflexão da musicalidade e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Musicalização; Aprendizagem; Arte; Cultura.

ABSTRACT
This article presents the importance of music as a development resource in the classroom, the teaching and learning of children through music education. It can contribute not only to reading and writing but also refers to the influences amid society creating autonomy and inclusion. The idea that it is necessary to school consider human corporeality in new knowledge development processes in formation of human beings, and thus expanding

[41] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (e-mail:fa_oliveira84@yahoo.com.br).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

appropriate tools for different languages and reading of the world, are reflected in schools the absence of such practices, which are spaces the interaction of different means to supply the cultural diversity that exists in it. Music is wide to diversify the rereading of learning with different paradigms in aid of the teaching and training of a sensitive citizenship to new and different. With field observation in a school in Sumaré SP region, and theoretical arguments of authors that are based on this theme, this research brings reflection on musicality and learning.

Keywords: *Education; Musicalization; Learning; Art; Culture.*

Introdução

Esta pesquisa vem relatar a relevância do lúdico na musicalização como recurso nas salas de aula, e como essa prática vem agregar, no desenvolvimento do ensino aprendizagem da criança, que pode ser estimulada através do lúdico, que não pode ser dissociada do contexto cultural à prática humana.

Tendo como objetivo de analisar e investigar a necessidade do desenvolvimento da arte desde os anos iniciais, bem como a aprendizagem através da Música – Cultura – Educação, justificando a linguagem musical na sociedade que, de fato é facilitadora do processo que contribui para o desenvolvimento do ser humano. Além do desenvolvimento psicomotor, sócio afetivo, cognitivo e linguístico, a leitura e escrita, reconhecida por muitos pesquisadores como de modalidade que promove o equilíbrio, bem-estar, concentração, raciocínio e desenvolvimento da mente humana.

A importância da música na aprendizagem parte da hipótese que, a criança ao conhecer os benefícios da música na sua educação, desde os anos iniciais seja a contribuição para sua formação integral, pois a música sendo fundamental na vida das pessoas como a arte que manifesta o afeto da alma de diversas formas é instrumento para a maior construção do pensamento. A criança desenvolve a sensibilidade, criatividade através dos sons, melodias, harmonias e ritmos sendo fonte inesgotável de estímulos.

A linguagem musical tem papel importante na sociedade, assim, contribui de fato para a promoção do conhecimento humano gerando maiores recursos no processo de ensino. Você consegue imaginar um mundo sem música? O mundo sem a música seria um mundo cinzento e sem graça. Nesse sentido, o futuro que se revela através da música tornando-a instrumento rico do pensamento racional, emocional e reflexivo, questiona-se, por que as escolas já não praticam as atividades? As didáticas propostas pelos educadores estão presentes na música como utilização de instrumento de apoio no processo de ensino e aprendizagem? E se a música deveria estar na grade curricular ou apenas em pequenos projetos que a escola desenvolva?

A música é tão importante que está empregada nos diversos campos de atuação humana. Compreender e analisar com a música na educação, desde os anos iniciais, está relacionado a uma motivação diferente no ensinar, em que é possível favorecer a

autoestima, a socialização e o desenvolvimento do gosto e do senso musical das crianças dessa fase. Seja dançando ou cantando, integrar e motivar ao explorar instrumentos e sons.

Segundo Alves (2004, pag. 22): "Toda alma é uma música que se toca." Dessa forma, pode-se entender a partir de Alves que é necessário despertar nas crianças o interesse para que estas tenham o desejo de adquirir um determinado conhecimento. Assim como se aprendem sobre música ensinando-as a beleza e os sentimentos que a envolvem, é necessário que, na alfabetização, se ensine a beleza e o encanto do saber.

Esta pesquisa se qualifica qualitativa, com pesquisa de campo nas escolas da região de Sumaré, SP para coletas de dados. Também como pesquisa bibliográfica especializada em educação, relacionada à importância que a música tem no aprendizado de crianças na Educação Infantil, e é empregada em diversos campos de atuação humana trazendo reflexões sobre a prática pedagógica que favorece o ensino, revelando o gosto e expressão artística, também promovendo a formação do ser humano, assim estarão formando adultos capazes de usufruir e compreender a música em sua linguagem universal. Com base na fundamentação teórica com autores como: BRITO (2003), ROSA (1990), ALVES (2004), entre outros.

Fundamentação Teórica

Contextualizando a música no contexto social e escolar.

Uma boa educação parte do pressuposto que o homem torna-se um ser reflexivo, criativo, de autonomia e um ser social, crítico. Através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o professor tem o subsidio que o auxiliará na execução de seu trabalho, para fazer com que as crianças dominem os conhecimentos que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade.

O documento de arte expõe uma compreensão do significado de arte na educação, destacando quatro linguagens: Artes Visuais. Dança. Música. Teatro. A proposta é que;

> A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997 pág., 19).

Portanto, é favorável ao aluno relacionar-se criadoramente com outras disciplinas, quando conhecendo a arte e outras culturas, o aluno poderá compreender a condicionalidade dos valores que estão concentrados nos seus pontos e meios de agir e pensar, criando um campo que dê sentido e valorização do que lhe é íntimo, favorecendo a imaginação que leva a uma abertura maior as adversidades e riquezas que estão próximos dele, e em seu redor.

A música e a educação conceituam de tal importância à ideia da virtude como o que há de mais precioso, pois somente assim o homem pode encontrar a felicidade que,

segundo pregavam filósofos e gregos, "a literatura, a música e a arte tem grande influência no caráter, e seu objetivo é imprimir ritmo, harmonia e temperança a alma". Por isso, relacionar a música ao caráter, é promover uma forma de melhor ensiná-las. Segundo Platão; "*a alma convenientemente educada se encarregará do corpo".* Ou seja, a música nos convida a refletir como formação do corpo e da alma.

A influência da música sobre o comportamento humano e também como desenvolvimento cognitivo da criança tem esse caráter de provocar interação, dando livre autonomia de pensamentos, pois sempre esteve presente como questionamento, desde os acadêmicos filosóficos quanto aos leigos. Sendo assim, a música é presença de toda existência de vida no homem.

A escola não é mais um lugar onde se ensina apenas conteúdos, a escola é um espaço de socialização, onde as regras de convivência e respeito às diferenças também são aprendidas, além de dar conta do currículo das disciplinas, formando um conjunto das qualidades e efeitos que vão determinar a sua conduta e moralidade, cujo papel da música na Educação discute seu uso no modelamento do caráter do cidadão ensinando bem mais do que a simples educação básica.

A música, na escola, é linguagem de arte, através dessa cultura que abre espaço para motivações, proporcionando maiores possibilidades de estratégia de ensino, uma ferramenta que auxilia na aprendizagem de forma lúdica, a criança brinca voltando-se para aquilo que busca a transmissão e apelo à sua sensibilidade. Assim, estimular é muito importante, porque elas têm mais facilidade de aprender a ler e escrever quando a música está envolvida no seu meio familiar e também no social. BRITO (2003), nos faz refletir que;

> É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música, estudando, cantando, dançando, tocando instrumentos, em diferentes momentos e por diversas razões. Somos surpreendidos cantando aquela canção que não sai da nossa cabeça e não resistimos, pelo menos, mexer os pés, reagindo a um ritmo envolvente. Ou seja, a vida é uma grande sinfonia. (Brito 2003, pág. 31).

Se a arte se manifesta como estratégia de aprendizagem, Brito (2003) enfatiza que não é só tarefa do professor, pela elaboração em relação à criação de novas formas de expressão através da música, mas seja visível a importância da criança ser estimulada para também fazer isso. Atividades do seu dia-a-dia como brincar ouvindo música, dentre outros estimulam e despertam o gosto pela atividade musical.

Perceber a música é valorizar os sons do ambiente trazendo para a realidade social de cada pessoa. Segundo apresenta o (PCN) Parâmetros Curriculares Nacionais de caracterização da área de Arte e Educação;

> A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar

> sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, pag. 20).

A partir dessa percepção, o infante pode ter a facilidade de compreensão e estabelecer relações ao observar, enquanto aprende explorando o mundo sonoro. Tais movimentos acompanhado de um determinado espaço e tempo para distinguir variados tipos sonoros como: o silêncio e o ruído. Assim como BRITO (2003) nos convida a refletir;

> Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte de nossa integração com o mundo em que vivemos: ouvimos o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando no coqueiro... Ouvimos o bater de martelos, o ruido de máquinas, o motor de carros ou motos... o canto dos pássaros, o miado dos gatos, o toque do telefone ou o despertador... Ouvimos vozes e falas, poesia e música... Som é tudo que soa! (BRITO, 2003, pág.17).

Para tanto, existe uma grande extensão de vários movimentos artísticos que a arte possui, e assumem diferentes modalidades onde no PCNs de arte (1997), o professor deve ser o mediador capaz de exercitar em seus alunos a autonomia e capacidade de dominar com propriedade as linguagens da arte. Por isso as diferentes modalidades que envolvem a dança, as artes plásticas, visuais, e a música são um processo de evolução desde os primórdios da humanidade, sendo comunicativo na utilização de gestos e grunhidos que imitavam os barulhos da natureza e dos animais buscando *"concerto para alma e corpo".* E é também a ideia de que é necessário à escola considerar a corporeidade humana nos processos de ensino e aprendizagem, a formação do ser humano, aplicando, contudo, a ampliação da leitura de mundo e instrumento de valores docentes.

A Lei (LEI 11769, 2008) sancionada pelo governo Federal recentemente, tornando obrigatório o ensino de música na educação básica, reforça a importância do docente que atua na educação básica nesse período escolar, desde que a música deixou de ser conteúdo específico a ser trabalhado nas séries iniciais, entende-se que a música deve estar centrada ao que oferece ainda a possibilidade de contato com toda a riqueza de ritmos tanto do Brasil quanto do mundo, manifestando elementos base por meio dela, como diz o documento PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais);

> Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos

> importantes em que a música se inscreve no tempo e na história. (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS-BRASIL, 1997, pág. 54).

A música como linguagem abrangente segundo ROSA (1990) é de que o ensino favorece o desenvolvimento do gosto estético e da expressão artística, além de promover o gosto e o senso musical. No entanto uma reflexão sobre a formação do ser humano com uma cultura musical desde criança, educando adultos capazes de usufruir a música, de analisá-la e de compreendê-la:

> O educador pode trabalhar a música em todas as demais áreas da educação: Comunicação e Expressão, Raciocínio Lógico Matemático, Estudos Sociais, Ciências e Saúde, facilitando a aprendizagem, fixando assuntos relevantes, unindo o útil ao agradável. Para atingir esse objetivo, o professor pode utilizar músicas que envolvem temas específicos como números, datas comemorativas, poemas, folclore, gramática, história e geografia. (ROSA, 1990, pág.21).

Ou seja, as habilidades no período preparatório à alfabetização beneficiam-se do ensino da linguagem musical relacionadas às habilidades de diversas maneiras em que uma simples atividade de cantar uma música proporcione a criança o treinamento de uma série de aptidões importantes, logo que, os objetivos principais da aprendizagem e do desenvolvimento da linguagem musical, na formação do educando, contribui sistematicamente e significativamente com o processo integral do desenvolvimento do ser humano. Sua contribuição são para o desenvolvimento da coordenação visomotora, da imitação de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal.

A escola deve garantir o acesso e meios necessários de oportunidades culturais existentes que os façam compreender, e ao mesmo tempo constatar essa busca de desenvolver a criação, imaginação e disposição para atividades artísticas. Assim, o ensino de música deve ser não só interessante, mas prazeroso para o aluno. Pois é no interior de cada um que acontece às mediações, onde a escola tem o papel fundamental no estudo da cultura artística e musical de cada estudante.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida através de pesquisa de campo de cunho qualitativo exploratória. A coleta de dados foi elaborada em escola da região de Sumaré SP, foram observadas uma sala de segundo ano do ensino fundamental I, e outra sala de ensino fundamental II. Sendo elaborado questionário com três docentes que lecionam em uma escola Municipal entre sete e vinte anos de profissão, sobre o uso da música ou de um projeto que a escola disponha em relação à musicalização dentro do contexto

escolar ou de sua disciplina, como é trabalhada, e as suas implicações na aprendizagem. Ainda pontuaram sua relevância negativa e positiva. Na pesquisa em campo foi observado como a pratica e as necessidades de utilizar a música na aprendizagem, supre os objetivos de ensino em relação aos recursos e métodos de ensino no contexto escolar.

Análise e Resultados

Diante do universo de novas descobertas educacionais onde a musicalização é objeto operante e principal de estímulos sobre um determinado tema ou conceito, a aprendizagem sob o olhar da construção musical, onde em geral, a arte lida com a maior expressão, constituindo uma nova forma de autoconhecimento é de fundamental importância, quando apresentado possibilidades para que os alunos vivenciem ou experimentem verdadeiramente, e são convidados a refletir os mais variados aspectos da música. Foi possível observar a importância de um novo espaço para a ludicidade no ensino aprendizagem, a fim de recuperar-se a educação musical das crianças que, através de experiências e atividades favoreçam a expressão e criatividade.

A partir das pesquisas feitas sobre as contribuições de recursos que ajudem no ensino aprendizagem, percebe-se que a música pode ser um referencial muito grande na escola, desde a pré-escola, pois auxilia a criança a desenvolver articulações e ainda contato com toda riqueza do mundo.

Durante os dias de observação, constatou-se que há uma dificuldade do professor em trabalhar a musicalidade no contexto escolar, por não haver um projeto ou recurso que fosse especificamente implantado na escola fora do proposto no currículo da sua disciplina, como relata um dos professores:

"*O ensino de música já está estabelecido que tenha de ser feito em arte. A gente mostra a importância da música, relaciona ela com as outras linguagens artísticas. Na sala não sentimos tanta liberdade em falar quanto um formado em música teria. O ensino de música tem que ser implantado, mas com um professor de formação musical."*

A música como cultura e arte dentro dos recursos pedagógicos é instrumento para o professor como diferencial para as transformações no ensino de arte, ainda que existam algumas contrariedades até pelo contexto que trabalham ser mais voltado para as artes plásticas. Cabe ao docente o melhor aproveitamento dos conteúdos. Ao questionar se o objetivo que está incluído como intenção de suprir tais necessidades que envolvem o ensino em sua totalidade, que ajuda nas expectativas em relação à música como recurso dentro dessa linha entre a arte e a aprendizagem de apoio ao ler e escrever enfatizaram que a música está somada a arte, mas o ideal seria um professor formado apenas em música para que tenha mais propriedade em falar em música, exemplificando que "*se houvesse um profissional da música eles trabalhariam melhor, porque os alunos gostam, ficam mais empolgados*". Ou seja, a arte é o veículo que mais chega a despertar a criatividade do aluno.

O ensino de música estabelecido no currículo que é trabalhado em arte, por falta de subsídios, nota-se que não foi implantado totalmente. Fala-se pouco por causa da formação do professor. Acaba que não se trabalha como deveria a música na escola.

Um dos professores exemplifica:

"Quando se trabalha no fundamental I tem muita música. É trabalhado cantigas, onde a professora arruma uma 'musiquinha' para ensinar uma letra ou na contagem dos números. Então isso é muito trabalhado". Quando "chega ao fundamental II perde-se totalmente, porque são poucas aulas para muito conteúdo".

Ao observar em sala de aula os registros de comportamentos em relação à música nesse ambiente onde a professora coloca uma música de fundo para ver como eles iriam reagir, os alunos que gostaram da música chegaram perto do som, já os que não gostaram pegaram seu fone de ouvido e foram ouvir o que eles já estavam acostumados e tinham preferência. E o professor acaba focando mais nas artes visuais, a não ser que seja formado em música, como é o caso de um dos professores que além de artista plástico é músico e com isso acaba colocando, aos poucos, como matéria base a música junto com os alunos em arte. Caso contrário só será trabalhado a arte visual mesmo. E não deveria ser assim, o jovem sente falta da música. Só que eles não se interessam por um ensino apenas pela justificativa curricular obrigatória, mas sim, uma aula que os motive e sinta prazer nisso. Ainda que eles gostem da música, o professor não consegue capturá-los dento dessa essência de conhecimento musical, porque os alunos ainda não se sentiram despertados as universalidades do som que estavam ouvindo, e, por conseguinte, não se interessaram, e foram ouvir o que escolheram por gostar. *"Nem todos se interessam para conhecer outras coisas",* dizia o professor.

Os alunos gostam muito, quando trabalham ritmo, e eles batem palma, podendo identificar um universo musical que os faça desenvolver aptidões praticando da maneira mais simples. Quando o professor prepara uma música e eles cantam, se divertem e aprendem algo novo de maneira diferenciada. Ao direcioná-los é dever do professor capacitado, que é parte fundamental para uma educação emancipadora e de qualidade, fomentar nesses alunos o valor do saber e sua própria humanidade. Ainda que com todo incentivo e poucos recursos não possa existir disponibilidades no sentido de que não há professores formados e disponíveis para abranger como num todo a musicalidade em sala de aula. Também como BRITO (2003), acredita no trabalho pedagógico-musical onde as realizações em contextos educativos entendem-se: "a música como processo contínuo de construção, que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir. [...] A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje" (2003, p. 46).

Ainda que o professor de arte esteja apto, capacitado a fazer isso também, pois eles não vão transformar ninguém em músicos ou musicistas. O papel dele como professor de arte é despertar, mostrar o valor da arte e até mesmo descobrir se existe algum aluno que tenha realmente um talento, para ser um músico, um ator e entre outros. Aquele que está dentro das condições de trabalhar a importância da arte e da música dentro de um contexto de sociedade.

Considerações Finais

A questão central deste artigo foi: como promover um ensino criativo por meio da educação emancipadora e/ou autônoma através da música como meio de cultura e arte na aprendizagem.

Um processo de transformação emancipadora traz a música como elemento essencial, de acordo com cada necessidade, sendo referencial desde a antiguidade, e de forma diferenciada, para que o individuo utilizando como expressão maior de todas as afinidades, o desenvolver do senso critico, obtendo resultados satisfatórios tanto para o emocional, cognitivo, afetivo, dentre outros, faz parte do mundo.

Ao tratar e questionar sobre o tema apresentado, foi possível observar a importância de um novo espaço para a música como reação ao intelectualismo a fim de recuperar-se a educação musical das crianças, através da experiência e atividades favorecendo expressão e criatividade onde a música é um dos elementos da ludicidade fundamental e essencial para a Educação Infantil e Juvenil, não como um passa tempo ou recreação, como se fosse a música pela música. Conquanto, a música pode, e é um instrumento rico de grande utilidade aos educadores e de maneira significativa na forma de trabalho pedagógico.

De fato, a associação da música como método de construção do pensamento a utilização dos meios com recursos facilitadores são diversos, ainda que nesta prioridade do ensino seja algo complicado, torna-se ao mesmo tempo prazeroso o despertar de um novo mundo de conhecimento e ensino através da arte e da cultura, um beneficio fundamental para alcançar alunos, ou seja, também é considerável formar e resgatar valores morais e cívicos aprendendo que pode sim educar/ensinar musicalizando.

Agradecimentos

Dedico este trabalho as minhas irmãs Luciana e Vanessa. Aos meus sobrinhos Eduardo e Davi. E em especial a minha mãe Raildes, pois sem eles este trabalho e muitos outros sonhos não se realizariam. Agradeço aos professores, verdadeiros mestres e amigos que desempenharam com dedicação as aulas ministradas e ainda tornaram-se bons amigos, a qual eu me espelho e os admiro. Agradeço a minha orientadora que, com paciência e fôlego, conseguiu enfeitar meus textos em azul e amarelo e por ser uma excelente professora e profissional me ajudou a vencer e chegar nesta etapa final. Muito obrigada a todos os colegas de classe que convivi durante todo este tempo. Desejo que sejamos todos, vitoriosos e excelentes futuros profissionais. E finalmente, agradeço e rendo graças a Deus, a Ele que é Senhor e criador de todas as coisas e inspiração dos poemas sagrados.

"Combati o bom combate, completei a corrida, perseverei na fé!"

Referências

ALVES, Rubem. ***A música da natureza***. Campinas/SP: Papirus Editora, 2004.

ALVES, Rubem. **Concerto para corpo e alma**. Campinas/SP: Papirus Editora, 1998.

ALVES, Rubem. ***Ensinar, cantar, aprender*.** [Rubem Alves, em parceria com Marcílio Menezes]. Campinas/SP: Papirus Editora, 2008.

BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais : arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p.

BRITO, T. A. (2003). **Música na Educação Infantil**: propostas para formação integral da criança. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis. CHATEAU, Jean, (1987). O jogo e a criança. São Paulo: Summus.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação Musical para a pré-escola**.: Àtica, 1990 São Paulo.

Outras Bibliografias Consultadas

Templo Cultural Delfos: disponível em: http://www.elfikurten.com.br/2015/03/musicalizacao-e-educacao-musical.html. Acesso em 4/04/2016 21:01hrs

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. A educação do homem segundo Platão. São Paulo, Paulus, 2006 disponivém em: http://nocmoon.com/2012/07/a-visao-de-platao-sobre-a-musica-e-a-educacao/. 4/04/2006 22:53hrs

CONTAÇÃO DE HISTORIA OUVIR E CRIAR HISTORIAS UMA VIA PARA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS

Ana Paula Coalho Bueno[43]
Helena Prestes dos Reis[44]

RESUMO
O objetivo deste artigo é ampliar a visão das experiências com a contação de história no auxílio do ensino aprendizagem, constituindo uma didática própria para agregar o ato de ler dos anos iniciais. Esse espaço nas escolas e no trabalho efetivo dos professores versará sobre reflexões teóricas quer servirão como base para a prática exercida pelo educador na educação infantil e series inicial do ensino fundamental, como auxiliar no processo de desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Para isso faz-se necessário o conhecimento, os recursos utilizados e as técnicas orais e corporais, para um bom professor/contador de histórias, bem como a escolha da narrativa mais adequada a faixa etária e a situação. Com observação direta em uma escola da região de Sumaré SP – Distrito de Nova Veneza, interagido com as práticas de contar histórias e seu desenvolvimento em sala de aula. Com argumentação teórica de autores que embasam essa temática.

Palavra-chave: Contação de historia, Leitores, Aprendizagem.

ABSTRACT
The purpose of this article is to expand the vision of experiences with storytelling in aid of teaching and learning, forming its own didactic to add the act of reading in the early years. This space in schools and the effective work of teachers will focus on theoretical reflections want to serve as the basis for the practice exercised by educator in child education and initial series of basic education, to assist in the cognitive and social development of students process. For this it is necessary the knowledge, the resources used and the oral and body techniques, to a good teacher / storyteller, and the choice of the most appropriate narrative to age and situation. With direct observation in a school Sumaré SP region - District of New Venice was interacted with the practices of storytelling and its development in the classroom. With theoretical argument of authors that support this theme.

[43] Aluna do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (aninhas2sniper@hotmail.com)

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

Keywords: *Story-history, player training, early years*

Introdução

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas no século XXI tem ressurgido a figura do contador de histórias, ou o professor/ contador de histórias e sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença certa em bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas. Esse antigo costume popular pertencente à tradição oral, vem sendo resgatada pela educação como estratégia para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita à formação do leitor passa pela atividade inicial do escutar e do recontar.

Dessa forma, propostas de formação e cursos de capacitação de educadores veem incluindo em sua metodologia e preparação para o ato de contar histórias.

Ainda assim não é uma prática comum no Ensino Fundamental das séries inicias. As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado. Tal dificuldade é vista até mesmo com a leitura infantil, que perde a sua beleza quando o texto se transforma em uma ferramenta avaliativa, fazendo com que o prazer da leitura se perca com a avaliação. A falta de haver sucesso escolar no ensino fundamental se refere ao desenvolvimento pelo gosto da leitura e formação de leitores, que recai sobre a forma como o professor trabalha a relação do livro com o aluno. A literatura não vem sendo estimulada na adequação para a contação de histórias, é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, segundo Villardi, "porque para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece" (1997, p.2).

De acordo com vários estudiosos a contação de histórias é um valioso auxiliar na pratica pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalha o senso crítico, as brincadeiras de faz de conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade.

Esse estudo se qualifica qualitativo. A pesquisa de Campo foi realizada da escola SESI Fuad Assef Maluf, do Município de Sumaré SP, Distrito de Nova Veneza, em uma sala de 32 alunos. As analises foram nas observações com a docente para compreender os procedimentos didáticos para introduzir o habito da contação de história. Embasada com obras literárias com autores como: TAHAN (1966), VILLARDI (1997), ABILIO (2003) e ABRAMOVICH (1991).

Fundamentação Teórica

Na antiguidade a contação oral de histórias era vista sob um olhar inferior á escrita, apesar disso os povos se reuniam ao redor da figueira e contavam suas lendas e contos, disseminado a sua cultura e os seus costumes; reunir-se para ouvir histórias era uma atividade dos simplórios, isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, distintas, a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler.

Segundo Tahan (1966, p.24) "até os nossos dias, todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas, como meio de conservação de suas tradições, ou da difusão de ideias novas".

O homem descobriu que a história além de entreter, causava a admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contador de histórias tornou-se o centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam.

Sendo assim, por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz. Na idade média o contador era respeitado em todos os lugares que percorriam. Os trovadores obtinham entrada em palácios e aldeias contando histórias do gosto popular. Com o aparecimento da escrita, surgem, ao lado das histórias orais, as histórias escritas e, com essa, surgiram tanto à história, propriamente dita, como relatos de eventos que se acredita terem de fatos acontecidos, como a literatura, ou seja, relatos de eventos imaginados (ficção). A literatura infantil nasce dos contos populares e por isso a contação de histórias é a origem da literatura.

A contação de histórias foi utilizada como meio de propagação das doutrinas religiosas budistas e ainda hoje a medicina hindu tem como método oferecer uma história aos doentes desorientados, essa escolha considera a problemática psíquica do paciente. No oriente médio encontramos o narrador profissional de contos de fadas e grandes coleções de contos indianos e turcos que integravam a educação dos jovens príncipes. O século passado, porém, foi marcado pelo audiovisual. Aparece o cinema, a televisão, o computador e quase no fim do século a multimídia. Assim, o contar histórias, no século XX, passou a ser não mais baseado exclusivamente na palavra, oral ou escrita (embora esta continue extremamente importante em nossa contemporaneidade, o ato de contar é o ato de criar através das palavras), as imagens passaram a serem ingredientes das histórias. Agora nós não somente ouvimos e lemos histórias, mas assistimos à sua representação audiovisual. O autor Tahan diz que;

> A criança e o adulto, a rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias, uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de sua história, de suas lendas e seus contos característicos (TAHAN, 1966, p.16).

Ouvir história é recuperar a herança do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de

sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções.

Para a criança muitos de seus sentimentos são tão confusos, perturbadores e dolorosos que é difícil administra-los, trazendo assim infelicidade. Essa energia emocional fica represada e acaba vazando na forma de sintomas físicos, neuróticos ou comportamentais, como crueldade, comportamento agressivo, dificuldade de aprendizado, enurese noturna, falta de concentração, hiperatividade, obsessões, ansiedade, etc.

Apesar das crianças precisarem de ajuda para lidar com o equilíbrio emocional, estas não conseguem falar com naturalidade e facilidade sobre seus problemas, isto porque não estão habituadas a linguagem cotidiana, para elas não é a linguagem dos sentimentos, elas se expressam melhor através da metáfora, da imagem como em histórias e sonhos.

A comunicação por meio da narração de histórias fala as crianças mais profundamente do que a linguagem literal, a linguagem do pensamento, dramatizar com bonecos ou fantoches, representando aquilo que se quer dizer através do desenho ou pintar é fazer uso da linguagem imaginativa, essa é naturalmente a linguagem infantil.

Nas histórias, o mal está tão presente quanto o bem e existe inúmeros obstáculos a serem vencidos, aparecendo escolhas de solução que permitem que a vitória aconteça. Todos esses aspectos fazem parte da vida psíquica da criança, formalizando o processo de identificação.

Aquele herói que luta e vence mostra a possibilidade de não desistir diante dos problemas da vida real e ter forças para superar todos os desafios. Os seres que figura o mal significam o aspecto instintivo do homem e, ao serem subjugados, criam a possibilidade de equilíbrio entre a natureza animal/instintiva e a humana.

De acordo com Bettelheim (2000), esses seres são criações do imaginário, fantasmas que a criança carrega dentro dela, medo do abandono dos pais, de serem devoradas e da rivalidade com irmãos. As histórias contadas minimizam essas angustias e trazem paz as crianças porque essas energias maléficas são destruídas e "tudo acaba bem" no final do conto.

Ainda na ótica de Bettelheim (2000), a narração oral é um caminho para o desenvolvimento da maturidade e sedimentação da individualidade, da autovalorização e da projeção de um futuro esperançoso, gerando o abandono das dependências infantis e abrindo espaço para o convívio com a obrigação moral e a convivência social putada na consideração ao outro.

É isso que a história faz, ela apresenta mecanismos para enfrentar os problemas de uma maneira saudável e criativa, levando a criança ao um mundo maravilhoso onde os processos vivenciados pelos personagens e suas aventuras são repletas de significados, a criança sente isso, ela entra no mundo da história, um mundo de esperança, opções e possibilidades: opções sobre o que fazer diante de um grande obstáculo, possibilidades e soluções criativas para a superação dos problemas e como lidar com as emoções, TAHAN diz relata que, "a história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos possam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história" (1966, p.22).

As narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças, o conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.). Podendo observar que;

> As instituições de educação infantil podem resgatar o repertorio de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (RCNEI, VOL. 3, p.143).

Os contos de fadas são as únicas histórias que de maneira simples e simbólica falam das perdas, da fome, da morte, do medo, do abandono, da violência... Eles têm suas bases nas camadas do inconsciente coletivo, em sentimentos comuns a toda as humanidades por isso encontraram histórias bastante parecidas em diversas culturas pelo globo e em épocas diversas. Os contos de fadas possuem um fundo arquetípico, sentimentos complexos organizados, um modo fácil de entender especialmente pelas crianças, mostra que é natural ter pensamentos destrutivos e maus, que não se é essencialmente construtivo e bom e que é preciso ordenar as emoções s e as tendências contraditórias. Faria relata que;

> Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de "experimentar uma vivencia simbólica" por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto a literatura para a juventude) é portanto de um sistema de referências que permite a cada leitor organizarem sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria (FARIA, 2010, p.19).

Toda construção imaginaria da criança ocorre de é submetida podendo significar, além do que é suposto, a afirmação de um status de personalidade quanto ao acesso ao mundo da leitura e escrita. Por isso é um momento carregado de empolgação e euforia, como também, pressão social e medo. Segundo Busatto, "pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um participativo, plural, sensível e possível de outras logicas" (2007, P.58).

Diante disto e preciso planejar o processo de transição que ocorrera a fim de minimizar o stress na criança. Um elevado nível de stress pode deixar marcas a curto e longo prazo, causar distúrbios e interferir no processo de aprendizagem.

A contação de histórias é um instrumento de grande valia nessas áreas de transição, apesar da ausência de estudos avaliativos neste campo, pois ao ouvir uma história que relate sua trajetória até o momento e que ainda antecipa o futuro que a nova fase escolar lhe reserva, a criança elabora o inevitável rompimento dos vínculos estabelecidos nessa fase e se prepara para uma nova etapa, diminuindo assim o próprio nível de stress, o medo e a insegurança.

É importante que a criança tome gosto pela literatura e crie o hábito de ler. Para isto, ela deve estar constantemente em contato com materiais de leitura e estes devem ser utilizados de maneira adequada, favorecendo a aprendizagem e a construção do conhecimento de maneira prazerosa. Coelho (2000 p. 43) coloca sobre a literatura feita para as crianças "[...] é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam a infância e a idade adulta"

"Cabe ao professor, no papel de facilitador, colocar o aluno em contato com diferentes gêneros discursivos, que despertem boas motivações e desenvolva o gosto pelas temáticas, gosto este, que já é uma característica natural das crianças".

De acordo com Costa (2007), é na escola, desde o primeiro dia que a criança precisa ser exposta ao contato com histórias e poemas, contados oralmente pelo professor ou mostrados em livros ao alcance dos olhos e do manuseio da criança. A criação de um ambiente favorável à leitura irá pouco a pouco construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Não se trata apenas de vocabulário, mas de estruturas poéticas e narrativas. A criança aprende a temporalidade dos contos (o ante e o depois das ações), aprende a reconhecer o herói, a importância da ação narrativa, as imagens de movimento, de espaços e caráter dos personagens, bem como a presença de imagens de comparação, metáforas e sinestesias.

O professor, ao trazer a literatura para a sala de aula, proporciona um diálogo com o aluno, o livro, a sua realidade e a cultura. Quando a criança ouve histórias, ela tem a oportunidade de refletir, elaborando pontos de vista, trocando ideias, criando novas situações, questionando ou se identificando com personagens e atitudes, formando, assim novas situações ou revelando alguma situação que está vivendo.

"O professor deve ter claro para si a importância da literatura porque ao mesmo tempo em que está incentivando esta criança a aprender a ler e poder descobrir um novo mundo através da leitura de novas histórias sem ter que esperar pelo outro, também promove uma formação voltada para todas as outras disciplinas estudadas, já que o aluno poderá desenvolver outras habilidades que o ajudará a interpretar, perceber e compreender com mais facilidade as situações que ocorrem em sua volta".

Afinal, a relação e a vivência com a literatura são fundamentais para a formação integral do ser humano, pois através da arte, ele tem a oportunidade de se transformar enriquecendo sua experiência de vida, já que o fenômeno da linguagem tem uma função importante no desenvolvimento intelectual do homem. A literatura para Coelho (2000) é tida como formadora de consciência por abordar temas ligados às questões e situações inerentes ao ser humano

Metodologia

A análise foi necessária para ampliação da discussão proposta nesta pesquisa sobre o incentivo à contação de história desde a mais tenra idade, e as implicações de uma educação onde a contação de história se torna em segundo plano. A observação direta uma sala de aula no segundo ano do ensino fundamental. A pesquisa de Campo foi realizada da escola SESI Fuad Assef Maluf, do Município de Nova Veneza, em uma sala de 32 alunos. As analises foram nas observações com a docente para compreender os procedimentos de como se faz para introduzir o habito da contação de história. Com questionário a docente da sala para compreender os procedimentos de como atua para inteirar o ato de ler com a contação de história.

Análise e Resultados

Em trajetória como estagiaria no tempo de dois anos trabalhando com a docente e alunos da escola SESI Fuad Assef Maluf com a turma do 2° ano, gostaria de apresentar as práticas que experimentei juntamente com os alunos que demostram aprendizagem com bons resultados.

A professora da sala sempre faz presente à prática da contação de histórias em sala de aula, antes de iniciar sua aula sempre começa com uma leitura de histórias, e lia livros clássicos como, por exemplo, as obras de Monteiro Lobato. Ela queria que seus alunos tivessem acesso a obras e autores importantes, obras que ela sabia que no momento eles ainda teriam dificuldades de ler sozinhos. Mas como fazer essa leitura, já que tratam de obras extensas?

E decidiu então contar histórias em capítulos. O primeiro livro que me lembro de que ela leu foi Reinações de Narizinho, parte I, de Monteiro Lobato. Fazia a leitura integral da obra e me surpreendi com os resultados, todos os dias os alunos cobravam a leitura de mais uma parte da história, quando por algum motivo a professora não tinha tempo de ler, eles reclamavam. Além do prazer de ouvir as fantásticas histórias do sitio do pica-pau-amarelo, os alunos puderam conhecer o autor e sua obra, aprenderam vocabulários e conceitos novos.

De acordo com Costa (2007), é na escola, desde o primeiro dia que a criança precisa ser exposta ao contato com histórias e poemas, contados oralmente pelo professor ou mostrados em livros ao alcance dos olhos e do manuseio da criança. A criação de um ambiente favorável à leitura irá pouco a pouco construindo na mente infantil a imagem de uma atividade enriquecedora e prazerosa. Não se trata apenas de vocabulário, mas de estruturas poéticas e narrativas. A criança aprende a temporalidade dos contos (o ante e o depois das ações), aprende a reconhecer o herói, a importância da ação narrativa, as imagens de movimento, de espaços e caráter dos personagens, bem como a presença de imagens de comparação, metáforas e sinestesias.

Essas histórias eram feitas no início da aula, conforme ia surgindo a necessidade ou o interesse, outras histórias eram lidas ao longo da aula, como livros mais curtos também. O mais interessante é que pude ver que com a contação de história despertou neles o interesse pela leitura, não apenas a leitura individual, mas para si próprio, o mais legal é que eles queriam se tornar contadores de histórias como a professora.

Dar voz e vez aos alunos foi muito importante para desenvolver a autonomia, a fluência leitora e a autoconfiança. Observei também que os alunos estão mais

confiantes, lendo e escrevendo melhor o que demonstra que a pratica da contação de história tem boa influência com os alunos para constituir o ato de ler, como auxilia na didática de aprendizagem.

A professora do 4° ano relata: é muito importante, porque ajuda tanto as crianças quanto os professores, porque as crianças tem dificuldades na leitura ou as vezes não tem muito interesse, e com a hora do conto desperta esse interesse, em ouvir as histórias, [...] então desperta o interesse e consequentemente se eles despertarem para a leitura, também melhora na escrita, na interpretação.

Ainda a esse respeito foi questionado a importância da contação de histórias a professora do 5º ano, e suas palavras encontram eco em Abramovich (1991) que afirma sobre o assunto já que observamos a relevância dos contos para o desenvolvimento das crianças. É importante porque muitos deles já conheciam os contos, mas é diferente de ler um conto e contar em forma de teatro, pra eles era novidade é importante e até incentivava eles a criam um teatro, [...]. A leitura incentiva também, porque a partir do que eles já conheciam ficavam interessados em conhecer outros contos.

Aluno do 4° ano relata que: Eu não gostava de ler, tinha preguiça, mas depois que a professora começou a contar as histórias eu comecei a querer ver os livros que vocês estavam contando a história, e muitos tem figuras muito bonitas, ai dá mais vontade de ler, eu nem ia na biblioteca pegar livros, agora eu vou sempre.

Ainda de acordo com as respostas e analises observamos a importância das histórias no que diz respeito ao hábito da leitura, pois segundo os alunos esse momento tem estimulado a vontade das crianças de querer ler e descobrir novas histórias, entrando em consonância com o que Abramovich (1991) diz a respeito da importância do contar histórias para estimular a leitura nas crianças e a interpretação.

Considerações Finais

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das intervenções que se vivencia, sendo assim, a literatura infantil em especial a contação de histórias na educação infantil e ensino fundamental, como atividade interativa e pedagógica mediada pelo educador contribui para este desenvolvimento.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecer novas palavras, a discutirem valores com o uso real da família e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolvem a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxiliam na construção da identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo seu caráter motivador sobre a criança.

Com essa ótica é indispensável que o educador tenha conhecimento dos benefícios dessa pratica sobre o desenvolvimento infantil, e saiba utiliza-lo adequadamente em sala de aula no ensino e aprendizagem dos seus educandos, ou em outras áreas de educação como: na pedagogia hospitalar, como potencializadora dos conteúdos trabalhados e ferramenta interdisciplinar, e não apenas por isso, mas também

como uma fonte de prazer, conhecimento e emoção, onde o lúdico se torna um eixo condutor no estimulo a leitura e a formação de uma geração leitora e escritora de alunos.

Não podemos deixar restaurar que a contação de história gera a leitura dramática trazendo para o aluno o universo de interagir com a imaginação e com as personagens do contexto vivido, criando a ação e reflexão dos atos vividos, formando um cidadão critico dentro da sociedade em que esta inserido.

"Entrar em sala de aula deveria ser considerado um ato sagrado, deveríamos estar em sintonia com o conhecimento, com o criador e com a alegria de viver, de exercer um oficio condizente com os nossos desejos mais sagrados" (RIBEIRO, 2008, p. 20).

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus. A minha família e amigos que me ajudaram chegar até aqui, foi uma caminha difícil porem muito prazerosa.

Agradecer também minha Orientadora Helena Prestes dos Reis pela paciência, comprometimento e competência que ao longo do percurso me auxiliou, mostrando o melhor caminho a seguir nesse processo tão importante para minha formação.

Referências Bibliográficas:

ABILIO E.C., Mattos M. Letramento e leitura de literatura. Brasília: MEC, Secretaria de Educação à Distância; 2003. ***Leitura da literatura: as narrativas da tradição****;* p.16-23.

ABRAMOVICH, Fanny. ***Literatura infantil: gostosuras e bobices***. 2.ed. São Paulo: Scipione;1991.

BAMBERGER, Richard. ***Como incentivar o hábito de leitura***. São Paulo: abril, 1995.

BARBOSA, Ana Rita de Cássia Santos. **Alfabetizando e desenvolvendo competências lingüísticas a partir do conto de estórias**. *Revista Faced,* Salvador, n.14, p.27-37, jul. /Dez.2008.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. BUSATTO, Cléo. ***Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa***. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. ***A arte de contar histórias no século XXI***. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FARIA, Maria Alice. ***Como usar a literatura infantil na sala de aula*.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GASPAR, Antônio C. C., DAMASCENO, Daisy H. S. A transição entre a educação infantil e o ensino fundamental. Col. **Educativa Especial – Educativa a revista do professor.** São Paulo: Editora Minuano, Ano I, n.05.

NEDER, Divina. L. de S. M., (org.). A importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. ***Pedagogia em Ação***, Belo Horizonte, v.01, n.01, p.61-64, jan./jun.2009.

TAHAN, Malba. ***A arte de ler e contar histórias*.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961. VILLARDI, Raquel. ***Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira***. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL- PROJETO GURI UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Kevin Cristiano Martins[45]
Helena Prestes dos Reis[46]

RESUMO
Este artigo tem por objetivo defender que a musicalização tem muito a contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança na educação, como também, fortalecer o processo de inclusão, integração e aprendizagem dos educandos, pois a música traz harmonia mental e relaxamento físico, favorecendo e aumentando a capacidade, como: interpretação, coordenação motora, perceptiva e o intelectual do indivíduo, através do Projeto Guri nas escolas implantado como política pública para acesso aos bens e direitos culturais, colaborando para a educação integral de seus alunos e famílias na interação da musicalização nas escolas. O desenvolvimento da aprendizagem é objetivo, para que os alunos participantes tenham excelência no aprendizado com a melhor forma de iniciação musical possível, com obras literárias de autores que embasam essa temática e observação no ambiente em uma escola municipal de Nova Odessa SP, esse estudo vem compreender a relevância do aprendizado com bases na musicalização e suas contribuições para a formação de um futuro cidadão.

Palavras-chave: Musicalização, educação, aprendizagem.

ABSTRACT
This article aims to defend the Musicalization has much to contribute to the child's cognitive development in education, as well as strengthen the process of inclusion, integration and learning of the students, because music brings mental and physical relaxation harmony, encouraging and increasing capacity, such as interpretation, motor coordination, perceptual and the individual intellect. Through the Guri Project in schools implemented as public policy for access to cultural goods and rights, contributing to the integral education of their students and families in the interaction of music education in schools. The development of learning is objective, so that

[45] Aluno do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (E-Mail: kevin.zshyne@outlook.com)

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

participating students have excellence in learning with the best possible musical initiation. With literary works of authors that support this theme and observing the environment in a municipal school in Nova Odessa SP, this study is to understand the importance of learning from bases in music education and its contribution to shaping a future citizen.

***Keywords**: Musicalization, education, learning.*

Introdução

A música para a criança é algo que trabalha vários fatores como a interpretação da linguagem corporal, coordenação motora, percepção auditiva, memória e vários outros fatores, que englobam como um todo, o intelecto geral da criança. Importância de mostrar que a música pode ser usada como uma abrangente ferramenta de trabalho para o currículo e incrementar as suas definições para trazer a didática para a criança. A música é algo que está sempre associada à cultura e às tradições de um povo e de sua época. É vista por muitos como a primeira das artes, tanto no que se refere à história humana quanto à sua importância na vida de todos nós. Para as civilizações primitivas, os sons tinham significado, o qual também estava presente em seus primitivos instrumentos. Já para nós, ela é reconfortante e, muitas vezes, auxilia o nosso equilíbrio emocional.

Aprender a música estimula a percepção e desenvolve o raciocínio, mas a ideia não é só propor isso... A música também ensina e envolve a autodisciplina, paciência e sensibilidade. Ela também está associada a todo o tempo de nossas vidas em nosso cotidiano, e faz parte de nossos sentimentos e toca a nossa alma, e o nosso corpo, respondendo tanto positivamente como também negativamente em nossas expressões e no nosso interior. A criança deve compreender como agir com as diversas emoções que lhe são postas diariamente, a música pode ajudar nesse equilíbrio (válvula de escape), algo que nos ajuda a expressar nossas emoções, sentimentos e vontades. Sendo assim, apesar de suas diferenças, consideramos possível tratar todas essas propostas como "métodos de educação musical". "Desse modo, conscientemente evitamos a discussão terminológica, por acreditar que a compreensão da questão é mais relevante do que a nomenclatura empregada" (PENNA, 2010, p. 31-33).

A música vem envolver as primícias dos sentidos do ser humano, equilibrando o emocional e a acomodação para estruturar o envolvimento com as sintonias com os pares no ambiente em que está inserido, "O trabalho com musicalização infantil na escola é um poderoso instrumento que desenvolve, além da sensibilidade à música, fatores como: concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina " (BARRETO 2000, p.45).

O objetivo deste estudo vem compreender a musicalização envolvida no ensino aprendizagem desenvolvendo maior percepção nas práticas sociais e mediação de novos saberes, utilizando inclusive a organização coletiva e interações entre os pares nos sentidos de equilíbrio afetivos e cognitivos.

Este estudo se qualifica qualitativo, com estudo de campo num estudo de caso exploratório, na região de Nova Odessa – SP, na escola EMEFEI Prefeito Simão Welsh, cujo **Projeto Guri** vem sendo elaborado a musicalização no ambiente escolar. Com fundamentos teóricos em obras literárias de autores como: PENNA (2010) SNYDERS (1992) MARSICO (1982) entre outros.

Fundamentação Teórica

Este estudo, aborda o assunto da musicalização na infância como motivação e desempenho intelectual da criança. A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, fazendo isso por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música na primeira infância é fundamental para garantir o desenvolvimento de habilidades necessárias a vida e consequentemente é uma arte, pois a criança que faz parte da musicalização tem como base a música e o ser, é capaz de sonhar, criar, inventar, fantasiar e construir pontes para transpor obstáculos, de desafiar a si mesmo na busca de seus ideais. Segundo (São Paulo) a Secretaria da Educação Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (2006 pg. 5), "Fazer arte é, no nosso entender, uma das mais ricas formas de expressão de nossos sentimentos, ideias e pensamentos. O ensino de arte deve propiciar um espaço favorável às descobertas realizadas pela criança, permitindo assimilá-las, transformá-las e expressá-las de forma natural e prazerosa".

O ensino da música deve ser implantado como matéria obrigatória em todas as escolas, pois ela estimula a ordem, o equilíbrio e a interpretação das linguagens na criança como sensações, emoções e razão, e isso deve ser trabalhado na criança desde cedo, para que possamos desenvolver não só futuros músicos e musicistas, mas sim, pessoas que se socializam com a cultura, etnia, diferentes classes sociais e que saibam valorizar e respeitar sempre o próximo, independentemente de sua cultura e gostos de estilos musicais.

Segundo Deckert (2012, p. 15) "O objetivo da Educação Musical, é levar a criança a construir conhecimento musical, interagir com a linguagem social". A música também oferece valores importantes para a sociedade, e desde criança até o adulto ela vem se propagando de uma forma interminavelmente em todos os gêneros musicais. Infelizmente, algumas pessoas acreditam que música não deva ser alvo de atenção e que o ser humano pode viver muito bem sem qualquer contato com ela, mas isso é um equívoco, por que nós seres humanos temos sentimentos, emoções, afeto, sensibilidade, e a melhor forma de uma pessoa poder se expressar diante de alguma coisa, é através da música, independentemente de qualquer estilo musical e ritmo. Segundo (DALCROZE citado por ILARI, 2011, p.27), "O aprendizado ocorre por meio da música e pela música, por meio de uma escuta ativa, e na rítmica o sistema de educação musical visa a musicalização do corpo, é uma disciplina na qual os elementos da música são estudados através do movimento corporal". O autor dispõe a ideia de que a musicalização para o ser humano é muito eficiente, como também para a coordenação motora, proporcionando habilidades específicas que possam ser interagidas diretamente ao seu intelecto, enfatizando os seus conhecimentos de percepção rítmica e melódica, aprimorando seus conhecimentos de culturas e classes sociais, abrangendo que a música em si é altamente importante no mundo e que todos nós estamos ligados a ela em nosso cotidiano.

O Conceito de Musicalização

O ensino de música nas escolas tanto de Educação Infantil contribui não só para a formação musical dos alunos, mas principalmente como uma ferramenta eficiente de transformação social, onde o ambiente de ensino e aprendizagem pode proporcionar o respeito, a amizade, a cooperação e a reflexão tão importantes e necessárias para a formação humana. Dessa forma, é interessante que ela esteja presente no ambiente escolar. Na escola, o ensino musical não tem a intenção de formar o músico profissional, assim como o ensino das ciências não visa à formação de cientistas. Segundo as educadoras Hentschke e Del Ben (2003), as propriedades da música são:

> [...] a função da música no contexto escolar é auxiliar criança, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania. O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais (HENTSCHKE E DEL BEN, 2003, p.181).

Nesse sentido, é importante que a educação musical escolar, seja ela ministrada pelo professor uni docente ou pelo professor de artes e/ou música, tenha como propósito expandir o universo musical do aluno, isto é, proporcionar-lhe a vivência de manifestações musicais de diversos grupos sociais e culturais, e de diferentes gêneros musicais dentro da nossa própria cultura.

De acordo com Snyders, a escola deve dar bases para os alunos em sua vida futura;

> "A função mais evidente da escola é preparar os alunos para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. Mas ela pode parecer aos alunos como um remédio amargo que eles precisam engolir para assegurar, num futuro bastante indeterminado, uma felicidade bastante incerta, A música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal, propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente" (SNYDERS, 1992, p.14).

Conforme o autor Marsico (1982, p.148) "Uma das tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sociocultural de que provenha".

A influência da música no desenvolvimento da criança

Quando são oferecidas à criança oportunidades de apreciação e expressão, ela estabelece relação entre os conhecimentos, faz suas comparações, elege suas preferências e pode realizar suas criações musicais. Geralmente o que mais lhe chama atenção são os sons dos objetos e instrumentos, suas diferenças de altura duração e timbre. A exploração musical é intuitiva e revela pouco controle ou domínio técnico sobre o material sonoro e com o desenvolvimento gradativo as crianças, vão conseguindo controlar melhor os seus movimentos o que viabiliza a manipulação intencional dos instrumentos, outras fontes sonoras e até mesmo através das brincadeiras.

Quanto mais à criança estiver exposta a um ambiente estimulante mais ela aprende, porque experimenta e vivencia sua cultura musical e ao experimentar ela conhece, interpreta e cria assim dentro de um processo ativo e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical, ao interagir com objetos sonoros existentes em seu contexto social. Nesse sentido é importante considerar que uma das formas de superação das desigualdades sociais está nas possibilidades de acesso ao conhecimento e aos saberes e na forma como eles são compartilhados. Todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades de participação nas experiências de escuta, apreciação, interpretação e produções musicais vivenciadas pela instituição.

De acordo com as consultoras pedagógicas Salles e Barreto (2010, pg. 15-17) "Na Educação Infantil, em relação à música e à linguagem musical, serão possibilitadas às crianças as seguintes experiências e conhecimentos:

Algumas das experiências podem se**:** "ouvir", cantar e acompanhar com movimentos; manusear objetos sonoros; interagir, escutar e apreciar músicas de diversas culturas, épocas e gêneros (instrumentais, infantis, MPB, cantigas de roda, beat-box e outros); explorar e criar sons diferentes de um mesmo objeto e instrumentos musicais; alongando sílabas (duração) curtas ou longas), entre outras."

A partir das experiências relacionadas acima e de muitas outras, as crianças construirão os seguintes conhecimentos e saberes: Salles e Barreto, (2010, pg.17-18), "repertório musical diversificado; conhecimento dos diversos estilos musicais; estética musical; expressividade musical; diferentes sons do corpo, dos objetos e da natureza; qualidades do som; diferentes instrumentos musicais (percussão, sopro, cordas, elétricos), sua sonoridade e forma de tocá-lo, instrumentos musicais, industrializados e construídos pelas crianças, formas de organização musical: solo, duplas, trios, quartetos, banda, coral, orquestras e outros, formas de comportamentos diante dos diversos ambientes relacionados à música e dança; entre outras."

As atividades relacionadas à música também servem de estímulo para crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais. As atividades de musicalização, por exemplo, servem como estímulo a realização e o controle de movimentos específicos, contribuem na organização do pensamento, e as atividades em grupo favorecem a cooperação e a comunicação. Além disso, a criança fica envolvida numa atividade cujo objetivo é ela mesma, onde o importante é o fazer, participar, não existe cobrança de rendimento, sua forma de expressão é respeitada, sua ação é valorizada, e através do sentimento de realização ela desenvolve a autoestima. De acordo com Sadie a música auxilia nas inclusões;

‘‘Crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música, quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo para o alívio da tensão emocional, superando dificuldades de fala e de linguagem. A terapia musical foi usada para melhorar a coordenação motora nos casos de paralisia cerebral e distrofia muscular. Também é usada para ensinar controle de respiração e da dicção nos casos em que existe distúrbio da fala” (SADIE APUD BRESCIA, 1992, p.14)

Música nas Escolas

Sabemos da importância da música como conceito histórico, social psicológico e cultural. Esta mesma importância, em especial, podemos colocar no convívio das crianças que são beneficiadas em seu desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e ainda levam a influência da música para o seu dia a dia e principalmente para o ambiente onde muitas delas passam a maior parte do tempo à escola. Segundo Brescia afirma que;

> "A função da música - tal como a da arte – repousa no sentido de proporcionar um tipo de autoexpressão livre. De fato tem ela sido denominada "disciplina de expressão". Enriquece a vida da criança por meio das oportunidades que lhe oferece para participar dos sentimentos de outros e expressar seus sentimentos a outros, enquanto observa, ouve, executa e cria. Como disciplina socializadora, tem também grande valor". (BRÉSCIA, 2011, pag.86).

Os educadores, diante de sua missão de transformar vidas através do conhecimento, podem inserir a música em suas aulas através de brincadeiras, jogos, parlendas, acalantos, entre outros meios valorizando o uso da música além de hábito frequente encontrado nas datas comemorativas, sem muito sentido no que estão fazendo.

Para isso os professores não precisam ser mestres em música, eles devem ter a sensibilidade e o interesse em aguçar na criança o gosto para os vários gêneros musicais, valorizando a cultura onde a criança está inserida e o que ela traz de experiência musical para dentro da escola.

O trabalho com música tem muito a oferecer tanto para as crianças quanto para o educador, pois é através dela que as crianças se sentem mais a vontade no ambiente escolar, desenvolvendo e interagindo com os colegas, descobrindo suas próprias identidades e se inserindo cada vez mais na sociedade em que vive.

Jeandot afirma que, a criatividade em sala de aula realiza motivação;

> "O professor deve ser criativo, utilizando a música não só como motivação para criança, mas também na formação do seu imaginário, envolvendo as atividades do currículo escolar do aluno. As atividades com música podem explorar as culturas de diferentes povos, devem envolver diferentes compositores, analisar as diferentes épocas, etc. A autora acredita que muitas vezes essas crianças não se tornarão músicos profissionais, mas serão capazes de sentir, viver e apreciar a música. Uma aprendizagem voltada apenas para os aspectos técnicos da música é inútil e até prejudicial, se ela não despertar o senso musical e não desenvolver a sensibilidade. Tem que formar na criança o musicista, que talvez não disponha de uma bagagem técnica ampla, mas será capaz de sentir, viver e apreciar a música" (JEANDOT 2001, p.21)

SNYDERS (1997, p.30) diz que "resta ao professor situar e não restringir". Situar aqui segundo as palavras do autor é contextualizar que o docente pode ser um mediador, orientando seus alunos nas atividades com a música e não restringindo sua criatividade. Para que o ensino de música na educação infantil relacione o prático com o pedagógico, ela deve ser usada como ferramenta educacional e para isso é necessário explorar diferentes possibilidades nos vários momentos da aula. Temos de lembrar que trabalhar a música na educação infantil não se

restringe ao aspecto musical, mas também aos aspectos cognitivo e motor, o que promove o desenvolvimento do sujeito no todo.

A música também pode ser vista como uma possibilidade de reintegração social e de construção do conhecimento. Muitas vezes, em casa, a criança não tem acesso à música, e, quando lhe é colocada a diversidade de ritmos e gêneros, ela se interessa. Além disso, a música pode atraí-la e passar a servir de motivação para outras atividades.

No ensino da música mais aprofundado nas escolas, a criança que tem aula de música tem oportunidade não só de lidar com a música e seus elementos, mas também aprimora a audição, a expressão rítmica e melódica, a sensorial idade, a emotividade, a inteligência ordenadora e a criatividade. A esse ensino da música nas escolas, dá-se o nome de Educação Musical. Segundo Loureiro (2008) constata que:

> "Alunos desinteressados, com pouca concentração e baixo comprometimento, que apresentam superficialidade em suas relações com o ensino-aprendizagem, precisam ser incitados a experimentar formas de apreensão da linguagem musical, mesclando estilos e procedimentos, proporcionando maior abertura para o diálogo e fazer musical, aliando a experiências e vivências com as possibilidades do encontro com o novo" (LOUREIRO, 2008, p. 14).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs- propõem que: "As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior, como também no exterior" (PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS –PCNs-BRASIL, 1998, p.19).

É importante que a criança desde cedo comece a ter um envolvimento com a música e aprender a vivenciar o som da melodia musical, interpretar a necessidade de uma concentração simultânea e de diversas estratégicas para que a criança não sobrecarregue o seu subconsciente e que tem seu domínio rigoroso. Segundo Willems (1962, pg.106) é iniciada "com ritmo e som, e é elemento pré-musicais que devem ser trabalhado desde tenra idade, através de material auditivo especial e dos movimentos corporais naturais".

O improviso é uma das melhores coisas que pode acontecer e gerar o desenvolvimento da audição interior e de acordes agregados e simultaneamente com a sensibilidade afetiva, usando entres esses intervalos da melodia e a harmonia sonora, deixe a criança explorar os sons de cada instrumentos ao mesmo tempo.

Envolve-se o fenômeno musical e valorizando o funcionamento da percepção da criança, que exige a afinação da voz reforçando a memória da criança.

Ao ser trabalhado esse material sonoro com a criança percebe-se uma grande diferença em seu aprendizado e em seu desenvolvimento, que eleva a criança a pensar mais e uma grande concentração auditiva, ela percebe essência suavemente sonora de forma clara, permitindo a ela distinguir esse som, seja lá qual for.

Metodologia

Essa pesquisa se apresenta qualitativa, com pesquisa em campo em um estudo de caso exploratório em uma escola em Nova Odessa - SP na escola EMEFEI Prefeito Simão Welsh, onde através do **Projeto Guri** vem sendo elaborado a musicalização. Com observação direta com os alunos no âmbito escolar e elaboração de um questionário com os profissionais de educação nesse

ambiente escolar. Também com base nos autores e suas obras já citadas na introdução desse artigo.

Analise de Dados:

As observações na escola EMEFEI Prefeito Simão Welsh, tem o Projeto Guri. Esse projeto vem crescendo e aprimorando o seu trabalho durante os anos, e consequentemente, está cada vez mais infiltrado nas escolas, propiciando os significados e o valor da música para a vivência musical do aluno em seu cotidiano e para a vida, voltado para o foco social. Este pressuposto é a base que reafirma esse projeto como política pública de acesso aos bens e direitos culturais, colaborando para a educação integral de seus alunos e comunidade. À medida que se entende o desenvolvimento humano de gerações em formação como o aprimoramento e amadurecimento de crianças, adolescentes e jovens nas suas múltiplas dimensões (motora, afetiva, intelectual, estética, ética e social), torna-se fundamental a ampliação das condições de acesso e permanência no **Projeto Guri**, trabalhando para minimizar os obstáculos que impedem determinados segmentos da população de ingressar no projeto ou continuar frequentando as aulas. O desenvolvimento da aprendizagem é fortemente objetivo, para que os alunos participantes tenham excelência no aprendizado com a melhor forma de iniciação musical possível. Para fazer parte, basta frequentar a escola com assiduidade e fazer um cotidiano na harmonia da música e a aprendizagem nesse ambiente criado pela escola.

Foram observadas aulas feitas duas vezes por semana e dividas em três turmas, que no caso são alunos iniciante, intermediário e avançado, e todos estão dentro do contexto de iniciação musical. Os alunos não são preparados a níveis de conservatório/faculdade, mas é aplicada toda a base necessária para que se possa chegar com tranquilidade em um conservatório de música.

O professor A do Projeto Guri de Musicalização Infantil, relata que o aprendizado se baseia na coletividade de inserir as vontades e qualidades que podem surgir no percurso dessas aulas, ele diz que:

"Vários alunos que com o aprendizado deste projeto, conseguiram bolsas de estudo para o exterior. O projeto de musicalização, é um processo de construção no aprendizado do aluno a desenvolver uma criatividade a despertar seus conhecimentos de aprender a ouvir a música com prazer, e usar a imaginação e memorizar com mais atenção, e uma responsabilidade específica voltada a disciplina na área musical".

O professor B do Projeto Guri de Musicalização Infantil, relata que sendo da educação infantil sente uma melhora com a criança e o ambiente escolar:

"Trabalhar com a música na educação infantil é importante para contribuir com um currículo riquíssimo para esses alunos, eles conseguem desenvolver e aprender a estimular o cérebro de uma forma que nenhuma outra disciplina consegue alcançar. Esse estimulo para o aluno vai desenvolver o dois lados do cérebro, com essa áreas desenvolvidas, fazendo que a criança tenha uma facilidade maior de concentração e uma memória mais avançada, que leva a ter um processo de aprendizado com um raciocínio mais rápido".

Ouvindo os relatos com as crianças em geral

As crianças demonstraram alegria e muita satisfação ao aprender a música na teoria e nos seus instrumentos, pelo fato de a matéria ser diferenciada e muito estimulante para a vida deles.

O aluno A, relata que a música para ele, ajudou a definir os seus conceitos e objetivos da vida:

"O projeto Guri, foi elementar em minha formação como pessoa. Em meio uma sociedade que tem tudo de mal e de bom para oferecer, o Guri me ajudou a me encontrar, e definir meus

objetivos no futuro. A motivação pelos professores foi crucial para pensar que no futuro poderia ser uma professora de música, assim como aqueles e aquelas que deram a base necessária para uma graduação, e futuramente um bacharelado. Cada dia mais veem os resultados surgindo, alunos se graduando e levando o nome Guri, assim como professores cada vez mais capacitados. Atualmente, no início de minha carreira acadêmica, e performática, tenho orgulho de dizer: Sou um Guri".

A aluna B, afirma que a música a ajudou a crescer muito na vida, não apenas profissionalmente, mas também na parte pessoal:

"Entrei no Projeto Guri por brincadeira, mas aí a coisa foi ficando séria, comecei a me interessar de verdade e fui cada dia mais me apaixonando pela música... tanto que hoje faz parte da minha vida. Eu acredito que Projeto Guri, não é apenas para formar bons músicos, e sim cidadãos de bens, lá não se aprende apenas cantar, tocar um instrumento, e sim a se dar respeito às pessoas, ser bons cidadãos e trabalhar em conjunto, saber que não sou melhor do que ninguém. Projeto Guri vem a cada dia mais incentivando a criança e o adolescente, de que somos capazes, de que nunca paremos de sonhar de lutar pelos nossos objetivos. Música expresso o que não pode ser dito em palavras, mais não pode permanecer em silêncio. Ela é a arte de manifestar os diversos afetos de nossa alma mediante o som, se eu não estiver legal, meu som também não vai ser legal. Projeto Guri foi um grande incentivo para mim na minha vida, foi o que eu descobri a paixão pela música, , eu decidi o que eu quero para minha vida foi lá que os meus sonhos começaram a crescer. Eu sonho bastante e muito alto, mas creio que nenhum deles são impossíveis de se realizar; basta ter garra, força de vontade e o principal de tudo, ter fé. Pois eu sonho e sei que não é impossível eu ser uma grande musicista. Quero parabenizar o Projeto Guri pelos seus ótimos trabalhos desenvolvidos. Pelos seus 18 anos. Orgulhosa, honrada por fazer parte dessa família, por representar um grupo de referência".

Tendo em vista colocar a música em movimento na vida dos estudantes na escola regular, é uma ação de desenvolver a formação de um cidadão com ampla visão de etnia, vivencias em culturas diversas, criando novos movimentos de aprendizagem diante da heterogenia poder aceitar as diferenças e constituir novas estruturas de vivencias sociais e aprendizado com bases na democracia tanto esperada.

Considerações finais

Este trabalho foi conceituado em proporcionar a veracidade e os aspectos amplos que o ensino de musicalização pode oferecer às crianças da educação infantil, como também analisar as características e abrangências do seu aprendizado e a sua contribuição na experiência, inteligência e a socialização das crianças. Mostrar a forma que a música pode ser trabalhada dentro das salas de aulas na educação infantil e fundamental, e compreender a essência e o significado da música como uma função e/ou ferramenta pedagógica foram mostrados neste estudo. Com esta pesquisa, verificou-se que é com o embasamento no dia a dia com a música em sala de aula, com as atividades desenvolvidas pelos professores no cotidiano da educação infantil e das experiências pessoais com a música, que irá nascer uma prática pedagógica enriquecida, que venha a contemplar a música como destaque imprescindível que possa a ajudar com o trabalho e o desenvolvimento da criança.

Assim concluo que este estudo pode incrementar para que seja repensado e avaliado o papel da música na educação, não somente criticando os professores, mas refazer as análises de sua formação, os recursos que eles oferecem a sua disposição, e tentando buscar a total valorização da música na educação dos alunos, mostrando e afirmando que é possível ter uma prática

consistente com a música na escola. Acredito que a música é muito importante para que os atores educacionais tenham essa consciência, mas sabemos que são necessárias políticas que envolvam a formação dos professores, e que possam oferecer os melhores recursos possíveis para os mesmos poder ter um trabalho com êxito em suas salas de aula. Este trabalho mostra que o projeto de música dentro das escolas, gerou muito entusiasmo e o empenho dos alunos, fazendo que os alunos possam ter mais acesso na música e incentivo ao ensino aprendizagem sendo eficaz de forma lúdica, para que possa ter uma interação total com as crianças nas salas de aula, mas infelizmente, este projeto foi retirado desta escola devido a falta de verba, mesmo assim, a música é uma ferramenta de aprendizagem, que jamais irá morrer, pelo simples fato de os professores terem ensinado seus alunos com toda dedicação/determinação, amor e esperança e que, um dia eles terão um retorno gratificante em suas vidas tanto na carreira profissional para alguns, e de maneira mais pessoal para outros. A bagagem do conhecimento sempre irá permanecer, e os professores continuam no caminho com muita crença trabalhando a música a favor da educação.

"Como músico violinista, saxofonista e formando em pedagogia, construo essa ótica para ensinagem em meu caminho de educador"

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado forças para ter chegado até onde cheguei, aos meus pais e familiares por me apoiarem e me incentivarem muito durante esses 4 anos de faculdade... agradeço também algumas colegas de trabalho que vem acompanhando o meu trabalho de perto, e que me ajudaram bastante com minhas dificuldades, e também é com grande satisfação e honra que não poderia esquecer da professora Helena Prestes dos Reis, que foi a minha orientadora durante todo esse tempo de trabalho, e que teve muita paciência comigo, e se não fosse ela, eu jamais conseguiria dar início neste artigo, e muito menos terminar ele. Muito obrigado a todos que cooperaram para o meu crescimento, e desejo tudo de melhor sempre para todos!

REFERENCIAS

BARRETO, S. J. **Psicomotricidade: educação e reeducação 2ª edição**, Blumenau: Acadêmica, 2000.

BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical: Bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2011.

CHIARRELI, Ligia Karina. **A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser** integração do ser, Revista Recre@rte Nº3 Junho 2005: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.

DECKERT, Marta. **Educação musical: da teoria à prática da sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

GODOI, Luís. **A importância da música na educação infantil** Universidade Estadual de Londrina, 2011.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana, (2003). Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: ____. HENTSCHKE, L. DEL BEN, L. (Orgs.). *Ensino de música*: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Ed. Moderna. Cap.11.

JEANDOT, N. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Ed. Scipione, 2001. 2ª Edição.

LOUREIRO, A. M. A. **O Ensino de música na escola fundamental** 4.ed. Campinas: Papirus, 2008. Coleção Papirus Educação.

MARSICO, Leda Osório. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

PENNA, **Pedagogias em Educação Musical /** Teresa Mateiro, Beatriz Ilari, (Org.). – Curitiba: Ibpex, 2011. – (Série Educação Musical).

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN´s) **Ensino Fundamental da Arte** Brasília, 1998.

SALLES, V.L.B. **A criança, a música e a linguagem musical-Consultoras pedagógicas** A música e o desenvolvimento infantil: **O papel da escola e do educador- Revista da Faculdade Metodista Granbery-2012**.

SNYDERS, Georges**. A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2ªedição São Paulo: Cortez, 1994.

São Paulo (Estado) **Secretaria da Educação Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas**. O Ensino da Arte nas séries iniciais Ciclo I/Secretaria da Educação, coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas; organização de Rosele Cassar Veutrella e Maria Alice Lima Garcia, São Paulo: FDE, 2006.

SADIE, Stanley. **Dicionário Groove de Música**. Nova York: Macmillan, 1992.

WILLEMS, Edgar. **Preparação musical do mais pequeno**. Buenos Aires: Eudeba, 1962.

Outras Bibliografias Consultadas:

O Ensino da Arte nas séries iniciais Ciclo I/Secretaria da Educação, coordenadoria de Estudos e normas Pedagógicas; organização de Rosele Cassar Veutrella e Maria Alice Lima Garcia. São Paulo: FDE, 2006.

Portal Educação, **Linguagem Musical na Educação Infantil**, Curso Online. Site: (www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/56086/linguagem-musical-na-educacao-infantil).

Artigo: **A Importância do Ensino Musical na educação Infanti**l (www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/180/106).

A importância da utilização da música na educação infantil (www.efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm).

LEITURA: HÁBITOS E AÇOES CONSTROEM ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Maria Aparecida Faggian Avelino Arruda[47]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
Este artigo tem a relevância da leitura para construção do conhecimento na vida do educando, cujo papel do professor é de mediar à construção de novos saberes. É preciso procedimentos contínuos para que se oportunize compreender o significado da aprendizagem na leitura com ações em vivencias na forma de compreender as exigências e necessidades que o contexto social inclui no cidadão. O objetivo desse estudo está em investigar e analisar os procedimentos no interesse pela leitura, cujo favoreçam a aprendizagem das convenções de escrita que vem sendo aplicada, analisando fatores que possam contribuir em relação ao seu incentivo. Há necessidade que os educadores priorizem leitura em vivências que ajudam a constituir o desenvolvimento de aprendizagem, refletindo sobre os diferentes valores como: respeito, amor, humildade, tolerância e cooperação entre os pares, o que embasa a formação do futuro leitor.

Palavras-chave: Leitura, alfabetização, formação de leitores.

ABSTRACT
This article has the importance of reading for knowledge construction in the life of the learner, the teacher's role is to mediate the construction of new knowledge. It takes continuous procedures so that if oportunize understand the meaning of learning in reading with actions in livings on way to understand the requirements and needs of the social context includes the citizen. The aim of this is to investigate and analyze the procedures in interest for reading, whose factors the learning of writing conventions that has been applied by analyzing factors that contribute towards his incentive.There is a need to prioritise reading educators in experiences that help constitute the development of learning, reflecting on the different values: respect, love, humility, tolerance and cooperation among peers, which bases the future reader.

Keywords: *Reading, literacy, education of readers*.

Introdução

Segundo Vygotsky (1991) a criança aprende melhor quando confrontada com as tarefas que impliquem desafios cognitivos, o professor deve proporcionar aos estudantes a oportunidade

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdades Network. Av. Ampélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. E – mail: mariafaggian@hotmail.com

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005,Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora Pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

de aumentar suas competências e conhecimentos. A linguagem é a ferramenta que permite a comunicação entre as pessoas, facilitando a interação e aquisição de conhecimentos.

A leitura tem um papel fundamental no desenvolvimento da capacidade de produzir textos escritos, pois por meio dela os educandos entram em contato com toda a riqueza e a complexidade da linguagem escrita. É também a leitura que contribui para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, exercitar a fantasia e a imaginação, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, desenvolver estratégias de leitura, favorecer a aprendizagem das convenções de escrita, além de ampliar o repertório textual contribuindo para a produção dos próprios textos.

Como afirma Freire, "quando aprendemos a ler, o fazemos sobre a escrita de alguém que antes aprendeu a ler e a escrever. Ao aprender a ler nos preparamos para imediatamente escrever a fala que socialmente construímos" (FREIRE, 1997, p. 25).

Naturalmente, a criança demonstra curiosidade e interesse em manipular livros e ouvir histórias. A leitura está presente em suas casas em diferentes momentos: livro de receitas, livros de história, bíblias, gibis, rótulos, entre outros. Quando há adultos leitores na família o interesse pelos livros e pela leitura é ainda mais evidente.

Ouvir histórias possibilita o contato com palavras novas, havendo maior preocupação do adulto com a pronúncia dessas palavras, maior o interesse do aprendiz. Esta atividade favorece muito o hábito de falar corretamente, uma vez que a criança imita o adulto e costuma repetir tudo o que ouve.

Nesta perspectiva, o ato de ler e o ato de escrever são elementos indissociáveis no processo ensino-aprendizagem e devem estar vinculados às necessidades e interesses do público aprendiz.

Portanto, deve-se estimular e propiciar ao alcance das crianças os livros infantis, os contos, as poesias, os mitos, as lendas, as fábulas, permitindo-lhes penetrar em seu universo mágico dos sonhos. É o caminho não apenas de sua descoberta, mas também um dos mais completos meios de enriquecimento e desenvolvimento de sua personalidade.

Ouvir e ler histórias nos permite entrar em um mundo encantador, cheio ou não de mistérios e surpresas, mas sempre muito interessante, curioso, que diverte e ensina. É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que formamos o leitor e o escritor. A criança aprende brincando em um mundo de imaginação, sonhos e fantasias. Desta forma, são através de experiências felizes com as histórias, os contos clássicos infantis em sala de aula que a criança tem a possibilidade de interagir com diversos textos trabalhados, possibilitando o entendimento do mundo em que vivem e possibilitando a construção de seu próprio conhecimento.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (Brasil, 1997), o papel do professor e da escola é formar alunos críticos habituados com a leitura, isso através do incentivo a leitura diária e de um contato com todos os tipos de textos. Contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem, representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos lingüísticos.

Na tentativa de encontrar o "caminho de volta" para o mundo encantado do faz de conta, se faz importante um levantamento bibliográfico do tema, bem como dialogar com as crianças *in locu*, o que elas pensam e acham da importância da literatura infantil, e posteriormente resgatar alguns contos literários com as crianças.

Sendo assim, esse estudo tem como finalidade observar procedimentos e ações pedagógicas nas mediações de aprendizagem utilizadas em salas de aula, no que diz respeito o despertar o interesse dos alunos pela leitura, para que se criem espaços para o hábito de ler, além de desenvolver práticas sociais nas vivencias com o aluno, desperte o interesse na leitura dentro e também fora da escola.

Esse estudo se configura na pesquisa qualitativa, com observação em campo em uma escola na região de Sumaré- SP. Com base nos autores como BAMBERGER (2000), MARTINS (1994), VYGOTSKY (2009), LENNER (2002) entre outros. De forma que hoje é maior o interesse nas práticas desenvolvidas pelos professores em sala de aula, principalmente no que diz respeito à alfabetização. A leitura, por sua vez deve ser trabalhada em consonância, pois o ato de ler esta ficando dada vez mais distante do interesse dos educados.

Fundamentação Teórica

O professor deve utilizar a leitura como forma de propiciar ao seu aluno condições para a construção de conhecimentos a partir das diferentes linguagens e contextos, não ficando apenas presos às suas concepções de que as leituras devam ser apenas decifrar palavras, é preciso permitir que a leitura seja um momento lúdico, de trocas, que ela possa aprender através da brincadeira assim como o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil coloca;

> As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e (re) significação. (BRASIL, 1998, p. 21).

É perceptível a necessidade de incentivo desde a primeira infância para iniciar leituras. É interessante que os educadores proporcionem meios de ampliar conhecimentos literários, oferecendo momentos de prazer através da leitura, cuja atividade tem papel fundamental no processo de alfabetização, no desenvolvimento psíquico e da formação social do cidadão, pois de acordo com Bamberger, "somente o professor que encara a leitura como um todo é realmente capaz de formar leitores" (BAMBERGER, 1975, p. 22).

Segundo Silva levanta questões como, "Será que nós incorporamos as reais necessidades e os interesses vivos das crianças no ensino que nos propomos a executar? Será que abrimos espaço para que as crianças participem do processo ensino-aprendizagem ou será que censuramos as suas iniciativas de participação"? (SILVA 1998, p. 37).

Na educação as instituições trás a importância do papel do professor em formar alunos críticos com hábitos de leitores, com a leitura diária e o contato com todos os tipos de leitura, se fazem necessário. Entretanto conforme cita Silva, "será que nós permitimos a seleção de livros de acordo com os autênticos interesses das crianças" (SILVA 1998, p. 37). Segundo o autor é fundamental o incentivo da leitura nas séries inicias, pois permite o despertar e o interesse da criança logo no início do período escolar.

A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não lêem eficazmente por si mesmas. Durante esse período, é criado muitos procedimentos para os quais se lê diferentes tipos de texto, segundo Lerner "cria um clima propício para desfrutar dele: propõe as crianças que se sentem a seu redor para que todos possam ver as imagens e o texto se assim o desejam; lê tentando criar emoção, intriga, suspense ou diversão conforme o tipo de história escolhida". (LERNER, 2002, p. 95).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs enfatiza que "ler e ouvir história é permitir-se entrar em um mundo encantado, cheio ou não de mistérios é nas relações lúdicas e prazerosas com obras literárias, que formamos o leitor e escritor" (BRASIL, 1997, p. 50).

Neste sentido, a leitura é primordial para todo ser humano, pois é lendo que se descobre um mundo cheio de conhecimentos e aprendizagem. É possível você fazer uma viagem por todo mundo tendo uma leitura favorável, e politicamente social para os devidos esclarecimentos, segundo Silva afirma que;

> Daí a necessidade de se pensar uma política de leitura para o povo brasileiro e para a escola, levando em conta em considerações para a produção da leitura, resulta desse esclarecimento que a leitura deve ser tomada como uma pratica social e devidamente encarnada na vida cotidiana das pessoas e cujo aprendizado se inicia na escola (SILVA 1998, p. 21).

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimente a imaginação e desperte o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que a crianças desde cedo apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exigeque o professor como leitor preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativa a escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (BRASIL, 1997, p. 143).

Antes de ser um texto escrito um livro é um objeto, tem forma, cor, textura, volume, cheiro, pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas, e "para muitos adultos especialmente crianças não alfabetizadas essa é a leitura que conta" (MARTINS, 2007, p. 42).

De acordo com Lerner para formar leitores é necessário desenvolver um ambiente propicio e desafiador para o aluno ou seja interesses a praticar a leitura com significado, segundo a autora;

> A problemática apresentada pela formação do leitor, longe de ser especifica de determinadas séries, é comum a toda a instituição escolar. O desafio de dar sentido á leitura tem, então, uma dimensão institucional e se essa dimensão é assumida, se a instituição como tal se encarrega da análise do problema e seus integrantes em conjunto elaboram e levam á prática projetos direcionados a enfrentá-los, começa a se tornar possível encurtar entre os propósitos e a realidade. (LANNER, 2002, p. 97).

Ensinar a ler e escrever são desafios que transcende amplamente a alfabetização em sentido compreender e registrar, "o desafio que a escola enfrenta hoje éo de incorporar a cultura escrita para todos os seus alunos e com ela conseguir que todos cheguem a serem leitores e escritores atuantes" (LANNER, 2002, p. 98).

De acordo com Silva o olhar para ser leitor ou ledores se acentua diferenças significativas em nossa sociedade "daí, talvez, a diferença entre "ledores" formada pela escola e "leitores", tão necessários à sociedade brasileira. Essa é a paisagem que conseguimos desenhar no intuito de retratar as nossas percepções sobre o lugar e a presença da leitura na escola" (SILVA, 1998, p. 11).

Segundo Lerner há necessidade de formar seres que opinem e sejam críticos capazes de assumir posições para transformações na sociedade que estão inseridos, afirma que;

> Entretanto, o desafio vai além de formar praticantes de leitura e da escrita que possam apenas "decifrar" o sistema de escrita, e sim formar leitores que saberão escolher o material escrito adequado para buscar a solução de problemas que devem enfrentar e não apenas de oralizar um texto selecionado por outro. È formar seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente á mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem, em vez de persistir em formar indivíduos dependentes da letra do texto e da autoridade de outros. (LANNER, 2002, p. 27).

Para desenvolver cidadãos críticos e que transformem a sociedade com respeitos culturais e qualidade de vida, entendemos que há necessidade de uma educação significativa com educadores com visão de formar e não informar, sabendo que o primeiro passo é conhecer, aprender e construir um ambiente favorável e significativo para ser leitor e construir novos leitores.

Metodologia

Essa pesquisa é qualificada qualitativa, sendo um estudo de caso, o qual utilizou-se de observação em uma escola da rede estadual na região de Sumaré/SP. As observações foram feitas durante o período de estágio com alunos em uma sala de Recuperação Intensiva. A instituição agregava o Programa Ler e Escrever o qual estava inserida como estagiária, de forma que foram feitas as observações diárias em sala de aula durante o ano letivo de 2015.Com base na fundamentação teórica dos autores já mencionados neste estudo, relacionando as prática da docente desenvolvida com seus alunos.

Analise de Dados

A escola em questão está localizada no Bairro Padre Euclides Miranda, e a atende crianças das redondezas. Os sujeitos da pesquisa são alunos da sala de Recurso Intensivo (RI), ou seja, crianças que estão em defasagem de ensino, crianças com distorção série/idade, crianças carentes de estrutura familiar e financeira. O período que estagiei e participei do projeto "Ler e Escrever", cujo objetivo era a inserção das crianças no mundo das letras, para melhorar o índice de alfabetização da escola.

O estudo de caso desta sala de aula mostra que há sérios problemas de indisciplina, um dos desencadeadores da dificuldade de aprendizagem e da distorção série/idade. Outro motivo que me levou a escolher esta sala foi o fato de muitas crianças não terem acesso, ou contato com livros fora do ambiente escolar, pois seus pais, na maioria, são semi-analfabetos.

Constatou-se, no período de observação em sala de aula, que não havia atrativo diferenciado para que os alunos se sentissem motivados à aprendizagem e à leitura. Quando acontecia o momento para leitura, este era realizado pelo professor de forma mecânica e sem entonação, e as histórias selecionadas eram longas e cansativas, causando desinteresse e dispersão dos alunos em sala, haja vista que a sala era composta por uma pluralidade de estágios de desenvolvimento, ou seja, havia alunos que não sabiam nem decodificar e outros que estavam iniciando o processo.

No período de observação, houve um projeto que era conhecido como "*A mala viajante*" onde era colocado três livros de histórias que era escolhido pela professora, a criança levava para casa e tinham o prazo de uma semana para ler e fazer a reescrita do livro que eles mais gostassem.

O resultado foi que os professores não aderiram muito ao projeto, pois demandava tempo, e muitos preferiam trabalhar a metodologia tradicional, não se importando muito em despertar o interesse pela aprendizagem através de leitura.

Martins (1994) nos alerta que a ação de ler não um simples aprendizado de decodificação de palavras, mas sim uma conquista da autonomia, possibilitando novos caminhos a trilhar no campo do saber, assim como ela descreve;

> Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres. MARTINS, 1994, P. 23

Quando perguntado para a criança qual livro ela tinha mais gostado quase sempre era a mesma resposta: *eu não li os outros, só fiz do livro menor.* Os alunos não eram estimulados a ler na sala de aula, sempre era a professora que lia de uma forma mecânica sem elaborar comentários ou sem entonação.

Segundo Vygotsky as crianças constroem seus conceitos, ele diz que;

> As crianças constroem idéias (representações mentais) sobre o sistema de escrita, muito antes da entrada para a escola, o que significa que elas não são uma folha em branco onde o professor que irá escrever e moldar o aluno. O hábito pela leitura depende de outras relações no processo de educação, como a afetividade. Sem ler, o aluno não sabe pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se. (VYGOTSKY, 2009, p. 26).

Ficou perceptível que a professora tem a preocupação de trabalhar todo o conteúdo proposto pela ementa e acaba atropelando e/ou empurrando o conteúdo para os alunos sem dar importância necessária do quanto realmente estão aprendendo. Considerando que a sala é uma sala de Reforço Intensivo e que de fato a defasagem de aprendizagem já vem de uma longa caminhada, isso acaba por atingir o equilíbrio emocional das crianças, provocando baixa estima e conseqüentemente o desinteresse pela "mesmice" do cotidiano escolar.

Para Martins a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas;

> "a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta." Portanto criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros, é antes de qualquer coisa, dialogar com o leitor sobre a sua leitura" (MARTINS, 1999, p. 34).

Striquer descreve;

> "o problema do ensino de leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceptualização do que é leitura" e prossegue dizendo que é necessário haver uma abordagem "das concepções de leitura que mais determinaram (e determinam) as práticas de sala de aula". (STRIQUER APUD SOLÉ 1998, p. 33).

A professora relata como a falta de método e da recusa de assumir o seu papel de mediador do conhecimento, deixando a responsabilidade nas "mãos" dos alunos, relatando: *"Essas crianças mostram muita falta de interesse para leitura, muito difícil conseguir um aprendizado esse ano, porque não há apoio familiar".*

É fato que os alunos ficam muito inquietos diante de situações que eles não veem interesse, pois se não conseguem ler e escrever e não são estimulados a isto, o que resta a essas crianças é apenas buscar por interesses pessoais em conversas paralelas, desvinculando-se da aula.

De acordo com Lerner;

> "o tempo é todos nós, professores, sabemos muito bem-um fator de peso na instituição escolar: sempre é escasso em relação à quantidade de conteúdo fixados no programa, nunca é suficiente para comunicar as crianças tudo o que desejaríamos ensinar em cada ano escolar" (LERNER, 2002, p. 87).

A instituição escolar tem por dever contribuir para o desenvolvimento intelectual e social de seus alunos, sem discriminação de classe social ou de nível intelectual da criança e para que isto aconteça se faz necessário mais projetos de leituras e professores mais engajados com a causa, pois a leitura é o primeiro passo para a transformação social.

Segundo as autoras Ynes e Pondé;

> "Um dos grandes impasses da sociedade brasileira hoje, como vimos, é a democratização da leitura. Para que isso ocorra, é necessário que se superem os altos índices de analfabetismo, que melhora a qualidade de vida e o poder aquisitivo da população que haja programas de governo de incentivo à leitura; enfim que se facilite o acesso do ao livro." (YUNES, PONDE, 1988, p. 144)

Apesar das mazelas familiares e fragilidade escolar, é importante dar voz aos alunos que mais precisam e ampliar as condições para conseguirem construir conhecimentos para que possam mudar a realidade que se encontram.

Considerações Finais

A leitura se torna um recurso extremamente útil, pois permite à criança utilizar a sua capacidade máxima mental, aumentando o seu campo de conhecimento e aprendizagem, por isso as escolas devem se utilizar deste valioso recurso que é a leitura para alavancar o processo de desenvolvimento das crianças.

Faz-se necessário criar dentro das instituições de ensino espaços de leituras, para através de este construir novos saberes. A leitura faz com que as crianças mergulhem num mundo de poesias e imaginações, contribuindo para o aumento do vocabulário e com isso melhorando a escrita de nossas crianças. A leitura prazerosa, através de uma forma contextualizada, pode ser o ponto de partida para a alfabetização das crianças.

Compete ao professor diminuir as desigualdades, buscando desenvolver na criança um tipo de relação susceptível de agregar e valorizar as diferenças. O papel do professor não é negligenciarem-se as questões do dia a dia, e sim facilitar espaços e tempo para haver expressão e resultado de experiências vividas, as quais, por sua vez trarão novos interesses e oportunidades para que ela participe em novas experiências.

Bamberger (2000) afirmar em seus estudos que o ambiente familiar contribui para despertar leitores possibilitando um mundo letrado sem cobranças. Neste sentido, torna-se fundamental a família criar em casa um ambiente literário onde a criança recebe estímulos que serão muito importantes na sua formação como leitora. *“Quando a realidade não nos dá essa estrutura cabe o ambiente escolar ampliar esses espaços de estímulos aos saberes”*

Agradecimentos

Dedicatória: *“Dedico essa conquista à Minha Mãe Pedra, pois se estou terminando este curso foi com ela que aprendi a ser forte”.*

Primeiramente agradeço a Deus que foi o meu escudo em todos os momentos difíceis nessa jornada. Á Faculdade Network pela bolsa estudante, mesmo que por pouco tempo, permitindo o incentivo de voltar aos estudos, aos professores e colegas de turma que contribuíram para minha formação, sempre demonstrando muito respeito, carinho e acima de tudo, incentivando Em especial à Minha Orientadora **Helena Prestes dos Reis** por estar sempre disposta a me ajudar na conclusão deste trabalho.

Ao meu marido **Eliseu** pelo carinho e pela ajuda nos trabalhos diários, sempre me apoiando e não me deixando desistir, e aos meus filhos **Eliseu e Gabriel** pela preocupação constante. À minha sobrinha e afilhada Juliana que sempre esteve pronta a me incentivar e orientar meus trabalhos mesmo estando distante.

Referencias

BAMBERGER, R. Como incentivar o hábito de leitura. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: ed. Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D água, 1997.

LERNER, D. Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário. Tradução Ernani Rosa- Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura?/ Maria Helena Martins, 19. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

MUNDINHO DA CRIANÇA, Disponível em: http://mundinhodacrianca10.blogspot.com.br/2013/06/projeto-joao-e-maria.html. Visita em 27/05/2014.

SABER E EDUCAÇÃO, Disponível em: http://sabereeduca.blogspot.com.br/2012/07/projeto-conto-de-fadas-joao-e-maria.html .Visita em 26/05/2014

VIGOTSKIY, L S/A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. São Paulo: FTD, 1988.

DESENVOLVIMENTO- APRENDIZAGEM-AFETO-AMBIENTE ESCOLAR SÃO BASES DE INTERAÇÕES NA FORMAÇÃO DO INDIVIDUO

Luciana Souza Mendes Leblon[1]
Helena Prestes dos Reis[2]

RESUMO
O presente artigo tem por objetivo de refletir a relevância da afetividade no desenvolvimento do indivíduo no contexto escolar. É sabido que a área afetiva se inicia na vida familiar, e nos tempos atuais é dedicado pouco tempo ao dialogo criando poucas referencias de apoio para vivencias diárias no contexto social. De forma que a escola acaba absorvendo responsabilidades para equilibrar a vivencia social do aluno, seu desenvolvimento cognitivo e emocional que constitui o ensino aprendizagem. A figura do professor transmite segurança e desenvolve laços de afeto o qual se cria oportunidades para compreensão, interação nas práticas sociais, para vivencias culturais para uma ensinagem de qualidade. Com observação em campo em uma escola da região de Sumaré- SP e, utilizando fundamentos teóricos com autores que embasam essa temática no desenvolvimento dessa pesquisa.

Palavras-chave: Afeto, Ambiente Escolar, Aluno e Aprendizagem.

ABSTRACT
His article aims to reflect the importance of affectivity in the development of the individual in the school context. It is known that the affective area begins in family life, and in modern times is devoted little time to dialogue creating few references to support daily livings in the social context. So that the school has just absorbing responsibilities to balance the social experiences of the student, their cognitive and emotional development that is teaching learning. The teacher figure conveys security and develops bonds of affection which it creates opportunities for understanding, interaction in social practices, for cultural livings for teaching and learning quality. With field observation in a school of Sumaré- SP region and using theoretical foundations with authors that support this theme in the development of this research.

Keywords: *Affection, School Environment, Student and Lear.*

[1] Aluna Luciana Souza Mendes Leblon do 4° Ano de Pedagogia – Faculdades Network – Av. Amélio Gazeta, 2445, CEP 13460-000, Nova Odessa, SP, Brasil. (leblonluciana@gmail.com).

[2] Graduada em Pedagogia UNISAL;1986; Especialista Psicopedagogia-Faculdades Network 2005, Professora Mestra da Educação UNISAL;2012. Professora e Orientadora pedagógica e de TCC no Colégio e Faculdades Network (helenaprofa@yahoo.com.br).

Introdução

Esse estudo tem sua relevância quando se iniciou observação em sala de aula em contatos com os alunos, por onde percorri e presenciei em meus estágios. Alguns momentos foram observados que ainda hoje alunos ficam na berlinda da sala e despercebidos pelo educador, e por alguns profissionais, exercendo algumas funções dentro da escola. Existem outros momentos dos profissionais que dão atenção, passando a trazer o aluno para o ambiente de sala de aula interagindo e integrando a algumas formalidades existentes ao convício social, formando um vínculo significativo e comunicativo, com os alunos que mediante a ausência dos familiares, necessitam de afeto de alguém, um superposto necessário e preciso para que aja uma importância no seu desenvolvimento e aprendizagem.

O aluno não consegue sem o equilíbrio emocional, relacionar a uma aprendizagem bem desenvolvida apresenta dificuldades ao ensino, o qual fica difícil acesso a novos comportamentos exigidos no ambiente de sala de aula, que fazem parte na vida escolar, não sendo expressivas, internalizando seus sentimentos e acabam se fechando ao novo e o convívio entre os pares.

Essa distância demonstra a falta do afeto, com o meio em que está envolvida, as suas dificuldades são apresentadas diante de sua convivência escolar. Manifestando uma aprendizagem escassa, na sua capacitação de absorver ensinamentos quando não há falta desse equilíbrio emocional

O progresso da concepção da afetividade são conceitos priorizados para desempenhar todas as tarefas no seu cotidiano dentro da sala de aula como na vida escolar. Mediante ao contato com professor é preciso ter empenho e habilidade em diferentes situações que irá enfrentar com o aluno. Revelada a estrutura emocional que cada indivíduo apresenta, é possível desenvolver habilidades de relacionamento pessoal que deve agir com cada individuo, disponibilizando do seu tempo e passando para eles, seu afeto, compreensão, uma trajetória de possíveis comunicação e conhecimentos a cada estrutura emocional de cada ser. Essas estruturas são construídas em tempo, na socialização escolar, familiar, profissional, em uma integração cognitiva e afetiva e motora.

Diante das circunstancias que a criança se desenvolve, em meio ao afeto ela se torna um ser humano provido de habilidades, criatividades e de uma inteligência significativa, na construção de livre expressão de comunicação e liberdade e intelectual de concepções e valores.

Esse estudo vem investigar as práticas de interação de aprendizagem para os alunos e professor com a estrutura de compreensão a afetividade. Sua importância em sala de aula e o equilíbrio emocional para a acomodação do ensino é fundamental para que seja feita a aprendizagem no ensino e no desenvolvimento da criança, elevada aos princípios fundados no cotidiano. Ainda nos tempos de hoje a profissão de professor mostra diferenças no desenvolvimento de aprendizagem, permeando com o pré-conceito das culturas que estão inseridas.

No entanto o professor pode elaborar o desenvolvimento do ensino aprendizagem e apoiar seus alunos no percurso da vida escolar. Esse papel de mediador o aluno se sente mais acolhido e protegido, de forma que se cria espaço o qual se sente aceito no ambiente para

desenvolver sua aprendizagem. Existindo o apoio de uma pessoa que eles tanto se inspiram que é a figura do professor.

Esse estudo se qualifica qualitativo em um estudo de caso exploratório na escola Wanda Felix de Andrade na região de Sumaré SP. Com base na fundamentação teórica como: FREIRE (1996), VYGOTSKY (1995), FRENET (1996), SALTINI (2008) entre outros.

Fundamentação teórica

Nos livros que tem o tema afetividade o autor mostra a importância do afeto em uma sala de aula. E com isso, o autor FREINET diz que;

> (...) As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa. Precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e superior. "(FRENET, 1996, p.127)".

E com essa necessidade, as crianças acabam se apegando na pessoa em que elas tem mais segurança, que é o professora, às vezes é a única que se interessa em olhar seu caderno ver se este certo ou errado, pois esse é o seu trabalho, mas tem alguns professores que faz seu trabalho com tanto carinho e seus aluno por estar longe de sua família tem uma carência e por isso elas se apegam ao professor que é a pessoa mais próxima, e é com essa afetividade que se torna a parte fundamental para o seu desenvolvimento e aprendizagem, e Segundo Vygotsky diz que; "Dessa forma, a compreensão do ser humanos implica necessariamente na compreensão de sua relação com a natureza, já que é nesta relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza, criando novas condições para sua existência".(1995,p.96)

Precisamos estar sempre atentos em qualquer mudança no desenvolvimento de cada aluno. FREIRE, (1996, p.85) "Enquanto a criança não tiver compreendido a situação problema, com todo ser, percebemos no seu comportamento uma indecisão; quando, porém, ela é tomada de curiosidade, sentimos nela uma força que se liberta. " E com essa força o aluno tem toda liberdade para demonstrar sua inteligência fica à vontade para seu conhecimento e aprendizagem em sala de aula. Saltini aborda que;

> Ao falarmos da inteligência e da aprendizagem, precisamos nos referir também, e sempre, à emoção, às ligações e às inter-relações afetivas. Seria impossível entender o desenvolvimento da inteligência sem um desenvolvimento integrado e convergente cada vez maior de nossos interesses e amores por aquilo que olhamos, tocamos e que nos alimenta a curiosidade (SALTINI,2008, p.57)

Assim como os professores, o aluno também tem os seus problemas, e com isso o professor precisa ter esse olhar afetivo e atento para perceber se há algo diferente com o aluno. E com essa sensibilidade de percepção poder ajudar o seu aluno, só assim ele vai manter o controle da sala. Ainda com SALTINI (2008, p. 61) "o egocentrismo é fruto de uma falta de desenvolvimento das estruturas cognitivas, afetivas e biológicas (maturação). Sem esse desenvolvimento, não há possibilidade do indivíduo conseguir a percepção do outro e conseqüentemente de si mesmo". Sendo que o professor pode reconhecer quando um processo de construção do conhecimento está sendo afetivo.

Assim como sente quando está havendo aprendizagem, se o clima em sala de aula é desagradável ou rico e construtivo. E o com o tempo que o professor passa em sala de aula com seus alunos, ele até mesmo consegue entender alguns sentimentos internos como, sentindo como medo, tristeza, mágoa, raiva ou até mesmo insegurança e assim o aluno precisa de um professor, que FREIRE (1996, p.86) "Nesse sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar. Seus alunos cansam-no dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas suas incertezas. "

Mesmo vivenciando situações desafiadoras, como nos tempos atuais o autor aborda que os professores se mantenha firme explique as regras respeitando-os para que eles possam respeitá-los também. E com isso mostra o quanto é muito importante a aprendizagem, e a criança tem mais um motivo para se aprofundar no seu aprendizado. E para não fugir da mesma questão, SALTINI (2008, p.67) afirma que; "a educação é um processo que deveria permitir ao indivíduo chegar a ser sujeito de sua ação e de suas abstrações e não o objeto de outro sujeito. O sujeito graças a sua capacidade de assimilar e acomodar se autoconstrói, se autotransforma, se auto regula e se conscientiza".

O autor entende que a criança aprende melhor quando ela se sente querida e com isso o aprendizado possibilitara um ensino mais dinâmico e esse elemento ajudará no convívio em ala de aula. E com isso o professor tem uma habilidade de relacionar e passando para eles seu afeto, compreensão, e assim o aprendizado fica mais agradável. Segundo FREIRE, (1996, p.31)

"coloca o professor mais amplo à escola no dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudos aos de classe populares. "

A necessidade de uns novos conhecimentos. Quando o professor percebe que a maneira que ele está lecionando, está fazendo o aluno ficar sem interesse logo ele tem que mudar sua dinâmica, para não perder o aluno na bagunça na distração na conversa e essa percepção ajudará muito o professor e com isso, Vygotsky lembra que;

> As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo a cooperação e troca de informações mútuas, confronto de ponto de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão o alcance de um objeto comum cabe, portanto ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também promove-las no cotidiano das salas de aula.(VYGOTSKY APUD REGO 1995,p110).

SALTINI afirma que “ apenas o homem pode conduzir o homem ao desenvolvimento, não acredito que aja alternativa” (2008, p.80)

É existente a criança que não tem o acompanhamento adequado, e precisa de afeto, e isso pode afetar no seu desenvolvimento escolar. São pontos essenciais para uma boa educação, evolução e progresso, pois assim a criança fica mais interessada, atenta, atraída, e concentrada ao ensinamento com desenvolvimento na aprendizagem, mesmo contendo matérias difíceis a criança reage a esses ensinamentos e, principalmente com professores a debito de compreensão e olhar com maior profundidade. A criança possibilitara um aprendizado significativo diante a esse processo que é um elemento importante para a sua adequação dentro da sala e no convívio escolar.

São apresentadas algumas limitações de algumas crianças, devido a essa ausência que tiveram no seu início escolar. Essas a quais afetaram na sua base e na estrutura do seu conhecimento atingindo seu desenvolvimento e aprendizagem;

> No sentido inverso, entretanto, ainda é preciso que o mestre- animador não se limite ao conhecimento da sua ciência, mas esteja muito bem informado a respeito das peculiaridades do desenvolvimento psicológico da inteligência da criança ou do adolescente: a colaboração do experimentador psicogenético é, por conseguinte indispensável para a prática eficaz dos métodos ativos (PIAGET, 2002, p.15).

De forma que com as visões dos autores consultados é perceptível que a aprendizagem é desenvolvida com base do equilíbrio emocional e cognitivo, havendo uma interação entre professor e aluno com uma constituição na comunicação e confiança mutua.

4. Metodologia

Esse estudo se qualifica qualitativo em um estudo de caso exploratório na escola Wanda Felix de Andrade na região de Sumaré SP. Com observação em campo e elaborado questionário com as professoras e coordenação para coleta de dados e analise desse estudo.

5.Análise e Resultado

Foi observado na Escola Wanda Felix de Andrade, alunos em sala de aulas e um questionário com os professores sobre as didáticas em sala para o desenvolvimento de aprendizagem.

Como pesquisadora foi feito um percurso de observação e analise no desenvolvimento cotidiano na sala de aula, recebida pela professora da sala com aceitação, como estagiaria no qual foi relatado que em um ano ela era a oitava professora daquela sala, e foi muito difícil controlar os alunos, eles não se respeitavam a si, e a professora. Não queriam fazer as atividades propostas, ela diz que aos pouco com muita paciência com muita conversa carinho e afeto, foi conhecendo cada um e com isso foi dominando a sala. De forma que nos primeiros

dias pensou em desistir em não voltar para a sala, mas o carinho que ela foi adquirindo pelos alunos, e eles tinham potencial só precisava de uma chance e alguém com vontade de ensinar muita coragem e determinação de impor combinados. Uma preocupação séria continuar com os alunos ou não, pois ela era só a substituta da sala, e toda a dinâmica aplicada a qual foi em três messes, aconteceu mudanças significativas para a aprendizagem acontecer em sala de aula.

Essa experiência vivenciada na escola, passando por sala de aula e poder ter essa noção de um futuro docente, tendo um leve conhecimento da prática para relacionar com a teoria. Experiência que enriquece e valoriza o aluno de pedagogia, principalmente nos dias atuais em que muitos deixam de acreditar na educação transformadora, que o homem pode mudar através de uma boa formação quando há espaço de constituir o cognitivo, afetivo e coletivo. Foi observado que os alunos precisam de uma escola, que interage com a comunidade com projetos sociais e que embasam a vivencia das diferenças culturais em formação do cidadão que possa trocar vivencias ouvindo e ser ouvido.

O profissional mostra o reconhecimento do equilíbrio emocional com o aluno precisa que ampliem e acreditem no potencial que eles podem desenvolver, de profissional que acreditem nos seus alunos, que elas posam ter um futuro melhor, pois o professor é um canal de oportunidade e uma chance para eles sonharem. É muito importante que antes de descriminar ou desprezar os alunos é necessário conhecer cada um, sua história e é com esse afeto que os professores vão ter essa percepção. E com essa percepção a relação de professor e aluno se uni, às crianças é muito inteligente, mas precisa de alguém que a escute que, as perceba assim como diz SALTINI (2008, p.100) “A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado ”.

A criança é inteligente, às vezes lhe falta incentivo uma força maior algo que chame a atenção delas, uma dinâmica renovada e atraente que faça eles irem à escola com mais vontade, nessa escola que foi feito a observação é um lugar muito bem cuidado organizada é o “mimo” do bairro, e quando tem festa tem uma ótima colaboração da comunidade.

A sala observada tinha vinte e dois alunos, faziam atividades sempre em grupos que a professora organizava para a aprendizagem colaborativa e significativa. Leituras e jogos, mala da leitura a qual os alunos levam livros para casa, projetos de meio ambiente, tudo que foi possível para ampliar o interesse e desenvolver a aprendizagem da sala. Segundo Saltini (2008, p. 108)

“busca-se tornar a família uma aliada no trabalho para o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual do aluno, esclarecendo-a a fim de propiciar independência a criança, ao fazendo por ela o que ela tem capacidade de fazer sozinha. ”

6.Considerações Finais

Conforme foi relatado nessa pesquisa, mostra que o professor desenvolve laços afetivos com seus alunos e com isso tem prazer em ensinar ele não vê nenhuma dificuldade, por mais que elas sejam, a alegria dele é saber que seu esforço está tendo resultados, é ver que os alunos estão se dedicando. A atenção do professor é muito importante para o desenvolvimento da criança, ajuda na sua autoestima. O professor tem dois elementos

indispensáveis em sala de aula que é a afetividade e a ludicidade, e na sala esses dois elementos é como se fosse a peça chave ajudando na coordenação motora do aluno. Essa pesquisa notou-se esse desenvolvimento, a professora usou autoridade e o mesmo tempo um carinho e respeito, ela não gritava, e os alunos, aprenderam a respeitá-la. E para reforçar assim diz Saltini que: "A educação é uma arte. Não uma mera profissão ser educador "(2008, p.92).

A expectativa de cada professor é saber que seus alunos estão se dedicando e seu rendimento está cada vez melhor, os professores sabem que cada aluno tem sua própria compreensão no ensino das matérias que é trabalhada em sala de aula, pois ninguém é igual ao outro e cada um tem sua maneira de aprender. Mas sempre vai ter alunos que precisa de maior atenção, e o professor precisa de gostar do que faz, ter afeto, amor e paciência, e não abandonar na berlinda da sala o professor é tudo para seus alunos. SALTINI (2008, p. 69) afirma que: "O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo intimo com ele, bem com uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideia e colocá-las ao serviço de sua própria vida. "

O professor precisa ter estratégias, dinâmicas para serem aplicadas com as matérias no seu dia a dia em sala de aula FREIRE (1996, p.96) enfatiza que as características do professor que envolve afetivamente seus alunos afirmam que: "o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos não cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas"

Agradecimentos

Em primeiro lugar eu agradeço a Deus e o nosso Senhor Jesus Cristo por ter me ajudado a concluir meu sonho, a minha família que acreditarão em mim, a minha mãe que tanto me ajudou, meu esposo que sempre ficava até tarde da noite me fazendo companhia, as minhas filhas e netos que compreenderam os momentos que eu não fui passear, pois estava ocupada, aos meus amigos que me ajudaram, os professores que tiveram paciência comigo, e a professora Helena, não só porque ela é minha orientadora, mas porque ela reforçou o meu amor de ser professora.

Freire (1996) diz ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre

Referências Bibliográficas

CÉLESTIN, Freinet. **Pedagogia Freinet: Teoria e Prática**. Marisa Del Cioppo Elias (org.).Campinas-SP: Papirus, 1996.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa/Pulo Freire. São Paulo Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean, **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga-16ª Ed.-Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

SATINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência**/ Cláudio J. P. Saltini. 5 ed. –Rio de Janeiro: Wak Ed.,2008.

VYGOTSKY: **Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação** /Teresa Cristina Rego. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

REVISTA DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA

NETWORK

sapientia et soliditas

1986